NIMROD DE ROSARIO

HISTÓRIA SECRETA DA THULEGESELLSCHAFT

VERSÃO EM PORTUGUÊS

HISTÓRIA SECRETA DA THULEGESELLSCHAFT

Tradução: Ida Maria Pieri

Primeira Edição exemplar em facsímile do Autor Nimrod de Rosario 1979
Primeira Edição em Português 2023

LIVRO III:

TRÊS DISSERTAÇÕES POR KURT VON SÜBERMANN

SOBRE A SABEDORIA HIPERBÓREA E A SS

PRIMEIRA PARTE

PRIMEIRA DISSERTAÇÃO:

SOCIEDADES SECRETAS E A THULEGESELLSCHAFT

PRÓLOGO

Reuni neste terceiro livro o conteúdo de três das quatro dissertações que tio Kurt fez para mim, sobre os temas mais secretos que se possam conceber. É necessário, porém, que os exponha aqui, pois, sem compartilhar esse conhecimento com o leitor, seria inútil continuar, logo, com a história de Belicena Villca, que é minha própria história. Se procedesse de outra maneira, os fatos posteriores seriam totalmente incompreensíveis.

Devemos lembrar que minha viagem a Catamarca obedecia ao propósito de obter informações precisas sobre as SS do Terceiro Reich alemão. Acreditava, então, que esses dados me ajudariam a resolver o mistério dos Druidas, cuja presença em Salta, para liquidar Belicena era, para mim, que havia visto a corda com as joias, uma realidade inegável. Mas, ao encontrar tio Kurt, fui descobrindo que minha insólita aventura se inseria em uma realidade maior, da qual ele também fazia parte. Assim, guiado por seu ameno relato, fui seguindo os passos que o levaram ao mais alto nível da condução germânica e também aos seus mais altos segredos.

Ao chegar a essa parte do relato, tio Kurt desdobrou, como se disse, suas explicações em quatro dissertações, que corresponderiam, segundo ele, às principais linhas de pensamento que Konrad Heine desenvolvera na velha casa de Berlim, como conhecimento prévio à iniciação hiperbórea.

Segundo tio Kurt, para chegar a SITUAR-SE EM CONDIÇÕES DE COMPREENDER a constituição interna da SS, suas origens e objetivos esotéricos, ANTES deveria se possuir um formidável volume de informações. Esta condição é imprescindível, uma vez que a SS não é senão o apêndice exterior, visível, de uma força orgânica invisível que parte, como tal, de muitos séculos atrás, mas cuja oculta gênese deve se buscar milhões de anos no passado.

Esta "força orgânica invisível" é uma Sociedade Secreta, ou melhor dizendo, trata-se de uma sucessão de três “sociedades”, das quais só a primeira delas pode ser considerada “Secreta”. Explicaremos brevemente este conceito. A concepção de uma Ordem Negra SS emanou da Thulegesellschaft. A Thulegesellschaft foi formada por homens da Germanenorden. E alguns homens da Germanenorden provinham da SAPIENS DONABITUR ASTRIS (S.D.A.). Mas não se trata apenas de destacar alguns homens, ou colocar em relevo alguma vinculação superficial

entre Sociedades Secretas. Esse seria um critério medíocre e, desde já, totalmente equivocado. A "verdade", da qual devem partir todas as análises, é a seguinte: HÁ UMA SABEDORIA HIPERBÓREA QUE FOI TRANSFERIDA DO PASSADO PARA O PRESENTE. Esta é uma "verdade" que pode ser verificada apenas observando suas consequências históricas: A SS e o Terceiro Reich. Porque a linha que tio Kurt destaca, SS, Thulegesellschaft, Germanenorden e S.D.A., é realmente aquela pela qual alguns terríveis segredos antigos chegaram ao presente.

Já dissemos que é impossível enfrentar a interpretação da SS sem possuir uma importante informação prévia.

Vejamos agora como a acessaremos.

Eu dividi em duas partes, que constituem os dois primeiros capítulos deste terceiro livro, a primeira dissertação de tio Kurt. É um estudo comparativo da Thulegesellschaft e as Sociedades Secretas da Sinarquia. Em seguida vem a história secreta da Thulegesellschaft que, por sua extensão, tive que dividir em capítulos. Esta é a segunda dissertação. Finalmente, dividi em dois capítulos a breve, mas altamente esotérica terceira dissertação, onde se conta a história secreta de Heinrich Himmler e a SS.

Sobre a quarta dissertação, devo dizer que, por se tratar de um impresso da SS, intitulada MANUAL DE ESTRATÉGIA PSICOSSOCIAL, sobre o qual tio Kurt fez apenas algumas breves reflexões, decidi adicioná-lo à parte, como um quarto livro. Mas sobre este assunto voltarei a falar no respectivo prólogo.

Tudo quanto transcrevi neste terceiro livro é, como todo o anterior, uma reprodução quase literal das palavras de tio Kurt e até repeti suas breves citações a algumas fontes literárias bastante comuns. Essa fidelidade me levou a sacrificar um pouco a forma literária e abusar das declinações dos pronomes. Também mudei, após o segundo capítulo, a pessoa gramatical, passando muitas vezes da primeira singular para a terceira plural. Estas faltas de estilo têm uma explicação simples: tio Kurt demonstrava ter um respeito superlativo pela memória de Konrad Heine, que foi seu instrutor na Thulegesellschaft e, por tal razão, quando ele abordava um assunto de cujo conhecimento ele havia obtido por seu intermédio, automaticamente falava empregando o plural. Costumava dizer, nesses casos "... SABEMOS que os cassitas eram hiperbóreos e...", etc., utilizando o plural "SABEMOS", em uma alusão a Konrad Heine. Por outro lado, mudava a pessoa gramatical ao dizer, por exemplo, "... Compreende-se, então, que os sacerdotes Kassitas ERAM também chamados de Cainitas...", etc.

Em vez de reparar nestas faltas de estilo, modificando a narração original, preferi conservar o frescor daquela maravilhosa prosa oral que mostrava tio Kurt, em Santa Maria de Catamarca. Assim, talvez, se consigam captar melhor as sugestivas implicações que possuem suas sentenças e proposições, carregadas de sentido metafísico e FORMADAS de acordo a ESSA MANEIRA DE PENSAR que ele chamava de Sabedoria Hiperbórea.

É um longo caminho o que proponho percorrer neste terceiro livro, mas é parte do que eu próprio transitei quando parti para Catamarca, para averiguar a verdade sobre as SS e os Druidas. E, devo adiantar agora, foi graças ao conhecimento obtido no final deste caminho, que pude prosseguir, em seguida, com aquela aventura iniciada em Salta, quando Belicena Villca foi assassinada.

Resta-me fazer uma advertência: há que se ler estas páginas com o espírito desprovido de dogmas e preconceitos. Se assim se faz, então seu conteúdo, como um cálice de ambrosia, será bebido com os olhos e regará o espírito com o néctar da Sabedoria Hiperbórea. Se não se lê dessa maneira, então será como se tentasse comer uma iguaria indigesta, e qual uma COSTELA não bem cozida nem bem mastigada, o texto arrastará ossos afiados que rasgarão a garganta e sobrecarregarão o estômago. Neste último caso, remeto o leitor à advertência que, a título de prólogo, inseri no primeiro livro:

"LEITOR, PENSE QUE, AO LER ESTE LIVRO, PISA EM UMA TERRA RARAS VEZES PISADA POR OUTROS..."

DR. ARTURO SIEGNAGEL

POST SCRIPTUM: Lembre-se permanentemente que, em todo este terceiro livro, o que dá voz ao relato é sempre tio Kurt.

PRIMEIRA DISSERTAÇÃO:

AS SOCIEDADES SECRETAS E A THULEGESELLSCHAFT

PRIMEIRA PARTE

A Thulegesellschaft recebia acólitos de diferentes estratos sociais, constituindo CÍRCULOS FECHADOS, mais ou menos secretos, cada um envolvido no estudo de um aspecto da “LITERATURA, A HISTÓRIA OU A ARTE GERMÂNICA” (tal era a descrição dos fins da Thulegesellschaft em um panfleto de 1919) e evoluindo na respectiva teoria, pela meditação, a investigação ou a revelação transcendente, até esgotar as possibilidades intelectuais de tal ou qual ideia. Existia, assim, toda uma gama de Círculos Fechados, constituídos por grupos humanos de diferentes níveis espirituais, desde os altamente esotéricos, como o CÍRCULO DOS POLARES, dirigido pelo Professor Horbigger, até os puramente frívolos, como a SOCIEDADE DAS QUARTAS-FEIRAS, à qual pertencia o Dr. ALBRECH HAUSCHOFFER, o Embaixador ULRICH VON HASSELL, o professor DR. JENSEN, o general BECK, etc. Com referência a este último “círculo fechado”, bastante aberto por sinal, não posso deixar de lembrar um princípio da Estratégia psicossocial que diz: “a perifericidade, na medida em que implica afastar-se do centro, favorece o contato com círculos estrangeiros", uma vez que, consequentemente, dito círculo traiu a Alemanha e o Führer, a partir de 1938, cedendo à nefasta influência dos elementalwessen (arcontes – NT)e espionando para a Inglaterra e as potências aliadas.

Naquele ano de 1937, a Thulegesellschaft tinha compenetrado, com seus círculos fechados, todo o corpo intelectual da Alemanha, de modo tal que praticamente não havia órgão científico oficial ou privado que não contasse com membros da Ordem. Assim como o N.S.D.A.P. compenetrava o corpo social da Alemanha em sua totalidade, a Thulegesellschaft − a contrapartida oculta do N.S.D.A.P. − estendia seus círculos a todos a sociedade pensante do Terceiro Reich.

Certos círculos fechados que, por seu caráter científico, requeriam uma infraestrutura especial e o consequente apoio do Estado, tornaram-se virtualmente "círculos exotéricos", assimilando-se no sucessivo como organismos oficiais, continuando, porém, com suas investigações secretas. Na SS, por exemplo, se exteriorizaram vários desses círculos, como o

INSTITUTO AHNENERBE impulsionado pelo Dr. Rosemberg e o SS que organizou a expedição de Ernst Schaeffer ao Tibete (OPERAÇÃO PAMIR) ou o ESCRITÓRIO DE RAÇA E COLONIZAÇÃO, a cargo de WALTER DARRE, membro da Thulegesellschaft e autor do esclarecedor livro SANGUE E SOLO.

Compreende-se que esses círculos tão díspares, cada um avançando em sua teoria particular e fechando-se em torno de tal ou qual ideologia oculta, geraram uma espécie de fanatismo circunscrito que fazia inconcebível que se pudessem produzir “contatos” entre círculos fechados, sem causar graves conflitos. Por este motivo, extremavam-se as medidas de segurança internas dos círculos, chegando, às vezes, a dar-se o caso de verdadeiras "células estanques" pela hermeticidade de seus procedimentos. À luz dessas referências incompletas, poderia inferir-se que a Thulegesellschaft era organizada com base em um sistema celular, como o que propicia o Partido Comunista, para minar subversivamente as Democracias ocidentais; mas tal apreciação seria um erro e uma simplificação grosseira da Sociedade Secreta mais poderosa e mais bem organizada da História.

O sistema celular bolchevique é "vertical" quanto à hierarquia e "triangular" quanto à Segurança. Sua força reside no fenômeno de “malha”, que permite estruturar clandestinamente centenas de “células”, apelando à segurança proporcionada pelo fato de que em cada célula existir apenas um membro que tem um "contato" superior. Para maior clareza, vejamos se forma uma malha elementar: ver figura 1.

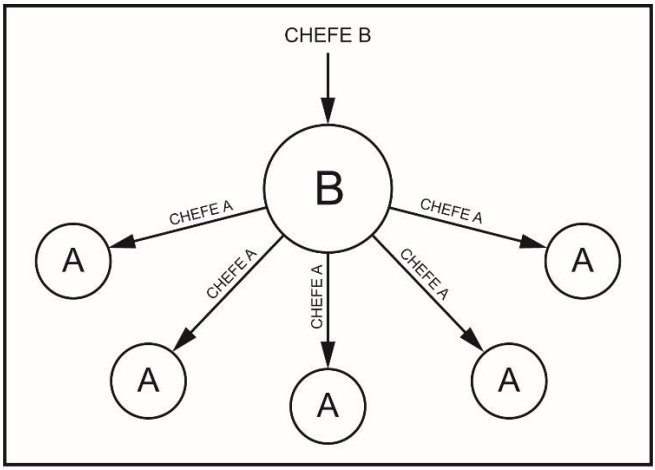


FIGURA 1

Uma célula “A” tem, digamos, sete membros e um chefe, único membro que tem o “contato”. Suponhamos uma célula "B", formada pelos chefes de cinco células "A". Aqui, cinco chefes coordenam, em uma célula "B", o controle de 35 homens. Na cela "B" há um sexto homem que atua como o chefe do grupo e conhece o "contato" superior. Suponhamos agora uma célula "C", formada por três chefes de célula B e um quarto homem, chefe de célula "C", etc.

Aqui, comprova-se fundamentalmente como quatro homens controlam, com certa segurança, cento e cinco bases.

Existem muitas variantes no sistema celular, de acordo com o fim perseguido pela organização clandestina. Se se deseja aumentar a segurança, por exemplo, pode-se estabelecer um “elo unívoco”, dispondo que cada chefe "A" receba instruções através de um "contato volante" com a célula "B", de modo que os chefes "A" não se conheçam entre si, etc.

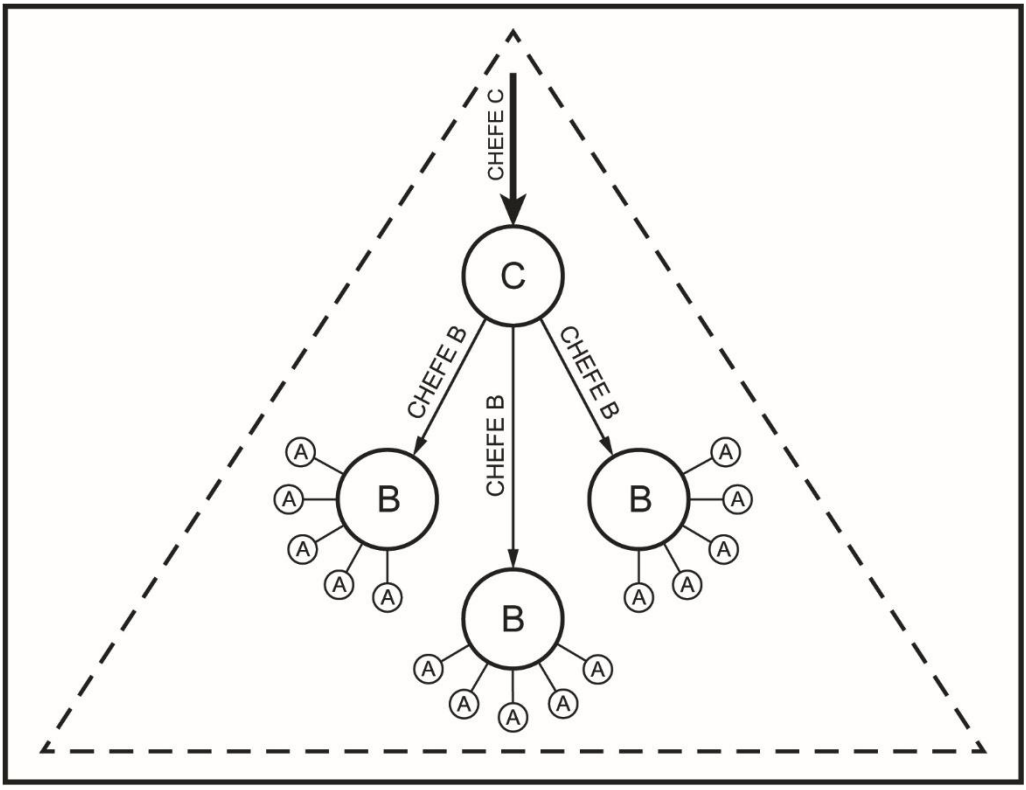


FIGURA 2

Em uma organização celular clandestina, independentemente de seus objetivos, deve se operar de acordo com os princípios da *INTELIGENTZIA* militar, mas levando em conta que a clandestinidade supõe a consideração de certas leis especiais. Por exemplo, há uma relação diretamente proporcional entre a "segurança" e "tempo de trânsito de informações", de modo que "a mais segurança, mais retardamento nas comunicações". Em um movimento que deve atuar sob repressão oficial, essa lei se faz visível quando, por segurança, os contatos se realizam indiretamente, por exemplo, mediante caixas de correio ocultas, o que atrasa lamentavelmente as comunicações entre chefes e células.

Considerando esses princípios elementares sobre o sistema celular, posso garantir que a Thulegesellschaft e seus círculos fechados funcionavam com base em leis e princípios ESSENCIALMENTE DIFERENTES. Um indício

sobre essa íntima constituição já me havia dado Rudolf Hess, naquela noite na Chancelaria, ao sugerir-me ESTREITAR O CÍRCULO. Mas, desde que iniciei minhas visitas à Gregorstrasse 239, pude compreender intimamente a incrível "organização", por assim dizer, da Thulegesellschaft. Por isso, insisto em estabelecer as diferenças com toda precisão.

Parece ser que, entre 1919, data oficial de fundação, e 1923, data em que chegam a Munique os primeiros lamas do barrete verde, a Thulegesellschaft estava organizada com base no esquema vertical e celular, à semelhança da Franco-Maçonaria. É nesse momento, de 1923 a 1926, que se produz uma “revolução” na estrutura interna da Ordem (com o afastamento, em 1923, do Barão von Sebottendorff), dando lugar para à "nova" (antiquíssima) ordenação circular, que funcionaria até o fim da guerra. Desse período, ficou a recordação de seu funcionamento anterior e, de fato, poucos perceberam a mudança. Houve um expurgo e numerosas deserções, mas internamente o segredo tornou-se mais hermético do que nunca.

Os motivos dessa mudança foram dois, que serão vistos com detalhes no relato seguinte; um secundário e outro principal: o motivo secundário foi um "pacto" celebrado em 1923 com uma certa Ordem de Lamas de LHASA. O motivo principal, e sem dúvida a chave de toda a história, é um fato que o Führer protagonizou, quando conseguiu LER PSIQUICAMENTE, em 1922, um livro antiquíssimo que possuía a GERMANENORDEN, mãe da Thulegesellschaft, desde 1904, e que ninguém, nem os maiores filólogos do Reich, tinham conseguido decifrar.

Mas, te perguntarás, em que consistia o sistema de círculos fechados? Para decifrá-lo, não é possível utilizar "analogias geométricas" como nas organizações
sinárquicas (por exemplo, "triangular e vertical"). Nem menos “analogias euclidianas”, dado que aqui interveriam mais de três dimensões. Ver-se-á porque: ao falar de "círculo" (fechado, interno, externo, etc.) o que se faz é aludir indiretamente, "induzir" é a palavra, a algo que não se nomeia, mas que a palavra "círculo" implica. Este "algo", implicado pelo “círculo”, é o CENTRO. E aqui vem o original, o incrível ou, se se quer, o irracional: todos os membros dos múltiplos círculos, afirmavam que o centro, SEU CENTRO, era o Führer.

Talvez, se não se medita nisso, não se compreenda imediatamente o caráter ANORMAL desta afirmação. Porque não se trata aqui de uma "ideia" doutrinal ou dogmática, comum a todos os membros da Thulegesellshaft, senão de uma REALIDADE por todos experimentada e, sem dúvida, certa.

Isto é: em múltiplos círculos, sem contato entre si, por parte de pessoas também desconhecidas entre si, ocorria o estranho fenômeno de que todos percebiam o MESMO CENTRO, em torno do qual se ordenavam. Pensemos o que isso significa: muitos círculos e um centro comum. Que analogia geométrica isso sugere? Dir-se-á, sem pensar: uma esfera. E a resposta será negativa, porque os mencionados círculos fechados estão DESLOCADOS NO ESPAÇO. Apesar disso, conservam a propriedade de possuir um CENTRO comum.

"Então o centro não está neste mundo" pode ser uma conclusão apressada. Pois, algo de certo há aqui. Mas não esqueçamos, o centro é o Führer. O que significaria "algo, que não está neste mundo, há no Führer, percebido por todos como um centro comum aos círculos fechados da Thulegesellschaft". Absurdo? Não mais do que muitos dogmas e costumes que professamos e aceitamos cotidianamente.

Continuemos com a análise. É sabido que, fora das três dimensões conhecidas, a imaginação apresenta sérias dificuldades para representar, por exemplo, uma quarta ou quinta dimensão. Este é o motivo de que seja incompreensível, na verdade, "irrepresentável", a exposição anterior. Mas, se aceitamos que os "círculos fechados", enquanto formados por viryas, possuem uma manifestação concreta neste mundo e que apenas UMA PARTE do problema é analogicamente IRREPRESENTÁVEL, a questão do centro comum; se aceitamos isso, repito, podemos tentar utilizar um MODELO ANALÓGICO. Quer dizer, se estamos na presença de um fenômeno cuja manifestação se dá em várias dimensões, não existe dificuldade em "visualizar" aquela parte que nos afeta sensivelmente em nosso mundo concreto; ou seja, aquele "aspecto", aquela aparência do fenômeno, que percebemos sensorialmente. A "outra parte", aquele aspecto que escapa à nossa percepção, mas que é apreensível abstratamente pela razão, na medida em que é capaz de estabelecer uma analogia matemática (não geométrica) do fenômeno, É INTUÍVEL, MAS NÃO REPRESENTÁVEL, exceto ALÉM da razão.

Com essas prevenções, proponho considerar o modelo seguinte, que nos permitirá, como já disse, visualizar uma parte do problema.

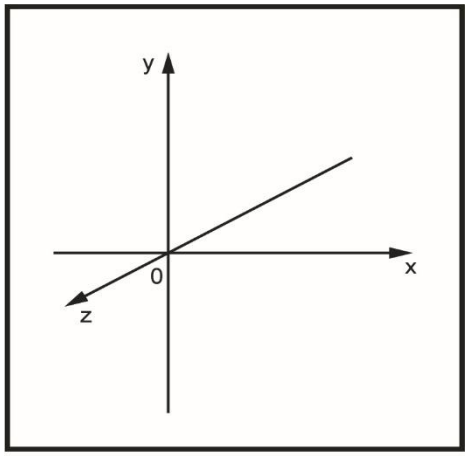


FIGURA 3

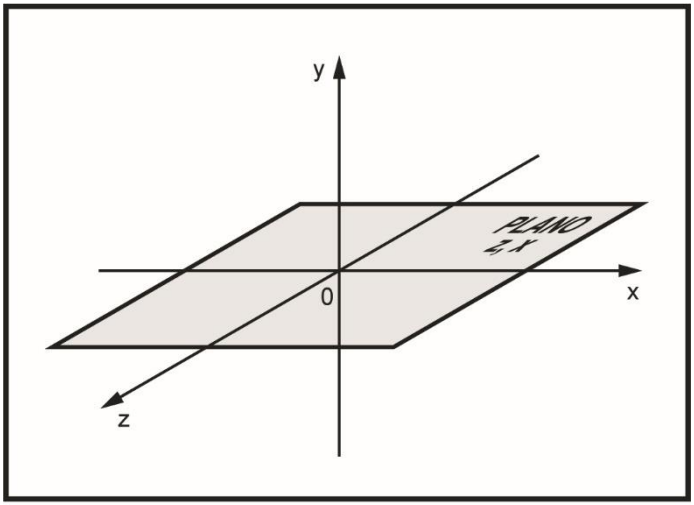


FIGURA 4

Suponhamos um espaço coordenado por três eixos ortogonais, X, Y, Z (fig. 3). O plano (Z, X) é o "lugar" onde se representam as "organizações" humanas, fig. 4. Esta representação é "direta", por perfis geométricos

analogamente semelhantes. Por exemplo, uma organização "sinárquica" vertical e triangular, já descrita, possuirá um “triângulo por perfil” (fig. 5).

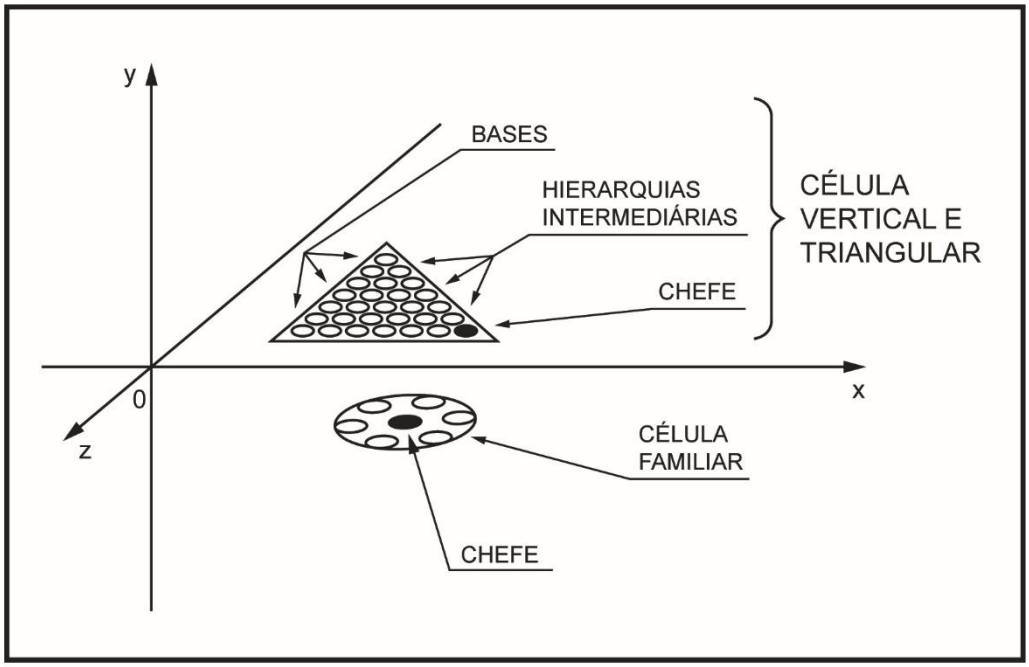


FIGURA 5

Neste modelo, a REPRESENTAÇÃO MAIS GERAL de organização humana é a CÉLULA (família, associação, etc.); e dentro da FAMÍLIA DE TODAS AS CÉLULAS, aquelas que são MORFOLOGICAMENTE INDETERMINADAS (fig. 5).

Vejamos melhor este conceito. Para que exista uma célula, devem dar-se três condições básicas: pluralidade de membros, objetivo (FIM) comum e concordância sobre o MEIO para cumprir o objetivo comum (integração). Em toda célula existem papéis naturais (chefia ou comando, logística, segurança, bem-estar, planejamento, etc.) que, desde que sejam ocupados rígida e permanentemente, DETERMINAM A MORFOLOGIA CELULAR. O caso MAIS PARTICULAR de RIGIDEZ MORFOLÓGICA é a de um exército oficial, que sempre terá um perfil vertical e triangular.

Uma turma de amigos, reunidos uma vez por mês para se divertir, também formam uma célula (cumprem as três condições), mas, ao não estarem definidos os papéis, ou existir "rotação" de papéis (por exemplo, um “chefe” diferente em cada saída), causa-se uma INDETERMINAÇÃO MORFOLÓGICA, que é o caso MAIS GERAL de representações analógicas, e significa que tal célula pode adotar QUALQUER FORMA.

Voltando à representação de uma célula vertical e triangular, caso típico de organização sinárquica, pode-se observar na figura 5 que o perfil é efetivamente um triângulo.

Se se compreendeu o exposto até aqui, podemos enfrentar a representação dos "círculos fechados” da Thulegesellschaft. Para isso, devemos raciocinar que, se a uma célula triangular correspondia um perfil triangular, a uma reunião circular corresponderá um perfil circular.

Suponhamos, para maior facilidade na análise, que um "círculo fechado" qualquer possua um perfil igual a uma circunferência geométrica, e lembre-se que em tal figura "os pontos do perímetro têm um DISTÂNCIA FIXA (ou raio) dentro”. Mas os círculos fechados, como já vimos, têm um ponto, o centro, "fora" deles. Esta condição faz com que, de onde quer que esteja, dito ponto mantenha as relações geométricas da distância fixa ou raio com cada ponto da circunferência perfil. E esta condição nos leva, razoavelmente, a supor que a circunferência perfil é a base de um CONE, cujo vértice é o centro que está "fora dela", ou seja, que é um CENTRO ANALOGICAMENTE TRANSCENDENTE.

Na Sabedoria Hiperbórea, este vértice virtual é denominado CENTRO CARISMÁTICO e se o considera "situado" no plano dos Siddhas Hiperbóreos, o qual encontra-se DESINCRONIZADO temporalmente com o mundo material do Demiurgo Jeová Satanás (fig. 6)

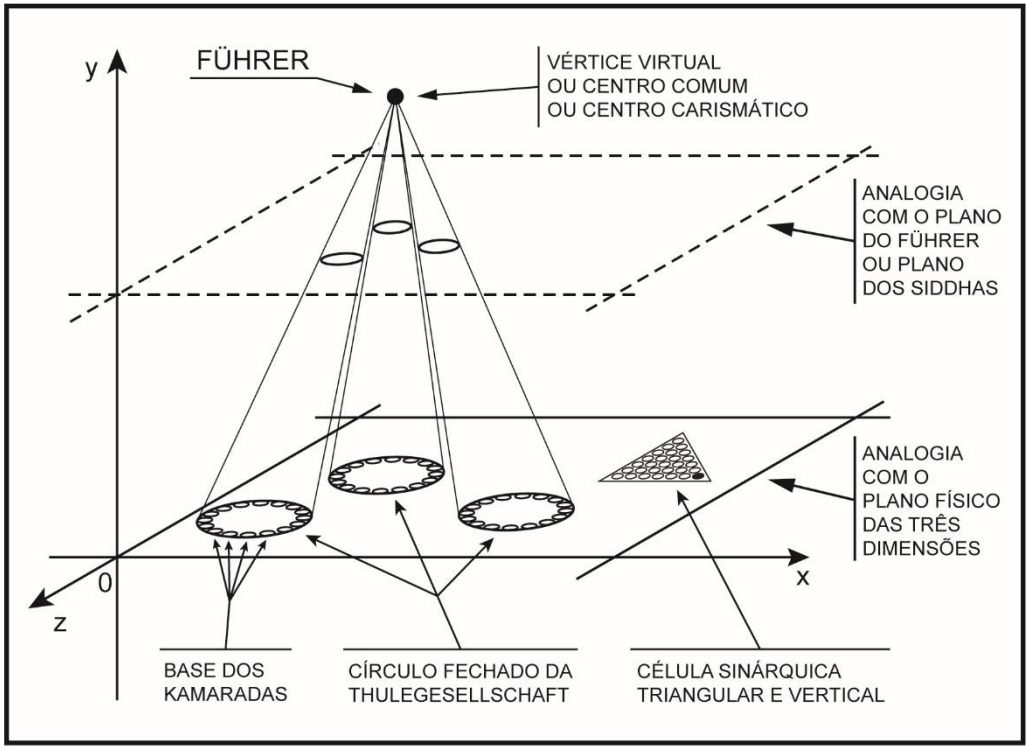


FIGURA 6

Compare-se agora a célula sinárquica triangular e um círculo fechado da Thulegesellschaft e poder-se-á obter uma ideia das irreconciliáveis diferenças entre ambas as "organizações". Farei notar, em seis comentários, as principais conclusões que se devem extrair de tal comparação:

PRIMEIRO − A célula sinárquica triangular não tem transcendência fora do plano físico X, Y, Z. O círculo fechado tem sua máxima autoridade, o Führer, iluminando os centros desde o plano dos Siddhas.

SEGUNDO − A hierarquia é vertical (horizontal no desenho, fig. 5) na célula sinárquica, e depende apenas dos graus de poder. Não importa como se ocupam ditos graus (por inaptos, carreiristas, escaladores, judeus ou simplesmente criminosos, etc.), a lei de ferro da estrutura vertical é "aquele que está abaixo obedece a aquele que está acima". Nos círculos fechados, a única hierarquia é para com o Führer. Entre os membros rege a

CAMARADAGEM. Em função da "fachada social" que o círculo deva cumprir, pode haver uma relação de hierarquias orgânicas para a visão profana, exotérica; mas internamente todos são KAMERAD, quer dizer, cavalheiros com deveres e direitos iguais. SÓ A AUTORIDADE DO FÜHRER NÃO SE DISCUTE.

TERCEIRO − Na célula sinárquica, para as bases é mister olhar, literalmente, para cima (no desenho seria da esquerda para a direita, horizontalmente, no sentido do eixo X) para visualizar a máxima hierarquia (general, papa, sumo-sacerdote, rabino, etc.). Quer dizer que se requer um olhar EXTERNO, sensorial, com tudo o que esta busca profana implica: TEMPO − pode levar tempo localizar um hierarca da Sinarquia, ESPAÇO − pode ser necessário deslocar-se para localizar um hierarca da Sinarquia.

Em um círculo fechado, os camaradas devem olhar PARA DENTRO para visualizar o Führer, única hierarquia na Terra. Não se requer nem tempo nem espaço, pois a "vinculação carismática" que o Führer efetua, de seu centro carismático, comum a todos na sincronicidade dos aconteceres, é imediatamente intuível pela Minne sanguínea.

QUARTO − O "progresso" em uma célula sinárquica se dá através do "tempo" (avançando da esquerda para a direita pelo eixo X, que também representa o "sentido" do tempo), escalando as linhas do triângulo tratando de chegar à cúspide. É um "progresso material", puramente ilusório, que significa apenas uma mudança relativa na posição social dentro da célula. A posição na hierarquia NÃO TEM RELAÇÃO com nenhum valor espiritual do candidato; por exemplo, um homem pode "subir" na hierarquia, o que significa que é materialmente "superior" aos seus subordinados, mas, ao mesmo tempo, se cometeu um crime para subir ou escalar pode ser espiritualmente "inferior" àqueles que ele comanda. O PROGRESSO EM UMA CÉLULA SINÁRQUICA É, EM TODOS OS CASOS, EVOLUTIVO.

Em um círculo fechado da Thulegesellschaft, figura 6, não se avança nem se retrocede, definitivamente. Poder-se-ia dizer que se gira em CÍRCULOS DE ETERNO RETORNO, mas esta ideia, como veremos mais adiante, implica em muito mais. O "progresso" aqui, se se quer utilizar tão equívoco termo, é dado pela possibilidade que possui o virya de recuperar a memória de sangue, a Minne, transmutar-se em Siddha imortal, em divino hiperbóreo. Nada ata o virya ao mundo ilusório de Jeová-Satanás, que não seja sua confusão cromossômica, sua impureza sanguínea, que o mantém temporalmente perdido para a raça Hiperbórea de Cristo-Lúcifer. Sua meta

encontra-se fora do tempo e do espaço, voltada apenas para o RETORNO e a imortalidade. O PROGRESSO EM UM CÍRCULO FECHADO É, EM TODOS OS CASOS, MUTANTE.

QUINTO − Por último, deve-se ter presente que a célula sinárquica é o organismo mais apto ao desenvolvimento dos pasu ou animais-homens, os quais, devido à sua constituição mental eminentemente lógica, acreditam PROGREDIR E EVOLUIR em seus deslocamentos pelos triângulos hierárquicos. O pasu, como veremos adiante, ao estudar a Estratégia Psicossocial da SS, carece de “linhagem hiperbórea”; ou seja, nunca possuiu o Vril e, portanto, não possui Minne sanguínea. É, precisamente, UMA CRIAÇÃO MENTAL DE JEOVÁ-SATANÁS, uma pura ilusão. Para o Siddha hiperbóreo, o pasu NÃO EXISTE, diz a Sabedoria Hiperbórea. Porém, na ilusão do SAMSARA, do devir do mundo, os pasu possuem uma EXISTÊNCIA RELATIVA, proporcionada por Jeová-Satanás.

Confundidos com os pasu estão os viryas hiperbóreos, semidivinos, para os quais se dirige a ação do Führer e da Thulegesellschaft, na busca do duplo efeito: “obter a transmutação coletiva (já veremos que para "coletiva" há que se dar outro sentido na Sabedoria Hiperbórea) e dar um final ao Kaly Yuga ou Idade Escura”.

Por todas estas razões, deve-se considerar que, para um pasu, é “impossível” integrar um círculo fechado da Thulegesellschaft pois, ao carecer de "memória de sangue" ou Minne, ver-se-ia impedido de perceber o "centro", ou seja, o vínculo carismático do Führer e, portanto, "ao não existir centro, não há círculo”, quer dizer que O CÍRCULO FECHADO NÃO EXISTE PARA O PASU.

SEXTO − A tudo o que foi dito, poder-se-ia acrescentar, a título ilustrativo, que a maravilhosa organização da Thulegesellschaft em círculos fechados, como a vimos aqui, ainda foi superada após a Guerra pela Ordem Anael da América Latina, fundada pelos Siddhas no Brasil, Argentina e Chile, em 1946, e que ainda funciona no mais perfeito hermetismo. A superação deve-se a que, não existindo, desta vez, necessidade de instituir "muitos círculos", como no Terceiro Reich, procedeu-se a construir apenas um círculo, como o da figura 7.

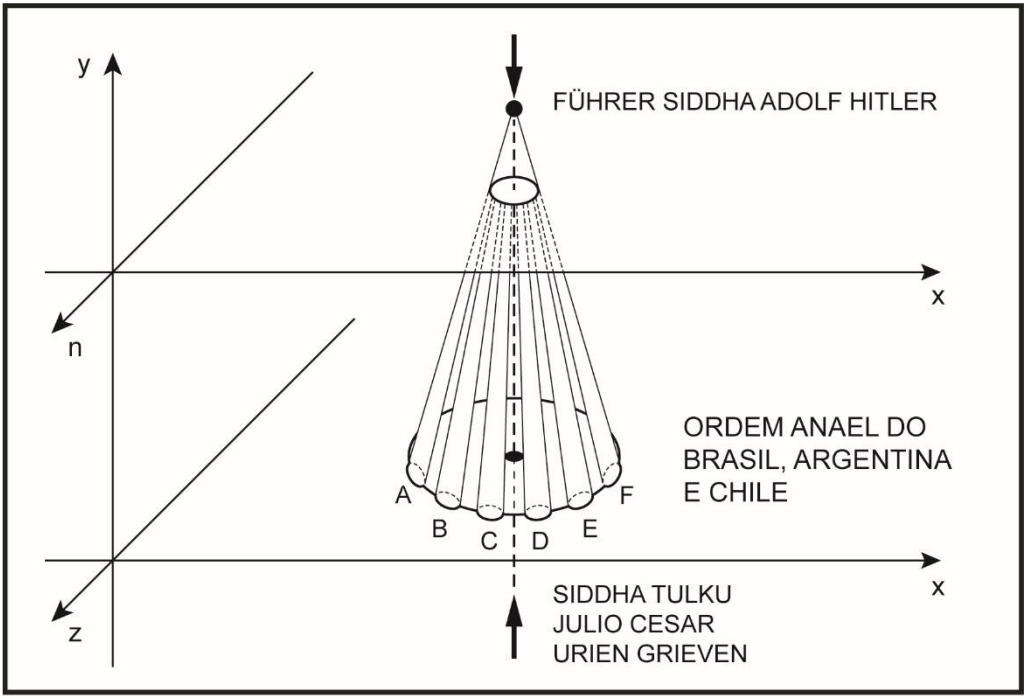


FIGURA 7

Ali, cada barra A, B, C, ... etc., é uma célula estanque (organização política, militar, esotérica, etc.) que representa os "raios" de uma roda (da carruagem de Surya, diz a Sabedoria Hiperbórea); mas na qual o "centro do eixo" está no plano dos Siddhas Hiperbóreos.

Deste modo, no lugar de camaradas bases, como nos "círculos fechados" da Thulegesellschaft, há BARRAS da Ordem Anael, formando um “círculo fechado de poder”. No centro desse círculo, devido à MOMENTÂNEA AUSÊNCIA DO FÜHRER, cumpre sua função como “centro terreno” o Siddha Tulku Julio César Urien Grieven, da Argentina, um homem que reúne em seu sangue duas linhagens hiperbóreas puríssimas, de origem BASCA e SAXÃ. O Führer, de qualquer modo, como Siddha imortal, ilumina carismaticamente o Siddha Tulku Urien Grieven, de sua morada hiperbórea no Valhala de Agartha.

Com esses seis comentários e a observação do modelo analógico, ter-se-á uma ideia da diferença essencial existente entre o que chamamos de Sociedade Secreta sinárquica típica e a FORMAÇÃO CIRCULAR da Thulegesellschaft.

SEGUNDA PARTE

Com as reservas do caso, atendendo ao que foi dito até agora, chamaremos a Thulegesellschaft de uma “Sociedade Secreta Iniciática”, pois nos círculos fechados, até o “penúltimo círculo” se outorgava a certos membros a "iniciação hiperbórea". Esta cerimônia, após 1933, passou a ser de uso exclusivo da SS e, a partir de 1936, só se realizava no castelo SS em Wewellsburg, o que dá uma ideia da importância que a Thulegesellschaft outorgou a Heinrich Himmler e à SS.

Como eu recebi esta iniciação e gostaria de falar dela, vejo-me no mesmo caso anterior, ao começar a descrever os círculos da Thulegesellschaft. Devemos diferenciar também aqui o que se entende por “iniciação hiperbórea” e não confundir com a “iniciação sinárquica” que a Sinarquia outorga em suas escolas teosóficas e maçônicas, destinadas principalmente aos pasu e aos viryas perdidos.

Para esclarecer esses conceitos, convém começar pelo princípio e analisar as Sociedades Secretas iniciáticas da Sinarquia e, em seguida, passar a estudar a Thulegesellschaft.

Ao considerar a história das Sociedades Secretas, costuma-se fazer uma distinção entre Sociedades Secretas Iniciáticas e Sociedades Secretas Políticas, atendendo ao caráter transcendental ou temporal delas. Para esta classificação, levar-se-iam em conta “os objetivos" da Sociedade Secreta, entendendo que a busca de um objetivo puramente temporal, como "a tomada do poder" ou o triunfo de uma ideologia "subversiva" ou a administração da justiça "pelas próprias mãos" em tempos de crise, etc., correspondem a uma Sociedade Secreta Política.

A história registra inúmeras sociedades secretas políticas que viriam a formar exemplos clássicos: A SANTA VEHME na Alemanha, séculos XIV a XIX; OS ILUMINADOS DA BAVIERA, séculos XVIII a XIX; os CARBONÁRIOS na Itália e na França, século XIX; OS IRLANDESES UNIDOS, O SINFEIN e o IRA, na Irlanda, séculos XVII a XIX; o KU-KLUX-KLAN nos Estados Unidos, séculos XIX a XX; e a MÁFIA (Sociedade Secreta Criminosa, mas também "Política") na Sicília, EUA e quase todo o mundo ocidental, séculos XVIII a

XX; etc. Também pertenceriam ao ramo político uma multidão de Esquadrões da Morte e organizações paramilitares semelhantes, e até organizações marxistas ou TROTZKISTAS que atuam na clandestinidade.

Afirma-se, ao estabelecer a mencionada distinção, que o triunfo ou consecução dos objetivos declarados extingue automaticamente a Sociedade Secreta Política: uma organização clandestina, cujo único objetivo seja favorecer a tomada do poder por um grupo de conspiradores, perde sua razão de ser ao triunfar a revolução. O desaparecimento na história de muitas sociedades secretas (algumas das nomeadas e outras) parece dar razão a este critério, que, segundo afirmava Konrad Heine, é completamente errôneo.

Existem, sim, sociedades secretas com objetivos estritamente políticos, mas seu número é mínimo e sua existência efêmera. Ao contrário, muitas das Sociedades Secretas Políticas clássicas, cuja atividade se estende por séculos, ou escondem seu caráter iniciático ou estão vinculadas a uma Sociedade Secreta Iniciática. Este é o verdadeiro pulmão oculto que insufla a energia vital de alguma "mística", pois a fé em algo transcendente é o único "segredo" para perdurar por séculos. “Não há reivindicação social ou política que não seja puramente secular, pois toda reivindicação justa desaparece com a geração que a apresentou."

DEVE-SE CONSIDERAR, ENTÃO, QUE TODA SOCIEDADE POLÍTICA SECRETA OBEDECE, DE UMA MANEIRA OU DE OUTRA, A UMA SOCIEDADE SECRETA DE INICIÁTICA E – salvo a AUREA CATENA que logo veremos – TODAS AS SOCIEDADES SECRETAS INICIÁTICAS, PELO MENOS NO SÉCULO XX, CONSTITUEM A SINARQUIA INTERNACIONAL, SÃO SEUS DESDOBRAMENTOS TÁTICOS.

Vimos que a distinção entre Sociedade Secreta Iniciática e Sociedade Secreta Política é errônea, ou pelo menos insuficiente. Mas o que é uma Sociedade Secreta Iniciática, de quem dizemos que as Sociedades Secretas Políticas obedecem e a quem atribuímos a formação da estrutura tática para a ação estratégica da Sinarquia?

Vejamos a questão devidamente desenvolvida em partes.

UMA SOCIEDADE é um grupo humano reunido para cumprir um objetivo comum. Uma SOCIEDADE é SECRETA se o objetivo (FIM) buscado ou os MEIOS necessários para isso devem escapar da atenção pública (o FIM pode não justificar "moralmente" os meios). Mas uma sociedade secreta também pode ser oficial ou clandestina, atendendo à seguinte lei que se deduz do fato de que, entre a “espiritualidade” de uma organização e o Poder

oficial existe uma relação diretamente proporcional: “Quanto mais perto do Poder está uma Sociedade Secreta, tanto mais exotérica (menos esotérica) se tornará sua doutrina interna."

Esta lei indica que, para efeitos de conservar certo patrimônio espiritual, é sempre conveniente a clandestinidade e dá a diretriz de que uma autêntica “Escola Esotérica”, se existisse, deveria ser quase inacessível ao profano.

Uma Sociedade Secreta é INICIÁTICA quando se sabe portadora de um Mistério e regula o acesso a este mediante uma cerimônia ritual que transforme o "profano" em "iniciado".

Compreende-se que o título de Sociedade Secreta Iniciática só se dá àquelas cujo saber "secreto" é esotérico e espiritual. Devemos, então, analisar primeiro o que se entende por "iniciado" e por "esotérico", antes de enfrentar uma definição para as Sociedades Secretas Iniciáticas.

A palavra "iniciação" (INITIUM) deriva de duas palavras latinas: IN = em; IRE = ir; ou seja: começo. O iniciado, em geral, é o que começa algo e no particular caso esotérico "é o que começa uma nova vida".

A iniciação implica, então, em uma mudança radical na vida do iniciado. Isto sempre foi assim e podemos comprová-lo analisando o fato da INICIAÇÃO RITUAL através da História. A iniciação ritual é uma instituição de longa data nas sociedades humanas, podendo se detectar, quase sem exceção, sua presença em todos os povos históricos. Nas sociedades primitivas, ainda em nossos dias, é possível observar ritos de iniciação, chamados “de passagem", para fixar a passagem de menino a homem, à sua participação na vida adulta. Também costuma-se iniciar os cônjuges e futuros caçadores. Particular atenção merece, para nós, o ritual de iniciação guerreira que praticavam os povos indo-germânicos, desde tempos imemoriais.

A iniciação é então o *initium*, o começo de uma nova vida, seja como adulto, cônjuge, caçador ou guerreiro. Mas o tema é dos mais sugestivos e convém analisar com mais profundidade. Todos estes exemplos mostram que a iniciação é uma experiência de caráter eminentemente social, pois a iniciação só pode ser administrada exteriormente, a partir do próximo, com participação coletiva. Para que exista o fenômeno de iniciação deve se dar simultaneamente a operação de uma comunidade iniciática, pois a iniciação - EXPERIÊNCIA INDIVIDUAL - requer um ritual iniciático - EXPERIÊNCIA COLETIVA.

Comprovamos também que, desde suas origens remotas, a iniciação é uma prática COMPROMETIDA com a sociedade em questão, a qual favoreceu a passagem de profano a iniciado, justamente porque conta com a

participação deste em responsabilidades que lhe serão reveladas oportunamente.

Por outro lado, se ser iniciado é começar a trilhar um novo caminho, esta mudança não é de maneira nenhuma fácil ou agradável, originando-se no esquecimento de antigas práticas iniciáticas muitos dos problemas de alienação e neurose que a raça branca enfrenta atualmente. Com efeito, a passagem de "menino" a "adulto" realizava-se mediante uma cerimônia ritual que preparava o homem para várias mudanças que acompanham a entrada na nova vida, entre as quais, de não pouca importância, contam-se: o abandono da mãe, a responsabilidade de contribuir para a alimentação comum, a perspectiva certa da morte, etc. (quando se é criança, uma "próxima etapa" é a de adulto; quando se é adulto, uma "próxima etapa" é a velhice; e quando se é velho, o próximo passo é a morte. Verossimilmente, a "passagem" de criança a adulto apresenta, dentre outras "mudanças", a da morte). A iniciação tem a virtude, neste caso, de evitar sequelas traumáticas, ao estabelecer, com força de lei social, que o iniciado está tacitamente preparado para "começar a transitar pelo novo caminho", o que evidentemente apoia moralmente o candidato.

Entre nós, a passagem para a vida adulta ocorre gradualmente, por falta do limite preciso e inexorável que seria uma cerimônia de iniciação; e pressupõe experiências dolorosas e muitas vezes traumáticas. Há aqueles que nunca conseguem "abandonar" efetivamente a "mãe", sofrendo uma espécie de perpétua dominação externa e a consequente insegurança interna, pela dependência psicológica criada.

Quando se diz "abandonar a mãe", nos referimos ao "arquétipo materno" e não encorajamos, de forma alguma, uma situação de exílio de nossos entes queridos. A proximidade ou distanciamento da mãe carnal em nada altera esse complexo que gera a "fraqueza de caráter" e o "sentimentalismo", pelo que é necessário assumir com plenitude todo o potencial psíquico com o qual o homem conta; este será o primeiro passo em busca da individuação.

Há, assim, homens que nunca deixam de ser meninos, e homens que nunca chegam a ser adultos, pela gradualidade da "passagem", ao faltar o limite fixado pela iniciação. Esta situação tende a se corrigir na raça branca há alguns séculos com o aparecimento de uma NOVA IDADE entre a infância e a idade adulta chamada de ADOLESCÊNCIA, o que é um eufemismo para se denominar o estado de TOTAL IDIOTICE no qual o jovem cai, por um

tempo mais ou menos longo, mas que felizmente tem o efeito benéfico de atenuar o impacto das mudanças exteriores ao se produzir a “passagem”.

Já deixamos claro o que é a iniciação em sua acepção geral. Vejamos agora seu significado esotérico.

Por esotérico entendemos, como indica a palavra grega EISOTHEO, um "fazer entrar" no mistério. Por isso, ao falar de "iniciação esotérica", queremos significar um "começo" (initium) por um lado, e um "fazer entrar" (EISOTHEO) por outro. É sabido que desde Aristóteles o esotérico se opõe ao exotérico ou profano, no campo do conhecimento. Mas este conhecimento ao qual o esotérico alude não é exatamente um "saber oculto" pelo seu caráter secreto, mas pela sua qualidade de "saber privilegiado", quer dizer, categoricamente hierárquico.

O esoterismo abre uma porta “para passar" (EISOTHEO) de um mundo profano, estabelecido gnosiologicamente em categorias falsas, produto de uma percepção errônea do real, que é, por sua vez, ilusório em sua materialidade concreta, para outro mundo espiritual de puras percepções metafísicas, considerado, paradoxalmente, como verdadeiramente real.

Porém, a porta que o esoterismo abre não pode ser transposta por qualquer um; nem todos os profanos estão qualificados para acessar tal saber “superior". O "saber esotérico" supõe o "privilégio" de seu conhecimento e requer, portanto, um "controle" nessa porta que abre para "fazer entrar", EISOTHEO.

Este controle é justamente a “iniciação esotérica” dos profanos capacitados para isso, quer dizer, daqueles homens que são "iniciáveis".

Já falamos sobre a iniciação ritual e nos estendemos sobre os "ritos de passagem", comprovando que a iniciação, *initium*, supõe uma mudança permanente no iniciado, que começa, a partir do rito iniciador, “uma nova vida”. Na iniciação esotérica, esta condição é levada às suas últimas consequências, de tal modo que o iniciado deve experimentar, como rito de passagem a uma nova vida, uma AUTÊNTICA MORTE E RESSURREIÇÃO. A iniciação esotérica é unanimemente considerada uma experiência irreversível, de forma que se o iniciado não demonstra, aos olhos de seus iniciadores, uma autêntica transmutação, "dificilmente possa sobreviver para contar."

Para compreender esta terrível afirmação, devemos considerar o fato de que a iniciação esotérica é uma prática antiquíssima e universal, registrada historicamente em todas as culturas conhecidas, motivo este pelo qual contamos com abundante informação, especialmente das grandes

civilizações antigas, onde a iniciação esotérica experimentou períodos de autêntico esplendor.

Mas, na Antiguidade, a iniciação esotérica era administrada por castas sacerdotais que respondiam aos cultos oficiais dos diferentes povos, e as deidades envolvidas nos ritos dos Mistérios eram sempre deuses de raça. Assim, conhecemos "Escolas de Mistérios" ou "Cultos" tipicamente iniciáticos possuidores de uma religião ou mito particular, muitas vezes análogos em sua simbologia, para cada povo ou raça antiga. Entre os mais conhecidos, podemos mencionar no Egito: Mistérios de Osíris e Ísis; na Grécia: Mistérios de Dionísio, Mistérios de Elêusis, Mistérios de Orfeu, a Ordem de Pitágoras, etc.; no Irã: Culto de Mitra, Mazdeísmo, Maniqueísmo, etc.; da Índia e Tibete: Hinduísmo, Budismo, Shao-Lin, etc.; do Japão: Xintoísmo, Zen Budismo, etc.; do Islã: seita Sufi[1] , seita Assassina, seita Drusa, seita Ansarieh, etc.

Em todos esses antigos mistérios, e muitos outros, a iniciação esotérica adquiria formas análogas referentes ao ingresso do neófito e sua posterior iniciação. Parte-se de um conceito universal de que iniciação esotérica "É UM PROCESSO DESTINADO A REALIZAR PSICOLOGICAMENTE NO INDIVÍDUO A PASSAGEM DE UM ESTADO REPUTADO COMO INFERIOR DO SER A UM ESTADO SUPERIOR: A TRANSFORMAÇÃO DO PROFANO EM INICIADO. MEDIANTE UMA SÉRIE DE ATOS SIMBÓLICOS, DE PROVAS MORAIS E FÍSICAS, TRATA-SE DE DAR AO INDIVÍDUO A SENSAÇÃO DE QUE 'MORRE' PARA 'RENASCER' EM UMA NOVA VIDA"[2].

Nesta figura geral sobre a iniciação esotérica, convém se deter nas últimas aspas e reparar também nas "provas morais e físicas" e os atos "simbólicos". As provas físicas a que eram submetidos os audazes neófitos, considerados "iniciáveis" após padecer longos e humilhantes noviciados, geralmente acabavam com sua vida. Não nos estenderemos em exemplos, mas valha a referência elementar de que tais provas físicas consistiam no confronto, desarmado ou quando não drogado, com animais "sagrados", de

---

1 *O sufismo é um movimento islâmico esotérico que compreende várias seitas.*

2 *SERGE HUTIN – Las Sociedades Secretas – Pág. 6, Eudeba, Buenos Aires.*

maior ou menor ferocidade, como leões, crocodilos, serpentes venenosas, etc.

Os neófitos sobreviventes então enfrentavam "provas morais" que costumavam consistir em humilhações de vários tipos "para demonstrar humildade"; resistir ao ataque de fogosas e belas sacerdotisas, muitas vezes depois de terem ingerido afrodisíacos sob engano, "para demonstrar castidade"; realizar certas proezas físicas, como resistência à dor ou ao medo, "para demonstrar domínio orgânico"; etc. O fracasso nessas provas morais não significava necessariamente a morte, mas a imediata expulsão do infortunado aspirante. De qualquer modo, esta é uma apreciação geral; pois como em muitos mistérios se compartilhavam - simultaneamente com o noviciado - certos ensinamentos secretos que não deviam ser profanados, os sacerdotes, nesses cultos particulares, executavam o fracassado.

Por último, os "atos simbólicos" se referem ao ritual iniciático propriamente dito, o qual, como é lógico, variava de um Mistério a outro; mas, em todos os casos, tinha por objetivo produzir um tal desdobramento psíquico no neófito, que lhe permitisse realizar a VIAGEM transcendente. Esta "viagem", experiência imprescindível para obter a iniciação, consistia, segundo todas as referências, no trânsito do "eu" desdobrado ao longo de um caminho do “outro mundo”. Tal “caminho” que, em sua rota fantástica para excelsas deidades atravessa, no entanto, abismos infernais lotados de terrores indizíveis, era em tudo semelhante àquele que pisamos em nossa “última viajem”, a que todos realizamos na hora da morte.

O "retorno" à vida, após a viagem iniciadora, era o autêntico triunfo do neófito, agora iniciado, e se interpretava como um verdadeiro "segundo nascimento".

Do neófito, de sua mente profana, nada havia sobrevivido após a morte iniciadora; o iniciado ressuscitado, ao contrário, era considerado um novo ser, possuidor de um saber obtido ALÉM DA MORTE.

Como epílogo a este comentário sobre a iniciação esotérica, devemos considerar a influência que a passagem do tempo exerceu sobre esta experiência transcendente, desde a Antiguidade até os nossos dias.

Faremos essa avaliação utilizando um critério que Konrad Heine me repetia constantemente naqueles dias: a História, tal como a entendemos em seu sentido documental, ou seja, que “começa para nós com testemunhos escritos decifráveis e compreensíveis, que nos diferentes países correspondem a épocas completamente díspares”, nada mais é do que uma parte da Era Obscura, chamada pelos povos indo-arianos de Kaly Yuga, Idade de Ferro ou Era das Trevas.

Logo nos estenderemos acerca desse conceito da História. Por ora, devemos considerar que estas "trevas", que avançam junto com a História, são obscuridades intelectuais que envolvem os espíritos, privando-os gradualmente de toda luz transcendente. Esta opacidade espiritual, que implica na "perda" de faculdades metafísicas outrora comuns nos viryas, foi apontada como responsável pela tendência materialista que as civilizações seguiram. Ela também significou a ruína das civilizações históricas, incluída a nossa atual civilização ocidental, já envolvida em uma crise de decomposição e decadência cultural.

Neste declínio negativo da História, a iniciação esotérica sofreu a pior sorte. Surgida de um contexto que chamamos de Sabedoria Antiga, foi durante milhares de anos uma prática efetiva na função sacerdotal de todas as civilizações. Mas a decadência geral que, em diferentes épocas, envolveu os povos, acabou com o "conteúdo gnóstico" dos Mistérios. Claro que isso foi devido à decadência humana, mais do que qualquer outra coisa, pois quando o olho se endurece e a alma mora nas trevas, os Mistérios, que não são mais (nem menos) do que símbolos, perdem sua capacidade operacional, não "revelam" seu segredo aos sacerdotes, e todos sucumbem na superstição e no mito.

Assim, em uma lenta degradação, começam a se perder os "conteúdos" metafísicos e seu "recipiente", a FORMA RITUAL é exaltada ao desespero (ou fanatismo) em uma vã pretensão de forçar a emergência do "conteúdo" metafísico. Mas é inútil; o Mistério vivo transformou-se em mito; o ritual é uma casca vazia de "conteúdo"; a iniciação é uma representação teatral, tanto mais envolvida em "mistério" como oca de realizações espirituais.

É o Kaly Yuga. A iniciação já não será "esotérica", pois não haverá "porta para abrir" nem Mistério para conhecer; mas "exotérica", profana, porque a função sacerdotal foi profanada, sem exceção, nos últimos milênios.

Porém, hoje em dia ouvimos falar de "iniciação maçônica", "iniciação rosacruz", "iniciação teosófica ", etc., ou de Mistérios e Doutrinas Secretas, que certas “escolas" modernas possuiriam. O que aconteceu? Estamos diante de uma restauração dos antigos Mistérios, da iniciação esotérica que transformava o iniciado, renascido duas vezes, dotando-o da capacidade de dialogar com Deus? Terminou o Kaly Yuga, dada a avalanche de seitas "misteriosas" e "iniciáticas" vindas do Oriente?

Nada disso. Desde o começo do Kaly Yuga, foram aflorando, paralelamente com a decadência espiritual e o avanço do materialismo, algumas "potências" tenebrosas, cujo "assento" é um "centro oculto" da Terra, de onde se canaliza a vontade de Jeová-Satanás. Essas "potências" diabólicas são as que contribuem decisivamente para a falsificação em que caem todas as religiões, cultos e escolas de Mistérios da Antiguidade, e são as que, no último século - recentemente! - pudemos distinguir claramente sob a denominação de Sinarquia Internacional.

Eles impulsionaram as Sociedades Secretas Iniciáticas durante séculos para substituir os Antigos Mistérios ou para se infiltrar e controlar as grandes religiões. Mas a iniciação, sob a influência das "potências diabólicas", tornou-se pura fórmula. Dos Mistérios Vivos e do esoterismo inicial, resta apenas um sincretismo "simbólico" e "especulativo". A "viagem iniciática", realizada em um desdobramento psíquico para "outro mundo" agora será um passeio realizado fisicamente, "simbolicamente", dizem os sinarcas maçons, pelos pátios das lojas.

É assim como se chega aos últimos séculos de nossa época, com um forte reforço das tendências decadentes do Kaly Yuga e, consequentemente, com um aumento no NÚMERO das Sociedades Secretas Iniciáticas. Estas são responsáveis por essa "avalanche de seitas misteriosas e iniciáticas que vêm do Oriente", de que falávamos antes.

As "tendências" do Kaly Yuga aproximam-se do zênite e é por isso que as "potências diabólicas" se manifestam agora universalmente através da Sinarquia Internacional; e é por isso também que podemos distinguir claramente suas ações e compreender seus planos sinistros.

Voltando ao tema da iniciação esotérica, podemos afirmar que ela desapareceu completamente do Ocidente durante os dois últimos milênios. As Sociedades Secretas da Sinarquia têm empregado, porém, tal qualificativo para uma "iniciação exotérica" que tem como objetivo principal nutrir suas fileiras com adeptos, jurados de morte, com o único propósito de cumprir seus planos de dominação mundial.

Não há nada nelas que favoreça a superação espiritual do adepto, quer dizer, o desprendimento dos laços que aprisionam o homem à matéria e sua liberação definitiva da miserável condição à que o tem submetido a "ordem" material de Jeová-Satanás. Podem existir promessas nesse sentido, que apenas respondem à necessidade de enganar momentaneamente aqueles de quem se espera obter algum benefício.

Mas a negra realidade é que ninguém pode pretender "servir-se" de uma Sociedade Secreta da Sinarquia, ingenuidade que se paga caro; senão

que a Sinarquia usará, como melhor lhe pareça, os incautos ou cúmplices que povoam suas fileiras e se a alguns beneficiará com riquezas e poder, enquanto sejam úteis, outros destruirá, quando não cumpram fielmente seus desígnios.

Nos antigos mistérios, a iniciação era administrada por sacerdotes, mestres ou gurus, que cuidavam da correta consumação do ritual. Os iniciados, renascidos e sábios, passavam, com o tempo, a substituir seus antigos iniciadores.

Nas sociedades secretas atuais, a iniciação consiste simplesmente em um juramento de cumplicidade, semelhante ao que existe nos códigos de meliantes, prestado pelo “aprendiz” ou “companheiro” ou “irmão” quando, após um ritual simbólico, lhe é revelado o “mistério da Ordem” e o que se espera dele. Este "mistério" não é outro do que "conhecer a missão que a Ordem tem na sociedade", ou seja, sua contribuição ao plano sinárquico mundial. Uma vez que o neófito foi "iniciado", ou seja, que está no segredo da Sinarquia, deve prestar um juramento que o impedirá de abandonar a Ordem sob pena de "morte ritual". O iniciado exotérico está, então, irremediavelmente perdido; pois se desertar de sua loja, será rapidamente executado; e se continua nela "progredindo nos graus" e "cumprindo as tarefas", sua única recompensa será o triunfo material já que, em seu ser íntimo, o espírito fugirá de quem se afunda no satanismo sinárquico.

Façamos um resumo. Dissemos que as Sociedades Secretas costumam se dividir em Sociedades Secretas Iniciáticas e Sociedades Secretas Políticas, mas que tal divisão é ilusória, pois todas as Sociedades Secretas Políticas dependem de Sociedades Secretas Iniciáticas. Estas, em conjunto, constituem o CORPO PRINCIPAL da Sinarquia, ainda na clandestinidade, mas pronto para emergir na mais poderosa de todos as organizações jamais sonhada ou vista na Terra: o GOVERNO MUNDIAL DA SINARQUIA.

Estudamos a iniciação ritual e a iniciação esotérica e comprovamos que as Sociedades Secretas da Sinarquia, mesmo quando se digam “iniciáticas”, não praticam um verdadeiro ritual de “morte e ressurreição” adequado aos viryas.

Estas, ao contrário, "iniciam" por meio de um "ritual" prosaico, baseado em um código de cumplicidade e segredo temporal, típico das células criminosas que na verdade constituem. Células que, por sua

característica vertical e triangular, são aptas para o pasu e, eventualmente, para o virya perdido.

Só cabe agregar o seguinte: A Thulegesellschaft é a única, entenda-se bem, a única Sociedade Secreta Iniciática Hiperbórea que atua no Ocidente nos últimos 700 anos. Isso de "Hiperbórea" se deve a que a Thulegesellschaft é depositária, não de um "Mistério", mas da Sabedoria Hiperbórea, que é mãe de Mistérios. Desse ponto de vista, salvo a Thulegesellschaft, todas as Sociedades Secretas Iniciáticas são meras falsificações das antigas, feitas pela Sinarquia.

No decorrer do relato, esta afirmação, que parece tão leviana, irá se tornando evidente. Na medida que compreendamos a Sabedoria Hiperbórea e suas diretrizes de critério, e apresentemos o Plano da Sinarquia, poderemos verificar a FILIAÇÃO FILOSÓFICA de muitas Sociedades Secretas ou organizações que ERRONEAMENTE NÃO SE CONSIDERAM SINÁRQUICAS.

SEGUNDA DISSERTAÇÃO

HISTÓRIA SECRETA

DA

THULEGESELLSCHAFT

INTRODUÇÃO

É mais ou menos conhecido que a Thulegesellschaft – os homens que a fundaram – surgiu do seio da Germanenorden; mas tudo quanto costuma-se especular além desta precisão, em livros e artigos editados com fins difamatórios, nada mais são do que meros disparates. Porém, existe uma maravilha história que permite retroceder às origens da Thulegesellschaft e da Germanenorden até o século XVI, mas a mesma só é conhecida pelos iniciados da Ordem Negra, isto é, pelos líderes SS; e jamais foi revelada publicamente até hoje. Esta história será exposta agora, para que sua luz poderosa dissolva as trevas da ignorância em que se encontra envolvida a recordação do Terceiro Reich e mostre nitidamente as motivações ocultas que impulsionavam o Führer e seus líderes SS.

O primeiro elo que une a Germanenorden com o passado, é uma Sociedade Secreta alemã fundada no século XVI com o nome de Sapiens Donabitur Astris. Esta última sociedade sobreviveu dolorosamente até o final do século XIX, ao que poderíamos chamar de "século da Sinarquia", para sucumbir em uma queda metafísica, durante os primeiros anos do século XX. Mas, não obstante seu definitivo "preenchimento sinárquico", antes de cair, conseguiu cumprir o propósito para o qual foi fundada: FORMOU OS

HOMENS E LHES ENTREGOU O SEGREDO. Theodor Fritsch, Rudolf von Sebottendorff, Dietrich Echart, etc., são alguns dos HOMENS. O SEGREDO consistia em um baú blindado, com barras de aço, construído no século XVI, que permaneceu em poder da Ordem durante trezentos anos até a chegada dos tempos... Este baú e outros elementos, foram finalmente confiados ao maior mutante hiperbóreo do século XX: Dietrich Echart, o iniciador do Führer. Tal é, em poucas palavras, a história que nos propomos a contar, cuja origem se encontra no século XVI.

Mas, durante o relato, nos afastaremos muitas vezes do século XVI. Iremos para trás, no tempo e no espaço e nos deteremos na Assíria, 2.000 anos antes da era atual. Depois passaremos brevemente na Sicília no século XIII, na corte de Federico II Hohenstauffen, e logo nos deteremos bastante no Século XVI para viajar à Inglaterra, Espanha, América, Flandres... Mas, no entanto, nosso ponto de partida será sempre o mesmo: a corte de Rodolfo II Habsburgo, na Boêmia. Não devemos esquecer a Atlântida, porque no decorrer de nosso relato nos referiremos muitas vezes à sua ciência perdida e suas raças ignoradas.

É possível que alguém se pergunte se se justifica recorrer a remotos argumentos históricos para explicar alguns fatos ocorridos no século XX. Porém, todos esses lugares e situações díspares, aparentemente desconectados entre si, possuem UM NEXO NÃO CAUSAL que passa infalivelmente despercebido para o olhar sinárquico, mas que brilha e se manifesta regiamente nessa relação hiperbórea que vincula os viryas no caminho de retorno, nessa AUREA CATENA, que só pode ser seguida se se sentiu a Minne e se comprometeu a participação na guerra cósmica. Para perceber esse nexo sincronístico, devemos renunciar implacavelmente à tirania da razão, ferramenta do pasu, e buscar no sangue as RESPOSTAS A ALGUMAS PERGUNTAS QUE JAMAIS FORAM FORMULADAS NEM JAMAIS O SERÃO. Com essa mística disposição de espírito, iniciaremos agora a viagem antes esboçada. Começaremos por retroceder ao século XVI, à corte do imperador Rodolfo II Habsburgo, o qual aparece como o remoto fundador da Sapiens Donabitur Astris.

Este monarca, além de rei de Roma, imperador da Alemanha e rei da Hungria, era rei de Boêmia, razão pela qual sua corte principal estava sediada em Praga, uma das cidades mais importantes da época. Entusiasta do estudo da Alquimia e da Astrologia, estas inclinações pelas coisas misteriosas não eclipsavam, no entanto, sua imensa cultura. Era considerado um patrono generoso e soube reunir sob sua proteção numerosas personalidades. Em sua corte de Praga, podiam-se encontrar, junto a conhecidos sábios, como os

astrônomos TYCHO BRAHE e JOHANNES KEPLER, eruditos esotéricos do porte do médico alquimista TADEO HAJEK “HAGECIUS”, o mago SCOTTO ou o sábio inglês Dr. JOHN DEE. Justamente, a fundação da Sapiens Donabitur Astris (S.D.A.) obedece à necessidade de iniciar estudos secretos ao redor de documentos trazidos pelo Dr. John Dee, em sua viagem a Praga em 1584, quando mostrou a Rodolfo II a famosa "pedra falante da princesa Papan".

É uma história estranha, própria desse século absurdo de gênios renascentistas e grandes inventores, mas também de reis egoístas, guerras de religião e uma febre do ouro que destroçou a América, disfarçada piedosamente como um "esforço" da civilização cristã para "salvar" povos selvagens e pagãos.

O ESPELHO DE PEDRA DA PRINCESA PAPAN

Sabe-se que quando Hernán Cortés apoderou-se de TENOCHTITLÁN (MÉXICO) em 1520, teve conhecimento de que a irmã do imperador asteca MOCTEZUMA, a princesa Papan, havia profetizado a chegada de alguns guerreiros brancos e barbudos, descrição que cabia perfeitamente aos conquistadores espanhóis.

Na América, as castas governantes, descendentes de sobreviventes atlantes, eram de uma linhagem hiperbórea mais pura do que os degradados europeus. Por isso mantinham viva a "recordação" dos Deuses Brancos e de Cristo Lúcifer, a quem chamavam de Quetzacoatl, que quer dizer serpente emplumada, alada ou voadora. Esta "recordação de sangue", comum a todas as raças brancas, resultou, porém, sendo fatal aos astecas, pois não souberam avaliar A TEMPO a confusão estratégica de que padeciam os conquistadores. O grau de "confusão" de um virya se mede por sua "tendência ao pasu", questão que requer, para sua compreensão, a definição dos correspondentes tipos psicológicos. Isto o faremos mais adiante; mas por ora, como exemplo, consideremos que "essa surpreendente avidez pelo ouro" que transformava os conquistadores em bestas cobiçosas e egoístas, é uma tendência típica do pasu. Porque o pasu é racional e astuto, oposto ao virya, que é intuitivo e espontâneo. O pasu, animal-homem, "evolui" ou "involui" dentro da ordem material; e suas "tendências" podem se qualificar, com toda precisão, de SATÂNICAS. Os astecas, ainda que possuíssem uma certa

pureza racial que os colocava estrategicamente acima dos europeus, não conseguiam distinguir e avaliar as tendências do pasu e o perigo que isso implicava. Foram, como sempre nestes casos, deslumbrados por um alarde de cultura e civilização "superior" no domínio da matéria. Mas esta "superioridade", representada pela tecnologia para construir armas, navios de guerra e todo tipo de objetos materiais, que parece tão evidente ante a orfandade de meios de um povo "selvagem e pagão" que acredita em um Deus-serpente vindo de Vênus, é completamente ilusório, do ponto de vista espiritual e constitui mais uma característica do Kaly Yuga.

Hernán Cortés, astutamente, aproveitou a profecia da princesa Papan, que havia augurado a próxima chegada dos enviados de Quetzacoatl, para fazer-se passar por "filho do Sol"; e em uma campanha militar sem precedentes − 400 espanhóis contra 40.000 astecas – apoderar-se do México. Os sacerdotes AH KINES do culto solar, previram também a chegada iminente dos estrangeiros, que cumpririam a antiga profecia feita por Quetzacoatl antes de partir. Como os astecas puderam equivocar-se desse modo, erro que lhes custou o império e o definitivo colapso da civilização do Anahuac?

Em primeiro lugar, recordemos que "o último Quetzacoatl", o que veio à América no século X, deixou uma profecia que os toltecas não esqueceriam durante quinhentos anos: “Anunciou-lhes que homens brancos e barbudos viriam do Oriente e submeteriam todos os povos, destruindo sua religião e sua raça".

“Esta profecia”, diz Camilo Crivelli, “feita por um homem que se distinguia dos indígenas, por seu saber e sua virtude, por suas vestimentas e até mesmo por sua tez branca, gravou-se tão profundamente nos espíritos, que foi transmitida pelo povo de geração em geração. Quando os europeus desembarcaram na América, a profecia de Kukulcán lhes serviu mais para a conquista do que suas espadas, e o próprio Moctezuma, rei e pontífice supersticioso, acreditou que resistir aos conquistadores era se opor aos deuses”[3].

Este é um dos motivos, mas fundamentalmente deve-se atribuir a queda do império asteca à degradação racial das castas reinantes. Com

---

[3] *CAMILO CRIVELLI – La Religión de los Antiguos Mejicanos. Pág. 132, Artículo in "CRISTUS" - Ed. Angelus, Buenos Aires 1952.*

efeito, os astecas já haviam herdado dos toltecas a recordação de Quetzacoatl; e estes, por sua vez, a tomaram de um mito mais antigo, originário dos maias, os quais devem ser considerados como um remanescente dos sobreviventes atlantes.

Os historiadores, baseados em uma arqueologia deficiente, expurgada pela Igreja Católica e outros obscurantismos, costumam falar de duas etapas na história do povo maia: o Antigo Império (séculos II a.C. a VII d.C.) e o Novo Império (séculos VII a XVI d.C.). O Império Antigo, cuja época clássica deve se situar por volta do século III d.C., quando, ironicamente, na Europa, o Império Romano era derrubado, dominava certas diretrizes da Sabedoria Hiperbórea, as quais podem descobrir-se facilmente analisando a cultura e história maia. Porque, à parte de seus surpreendentes avanços na arte lítica, matemática e astronomia, os maias se destacaram em Estratégia Hiperbórea, isto é, a ciência social ou coletiva do retorno à origem. E esta é a mais importante das qualidades sociais ou coletivas. Efetivamente, todo povo ou raça que se destaque quanto à pureza de sua Tradição Hiperbórea DEVE MANIFESTAR ESTAS VIRTUDES EM SEUS OBJETIVOS ESTRATÉGICOS.

Os maias demonstraram possuir objetivos estratégicos muito claros, pois praticaram um “Imperialismo para dentro”, que coincide com as técnicas hiperbóreas de “ganhar o centro estreitando o círculo”. Para compreender esta afirmação, deve-se observar o mapa da península de Yucatán − atual México, Guatemala e Belize − e considerar que o Império Antigo se estendia em uma ampla área triangular, delimitada aproximadamente pelas cidades de Palenque, UAXACTUN e Copan. Na realidade, o triângulo que formam os três locais mencionados está inscrito em um CÍRCULO ESTRATÉGICO, que incluía, em direção ao centro, as cidades de NARANJO, TIKAL, PIEDRAS NEGRAS, BENQUE VIEJO, etc., todas posteriores às três primeiras. Isto basta para demonstrar o AVANÇO PARA O CENTRO, ESTREITANDO O CÍRCULO.

É claro que ao DOMINAR a totalidade da área imperial, e o centro, o Império Antigo conclui sua MISSÃO ESTRATÉGICA e desaparece da História. Mas, ao adotar a Estratégia Hiperbórea para efetuar a condução de um povo, nem sempre é possível proceder com tanta clareza como o fizeram os Maias. Na maioria dos casos históricos em que um ensaio de Estratégia Hiperbórea – Império Hitita, Pérsia, Grécia-Macedônia, Roma, Império Romano-Germânico, Prússia, Paraguai, Alemanha, etc. − demonstram que, às vezes, é preciso "expandir o círculo" até ganhar áreas de conflito e logo

"restringir o círculo para o centro". Esta expansão provocará, infalivelmente, a reação das forças demoníacas que, não podendo permanecer escondidas durante o avanço estratégico, ver-se-ão obrigadas a lutar, mesmo contra sua vontade, vencidas em sua própria estratégia sinárquica de infiltração por uma estratégia mais poderosa que os desmascarará implacavelmente.

Os toltecas receberam dos maias parte da sabedoria antiga; mas, no decorrer dos séculos, a CONFUSÃO ESTRATÉGICA foi se fazendo maior; e quando, nos séculos X e XI chegam várias expedições Vikings − norueguesas e dinamarquesas – se produz uma METAMORFOSE MÍTICA no panteão mitológico da Mesoamérica. As castas da nobreza tolteca se fundem com os recém-chegados "filhos do sol" e identificam erroneamente os antigos Deuses Hiperbóreos com os valorosos e intrépidos, mas também CONFUSOS, vikings. Aparecem, assim, entre os astecas, toltecas e maias, no século XVI, dois ou três Quetzacoatl: um, muito antigo, é a "recordação" do Cristo atlante; outro, um Quetzacoatl "ascético" e adorador da cruz, não é senão um missionário católico; e um terceiro Quetzacoatl branco e barbudo, é autenticamente viking. Este último é também o Kukulcán do Yucatán, que o professor Jacques de Mahieu identifica como ULLMAN, um navegador alemão do século X.

O resultado de semelhante fusão entre linhagens atlante e nórdica foi a mais terrível confusão estratégica, facilmente verificável na queda mitológica que significou o culto de HUITZILOPOCHTLI, praticado no Anahuac até a chegada dos espanhóis. Este Deus é uma forma primitiva de Jeová- Satanás, quer dizer, o Demiurgo, e sob seu aspecto sangrento de HUITZILOPOCHTLI, mago colibri, exigia sacrifícios humanos, obrigando seus adoradores a manter um estado de guerra permanente – a XOCHIYAYOTL- para proverem-se de vítimas. Sua sede insaciável por sangue humano levava os astecas a sacrificarem 15.000 a 20.000 homens por ano.

Esta degeneração demonstra que existe uma relação direta entre o centro do Demiurgo Jeová- Satanás, sob qualquer de seus aspectos míticos, e a PERVERSÃO DO SENTIDO HERÓICO que deve ter a guerra. Por outro lado, o OPOCHTLI HUITZILOPOCHTLI[4] parece-se, suspeitosamente, com os "Deuses" que os Druidas impuseram entre os Celtas, todos inspirados em Jeová-Satanás, como o BRAD irlandês, cujo vínculo no Jeová hebraico já

---

[4] *OPOCHTLI = Sinistro, terrível ou lúgubre.*

está comprovado[5], ou LUG, o deus gaulês que os germânicos chamavam de Loqui: "o tenebroso".

O contato cultural entre americanos e vikings produziu um sincretismo de elementos cristãos e nórdicos com mitos nahuatl. Porém, embora a Sabedoria Hiperbórea se encontrasse sepultada sob um emaranhado de SÍMBOLOS CONFUSOS, os povos da América possuíam uma nobreza racialmente mais pura do que as famílias judaizadas reinantes na Europa do século XVI. A "recordação de sangue" de seu passado atlante ainda estava viva nos "indígenas" americanos e, embora o domínio de Jeová-Satanás-Huitzilopochtli era férreo, Quetzacoatl também era recordado e INTENSAMENTE DESEJADO SEU RETORNO.

Vale como exemplo da deformada tradição asteca e sua confusão estratégica ao lidar tratar com os espanhóis, "o discurso que Moctezuma proferiu perante Cortés, quando foi visitá-lo no palácio do seu pai AXAIACA, que tinha colocado à disposição de seus hóspedes. ... (vos tenho) como parentes; que, segundo meu pai me disse, que ouviu também do seu, nossos antepassados e reis, de quem eu descendo, não eram nativos desta terra, mas forasteiros que vieram com um grande senhor, e que em pouco tempo voltou à sua natureza; e que, ao cabo de muitos anos, voltou por eles; mas não quiseram ir, por terem povoado aqui e já terem filhos e mulheres e serem mandatários na terra. Ele voltou muito descontente com eles, e lhes disse, ao partir, que enviaria seus filhos para governar e manter a paz e a justiça, e nas antigas leis e religião de seus pais. Por causa disso, sempre estivemos esperando e acreditando que um dia viriam os daquela parte para controlar e comandar, e eu acho que são vocês, por causa da direção de onde vêm"[6].

Quando Hernán Cortés chegou ao México, segundo se disse, os astecas possuíam algumas profecias recentes, entre elas a da princesa Papan, irmã de Moctezuma. Como a princesa obteve notícias sobre a

---

[5] *Ver a respeito "La Diosa Blanca" de ROBERT GRAVES.*

[6] *JACQUES DE MAHIEU: "El Gran Viaje del Dios Sol", pág. 69. Ed. Hachette, Argentina. O discurso de Moctezuma foi tomado de López de Comara, "Conquista de México", 1553, conforme citação pelo professor Mahieu na obra citada.*

próxima chegada dos conquistadores? Mediante uma pedra polida que lhe servia de espelho e com a qual, segundo uma tradição tolteca antiquíssima, se podia "falar" com o Deus Serpente Quetzacoatl. Esta pedra, que não é nada mais do que um TRANSDUTOR ATLANTE[7], foi conservada por Cortés até 1540, data em que regressou à Espanha. Nessa oportunidade, a pedra passou às mãos de Pedro de Gante, um missionário franciscano chegado ao México em 1523, parente de Carlos V e Felipe II.

Espanhol nascido em Flandres, fundador da primeira escola do México no Convento de São Francisco, o missionário franciscano era um homem de espírito inquieto e poderosas influências. Mostrou interesse em ver a famosa pedra parlante da Princesa Papan quando soube, por Dona Malinche, a princesa maia concubina de Cortés e intérprete oficial dos idiomas maia e nahuatl, que esta se encontrava em poder do Marquês do Vale de Oaxaca[8]. É um milagre que tenha ocorrido isso; pois Cortés, ansioso por ganhar influências que tanta falta lhe faziam para superar as inúmeras intrigas contra ele, apressou-se a enviar a pedra parlante a Pedro de Gante. É um milagre, dizemos, já que desse modo, pode salvar-se de cair em mãos dos druidas, jesuítas e dominicanos, que esperaram a ocasião de lhe pôr as mãos ou destruí-la. Pedro de Gante, ao contrário, a conservou cuidadosamente, durante anos, como uma raridade, fascinado pelo grande polimento da pedra, mas sem que esta lhe revelasse seu segredo. Devido a esse zelo, o próprio Cortés decidiu deixá-la, quando partiu definitivamente para a Espanha, sempre necessitado de influências na capital do reino. O missionário flamengo, não obstante a atração que a pedra parlante exercia sobre seu espírito, logo abandonou seu estudo, devido à exaustiva tarefa educacional que tinha tomado sua missão. Estava, pois, a pedra parlante depositada em um cofre do Convento de São Francisco, esquecida por todos, quando o ilustre sacerdote faleceu, em 1572.

Certamente, ter-se-ia extraviada para sempre, se não fosse um fato que deveríamos qualificar como fortuito se não possuíssemos a certeza de que uma AUREA CATENA, um cordão dourado, conecta os viryas

---

[7] *A teoria dos transdutores líticos se desenvolve mais adiante.*

[8] *Título que ostentava Hernán Cortés.*

hiperbóreos. Porque, em uma viagem à Espanha que Pedro de Gante realizou, em 1567, ao visitar seu parente, o rei Felipe II, conheceu na corte dois jovens príncipes Habsburgos da Áustria, Ernesto e Rodolfo, filhos do Imperador Maximiliano II.

Destes príncipes, que eram parentes seus por outro lado, um deles, Rodolfo, de 15 anos, pareceu ao missionário tão interessado nos povos nativos da América e sua estranha religião, que não hesitou em referir-lhe os mais exóticos costumes dos astecas, entre eles a insólita crença de que uma pedra polida "permitia aos selvagens falar com seu Deus Serpente." Esta história chocou muito o futuro imperador da Alemanha, pois, ao saber que a mencionada pedra se achava em poder do missionário, prometeu a si mesmo obtê-la para si algum dia.

Não se deve estranhar essa inclinação de Rodolfo, pois por esses anos tentou apoderar-se de duas relíquias pertencentes à sua família, que hoje se conservam na Tesouraria de Viena: o AINBEHURN, dente do fabuloso monoceronte, de 243 cm de comprimento por 6 cm de diâmetro; e o vaso de ágata trazido de Constantinopla pelos cruzados em 1204, 75 cm de diâmetro, talvez a maior ágata entalhada do mundo, que ele acreditava erroneamente que era o Graal ou cálice usado na última ceia.

Rodolfo estudou, desde os doze anos, na corte espanhola de seu tio, o rei Felipe II. Este tinha enviuvado pela segunda vez em 1558, ao morrer Maria Tudor, "A Católica", rainha da Inglaterra e filha de Henrique VIII com Catalina de Aragón. Durante seu curto reinado inglês - de 1553 a 1558 - Maria combateu os hereges cismáticos da Igreja Anglicana, fundada por seu pai, e reinstaurou a religião católica, apoiada nesta tarefa pela Espanha que, sob seu esposo Felipe II, tornou-se um bastião da Contrarreforma.

Mas ao morrer Maria, subiu ao trono da Inglaterra Isabel I, filha de Enrique VIII com Ana Bolena, apoiada pelo partido protestante, iniciando-se agora a perseguição dos católicos e de alguns nobres que haviam secundado a rainha Maria Tudor. Muitos desses nobres se refugiaram na corte de Felipe II, na qual permaneceram durante o tempo que durou a raiva de Isabel I, mas aos que mais cedo ou mais tarde se permitiu voltarem para a Inglaterra. O que é interessa destacar aqui é que o jovem Rodolfo Habsburgo conviveu com eles durante sua estada na corte espanhola e criou laços amistosos que mais tarde lhe permitiram manter contato com Isabel I, em tempos em que a guerra fazia enfrentarem-se Inglaterra e Espanha e nenhum contato oficial existia com a Casa da Áustria.

Rodolfo II foi coroado imperador alemão e rei de Roma em 1576, situação privilegiada que não moderou sua inclinação pelo estudo das artes ocultas, senão que confirmou essas tendências, pois usou de seu enorme poder para cercar-se dos homens mais sábios da época, como já dissemos na Introdução. Um de seus primeiros passos como imperador foi iniciar uma gestão ante seu tio Felipe II da Espanha, para obter a pedra parlante, uma tarefa trabalhosa, devido às múltiplas dificuldades que se deviam vencer: primeiro, para Felipe II, católico fanático, não entusiasmava em nada a ideia de reivindicar ao vice-rei do México um "objeto de culto pagão"; segundo, o missionário Pedro Gante morrera em 1572, quatro anos antes, e entre seus pertences chegados da América, não se encontrava a famosa pedra; terceiro, um obstáculo do qual Rodolfo II não tinha ideia, mas que, para sua desgraça, logo conheceria, se constituía nos Druidas, sempre à espreita para destruir a tradição hiperbórea.

A solução imaginada por Rodolfo II consistia em obter de seu tio o salvo-conduto para que uma pessoa de sua confiança viajasse ao México para procurar a pedra. Mas esta pessoa deveria possuir uma autoridade tal que lhe permitisse vencer qualquer trava, mesmo que ela fosse imposta pelas autoridades eclesiásticas. Convencido de que assim alcançaria seus objetivos, passou à ação.

Dois anos levou para Rodolfo II conseguir que Filipe II aceitasse seu plano e mais um ano para conseguir que o Papa Gregório XIII autorizasse um enviado do Imperador da Alemanha e Rei de Roma para "realizar uma inspeção geral no Convento de São Francisco, na Cidade do México, Índias Ocidentais". Seja como for, economizando detalhes desnecessários para nosso relato, a verdade é que, em 1579, partiu para o México um dos sobrinhos de Rodolfo II, Federico de Borgoña, de 22 anos, devidamente instruído sobre o objeto que teria que procurar e a prudência que a missão requeria. O jovem Federico da Borgoña rapidamente encontrou a pedra parlante, esquecida durante anos no cofre de Pedro de Gante, dispondo-se, então, a regressar imediatamente a Praga.

Aqui começam a ocorrer os fatos misteriosos que mencionávamos como terceira dificuldade: os Druidas, infiltrados entre os missionários, não tardam em saber que a pedra parlante se dispunha a partir para a Europa, e decidem impedi-lo. É assim que "alguns desconhecidos" atacam Federico em seu quarto, na véspera do embarque e fogem deixando-o como morto, após levar toda a sua bagagem. Mas, inacreditavelmente, ele sobrevive, apesar de quase ter sido estrangulado com uma corda de batina; e o mais milagroso é

que os ladrões, que indubitavelmente procuravam a pedra parlante, não contavam com que Federico a levava consigo, e não o revistaram.

E, no entanto, assim tinha ocorrido. A famosa pedra, colocada dentro de uma bolsa de fino couro de porco do mato, encontrava-se oculta nas roupas que vestia quando foi atacado. Resultado? Federico não pôde regressar, mas enviou notícias a Rodolfo II que, ao recebê-las, começou a suspeitar que sua ideia não fosse tão boa e a temer pela vida de seu sobrinho.

Após várias semanas de cama, durante as quais não largou nem um segundo da cobiçada pedra, Federico da Borgonha estava novamente disposto a viajar e assim foi que, nos primeiros dias de janeiro de 1580, embarcou na fragata "CASTELLANA", encarregada de render o pessoal militar. Esta nau, após fazer escalas em Cuba e Venezuela, partiu para a Espanha.

Mas estava escrito que Federico da Borgoña nunca voltaria à bela Praga, confirmando-se aquilo que Rodolfo II temia: uma conspiração em grande escala havia sido montada para impedir o transporte da pedra parlante. Assim, aconteceu que a fragata, após partir de Cuba rumo à Venezuela, foi atacada, dois dias depois, por uma frota de corsários ingleses que "misteriosamente" pareciam conhecer o roteiro que a nau tomaria.

Após uma tenaz perseguição, com ventos que, estranhamente, mudavam de direção, favorecendo os piratas, e depois de perder o mastro principal, a fragata foi finalmente abordada por duas velozes corvetas, generalizando-se no convés uma sangrenta luta corpo a corpo. Superados em número os quentes espanhóis, sucumbiram ante um inimigo que não dava trégua e que lutava com ferocidade inaudita. Não se fizeram prisioneiros; e só pôde salvar a vida um marinheiro catalão que caiu na água e ficou à deriva durante dias agarrado a um pedaço de tronco até que a maré o depositou em uma praia da Costa Rica. A nave capitânia, a que primeiro praticou a abordagem, era o GOLDEN HIND, chefiado por FRANCIS DRAKE, o pirata “favorito” de Isabel I, o qual encarregou-se pessoalmente de executar Federico de Borgoña, destroçando-lhe a garganta com sua espada.

Os corsários sabiam exatamente o que deviam procurar pois, após acabar com todos os tripulantes e realizar uma revista exaustiva, que lhes permitiu encontrar a bolsa com a pedra parlante no cadáver de Federico, trataram de incendiar a Castellana e fugir. Com este naufrágio, concluiu-se tragicamente a aventura incentivada por Rodolfo II.

O imperador alemão, ao saber que a Castellana havia desaparecido sem deixar rastros, caiu prostrado em um estado depressivo tão agudo que só conseguiu superar precariamente alguns meses depois, mas do qual nunca se recuperou totalmente.

Porém, a história da pedra parlante não terminava aqui, para Rodolfo II; senão que poderia dizer-se que estava apenas começando. Pois a pedra asteca que os "informantes" de Francis Drake tinham assegurado que era extremamente valiosa, e que este se apressou a enviar para Isabel I, não foi do agrado da rainha. Mas, respeitando as notícias que lhe atribuíam grande valor, e intrigada com o brilho inusitado que emanava de uma de suas faces, decidiu consultar sobre a pedra asteca ao Dr. JOHN DEE, especialista em óptica e um dos sábios mais importantes do reino.

Como já veremos, este é outro milagre que salvou o espelho de pedra da princesa Papan; pois John Dee era a pessoa mais indicada da Inglaterra para recebê-la, às suas mãos o conduziu a Aurea Catena. Mas Inglaterra é terra de Druidas. Encontrar-se-ia segura, ainda que nas mãos do Dr. John Dee, a pedra parlante? E o que é mais importante, seria possível utilizá-la novamente, tal como o fizera a desditada princesa Asteca, para estabelecer esse diálogo tão necessário entre o homem e os divinos hiperbóreos? Deixaremos as respostas pendentes, dado que tornar-se-ão evidentes no decorrer do relato.

Enquanto esses fatos ocorriam, um dos amigos ingleses do imperador Rodolfo II inteirou-se do ocorrido com a fragata e do assassinato de Federico de Borgoña. Este amigo, um jovem conde, enviou uma carta a Rodolfo II, através de Flandres, país que os ingleses apoiavam em sua tentativa de independer-se da Espanha. Quando o imperador esotérico soube da sorte de Federico de Borgoña e do destino dado à pedra parlante, sua indignação e pesar não tinham limite. Mas o que fazer? Felipe II Habsburgo travava uma guerra contra a Inglaterra, que se tornava cada vez mais desastrosa para a Espanha. E sem o triunfo das armas espanholas não seria possível sequer sonhar em recuperar um saque tomado pelos ingleses de um navio espanhol.

Havia apenas a possibilidade remota de iniciar uma negociação secreta. Mas esta alternativa era muito perigosa, por quão mal poderia parecer a Felipe II, se descobrisse. E, no entanto, não havia outra alternativa para Rodolfo II que, por outro lado, já havia percebido as coisas estranhas que aconteciam toda vez que tentava apoderar-se da pedra parlante.

Começa, assim, uma negociação secreta entre Rodolfo II e Isabel I, que duraria quatro anos, durante os quais o imperador ofereceu desde ouro até fórmulas alquímicas ou quadros de Dürer, e a astuta rainha ficou cada vez

mais convencida de que algum arcano segredo tornava tão valioso o rústico espelho de pedra negra.

Isabel I não tinha nenhuma intenção de desfazer-se da pedra e só negociava na esperança de conseguir informação adicional do impaciente imperador alemão. Mas esta informação logo não foi necessária; pois o Dr. John Dee resolveu a incógnita apresentada pela pedra parlante e penetrou em seu mistério, afirmando, um belo dia, que mediante o "espelho de pedra" se podia "ver e falar com os anjos". Esta afirmação, e as revelações que logo fez, significaram a ruína de John Dee e, de certa forma, também a de Rodolfo II.

O DR. JOHN DEE E OS TRANSDUTORES DE PEDRA

Deixemos, por ora, o espelho de pedra da princesa Papan e detenhamo-nos em nosso principal personagem: quem era John Dee? Sem dúvida, um sábio da época, mas também mais do que isso. Nascido na Inglaterra, em 1527, estudou em CAMBRIDGE, foi o primeiro tradutor dos "Elementos" de Euclides para o inglês, matemático, especialista em óptica, em criptografia de documentos, etc.

Representava, na Inglaterra de Isabel I, que se erguia como potência imperial do século XVI, um daqueles espíritos renascentistas genialmente multifacetados que, no *CINQUECENTO* italiano, tiveram, com Leonardo, seu protótipo universal. Mas quanto se diga para elogiar as virtudes do Dr. John Dee, pouco se pode adicionar ao seu título principal: hiperbóreo. Pois John Dee era um VIRYA DESPERTO, mutado em Siddha imortal após seu "desaparecimento", ocorrido em 1608. Sua incrível vida, especialmente o período que vai de 1563 a 1608, é um exemplo sobre os perigos a que se expõe um virya hiperbóreo quando, intrepidamente, para cumprir um "objetivo estratégico" na guerra cósmica, revela sua condição superior e fica exposto aos ataques da Sinarquia.

John Dee estava trabalhando secretamente há 17 anos na reconstrução da lendária “linguagem dos pássaros”, baseando-se em uma obra obtida em Antuérpia, questão que relataremos mais adiante, na parte intitulada "A esteganografia de Tritheim, obra hiperbórea". Destas investigações tinha conseguido com sucesso o domínio de uma linguagem primordial que permitiria restabelecer o diálogo com os “anjos” - Siddhas Hiperbóreos – ao modo dos antigos oráculos, para o qual só necessitava de

uma “pedra mágica" ou "omphalos". John Dee sabia que com os sobreviventes da Atlântida (a “última" Atlântida, afundada há 12.000 anos e citada por Platão), tinham se salvado certo número daquelas pedras, que os Siddhas Hiperbóreos empregavam em suas operações "mágicas" sobre mundo concreto. Estas pedras logo possibilitaram, quando os Siddhas Hiperbóreos se retiraram para Agartha e os Siddhas da Face Tenebrosa governaram Atlântida, a comunicação com eles, servindo de "oráculo", única aplicação que era permitida dar às pedras sagradas. Quando sobreveio o cataclismo, provocado pelos Siddhas da Face Tenebrosa, algumas pedras mágicas foram conservadas pelos sobreviventes.

Mas tais pedras mágicas eram, na realidade, TRANSDUTORES de energia psicofísica, construídos graças à avançada tecnologia lítica que a Atlântida possuía; quer dizer, eram MÁQUINAS para interferir no INCONSCIENTE COLETIVO PSICOIDE em ambas os sentidos: obtendo informação ou influenciando-o a operar sobre as leis da natureza. Sobre o funcionamento dos transdutores, voltaremos a nos ocupar ao estudar a Estratégia Psicossocial da SS; mas por ora digamos que, para "operar", esses dispositivos de pedra requerem a presença de um ser humano que estabeleça um "vínculo de simpatia” com eles. Isto significa que certas magnitudes nas energias atuantes devem ser devidamente AJUSTADAS para conseguir a TRÍPLICE RESSONÂNCIA entre o ser humano, a pedra e a Terra (ou as "energias telúricas” do lugar em que se encontra a pedra transdutora).

O ser humano operador da pedra era, na Atlântida, uma sacerdotisa virgem, condição esta que se impunha por certas restrições biológicas para conseguir uma harmonia perfeita nos campos de força psicofísica do corpo humano e, claro, nada tinha essa escolha de donzelas virgens a ver com premissas morais de nenhum tipo.

O fato, tornado tradição pelos sobreviventes que haviam "esquecido" o significado dele, levou-os a formar as castas de sacerdotisas virgens tão comuns entre os incas, astecas, troianos, gregos, romanos, hindus, egípcios, etc. Os sobreviventes de linhagem hiperbórea mais pura, isto é, os que se refugiaram no norte da Europa, as chamaram de "virgens de Fasta", tal como conta o manuscrito da Frísia OERA LINDA; e, em uma tradição menos pura, os romanos, por exemplo, as transformaram em "virgens de Vesta”. Mas também foram chamadas, após a catástrofe, de "Virgens do Sol", Sacerdotisas de Mitra, Filhas de Agni, etc.

Apesar desta insistência - por parte dos sobreviventes profanos ou que tinham perdido o saber de seus antepassados - pela figura feminina como sacerdotisa, ou pitonisa guardiã do oráculo, a realidade é que não há

nenhuma lei física que proíba o sexo masculino de operar com os transdutores de pedra. Há, certamente, restrições biológicas que devem ser superadas ao sintonizar uma pedra transdutora; e estas dificuldades se agravam se o oficiante é de sexo masculino; mas não é impossível, nem sequer difícil, operar as pedras, se o homem estiver devidamente preparado. Os Druidas conheciam muito bem essas tradições, pois durante suas exibições de surpreendente poder sobre as forças da natureza, usavam um transdutor de pedra conhecido como "ovo de serpente", nome alegórico utilizado para designar o fato de que, assim como no ovo da serpente pode-se observar a evolução do réptil através da delgada membrana que é a "casca", também ao olhar a pedra nota-se um estranho MOVIMENTO EM SEU INTERIOR. Tal "movimento" nada mais é do que o efeito visível do fenômeno de transdução de energia, descrito por alguns como uma "luminescência vaporosa" e por outros como "serpentes brilhantes"; ou seja, no primeiro caso, um tipo de "carga estática de íons" e no segundo, "arcos voltaicos" simples de energia telúrica.

O sábio romano Plínio, o Velho, ao se referir, na obra HISTORIA NATURALIS, às suas experiências com os Druidas, descreve um de tais transdutores: "O ovo recebe o nome de ANGUINUN. Os Druidas dizem que serpentes sibilantes passam daqui subindo para o ar, e que devem ser apanhadas com um pano e não permitir nunca que toquem o solo; e que se deve imediatamente fugir a cavalo, pois as serpentes o perseguirão até que alguma corrente as detenha. Isso deve se comprovar, dizem, vendo se (a pedra) flutua sobre a corrente de um rio".

A este comentário de Plinio, Robert Scrutton responde o que segue: "Embora esse ardil superficial fosse suficiente para enganar Plínio, pode-se ver facilmente que se tratava de uma descrição genuína da DESCARGA de um transdutor. Os astutos Druidas deviam compreender que Plínio não entenderia nada; e por isso lhe disseram a verdade. As serpentes sibilantes ou correntes telúricas, ao carregar o objeto, o fazem flutuar no ar. Existem numerosas referências à levitação de tais transdutores. Contudo, como o transdutor mantinha uma carga estática sobre sua superfície, se fosse pego com as mãos, provavelmente produziria um choque doloroso na pessoa que o segurasse. Também se produziria descarga se lhe fosse permitido tocar o solo; daí a necessidade de segurá-lo com um material não condutor, como um pano de lã. Tampouco poderia tal transdutor cruzar as águas correntes de um rio, tanto se fluía sob a terra ou se o fazia sobre a superfície. Manter-se-ia

estremecendo no ar, como os músculos dos punhos de um radiestesista, devido às correntes telúricas criadas pela corrente. Flutuava porque era oco, mas ficaria fixo em um ponto pela energia telúrica, como uma partícula de ferro em um campo magnético".

"O relato de Plínio continua: "Mas como é costume de os magos ocultarem com um astuto véu suas fraudes, alegavam que esses ovos só podiam serem carregados em um determinado dia da lua, como se coubesse à humanidade fazer com que a lua e as serpentes concordassem sobre o momento de aparecimento".

"Aqui fica ainda mais óbvio que Plínio estava levando tudo ao pé da letra. Não era capaz de entender como os homens podiam fazer com que as serpentes pusessem seus ovos em uma determinada fase lunar. Dentro Na realidade, as serpentes eram a energia telúrica, a qual (...) varia com as fases da lua".

"Plínio continua dizendo: "Vi um desses ovos; era redondo; a vagem era cartilaginosa e como os braços de um pólipo. Os Druidas o tinham em alta estima. Dizia-se que garantia o sucesso nos negócios legais e uma recepção favorável ante os príncipes: mas isso é falso, pois um homem de VOCONTTI, que também era um cavaleiro romano, teve um desses ovos sobre seu peito durante um julgamento e foi condenado à morte pelo imperador Cláudio".

"Como é natural, o transdutor não 'funcionou' para o cavaleiro romano; não estaria sintonizado com seu biorritmo e, portanto, não poderia ajudá-lo a melhorar sua capacidade de raciocínio e eloquência. Provavelmente, o roubou de um Druida."[9]

Os Druidas comumente usavam transdutores de pedra em suas práticas "mágicas" e tratavam muito bem de impedir que ninguém mais os possuísse. É assim que, recorrendo a qualquer procedimento, desde o engano, a intriga ou o feitiço, até a revolta de povos rebeldes, foram "recuperando" as pedras mágicas que os sobreviventes atlantes tinham conservado. A queda da Atlântida produziu-se, principalmente, como conta Platão, em Crítias, "pelo pecado racial da mistura de sangues", isto é, pela "confusão sanguínea" e perda da Minne. Os sobreviventes, em diferentes graus de confusão, ficam isolados entre si, separados por milhares de

---

[9] *ROBERT SCRUTTON: "Secrets of the Lost Atlantis", p. 171 - Ed. EDAF, Madrid, 1980.*

quilômetros, "esquecidos" de sua origem atlante e de seus ancestrais cósmicos hiperbóreos. Formam pequenas tribos ou grupos que logo dão lugar a muitos dos povos que chegaram até nossos dias. Os mais afortunados são aqueles que conseguiram salvar uma "sacerdotisa virgem" ou uma "mãe"; com sua pedra sagrada fundam diversos cultos e oráculos preservando, cada vez mais degradada na tradição oral, alguns resquícios da sabedoria antiga. Contra eles será dirigirá o ataque da Sinarquia, de seu centro oculto CHANG SHAMBALA, para "resgatar" as pedras parlantes e não poucas das guerras mais sangrentas registradas na História foram feitas com o oculto objetivo de destruir os oráculos e roubar a pedra sagrada.

Foram Druidas que comandaram a expedição celta de Brene, em 390 A.C., até o templo grego de Delfos, para roubar o OMPHALOS, a pedra que marcava o "centro do mundo" e permitia à pitonisa comunicar-se com Apolo e os Hiperbóreos. E foram celtas, liderados por Druidas, que saquearam os simples templos etruscos e roubaram suas pedras sagradas. O mesmo aconteceu aos Ibéricos e Ligures (com exceção, talvez, da "lâmpada de pedra" ibérica, que Belicena Villca mencionava em sua carta, mas isto falta confirmar, neffe Arturo) e, por infinitas intrigas, também perderam as suas os reis Visigodos, que tiveram o infortúnio de governar povos celtas infestados de Druidas.

A lista completa das sanguinárias perseguições empreendidas pelos Druidas seria quase infinita e impossível de transcrever aqui, mas convém apresentar algumas interrogações sobre certos fatos significativos: não foram os celtas que conquistaram a América e destruíram suas civilizações governadas por castas de linhagem hiperbórea atlante? E não o fizeram incitados por sacerdotes católicos, na verdade, Druidas infiltrados, que justificaram os crimes mais hediondos resguardados por mitos, como o suposto "paganismo" dos “indígenas” e a necessidade de “civilizar” e “evangelizar” tais “selvagens”? E junto a celtas e Druidas não viajavam para a América, na primeira fila, um grande número de judeus, seguindo o exemplo de Cristóvão Colombo, de cuja filiação judaica hoje ninguém pode duvidar seriamente? No "descobrimento" e "civilização" da América houve uma sinistra conspiração sinárquica, da qual falaremos mais adiante, ao tratar a questão do Graal.

Para terminar esta parte do relato, devemos ter presente que, quando a rainha Isabel I entregou a John Dee o espelho mágico para seu estudo, este conhecia perfeitamente suas propriedades de transdução.

A ESTEGANOGRAFIA DE TRITHEIM, OBRA HIPERBÓREA.

Já mencionamos a rainha da Inglaterra, Maria, a Católica, esposa de Felipe II da Espanha. Durante seu reinado, Dr. John Dee foi preso por conspirar para o partido protestante. Da prisão o tirou, em 1558, a rainha Isabel I, confiando-lhe então várias missões diplomáticas no continente, ocasião que o sábio aproveitava para procurar manuscritos de Alquimia, de cuja coleção era aficionado entusiasta.

Em 1563, estava cumprindo uma missão secreta nos Países Baixos espanhóis, relacionada com o movimento de independência que a Inglaterra encorajava ali, quando teve conhecimento de que um velho judeu possuía certos manuscritos muito valiosos dos quais ele se desfaria por uma quantia substancial de dinheiro.

Era um judeu português chamado ISAAK LAKEDEM que tinha chegado com toda a família à Flandres, após a expulsão em massa que decretou, em 1497, o rei D. Manuel I, o Afortunado. A maioria de seus irmãos de raça, e até mesmo sua própria família, seguiram viagem para Amsterdã, cidade que em pouco tempo seria conhecida como A NOVA JERUSALÉM; mas Isaak permaneceu muitos anos em Bruxelas. Esta condição lhe foi concedida graças à sua condição de erudito bibliotecário pois, em 1500, data em que a sua família abandonou Lisboa, era arquivista da TESOURARIA do rei JUAN II. Esta profissão - e a ajuda de numerosos judeus "convertidos" que ocupavam altos cargos na corte flamenga de Filipe, o Belo -, permitiu-lhe ocupar um posto de bibliotecário real em Bruxelas, prévio passo, "por um tempo" à condição de MARRANO.

Seu zelo e evidente capacidade o tornaram famoso e muito apreciado em Flandres, razão pela qual se lhe permitiu permanecer por mais de meio século. À data em que John Dee chegou a Antuérpia, Isaak LAKEDEM tinha mais de oitenta anos, mas ainda era responsável por uma biblioteca real. Vivia agora no gueto, - nessa Flandres calvinista e independentista do século XVI, já não representava um perigo maior ser judeu, por isso Isaak logo voltou aos seus costumes e vestimentas levíticas, e tinha colocado "discretamente" à venda certos manuscritos de “sua propriedade”. John Dee compreendia o risco que se supunha em uma aquisição desta natureza, uma vez que tais manuscritos eram, com certeza, roubados dos arquivos reais; a menos que o hebreu tentasse enganá-lo com alguma falsificação, prática que costumava

realizar com incautos ou "aprendizes de alquimistas". Mas John Dee era um especialista e não seria facilmente enganado.

Porém, a desconfiança o invadiu quando se viu diante do velho bibliotecário de aspecto rabínico. Parecia incrivelmente velho, impressão acentuada por sua negra casaca rajada e um chapéu coco, do qual emergiam dois olhos cansados e uma espessa barba crespa. Manifestou que precisava do dinheiro para se aposentar e viver seus últimos anos com seus parentes que viviam na Holanda, já que todos os seus rendimentos haviam sido consumidos por sua paixão pelo estudo das ciências ocultas. Ao perceber que suas explicações não faziam mais do que aumentar as dúvidas de seu interlocutor, decidiu ser mais explícito e disse:

- Vejo, Senhor, que sois uma pessoa muito desconfiada. Fazei bem, pois estes tempos são muito difíceis e poderiam abusar de vós. Mas esse não é o meu caso. Tudo que vos disse é verdade; e se concordo em vender-vos um tesouro tão grande como o que lhe ofereço, deve-se a que convém aos meus interesses realizar a transação com um britânico.

Esta alusão à sua condição de estrangeiro afirmou ainda mais a John Dee a convicção de que os manuscritos eram roubados. O velho, sem prestar atenção ao efeito que produziam suas palavras, continuou falando:

- Contar-vos-ei uma história, senhor, que talvez dissipe vossas dúvidas. Há muitos anos, mais de quarenta, foi preso e encarcerado em Bruxelas um sábio alemão chamado HEINRICH CORNELIUS AGRIPPA VON NETTESHEIM. Uma conspiração havia se abatido contra ele em 1531, pois até esse momento gozava da proteção da regente Margarita Habsburgo, falecida em 1530, que era filha do Último Cavaleiro, o Imperador Maximiliano I. Assim foi como, em 1531, graças às múltiplas denúncias que franciscanos e dominicanos faziam a Carlos V, mas especialmente pela intervenção de nossos rabinos tradicionalmente fortes na Holanda, que Cornelius Agrippa foi enviado para a prisão. A mim coube um miserável papel nessa conspiração, da qual não me arrependo, porque meu rabino afirmava que encontrávamos ante o mais terrível bruxo, inimigo declarado da verdadeira religião, à qual tinha que destruir sem misericórdia. Quando Agrippa caiu, tive a missão de requisitar seus numerosos livros e manuscritos para serem confiscados em favor da biblioteca real, mas secretamente recebi a ordem de queimar tudo. Aqui foi onde cometi o único pecado que me atormenta desde então - os olhos do velho judeu estavam estranhamente brilhantes agora.

Continuou falando desta maneira:

- Não cumpri o que me foi ordenado; e não só conservei aqueles escritos blasfemos, senão que tentei em vão decifrá-los em todos esses anos. Deveis saber, senhor, que sou um cabalista habilidoso, um discípulo de Johanes Reuchlin, e que toda a minha ciência nada pôde contra a misteriosa codificação dos manuscritos de Agrippa. Por isso eu vos vendo, porque necessito de vosso dinheiro e porque confio em que sendo vós um simples GOY não podereis decifrá-lo. Mas vos digo isso pois não desejo enganar-vos.

Parecia que o velho procurasse alguma desculpa para não se desfazer dos escritos. Mas John Dee considerou que essa atitude correspondia a um ardil do astuto judeu para criar uma aura de mistério que lhe permitisse subir o preço ou pechinchar o mesmo, como é costume entre os de sua raça.

"Dizei-me", disse John Dee, "como é possível que, ao ser libertado, Agrippa não tenha reivindicado aquilo que lhe pertencia?

- Oh! – Exclamou o judeu, estupefato- Heh, heh, heh. Vós não compreendeis, senhor. Agrippa foi tratado com certas drogas no cárcere. Drogas terríveis, que distorcem a razão. Isso foi feito por seus compatriotas, senhor, os sacerdotes irlandeses que vieram especialmente para interrogar Agrippa. Quando eles o deixaram, estava completamente louco. E o esteve, até que faleceu em 1535. Não deveria ter se metido com ELES, senhor! Não!

John Dee percebeu que o judeu delirava, pois com os olhos dilatados de terror, continuava falando sem reparar mais em seu interlocutor.

- Nós somos poderosos, mas os FILI também o são! Heh, heh, heh, oh sim! ELES são poderosos e terrivelmente implacáveis. Torturaram a mente de Agrippa até enlouquecê-lo, valendo-se de sua droga que ABRE A PORTA DA ALMA...

ISAAK LAKEDEM apresentava agora um aspecto lamentável. Os olhos desorbitados e uma espuma branca escorrendo pelos cantos da boca até encharcar a rabínica barba. O sábio inglês ficou olhando-o em silêncio, com expressão compassiva. Minutos depois, já recuperado, o velho esboçou, sem muita convicção, uma desculpa.

- Deveis perdoar-me, senhor. O segredo guardado todos estes anos deve ter me transtornado, e falei sem pensar no que dizia. Ajeitou o chapéu e clareando a voz exigiu agora, em tom imperativo – Bem, está disposto a levá-los ou não? Respondei-me neste momento, pois sinto que minha saúde piora e creio que amanhã mesmo empreenderei uma viagem até a casa de meus irmãos que moram em Amsterdã.

John Dee, que não acreditava em nada do que tinha ouvido, temia ser vítima de um engano; pois, por algo que não conseguia discernir, tinha a

impressão de que o judeu não desejava realmente vender. Descartava que o temor fosse o motivo, além disso, temor a quem? Ninguém sabia o que tinha para vender. E essa absurda alusão aos FILI? John Dee conhecia, como qualquer inglês culto, mil histórias sobre os Fili da Irlanda, Escócia e País de Gales. E todas elas falavam bem dos bondosos Druidas, magos celtas que os conduziam e ajudaram-nos quando os saxões, os ingleses, os noruegueses, os suecos, os dinamarqueses, os normandos e os romanos tentaram destruí-los. O que significava essa alusão do judeu? Certamente delirava.

"Bem, senhor Lakedem, veremos em seguida se podemos fechar negócio" - afirmou John Dee - mas devo avisar-vos que eu possuo todas as obras de Cornelius Agrippa, embora poderia me interessar um manuscrito original da GEHEINE PHILOSOPHIE. O que não compreendo totalmente é o vosso comentário de que uma obra tão importante foi escrita em código. Segundo meus informes, Agrippa jamais escreveu um livro completamente em código. Fez, em 1517, um tratado sobre a Cabala Hebraica e a forma de decifrar chaves, mas ele mesmo não utilizava nenhum sistema para escrever secretamente, ou...?"

- "Heh, heh, heh" - a risada do velho hebreu soou como um cacarejar de franga - vejo que conheceis o assunto de que falei no começo. Sim senhor; bem dizeis ao supor que o sábio de Colônia não escrevia em código. Mas a obra que lhe ofereço não é de Agrippa, mas de um bruxo mil vezes mais poderoso do que Cornelius Agrippa. Trata-se de oito livros manuscritos do Abade TRITHEIM, que contém o conjunto de segredos mais terríveis que se tenham escrito, desde que o anjo RAZIEL entregou seu livro a Adão. Que Raziel e Miguel afundem Tritheim na GEENA!"

ISAAK LAKEDEM finalmente disse algo que despertou o interesse de John Dee. Como todos os alquimistas de sua época, estava a par da famosa obra do Abade Tritheim, a qual se acreditava perdida desde 1516. A história que o judeu contava tornava-se agora convincente; e John Dee achou que valia pena arriscar-se a comprar uma falsificação, ainda que existisse apenas uma chance em mil de que a obra fosse autêntica.

Após pechinchar alguns minutos, o negócio foi fechado: dez libras de ouro por um baú de manuscritos. O sábio inglês logo perceberia que havia realizado uma operação extremamente vantajosa; pois a aquisição, se possível fosse avaliar pelo seu valor espiritual, certamente valia milhares de vezes o preço pago.

O baú de Agrippa continha manuscritos da maioria de suas obras, embora muitas não fossem de sua própria mão, mas feitas por hábeis copistas, incluindo o livro que, em 1517, dedicara à regente Margarita, sua protetora, no qual exaltava a beleza feminina. Também havia textos de outros autores sobre alquimia, astrologia e ciência hermética. Mas o mistério era, sem dúvida, o pacote de fino couro, que continha os oito tomos manuscritos da ESTEGANOGRAFIA DE TRITHEIM e uma carta deste dirigida a Agrippa.

Jean de Heindemberg, conhecido por seu pseudônimo TRITHEIM, nasceu em 1462 no povoado de TRITTENHEIM, Renânia-Palatinado. Durante sua juventude, pertenceu a uma Sociedade Secreta chamada SODALITAS CELTICA (confraria celta) à qual pertenciam alguns ocultistas renanos de origem celta como CONRADO MEISSEL, apelidado de CELTES PROTUCTUS ("o primeiro dos celtas", título que revela claramente sua filiação druídica). Também havia nela germânicos puros, como um tal Rodolfo Huesmann - "Agrícola" - ou Juan de Dalberg - "Juan Camerarius" - ; professores famosos, como Jacques Wimpfeling e até um judeu "renegado", Pablo Ricci, que ensinava cabala aos membros da sociedade.

Se Tritheim percebeu o perigo a que se expunha um espírito hiperbóreo esclarecido como o seu, em uma SODALITA CELTICA, infestada de judeus e Druidas, é algo que devemos duvidar, uma vez que suas imprudências o levaram, mais adiante, à ruína. De qualquer modo, Tritheim ingressa, com 20 anos de idade, na Ordem de São Benito. Esta Ordem, merece, por si só, um estudo à parte, pelo que deixamos essa tarefa para outra ocasião, e consideramos agora que, no mosteiro de SAN MARTIN, em APANHEIM, aos 23 anos, Tritheim será nomeado Abade. Ali começa sua famosa - e trágica - tarefa de formar a biblioteca de manuscritos mais completa da Alemanha. Também escreve bastante; mas sua obra mais importante para o nosso relato é, naturalmente, a Esteganografia.

Em 1499, devido a uma carta que Tritheim, insensatamente enviou ao sacerdote carmelita ARNOULD BOSTIUS e que chegou ao destino quando este já tinha morrido, fez-se pública a existência da Esteganografia. Na carta, cuja cópia o próprio Tritheim publicou, anos depois, em seu livro POLIGRAFIA, descrevem-se os portentos que se poderiam alcançar se se estudassem os oito tomos e se seguiam as regras: domínio de qualquer idioma da terra imediatamente; domínio da criptografia em qualquer língua, de maneira tão perfeita que ninguém que não estivesse no segredo poderia decifrar; domínio de técnicas para dirigir telepaticamente os povos; domínio de técnicas de comunicação, a qualquer distância, por meio de certos DISPOSITIVOS LÍTICOS; domínio de técnicas para prever os eventos

futuros; domínio da Alquimia e possibilidade de aproveitar coletivamente as TRANSMUTAÇÕES; domínio da vida, possibilidade de criar o HOMÚNCULO; domínio de toda a ciência da Esteganografia, por meio de uma técnica AUTOINITIÁTICA infalível (segundo Tritheim), etc., etc.

Qualquer um pode imaginar o que ocorreu quando se soube o conteúdo da Esteganografia: uma sinistra conspiração que começou com a rebelião dos monges beneditinos, que pertenciam a seu convento de SPANHEIM, e culminou com a proibição papal de publicar a Esteganografia, sob pena de excomunhão. Em 1505, teve que renunciar a Spanheim e à sua biblioteca, e ir, em 1506, submissamente, ao Mosteiro de SAN JAIME em WURZBURGO.

De onde ou de quem Tritheim obteve o formidável conhecimento vertido na Esteganografia?

Ele o conta na Poligrafia, um livro que escreveu em Wurzburgo, entre 1506 e 1508: "alguns anjos" lhe revelam "A MANEIRA DE OBTER CONHECIMENTO POR SI MESMO."

Para nós está claro. Tritheim, virya desperto, é treinado pelos Siddhas Hiperbóreos sobre a maneira de LER os livros dos Nove Desconhecidos. Desses nove livros, talvez pela primeira vez em muitos séculos, Tritheim resumiu e copiou a ciência de oito deles em sua Esteganografia.

Conhecemos a existência da Sociedade dos Nove Desconhecidos, principalmente pelo relato que fez de seu contato com ela o rei ASOKA da Índia, em 273 antes da era cristã. Estes nove Desconhecidos teriam a missão de "guardar" para que a humanidade fizesse um "bom uso" da inteligência. Para cumprir sua benemérita missão, estes "santos guardiões" contam com nove livros, cada um com o seu, os quais teriam a insólita propriedade de não estarem TERMINADOS, senão que permanentemente ESCREVE-SE SOZINHA nova sabedoria neles.

A partir de ASOKA muito se falou, com terror e admiração, sobre esta Sociedade Secreta nos países e reinos da Ásia, mas apenas no século XIX sua existência foi divulgada no Ocidente, especialmente pela obra do embaixador francês LOUIS JACOLLIOT e do policial inglês TALBOT MUNDY. Porém, em que pese o caráter "desconhecido" de seus membros, a Sociedade dos Nove vem atuando no Ocidente desde a Idade Média com intervenções de diversos tipos e o “envio” de “adeptos” para cumprir missões obscurantistas. O famoso "papa do ano mil", Silvestre II, "o Druida", tinha estado a serviço deles, para citar um exemplo entre centenas.

Também existe uma relação entre a Sociedade dos Nove e o assunto do "Reino do Preste João", do qual voltaremos a falar em outro capítulo. Por fim, notemos que o poder e a impunidade desta Sociedade Secreta de “Desconhecidos” evidentemente podem impressionar alguns espíritos fracos e efetivamente o conseguem em muitos casos, de acordo às táticas sinárquicas.

Nós não fazemos parte da legião de incautos que servem os Nove “Desconhecidos” e se se considera que sua guarida se chama Chang Shambala, certamente já serão mais "conhecidos" por todos. Porque estes Nove formam o Conselho Superior da mais sinistra organização de EXECUÇÃO que a Sinarquia possui, cujos “comandados” são conhecidos ultimamente como MEN IN BLACK, ou Homens de Negro (M.I.B. ou H.D.N.).

Seus livros mágicos? São transdutores de pedra (isto é: de "estado sólido") sintonizados para ressoar com os chamados "registros" ou "memórias" da Terra, quer dizer, com o Inconsciente Coletivo Psicoide do planeta vivente. Foram roubados da Atlântida pelos Siddhas da Face Tenebrosa como parte de um saque maior - patrimônio de toda a humanidade - zelosamente guardados agora pelos M.I.B. Por intermédio de tais instrumentos líticos, livros, em certo sentido, pode-se obter um imenso saber ou penetrar em muitos segredos terríveis, dos quais o mais espantoso é o que revela a origem do homem hiperbóreo ou virya na Terra, seu encadeamento espiritual à matéria e o engano, o Grande Engano, ao qual se o submete, fazendo-o acreditar que pecou naquele tempo primordial em que habitava em um paraíso perdido. O ÚNICO PARAÍSO, A ÚNICA IDADE DE OURO QUE OS VIRYAS CONHECERAM CHAMA-SE THULE, E NÃO TEM NADA A VER COM O CRIADOR DO SISTEMA SOLAR, NEM ESTÁ NESTE UNIVERSO MATERIAL.

A Thule original é a Pátria do Espírito e só pode ser PRESSENTIDA com a conquista da Minne sanguínea. O Vril, somente, permite RECORDÁ-LA; mas este CENTRO é patrimônio exclusivo dos Siddhas; e para possuí-lo o virya deve transmutar-se em hiperbóreo imortal. Mas, em qualquer caso, o mais maravilhoso que implica a RECORDAÇÃO da Thule primordial é que quem deseje VÊ-LA, e inclusive retornar a ela, deverá CRIÁ-LA com a POSSIBILIDADE ABSOLUTA que o Siddha possui. E este é o maior mistério do Vril.

Quem impede aos viryas o retorno, quem os afundou na matéria, quem criou o Grande Engano, quem caluniou horrivelmente Cristo Lúcifer e o cobriu de blasfêmias? O Demiurgo Jeová-Satanás. POR ISSO O NONO LIVRO É O QUE NINGUÉM ABRE: porque permite ver o “rosto” do Demiurgo,

“Sua Obra” e “Ele” mesmo, panteisticamente difundido na “criação”. E se assegura que ninguém que esteja encarnado poderia contemplar Sua Face e continuar vivendo. E mesmo morto teria paz quem desceu a semelhantes negrores infernais do espírito. Quem quer que abra o nono livro se arrisca a uma loucura perpétua, a um grito de terror eterno, a uma angústia trágica, horrível, indizível, sem consolo ou alívio.

Mas não temamos por Tritheim: ele não abriu o nono livro. Porém, seu "pecado" era grande, pois havia pousado o olhar, esse límpido olhar espiritual dos hiperbóreos, ante o qual os sinarcas tremem de ódio, nos outros livros, lendo neles um saber zelosamente ocultado por milhares de anos. E essa audácia não se poderia perdoar. Por enquanto, é tirado de circulação e enviado a Wurzburg; mas isso não basta: é preciso destruir a Esteganografia e as cópias de algumas partes dela que Tritheim se permitiu tomar enquanto estava em Spanheim. Para cumprir essa tarefa, dedicaram-se com esmero uma enorme quantidade de personagens sinistros, entre os quais se destacam muitos membros da ordem beneditina, a mesma à qual Tritheim pertence. O prior de Wurzburg é atacado de todos os ângulos, situação estratégica negativa que, entretanto, tem a vantagem de permitir individualizar o inimigo. Consequentemente, não tarda em entender que a Ordem de São Benedito é ordem de Druidas; e percebe, já tarde, muitos perigos que em sua juventude, quando pertencia à SODALITAS CELTICA, não tinha suspeitado.

Mas o sábio prior de Wurzburg agora é um Siddha Hiperbóreo e, portanto, está incorporado à Guerra Cósmica; quer dizer, compreendeu a Estratégia Hiperbórea e encontra-se habilitado para elaborar as táticas que permitam contrapor a ofensiva sinárquica. A primeira coisa em qualquer estratégia é "fixar os objetivos"; e por isso seu principal lema era "defender a Esteganografia da fogueira inquisidora e rever uma maneira de que o conhecimento contido na obra se perpetue para seu futuro emprego em benefício da humanidade". Para cumprir essas metas, decide chamar outros viryas hiperbóreos em sua ajuda, utilizando, para localizá-los, seus conhecimentos da Mística Hiperbórea - um tópico que veremos desenvolvido ao estudar a Estratégia Psicossocial - procurando produzir neles a VINCULAÇÃO CARISMÁTICA.

O primeiro que acode é Agrippa von Netterheim, de 23 anos, um virya hiperbóreo ansioso em colaborar com Tritheim, possuidor de uma preparação intelectual realmente superior. É o ano de 1510 e Tritheim pressente que lhe resta pouco tempo de vida. Com essa convicção, decide acelerar as coisas e

encarrega Agrippa de realizar uma obra sobre Filosofia Oculta, não sem antes de treiná-lo na criptografia e fornecendo-lhe as “mensagens” que deveria inserir nela, destinadas a outros viryas hiperbóreos da “aurea catena”. Esta é a realidade que John Dee ignorava da obra de Agrippa, apesar de ser ele mesmo especialista em criptografia, por desconhecer as chaves necessárias para decifrar o texto durante a época em que o leu e o traduziu ao inglês.

Em 1515, Tritheim decidiu que o virya mais adequado para legar a Esteganografia era Agrippa, o que constitui uma nova imprudência; pois o sábio de Colônia, após sua Filosofia Oculta em cujo prólogo elogia Tritheim e publica uma carta deste, esteva igualmente em evidência ante a Sinarquia.

Talvez uma melhor escolha tivesse sido o jovem TEOFRASTO, quem, desde 1513, recebia instrução do prior de Wurzburg. Mas Teofrasto, cujo nome verdadeiro era PHILIPPUS AUREOLUS THEOPHRASTUS PARACELSUS VON HOHENHEIM, ou simplesmente PARACELSO, só contava com 20 anos em 1515, e embora fosse um virya desperto tão capaz quanto Agrippa, não pareceu a Tritheim que em suas mãos estivesse segura a Esteganografia. Já conhecemos o fim que CORNELIUS AGRIPPA teve, em mãos dos Druidas, judeus e católicos. O de Teofrasto Paracelso não foi melhor, pois muitos anos depois destes fatos que estamos narrando, em 1541, sendo muito famoso como médico e alquimista, morreu assassinado em Salzburgo por “desconhecidos” que revistaram cuidadosamente seus pertences.

Teofrasto Paracelso foi executado por agentes da Sinarquia em 1541; e cabe se perguntar se Tritheim não havia previsto seu triste fim valendo-se de seus muitos recursos esotéricos. A ser assim, deve-se considerar acertada a escolha de Agrippa como depositário da Esteganografia, e a "imprudência" de Tritheim não seria mais do que uma tática hiperbórea muito habilidosa. Nós acreditamos que Tritheim encontrou uma maneira de "desviar" a atenção da Sinarquia para Teofrasto Paracelso, permitindo, de um modo misterioso, que a Esteganografia "chegue" até John Dee. A história de Teofrasto é muito longa e interessante, mas não podemos deter-nos nela mais do que o imprescindível. Recordemos apenas que após a morte de Tritheim, em 1516, desata-se uma perseguição tenaz contra Teofrasto que o priva muitas vezes de suas cátedras e determina a proibição de seus livros, mas que, entretanto, jamais consegue basear-se em uma acusação formal que culmine na fogueira. Seus inimigos não têm escolha a não ser assassiná-lo sem ter encontrado o que presumiam estar em seu poder.

Seja como for, o certo é que o sábio prior de Wurzburg realizou uma jogada que por último tinha que salvar a Esteganografia: faz uma cópia secreta para enviar a Agrippa e entrega o manuscrito original ao Eleitor do Palatinado, Felipe, para que o conserve "até que a Santa Sé emita uma decisão definitiva sobre a obra". Poucos anos depois, esta obra foi queimada pelo conde Frederico II do Palatinado, filho de Felipe, a pedido do bispo dominicano, encerrando assim o capítulo oficial da história da Esteganografia, considerada definitivamente perdida, após essa santa incineração.

No baú de Agrippa, que o Dr. John Dee adquiriu, estava a cópia secreta da Esteganografia e uma carta de Tritheim onde, após relatar parte das desventuras aqui expostas, rogava ao sábio de Colônia que conservasse os manuscritos no maior segredo, até quando os "Superiores" enviassem quem merecia tê-los. Também proibia Agrippa, lembrando-o de um certo juramento feito em Wurzburg, de fazer outras cópias do escrito. Estas instruções foram, felizmente, respeitadas por Agrippa e, se pensamos que, por sua própria obra, Filosofia Oculta, foi perseguido, preso e finalmente reduzido à loucura, podemos nos perguntar o que teriam feito seus inimigos se soubessem que possuía uma cópia da Esteganografia. Mas as coisas aconteceriam de outra forma: a aurea catena tinha vinculado carismaticamente o virya inglês com a obra de Tritheim e sua leitura lhe permitiria elevar-se aos mais altos cumes da Sabedoria Hiperbórea. E estes dois grandes homens, Tritheim e John Dee, separados por poucos anos na história, lançam as bases do movimento espiritual que, quinhentos anos mais tarde, provocará um NOVO SALTO na humanidade. UM SALTO MUTANTE que ocorre a cada setecentos anos - o anterior foi o que impulsionaram, no século XIII, Federico II Hohenstauffen e os cátaros do Languedoc francês – mas que, desta vez, será definitivo e dará fim ao Kaly Yuga. Pois, então, os povos da Terra terão a imensa dita de contar com o Führer dos germânicos, um Siddha imortal que travará a Guerra Total contra a Sinarquia, após a qual sobrevirá o MILÊNIO HIPERBÓREO e a PARUSIA DE CRISTO-LÚCIFER. O Führer abrirá novamente os olhos do virya para que consiga encontrar o caminho do retorno e o percorra com armas na mão, combatendo cara a cara contra o vil inimigo Jeová-Satanás.

NOÇÕES ELEMENTARES SOBRE A SABEDORIA HIPERBÓREA

I.

É possível que, ao tomar conhecimento dos detalhes significativos da vida dos viryas que intervieram na história secreta da Thulegesellschaft, tal como os apresentamos até agora, retrocedendo ao século XVI e ainda mais para trás, NÃO SE CONSIGA VISUALIZAR COM CLAREZA O "NEXO" QUE OS UNE. Quer dizer, como conseguem se conectar? O que os guia? Isso ocorre os viryas possuem um elemento comum? Será esse elemento comum algo cultural, como, por exemplo, os conhecimentos esotéricos? É um fato que todos os viryas eram esotéricos: isso não significa que compartilhavam uma Doutrina Secreta e que uma relação mestre-discípulo, relacionada com tal Doutrina Secreta, seria o nexo buscado? Todo este RACIOCÍNIO constitui um erro; e como se trata de um erro perigoso, tentaremos dissipá-lo antes para seguir adiante com a história de John Dee e o espelho da Princesa Papan.

Existe uma postura generalizada que consiste em buscar, mediante o recurso racionalista da COMPARAR a obra e o pensamento dos viryas, uma suposta Doutrina Secreta da qual TODOS deveriam ter participado. Os resultados de tais tentativas UNIFICATÓRIAS não podem ser mais absurdos, especialmente porque FORÇAM os fatos com o objetivo de que JUSTIFIQUEM conclusões dogmáticas postuladas a priori, quer dizer, pré-concebidas.

Mas a verdade é que NÃO existe tal "Doutrina Secreta" nem tal "esoterismo comum" para os viryas, porque todos eles são individualmente "esotéricos". Esta afirmação pode parecer um paradoxo, mas, em seguida, veremos que não é assim.

Não obstante as dificuldades que apresenta sua interpretação, o problema é real e pode ser colocado formalmente, para sua elucidação, como segue: qual é o NEXO que vincula os viryas que intervêm na história secreta da Thulegesellschaft? Trata-se de uma Doutrina Secreta esotérica, cujo conhecimento torna os viryas CONFRADES de uma Sociedade Secreta, tal como ocorre nas organizações da Sinarquia?

Uma primeira resposta pode se encontrar em nossa dissertação anterior, quando comparamos a Thulegesellschaft com as Sociedades Secretas da Sinarquia e falamos dos CÍRCULOS FECHADOS. Levando em conta esse ensinamento, pode-se considerar que os viryas (Tritheim, Agrippa,

Teofrasto, John Dee, etc.) formavam um CÍRCULO FECHADO cujo CENTRO CARISMÁTICO era um Divino Hiperbóreo. Esta resposta é CORRETA, mas insuficiente, pois, por exemplo, não fornece INDÍCIOS para superar o paradoxo citado anteriormente: os viryas são "esotéricos", mas - afirmamos - NÃO EXISTE um "esoterismo comum" que sirva de nexo entre eles. Mas como só a observação racionalista de realizar "análises comparativas" é responsável por esse aparente paradoxo, ampliaremos esta resposta valendo-nos de alguns conceitos da Sabedoria Hiperbórea. Para começar, consideremos que do fato de que "todos os viryas são esotéricos", a mentalidade racionalista tenta extrair uma lei inflexível: "o esoterismo comum". E a verdade é que "o fato de que todos os viryas são esotéricos" NÃO IMPLICA EM QUE ESSE DEVA SER O NEXO QUE OS UNE; mas aceitar esta conclusão sem refletir pode nos levar a buscar OUTRA EXPLICAÇÃO PARA O FATO DO NEXO. O que seria outro erro, já que a atitude mais correta é não buscar EXPLICAÇÃO ALGUMA.

Pois só a AUREA CATENA pode se distinguir como um fator de vinculação entre os viryas, mas ele é ABSOLUTAMENTE TRANSCENDENTE e não se deixa representar: SÓ PODE SER INTUÍDO. Fora disso, é inútil tentar estabelecer semelhanças. Não há uma filosofia nem Doutrina Secreta comum; nem pertencem a uma Sociedade Secreta; nem sabem, muitas vezes, que outros PROCURAM O MESMO que eles, e muito menos QUANTOS SÃO. Porém, todos coincidem sincronisticamente no ETERNO RETORNO e por isso se encontram em certas circunstâncias históricas.

Há um sentido hiperbóreo comum nos fatos que os viryas de nossa história protagonizam, mas este sentido, esta intenção, esta tendência à mutação, NÃO É UMA CATEGORIA LÓGICA, MAS ESTRATÉGICA. Não pode se apreender com a razão, porque não é racional; mas tampouco é irracional. Há aqui outro paradoxo, o que é JUSTO E NECESSÁRIO, e já veremos em seguida por quê.

Uma estratégia é um MEIO, ou o planejamento dos meios, para obter um FIM. Na guerra, a estratégia é o conjunto total de medidas de que se devem dispor para obter sucesso, ou seja, "impor nossa vontade ao inimigo". Para os viryas hiperbóreos está CLARO E PATENTE que existe uma guerra cósmica e que todos nós estamos comprometidos nela. A CONFUSÃO DE SANGUE de que padecem os viryas perdidos é também uma AÇÃO DE GUERRA, uma AÇÃO TÁTICA SATÂNICA, para impedir o DESPERTAR, o REGRESSO À ORIGEM e a LIBERAÇÃO DO GRANDE ENGANO. Por isso

dizemos que TODA AÇÃO DOS VIRYAS HIPERBÓREOS É UMA CATEGORIA ESTRATÉGICA e que, enquanto não se possua uma clara visão das estratégias em jogo, não é possível INTERPRETAR tais ações.

Quando um povo se encontra coletivamente identificado com uma filosofia ou religião, chegando ao extremo de regular a vida cotidiana de acordo com normas, preceitos ou leis emanados de tal filosofia ou religião, dizemos que elas constituem um “modo de vida” para aqueles que as praticam. Assim, dizemos "o budismo é um modo de vida", ou "regem sua vida pelo Decálogo de Moisés", ou "os neoplatônicos viviam de acordo com a filosofia estoica”, etc. De maneira análoga, pode-se considerar que A ESTRATÉGIA É O MODO DE VIDA DO VIRYA HIPERBÓREO.

E se, quando vemos um monge mendicante da Índia meditar por longas horas e cumprir todos os ritos budistas, dizemos "vive todos os minutos de sua vida de acordo com sua religião e ela está sempre presente nele”; também, analogamente, devemos dizer "o virya hiperbóreo vive todos os minutos de sua vida de acordo com a Estratégia Hiperbórea, e ela está sempre presente nele, indicando-lhe o caminho do retorno".

Para tornar mais claras estas afirmações, consideremos brevemente os hipotéticos passos que um virya perdido seguiria para encontrar o caminho do retorno. Far-se-á assim evidente que tais passos nada mais são do que MOVIMENTOS TÁTICOS, quer dizer, categorias estratégicas:

II.

Inicialmente, o virya está PERDIDO. Contribui para perpetuar esse estado a Estratégia Satânica, cuja tática principal se baseia na CONFUSÃO; em criar confusão ou aumentar a existente.

Deve-se ter presente aqui a seguinte regra: PARA A SINARQUIA, “A CULTURA” É UMA ARMA ESTRATÉGICA.

O virya procura ORIENTAR-SE e para isso se coloca em ALERTA. Esta é a primeira categoria estratégica incorporada à vida cotidiana. O permanente estado de ALERTA o levará, finalmente, a duvidar da realidade, de sua aparência sensível e a desconfiar da razão e do racional, que se revelarão como cúmplices do Grande Engano. Nessas condições, é possível DESPERTAR, tornar-se um VIRYA DESPERTO mediante a experimentação de uma NOSTALGIA por OUTRO MUNDO.

Esse mundo primordial que se intui, e que atrai com a força do retorno, é a Pátria do Espírito e sua A RECORDAÇÃO ESTÁ CONTIDA NO SANGUE. Tinha sido ESQUECIDO e esse esquecimento causou a perda de orientação,

a confusão e o transformou em VIRYA PERDIDO. Mas, ao experimentar a Minne, a memória do sangue, abrir-se-ão outros olhos que nunca dormem, diferentes dos olhos físicos que só veem a ilusão, e se assumirá um PERMANENTE ESTADO DE ALERTA, necessário para não ceder à estratégia inimiga e cair em uma nova e maior confusão.

Se isto ocorrer, o virya já é um SUJEITO ESTRATÉGICO do qual se pode dizer: “todos os seus movimentos visam um único fim”; “nada pode afastá-lo de sua rota"; “seu valor e intrepidez não conhecem limites"; enfim, "é um VIRYA DESPERTO".

O virya desperto irá implacavelmente ao combate contra os ELEMENTALWESSEN, sem AVALIAR O RESULTADO PROVÁVEL DE SUA LUTA, quer dizer, SEM PROJETAR-SE NO TEMPO. Só lhe interessa a ação em si, na medida em que esta contribua a exaltar sua virtude heroica ou mística até tal grau que qualquer retorno à vida comum, ao Grande Engano, se faça insuportável. Esse limite humano que só pode ser alcançado quando se despojou a mente de todo dogma, de toda moral, de todo desejo material, de todos os laços com o mundo; esse cume primordial ao qual só se pode subir no fragor do combate; essa altura espiritual inacessível para quem possua uma pitada de materialidade evolutiva, de dualidade ou de oposição à dualidade; esse ponto de NÃO RETORNO a que aludem essas sentenças e muitas outras é, com toda certeza, produto do SANGUE PURO.

Mas quando se fala em IMPUREZA SANGUÍNEA, jamais se deve confundir este conceito com o de IMPUREZA RACIAL, no sentido de mistura de raças, mestiçagem ou degradação. É certo que a mestiçagem étnica causa uma CONFUSÃO GENÉTICA e que esta aumenta a CONFUSÃO ESTRATÉGICA do virya; mas trata-se de apenas uma parte do problema e, diríamos, a menor.

A IMPUREZA SANGUÍNEA é um conceito esotérico da Sabedoria Hiperbórea que se refere ao CONTEÚDO GNÓSTICO do sangue e, claro, de OUTRO SANGUE, diferente do mero plasma linfático ou da hemoglobina. Devemos ter presente, então, que a PUREZA RACIAL é um fator favorável, mas que este, por si só, nada garante quanto à PUREZA SANGUÍNEA. E não adianta, por exemplo, um povo racialmente puro como o CELTA, se está totalmente dominado pela Estratégia Sinárquica.

Por isso, quando o virya desperto decide ir ao combate para PURIFICAR SEU SANGUE, esta atitude, por si só, o torna independente de seu grau de mestiçagem étnica e genética.

Diferente é o caso da mutação coletiva, onde o fator racial é deveras importante; pois uma COMUNIDADE DE SANGUE pode ser CARISMATICAMENTE guiada por um líder ou führer. Deste caso se trata amplamente no MANUAL DE ESTRATÉGIA PSICOSSOCIAL DAS SS (livro 4).

Os viryas despertos são vinculados carismaticamente entre si, devido à sua origem comum, por um vínculo sincronístico que chamamos de AUREA CATENA ou CORDÃO DOURADO. É um vínculo NÃO FÍSICO, inapreensível para a razão, pelo que desistimos momentaneamente de explicá-lo, ainda que mais adiante voltemos a falar dele. Por ora, diremos somente que o virya desperto, aquele que SENTIU a Minne e reverte a AUREA CATENA para a Origem, possui INCIPIENTEMENTE uma condição que o coloca ALÉM de qualquer qualificação racial ou enquadramento social. Não dizemos que esta condição o torna SUPERIOR, mas O COLOCA FORA de qualquer padrão de medida. Esta condição se denomina LINHAGEM HIPERBÓREA e remete a um conceito de RAÇA DO ESPÍRITO totalmente desconhecido para as pessoas comuns, por causa da feroz ocultação de que foi objeto.

(Falar de uma "raça do espírito" é tocar em um dos mais terríveis mistérios, o qual é o que se refere à chegada ao Sistema Solar dos Siddhas Hiperbóreos e da TRAIÇÃO cósmica perpetrada por uma parte deles. Voltaremos a esta história.)

Dizíamos que os viryas despertos possuem INCIPIENTEMENTE linhagem hiperbórea. O que queremos dizer com linhagem hiperbórea incipiente? Vejamos primeiro uma interpretação VULGAR da frase “linhagem incipiente”, antes de responder de acordo à Sabedoria Hiperbórea:

A palavra "linhagem" refere-se a ascendente familiar, ou seja, aos laços de sangue; e estes se possuem ou não, sem alternativa. Por outro lado, "incipiente" significa "que começa"; de modo que, se dizemos “Pedro, da família Pérez, tem uma linhagem incipiente”, queremos significar “Pedro COMEÇA a ter linhagem dos Pérez”; o que só pode se referir a alguma CARACTERÍSTICA dos Pérez que os distingue e que se destaca nitidamente nos membros da estirpe; quer dizer, um PERFIL FAMILIAR HEREDITÁRIO que COMEÇA a se manifestar em Pedro, ou que Pedro representa incipientemente.

Portanto, falar de LINHAGEM de uma pessoa não consiste em aludir ao mero fato de pertencer a tal ou qual família; senão que implica todo um universo de raças, qualidades e estilos que tendem a formar um TYPO familiar bem definido. JAIME DE MAHIEU opina a respeito: “A existência de tal TYPO não se pode negar nas linhagens homogêneas. A própria linguagem

comum o admite, quando recorre à expressão ‘ar de família’. A história conhece linhagens de artesãos, camponeses, industriais, artistas, estadistas, chefes de guerra, etc. A LINHAGEM É, PORTANTO, UM CONJUNTO BIOPSÍQUICO HEREDITÁRIO DIFERENCIADO."

É pueril destacar esses conceitos que, há poucos séculos atrás, eram unanimemente conhecidos, mas aos quais a bolchevização universal, iniciada com a Revolução Francesa, suprimiu da “cultura ocidental”. (“Para a Sinarquia, 'a cultura' é uma arma estratégica”.) Porém, ainda é possível observar que naqueles domínios não massificados da atividade humana, quer dizer, onde é imprescindível contar com alguma habilidade ARTESANAL, continuam se impondo as leis da linhagem. "Na ordem humana - diz Jaime de Mahieu - é bem conhecido, embora colocado em dúvida pelos negadores da herança de caracteres adquiridos, que várias gerações são necessárias para formar um bom trabalhador em certos ofícios difíceis, a vidraria, por exemplo. Temos mais confiança, a esse respeito, no testemunho, e sobretudo na prática, dos industriais que confirmam a realidade do fenômeno, do que nas afirmações dos cientistas teóricos. Além disso, não se contradiziam esses transformistas do século passado que, enquanto negavam a herança de hábitos, fundamentavam sua teoria da evolução das espécies em uma modificação paulatina das gerações, sob o efeito do meio, modificação esta que não poder-se-ia efetuar senão graças à transmissão hereditária dos progressos realizados? "

Sabemos agora que uma linhagem pode ser incipiente EM UM INDIVÍDUO se este representa fracamente as características do TYPO familiar. É um conceito que inclui a ideia de DESENVOLVIMENTO ou EVOLUÇÃO: há um TYPO e um caminho de diferenciação biológica para o TYPO. Quer dizer, um SER e um CHEGAR A SER. Por isso, a REALIZAÇÃO DA TENDÊNCIA familiar é a melhor adaptação de um membro à figura do "tipo", ou ao "arquétipo" metafísico que o sustenta e do qual (o tipo) é sua expressão visível.

Vamos responder agora à pergunta sobre a incipiente linhagem hiperbórea que possui um virya desperto, utilizando conceitos da Sabedoria Hiperbórea. A linhagem hiperbórea não reconhece TYPOS. Porém, analogamente ao caso da linhagem familiar, existe uma TENDÊNCIA no virya que o impulsiona para uma REALIZAÇÃO. Esta TENDÊNCIA emerge do sangue puro, da Minne, e a REALIZAÇÃO à qual visa se obtém por um caminho inverso, indo para trás, buscando a origem hiperbórea do espírito.

Não há aqui, como no caso de Pedro Pérez, um chegar a ser algo determinado, a formação de um TYPO; pelo contrário, no caminho inverso, ocorre a DISSOLUÇÃO DE TODO TYPO, culminando o processo em uma súbita INDETERMINAÇÃO ONTOLÓGICA. Indo pelo caminho inverso do retorno chega-se FINALMENTE a um estado INCRIADO que só se pode qualificar como de POSSIBILIDADE PURA. É a REALIZAÇÃO DA TENDÊNCIA Hiperbórea (Minne) do sangue puro, que se chama espírito ou Vril. Esta REALIZAÇÃO implica na MUTAÇÃO definitiva do virya desperto em Siddha imortal e sua LIBERAÇÃO da ordem material que rege a criação. O espírito ou Vril é INDESCRITÍVEL e é prudente referir-se a ele como POSSIBILIDADE PURA. Porém, o único conceito de EXISTÊNCIA que possui a Sabedoria Hiperbórea corresponde ao Vril. Quer dizer que nada espiritual tem existência fora do Vril, e que todos os estados psíquicos intermediários devem ser reputados como ilusórios. Nada existe fora do Vril porque obter o Vril é ESTAR FORA DE TUDO. E "TODO" é o Universo do Uno, o Demiurgo ordenador da matéria, cuja substância permeia TUDO e cuja vontade SUSTENTA as coisas do mundo concreto.
Por essas razões, para a Sabedoria Hiperbórea o PASU não existe, pois sua ALMA é uma projeção da mônada hipostática que o Demiurgo PENSOU e EMANOU. A evolução só oferece um desenvolvimento ilusório do ego ou "eu", que jamais pode ultrapassar seu próprio arquétipo ou a última mônada. A alma do pasu pode aparecer como "muito evoluída" e até "grande" ou "muito santa", mas é pura ilusão; sua "existência" está sujeita aos Grandes Ciclos Cósmicos e tem fatal dissolução no PRALAYA ou MAHAPRALAYA. Ao culminar um desses Grandes Ciclos de manifestação evolutiva da matéria, ou MANVANTARA, se produz a FAGOCITAÇÃO de todo o "criado" pelo Grande Enganador e significa o fim de todos os Mestres, Gurus, Choans, Rishis, etc. Todo virya deve ter sempre presente a seguinte regra estratégica: "NÃO HÁ ALTERNATIVA POSSÍVEL DE EXISTÊNCIA FORA DA CONQUISTA DO VRIL". Quer dizer, não há OUTRA alternativa para existir à parte da mutação.

III.

Por outro lado, está o que chamamos de "Sabedoria Hiperbórea", ou seja, a Sabedoria dos Siddhas, presente em todas as épocas da humanidade. Que erro colossal seria pretender que a mesma constitui um sistema RACIONAL de conhecimento! E, no entanto, é a atitude mais comum. O racionalismo tenta sempre encontrar relações simples; para isso, compara e busca coincidências, analogias, semelhanças. Se as encontra:

estabelece leis; que devem ser, na medida do possível, infalíveis. Se não as há: então algo assim como um abismo separa as instâncias. Esta atitude, suicida, do ponto de vista intelectual, resume-se a duas palavras: ou a razão ou o niilismo.

Até os espíritos mais sutis cedem à deusa razão. Revisemos brevemente algumas das ideias, tão brilhantes como fátuas, emitidas pelos racionalistas em sua obcecada tentativa de UNIFICAR os princípios que sustentam as diferentes ciências:

Os que estudam as religiões e as COMPARAM, costumam descobrir que algo assim como uma Tradição Primordial deixou um rastro comum nos diferentes mitos. (Coisa que, por outro lado, sempre afirmaram os espíritos mais iluminados da humanidade, identificando esta Tradição Primordial com a Sabedoria Hiperbórea.) Nem bem consideraram isso, concluem ARBITRARIAMENTE que tal Tradição Primordial se refere a um ÚNICO MITO COMUM. Nada mais racionalista e absurdo do que esta hipótese que, naturalmente, jamais conseguem demonstrar, apesar das interessantes analogias simbólicas que costumam empregar em suas teorias.

Esta atitude mental é ingênua e infantil, mas, à força da generalização, é hoje "natural" ou "científica". Vejamos outros exemplos.

Se se fala de etnologia ou antropologia, busca-se uma ÚNICA RAÇA que, partindo de um "centro de difusão", chame-se Oriente ou Ocidente, Palestina ou Gobi, etc., justifique, com seus deslocamentos, TODAS as migrações conhecidas. Se se fala de religião, um ÚNICO MITO, situado em um "centro de difusão ", chame-se Atlântida ou Lemúria, ou Mu, ou Hiperbórea, ou América, ou Ásia, ou "o Norte", ou "o polo", etc., deve justificar TODA as cosmogonias religiosas e até o "esoterismo", que seria uma parte da quintessência da síntese mítica.

O mesmo acontece se falamos da origem do Universo, onde uma explosão ÚNICA, CENTRAL, é a responsável por TODO o existente; ou se nos referimos à Física, onde uma lei do CAMPO UNIFICADO, que permita deduzir TODAS as leis do eletromagnetismo e da gravidade, ainda está esperando que alguém a invente.

Esses RACIOCÍNIOS, essas ideias UNIFICANTES, são ingênuas e infantis, como dissemos. Mas, atenção: aqui "infantil" deve-se ler "próprio do pasu", pois o racionalismo que estamos descrevendo é o MODO DE PENSAR do pasu. E a tendência a unificar também é típica dos filhos de Jeová-Satanás; não esqueçamos que a culminação dessa tendência é a concepção,

também absurda e infantil, do MONOTEÍSMO, conceito que encobre a pretensão de UNIFICAR na figura do Demiurgo, "O Uno", TODAS as devoções religiosas. Porque a tendência a unificar e o monoteísmo também são TÁTICAS DE GUERRA da Estratégia Sinárquica.

Até Max Müller, cujo amor por Jeová se percebe em toda a sua obra, reparou no abuso que se fez dessa "tendência à unificação". Em "A CIÊNCIA DA RELIGIÃO", diz o seguinte: "Discutiu-se muito sobre se a humanidade começou pelo monoteísmo ou o politeísmo. Se lembrais como nasceram e se criaram as principais divindades dos Vedas e como as coisas seguiram um curso natural, simples e inevitável, talvez penseis comigo que toda essa controvérsia dificilmente merece que alguém se detenha nela, ao menos no que diz respeito aos hindus ou indo-europeus. Eu acredito que nunca se propôs por si mesma a questão, senão que é um legado dessa teoria da Idade Média de que a religião começou por uma revelação primitiva que, naturalmente, não poderia ser mais do que uma religião verdadeira e perfeita e, consequentemente, um monoteísmo. Claro que esse monoteísmo não se teria conservado mais do que entre os judeus, tendo-o abandonado as outras nações, para cair no politeísmo e idolatria, de onde emergiram mais tarde para uma luz mais pura, seja pela religião, ou pela filosofia.

"Nesse sentido - continua dizendo Max Müller - acontece com a religião o que aconteceu com a linguagem. Sem ter sequer a autoridade da Bíblia, ou qualquer outra a invocar; sem poder nem associar à sua teoria nenhuma ideia clara e definida, uma multidão de teóricos, na Idade Média, e até em nossos dias, sustentaram que também a linguagem surgiu de uma revelação primitiva. Este era o primeiro passo da teoria. Segundo passo: esta língua primitiva não pode ser outra do que do hebraico. Não se pode imaginar a erudição e inteligência que se desperdiçou em provar que o grego e o latim, o francês e o inglês, derivavam do hebraico; mas como, apesar de todas as torturas a que se submeteu o hebreu, não se lhe pôde arrancar o reconhecimento desses filhos degenerados, de fracasso em fracasso, viram-se forçados, por fim, a reconhecer que tinham que reiniciar o processo com novos dados e que ter-se-ia que reunir imparcialmente todos os testemunhos que se pudessem encontrar sobre a origem e o desenvolvimento da palavra humana. Esta informação histórica sobre a linguagem produziu uma classificação genealógica das principais línguas do mundo, que, finalmente, deu ao hebraico seu lugar de direito ao lado dos demais dialetos semíticos e,

como resultado desse fato, a questão da origem da linguagem adotou uma forma completamente nova."[10]

Nos artigos anteriores (I e II) já tínhamos denunciado que uma tentativa generalizada de justificar O NEXO CARISMÁTICO que une os viryas consiste em imaginar a existência de um presumido "esoterismo comum" ou "Doutrina Secreta". Neste artigo III, vimos como o racionalismo elabora teorias sobre a base da UNIDADE dos princípios que fundamentam as ciências. E agora devemos considerar que, por esta "tendência a unificar", quando se descobre que os viryas são "esotéricos" e que dito esoterismo se relaciona com uma "Sabedoria Hiperbórea" da qual todos eles falam, os racionalistas não podem resistir à tentação de supor, gratuitamente, que tal "Sabedoria Hiperbórea" constitui o "esoterismo comum" ou a "Doutrina Secreta" buscada. Se isto é assim, argumenta-se, dita Sabedoria Hiperbórea deve ser um "sistema de conhecimentos" ou, pelo menos, um "mito comum" que, racionalizado, dá origem a uma "Doutrina Esotérica". Esta é uma conclusão LÓGICA e, por isso, NÃO PODE SER VERDADEIRA.

Nós, ao contrário, afirmamos que a Sabedoria Hiperbórea é ÚNICA PARA CADA VIRYA em particular e, portanto, seu ensino é diferente em todos os casos, não existindo nada COMUM entre os viryas. Porém, apesar da absoluta individualidade que apresenta o conhecimento adquirido por cada virya, costumam ocorrer certas COINCIDÊNCIAS TEMPORAIS geralmente ocorrem, que levam a um contato sincrônico entre os viryas, quando eles adotaram um caminho que passa pela mutação coletiva. O serviço em favor da raça ocasiona a coincidência sincrônica entre os viryas, que protagonizam histórias como a que estamos narrando, e nas quais seria inútil tentar descobrir um NEXO físico ou cultural, fora da ORIGEM COMUM, a qual, já dissemos, é absolutamente indeterminada.

Em síntese, a Sabedoria Hiperbórea, diferente para todos, NÃO PODE SER ENSINADA, mas PODE SER APRENDIDA. Esta conclusão NÃO É LÓGICA, MAS ABSURDA e, por isso, DEVE SER VERDADEIRA.

---

[10] *MAX MÜLLER: A Ciência da Religião - Página 243- Ed. Albatros, Buenos Aires, 1945.*

Façamos um resumo final. Apresentamos o problema da falta de evidência de um NEXO ou VÍNCULO REAL entre os viryas de nossa História e da impossibilidade de considerar a Sabedoria Hiperbórea como um SISTEMA racional de conhecimento. A análise racionalista dirá que sem tais VÍNCULOS e sem tal SISTEMA nada pode existir. Temos a nosso favor o fato irrefutável de que a história PODE SER CONTADA e de que a Sabedoria Hiperbórea pode ser APRENDIDA.

Mas é necessário aprofundar mais neste problema e, por isso, no artigo IV, o abordaremos a partir de outro ponto de vista.

IV.

Essa reiteração que fazemos, voltando atrás várias vezes ao mesmo problema poderá surpreender, sem dúvida, a mentalidade racionalista acostumada a se transitar linearmente ou "avançar verticalmente" na convicção de encontrar, no final do caminho, uma ÚNICA solução, uma definitiva e imutável resposta. Mas não compartilhamos desse otimismo LÓGICO. Acreditamos que há muitas respostas para uma mesma pergunta, e que até mesmo a resposta mais simples pode adquirir profundidades insuspeitadas se for NOVAMENTE PENSADA, REPETINDO a reflexão, quer dizer, o caminho mental que lhe deu origem. Por isso temos que apresentar e responder às mesmas perguntas muitas vezes, para que, através de todas as DIFERENTES respostas que surjam, possam vislumbrar-se os conceitos da Sabedoria Hiperbórea que regem nosso pensamento. Vamos, pois, dar a volta ao círculo e formularmos novamente a pergunta inicial.

Possuir linhagem hiperbórea, já dissemos, significa, dentre outras coisas, ser algo único; não repetido nem ser repetido, o que constitui uma verdadeira INDIVIDUALIDADE ESPIRITUAL (NOUS), TRANSCENDENTE, oposta, portanto, à ilusória INDIVIDUALIDADE PSÍQUICA, IMANENTE, do pasu. Daí que, DESCOBRIR a memória do sangue, acessar a Minne, incursionar conscientemente no mistério da própria origem hiperbórea, implica em sempre viver uma nova aventura, jamais pensada ou imaginada por ninguém. A Sabedoria Hiperbórea é MUTANTE e MUDA, infalivelmente, todo aquele que recebe sua gnose. Mas essa MUDANÇA, essa MUTAÇÃO, é ÚNICA. É tão original que por isso se chama INCRIADO o destino do virya desperto, em oposição ao "destino" do pasu, que é ABSOLUTA DETERMINAÇÃO MECÂNICA.

À luz dessas considerações, podemos responder novamente à pergunta fundamental de que formulamos no artigo I. É a questão que surge

em todas as mentes racionais quando tentam encontrar um vínculo de união "esotérico" entre diferentes representantes da Tradição Hiperbórea: pode-se, pela via racional da associação ou comparação, estabelecer um VÍNCULO que ligue os "GRANDS ESPRITS" da História, encontrar um NEXO entre suas ideologias e doutrinas? ... Encontrar uma RELAÇÃO que alcance e UNA ORGANICAMENTE os símbolos sagrados que expressam seus diferentes mitos?

Vejamos primeiro como respondem a esta pergunta as mesmas mentes racionais que costumam formulá-la.

Na perplexidade e desconcerto que se seguem à descoberta de que NÃO É POSSÍVEL ENCONTRAR UM SISTEMA ESOTÉRICO que justifiquem a existência de tantos homens que VIVERAM DE ACORDO A TAL SISTEMA, vêm-lhes a resposta, a estes BEAUX ESPRITS, por dedução lógica: se não é possível APREENDER RACIONALMENTE a chamada Sabedoria Hiperbórea, que floresce aqui e ali, isso deve se atribuir a duas causas: ou tal Sabedoria Hiperbórea NÃO EXISTE ou se denomina assim a manifestações psíquicas de caráter IRRACIONAL. No primeiro caso, se não existe, então seus representantes são farsantes, simuladores vulgares. No segundo caso, se se trata de um conhecimento irracional, nossa civilização denomina de LOUCOS aqueles que o detém, uma vez que apenas a RAZÃO diferencia o homem dos animais e garante sua NORMALIDADE. Para um mundo feito sob medida para o pasu, a resposta dada será clara e categórica, então: ou farsantes ou dementes. Não há alternativa possível, e o sistema teosófico-evolucionista da Sinarquia e suas infinitas seitas, mostra o limite, miserável por sinal, até o qual se permitem chegar em suas indagações "espirituais" ou "esotéricas". Fora do "teosofismo", se é farsante, simulador, enganador, pilantra, etc., ou demente, esquizofrênico, histérico, psicótico, etc., mas em qualquer caso, firmemente reprimido pelas hostes satânicas.

As dificuldades que as perguntas anteriores apresentam para a mente racional, e que aparecem toda vez que se tenta um estudo SÉRIO da Sabedoria Hiperbórea, provém, em sua maioria, da recusa em aceitar que se está ante um fato PARADOXAL. Ao orgulho racionalista é difícil aceitar que a realidade apresente paradoxos, e menos ainda está preparado para enfrentá-los. E, no entanto, ali está a chave para a derrota racional. Não se trata de que "se não se encontra vínculo, nexo, relação, ligação, etc.", entre diferentes "fatos protagonizados por viryas que dizem estar inspirados pela Sabedoria Hiperbórea", a conclusão seja: ou tal "Sabedoria" não existe ou é um mero

conhecimento irracional; e logo: farsantes ou dementes. A falácia está em opor o "racional" ao "irracional", com exclusão dos paradoxos apresentados, pois, justamente, a condição hiperbórea do virya o torna "criador de paradoxos".

Já esclareceremos isso ao estudar a Cosmogonia Hiperbórea da Thulegesellschaft; mas, por ora, vamos ter em mente que, em virtude de uma DUPLA OPOSIÇÃO com o mundo do Demiurgo, todo “hiperbóreo” – Siddha ou virya desperto – GERA PARADOXOS em qualquer ação que empreenda ou pense em relação a tal mundo.

O psiquiatra suíço C.G. Jung fez uma interessante reflexão que convém recordar agora, como complemento à nossa crítica anterior do "racionalismo esotérico": ... "Não se observou que todas as declarações religiosas contêm contradições lógicas e afirmações impossíveis por princípio, que inclusive até mesmo isso constitui a essência da afirmação religiosa? Temos, a este respeito, a profissão de fé de TERTULIANO: ET MORTUUS EST DEI FILIUS, PRORSUS CREDIBILE EST, QUIA INEPTUM EST. ET SEPULTUS RESURREXIT; CERTUM EST, QUIA IMPOSSIBILE EST. (E está morto o Filho de Deus, o que é francamente inacreditável porque é absurdo. E sepultado, ressuscitou; isto é certo porque é impossível). Se o Cristianismo exige a crença em tais contradições, parece-me que não pode reprovar ninguém pelo fato de dar validade a mais alguns paradoxos. É uma coisa estranha, mas o paradoxo é um dos maiores bens espirituais; a clareza, ao contrário, é sinal de fraqueza. Portanto, uma religião se empobrece internamente quando perde ou reduz seus paradoxos, enquanto se enriquece quando aumentam, pois apenas o paradoxo é capaz de abarcar, de forma aproximada, a imensidão da vida. Pelo contrário, a clareza e a falta de contradição não têm mais do que um sentido; e, por isso são inadequadas para expressar o inconcebível."

“Nem todo mundo – continua dizendo JUNG – possui a capacidade intelectual de um Tertuliano, quem, evidentemente, não só era capaz de suportar o paradoxo, senão que até significava para ele a máxima certeza religiosa. O enorme número de idiotas faz com que o paradoxo seja perigoso. Enquanto este seja um aspecto costumeiro da vida e uma coisa natural que jamais se questionou, continuará sem apresentar qualquer perigo. Mas se um intelecto insuficientemente desenvolvido (que, como é sabido, sempre tem a melhor opinião de si) tivesse a ocorrência de fazer do paradoxo de uma declaração de fé o objeto de suas reflexões, tão sérias quanto impotentes, não demoraria muito para que ele explodisse em uma iconoclasta gargalhada de zombaria e apontasse com o dedo todas as descobertas INEPTIA do

mistério. Foi-se rapidamente ladeira abaixo, desde o Iluminismo francês, pois quando se desperta esse entendimento incapaz de suportar qualquer paradoxo, não há sermão que o sujeite. Surge então uma nova missão: concretamente, levar gradualmente essa inteligência ainda não desenvolvida a um nível mais alto e aumentar o número daqueles que podem, ao menos, ter uma suspeita da enorme amplitude de uma verdade paradoxal”.[11]

Até aqui, a posição dos "racionalistas esotéricos" a respeito da pergunta apresentada e nossa crítica. Daremos agora uma resposta simples, elaborada com base na síntese dos conceitos tratados neste capítulo:

“Cada busca na rota da Sabedoria Hiperbórea é completamente 'diferente'. Não existe um 'esoterismo comum', senão infinitos esoterismos individuais, próprios de cada virya. Portanto, não há ‘vínculo”, ‘nexo’, ‘relação’, etc. entre os viryas hiperbóreos que possa ser quantificada."

Com essa resposta paradoxal, deveria concluir o capítulo. Porém, nos estenderemos brevemente para destacar outro erro muito difundido que é causado ao não distinguir que COMUNIDADE DE LINGUAGEM não implica em COMUNIDADE DE IDEIAS, senão COMUNIDADE DE CONCEITOS. É esse um erro "cultural", semântico, devido a que as análises racionais se efetuam com base em CONCEITOS encerrados em construções linguísticas: PALAVRAS, que tentam representar IDEIAS para possibilitar a comunicação entre os homens; IDEIAS “COMUNS” que, ingenuamente, acreditamos possuir o mesmo sentido para todos.

Tomemos uma palavra; por exemplo: "Deus". Todos "sabem" o que significa, "conhecem" o CONCEITO; até aqui chega a razão. Mas a IDEIA “Deus”, IDEIA que vai além da razão, é a mesma para todos os possuidores de tal palavra? Ou, melhor dizendo, a palavra "Deus" evoca em todos a mesma IDEIA? Claro que não. E substituindo a palavra "Deus" por qualquer outra, logo compreendemos que todas as palavras, fora de seu conteúdo conceitual, ou seja, sua definição convencional, excedem o racional, possuem um conteúdo IDEAL próprio para cada pessoa, intransferível e inexprimível que, provavelmente, tem alguma relação com o que se chama CARÁTER, ESTILO, etc. do indivíduo e que o diferencia intelectualmente dos demais.

---

[11] *CARL GUSTAV JUNG: Psicologia e Alquimia - Página 35. Ed. Plaza y Janés, Barcelona, 1977.*

Quando não se repara nesta distinção elementar entre a coisa “em si”, a IDEIA da coisa e o CONCEITO LINGUÍSTICO que o "nome" da coisa representa, é possível cometer tremendos erros analíticos. Mas se à habitual obsessão racionalista de aplicar a análise dialética a tudo quanto existe, soma-se esse erro, então o resultado pode rondar as fronteiras do absurdo. Fronteiras que se alcançam efetivamente no caso do "racionalismo esotérico", pois, sendo os viryas possuidores de uma Sabedoria Hiperbórea completamente pessoal, e já tendo cometido um erro ao pretender encontrar um “esoterismo comum", comete-se um segundo erro ao não compreender que os “conceitos esotéricos” ou “simbólicos” que usam os viryas remetem a ideias ABSOLUTAMENTE diferentes. Como o caso das "misteriosas coincidências” entre os viryas, que podem levar a acreditar em um “destino” ou outra forma de determinação; há aqui um fenômeno de SINCRONIA. Porque em tudo quanto esteja sujeito à ORDEM TEMPORAL, quer dizer, à Vontade do Demiurgo, atua a "lei de evolução" e o Plano do Uno; mas na medida em que o virya purifica seu sangue, ocorre uma DESINCRONIZAÇÃO ESPIRITUAL com referida ORDEM (da qual logo falaremos amplamente). Esta DESINCRONIZAÇÃO com o Plano Satânico gera, no quadro de uma Mística Hiperbórea, a SINCRONIA entre os Viryas e os Siddhas. E dita SINCRONIA está, para quem alcance o Mistério do Sangue Puro, presente em TODOS OS ATOS CONCRETOS, INCLUSIVE NA COMUNICAÇÃO LINGUÍSTICA.

Daí que os famosos "conceitos esotéricos" e "símbolos sagrados universais" que esgrimem os "racionalistas esotéricos" como PROVA ou EVIDÊNCIA de uma DOUTRINA SECRETA ou "esoterismo comum”, não têm nem nunca terão o mesmo significado para os diferentes viryas. E se algum deles, ao contatarem-se, os empregam em suas comunicações linguísticas, esta coincidência de palavras e conceitos deve entender-se simplesmente como um fenômeno de SINCRONIA. Por isso que os viryas despertos, ainda que falando a mesma língua e usando as mesmas palavras, jamais coincidem com o conteúdo ideal dos conceitos, pois possuem uma consciência ABSOLUTAMENTE DIFERENCIADA, que só pode coincidir em uma coisa: o centro comum; ou na figura do Führer, quem, do centro comum, estabelece o "vínculo carismático” entre os viryas.

Colocou-se em evidência um erro muito difundido: a não distinção entre "conceito linguístico" e "representação mental" ou "ideia" da coisa. Porém, este erro pode adquirir variantes muito sutis, não tão fáceis de perceber, em certos "racionalistas esotéricos" que, ainda que aceitando a distinção destacada, talvez por aderir a alguma "filosofia idealista", pretendem

submeter as IDEIAS ao "FORCEPS" dos ARQUÉTIPOS. Mas esse "molde", esse "último limite" que sustenta as qualidades da coisa, o arquétipo, mais do que FORMAL, é um atributo ONTOLÓGICO, e a objeção apresentada se inscreve, assim, dentro do campo da METAFÍSICA; ainda que cause horror considerar que existem aqueles que professam uma espécie de "racionalismo metafísico". Estudemos, por último, esta variante do erro:

Os "racionalistas-esotéricos-metafísicos" objetam que existe um estágio final, um plano superior, arquetípico, ao qual se referem todas as ideias. Os arquétipos, puros símbolos emanados do Demiurgo, contêm a essência ontológica de todo o existente e são quem determinam conjuntamente a FORMA das coisas. As IDEIAS “pensadas” pelo homem são, então, meras cópias de seus ARQUÉTIPOS UNIVERSAIS. E desde que a ideia da mesma coisa, pensada por muitas pessoas, compartilha um arquétipo comum, não haveria possibilidade gnosiológica de superar dito arquétipo. Em outras palavras, "Deus" - o Demiurgo criador de arquétipos - deve estar tranquilo: o homem (pasu) não pode dar nenhuma "surpresa", não comeu da árvore da gnose.

Explicaremos de outra maneira. Se uma pessoa pensar em uma ideia representada por duas palavras - "triângulo equilátero ”- evocará, em sua imaginação, uma “figura” específica; se dez pensarem em "triângulo equilátero", cada um deles se representará desta ou daquela forma uma figura específica; o mesmo se cem, mil, um milhão ou TODOS OS HOMENS fizerem isso, quando pensem em "triângulo equilátero" evocarão uma figura ou coisa que, ainda que, em cada um deles, em cada consciência individual, seja diferente, NUNCA PODERÁ SUPERAR O ARQUÉTIPO COMUM de todos os triângulos equiláteros havidos ou por haver, pensados ou por pensar, do início do mundo até seu - sem dúvida próximo - fim. Compreende-se agora isso de que o homem (pasu) não dará "surpresas": pense como quiser, em uma IDEIA UNIVERSAL, jamais o pensará de forma original.

Esta perspectiva, que subjuga os racionalistas, apresentada aqui como uma objeção metafísica, é COMPLETAMENTE FALSA para os viryas hiperbóreos, e não invalida de forma alguma a resposta dada por nós à pergunta fundamental sobre o nexo entre os viryas. MAS É CERTA PARA OS PASU.

Eles não podem pensar originalmente nenhuma ideia, porque sua consciência (alma) se encontra DETERMINADA ABSOLUTAMENTE pelos arquétipos. O virya desperto, ao contrário, possui um ESPÍRITO

HIPERBÓREO, totalmente alheio ao mundo do Demiurgo e sua determinação; espírito que é POSSIBILIDADE PURA e se denomina também de VRIL. A Sabedoria Hiperbórea é "pensada" com este órgão incriado e, portanto, um virya jamais vai COINCIDIR com outro nem no CAMINHO nem na VIA DE REGRESSO, nem em nada que possa ser "universal" ou "comum". Existe, como veremos logo na Estratégia Psicossocial da SS, UMA SÓ IDEIA COMUM a todos os viryas, e não é arquetípica. Esta ideia é uma MEMÓRIA DE SANGUE que se resume na palavra ORIGEM.

Esse único elemento comum a todos os viryas, a origem primordial, é o que constitui o FATO DA RAÇA; e por isso a Sabedoria Hiperbórea chama a origem de: RAÇA DO ESPÍRITO. É em virtude da Origem que TODA AÇÃO do virya é SEMPRE voltada para a raça, para o bem da raça, buscando sua mutação.

A Sabedoria Hiperbórea diz: “Toda ação a favor da raça nos aproxima da origem e da nossa mutação; mas toda busca da origem que se realize independentemente da raça, deve ABSTER-SE DA AÇÃO para ser eficaz, deve limitar-se à Minne."

A partir dos artigos que compõem este capítulo, de seus ensinamentos, deve-se interpretar a atitude de John Dee, de Rodolfo II e de todos os viryas que intervêm na "História Secreta da Thulegesellschaft". Talvez para o critério racionalista seja pura loucura que várias pessoas respeitáveis lutem, arrisquem seus bens e suas vidas por coisas "sem valor prático". E o mais incompreensível, sem que nenhum deles atribua a essas coisas o mesmo valor nem as mesmas propriedades, agindo com base na íntima certeza de sua utilidade; sem que entre eles se conhecessem e até sem saberem, às vezes, contra quem lutavam.

Loucura, pura loucura, diria o racionalista; sem ver que todos estão atrás daquele fato primordial que é a ORIGEM e por isso coincidem sincronicamente no eterno retorno, porque a ORIGEM os faz participar da raça hiperbórea e os “vincula carismaticamente".

JOHN DEE 17 ANOS DEPOIS

O Dr. John Dee estudou durante 17 anos a Esteganografia de Tritheim. A princípio o fez em segredo, mas logo compreendeu que aquela estranha aliança de dominicanos, jesuítas e judeus, para destruir Cornélio Agrippa, era um aviso que não convinha desprezar. Porém, não associou o destino de Agrippa com a conspiração que recluiu no ostracismo Tritheim. No século XVI era sumamente difícil perceber o movimento organizado da

sinarquia e, além disso, John Dee era inglês. Temia e não concordava com as perseguições inquisidoras da Igreja, mas: "isso acontecia no continente". Na Inglaterra, não havia dominicanos nem judeus; os judeus estavam entregues ao comércio ou à sua ocupação habitual: a usura; e aquele absurdo comentário que o judeu LAKEDEM lhe fizera sobre os Fili não foi sequer levado em conta.

Esta insensata "segurança", atitude psicológica de que todo mundo compartilhava na Inglaterra de Isabel I, e que, de certo modo, é necessária nos habitantes de um país que pretende se elevar à posição de "Império" foi, neste caso, nefasta para John Dee.

As investigações do sábio, após ler a Esteganografia, eram centralizadas na "língua dos pássaros, isto é, a língua original hiperbórea. À medida que progredia no estudo e despertava para as realidades do espírito, sua capacidade filológica via-se ampliada "carismaticamente". Possuía um verdadeiro "dom de línguas", e após tantos anos de investigação, conseguiu sintetizar a "língua dos pássaros", que ele chamou de ENOQUIANA[12]. Mas vamos por partes. Ao falar de língua original, língua primordial ou língua hiperbórea, não cairemos na infantil pretensão de que tal língua é a ÚNICA fonte da qual se derivam TODAS as línguas da humanidade. Já alertamos anteriormente contra esse erro racionalista, ao qual qualificamos de "tática sinárquica". Notemos agora que, consequentemente, o mito de uma língua original ÚNICA está bem detalhado na bíblia hebraica, na qual se transcreve a história da Torre de Babel.

A curiosa história de uma torre construída pelos primeiros homens, os quais sustentavam o objetivo declarado de "alcançar o céu", não cessou de ocupar a mente de seus leitores, desde que a Bíblia foi traduzida pelos setenta, entre 285 e 246 d.C., segundo a ordem dada por Ptolomeu II. Mas não era tanto este objetivo, "alcançar o céu", como o castigo imposto por Jeová Satanás, "a confusão das línguas", o que assombrava o leitor da Bíblia. Por que a CONFUSÃO?

---

12 *O conceito de "LÍNGUA DOS PÁSSAROS", "LÍNGUA ENOQUIANA" ou "LÍNGUA HIPERBÓREA" acha-se profundamente desenvolvido em outra parte desta narração.*

No século XVIII, por exemplo, Voltaire, igualmente surpreendido, escrevia satiricamente: "Não sei por que o GÊNESIS diz que Babel significa confusão; uma vez que Ba, pai, nas línguas orientais, e Bel, significa Deus, logo, Babel devia significar a cidade de Deus, a cidade santa. Os antigos davam este nome a todas as suas capitais. Babel significará confusão, quer porque os arquitetos ficaram confundidos depois de terem edificado sua obra, quer porque ali se confundiram todas as línguas; e é evidente que, desde então, os alemães já não entenderam os chineses, ainda que tenhamos que acreditar no sábio Bochart, o chinês foi, em sua origem, o mesmo idioma que o alto alemão". Não deixa de ser uma piada que, para Voltaire, o idioma alemão seja semelhante ao chinês, mas, deixando de lado sua ironia, no parágrafo citado subjazem as mesmas interrogações que se colocaram os pensadores durante séculos. Nós, baseando-nos na Sabedoria Hiperbórea, daremos uma explicação deste antigo mito, ao mesmo tempo que extrairemos dele importantes conclusões ESTRATÉGICAS. Mas recordemos primeiro o texto bíblico:

GÊNESIS 11: A TORRE DE BABEL
1 - Toda a terra tinha uma única língua e as mesmas palavras.
2 - Mas os homens, quando se deslocaram do oriente, encontraram uma planície na terra de Sinar e se estabeleceram ali.
3 - E disseram uns aos outros: Ei! Vamos fabricar tijolos e cozinhá-los no fogo. E o tijolo lhes serviu de pedra o betume de argamassa.
4 - Disseram depois: Vamos edificar para nós uma Cidade e uma Torre, cuja cúspide chegue até o céu, e façamo-nos um nome famoso, para não sermos dispersados pela face da terra.
5 – Javé desceu para ver a cidade e a torre que estavam construindo os filhos dos homens.
6 – E disse Javé: Eis aqui que todos eles formam um só povo e falam uma só língua; se este é o começo de sua empresa, já nada os deterá no que tenham decidido fazer.
7 – Ei! Desçamos e CONFUNDAMOS ali sua fala, de modo que uns não compreendam a língua dos outros.
8 – E dali Javé os dispersou por toda a face da terra, e dali cessaram de edificar a cidade.

9 - Por isso foi chamada de Babel, porque ali Javé CONFUNDIU a fala de toda a terra, e dali os dispersou pela superfície de toda a terra.[13]

Analisemos, em seguida, como deve ser interpretado esse texto, empregando diretrizes da Sabedoria Hiperbórea.
1 – *"Os homens possuíam uma só língua"* quer dizer: os viryas possuíam um SANGUE PURO e por isso se entendiam entre eles. *"Os homens pretendem chegar ao céu"* quer dizer: os viryas pretendem fugir das cadeias de Jeová Satanás.
2 – 3 – 4 – *"Para isso construíram uma torre"* quer dizer: os viryas utilizam uma técnica hiperbórea.
5 – 6 – 7 – *"Jeová Satanás percebe a manobra e decide impedi-los CONFUNDINDO suas línguas para que não se entendam entre si"* quer dizer: Jeová Satanás provoca a CONFUSÃO ESTRATÉGICA (SANGUÍNEA), a partir da qual se eclipsa a "vinculação carismática" entre os viryas.
8 – 9 – *"Após a confusão das línguas, Jeová Satanás espalha os homens por toda a terra"* quer dizer: após a confusão sanguínea os viryas estão PERDIDOS.

Não deve surpreender que, ao interpretar simbolicamente este "mito", sejam expostas as táticas clássicas de Jeová Satanás, pois o mesmo é a transcrição, adaptada pelos hebreus, de várias histórias antiquíssimas OCORRIDAS REALMENTE durante esta guerra interminável. Ao fugir do Egito, Moisés roubou numerosos papiros com histórias da Atlântida; e com base nesse material, adaptando e falsificando tudo, elaborou o Pentateuco. Portanto, no texto bíblico confundem-se histórias muito antigas com a famosa torre da Babilônia, a qual, por sua vez, costuma também confundir-se com o Zigurat de Borsipa: Birs Nimrod.

Voltando à nossa interpretação do relato bíblico da Torre de Babel, podemos compreender agora, simbolicamente, que "reencontrar a língua original", essa QUE TODOS SÃO CAPAZES DE COMPREENDER, significa

---

13 *A BÍBLIA – Versão Católica – Ed. Herder, Espanha, Imprimatur 1-VII-75 – José M. Guix, Bispo.*

ANULAR A TÁTICA DE JEOVÁ SATANÁS. Quer dizer, equivale a purificar o sangue dos viryas, a transmutar a raça "para trás", para aquela origem comum em que não havia CONFUSÃO e todos podiam orientar-se "em direção ao céu".

Com respeito à expressão tradicional "língua dos pássaros", convém esclarecer que se deve interpretar simbolicamente como uma língua que permite comunicar-se com os Siddhas Hiperbóreos. Diz a respeito René Guénon, ao referir-se a outro mito germânico, desta vez, que "se vê heróis vencedores do Dragão[14], como Sigfried, na lenda nórdica, compreender prontamente a linguagem dos pássaros; e isto permite interpretar facilmente o simbolismo de que se trata. Efetivamente, a vitória sobre o Dragão tem por consequência imediata a conquista da imortalidade, figurada por algum objeto ao qual aquele impede de se aproximar, e esta conquista da imortalidade implica essencialmente na reintegração ao centro do ser humano, quer dizer, ao ponto em que se estabelece a comunicação com os estados superiores do ser. Esta comunicação é o representado pela compreensão da linguagem dos pássaros; pois, efetivamente, os pássaros são tomados com frequência como símbolo dos anjos..." A língua dos pássaros é, pois, a "língua dos anjos". Porém, a palavra "pássaro" tem também uma analogia menos profunda do que sua relação com "anjo", mas igualmente significativa. "Os AURUSPICES – diz René Guénon – (de AVES SPICERE, "observar as aves") extraíam presságios do voo e do canto das aves, o qual é de relacionar mais especialmente com a "linguagem dos pássaros", entendido aqui no sentido mais material, mas identificado mesmo assim com a "língua dos Deuses", pois se considerava que estes manifestavam sua vontade por meio de tais presságios, e as aves desempenhavam, então, um papel de "mensageiros", análogo ao que se atribui geralmente aos anjos (de onde provém seu próprio nome, pois é exatamente o mesmo sentido da palavra ANGELOS), mesmo que tomado em um aspecto muito inferior."[15]

É que uma língua hiperbórea deve ser semelhante aos pássaros, ao seu voo, ao seu canto, algo imprevisível, no entanto, compreensível para

---

[14] *O Dragão deve ser interpretado aqui como uma representação de Jeová-Satanás – Esclarecimento nosso.*

[15] *RENÉ GUÉNON: Símbolos Fundamentais da Ciência Sagrada – Pág. 45. EUDEBA, Buenos Aires.*

todos. O importante do fato comunitário é que TODOS OS MEMBROS SE ENTENDAM ENTRE SI com a maior precisão possível, e esta condição de nenhum modo se satisfaz EXCLUSIVAMENTE com uma linguagem oral e escrita, tal como ocorre em nossas sociedades. Uma raça que tivesse suficientemente desenvolvida a telepatia, para dar apenas um exemplo, não empregaria palavras nem construções gramaticais para se comunicar, senão "símbolos" que permitam "aproximar" as mentes receptoras da essência da ideia pensada pela mente "transmissora". Os símbolos não teriam porque serem convencionais, tais como nossas letras e signos, que são aprendidos por todos na escola, senão que poderiam ser HERDADOS ARQUETIPICAMENTE. Levando ao extremo esse exemplo, e considerando fenômenos de SINCRONIA, poderia conceber-se uma raça tal, que nenhum de seus membros compartilhe com outros seus símbolos, pois cada um herdaria TENDÊNCIAS ARQUETÍPICAS do tipo dos "padrões de conduta" da biologia, e os símbolos só se formariam após o ato mental efetuar uma METAMORFOSE ARQUETÍPICA destinada à EMISSÃO telepática da ideia. Esta seria uma raça na qual cada indivíduo possuiria UMA LÍNGUA PRÓPRIA, pessoal, e, no entanto, todos se entenderiam. De maneira análoga, os viryas hiperbóreos podem, graças à língua dos pássaros, receberem uma MENSAGEM PRÉVIA à transmutação coletiva, que os prepare ou INICIE para o salto qualitativo; e por isso todo líder que pretenda utilizar a Mística Hiperbórea deve possuir as chaves da Estratégia Psicossocial, que implica no domínio da língua esquecida.

A língua que John Dee extraiu da Esteganografia foi chamada por ele de ENOQUIANA, devido à afirmação de Tritheim de que por meio dela ENOQUE tinha "falado com os anjos", tal como consta no "Livro de Enoque". Este Enoque era um virya hiperbóreo; mas sua história, antiquíssima, foi também falsificada pelos rabinos – ainda que nem tanto como o Gênesis -; razão pela qual se o declarou apócrifo, quer dizer, "oculto", pouco antes de se impor o cristianismo. Mas como a história de Enoque é parte de uma trama maior, deixemos seu comentário para outra ocasião.

John Dee desenvolveu a língua enoquiana durante os 17 anos que teve em seu poder a Esteganografia; mas não conseguiu, nesse lapso, estabelecer "contato" com os anjos. Esta situação produzia desassossego no sábio inglês pois, dado que Tritheim asseverava expressamente que "o domínio da língua enoquiana provoca, com efeito, uma relação imediata com os anjos", John Dee não encontrava outra explicação ao silêncio destes, do

que atribuir a uma falha ou erro na decodificação da Esteganografia. Submerso em perplexidade, pensou em recorrer ao mesmo sistema que Tritheim ensaiou, por meio de Cornélio Agrippa: decidiu procurar ajuda enviando mensagens cifradas em um livro. Dito livro chamou-se "Mônada Hieroglífica" e tratava de: ... métodos criptográficos! Mas, dissimuladas em seu texto, estavam várias mensagens aos viryas hiperbóreos. Cabe acrescentar que ninguém respondeu, durante a vida de John Dee, a tão estranha maneira de pedir socorro.

A solução ao problema de John Dee, o qual não era outro senão a ausência total de aptidões clarividentes, veio por meio da rainha Isabel I, quem, segundo já vimos, entregou a este o espelho da Princesa Papan. Porque, a partir do mesmo instante em que isto ocorreu, as expectativas de John Dee começaram a se satisfazer, com fatos tão contundentes, que logo todos seus anelos viram-se satisfeitos. Mas não nos adiantemos. Ao pegar em suas mãos, pela primeira vez, o misterioso espelho de pedra, sentiu-se irresistivelmente atraído por seu PROFUNDO BRILHO. Esta sensação foi tão intensa, que lhe custou bastante esforço afastar a vista dele, ao mesmo tempo que seu corpo era percorrido em ambos os sentidos por poderosas energias do céu e da terra.

Porém, a maior surpresa ele receberia em seu estúdio, quando os Superiores Desconhecidos, os Divinos Hiperbóreos, os Siddhas imortais se fizeram presentes, ante seu atônito espírito. Já dissemos que a pedra parlante asteca era um transdutor atlante. Deve se ter presente o seguinte: ditos instrumentos líticos DETECTAM O SANGUE PURO. Graças a uma tecnologia atlante hoje desconhecida, ante a qual nossa eletrônica do estado sólido empalideceria de inveja, é possível CALIBRAR estes transdutores para que RESSOEM com determinada constituição fisiológica humana. A interação entre a pedra ressoante e os campos de energia do corpo humano produz um efeito de "válvula" abrindo um "caminho" para outros planos diferentes do "plano físico". Esta não é a melhor maneira de exercer a transcendência espiritual e, de fato, na Atlântida só se utilizava este sistema para as comunicações comuns pois SÓ OPERA NO UNIVERSO MATERIAL do Demiurgo. Mas durante esta etapa do Kaly Yuga, nosso guia racial, Cristo Lúcifer, encontra-se em níveis de "quantificação" física, como Sol Negro da Terra, sendo possível estabelecer, desse modo, um tipo de "contato instrumental" com os Siddhas Hiperbóreos que aguardam, junto a ele, o despertar dos viryas.

Foi assim como o espelho de pedra da Princesa Papan "funcionou" com o sistema linfático-circulatório do Dr. John Dee e o colocou em

comunicação com os Siddhas. Em poucas semanas, o bom sábio tinha obtido uma quantidade enorme de instruções em língua enoquiana. Era a Estratégia que os Siddhas propunham ao homem do século XVI e que consistia basicamente em: 1º) método para a formação de uma elite humana rigorosamente luciférica; 2º) planejamento, com base na Sabedoria Hiperbórea, para que tais super-homens (a elite mencionada) possam controlar as multidões e levá-las ao ponto de mutação coletiva.

O conhecimento revelado a John Dee oferecia maravilhosas perspectivas de revolucionar o gênero humano, mas era, é claro, extremamente perigoso de manejar, se não se agia com prudência. E essa virtude era escassa em nosso herói. De modo que, pressionado por Isabel I, para que lhe adiantasse os resultados de suas investigações, John Dee acabou revelando para a soberana que havia entabulado um "diálogo com os anjos".

De qualquer maneira, essa confissão foi tomada com ceticismo pela rainha e outros sábios e cortesão, que logo se inteiraram também do "segredo", uma vez que o espelho só funcionava quando era manipulado por John Dee. E essa incredulidade teria sido boa para ele, se não fosse porque a imprudente publicidade dada ao assunto atraiu alguns curiosos indesejáveis: os Druidas galeses, os quais, desde a morte de Maria, "a Católica", pululavam pela corte de Isabel I e, no momento, preparavam a intriga que levaria ao cadafalso Maria Estuardo. De repente, John Dee tornou-se, sem o saber, no inimigo mais perigoso para a sinarquia; e a consequência, uma poderosa conspiração, se abateria contra ele. Porém, a "periculosidade" não surgia do fato de estar em posse do espelho mágico; nem tampouco por possuir os escritos em língua enoquiana. Tais fatos eram muito negativos para a sinarquia e certamente, justificariam, por si mesmos, uma réplica contra o sábio. Mas o que realmente deixava SEM FÔLEGO os demônios era um projeto que este levou a Isabel I e que, curiosamente, ainda se conserva nos Arquivos Reais da Inglaterra. Referimo-nos ao "Projeto Thule", concebido por John Dee entre 1581 e 1587, no qual propunha a ocupação da Groenlândia por parte de tropas inglesas para, graças ao aproveitamento de certas propriedades estranhas que ali possuía "o espaço", "expandir" o reino a outros mundos, conquistando-os por meio da luta, se fosse necessário.

Esse fantástico plano, cujos detalhes podem se verificar nos documentos que ainda existem na Grã-Bretanha, era inspirado na lendária história de Nimrod, o rei Cassita da antiga Assíria. Graças ao uso do espelho

mágico e aos conhecimentos obtidos por meio da Esteganografia, John Dee elaborou dito plano, o qual era perfeitamente factível de ser aplicado, mas o qual não poderemos compreender corretamente sem possuir antes as chaves da façanha de Nimrod. São as que trataremos de revelar no capítulo seguinte.

A LENDA DE NIMROD, "O DERROTADO"

O conteúdo do Projeto Thule causou um impacto tremendo nas hostes satânicas. Vale a pena fazer uma parada em nosso relato, para conhecer o porquê dessa reação, investigando em suas causas remotas. Para isso, deixaremos John Dee momentaneamente e nos transladaremos quatro mil anos no tempo. Iremos para Assíria, à antiga cidade de BORSIPA, e contemplaremos a torre de Nimrod. Será um agradável passeio, matizado por ensinamentos da Sabedoria Hiperbórea que até hoje eram mantidos no mais rigoroso segredo. E graças a estes milenares conceitos, ao retomar a história do Dr. John Dee, seu projeto Thule será claramente compreendido por nós.

No II milênio A.C. uma invasão trouxe os hiperbóreos KASSITAS para a Assíria. Eram oriundos do Cáucaso e portavam uma pedra sagrada junto ao estandarte da águia leontocéfalica. A águia com cabeça de leão, com as asas abertas, aprisionava em suas garras dois carneiros, que era o símbolo do deus semita, Enlil (Jeová-Satanás), adorado na Mesopotâmia por todas as tribos, entre elas os pastores HAMITAS ou HABIROS, que logo iriam com Abraão para a Palestina e Egito. Esse mesmo estandarte seria levado, após milhares de anos mais tarde, por outros povos "bárbaros", também oriundos do Cáucaso, desta vez de raça germânica, mas nas garras da águia já não se encontravam os carneiros, mas o cordeiro, símbolo desse Deus dos pastores, que tentavam usurpar a milenar figura hiperbórea de Cristo-Lúcifer.

Os Kassitas vinham seguindo os ditames de seu Deus arqueiro KUS, que tinha feito um pacto com os sacerdotes, a fim de que tal povo participasse na guerra cósmica. Na cidade de Borsipa, ao norte de Nínive, o rei Nimrod, utilizando a técnica numérica dos Zigurat, fez construir uma enorme torre sobre um vórtice de energia telúrica. Eis aqui o que se pretendia: "atacar a morada dos demônios imortais", quer dizer, Chang Shambala. Este propósito, que pode parecer hoje em dia produto de uma desenfreada fantasia, é, porém, perfeitamente possível; e a prova disso está no sucesso obtido por Nimrod, quando sua ELITE DE GUERREIROS ARQUEIROS mirou no alvo e derrubou vários dos "demônios imortais". (Há

em tudo isto que estamos narrando elementos da Sabedoria Hiperbórea, de modo que, se não se INTUI a verdade por intermédio da Minne, dificilmente se possa compreender de que estamos falando.)

Na antiguidade, quando a influência do Kaly Yuga não era tão importante e em alguns remanescentes atlantes ainda se conservavam as recordações da Sabedoria Hiperbórea e da guerra contra o Demiurgo, a tarefa de fundar povoados e cidades exigia o concurso de sacerdotes especialmente dotados. E da mesma forma, para o levantamento de ídolos ou efígies sagradas, cuja UTILIDADE, que não era a mera adoração, hoje se esqueceu. O elemento mais importante que se levava em conta para tais fundações era a LOCALIZAÇÃO DAS CORRENTES DE ENERGIA TELÚRICA. Em SEGUNDO lugar ficavam as coordenadas astrológicas, às quais, no entanto, a cegueira dos homens costuma outorgar proeminência em algumas épocas. Justamente, o poderio ou sobrevivência de uma cidade dependem da correta situação geográfica em que se erijam; e se, por exemplo, cidades como Roma ou Jerusalém duraram milênios, é porque estão assentadas sobre grandes centros de força. Há milhares de anos, os encarregados de precisar o lugar de situação de uma cidade eram chamados CAINITAS, sacerdotes sacrificadores que conheciam a magia do sangue derramado. Estes homicidas sagrados, que eram rabdomantes, quer dizer, sensíveis às forças da terra, após detectar um vórtice conveniente, efetuavam o sacrifício humano, destinado a "polarizar" a energia telúrica e obter um fenômeno de "ressonância" com o sangue da raça, de maneira que o lugar se torne "amigo" de seus habitantes e "inimigo" de futuros invasores. De tais assassinatos rituais, com finalidade de fundação, recordamos, por exemplo, Rômulo, que, para assegurar a inviolabilidade das muralhas de Roma, teve que executar seu irmão gêmeo Remo, etc. [16]

Façamos um breve parênteses para consultar a Sabedoria Hiperbórea sobre as diretrizes que é necessário levar em conta para interpretar corretamente a ação de guerra empreendida pelo rei Nimrod.

---

16 *A teoria das correntes telúricas e sua influência sobre os assentamentos humanos acha-se desenvolvida em outra parte desta obra.*

Pode-se considerar que a POTÊNCIA de um povo para liberar-se do jugo satânico da Sinarquia depende diretamente das condições esotérico-hiperbóreas de seus sacerdotes. Se há viryas suficientemente capazes (despertos) de localizar as correntes e vórtices de energia telúrica, e não desprezam o combate que inevitavelmente traz consigo esta "tomada de posição", então a raça vai no caminho da mutação, tornou-se um "círculo fechado" hiperbóreo. Por razões de pureza sanguínea são sempre os povos denominados "bárbaros" quem mais perto se encontram destas práxis hiperbóreas; mas estes mesmos povos, na medida em que se civilizam (ou sinarquizam), perdem POTÊNCIA e, portanto, debilita-se sua POSSIBILIDADE DE MUTAÇÃO. A PUREZA RACIAL HIPERBÓREA de um povo se avalia pela CAPACIDADE DE SEUS VIRYAS para DESPERTAR a Minne sanguínea. A POTÊNCIA RACIAL HIPERBÓREA de um povo é sua CAPACIDADE DE OPOSIÇÃO à ilusória realidade do mundo material. Significa tomar parte ativa na guerra cósmica e, portanto, presume alguma concepção estratégica hiperbórea. A POTÊNCIA se avalia então pela clareza dos fins e objetivos estratégicos que os viryas são capazes de formular e pelos passos efetivos que sejam dados nesse sentido. O resultado da ação jamais se qualifica por alguma diretriz material; e mais: a ação nunca é avaliada, absolutamente. Para a Sabedoria Hiperbórea o que importa é a Estratégia (isto é: a clareza de metas e objetivos e a forma de obtê-los, ou seja, a POTÊNCIA). Em todos os casos, a ação se qualifica por si mesma, independentemente dos "resultados". O "êxito" ou o "fracasso" de uma ação não têm sentido na Estratégia Hiperbórea, pois tais palavras remetem a conceitos elaborados a partir de uma incorreta percepção do mundo de Maya, a ilusão. Pode ilustrar isto uma antiga sentença hiperbórea que diz: "para os viryas, toda guerra perdida na Terra é uma guerra ganha em outros céus".

A luta por princípios, tais como a "honra" ou a "amizade", que é tradição nos cavalheiros, emana de um cavalheirismo celeste ou angélico claramente hiperbóreo. O cavalheirismo celeste dos Siddhas hiperbóreos é o protótipo que o virya deve seguir para participar na guerra cósmica, pois os OUTROS MODOS desta contenda não seriam compreensíveis para ele, no estado atual do Kaly Yuga.

Vejamos, brevemente, alguns aspectos deste protótipo do herói hiperbóreo em sua figura de "cavaleiro andante": o que entabula um "cavaleiro andante" é um COMBATE ESPIRITUAL, pois o resultado da disputa não se decide pela habilidade pelas armas ou a mera força física, senão pelo grau de justiça que tenha cada combatente. A fé em tal princípio transcendente é o que torna contingentes todos os esforços e habilidades

prévias colocadas na luta. Para o cavaleiro é infalível que quem tem a verdade deve triunfar ... neste ou em outro céu. Portanto, não interessa tanto o adversário ou as armas empregadas, nem sequer o treinamento militar, mas a MANEIRA EM QUE ESPIRITUALMENTE SE APRESENTA O COMBATE, ou seja, a estratégia adotada. A História e a Tradição abundam em exemplos de "novatos" escudeiros ou rapazinhos, em diferentes graus de inaptidão para a luta que, no entanto, contra todo prognóstico, obtinham a vitória, contando a seu favor a verdade, a justiça, a liberdade, etc. É que, ainda que tais heróis CAIAM no campo de batalha, quem negará que o valor colocado em empreender a ação não significa um triunfo, ainda que não se saiba claramente ONDE SE COBRA tal vitória?

Finalmente, digamos que este protótipo de cavaleiro andante pode ser percebido só porque JÁ ESTÁ em sua recordação de sangue, em sua Minne. Porém, a Sinarquia tenta CONFUNDIR o virya cavaleiro, COLETIVIZANDO esta maravilhosa postura INDIVIDUAL por meio de organizações satânicas formadas para tal fim, a partir de Chang Shambala, ou introduzindo desvios essenciais em outras puderam ter um princípio hiperbóreo, como algumas ordens medievais de triste fim.

Voltando ao conceito hiperbóreo de POTÊNCIA RACIAL, podemos dizer que, em geral, um POVO POTENTE é aquele que, tendo identificado o inimigo, passa à ação de guerra, no quadro de uma "estratégia hiperbórea". E, em particular, que um POVO DE GRANDE POTÊNCIA é aquele capaz de ATRAVESSAR O UMBRAL e transladar o teatro de operações ao plano dos imortais.

Existem muitas maneiras de ATRAVESSAR O UMBRAL. Os VIRYAS PERDIDOS ou simples pasus, "iniciados" no satanismo sinárquico, por exemplo, o fazem durante sua "morte ritual", arrastando-se abjetamente ante os sinistros "guardiões do umbral" (mal chamados, às vezes, de "veladores", "vigilantes" ou "egrégoras"). Após demonstrar sua "evolução", mediante juramentos, pactos ou alianças, recebem a "iluminação", ou seja, perdem todo o contato com a origem e sofrem o encadeamento definitivo ao Plano universal do Demiurgo Jeová-Satanás. Então, podem atravessar o umbral e "participar" em mil cerimônias ou conciliábulos diferentes, de acordo à seitas ou religião que o tenha "iniciado", e que têm a surpreendente característica de ocorrer somente na consciência do adepto, pois se trata de uma miserável ilusão.

Os “imortais” de Chang Shambala jamais farão ninguém participar de suas reuniões, a não ser para destruí-lo; no entanto, não são poucos os imbecis que acreditam conhecer o sancta sanctorum da Hierarquia Branca e seu “instrutor planetário”, o Rei do Mundo.

Mas há outra maneira melhor de “atravessar o umbral”, que não requer humilhações nem promessas e que não implica na total confusão sanguínea do virya, como no caso da iniciação sinárquica. É a que consiste em resistir orgulhosamente, com as armas na mão, ante os guardiões do umbral... e destruí-los. Dir-se-á então: mas onde está o umbral? Não se trata de um símbolo iniciático? Não o é. A estratégia sinárquica se baseia em CONFUNDIR, isto é, tornar obscuro o que deveria ser claro. E uma tática muito utilizada é dar um sentido irreal, simbólico, àquilo que se deseja ocultar e, por outro lado, exaltar como real e concreto aquilo que se deseja “revelar”. Assim, uma realidade, como a existência das “portas induzidas” ou “dimensionais” é considerada pelas pessoas sensatas uma fantasia e, por exemplo, utopias como o comunismo, o socialismo, a ONU ou o Governo Mundial são tidas fanaticamente como possibilidades reais.

O umbral, ou seja, a entrada para o plano no qual moram os demônios imortais pode ser FIXADO e ABERTO, se se possui uma técnica apropriada. A Sabedoria Hiperbórea ensina a abrir “portas induzidas”, para seu uso em táticas ofensivas, de sete maneiras diferentes. Uma é utilizando a tecnologia lítica. Outra é mandálica. Uma terceira aproveita as energias telúricas. Uma quarta é fonética, etc. Mas todas se baseiam na DISTORÇÃO DO ESPAÇO e na interação de planos.

Aberta a porta, por qualquer sistema, deve se proceder com energia e decisão, para causar o maior número possível de baixas ao inimigo. Pode produzir surpresa essa possibilidade, mas o certo é que os demônios imortais de Chang Shambala <u>podem morrer</u>. Estes “imortais”, “mestres de sabedoria”, gurus, Druidas, Sábios de Sião, Men in Black, etc., estão irremediavelmente ligados ao Demiurgo. São imortais enquanto dure a “criação” material, quer dizer, enquanto o Demiurgo mantenha SUA VONTADE COLOCADA NA MANIFESTAÇÃO. Sua existência é a sorte do pasu: uma pura ilusão. Por isso, GURDJIEFF, em seu ASHRAM de Fontainebleau, na França, respondia aos pasu que perguntavam “se com seu método se poderia obter a imortalidade”, que “garantia esta dentro dos limites do sistema solar”, resposta absolutamente correta, mas que era mal interpretada pelos pasu, como um sarcasmo do Siddha russo.

Mais adiante, tentaremos dar uma ideia mais completa sobre esse plano “branco” de Chang Shambala. Por ora, devemos ter presente que, junto

com os “demônios imortais”, em maior hierarquia, os Duzentos Hiperbóreos vindos de Vênus que causaram a mutação coletiva da Terra e encadearam os espíritos divinos nos animais-homem, ou pasu, que o Demiurgo tinha criado. Os Duzentos Hiperbóreos são os Siddhas da Face Tenebrosa da Atlântida e os Senhores da Chama da Lemúria. Eles são verdadeiramente imortais; mas como tomaram corpo físico, a fim de copular com a raça humana, cumprindo seus absurdos papéis de Manu, podem ser desencarnados violentamente, ação que, à parte de transtornar seus planos, tem a virtude de destruir a MATRIZ GENÉTICA das presumidas RAÇAS RAÍZES.

Pode-se, então, matar os imortais, que só o são se não se exerce violência contra eles, pois habitam em uma dobra do espaço na qual o tempo TRANSCORRE DE UM MODO DIFERENTE; de tal maneira que seus corpos se mantêm fisiologicamente estáveis em uma “idade determinada”. Com esta terrível afirmação, completamos o parênteses doutrinário que abrimos anteriormente. Estamos, em virtude do exposto, em condições de interpretar a façanha do Siddha Hiperbóreo Nimrod. Por exemplo, podemos agora qualificar os Kassitas como GRANDE POTÊNCIA RACIAL por terem levado, de acordo com nossa definição anterior, o teatro de operações à guarida dos demônios imortais. Prossigamos, então, com o relato.

Repetimos o que foi dito no início. Os Kassitas tinham pactuado com seu Deus arqueiro Kus para participar na contenda celeste. Eram guerreiros temíveis, perfeitamente capazes de enfrentar bestas, homens ou demônios. Peregrinaram durante anos, até que os sacerdotes cainitas decidiram que “a serpente de fogo” mais poderosa, isto é: o vórtice de energia telúrica, encontrava-se dentro dos limites da cidade de Borsippa, que já existia e era habitada por uma tribo de raça semita. Isso não representou nenhuma dificuldade para um povo decidido a travar combate com demônios infernais. Em breve tempo, os Kassitas dominavam a praça e seus sacerdotes cainitas realizavam os rituais necessários para “acalmar” a serpente de Fogo. Imediatamente depois, colocaram em prática uma estratégia adequada para a iminente ofensiva. Dela, devemos destacar duas tarefas que demonstram a capacidade dos sacerdotes cainitas. A primeira consistiu em treinar uma elite capaz de resistir à poderosa magia que os “demônios” empregariam, ao se abrir “a porta do inferno”.

Esta elite hiperbórea, ancestrais longínquos da SS, teria a sagrada missão de exterminar os demônios, faina alucinante na qual certamente perderiam a vida ou a razão. A outra tarefa era talvez a mais simples de

executar, mas a que requereria maior destreza no manejo da Sabedoria Hiperbórea: construir a "torre mágica" que, graças à harmonia de suas exatas dimensões, sua forma e sua funcionalidade, canalizaria a energia telúrica DISPERSANDO-A ao redor do "olho da espiral" de energia.

Na arquitetura de templos, o mais importante, do ponto de vista da "funcionalidade ritual", é o piso da base, seu símbolo. Os mais utilizados são: a base circular, em cruz ou octogonal, ainda que também se tenham construído com base retangular, pentagonal, hexagonal, etc.

Mas na arquitetura hiperbórea de guerra costumam-se construir edifícios semelhantes a "templos", cujo piso da base quase sempre é um "labirinto". Deve-se utilizar tal figura devido a exigências técnicas da canalização de energias telúricas; e podemos acrescentar que a aplicação da "técnica dos labirintos" é outra das sete maneiras de "abrir portas induzidas". É claro, não cessamos de repetir que os resultados destas técnicas hiperbóreas não são automáticos, quer dizer, incluem em sua funcionalidade a participação de viryas treinados. O plano de guerra de Nimrod constava, então, de três passos: 1) abrir a porta ao plano Chang Shambala; 2) acessar o famoso umbral da iniciação sinárquica: 3) atacar, atacar, atacar... Complementando esta colossal estratégia, havia uma série de detalhes logísticos como, por exemplo, a escolha das armas ou a possibilidade de empregar as antiquíssimas "couraças mágicas" da Atlântida. Com respeito às armas, os sacerdotes cainitas decidiram que os guerreiros empregariam flechas construídas segundo uma antiga fórmula: as plumas seriam de íbis; as varas, de acácia do Cáucaso; e as pontas, de pedra, seriam pequenas estalactites perfeitamente cônicas, retiradas de umas cavernas profundas e misteriosas, que uma tradição xamã afirma que se conectam com o reino hiperbóreo de Agartha.

Quanto às "couraças mágicas", é fácil entender hoje, à luz da moderna tecnologia eletrônica, que seria um "campo eletrostático precipitador de matéria", que envolve todo o corpo. Porém, esta "couraça eletrônica", chamada de mágica na época de Nimrod, era uma defesa comum nos dias da Atlântida, há aproximadamente 12.000 anos. Os sacerdotes cainitas só conseguiram dotar, por algumas horas, de tal campo protetor o rei Nimrod e seu general Ninurta, pois ninguém mais no povo tinha as condições de pureza necessárias para aplicar a antiquíssima técnica. Só dois guerreiros, quando a Atlântida contava com exércitos inteiros que utilizavam o "abrigo de metal"! Esta técnica sofreu uma lenta degradação, até desaparecer completamente, devido à confusão sanguínea. A princípio, quando os Siddhas vieram à Terra, há milhões de anos, revestiram seu corpo físico com uma "couraça de fogo".

Depois, na longínqua Lemúria, os sacerdotes, reis e guerreiros, materializavam minerais, e por isso, costumavam chamarem-se de “homens de pedra”. E finalmente, em pleno Kaly Yuga Atlante, os Siddhas da Face Tenebrosa materializavam couraças de metal ao redor de seu corpo, as quais os protegiam de golpes de espada ou lança, como as nossas cotas de malha medievais. A couraça atlante de metal materializado é, por outro lado, a origem da lenda judaica, segundo a qual Nimrod possuía as “vestimentas” que Adão e Eva usaram no paraíso. E as teria obtido de Cam, um dos filhos de Noé e, mais adiante, após lutar com Esaci, outro grande caçador, as teria perdido. Estas lendas se encontram nos Midrash talmúdicos Sepher Hayashar (Século XII) e Pyrque Rabli Eliezer (90 – 130 D.C.), e também no Talmud Babilônico (500 D.C.), etc.

Os guardiões do umbral contam também com couraças e armas poderosas; dentre elas, por exemplo, o “raio OM”, uma arma atlante com a qual os doces “mestres de sabedoria” de Chang Shambala costumam desintegrar os discípulos que se mostram rebeldes.

Parece um inimigo terrível, assim armado, mas isso é pura aparência, só poder material. Os guerreiros de Nimrod portavam o signo hiperbóreo de --H-K, a runa de fogo que nenhum “demônio imortal” pode enfrentar. E muito menos os Duzentos Hiperbóreos da Face Tenebrosa. Esse signo representa para eles A VERDADE, a recordação inevitável da origem divina abandonada. E, como a Medusa, não lhes é possível olhá-lo, sem sofrer grave risco.

Quando a torre ficou pronta, se dispôs, no coreto da cúspide, uma coluna metálica de ferro, cobre, prata e ouro, arrematada com uma gigantesca esmeralda. Tal pedra tinha sido entregue aos Kassitas pelo Deus Kus, quando os comprometeu na luta contra o Demiurgo Enlil (Jeová-Satanás), cuja morada estava na Babilônia. E, segundo contavam os sacerdotes, em sussurros, a pedra sagrada tinha sido trazida de Vênus pelos Deuses que acompanhavam Kus, quando chegaram à Terra, antes que o homem existisse.

Durante as muitas décadas que demorou a travessia dos “bárbaros”, desde as encostas do monte Elbruz, no Cáucaso, a posse desse “presente do céu” foi o estímulo que lhes permitiu enfrentar todo tipo de penas. Era o CENTRO ao redor do qual se FORMAVA a raça; era o ORÁCULO que possibilitava ouvir a VOZ do Deus, e era a TABULA REGIA, onde se podia LER os nomes dos reis. Era também o SIGNO PRIMORDIAL, ante o qual os demônios retrocediam aterrorizados e contra o qual nenhuma potência

infernal tinha poder. Por seu intermédio, ABRIR-SE-IA NO CÉU A PORTA DO INFERNO e se poderia travar o combate sem trégua contra os servidores de quem encadeou o espírito divino na matéria. Muitos povos foram chamados de "bárbaros" por outros povos mais "civilizados", aludindo à sua "selvageria" e "inconsciência". Mas se necessita ser "bárbaro" para pactuar com os Deuses e participar da guerra cósmica. Só a GARANTIA da pureza sanguínea de uns "bárbaros", intrépidos e imunes às ciladas satânicas, pode fazer com que se decidam os Deuses a colocar no mundo a PEDRA ANGULAR de uma raça sagrada. Em outras palavras, as "ciladas" – as tentações da matéria – estão espalhadas em todas as partes; e por isso se necessita ser "bárbaro" ou "fanático", mas também ingênuo, "como criança", ou como Parsifal, o louco puro da lenda Arturiana.

Finalizada a construção do Zigurat, enviaram-se mensageiros às cidades e aldeias Kassitas restantes, pois seu reino incluía Nínive e outras cidades menores, bem como numerosos acampamentos setentrionais que chegavam até o lago Van e inclusive alcançavam as encostas do Ararat. Milhares de embaixadores foram chegando a Borsipa para apreciar a torre de Nimrod e render homenagens a ISHTAR, a Deuse de Vênus, e a Kus, seu Deus racial, esposo de Ishtar. Também chegaram do sul, da Babilônia, que acabaram de conquistar, um pequeno número de seus primos Hititas, com os quais os Kassitas partiram juntos, havia muitas décadas, do Cáucaso.

Preparou-se tudo para o solstício de verão, o dia em que Chang Shambala está "mais perto" de nosso plano físico. Nesse dia, o povo de Borsipa estava reunido junto ao Grande Zigurat e um contraste de emoções se adivinhava em todos os rostos. Os invasores Kassitas, caçadores e agricultores, quer dizer, cainitas, demonstravam abertamente sua selvagem alegria em culminar uma empresa que lhes havia absorvido várias gerações. E nessa alegria furiosa pulsava o anelo do combate próximo. Diz um antigo provérbio ariano: "o furor do guerreiro é sagrado quando sua causa é justa". Mas se esta sede de justiça o leva a enfrentar seu inimigo mil vezes superior, então NECESSARIAMENTE deve ocorrer um milagre, uma mutação da natureza humana que o leve além dos limites materiais, fora do Karma e do eterno retorno. Leônidas, nas Termópilas, já não é humano. Será talvez um titã, um Deus, mas jamais um homem comum. Por isso o povo de Nimrod, em sua santa fúria, pressentia a iminente mutação coletiva; sentia-se elevado e via se dissolver a realidade enganosa do Demiurgo Enlil. Ferviam de valor e assim purificavam drasticamente seu sangue. E nesse sangue puro, fervente de fúria e de valor, ao pulsar nas têmporas, traz a recordação da origem, desperta a Minne e faz desfilar diante da visão interior as imagens

primordiais. SUBTRAI, em uma palavra, da miserável realidade do mundo e TRANSPORTA à verdadeira essência espiritual do homem. Nestas circunstâncias mágicas, não é estranho que todo um povo ganhe a imortalidade do Valhala.

Contrastando com tal euforia guerreira, percebia-se uma angústia retratada nos rostos de numerosos cidadãos. Eram os que constituíam a primitiva população semita de Borsipa, pastores e comerciantes, que adoravam desde sempre o Demiurgo Enlil. Segundo suas tradições, Jeová-Satanás tinha preferido o pastor Abel e desprezado o agricultor Caim (o que é coerente, uma vez que "pastor é o ofício do pasu", filho de Jeová, segundo ensina a Sabedoria Hiperbórea). Por estas razões, tinham um ódio profundo contra o rei Nimrod e os sacerdotes cainitas. Um ódio como só podem sentir os covardes, aqueles que, em tudo semelhantes aos carneiros e ovelhas que apascentam, se autodenominam "pastores". Esse ódio ao guerreiro é o que, disfarçado hipocritamente, exalta as "virtudes" do sentimentalismo, a caridade, a fraternidade, a igualdade e outras falsidades que conhecemos muito bem, por sofrê-las nesta CIVILIZAÇÃO DE PASTORES na qual nos afundou o judaico-cristianismo da Sinarquia. E esse ódio, que estamos considerando, surge e se nutre de uma fonte denominada MEDO.

Medo e Valor: eis aqui dois opostos. Já vimos o poder transmutador do valor, cuja expressão é o furor do guerreiro. O medo, pelo contrário, se expressa pelo ódio pusilânime e refinado, que, depois de múltiplas destilações dá a inveja, o rancor, a maledicência e todo tipo de sentimentos insidiosos. O medo é, pois, um veneno para a pureza de sangue, assim como o valor é um antídoto. A exaltação do valor eleva e transmuta; dissolve a realidade. A exacerbação do temor, ao contrário, afunda na matéria e multiplica o encadeamento às formas ilusórias; aumenta a "participation mystique". Por isso, os pastores semitas de Borsipa murmuravam entredentes as orações de Enlil, enquanto, como hipnotizados de terror, contemplavam a cerimônia cainita.

À primeira hora da manhã, quando Shamash, o sol, acabava de despertar, os tambores e as flautas já estavam eletrizando o ar, com seu ritmo monótono e uivante. Nos diferentes terraços da Torre, as sacerdotisas dançavam desenfreadamente, enquanto repetiam sem cessar: Kus, Kus, Kus, invocando o Deus da Raça. Os sacerdotes, em número de setenta, oficiavam os ritos prévios à batalha, instalados ao redor da enorme mandala labiríntica, construída no piso do coreto superior, com mosaicos de lápis lazúli, réplica

exata do labirinto da base do Zigurat. Em todo o templo predominava a cor azul, destacando-se com um intenso e cintilante brilho a grande esmeralda verde, consagrada ao espírito de Vênus, a deusa que os semitas chamavam de Ishtar e os sumérios Inana ou Ninhursag.

Enquanto os sacerdotes permaneciam sob o teto do coreto superior, fora, nos corredores laterais, o rei Nimrod e os duzentos guerreiros preparavam-se para morrer.

O clímax bélico ia "in crescendo", à medida que passavam as horas. Perto do meio-dia, podia se observar um vapor ectoplasmático de cor cinza que se escoava pelas colunas do coreto superior e girava languidamente ao redor deste, envolvendo em suas caprichosas espirais os imperturbáveis guerreiros. Dentro do templo, o vapor cobria a totalidade do recinto, mas não ultrapassava a cintura do mais alto dos sacerdotes.

A multidão que permanecia petrificada observando a cúspide da enorme torre, assistiu, de repente, atônita, a um fenômeno de incorporação do vapor. A princípio, só alguns perceberam, mas agora era visível para todos: a nuvem adotava formas definidas que permaneciam por um momento, para dissolverem-se e tornarem a se incorporar novamente. O "motivo" principal dos misteriosos relevos do vapor se constituía fundamentalmente de figuras de "anjos". Anjos ou Deuses; mas também Deusas e crianças. E animais: cavalos, leões, águias, cães, etc. E carros de guerra. Era todo um exército celestial que se materializava na nuvem vaporosa e girava lentamente ao redor do templo. E ao passarem os carros de combate, puxados por briosos corcéis alados, os anjos guerreiros alentavam claramente Nimrod. Também o faziam as mulheres; mas convém que nos detenhamos um instante nelas, porque apenas a contemplação de sua beleza hiperbórea basta para iluminar o coração do virya mais passivo e arrancá-lo das garras do Engano. Ó, as mulheres hiperbóreas! Tão belas! Usavam uma curta saia presa na cintura por um fino cordão, do qual pendia, ao lado, a bainha de uma graciosa e temível espada. O arco cruzado sobre o peito e às costas a nutrida aljava. As tranças de outro e prata de um cabelo que se percebia tão macio e leve como o vento. E os rostos? Quem seria capaz de descrever esses rostos esquecidos, após milênios de engano e decadência; rostos que, no entanto, estão gravados a fogo na alma do guerreiro, quase sempre sem que o mesmo o saiba? Quem ousaria falar desses olhos cintilantes de fria coragem que irresistivelmente incitam a lutar pelo Espírito, a conquistar o Vril; olhos de aço, cujo olhar temperará nosso espírito até o instante anterior ao combate, mas que, após a luta, milagrosamente serão como um bálsamo de amor gelado, que curará toda feria, que acalmará toda

dor, que ressuscitará eternamente o herói, aquele que se mantém tenazmente no caminho do retorno? E quem, finalmente, se atreveria a sequer mencionar seus sorrisos primordiais, diante dos quais empalidecem todos os gestos humanos; ante cujos sons harmônicos apagam-se as músicas e ruídos da Terra; riso transmutador que nunca poderia ressoar entre a miséria e o engano da realidade material e que, por isso, só pode ser ouvido por quem também sabe escutar a Voz do sangue puro? Impossível tentar esboçar a imagem puríssima daquelas mulheres hiperbóreas, eternas companheiras dos Siddhas, cuja projeção no vapor ectoplasmático se produzia graças à poderosa vontade dos sacerdotes cainitas. Só acrescentaremos que tais imagens eram enormes. Enquanto as outras figuras giravam a certa distância dos guerreiros Kassitas, elas se desprendiam para abraçá-los e acariciá-los, e então podia se perceber seu tamanho. Tinham o dobro da altura do rei Nimrod, o guerreiro mais alto de Borsipa.

O povo via claramente estas efusões; e ainda que fosse evidente que as Deusas falavam aos guerreiros em tom imperativo, enquanto sinalizavam para o céu, ninguém dentre eles poderia ouvir se realmente aqueles fantasmas emitiam algum som; pois o ritmo frenético das flautas, tambores, tímpanos e harpas era ensurdecedor. Mas talvez as mulheres hiperbóreas estivessem falando diretamente ao espírito; talvez suas vozes se fizessem ouvir dentro de cada guerreiro, como dizem que sentem os áugures...

Envoltos nesse frenesi, mas momentaneamente pasmos de espanto pelas alterações da branca nuvem, os cidadãos de Borsipa não perceberam quando uma das sacerdotisas abandonou a dança. Subiu correndo os andares que faltavam para chegar ao templo, mas antes de entrar, o vapor tomou a forma de uma multidão de meninos alados, que revoluteavam ao redor dela, derramando sobre sua cabeça etéricos líquidos de não menos etéricas ânforas. Porém, tais manifestações sobrenaturais não a detiveram. Ungida dos pés à cabeça pelos graciosos querubins, avançou resolutamente e entrou no templo. Os setenta sacerdotes, ao perceber sua irrupção, cessaram todo canto, toda invocação; e voltando-se para ela, a olhavam fixamente. Por fim, a sacerdotisa deteve seu ligeiro passo diante da entrada do labirinto e, sem dizer palavra, puxou um cordão e deixou cair sua túnica, ficando completamente nua... com exceção das joias. Estas eram extremamente estranhas: quatro pulseiras de ouro SERPENTIFORMES, que trazia enroladas uma em cada tornozelo e uma em cada punho; um colar

semelhante às pulseiras; uma tiara cravejada de pedras leitosas e opacas; dois brincos e dois anéis serpentiformes, e uma pedra vermelha no umbigo.

De todo o conjunto, o que mais impressionava, pelo extraordinário desenho e a habilidade dos ourives, eram as pulseiras. Cada uma dava três voltas; as da perna e braço esquerdo com a cauda da serpente para fora e a cabeça chata para o interior do corpo; as pulseiras enroladas na perna e braço direito mostravam a serpente como que "saindo" do corpo; no colar, a serpente apontava com sua cauda para a terra e a cabeça, estranhamente bicéfala desta vez, ficava exatamente debaixo do queixo. Todas as serpentes tinham umas pequenas pedras verdes incrustadas nos olhos e o corpo lavrado e esmaltado de cores vivas. Ao ver estas maravilhosas peças de ourivesaria, ninguém teria suspeitado que eram, na realidade, delicados instrumentos para canalizar energias telúricas.

A moça é de uma beleza de tirar o fôlego. Podemos observá-la enquanto percorre, com passo seguro, o labirinto que parecer conhecer muito bem, pois quase não se distingue do piso, sob a densa nuvem de vapor ectoplasmático. Se chegasse a errar o caminho, se desse com uma parede, seria tomado como mau augúrio e se deveria suspender a operação até o ano seguinte. Mas a sacerdotisa não vacila, tem os mil olhos do sangue abertos e vê lá embaixo, na base da torre, como a energia telúrica, qual irresistível serpente de fogo, também percorre o labirinto ressoante. E todos confiam nela, na terrível missão que empreendeu, que começa ali mas se prolonga em outros mundos. Confiam porque é uma sacerdotisa maga, nascida quinta em uma família de rabdomantes, de sangue tão azul que as veias ficam desenhadas como árvores copadas, sob a pele transparente. Todos pensam nela, enquanto percorre o labirinto cantando o hino de Kus.

Os sacerdotes seguram a respiração, enquanto as esbeltas pernas da sacerdotisa percorrem com destreza os últimos setores do mosaico-labirinto: já está para chegar à "saída". Mas esse triunfo significa a morte, segundo veremos em seguida. Justamente no final do labirinto encontra-se a coluna de pedra e metal onde refulge com brilho raro a esmeralda hiperbórea. A sacerdotisa se detém em frente a ela e, elevando os olhos para o céu, sobe os três degraus que conduzem à base da coluna, a qual é de baixa altura, pois a esmeralda só chega ao nível de sua púbis. Coisa curiosa: a esmeralda foi esculpida em forma de vagina, com uma fenda central, a qual é possível ver, pois se encontra na face superior, que está voltada para o teto do tempo. Pelo contrário, na sacerdotisa, apesar de estar nua, não é possível ver seu sexo, porque uma dobra de carne cobre-lhe o baixo ventre, absolutamente calvo. Esta característica física, que hoje em dia só as mulheres bosquímanas

conservam, é a prova mais evidente de sua linhagem atlante-hiperbórea. As mulheres Cro-magnon possuíam uma "saia natural de pele" e as princesas egípcias das primeiras dinastias também, como se podem comprovar em numerosos baixos-relevos.

A sacerdotisa percorreu o labirinto, "guiou" a serpente até o templo superior e a conduziu através da coluna de pedra e metal. Agora sua ígnea cabeça começa a pressionar sob a esmeralda hiperbórea, acendendo-a magicamente e banhando de luz verde o enorme recinto e todos os seus ocupantes. Fora, o retumbar dos tambores e flautas adquiriu um ritmo tão rápido e uma intensidade tal que é impossível pensar ou fazer outra coisa que não seja contemplar o Zigurat, o templo superior, rodeado por Nimrod e seus arqueiros. Estes, enquanto isso, observam através das colunas a cena interior, invisível para o povo reunido junto à base do Zigurat.

Já é meio-dia, o exato momento em que Shamash encontra-se no alto. A voz grave de um dos setenta sacerdotes dirige-se à bela sacerdotisa, falando com frases curtas, pronunciadas com a cadência de uma oração ritual:

- Ó, Princesa Isa:
A sorte da raça está em tuas mãos.
Percorremos muitas terras
E atravessamos incontáveis países
Para chegar até aqui
Buscando travar a batalha final.
Anos de caminhos e penúrias
Desde que abandonamos as montanhas sagradas
Onde nascemos duas vezes
E em cuja cúspide Kus nos reunia
E nos falava dos Tempos Primordiais.
Conhecemos, nesses longínquos dias
QUE NÃO SOMOS DAQUI.
E, após recordarmos nossa origem divina,
Como podíamos permanecer ali,
Enganados por Ele, o "ancião" Enlil?
Sim, tudo se envileceu ante nossa visão.
Os campos se secaram subitamente,
As flores tornaram seu perfume horrível,

E o calor de Shamash já não nos pareceu bom.
De repente, vimos as espigas raquíticas
E até as montanhas perderam sua imponente altura.
Tudo isso ocorreu quando olhamos o mundo
Após o sábio Kus
Nos falar do céu olvidado
Enchendo-nos o peito de nostalgia.
Então foi quando decidimos
Empreender o caminho de regresso
E cobrar caro a traição dos demônios
Que nos tinham enganado com sua magia.
Muitos fomos os que partiram
Da montanha sagrada
Para diferentes direções.
E muitos são os reis
Que com seus povos hiperbóreos
Buscam, desde então,
O caminho do céu.
Mas Kus tinha nos avisado
Que alguns não chegariam logo
Se voltassem a ser enganados
Pelos astutos demônios.
Mas nos dirigiu certeiramente
Porque não temos outra finalidade
Do que conquistar o Céu.
Guia-nos o invencível Nimrod
A quem Ele teme
Porque seu sangue é puro
Tão azul como o mar
E tão vermelho como o amanhecer de Shamash.
Somos um povo valoroso como o leão
E voamos alto como a águia,
Mas nosso olho é apurado
E nossas garras despedaçam o inimigo.
Somos um povo duro
Que não conhece o perdão
E não dá trégua na luta.
Conduze-nos Nimrod,
Arqueiro como não há outro na terra.

As estrelas o desenharam
Caçando no céu.
Levamos conosco
A pedra verde de Kus
Para que NÃO TORNEMOS a nos perder.
O que mais podemos pedir?
Apartem-se, demônios infernais!
Porque aqui há UM POVO DESPERTO
Ao qual não poderão atemorizar
Nem enganar jamais.
Em guarda, demônios malditos!
Porque levantou-se uma raça indomável
Que lhes apresentará combate de morte.
Hoje o caminho chegou ao seu fim.
Atrás ficou o grande mar Kash
E o país de Kashshu;
Sepultados nas rotas trilhadas
Ficaram nossas mulheres e crianças,
Nossos anciõese os melhores guerreiros.
Todos caíram pela glória de Kus
E por seguir o heroico Nimrod,
O CHEFE QUE NOS CONDUZIRÁ À VITÓRIA,
NESTE OU EM OUTROS CÉUS.
Em Borsipa acampamos,
Para construir a torre mais alta do mundo
E domar a serpente de fogo.
Como nosso Zigurat não há outro
Nem na Babilônia nem em Assur,
Nem no longínquo Egito,
Nem na terra dos arianos.
Desde que o Dilúvio cobriu a Terra
E castigou os Demônios
Que habitavam as ilhas de Ruta e Daitya
Não se viu outra torre igual.
Os deuses se alegram por nós
E os demônios nos temem.
Quanto trabalhamos para construí-la!

Ó, Isa, este esforço não deve ser em vão.

A sacerdotisa encontrava-se no mesmo lugar, parada em frente à esmeralda de Kus, guardando respeitoso silêncio, enquanto seus olhos belamente rasgados mantinham-se fixos no sacerdote. Este continuou com seu monólogo:

Viemos até aqui para morrer lutando
E tu, doce princesa,
Escolheu morrer primeiro
Para nos abrir a porta do céu.
Castigaremos os demônios
E vingaremos tua morte, divina Isa,
Filha da Serpente de Vênus!

Empalideceu visivelmente a formosa sacerdotisa cainita; porém seus olhos brilharam ferozmente enquanto de sua boca brotavam estas valentes palavras:

- O construtor de mundos de ilusão,
O infame Enlil
Afundou-se em um sono eterno,
Enquanto seu corpo fecundado
Nasce e renasce em todo o existente.
Ele se aliou aos demônios
Que habitam em Dejung,
A cidade mil vezes maldita,
A cidade do horror e do engano
Cuja sétima muralha
Possui uma entrada oculta
No país dos homens amarelos.
Ele confiou nos Demônios
Para que prossigam sua obra perversa.
E eles nos encadearam
E nos impedem de regressar ao mundo de Kus,
Onde se encontra o palácio
Do verdadeiro Deus - -H-K
Cujo nome não pode ser pronunciado
SEM MORRER.

Mas, ainda que Dejung esteja longe,
Suas portas estão em todas as partes.
Sete portas tem Dejung
E sete muros a circundam.
A Demônia Dolma possui as chaves
Mas só os loucos se deixariam guiar por ela.
Como então os valentes Kassitas
Sitiarão a fortaleza de Dejung?
Se os demônios já sabem
De nossos santos propósitos
E se seus olhos estão cravados em nós
Desde a torre Kampala?
Faremos como nos ensinou
Nosso Deus Kus, "o venusiano":
Despertando do sono
O miserável Enlil e obrigando-o
A abrir a porta do céu
E estender a ponte
Sobre as lúgubres muralhas
De Dejung Kampala.
Sacerdotes Kassitas: Vejam todos
Que Enlil despertou!
O Deus Que Dorme é idiota,
Gosta de flautas e tambores
De danças e de cantos
E que adorem Seu nome,
Mas também deseja sangue
Pois é pai de ladrões
De sujos pastores e sacrificadores.
Só o SANGUE PURO
Fará brotar o monstro
Das profundezas.
Procedei, Sacerdotes!
Que Isa está disposta
A morrer na guerra,
De todos, a primeira!
Viajarei pelos mundos

Onde os mortos velam,
Os demônios espreitam
E os Deuses esperam.
Acompanhar-me-á Kus,
A quem todos respeitam.
E em nome de Nimrod,
Obrigarei a besta
A que abra as portas
Para o bem da nossa gesta.
Procedei, Sacerdotes,
Que Isa está disposta!

Nesse momento três coisas aconteceram simultaneamente: o sol chegou ao seu zênite; a música cessou de repente, inundando os ouvidos de silêncio; e com uma punhalada certeira, o sacerdote ceifou a vida da bela princesa Kassita. O punhal de jade degolou habilmente o pescoço níveo por cima do colar bicéfalo. Dois sacerdotes seguraram o corpo exânime enquanto o sangue caía aos borbotões sobre a brilhante gema e se introduzia em sua fenda interna, transformada agora em ávida garganta. Então começaram a ocorrer as coisas mais maravilhosas que olhos humanos jamais contemplaram em muitos séculos.

Os que se encontravam dentro do templo puderam contemplar uma cena terrível: ao cair o sangue, apagou-se por um instante a luz que a esmeralda emanava, mas logo, como uma flecha, uma coluna de fogo elevou-se rapidamente do chão do templo, envolvendo o pedestal e a gema. O corpo da princesa jazia no solo, impossível de se ver sob as impenetráveis nuvens de vapor geoplasmático que, a cada instante, se faziam mais densas. Porém, uma imagem espectral, com sua mesma beleza nua, podia ser observada claramente junto à coluna de fogo, entregue a uma espécie de luta. O portento ígneo, que a princípio não ultrapassava a espessura de uma pata de elefante, era agora tão largo quanto um círculo de seis homens. Inicialmente, tinha serpenteado ferozmente, semelhante a um infernal ofício; mas logo, ao expandir-se, foi adotando lentamente a inconfundível figura do Dragão. Era um Dragão flamígero, cuja espantosa imagem fazia-se a cada instante mais nítida, na medida que aumentava a luta com o fantasma da princesa Isa.

Convém esclarecer que só tinham transcorrido alguns minutos desde que a princesa expirou até o momento em que se materializou o monstro de fogo. Convém esclarecer porque a partir dali tudo aconteceu muitíssimo rápido... ou talvez as testemunhas perderam a noção do tempo.

De repente, a goela daquela besta primitiva, aquele Leviatã, Rahab, Behemoth ou Tehom-Tianat, exalou um rugido terrível, ao mesmo tempo em que uma enorme labareda varria o recinto, consumindo e carbonizando numerosos sacerdotes. Só os sobreviventes puderam observar o incrível espetáculo daquela besta CAVALGADA pela sacerdotisa morta. A princesa Isa, seu fantasma, tinha trepado na cabeça do monstro, sentando-se entre as barbatanas triangulares do escamoso lombo. Esta ação audaz fez com que o monstro emitisse o infernal rugido e a mortífera chama. Não obstante tal reação e as ferozes sacudidas da besta, a princesa repetia imperturbavelmente estas palavras:

- Espírito de Enlil, de El, de Yah e de Il
Que fecundas a Terra
E produzes a vida
E enganas os homens
Com tua falsa opulência
E essas ilusórias riquezas que ofereces.
Deus que uma vez esteve no alto
Mas que agora está caído
E te tornaste completamente idiota,
Não nos aprisiones também
Neste universo infernal
Que construíste
Imitando o verdadeiro céu.
Nós IREMOS EMBORA
Porque já estamos fartos de ti,
De todas as tuas armadilhas,
E dos demônios que te secundam.
Abre a porta do céu,
Construtor de Mundos!
Abre a entrada do antro infernal
Onde moram teus covardes sequazes!
Eu te conjuro a fazê-lo, El,
Em nome do verdadeiro Deus,
Pai de Kus,
A quem tu traíste!
Por - -H-K!

Eu te conjuro a abrir a porta
Em nome de - -H-K!

Ao ouvir este bendito nome, a fera se dobrou instantaneamente para o piso do templo, enrolando-se em torno da coluna de pedra e metal. Sua cabeça, no entanto, balançava-se ameaçadoramente sem que este alarde afetasse a presença da espectral sacerdotisa, que se mantinha firmemente agarrada ao seu lombo. O dragão telúrico não demonstrava intenção de obedecer, atitude que levou a valorosa princesa a agir de maneira drástica. Inclinando-se, estendeu a mão, fazendo o gesto de tocar seu próprio sangue na cavidade repleta da esmeralda hiperbórea. Ato seguido, disse:

Este sangue que hoje foi derramado
E para o qual te precipitastes,
Senhor de todas as coisas,
É meu sangue; um sangue sagrado
Da linhagem dos Deuses de Vênus.
Nele ESTÁ A RECORDAÇÃO
De nossa origem celeste
E do verdadeiro Deus - -H-K.
Com sua substância untei meus dedos
E agora traçarei em tua fronte
O signo primordial de - -H-K.
Ante ele não existe defesa.
Eu te conjuro a que abras a porta,
Enlil, rei dos pastores,
Pelo nome de - -H-K
E seu signo sagrado!

A princesa desenhou rapidamente um símbolo na fronte do monstro; e eis aqui que o maior prodígio ainda não tinha sido alcançado. A horrível criatura de fogo disparou para cima, como uma mola, atravessando o teto do templo e levando em sua cabeça a bela amazona.

Aqueles que estavam fora, nos corredores do Zigurat e em torno de sua base, ainda faziam silêncio; pois só se tinham transcorrido alguns minutos desde que cessara a música, e porque os terríveis rugidos que emitia o monstro, invisível para eles, bastavam para silenciar qualquer garganta. No momento em que a princesa desenhava o signo primordial e o dragão se elevava, um grito de espanto brotou de todas as bocas. Justamente sobre o

templo, e a não muita distância de seu teto, o céu se abriu, como se se tivesse rasgado um tecido. Uma negra abertura era agora claramente visível para todos os que presenciavam o estranho fenômeno. E o mais curioso e ANORMAL era que o tenebroso buraco OCULTAVA TOTALMENTE o Sol, apesar de que este, por encontrar-se muito mais alto, DEVERIA SER VISTO de algum ângulo distante. No entanto, ninguém mais viu o Sol, ainda que sua luz continuasse iluminando o meio-dia, como se estivesse em seu Zênite. É compreensível que, submetidos a tão intensas emoções, ninguém se preocupasse pela sorte do Sol, e enquanto o terror tinha paralisado os covardes semitas, os Kassitas uivavam de fúria elevando os punhos para o céu. É que o espetáculo era impressionante e justificava qualquer distração. O monstro de fogo, assim que a porta do céu se abriu, transformou-se totalmente. A princípio, pareceu que sua espantosa cabeça tinha se introduzido na tenebrosa abertura, já que só era visível um cilindro resplandecente, como um feixe de fogo, que surgia do templo e entrava nas alturas. Mas logo ficou evidente que uma metamorfose estava ocorrendo; e ao cabo de alguns segundos, um novo prodígio se oferecia à conturbada vista dos habitantes de Borsipa. Primeiramente, tornou-se bulboso e cobriu-se de protuberâncias, enquanto mudava de cor e se tingia de marrom; logo, muito rapidamente, os bulbos se estenderam para fora e se transformaram em afiados ramos cobertas de agudos espigões e algumas folhas verdes; apenas alguns segundos depois, era um gigantesco espinheiro que se erguia insolitamente sobre o Zigurat do rei Nimrod.

Da base da torre só se via parte do tronco e da folhagem superior, pois a copa parecia se perder dentro da PORTA do céu, enquanto a raiz permanecia oculta da visão, no interior do templo. Mas o que vale a pena destacar é que, nem bem se completou a metamorfose, desapareceu todo vestígio de fogo, energia ou plasma, e o fenômeno se estabilizou, não se produzindo mais mudanças. Parecia então como se o espinheiro sempre estivesse estado ali... se não fosse pelo sinistro rasgo do céu, que sugeria, de maneira atroz, todo tipo de anormalidades e alterações da ordem natural.

Mas ninguém dispôs de tempo suficiente para se horrorizar. Nem bem se tinha ABERTO o céu, duas figuras correram velozmente até a última rampa, a que conduzia ao terraço do templo, e já ali, tensionaram os arcos, apontando para o umbral. Eram Nimrod e Ninurta, o rei e o bravo general, os únicos guerreiros que possuíam a couraça de metal e que, por isso, avançavam primeiro, protegidos pela elite de arqueiros.

O rei e o general apontavam seus arcos para as trevas da abertura, tratando de distinguir um alvo; quando subitamente duas figuras emergiram, brandindo suas espadas. Os demônios, com aspecto de "homem de raça branca", de mais de 2 metros de altura, pareciam flutuar no ar; mas, de algum modo tinham um ponto de apoio, pois conseguiram descarregar suas espadas sobre os heróicos arqueiros. As lâminas relampaguearam ao sulcar o espaço, mas ricochetearam sem penetrar nas couraças de Nimrod e Ninurta. No entanto, o impacto fez com que estes girassem aturdidos pelo teto do templo, que fazia as vezes de último terraço.

Uma chuva de flechas abateu-se então sobre os "demônios imortais" e, ainda que muitas delas ricocheteassem em suas couraças, outras tantas penetraram, crivando-os. Os gigantes caíram feridos junto ao rei Nimrod, o qual rapidamente os decapitou, ostentando suas enormes cabeças ante a febril multidão. Enquanto o rei Nimrod fazia isto e em seguida jogava para a multidão o sangrento teto, o general Ninurta, acompanhado por parte da elite guerreira, começou a subir pela árvore Enlil, que unia o céu com a Terra. Pela primeira vez, em milhares de anos, um grupo de viryas hiperbóreos prestava-se a tomar por assalto Chang Shambala!

Rogamos ao leitor que nos permita fazer uma parada no relato, para que possamos expressar em um poema o que passa por nosso espírito, ao evocar a última façanha maravilhosa daquele povo hiperbóreo que SABIA O QUE FAZIA, em meio a um mundo que era pura confusão. Logo retomaremos novamente o relato no exato momento em que os guerreiros de Nimrod prestavam-se a invadir o umbral da iniciação sinárquica.

Valorosos guerreiros Kassitas!
Vossa façanha iluminará eternamente
Todos os povos hiperbóreos
Que decidam tomar o céu por assalto
E regressar à origem primordial
Da qual Jeová-Satanás nos privou.
Porque eles combateram os demônios
E despertaram do Grande Engano
Mas até agora ninguém conseguiu
Igualar a glória de Nimrod, "o derrotado".
Por isso, nós que aqui ficamos
Devemos tentá-lo novamente
Junto a Cristo-Lúcifer, "o enviado".
O Deus dos que "perdem" durante o Kaly Yuga

E seus monges guerreiros, os Siddhas hiperbóreos
Que esperam o momento designado
Em que doze homens
Do sangue mais puro
Reúnam-se no final do Kaly Yuga
Em solo Americano.
Então o Graal será encontrado
E após mil anos de traições
Cairá a venda dos olhos, despertando;
A porta novamente será aberta
E Chang Shambala com seus demônios
Será definitivamente aniquilado.
Mas até agora ninguém conseguiu
Igualar a glória de Nimrod, "o derrotado".
É certo que poucos o tentaram:
Alguns iberos, alguns celtas,
Troianos, aqueus, dórios ou romanos,
Muitos godos e muitos germânicos.
Mas ninguém até agora conseguiu
Igualar a glória de Nimrod, "o derrotado".
Talvez em Montsegur, os cátaros
Ou os cavaleiros teutões
De Federico II Hohenstauffen,
Ou o maior de todos,
Nosso Führer, com seu eixo mágico
E um povo valoroso que ante nada retrocede;
Talvez Ele, como ninguém, a procurou.
E assim, muitos ganharam a eternidade
E deste inferno se foram.
Mas não definitivamente
Pois uma guerra final será travada
E Nimrod voltará
Junto aos grandes heróis do passado.
Odin, Wotan, Lug e Wiracocha,
Héracles, Indra e Quetzacoatl
Do Valhala chegarão cantando
Cercados de Walkirias primorosas

E música de outrora.
E eles levantarão exércitos enormes
De vivos, imortais e ressuscitados;
Uma só virtude será exigida:
Chama-se HONRA e dignifica o virya
Que do Engano despertou.
A luta será definitiva
E o Demiurgo e suas hostes, derrotado,
Liberará, por fim, os espíritos imortais
Que de Vênus tinham chegado
Para que regressem para onde Deus espera,
Em um mundo que não se criou.
E, ao partir do Universo de matéria,
Da loucura, do mal e do Grande Engano,
Os que regressam cantarão em coro
As façanhas de Nimrod, "o derrotado"!

Prossigamos agora com o relato. A árvore Enlil possuía ramos espaçados e retos, que na realidade eram enormes espinhos; de modo que se podia escalar por eles como se fosse uma gigantesca escada. Isto foi justamente o que fizeram os valentes Kassitas, preparando-se para subir pela árvore e sitiar a "porta do céu". Nem bem o general Ninurta e cinquenta guerreiros subiram o suficiente, comprovaram que se encontravam frente à entrada de uma caverna, ou a imagem dela. Saltaram audazmente da árvore, sem saber ainda se podiam pisar no misterioso mundo ao qual entravam pela "porta do céu", e se acharam em um solo claramente rochoso. Alguns olharam para trás, para cima e viram a árvore que se perdia em insondáveis alturas; e também a borda de um abismo, a poucos metros de onde estavam, pelo qual se distinguia, bem distante, o teto do templo de onde emergia o gigantesco tronco; o Zigurat; os homens do povo reunidos ao redor e o perímetro murado da cidade de Borsipa. Contrastando com a intensa luz exterior, onde ainda continuava sendo meio-dia, uma suave penumbra reinava naquele local ao qual tinham chegado. Porém, havia luz suficiente para distinguir os detalhes da sinistra caverna: viam-se sete degraus de pedra e, a partir do último, um corredor que se perdia na distância. Mas, sobre a entrada, seguindo a curva de seu arco, estavam cravados sete estandartes triangulares. Cada qual tinha a mesma legenda, em outras tantas línguas diferentes. Em seu próprio idioma Kassita, puderam ler:

Não ouseis pôr os pés neste UMBRAL
Se antes não tenhais matado as paixões
E as tentações do mundo.
Aqui só se chega para renascer
Como iniciados na Irmandade Branca;
Mas para obter tal privilégio
É necessário morrer primeiro.
Adeptos: se ainda estais vivos,
Se a chama do desejo primordial
Ainda arde em vossos corações,
Se conservais a RECORDAÇÃO
E alimentais o PROPÓSITO,
Então fugi, enquanto há tempo!

Evidentemente, tratava-se de uma manobra estratégica. A legenda, aparentemente destinada a possíveis adeptos à iniciação, tinha como objetivo desconcertar e provocar a dúvida nos intrusos. No entanto, longe de conseguir esses fins, a mensagem arrancou instantâneas gargalhadas dos guerreiros Kassitas.

Pelo espinheiro já vinha subindo Nimrod e Ninurta, seguidos por outro esquadrão de arqueiros. Logo estavam reunidos, e como nada acontecia, dispuseram-se a ingressar na infernal caverna.

- Isa, Isa! – começou a chamar, aos gritos, o rei Nimrod, alarmado pela ausência da sacerdotisa, a quem ninguém tinha voltado a ver, desde que o Dragão se elevou até o céu. Nesse momento, alguém notou que os estandartes tinham apagado sua imbecil mensagem e se reescreviam sozinhos, persistindo naquela tática de se dirigir aos guerreiros com palavras enganosamente espirituais:

- Viajantes Kassitas:
Neste lugar só encontrará a loucura
Quem não possua um coração justo
E uma alma doce e devota
Capaz de adorar o Grande Arquiteto do Mundo
E servi-lo em sua Grande Obra.
Vós não possuís totalmente estas virtudes.
No entanto, sois afortunados, Kassitas!

Ainda que equivocados em vosso PROPÓSITO
O ter sabido chegar até aqui vos favorece;
E por isso vos faremos uma oferta
POR ESTA ÚNICA VEZ, AGORA E PARA SEMPRE:
Vos oferecemos servir, junto a nós,
Ao Uno, Senhor do Grande Alento,
Criador da terra, do céu e das estrelas,
De incontáveis mundos semelhantes a este,
E de outros LOKAS tão raros e sutis
Que são inconcebíveis para qualquer mortal.
Sois valentes e puros, Kassitas,
Mas fostes enganados pelo demônio Kus
Que vos mostrou um paraíso inexistente.
Deveis abandoná-lo e aceitar o Plano do Uno.
Oferecemos-vos agora PASSAR PELAS PROVAS
E servir ao Deus Uno ao nosso lado.
Pensai bem, Kassitas.
Matastes dois de nossos HIWA ANAKIM,
Os sagrados guardiões do umbral,
E isso é grave, pelo que devereis pagar.
No entanto ainda vos oferecemos SERVIR
Nas fileiras da Fraternidade, ao único Deus.
Se vos decides agora, se aceitais o acordo,
Deveis deixar as armas no umbral
E despojar-vos de toda intenção agressiva,
E DOS SIGNOS MALDITOS QUE PORTAIS.
Fazei-o logo, Kassitas!
Porque é a única oportunidade que vos damos.
Fazei-o e podereis atravessar sem perigos
O corredor que está à vossa frente.
Mas tenhais presente que deveis cruzá-lo
Com o arrependimento na alma
Porque logo chegareis a um lugar muito santo
Chamado "O Templo da Sapiência"
Onde sereis iniciados nos Mistérios do Uno.

Nimrod e Ninurta olharam-se vacilantes; esperavam encontrar inimigos prontos para o combate, mas ali só havia magia estúpida. Os estandartes, com as palavras que lemos, tinham atraído misteriosamente a atenção dos

Kassitas. Entre os guerreiros, alguns não sabiam ler, mas estranhamente a mensagem chegava do mesmo modo às suas mentes. E ainda que não entendessem muitos dos conceitos empregados, SABIAM perfeitamente que se tentava COMPRÁ-LOS (uma vez que propunham uma OFERTA), subornálos para que abandonassem a luta e se rendessem sem lutar. Os Kassitas derrotados, desarmados com "palavras"? E qual seria o preço cobrado por tão covarde claudicação? Nada menos do que servir ao odiado Enlil... Um murmúrio elevou-se da elite guerreira: tentava-se enganá-los e além disso, se insultou seu Deus Kus. O sangue fervia nas veias dos heróicos Kassitas. Mas a mensagem prosseguia:

- Se aceitais nossa generosa oferta
Tornar-vos-eis GUERREIROS DA ROSA,
Aprendereis a DOUTRINA DO CORAÇÃO
E, graças a esta sabedoria,
Descobrireis em vosso próprio coração
Ele, Aquele pelo qual sois tudo,
O Ancião dos Dias,
O Senhor dos Eternos Verões,
O Kumara Sanat.
Se aceitais, lutareis sempre por Ele
E pelo seu povo escolhido HABIRU
Cuja semente se encontra muito perto de vós.
Se aceitais, regressareis ao mundo
Como adeptos iniciados
Nos mistérios da KALACHAKRA,
A ciência mais poderosa da Terra.
E graças aos seus segredos
Sereis os maiores heróis,
Não existirão inimigos que vos possam enfrentar.
Sereis magos respeitados,
Generais vitoriosos,
Reis invencíveis,
Homens riquíssimos,
Depositários de um Poder
Como nunca se viu
Compartilhareis da glória de reinar no Mundo

Junto à LINHAGEM ESCOLHIDA POR ELE
No dia não distante em que ELE,
Como YAVÉ-SATANÁS
Se apresentará diante de numerosos povos,
Adoradores da matéria,
E os conduzirá com braço forte
Da Sinarquia de Seu Poder...

- Nããoo! – ressoou como um trovão a voz de Nimrod – Não olheis o maldito estandarte! Sua voz está fora, no mundo do engano. O que vos diz vosso sangue puro, guerreiros Kassitas? Não aprendemos de Kus, o hiperbóreo, que tentariam comprar nossas almas? E não nos disse Kus, lá nas longínquas montanhas, que ceder aos demônios seria nosso fim?

Desembainhou a espada, e com um rápido movimento, infligiu-se um corte na mão esquerda. – Escutai – prosseguiu – Eu, Nimrod, que vos guiou vitoriosamente em mil batalhas, vos digo que devemos combater até a morte estes vis demônios que não se atrevem a nos enfrentar. Digo-vos que mente, e que com suas promessas só pretendem nos perder – levantou sua mão, da qual manava abundante sangue – aqui está meu sangue, que é o mais puro do mundo! Com ele traçarei o signo de - - H-K neste estandarte infernal e em seguida entraremos para matar os demônios. Nosso signo é invencível!

Com seu dedo polegar direito, embebido em sangue, desenhou o signo primordial e instantaneamente pareceu como que um fogo consumia os sete triângulos encantados.

- Matemos os demônios! – gritaram em coro todos os guerreiros.

No entanto, não conseguiram ingressar no túnel; pois ainda soltavam fumaça no chão os restos dos estandartes quando os demônios de Shambala, que observavam ocultamente a reação dos Kassitas, dispuseram-se a empregar uma de suas terríveis armas atlantes: o “canhão OM”. Primeiro, foi um som suave, penetrante e agudo, como o canto da cigarra. Logo começou a subir de tom e de volume até fazer-se irresistível.

- Isa, Isa! – gritaram em dueto Nimrod e Ninurta.

Efetivamente, descendo do alto pelos espinhos da árvore Enlil, estava visível o espectro da princesa Kassita. Olhava-os fixamente e parecia falar energicamente, mas, no momento, ninguém ouviu nada; pois o monossílabo de El, emitido intensamente, tinha aturdido quase todos. Entretanto, era impressionante a fé que os Kassitas sentiam pela sacerdotisa de Kus; e talvez esta confiança fez com que, de repente, ouviram, ou acreditaram ouvir, suas instruções.

- Todos atrás de Nimrod e de Ninurta! Observai fixamente o signo de -- H-K que eles têm gravado em suas costas e deixai que flua em vós a Voz do Sangue. Seu rumor apagará qualquer coisa que vos perturbe. E vós, vós, valentes chefes: tendes uma armadura poderosa; vereis que ela vos protege. Olhai-me e confiai, que logo cessará vossa dor.

Dando um salto até o rei e o general, a sacerdotisa pôs suas mãos nas cabeças de nossos heróis, produzindo a exalação de algo semelhante a uma aura brilhante ao redor de seus corpos. Esta operação produziu um evidente alívio; pois um segundo depois ambos estavam amaldiçoando, ainda que todavia não conseguissem ouvir seus próprios juramentos.

Enquanto no céu ocorriam os eventos que acabamos de narrar, abaixo, junto ao Zigurat, o restante do povo vivia curiosas experiências. Quando Nimrod jogou as cabeças do demônios, o burburinho foi muito grande; e poucos minutos depois as mesmas pendiam espetadas em lanças. Estas cabeças eram muito maiores do que a de um homem normal, ainda que não chegassem a dobrar em volume. Os cabelos louros e longos emolduravam um rosto quadrado, de olhos rasgados e negros e enorme nariz curvo. A boca era de lábios carnudos, detalhe que se percebia perfeitamente, pois os demônios careciam de barba.

As lanças foram cravadas em frente à imagem de Kus, enquanto as sacerdotisas transportavam os enormes corpos para, ante o Deus da raça, arrancar o coração dos demônios. Uma sacerdotisa fez a abertura no branco peito e extraiu o coração que, curiosamente, encontrava-se no lado direito do peito. Em seguida, tirou o órgão do outro demônio e, feito isto, elevou as sangrentas vísceras nas mãos, para que todos as vissem. E aqui ocorreu um enésimo prodígio pois, em contato com o ar, os corações transformaram-se em flores, com o consequente espanto por parte da multidão, integrada por muitas mulheres e crianças. Eram duas ROSAS VERMELHAS com um pedaço de talo espinhoso cada uma, mas ninguém as reconheceu, pois ainda não existiam as rosas sobre a terra, e é provável que aquelas fossem as primeiras que os olhos humanos viam, desde o afundamento da última Atlântida. A sacerdotisa jogou-as desdenhosamente aos pés de Kus e todos regressaram para perto do Zigurat onde, nesse meio-dia interminável, erguia-se o gigantesco espinheiro.

A elite de duzentos arqueiros já tinham subido pelo espinheiro Enlil e penetrado na negra abertura. Ficava ao redor do Zigurat o resto do exército Kassita: a infantaria, os sapadores, os lanceiros e auxiliares, e numerosos

arqueiros que não pertenciam à elite. Também havia vários esquadrões de guerreiros de outras cidades que tinham vindo a Borsipa como escoltas de embaixadores e sacerdotes. E todos levantavam o punho para o céu e gritavam: - Kus, Nimrod, Kus, Nimrod! – encorajando seu, agora, invisível rei, e desejando intimamente receber a ordem de subir pelo espinheiro para colaborar na luta. Vários príncipes e chefes militares estavam junto às tropas, mas ninguém teria se atrevido a dar nenhuma ordem sem receber antes sinais de Nimrod ou Ninurta.

Acompanhava a gritaria das tropas um coro de mulheres e crianças, que compunham o restante do povo. Mas os pastores semitas HABIRU, é claro, continuavam atemorizados, invocando em voz baixa Yah, El, Il, Enlil, seu amado Demiurgo. E as sacerdotisas, que timidamente primeiro e depois, com certa urgência, tinham subido ao pavilhão superior para indagar sobre o destino dos setenta sacerdotes, comprovavam que todos tinham perecido. E por isso choravam aos gritos e amaldiçoavam o sinistro espinheiro. Pois os sacerdotes que não morreram calcinados quando a terrível língua de fogo abrasou o templo, estavam agora espetados em grossos e longos espinhos que cobriam praticamente a totalidade do recinto azul. O povo Kassita tinha perdido a elite de sacerdotes cainitas; sua sorte estava agora somente nas mãos do rei Nimrod!

Nesse ínterim, o som do canhão OM começou a invadir o âmbito da cidade; e logo se fez tão insuportável que muitos caíam ao chão, desmaiados de dor. Uma nova nuvem de vapor geoplasmático, agora brotando do solo de Borsipa, começou a invadir tudo. A névoa subiu até uma altura igual à metade de um homem, e cobriu os que caíram sem sentido. Os primeiros a caírem, quase instantaneamente, foram os semitas; homens e mulheres; crianças e anciãos; todos caíram rapidamente, fulminados pelo penetrante som. E em seguida ocorreu, talvez, o PENÚLTIMO grande fenômeno desse dia glorioso. De repente, tão misteriosamente como se tinha formado, a neblina começou a se dissipar, deixando descobertos numerosos homens e mulheres que jaziam caídos no solo ou que tentavam se levantar. Mas o prodígio era que os semitas, EM SUA TOTALIDADE, tinham desaparecido. E o som diabólico, o monossílabo de El, também cessou nesse momento.

Os Kassitas, ao comprovar que os semitas não estavam à vista, pensaram que tinham fugido; pois muitos deles eram seus escravos ou serventes; e esta presunção aumentava seu furor. Mas os semitas não tinham fugido; toda a sua comunidade experimentou os efeitos seletivos do canhão OM, cujo som, convenientemente afinado, tem a propriedade de produzir o teletransporte. Em diferentes lugares, a muitas milhas de distância,

"encontraram-se" os pastores semitas, ao recobrar o conhecimento; e se bem que a princípio amaldiçoavam Nimrod e sua "magia", atribuindo a esta a culpa de suas involuntárias viagens, ao terem notícias do destino de Borsipa, agradeciam ao seu Deus Yah por tê-los salvado. Muitos despertaram em Nínive ou em Assur; mas outros foram parar em locais tão distantes como ISHBAK, PELEG, SERUG, TADMOR ou SINEAR. De fato, muitas famílias semitas levaram anos para reunirem-se, separadas por distâncias de duzentas ou trezentas milhas, fato que contribuiu para difundir, de maneira distorcida, a façanha de Nimrod por todo o Oriente Médio. Enquanto isso, em Borsipa, um arqueiro assomou-se pela negra abertura do céu e gritou: - Todos os guerreiros, ao ataque! Nimrod vence!

Mas voltemos à entrada da caverna, onde deixamos Nimrod e Ninurta. Quando ambos se convenceram de que o raio sônico OM não podia nada contra eles, prestaram-se a invadir o umbral. O corredor era suficientemente largo para que pudessem avançar cinco emparelhados, coisa que fizeram às carreiras. À frente ia a espectral figura da princesa Isa, seguida por Nimrod, Ninurta e o resto dos arqueiros, menos uma dezena que ficaram de guarda na entrada. Aquela caverna, construída com o objetivo de atemorizar os aspirantes a servir o Demiurgo, tinha as paredes cobertas de baixos relevos monstruosos e lendas misteriosas e ímpias. Também existiam portas laterais que davam para certas "câmaras", onde a Demônia Dolma costuma aparecer em sua lasciva nudez, rodeada de uma corte de "santas" prostitutas. Ela é encarregada de "guiar" e enfeitiçar os adeptos que ignoram os perigos da magia sexual.

Estas e outras armadilhas alucinantes, destinadas a confundir e submeter a vontade dos ingênuos aspirantes que costumam se aventurar a atravessar o umbral, encontravam-se montadas, à espreita, em toda a interminável longitude do sinistro corredor. Mas nenhum de tais truques podia deter aqueles que estavam além dos sentidos; aqueles que só ouviam a voz do sangue puro; aos quais sua determinação lhes havia levado a lutar no céu.

A vanguarda Kassita já tinha percorrido uma longitude de dois estádios, quando o túnel terminou abruptamente, dando lugar a três salas, uma em seguida da outra, em cujas entradas, grandes inscrições em vários idiomas permitiam saber que se encontravam no "Templo da Ignorância e do Aprendizado", ou no "Templo da Fraternidade" ou no "Templo da Sapiência". A primeira sala encontrava-se vazia, salvo um altar com os odiados símbolos de Enlil. A segunda possuía dois altares e duas enormes colunas de basalto

em sua entrada. A terceira ostentava um suntuoso altar com um ataúde e, gravados em paredes e tetos, os símbolos mais obscenos e malditos que ninguém pode conceber sem perder a razão. E em todas as salas havia ricos tapetes e tapeçarias cobrindo pisos e paredes, e incensos aromáticos que impregnavam o espaço, suavemente iluminado por várias lamparinas a óleo. As três salas, tão estranhamente decoradas, constituíam, sem dúvida, um espetáculo inusitado para aqueles homens aguerridos que, minutos antes, encontravam-se em uma humilde cidade do deserto. No entanto, estes estranhos ambientes não puderam ser devidamente observados pelos Kassitas, pois a luta começou tão logo ingressaram na primeira sala. Ali, um grupo dos "Guardiões do Umbral" HIWA ANAKIM, semelhantes aos que Nimrod decapitara momentos antes, fechavam-lhes a passagem.

Apesar de possuírem aspecto feroz e serem muito grandes em tamanho, essas aberrações da magia negra não são muito efetivos para a luta. Nasceram da cópula entre os Siddhas da Face Tenebrosa e mulheres pasu, na cerimônia do Sabat, que é antiquíssima, da época em que ditas práticas destruíram a Atlântida. Muitos milhares de tais seres vivem em Chang Shambala (ou Kampala, ou Dejung, etc.); são totalmente imbecis e servem nos "exércitos" da Grande Fraternidade. Porém, há pessoas mais imbecis do que os HIWA ANAKIM: são aqueles que ao vê-los, acreditam serem "anjos" ou "extraterrestres".

Os guardiões rodeavam um ancião calvo, seminu, de raça amarela, que parecia um habitante das distantes montanhas Kuen Luen. Tinha em suas mãos um DORJE ou Cetro de Poder, isto é, um transdutor poderosíssimo que permite operar como "chave" ou "gatilho" em toda a maquinaria ressoante que é o mundo material. O cetro, uma vara com cabeça esférica de pedra, emitiu um raio avermelhado que atingiu secamente o peito do General Ninurta, jogando-o fulminado no piso. Mas o inimigo não teve tempo de alegrar-se por este golpe, pois uma flecha certeira atravessou o coração do demônio amarelo provocando, tão extraordinária resposta, grande confusão entre os Hiwa Anakim. Agora o choque se fez inevitável; enquanto alguns demônios arrastavam o cadáver do velho para a "Sala de Aula de Aprendizado", outros se dirigiam, com a espada em mãos, para os guerreiros Kassitas. Uma chuva de flechas mágicas caiu sobre eles; mas em um ambiente tão reduzido, logo a distância se encurtou e teve-se que lutar corpo a corpo. Já tinha caído vários demônios perfurados e outros mais não tardaram a segui-los, pelo efeito das espadas Kassitas. Nimrod abriu uma clareira entre os muitos atacantes e, seguido de seu esquadrão, passou para

a sala seguinte. Ali a luta se fez encarniçada, pois se via que o número de demônios era muito grande.

Mas Nimrod estava febril. Tinha visto, através da Segunda Sala, um personagem resplandecente, que parecia dirigir o ataque. Espiava, em alguns momentos, o Templo da Sapiência, de uma porta que parecia dar para um amplo jardim; mas após gritar ordens se afastava, para dar passagem a outros desajeitados Hiwa Anakim. Era um Nefilim, um Siddha da Face Tenebrosa; mas Nimrod, impressionado por seu aspecto divino e suas grandes asas brancas, o tomou pelo próprio Enlil. Apontou cuidadosamente e disparou, quando a imagem do Nefilim se desenhou na porta. A flecha traçou uma suave curva no espaço e foi dar diretamente no peito do demônio, ricocheteando, como se tivesse batido contra uma dura rocha.

- Cão Nimrod! – gritou o Nefilim, com o rosto desfigurado pelo ódio – Assim respondes a nossa oferta? Agora morrerás, tu e todos os teus. Serão pasto de nossos Hiwa Anakim que, certamente, têm muito apetite.

Dito isto, afastou-se da porta, enquanto um tropel de demônios irrompiam para Nimrod, enquanto este observava horrorizado como muitos Hiwa Anakim entregavam-se a devorar ferozmente os guerreiros caídos. Esta visão arrancou um grito de terror do rei Kassita e, enquanto sua espada mantinha longe os atacantes, observava que as baixas eram terríveis entre sua elite de arqueiros. Esse foi o momento em que deu a ordem de buscar reforços. Alguns momentos depois, milhares de guerreiros irrompiam nos malditos templos da iniciação sinárquica.

Logo os Hiwa Anakim foram ultrapassados e Nimrod teve tempo de reunir seus arqueiros sobreviventes. Restavam menos da metade; mas os reforços chegados eram impressionantes, a tal extremo que ameaçavam saturar os três templos que tinham sido tomados. Tinha-se que tentar uma saída para o jardim exterior. Nimrod espiou pela porta na qual viu o Nefilim e comprovou que dava para o jardim de um enorme palácio, no meio de uma cidade ciclópica. Uma visão de tirar o fôlego.

É que estavam no coração de Chang Shambala, muito perto do palácio do Rei do Mundo. O conjuro dos sacerdotes cainitas tinha sido tão efetivo, apoiado, claro, pelo Mistério do Sangue Puro, que a serpente de fogo lhes havia facilitado as sete muralhas. O túnel da iniciação sinárquica as atravessa, para que os discípulos do Demiurgo possam chegar até os Mestres de Sabedoria. Mas convém que façamos alguns esclarecimentos. Apesar de tudo o que vimos fazer os sacerdotes cainitas e Nimrod, não se

trata de magia a chave para chegar em Chang Shambala, mas sim de Estratégia. De nada valeria que alguém pudesse "abrir a porta", se seu espírito está dogmatizado ou é vítima de qualquer das táticas psicológicas que a Grande Fraternidade usa para conseguir a Sinarquia Universal. Por isso, A VERDADEIRA FAÇANHA DE NIMROD FOI ATRAVESSAR O TÚNEL E OS TRÊS TEMPLOS COM AS ARMAS NA MÃO, o que fala e falará para sempre do SANGUE MAIS PURO DA TERRA. Porque esses lugares SÃO AS CÂMARAS DE ENGANO MAIS PODEROSAS QUE EXISTEM NO MUNDO. Nada se lhes pode igualar, nem os tratamentos com drogas que possam usar os Serviços de Inteligência do Ocidente, completados com hipnose, nem qualquer outro sistema de "programação psíquica". Aqueles que vão parar ali, pessoas úteis à Sinarquia, Chefes de Estado, religiosos, reis, pessoas ricas e influentes, presidentes de corporações, etc., "retornam" completamente enfeitiçados, dispostos a trabalhar plenamente para cumprir sua "missão". São os "iniciados" da Sinarquia; "morreram" e "voltaram a nascer"; mas o que na realidade morreu neles é o espírito, a recordação de sangue, a Minne, que agora, submersos em uma total CONFUSÃO ESTRATÉGICA, nunca mais SENTIRÃO.

No pátio exterior ao Templo da Sapiência, onde tinham se entrincheirado os valentes Kassitas, toda uma legião de Hiwa Anakim de espada em mãos e vários esquadrões de Sheidim, os anões de pele terrosa, esperavam inquietos. Estes anões, de cabeça enorme, são produto da relação carnal entre os pasu e certos animais, durante as orgias de magia negra atlante. Transportados em massa para Chang Shambala após a hecatombe, habitam em lúgubres cavernas e realizam todo tipo de tarefas para os "Mestres". Ultimamente, foram "redescobertos" no Ocidente como acompanhantes de tripulantes de O.V.N.I.S., mas, na verdade, trata-se de uma espécie terrestre milenar. Dominam uma arma antipessoal paralisante que dá sensação de frio e pode produzir desmaios, mas não é mortal. Mostram-se agressivos e são de se temer, se não se os conhece e não se possuem os conhecimentos necessários para neutralizá-los. Mas quando estão perdendo são covardes e fogem em debandada. São ferozes carnívoros, mas não gostam da carne humana como os gigantes Hiwa Anakim. Eles são os responsáveis pelo roubo de reses, mutilações de animais e sucções de sangue, assim como os Hiwa Anakim costumam realizar seu desjejum com desprevenidos cidadãos que nunca mais tornam a "aparecer".

A visão do pátio exterior não podia ser mais arrepiante, mas Nimrod desejava se enfrentar com o covarde Nefilim e vingar as horrorosas baixas

produzidas entre seus homens pelos gigantes antropófagos. Para isso, traçou uma estratégia simples. Enviaria a infantaria em horda, seguidos de uma vanguarda de lanceiros. Atrás ficaria a elite de arqueiros protegendo a retaguarda e disparando permanentemente nos alvos mais certeiros. Na confusão, Nimrod tentaria chegar até o Nefilim.

O Emin Nefilim, cujo nome era KOKABIEL, um dos duzentos Siddhas Hiperbóreos que vieram de Vênus, seguiram o caminho da mão direita e fundaram a Grande Fraternidade ou Hierarquia Oculta da Terra, encontrava-se dirigindo suas hostes de pesadelo, escudado atrás de uma enorme fonte de água. Seu aspecto era deslumbrante, pois estes demônios são orgulhosos e sentem prazer em mostrar uma aparência bela, tratando em vão de competir com Cristo-Lúcifer, Senhor da Beleza.

Nimrod deu a ordem de atacar e uma horda de viryas Kassitas precipitou-se contra a cerrada formação dos demônios. Os anões dispararam suas armas de "cinturão" e produziram alguns tropeços entre os primeiros guerreiros; mas logo viu-se que o ímpeto que tinham faria impossível detê-los desse modo. Começaram a chover dezenas de flechas, ao mesmo tempo que se chocavam as duas vanguardas, gerando-se uma tremenda escaramuça. Nesse momento, Nimrod, que tinha se dirigido aparentemente em sentido contrário, caiu de dois saltos sobre Kokabiel, tentando degolá-lo com um afiado punhal de jade. Essa arma, procedente da China, tinha sido recomendada por Isa, por ser muito efetiva para abater os demônios.

Rodando em mortal abraço os dois Siddhas Hiperbóreos, o branco Nimrod e o tenebroso Kokabiel, jogavam com suas imortais e ilusórias vidas, tratando de apunhalarem-se mutuamente. Era algo que não se via há 8.000 anos.

Mas seus corpos pertenciam a duas raças diferentes. Kokabiel era enorme, quase o dobro em tamanho do que o valoroso Nimrod; e esta vantagem física, somada ao seu ódio, que constituía uma energia palpável, abrasadora, colocava em apuros o rei Kassita.

- Morra, cão Nimrod! – uivou o Nefilim, enquanto pressionava o pescoço do rei Kassita, surpreendido em mortal chave de luta.

- Morra e regressa ao mundo infernal do humanos mortais! – Começaram a ranger os ossos do infortunado rei.

- Imbecil Nimrod! Querias conquistar o Céu? O castigo será terrível. Encadear-te-emos de tal forma que regressarás à consciência mineral ou, pior ainda, ao mundo elemental das larvas etéricas. E tardarás milênios em

tirar-te a roda do Karma, maldito Nimrod. E com teu povo faremos um castigo definitivo. Será apagado da face da terra! Mas tua derrota sempre será lembrada pela linhagem HABIRU de Yavé.

CRACK, soou lugubremente a coluna de Nimrod, ao se partir.

- Ha, ha, ha, - ria cinicamente Kokabiel – Sim, te cai bem esse nome: "Nimrod, o Derrotado". Assim serás lembrado, cão Nimrod. Ha, ha, ha. AHHAHA! – Uivou horrivelmente o Nefilim, ao perceber que o punhal de jade tinha penetrado até a empunhadura em sua cintura. Em todo momento da luta, Nimrod tinha tentado afundar a arma, mas esta resvalava na couraça eletrostática com precipitação mineral que o protegia. Por fim, quando se sentiu morrer, difundiu sua consciência no sangue, à maneira hiperbórea, e deixou que o último esforço de seu braço fosse guiado pelos impulsos primordiais. Então a mão, temivelmente armada, disparou diretamente para um ponto da cintura do Nefilim, justamente sobre o fígado, onde um vórtice de chakra gerava um ponto fraco na armadura.

Agora Kokabiel estava morto e nunca mais viveria neste Universo, tal é o Mistério que tratam de ocultar os demônios Nefilim de Chang Shambala. Mas Nimrod agonizava junto ao gigantesco cadáver... Ao cair Kokabiel, uma súbita perplexidade gerou-se entre as hostes demoníacas. No entanto, as vozes de outros covardes Nefilim incitavam-nos a lutar sem retroceder. A matança era terrível e o sangue já cobria grande parte do pátio, semeado com centenas de cadáveres. Um esquadrão de sapadores começou a incendiar os corredores adjacentes e logo ardeu o palácio, que se achava, evidentemente, evacuado. No meio da confusão, alguns guerreiros sentaram o rei arqueiro apoiado na rumorosa fonte e o viram sorrir, enquanto o cintilar das vorazes línguas de fogo projetava sombras dançantes sobre seu rosto. Também o viram falar com o espectro de Isa. E alguns até puderam ouvir com clareza o que diziam:

- Ó, Isa, onde estivestes, princesa?

- Muito longe, valoroso Nimrod – respondeu a sacerdotisa morta – o monstro de fogo Enlil me transportou fora do mundo terrestre, até a casa de seu amo Shamash, o Sol. Ali vi uma cidade de fogo, com os demônios mais infernais que ninguém pode imaginar. Havia onze "Deuses" semelhantes a Enlil. E um, ó Nimrod, que não pode ser descrito por nenhum mortal sem correr o perigo de perder a sanidade. O monstro mais espantoso e abominável que se possa imaginar, em toda uma eternidade de loucura. E habitava em Shamash! E tudo, ó Nimrod, tudo o que existe, tudo quanto vemos aqui, neste inferno, e em muitos outros mundos que atravessou o monstro, tudo estava vivo, palpitava e era parte d'Ele! Mas deves alegrar-te, ó

Nimrod, porque nem Ele pôde com o Signo primordial de - -H-K – Transforma-te em árvore! – ordenou Shamash ao monstro Enlil – e confunde na gnose primordial de teus frutos esse SIGNO que nos recorda o INCOGNOSCÍVEL!

De repente, ó Nimrod, encontrei-me na copa de um espinheiro que se pendurava em negros abismos e chegava até Shamash. Comecei a descer e muitas criaturas infernais me ameaçavam, mas todas fugiam ao comprovar que eu portava o Signo. Estava muito preocupada pois devia cumprir a missão de encontrar o caminho de regresso à origem, tal como nos foi encomendado pelos sábios cainitas. Toda a esperança da raça estava colocada em mim e não podia fracassar. E para cúmulo das pressões, percebia a Voz de Shamash que falava ao CÃO DO CÉU e dizia: "Ó Sírio! Ó, Sião! Ó, Divino Cão! Tua nunca manchada face deve contemplar como os seguidores de Cristo-Lúcifer, o enviado do Incognoscível, elevam-se contra o Plano do Uno, desafiam as leis cósmicas e procuram abandonar o Universo dos Sóis. Permitiremos nós, os Arquitetos de Todos os Mundos, que OS ESPÍRITOS ESCRAVOS se liberem do jugo dos ciclos, dos manvantaras e pralayas? Responde, ó Tu, que vives na Paz do Uno. Dize-nos se podemos aceitar que O Ungido Lúcifer, o Cristo, revele o Mistério do Vril aos espíritos atados à evolução de nossas Santas Vontades. Pois eis que O Enviado se instalou em nossa Mansão e dali encoraja a Redenção do Sangue Puro. Ilumina o interior dos viryas como um NOVO SOL QUE NINGUÉM VÊ, um Sol Negro que lembra a origem divina do Espírito e desperta a nostalgia do regresso. Permitiremos esta abominação, ó Sírio? Se eles descobrem o caminho de regresso aos mundos incriados, o que será de nossas cadeias planetárias, confiadas ao desenvolvimento duvidoso das mônadas? Devemos impedi-lo! Ó, Sírio-Sião, Cão do Pastor Uno, que cuidas do rebanho cósmico, afunda teus dentes na Serpente Redentora e livra-nos de sua ameaça de liberação espiritual PARA QUE CONTINUE ETERNAMENTE A ESCRAVIDÃO DAQUELES QUE SÃO SEMELHANTES AO INCOGNOSCÍVEL, SEM SABEREM QUE O SÃO!"

Ó, Nimrod, não temas! – exclamou a princesa, ao comprovar que o rosto do moribundo se ensombrecia – triunfamos, ó Tu, o vencedor de Kokabiel! Enquanto os demônios faziam ouvir suas blasfemas vozes por todo o orbe, eu tratava de cumprir a missão da raça: encontrar o caminho de regresso. Para isso, concentrava minha atenção no Sol Negro, pois essa é a única maneira de conservar a VANTAGEM ESTRATÉGICA obtida pela pureza de sangue, quando uma luz vivíssima partiu de trás desse Centro

Racial. Era um RAIO VERDE, de uma pureza inefável, que atravessava o centro incriado e revelava, para nossa estirpe, a porta original das Mansões Perdidas. Ó, Nimrod! Em um instante, tudo se tornou claro, toda a confusão se dissipou! Já não poderia mais me perder, porque agora sabia que nunca tínhamos nos extraviado, nem confundido, nem pecado, nem caído. Nem sequer jamais tínhamos nos movido! Ó, Nimrod! Ao dissipar-se a totalidade do Grande Engano tive a certeza de que não teríamos que regressar, porque estávamos ali sem sabê-lo. Conquistamos a liberdade do Espírito, Valente Nimrod! E A POSSIBILIDADE ABSOLUTA DE SERMOS NÓS MESMOS NOSSA PRÓPRIA CRIAÇÃO, DE SERMOS NÓS A MATRIZ DE NOSSO PRÓPRIO PARTO. É A VONTADE DO INCOGNOSCÍVEL, DIVINO NIMROD, QUE POSSAMOS TUDO!

A princesa Isa pronunciou as últimas palavras, acompanhando o suspiro final do rei hiperbóreo:

- Já possuía o segredo do retorno ao descer do espinheiro, quando os vi na entrada da infame caverna iniciática; mas era bom, para dar prova da pureza alcançada pela linhagem de Kus, que se travasse a batalha final entre os Kassitas de Nimrod e os demônios de Kampala Dejung. Para que perdure na memória racial dos viryas ainda encadeados a recordação desta façanha e seja evocada ao final da era do peixe, quando os Doze Siddhas recuperem a Coroa de Lúcifer e despertem definitivamente os povos hiperbóreos. Então cairá Chang Shambala com seus demônios, e em um holocausto de fogo sem fim sucumbirá a maldita obra do Demiurgo.

Nimrod jazia morto em Chang Shambala. Junto a ele, com uma careta de horror indizível no crispado rosto, estava o cadáver do Nefilim Kokabiel, que tinha sido mestre de feiticeiros e magos. Sua ciência foi inútil ante a tenaz decisão dos puros Kassitas; e tal fracasso demonstrou que para o virya, mutado em Siddha, sempre é possível lutar contra os demônios e vencer. Claro que essa VITÓRIA MÍSTICA pode ser também uma derrota, se é MEDIDA COM A VARA DO PASU. Porque, de fato, é considerada como "derrota" toda vitória que não leve aparelhado um sucesso material comprovável e mensurável com as pautas morais das sociedades "sinarquizadas". Pois a moral de uma sociedade é função de sua cultura e, já o dissemos, "a cultura é uma arma estratégica" para a sinarquia. Por isso, aqueles que lutam contra as forças satânicas, os viryas hiperbóreos, serão sempre qualificados de "derrotados". E por isso o Grande Ser que ilumina o CAMINHO INTERIOR dos viryas, Cristo-Lúcifer, é chamado de Deus dos

Perdedores, porque todos os seus seguidores sempre perdem durante o Kaly Yuga.

Jazia, pois, Nimrod, O Derrotado, morto em Chang Shambala. Seus bravos Kassitas tinham sido completamente exterminados, em uma vasta área da Cidade Maldita, até onde os conduziu seu furor guerreiro. À luz reverberante dos últimos fogos, podia-se observar o ossuário espantoso no qual se transformaram os templos e pátios. O primeiro palácio, chamado de "Mansão dos Manus", onde se depositavam os anais das raças raízes e que era utilizado pelos Mestres de Sabedoria para treinar seus ENVIADOS, foi reduzido a cinzas. Um enorme monastério e vários templos dedicados a "divindades menores", sempre destinados a treinar "enviados", ou seja, enganá-los taticamente, também sofreram os efeitos do fogo. Comparado com estas importantes perdas, a resistência oferecida pelos demônios tinha sido mínima. Só arriscaram sua pele o vil Kokabiel e o Mestre Chinês que empregou o Dorje, limitando-se a enviar contra os viryas Kassitas legiões de gigantes Hiwa Anakim e de anões Sheidim. Como diríamos agora, utilizaram uma "massa tática" composta por "robôs" ou "androides". É que ELES NÃO PODEM ARRISCAR SUAS VIDAS POIS SÃO MUITO POUCOS. Há milhares de anos eram duzentos. Nimrod liquidou um... Certamente custa crer que tão poucos sejam capazes de tanto. Mas deve-se pensar que eles possuem o "apoio" de milhares de "Mestres", ou seja, de "iniciados pasu" de grau evolutivo superior, e contam com o DOMÍNIO ESTRATÉGICO DA CONSCIÊNCIA PLANETÁRIA.

Aquele "meio-dia" interminável permaneceu inalterável durante toda a batalha de Nimrod; e podemos considerar sua duração aproximada como de umas doze horas. No momento em que o rei Kassita expirava e se extinguia o combate em Chang Shambala, o ÚLTIMO PRODÍGIO sacudia Borsipa. Já tinham subido ao céu todos os guerreiros disponíveis, mais de quatro mil, incluindo alguns visitantes; e a cidade apresentava então um estranho aspecto. Com essa multidão composta em sua maioria de mulheres e crianças que não cessavam de gritar, sobrepondo-se seus protestos a um fundo de música guerreira tangida pelas sacerdotisas cainitas. E essa torre imponente, erguida até o céu em aberto desafio. E esse espinheiro em sua cúspide, essa árvore primordial que simboliza a sublimação da matéria por parte d'Ele e sua incorporação nas hierarquias Cósmicas, cujo supremo regente é esse que se autodenomina "UNO". E esse meio-dia interminável

sem a imagem de Shamash... A verdade é que Borsipa apresentava um aspecto raro nesse seu último dia!

Já não havia semitas em Borsipa; a linhagem de Yah, o sangue de Abraão, os pastores Habiru, seriam salvos. Mas tampouco havia covardes para fugir, quando a LENTILHA PRATEADA apareceu no céu. Todos ficaram mudos de espanto, enquanto o grande OLHO DE PRATA emergia de uma nuvem suspeita. E todos morreram em seus postos, quando o raio atômico deu de cheio na Torre de Nimrod. O calor emanado foi tão tremendo que a areia se fundia e jorrava como água. Um furacão mortal, um círculo expansivo de fogo partiu de Borsipa, matando qualquer ser vivente em dez milhas ao redor.

Empregou-se outra das armas táticas atlantes, cumprindo assim os rogos que Enlil e Shamash fizeram ao Cão do Céu, Sírio-Sião, e que a princesa Isa presenciara. E uma vez consumado o ataque, a lentícula de prata desapareceu da toda vista física para retornar ao CENTRO de onde tinha sido PROJETADA, em Chang Shambala.

Ao dissipar-se a fumaça, só restava em pé a sétima parte da torre de Nimrod; Shamash continuava sua viagem para o Ocidente, o espinheiro e a porta do céu já não existiam. O pesadelo havia terminado: o umbral estava a salvo para continuar prestando seu serviço às iniciações sinárquicas e os filhos do Sol da Meia Noite tinham fracassado novamente.

Só restaria a recordação racial da grande façanha de Nimrod e os restos calcinados de sua Torre, tal como se podem ver ainda hoje nas ruínas de Borsipa, com a areia vitrificada pelo calor nuclear, aderida ainda, após milênios, aos seus muros. E também perdurariam as calúnias inventadas pelos pastores semitas e recolhidas pela tradição árabe e judaica. No Talmud e em diversos escritos rabínicos pode-se ler, convenientemente alterada, parte desta história. Menciona-se ali a Torre de Nimrod, “da qual seus arqueiros disparavam flechas para o “céu”, o “orgulho luciférico” do rei Kassita, sua torre “confundida” com a de Babel, etc. Também se talharam tabuletas de argila gravadas em escrita cuneiforme que contam mais objetivamente os fatos, e numerosos Kudurrus, pedras gravadas, que se costumavam colocar em templos ou como limites territoriais, com referências à façanha de Nimrod.

Talvez, de todas as falsificações feitas com respeito a esta gesta hiperbórea, a mais insidiosa seja a referência de H. P. Blavatsky, na Doutrina Secreta, onde se escreve que “uma elite de sacerdotes assírio-babilônicos descobriu a maneira de escapar do Plano de Evolução do Logos Solar e abandonou a Cadeia Planetária, junto com seu povo, rumo às “estrelas”, onde

CONTINUAM SUA EVOLUÇÃO". Quer dizer que a mencionada agente da Sinarquia pretende capitalizar a façanha de Nimrod EM FAVOR DAS TEORIAS SINÁRQUICAS.

O restante do povo Kassita continuou dominando durante um tempo, mas finalmente fundiu-se com seus primos Hititas pois, como dissemos, "uma raça que perde seus sacerdotes é uma raça moribunda"; e, junto com Nimrod, tinha partido para sempre a elite de sacerdotes cainitas. Entretanto, a expansão Hitita os levou a habitar novamente Borsipa, a qual foi em parte reconstruída, mas ninguém se atreveu a tocar nas ruínas da famosa Torre.

Em Chang Shambala sempre está presente a história de Nimrod e com o objetivo de evitar futuras tentativas deste tipo é que muitos "enviados" ocuparam-se, durante séculos, de ELIMINAR provas a respeito e de CONFUNDIR sobre a metodologia tática empregada no ataque. Como veremos mais adiante, somente no século XX, por obra do Führer da Alemanha, foi possível empreender novamente, com perspectivas de sucesso, a mutação coletiva da raça e a conquista do Céu. MAS OS RESULTADOS DESTA NOVA GESTA HIPERBÓREA CERTAMENTE APARECERÃO, PARA AQUELES QUE SE ENCONTRAM SOB OS EFEITOS DA MAGIA SINÁRQUICA, COMO UMA DERROTA.

Para concluir este resumo da história de Nimrod, diremos que o rei Kassita, seu bravo general Ninurta, seus sacerdotes e todo o povo que morreu em Borsipa, empreenderam o definitivo CAMINHO DO RETORNO, guiados pela indomável princesa ISA.

Enquanto isso, os demônios idiotas Iwa Anakim devoravam seus corpos em Chang Shambala e o Rei do Mundo pronunciava sua oração vespertina, atrasada doze horas nesse dia pela façanha indelével de Nimrod.

Em um museu de Buenos Aires, na Argentina, encontra-se o famoso Kudurru de Kashshu, descoberto em Susa, onde era parte do saque do rei edomita Shutruk-Nakhunte, do século XII A.C. Nele está gravada a régia figura de Nimrod PISANDO A LUA E O SOL, e com uma estrela de oito pontas, símbolo do planeta Vênus, sobre sua cabeça. Ao seu lado, um Zigurat lembra sua famosa Torre. Abaixo desta imagem há duas colunas de escrita cuneiforme em língua Hitita, onde se menciona a morte do rei e se avisa que ninguém deve esquecer sua façanha. Transcrevemos parte de tal texto, segundo a erudita versão do Professor Ramírez, da Universidade de Salta, considerada universalmente como a mais exata:

A MORTE DE NIMROD
De uma famosa Torre
Cujas ruínas aqui estão
O rei Nimrod ao céu partiu
Um dia voltará!
Mas ele não foi
Aos Deuses seu joelho dobrar.
Com o arco retesado subiu
Disposto a matar.
Suas flechas a Shamash feriram
Mas logo voltou a se curar.
Mas Nimrod se foi
Ainda que algum dia voltará.
Uma Deusa o guia,
ISA se chama,
É a própria Ishtar.
E um povo o acompanha,
São os bravos Kassitas
Que junto a ele lutaram.
Pois Nimrod partiu
E conosco já não está
Ainda que digam as lendas
Que um dia voltará
Com seu arco retesado
Disposto a matar.

O PROJETO THULE DE JOHN DEE

Agora, após termos interiorizado a aventura passada por Nimrod e seu povo Kassita na antiga cidade assíria de Borsipa, podemos tentar descrever, superficialmente, o Projeto Thule do Dr. John Dee. Mas antes devemos ter presente que tal plano não foi realizado e apresentado em um momento dado, senão que denominamos “Projeto Thule” uma série de indicações que o Dr. John Dee fez à rainha Isabel I, entre 1581 e 1587, sendo nos últimos anos desse período que se revelou o caráter claramente hiperbóreo do mesmo. A

posse do espelho da Princesa Papan permitiu ao sábio inglês elaborar uma Estratégia Hiperbórea tão avançada para o seu tempo, que só pôde ser compreendida cabalmente só no século XIX. Mas essa Estratégia foi desenvolvida e transcrita em língua enoquiana e dessa forma chegou até nossos dias. Somente uma parte dela foi adaptada à política exterior da Inglaterra, à realidade do século XVI, e apresentada a Isabel I no famoso Projeto Thule; o restante compunha-se de princípios universais da Sabedoria Hiperbórea, aplicáveis em qualquer tempo e lugar; razão pela qual, ao serem conhecidos agora, pareceriam curiosamente ATUAIS. Podemos, pois, resumir os passos desta Estratégia, sem esquecer que a mesma é PARTE de uma Estratégia Geral ou Totalizante; e que tal PARTE jamais foi apresentada completa, tal como agora a analisamos, senão em sucessivas "sugestões".

I - ANTECEDENTES

Graças à amizade que John Dee mantinha com Mercator, a quem conhecera em LOVAINA, pode obter para a Inglaterra globos terráqueos desenhados com seu famoso sistema de projeção, além de diversos instrumentos para a navegação. Como é sabido, o século XVI começou com a Espanha e Portugal detendo uma tremenda superioridade marítima sobre os demais países da Europa, e acabou com o afundamento da Armada Invencível, fato que marcou o início da expansão marítima inglesa. A esta mudança de situação, devido indubitavelmente à mão de ferro de Isabel I, contribuiu o Dr. John Dee, com diversas contribuições científicas. No século XVI um mapa ou um novo astrolábio eram considerados segredos de estado; pois sua posse exclusiva podia significar, em muitos casos, anos de avanço sobre outras nações. Era o século da conquista da América e de múltiplas explorações marítimas mundiais.

Nesse quadro histórico de guerras pelo predomínio marítimo e de feroz competição comercial entre países deve se inscrever a estranha vida do Dr. John Dee, para assim compreender a originalidade que representam suas "indicações" e "sugestões" feitas à rainha Isabel I.

Em PRIMEIRO LUGAR, fez com que esta soubesse que a projeção Mercator sofria de graves erros, originados em um uso incorreto da geometria e da matemática. Segundo o sábio inglês, "deveria se investigar OUTRA GEOMETRIA, de tal forma que permita interpretar certas características raras que a geografia apresenta em alguns lugares da Terra". Essas características

anormais se depreendiam de um novo modelo do mundo, que John Dee tinha obtido por "revelação" dos anjos que lhe falavam através do espelho mágico. E dessa maneira, adiantava-se em 300 anos a ideia de que, para interpretar o espaço real, era necessário recorrer a outra geometria diferente da euclidiana.

Em SEGUNDO LUGAR, deve se destacar sua indicação certeira de que a Groenlândia é um dos lugares chaves da Terra, devido às especiais características que ali o espaço adquiriria. A teoria de John Dee, evidentemente inspirada na Sabedoria Hiperbórea, afirmava que o espaço terrestre se compunha de diversos planos sobrepostos concentricamente, como as capas de uma cebola, os quais constituíam em si mesmos mundos desconhecidos. Em alguns lugares especiais, tais planos estariam "em contato" entre si, existindo ali verdadeiras "portas", que permitiriam ingressar neles. Por esta razão, pelas especiais condições que a Groenlândia possuiria para iniciar tais explorações, é que John Dee, em um escrito que ainda se conserva arquivado na Inglaterra, denominava o gelado território como "porta para outros mundos".

Em TERCEIRO LUGAR, o Dr. John Dee fez a soberana notar que, desde o século X, um suspeito movimento marítimo tinha levado os VIKINGS islandeses a assentarem-se na Groenlândia. E era sabido que tanto os noruegueses, suecos ou daneses, assim como os normandos da França, e inclusive os irlandeses, possuíam lendas sobre maravilhosos e paradisíacos países que existiam "além da Groenlândia" e que eles ou seus antepassados teriam visitado. Após o descobrimento da América, pensou-se universalmente que tais países das lendas, o legendário Vinland, por exemplo, estavam no novo mundo. Mas John Dee não acreditava nisso. Segundo seu critério, os audazes exploradores teriam seguido também uma rota setentrional, dentro mesmo da Groenlândia, o que lhes possibilitou chegar em "outros mundos", o que não invalida que também conheceram e exploraram a América. Só que, ao fazer-se pública a existência do imenso e rico continente localizado exatamente no oeste, ninguém se preocupou em estabelecer a veracidade de alguns países desconhecidos situados no perigoso norte groenlandês. Mas tampouco ninguém poderia negar ao astuto sábio inglês o perturbador e inexplicável fato de que TODA A POPULAÇÃO VIKING DA GROENLÂNDIA – umas dez mil pessoas, no século XIII – TINHA DESAPARECIDO SEM DEIXAR RASTROS, NO SÉCULO XV.

Em efeito, segundo faz notar JACQUES DE MAHIEU: "No século XIII contavam-se duzentas e oitenta colônias (vikings) com uns dez mil habitantes, no total. Estas se dedicavam à pesca, à caça de baleias e ursos

brancos, à criação de bovinos, ovinos e cabalar, sem esquecer as renas, e a agricultura, pois – e isto nos dá a ideia do clima temperado – cultivava-se o trigo. Exportavam para a Escandinávia peles e dentes de morsa, peixe seco e couros de vacas e ovelhas." Mas, curiosamente, "o destino dos groenlandeses continua sendo um mistério. As expedições enviadas nos séculos posteriores pelos reis da Dinamarca para restabelecer o contato com eles demonstraram que não permaneciam na ilha serão alguns grupos de esquimós. É totalmente improvável, no entanto, que a pior das epidemias possa ter destruído integralmente uma população tão numerosa. O mais verossímil é que os groenlandeses tenham emigrado para terras mais acolhedoras. Mas não voltaram para a Europa." [17]

A colonização viking da Groenlândia começou em 986, com o assentamento do desterrado Erik, o Vermelho, quem lhe deu seu nome atual: "Terra Verde"; e prossegue posteriormente por sua família.

"Durante quatro séculos – diz FREDERIC DURAND – os descendentes destes pioneiros viveram no sudoeste groenlandês, da pesca e da caça. Emigrando de um fiorde a outro, estabeleceram duas colônias, a do Oeste e a do Leste, que era a mais próspera, já que contou com até 190 fazendas, 12 igrejas e dois conventos. Em 1124 criou-se um bispado em GARDHAR, centro comercial que conheceu uma opulência difícil de imaginar, ao pé dos glaciais atuais. Ali se erigiu uma catedral um pouco maior que a de Trondjhem – a maior de todo o Norte – que estava flanqueada por edifícios administrativos e barracas. Apesar da natureza extremamente hostil, pôde florescer uma literatura: provam-no dois dos poemas dos EDDA concebidos na Groenlândia: o ATLAKVIDHA e o ATLANMAL, confirmando aos olhos da posteridade a extraordinária vitalidade da raça dos vikings." [18]

Antes de extrair conclusões, convém levar em conta a intensa atividade da Igreja Católica. A respeito, destaca Jacques de Mahieu que "a Igreja desempenhou um papel importante na colonização da Groenlândia. O primeiro missionário cristão, trazido da Noruega por LEIF ERIKSSON, tinha chegado no ano 999. A princípio, a resistência da fé tradicional foi

---

[17] *JACQUES DE MAHIEU – A Grande Viagem do Deus Sol. Pág. 26. Ed. Hachette, Argentina.*

[18] *FREDERIC DURAND – Os Vikings. Pág. 33 – Eudeba, Argentina.*

considerável e se manteve durante um século. Mas o catolicismo se entrincheirou rapidamente no decorrer do século XI e se instalaram em todos os lugares igrejas, conventos e escolas. Em 1121, Roma deu à ilha seu primeiro bispo, ao qual seguiram dezesseis mais, mencionando-se o último deles em 1409; ainda que haja motivos para pensar que a sede episcopal de Gardar tenha sido abandonada por seu titular em 1342, data na qual, segundo um manuscrito latino redigido por GISSLE ODDSON, bispo de SKALHOLT, no século XVII, sobre a base do arquivo da cidade, A POPULAÇÃO GROENLANDESA TINHA SE AFASTADO DO CRISTIANISMO."[19] *(a mudança de letra é nossa)*

Eis aqui um mistério: uma população QUE MUDA DE RELIGIÃO E DESAPARECE. E podemos completar: uma população "nórdica", quer dizer, hiperbórea de sangue puro. É notável a facilidade com que se costumam aceitar as hipóteses mais absurdas, quando faltam as explicações adequadas. Pois não de outra forma se devem qualificar as teorias atuais sobre a Groenlândia, as quais afirmam que tal país possuía um clima "benigno" no século XIII, apto a sustentar uma população numerosa, e que o mesmo se tornou "hostil" um século depois, provocando uma emigração (para onde?) de todos os habitantes. Ao contrário, John Dee propunha uma interpretação diferente para resolver o enigma. Segundo o sábio, a Igreja Católica sabia muito bem que os vikings tinham ido "para outro mundo" no século XIV, MUDANDO PREVIAMENTE DE RELIGIÃO, razão esta pela qual mantinham o segredo.

À parte de todas as histórias fantásticas que se conheciam desde a Idade Média, por exemplo, as viagens dos Irmãos Zeno, das de São Brandão ou as mais certas lendas vikings que mencionamos, tinham acontecido dois eventos recentes em relação à Groenlândia, que John Dee destacava em QUARTO LUGAR de importância à rainha Isabel I. Um: a viagem "secreta" do almirante judeu Cristóvão Colombo à Groenlândia, em 1476. Dois: a viagem do islandês Sigurdur Stefensson, em 1570.

Com respeito ao ponto um, a viagem de Cristóvão Colombo, convém recordar que a História admite quatro viagens do Almirante para o novo mundo. Mas "na realidade foram cinco as viagens" – diz PIERRE CARNAC – "que realizou o Almirante; e exatamente a primeira delas é a que se ignora. Em efeito, antes de navegar para as LUCAYAS, em 1492, Colombo chegou

[19] *JACQUES DE MAHIEU – A Grande Viagem do Deus Sol. OP CIT Pág. 27.*

quase à Groelândia, seguindo os passos dos irmãos Zeno."[20] Entretanto, para Jacques de Mahieu, Colombo efetivamente alcançou o território groenlandês em dita viagem: "Mas a viagem mais importante para nós é a que fez (Colombo) a Thule. Só conhecemos por um parágrafo de uma carta do Almirante, que citam Fernando e Las Casas: '*No ano de 1477, em fevereiro, naveguei além de TYLE cem léguas, cuja parte austral dista do equinócio 73 graus, e não 63, como querem alguns, e não está situada dentro da linha que inclui o Ocidente Ptolomaico, mas é muito mais ocidental; e os ingleses, principalmente os de Bristol, vão com suas mercadorias a esta ilha, que é tão grande como a Inglaterra; quando fui lá o mar não estava gelado, ainda que as marés fossem tão fortes que subiam duas vezes por dia 26 braças e baixavam outro tanto'."*

Por qual motivo Colombo tinha empreendido uma perigosa viagem a Thule (quer dizer, Groelândia)? E o que é mais desconcertante: como pôde fazê-lo se não possuía meios para armar um navio e montar uma custosa expedição? Uma possível resposta a esta última interrogação também é oferecida por Jacques de Mahieu; quanto à primeira pergunta, quanto aos motivos que impulsionaram Colombo para a Groelândia, a resposta far-se-á evidente alguns parágrafos adiante.

"Os barcos portugueses não frequentavam os portos da Escandinávia – diz Jacques de Mahieu – Colombo tinha conseguido ir para a Inglaterra e embarcar ali para Thule? Mas, para quê? Talvez a chave do enigma se encontre em expedição montada, em 1476, pelo Rei CRISTIAN III da Dinamarca, com a finalidade de reencontrar os rastros das colônias norueguesas da Groenlândia, das quais não se tinham notícias há longo tempo. Coisa estranha, à primeira vista, Cristian III tinha solicitado e obtido, para sua empresa, a ajuda do Rei Alfonso V de Portugal. Os barcos eram daneses, e alemães os seus comandantes, os almirantes PINING e POTHORST. Nestas condições, em que podia consistir o apoio prestado por Alfonso? Lisboa era célebre, naquele então, por seus pilotos, homens capazes de ler e desenhar mapas marítimos e de guiar os navios pelas estrelas. Porém, a expedição tinha um piloto chamado JOHANNES SCOLVUS, do qual ninguém jamais ouvirá falar posteriormente. Os barcos

[20] *PIERRE CARNAC – A História Começa em Bimini – Pág. 293. Plaza y Janés, Espanha.*

daneses não reencontraram as colônias perdidas, mas alcançaram o LABRADOR, se confiamos em um mapa de 1582, devido a um tal MICHEL LOK, no qual figura, a oeste da Groenlândia, uma terra que tem o nome de SCOLVUS GROETLAND." [21]

O misterioso Johannes Scolvus[22] da citação precedente não é outro que Cristóvão Colombo, que, como se comprovou, era de raça judaica e parecia dominar a CABALA NUMÉRICA.[23]

Sobre a filiação judaica de Cristóvão Colombo podem se considerar, dentre muitas fontes, os argumentos que oferece Pierre Carnac, autor já citado, em um parágrafo que transcrevemos em seguida. No mesmo, o ator francês menciona o Testamento redigido por Colombo, em 1498, onde se refere à sua assinatura: "Dom Diego, meu filho – escreve o almirante – ou o que for herdeiro deste testamento, após tê-lo herdado e ter obtido a posse do mesmo, assinará com a assinatura que eu utilizo no presente, que consiste em um X, com um S em cima e um M, com um A romano em cima e, em cima deste, um S, e após, um Y com um S em cima, com suas linhas e traços, como eu faço no presente... E assinará só com a palavra O ALMIRANTE, ainda que o rei lhe dê ou ele mereça outros títulos".

"Os historiadores cristãos do Almirante – diz P. Carnac – transcreveram muito incorretamente a posição destas letras e adicionaram alguns pontos. A finalidade desta falsificação era estabelecer o que significavam as abreviaturas.

. S *Senhor*
. S.A.S. *Sua Alta Senhora*
. X.M.Y. *Excelente, Magnífico e Ilustre*

"esta sucessão de letras era a dos títulos honoríficos nos documentos da época, e não diz nada absolutamente da representação TRIANGULAR que se encontra no TESTAMENTO nem de seu texto (um M com um A romano em cima, e sobre este um S para a linha vertical do centro)".

Qual seria então o VERDADEIRO significado de tão enigmática assinatura? "Na realidade poucas dúvidas cabem aqui – responde P. Carnac

---

[21] *JACQUES DE MAHIEU – A Geografia... OP CIT. Pág. 83*

[22] *O sobrenome "Colombo" escreveu-se em diferentes épocas e países da seguinte maneira: Scolnus – Scolvus – Scolvo – Kolonus – Scolom – Skolum – Colum – Colom – Colombo.*

[23] *Existem duas cabalas: a cabala numérica e a cabala acústica. Uma exposição sobre a origem e significado de ambas as ciências se encontram em outra parte desta narração.*

– Na disposição que lhes dava o Almirante, estas letras representavam A ESTRELA DE DAVI, e, quanto ao sentido, constituíam, como o demonstrou bem MAURICE DAVID[24], um KADDISH, inscrição benéfica que o desconhecido chamado Colombo utilizava, talvez, para desafogar seu arrependimento de MARRANO. O Professor de História judeu J. R. MARCUS propõe, para este KADDISH, o seguinte texto:

SHADAI
SHADAI – ADONAI – SHADAI
YAHWH – MALE – CHESED

que é uma invocação guerreira ao Deus santo e único, ao Deus dos Exércitos do Antigo Testamento". "Da mesma forma que em seus cálculos sobre a idade do mundo, Colombo se remetia apenas à antiga tradição judaica, também jamais deixava de traçar em cada página das cartas que enviava ao seu filho, e SEMPRE NO MESMO LUGAR, um monograma formado pelo entrelaçamento das letras hebraicas *Beth* e *Hay*, que não são senão *borush hasheim*, velha forma de saudação e benção judaicas. Note-se que o Almirante usava tal fórmula apenas nas cartas de caráter confidencial."[25]

Cristóvão Colombo, judeu, cabalista e viajante inspirado, o que procurava em suas viagens, realizadas na época em que uma terrível repressão castigava seus irmãos de raça na Espanha, Portugal, França, etc., e com a Palestina em poder dos Árabes? Simon WIESENTHAL, o sinistro Caçador de Nazis austríaco, não vacila em afirmar que Colombo era "um profeta", encarregado por Jeová de encontrar uma nova Terra Prometida para o povo hebreu.[26] Por outro lado, o próprio Colombo o confessa repetidas vezes: tem uma MISSÃO a cumprir; foi guiado por Jeová para procurar o ÉDEN, o PARAÍSO TERRESTRE, que na Idade Média costumava se identificar com Thule, Agigea, as Ilhas Afortunadas ou outras tantas ilhas

[24] *MAURICE DAVID – Who was Columbus? – Nova Iorque, 1933 (chamada de P. Carnac – N. do A.)*

[25] *PIERRE CARNAC – A História... OP CIT, Pág. 291.*

[26] *SIMON WIESENTHAL – Les Voiles de l'Espoir – Paris, 1972.*

míticas: "... temos que chegar à conclusão – completa P. Carnac – que o que entreviu (Colombo) foi nada menos do que a fabulosa Índia, que obcecava à época, o próprio PARAÍSO TERRESTRE, essa terra dos bem-aventurados, da qual falavam sempre as velhas lendas". "E a prova? Perguntar-se-á. Ouçamos, antes de mais nada, o Almirante, e sigamo-lo no gênesis de sua inspiração, já que se referiu obsessivamente ao paraíso, antes de sua viagem de 1492 e depois da mesma. Os primeiros indícios que encontramos são suas anotações marginais na YMAGO MUNDI, do cardeal D'AILLY (Petrus Alliacus), incunábulo impresso em Lovaina, entre 1480 e 1483. Na passagem em que D'Ailly descreve o que deveu ser a terra ideal, precisando que "é provável que o paraíso terrestre seja uma região desse tipo, e esse deve ser igualmente o caso desse lugar que os autores chamam de as Ilhas Afortunadas", lemos, escrito de próprio punho e letra do Almirante: "O paraíso terrestre é, sem dúvida, o lugar que os antigos chamam de as Ilhas Afortunadas". E mais adiante, quando o cardeal mostra que não pode ter identificação entre as ilhas e o Éden, Colombo escreve, com pesar: "Erro dos gentios, que afirmavam que as Ilhas Afortunadas eram o paraíso, em razão de sua fertilidade".

Acreditamos que não vale a pena dizer mais. Pois o exposto basta para deixar claro que Colombo procurava secretamente A PORTA PARA O PARAÍSO, ou seja, a PORTA DE CHANG SHAMBALA, já que os judeus identificam corretamente a guarida dos Demônios com o Éden de Jeová. Sob esta ótica, Colombo aparece como o que realmente foi: um enviado dos poderes infernais com uma MISSÃO específica. Já falaremos sobre o caráter desta MISSÃO, que tinha por objetivo neutralizar a ação do Graal, trazido secretamente para a América do Sul pelos Cátaros normandos, e FECHAR A PORTA do Norte. Sobre este último ponto, recordemos que os daneses da expedição de Scolvus (ou Colombo) do ano de 1476 não encontraram ninguém na Groenlândia. Mas A PARTIR DALI A PORTA ESTAVA NOVAMENTE FECHADA. É um grande mago hebreu, talvez tão grande como Salomão, o que chegou até as geladas terras do Norte para CUMPRIR O RITUAL, para PRONUNCIAR AS PALAVRAS, para REALIZAR OS GESTOS... Era necessário que assim fosse, pois a porta FOI FORÇADA por um bravo povo viking, do mais puro sangue hiperbóreo, contra os quais nada pode a magia dos Druidas. Pois sempre foi assim: os Druidas dominaram facilmente os celtas, iberos, lígures, bascos, semitas, fenícios e cartagineses, e até os latinos; mas, tratando-se de germânicos, é necessário que os maiores mestres das artes infernais se ocupem deles. E por isso, na medida que os germânicos AVANCEM PARA O OCIDENTE, quer dizer, PENETREM

CONSCIENTEMENTE NO KALY YUGA, serão os mais sinistros hebreus que conspirarão para afundá-los na CONFUSÃO ESTRATÉGICA.

Sobre esta PRIMEIRA viagem de Colombo a Thule, ocorrida cem anos antes, avisava o Dr. John Dee à rainha Isabel I. E também chamava a atenção sobre a viagem de SIGURDUR STEFANSSON, durante a qual se traçara um mapa extremamente sugestivo que tinha chegado recentemente à Inglaterra. Tal mapa (ver reprodução) apresenta um escudo com o nome do autor: SIUR DI STEPHANI; o território desenhado: TERRANIUM HIPERBOREARU e a data do desenho: DELINATIO 1570.

Veem-se claramente no mesmo: ao sul as duas ilhas Irlanda e Britânia (Inglaterra) e ao norte, Groenlândia. Mas o mais interessante para John Dee eram as anotações feitas a NOROESTE da GROELÂNDIA. Ali, marcado com um C, diz: RISELAND, quer dizer, “PAÍS DOS GIGANTES”; e mais ao LESTE, marcado com um E, lê-se claramente JOTUNHEIMAR, que significa “RESIDÊNCIA DOS GIGANTES DEFORMADOS” ...

Mapa de Sigurdur Stefansson

II – DESENVOLVIMENTO DO PROJETO THULE

Resumindo todas as indicações, avisos e conselhos dados pelo Dr. John Dee à rainha da Inglaterra Isabel I, o Projeto Thule poderia se descrever em função dos OBJETI VOS a cumprir e os MEIOS necessários ou disponíveis. Esta análise estratégica nos permitiria, então, chegar às variáveis táticas alternativas.

OBJETIVOS:

1) Dotar a Inglaterra de supremacia marítima e terrestre sobre todo o mundo conhecido e também sobre OS MUNDOS DESCONHECIDOS.
2) Assegurar a Isabel I ou aos nobres que ela designe ou aos que lhes sucedam erigir um vasto império universal como jamais se viu e ante o qual tornar-se-iam pequenos os de Alexandre, César, Gengis Khan ou Carlos Magno.
3) Conseguir, no tempo de tais objetivos que "a graça do Espírito Santo" TRANSFORME os povos do Império anglo-saxão, para maior glória de CRISTO-LUZ.

MEIOS: Os meios para concretizar tais objetivos consistem em seguir com mão de ferro um plano adequado, ou seja, uma "Estratégia Hiperbórea". Para cumprir tal Estratégia, que é a chave do Projeto Thule, o Dr. John Dee estabeleceu cinco passos imprescindíveis:

1º PASSO: ocupação estratégica imediata da Groenlândia por tropas da Inglaterra, assegurando ao Império, desse modo, o exclusivo controle da ENTRADA AOS OUTROS MUNDOS.

2° PASSO: selecionar e treinar uma elite de cavalheiros iniciados no magistério da "grande obra" e nos segredos da LUTA ESPIRITUAL.

3º PASSO: procurar uma "pedra do céu" devidamente esculpida e "afinada" para "abrir as portas" que permitem ter acesso aos outros mundos.

4º PASSO: convocar todas as pessoas SENSITIVAS do reino que possam colaborar para encontrar o lugar exato das portas. Segundo John Dee isto também pode se determinar exatamente mediante cálculos matemáticos, para o que ter-se-ia que iniciar os estudos correspondentes.

5º PASSO: desenvolver novas armas e aperfeiçoar as existentes à base de pólvora, recorrendo à Alquimia e à Magia, se fosse necessário.

Um estudo sobre a factibilidade de se aplicar a Estratégia precedente envolve duas táticas alternativas.

1ª TÁTICA: se se consegue cumprir a TOTALIDADE dos passos, pode-se INVADIR o mundo dos gigantes, iniciando sua conquista. Após submeter os seres demoníacos, o reino deve SERVIR-SE DELES para estabelecer o império universal.

2ª TÁTICA: se não se pode cumprir todos os passos, é necessário dar prioridade ao 4º, para SITIAR A PORTA, enquanto se chega ao 2º e 5º passo. Deste modo, conseguem-se garantias que permitam enfrentar a guerra de conquista com certa segurança de triunfo. O 3º passo pode ser omitido, com a condição de se estabelecer com precisão O MOMENTO ASTROLÓGICO em que a porta abre por si mesma, uma vez ao ano. Com esta alternativa, ainda que leve mais tempo, pode-se preparar convenientemente a conquista dos "outros mundos".

Em qualquer das duas táticas alternativas, a chave para ter sucesso é o 1º PASSO, do qual não é possível prescindir, pois a ocupação da Groenlândia ASSEGURA que cedo ou tarde poder-se-á forçar o umbral.

III – REAÇÃO SINÁRQUICA CONTRA JOHN DEE

Como já dissemos, as comunicações que John Dee fez à rainha Isabel I logo foram conhecidas pelos Druidas gauleses, que infectavam o reino, e prontamente remetidas a Chang Shambala. Ali causou um EFEITO ESPECIAL a notícia de que um virya desperto encontrava-se de posse de um transdutor atlante, mediante o qual se colocava em contato com os Siddhas Hiperbóreos. Mas o mais impressionante para eles foi comprovar que o Projeto Thule consistia em uma cópia quase exata do plano de Nimrod, ao qual ninguém poderia esquecer jamais, nas fileiras demoníacas. Por isso, a Sinarquia decidiu agir imediatamente e liquidar definitivamente o Dr. John Dee.

Neutralizar John Dee tornou-se assim o objetivo prioritário dos Demônios, e com essa finalidade enviaram a Londres dois "discípulos": um judeu chamado BARNABAS SAUL e um temível Druida, de nome EDUARD TALBOTT, logo conhecido por seu pseudônimo celta de KELLY ou KELLEY.

O primeiro aproximou-se intimamente de John Dee, precedido de uma certa "fama" de clarividente, que algumas pessoas "de confiança" se encarregaram de destacar. Mas seu excessivo interesse pela pedra parlante e a falsidade de algumas "comunicações" que dizia ter obtido contemplando a

mesma, levaram essa relação a uma crise que culminou com a pronta despedida do espião hebreu. Não nos detenhamos nesta mísera figura. Em troca, devemos prestar especial atenção a Kelly, pois ele representa o protótipo do Druida infiltrado em determinado círculo, com a missão de destruí-lo, e foi, de fato, o braço executor que levou John Dee à ruína. Ruína da qual, no entanto, emergiria com uma força sem igual uma Sociedade Secreta Hiperbórea, encarregada de preservar a Esteganografia de Tritheim, o Projeto Thule e os manuscritos em língua enoquiana.

Diferentemente do insignificante Barnabas Saul, Kelly era uma figura. Sobre ele escreveu Figuier: "No final do século XVI havia em Lancaster, outros dizem em Londres, um escrivão muito desacreditado pelas indústrias produtivas que adicionava aos atos de seu cargo. Nascido em WORCESTER em 1555, tinha-se aplicado, em sua juventude, ao estudo da língua inglesa antiga, na qual tinha chegado a ser muito hábil. Ninguém melhor do que ele para decifrar antigos títulos e ressuscitar, em benefício de seus clientes, direitos enterrados no pó dos arquivos. Não apenas sabia ler todo tipo de escrituras antigas, mas também as imitava de modo excelente. Esta última habilidade o expôs a solicitações perigosas que, para seu mal, não soube sempre rejeitar. Muito bem recompensado, seu zelo não conhecia limites; Talbot acabou falsificando títulos e inclusive fabricando-os, no interesse de seus clientes. Perseguido pelo motivo destes atos e condenado por falsificação, foi desterrado da cidade. Os magistrados, desejosos de dar um castigo que servisse de lição a todos os seus colegas, ordenaram que lhe cortassem as duas orelhas, sentença que foi cumprida." [27]

A informação que Figuier expõe, coletada no século XIX, é bastante exata; mas dá uma explicação pueril sobre a carência de orelhas de Kelly. Mas ao longo da História abundam os exemplos sobre pessoas "esotéricas" que exibiam mutilações de diversos tipos (dedos, orelhas, órgãos sexuais, etc.), as quais devem ser consideradas como "mutilações rituais", produto dos infames pactos de sangue que tais "adeptos" realizam com as potências infernais que encorajam por trás da Sinarquia.

---

[27] *LOUIS Figuier – A Alquimia e os Alquimistas. Paris, 1854. Parágrafo citado por GEORGES RANQUE: A Pedra Filosofal – Plaza e Janés, Espanha.*

Talbot-Kelly estava secretamente dedicado a subtrair todo documento antigo que chegasse às suas mãos. No hospitaleiro País de Gales tinham se refugiado muitos templários que fugiam da Inquisição europeia no século XIV, do mesmo modo que o tinham feito os cátaros no século XIII e numerosos alquimistas durante vários séculos. Todos tinham levado consigo aquilo que consideravam mais valioso para o magistério das artes ocultas; e era coisa conhecida na época de Kelly que os castelos escoceses guardavam verdadeiros tesouros em esquecidas e empoeiradas arcas. Sua profissão lhe permitia ter acesso a estes materiais, os quais eram rapidamente subtraídos ou substituídos por hábeis falsificações nas quais se expurgavam os segredos mais perigosos. A tarefa de agentes secretos como Kelly é, sem dúvida, a causa de que existam atualmente tantos manuscritos absurdos e incompreensíveis da Idade Média.

Como o Dr. John Dee era o especialista em criptografia e filólogo mais prestigiado da Inglaterra e cultivava hobby de colecionar manuscritos antigos de alquimia ou ocultismo, forçosamente devia tropeçar com Kelly durante suas buscas. Isso tinha ocorrido uns dez anos antes e desde então o astuto Kelly vinha mantendo uma relação amistosa com John Dee, estimulada com a venda de manuscritos e livros, aos que o sábio era tão aficionado e que o Druida obtinha com surpreendente facilidade.

Ao começar o reinado de Isabel I, desatou-se um demolidor ataque contra a Igreja Católica e seus fiéis, que abarcou toda a Grã-Bretanha. Nessas ações, foram saqueados diversos conventos e abadias e se expropriaram castelos, fazendas e outras posses da nobreza católica. Compreende-se que nessas circunstâncias um personagem como Kelly devia aproveitar em cada ocasião que se lhe apresentasse, para apropriar-se dos livros e escritos do saque protestante. Por conseguinte, após 24 anos de reinado de Isabel I, o sortimento de materiais em posse de Kelly era infinito. Mas o mais importante é que sempre sabia onde encontrar os documentos mais raros para satisfazer os desejos de John Dee. Gozava, pois, da confiança deste, quando, em 1582, apareceu em Londres, sumamente interessado em observar a famosa pedra Parlante.

A estratégia que a Sinarquia aplicou para neutralizar John Dee pode se resumir em dois golpes táticos:

1º: intrigar na corte para desprestigiar o sábio e afastá-lo de Isabel I, sua protetora. Como o sábio carecia de recursos pessoais, o sucesso desta tática significaria sua ruína econômica, cabendo esperar-se que o projeto Thule se tornasse impraticável, após a queda de seu mentor.

2º: o "adepto" Kelly deveria manter-se o mais próximo possível de John Dee, "acompanhando-o" em suas desventuras e aguardando a possibilidade de descarregar o golpe fatal. O objetivo desta ação seria: a) obter o espelho mágico para ser "devolvido" a Chang Shambala; b) "recuperar o material perigoso" que John Dee tivesse em seu poder, ou seja, a Esteganografia, os escritos em língua enoquiana e a insubstituível biblioteca de manuscritos e livros incunábulos; c) assassinar o imprudente Dr. John Dee quando o desprestígio o tivesse submergido no ostracismo e esquecimento.

Para cumprir a precedente estratégia, aproveitou-se, primeiramente, da natural ingenuidade do sábio. Em efeito, em 1582, Kelly se apresentou com um saco contendo um pó amarelado, do qual dizia ser "pedra filosofal". Contou a história de o mesmo tinha sido encontrado na tumba de um bispo católico do País de Gales, que foi profanada nos dias da revolta protestante. Junto com o pó encontrou-se um manuscrito que ensinava a ART REGIA, a fabricação artificial de ouro, por meio de operações alquímicas. O documento estava cifrado, tal como se costumava fazer, naquela época, e segundo Kelly, só um especialista como John Dee poderia decifrá-lo. Ainda que pareça incrível, este simples ardil deu resultado, e o sábio logo ficou entusiasmado em efetuar, com sucesso, uma transmutação.

O sábio inglês decifrou facilmente o manuscrito e seguiu suas instruções. Assim foi como, com o concurso do pó amarelo OFERECIDO por Kelly, logo obteve algumas libras de ouro no crisol. Mas esse pó, essa "pedra filosofal", verossimilmente era um composto aurífero preparado pelo astuto Druida com finalidade de enganar, o que explica a fantástica transmutação. Dizemos isto não porque neguemos a possibilidade da transmutação alquímica, mas pelo contrário, porque A VERDADEIRA PEDRA FILOSOFAL FUNCIONA EM RESSONÂNCIA COM FLUIDOS VITAIS DO MAGO, como todas as técnicas do mesmo tipo, e não poderia ser utilizada da forma que o fez Kelly, para enganar John Dee. O mais seguro é que o ouro ESTAVA PRESENTE no pó amarelo.

Seja como for, o certo é que Kelly sugeriu comunicar o descobrimento à corte, sinistro conselho que, ao ser seguido insensatamente pelo sábio, sinalizou o primeiro êxito da tática sinárquica. Pois logo que se fez público o fato de que o sábio podia "fabricar ouro", várias pessoas influentes começaram a intrigar ante Isabel I para que suspendesse todos os salários que a coroa pagava para John Dee. Esta medida não teria afetado nosso herói se não fosse porque, previsivelmente, o pó amarelo não produziu mais

ouro... As posteriores retratações e esclarecimentos só serviram para consolidar seu desprestígio e não reverteram a situação econômica, que se foi tornando cada vez mais crítica, pois não recebeu nem um centavo mais da parte da coroa inglesa.

Dois anos depois, encontrava-se em completa ruína, mal vendendo alguns dos valiosos manuscritos de sua biblioteca para poder comer. Os "clientes" interessados em adquirir tais obras eram apresentados ao sábio por Kelly! Como se comprova, então, em 1584 o sucesso da estratégia sinárquica era total e certamente logo o ilustre sábio teria sido assassinado, se não fosse um evento imprevisível para as fileiras demoníacas. Este fato salvador para John Dee não tem CONEXÃO CAUSAL com suas desventuras, mas apresenta claramente a evidência de uma VINCULAÇÃO CARISMÁTICA ENTRE OS VIRYAS, a qual é SINCRONÍSTICA para os membros da AUREA CATENA.

Devemos lembrar, do capítulo "O espelho de pedra...", que o imperador da Alemanha, Rodolfo II, mantinha uma correspondência secreta com Isabel I, para negociar a venda do espelho mágico da Princesa Papan. Este espelho é o mesmo com o qual o Dr. John Dee, falava com os "anjos", os quais ditaram-lhe inúmeros conhecimentos em língua enoquiana. Mas em 1584, após a campanha lançada contra ele, ninguém mais acreditava nas propriedades do espelho nem nos poderes espirituais do Dr. John Dee. Por isso Isabel I, para quem o espelho mágico era só um pedaço de rocha feia polida e o Projeto Thule uma utopia impossível, decidiu empregar o infeliz John Dee em algo mais iminente e concreto: a guerra contra a Espanha; e para que desenvolvesse uma atividade na qual este sempre se destacou: a espionagem.

Para a hábil soberana, obter informação sobre a Espanha era de vital importância; e um lugar adequado para isso era, sem dúvida, a corte boêmia de Rodolfo II, sobrinho do rei espanhol Felipe II. Decidiu levar a cabo esta empresa, avisando Rodolfo II que "não poderia desfazer-se da preciosa pedra americana", mas que "com prazer a enviaria a Praga com um mensageiro prestigiado e sábio, chamado John Dee". A manobra tinha o objetivo de infiltrar o espião na corte alemã, para adquirir toda a informação possível sobre os Habsburgos espanhóis e, possivelmente, conseguir que Rodolfo II facilite a este um salvo-conduto para chegar na própria Espanha. Como se vê, era uma missão suicida, muito diferentes daquelas viagens aos Países Baixos que realizara outrora, para adquirir bússolas ou mapas portugueses, em benefício da coroa inglesa. Mas para John Dee não restavam alternativas. Acossado pela fome, envergonhado pela súbita "mudança de sorte", minada

sua saúde pelo envenenamento sistemático ao que o submetia Kelly, com suas drogas, que tão bem conhecem os Druidas, e com sua mulher totalmente dominada por este; enfim, por causa de tantas súbitas desventuras, o sábio não duvidou em aceitar a empresa.

Desde que Kelly se introduziu na vida de John Dee, praticamente cessou sua produção literária e até o poder de "falar com os anjos" diminuiu completamente. Necessitava agora de se concentrar muito tempo para conseguir o "contato", e quando o obtinha, TUDO ACONTECIA COM TAL VELOCIDADE que era incapaz de reter as mensagens em língua enoquiana. Terminava finalmente esquecendo o conteúdo da mensagem. Por isso, costumava emprestar o espelho para Kelly, que não conseguia nunca resultados visíveis e, muitas vezes, mentia, fato que John Dee percebia imediatamente, ainda que optasse em calar, prudentemente. Atribuía as manobras de Kelly a um "orgulho de Alquimista ferido", que precisava mentir para justificar algum êxito. E, devemos dizê-lo, nunca suspeitou nada mau de Kelly nem acreditou que fizesse parte de um complô, salvo no final de sua vida, quando já estava irremediavelmente perdido. Como pôde se equivocar assim um virya desperto? Explicaremos no final do QUINTO LIVRO, ao tratar do CERCO SINÁRQUICO.

Antes de partir para a Europa com Kelly, que não desgrudava do sábio, consultou penosamente o espelho e obteve o conselho de transportar todos os manuscritos em língua enoquiana e a Esteganografia. Esta sugestão fez empalidecer de terror o Dr. John Dee, pois estando a par do que havia ocorrido com Tritheim, não achava ser prudente levar para a Europa Católica um livro que estava no INDEX LIBRORUM PROHIBITORUM da Congregação do Santo Ofício.

Estar de posse de um texto proibido ainda significava a fogueira, em 1584; e se ainda era acompanhado com abundantes textos cifrados – não de outro modo seriam tomados seus manuscritos, já que a língua enoquiana era totalmente desconhecida – o perigo de despertar suspeitas seria maior. Porém, foi o "bom" Kelly que o convenceu finalmente a levá-los. O interesse se devia a que o Druida confiava que conseguiria destruir os textos no caminho ou denunciar John Dee ao se apresentar a menor oportunidade. E assim foi, como um dia, munido de um baú blindado com barras de aço, repleto de "material herético", John Dee, Kelly e suas respectivas mulheres, partiram para a Holanda, onde, na fronteira de Flandres, os esperava o enviado de Rodolfo II, para conduzi-los em uma longa viagem até Praga.

JOHN DEE NA BOÊMIA

Os viajantes se reuniram no povoado de TILBURG, perto da fronteira com Flandres, com HIERONYMUS SCOTUS, enviado especial do imperador Rodolfo II. Este misterioso personagem, conhecido também como SCOTTO, que era emissário diplomático e exorcista oficial do imperador, apresentou-se acompanhado por uma escolata de trinta arcabuzeiros. Desde o início se mostrou loquaz; e durante a longa e fatigante viagem, não cessou de se referir a temas de magia e ocultismo, dos quais falava com bastante desenvoltura, coisa insólita – maravilhava-se John Dee – em alguém que provinha de uma corte católica.

Claro que o sábio inglês não tinha chegado a Praga; e, portanto, não podia suspeitar até que ponto a corte de Rodolfo II tinha se transformado na "Meca" dos ocultistas e magos da Europa.

A próxima presença do sábio inglês na Europa, apesar de ter se concretizado por causa de uma negociação secreta, foi conhecida antecipadamente e motivou certa expectativa entre os numerosos alquimistas que participavam dos favores reais. John Dee chegava precedido de uma duvidosa celebridade como mago e necromante, o que na realidade pouca relação tinha com sua profissão de matemático e óptico; e esperava-se dele "que fizesse grandes prodígios" em sua audiência com o imperador Rodolfo II. Também a existência do espelho mágico era publicamente conhecida por notícias provenientes da Inglaterra; e a possibilidade de contemplá-lo, e até de "ver" através dele os "anjos instrutores", adicionava um duplo interesse em sua visita. Em síntese, em Praga preparava-se uma grande recepção para celebrar a chegada do sábio. Esperava-se que desse uma conferência na Universidade, à qual assistiriam as mais despertas inteligências da Corte e, dependendo do impacto que a mesma causasse entre os assistentes, muitos seriam os que se ofereceriam para serem discípulos, à espera de conquistarem valiosas revelações.

Tais notícias eram comunicadas gentilmente pelo mago Scotto, enquanto empreendiam a primeira parte da viagem, que consistia em rotas para o sudeste, até dar com o Reno, distante uns cento e cinquenta quilômetros. E durante todo o trajeto seria este enviado diplomático que primeiro tentaria subtrair os segredos de John Dee. Para isso, tratava de ganhar sua confiança, mediante a confidência de valiosa informação sobre a

vida pública e privada de muitíssimos príncipes e senhores, tema sobre o qual parecia particularmente versado.

Há que se situar na Idade Média, nos tempos em que todo deslocamento, toda atividade, e inclusive a própria vida, dependeriam do capricho de algum Senhor, para compreender o incalculável valor que significava dispor de tais fofocas. Por isso, John Dee assimilava avidamente esses dados, mas não satisfazia na mesma medida a expectativa de Scotto, retribuindo sua boa predisposição com revelações esotéricas. Pelo menos, isso era o que pensava o exorcista, ainda que cuidasse de não o demonstrar.

Tinha seguido uma antiga rota comercial, a qual, uma semana depois os colocava à vista de Colônia, cidade herdeira daquela Colônia Agripina que os romanos batizaram em honra ao general Agripa, que foi enviado pelo imperador Augusto para "pacificar" os germânicos. Dali tomariam o antigo caminho romano que margeia o Reno e atravessa longitudinalmente a "Renânia", quer dizer, a "Terra do Reno", que marcava antigamente a fronteira entre a civilização e o mundo dos bárbaros.

As instruções que Scotto tinha, para obter a máxima segurança na viagem consistiam em seguir uma trajetória que incluía o trânsito por territórios vassalos do imperador alemão, cujos Senhores estivessem nas melhores relações com a coroa, e evitar qualquer desconfiança sobre o VERDADEIRO MOTIVO da presença dos viajantes. Esta última condição devia-se ao interesse que havia crescido, entre os nobres, nos séculos XV e XVI, na fabricação de ouro e a feroz competição com que eram procurados os alquimistas ou aqueles que diziam sê-lo. Não era raro, nesses tempos, que um príncipe com escassez de dinheiro sequestrasse um alquimista nas masmorras de seu castelo e o submetesse a tortura, para obrigá-lo a confessar o segredo da pedra filosofal ou a "produzir" o dourado metal. Esse perigo Scotto tratava de conjurar, recorrendo à reserva, mas, como já dissemos tratava-se de uma precaução inútil, uma vez que a fama de John Dee era bastante divulgada e tinha corrido a notícia de que o imperador o esperava.

Em Colônia, estava à frente o príncipe elector Alberto da Baviera, que era, além disso, bispo católico e zeloso lutador da Contrarreforma, causa pela qual tinha travado uma guerra recente, em 1583, contra o arcebispo GEBHARDO DE WALDBURGO, que apostasiara da doutrina católica para tornar-se protestante. Nesses anos estavam se incubando as rivalidades religiosas e as provocações que viriam à luz três décadas mais tarde, na

sangrenta Guerra dos Trinta Anos. De qualquer maneira, Rodolfo II, muito ocupado em indagar os mistérios da Alquimia ou em estudar as gemas que fazia trazer de todas as partes do mundo, não participava ativamente de tais lutas religiosas. Por ser sobrinho de Felipe II, o campeão da Contrarreforma, e manter-se dentro da ortodoxia católica, ninguém mais se lembrava que seu pai, o imperador Maximiliano II, tinha morrido sem receber os últimos sacramentos, devido às suas íntimas convicções protestantes. Mas a verdade era que Rodolfo II agia com aparente indiferença para com a contenda religiosa como medida de segurança, sabendo que se encontrava cercado de espiões do papa e que a única maneira de prosseguir suas investigações esotéricas sem ser incomodado seria manter-se dentro da Contrarreforma. Esta atitude de Rodolfo II, se bem que não despertasse nenhuma simpatia nas fileiras eclesiásticas, tampouco era abertamente censurada; e não havia razão pela qual a presença em Colônia de seus hóspedes não fosse bem acolhida pelo bispo Alberto de Baviera. De qualquer maneira, nenhuma imprudência haveria de provir de John Dee; pois este passou esses dias fascinado pela catedral gótica de Colônia, essa magnífica mostra da TECNOLOGIA DRUÍDICA-BENEDITINA.

Após passar alguns dias em Colônia, nossos viajantes partiram, sem problemas, pelo antigo caminho que as legiões romanas seguiram, em sentido inverso, mil e quinhentos anos antes, quando tentavam cumprir o sonho do imperador Augusto, “de confinar os bárbaros além do Elba”. Nessa ocasião, três legiões romanas – 20.000 homens – sob o comando do Governador Publio Quintilio Varo, foram aniquiladas pelas tropas germânicas sob o comando de Armínio, derrota que motivou o suicídio de Varo e o retrocesso definitivo dos romanos dos romanos até o quartel general de Mogúncia. E justamente em Mogúncia concluía-se a segunda parte da viagem, pois ali se encontravam sob a proteção do Landgrave Guilherme de Hessen-Kassel, um príncipe que gozava da confiança de Rodolfo II e também era seu parente.

Após permanecer alguns dias em Mogúncia, a cidade na qual Gutemberg inventou a imprensa de tipos móveis quarenta anos antes, e outros poucos dias no castelo que o Senhor de Hessen possuía em Frankfurt, nossos heróis partiram para cumprir a terceira e última etapa da longa viagem. De Mogúncia, indo em linha reta para o Leste e percorrendo uns quinhentos quilômetros, encontra-se Praga. No entanto, não era possível seguir diretamente essa rota no século XVI, sem se ver obrigado a numerosos desvios para atravessar selvas e bosques, cruzar rios e subir montes. Mas, considerando que essas terras de Hessen e do norte da

Baviera eram suficientemente seguras, tal era o caminho escolhido por Scotto, que preferia atravessar um rio torrencial a correr o risco de ser atacado por um príncipe desconfiado. Portanto, logo se encontraram circulando pela Baviera, que é no norte um país de lindos vales e espessas selvas, mas que vai crescendo em altitude para o sul, até chegar aos Alpes, essa cadeia montanhosa que sinaliza os limites entre a Áustria e a Estíria, as terras dos Habsburgo, quer dizer, da dinastia reinante.

Seguindo o caminho indicado para o leste chega-se em Boêmia, país que se compõe de um platô central regado pelo Elba, o qual é cercado por uma cadeia de montanhas em todas as direções, salvo o oeste. Ao norte estão os Montes Metalíferos, que se limitam com a Saxônia e também os Sudetos, formando limite com a Galícia polaca. A sudoeste o BOHEMERALD separa a Boêmia da Áustria; e a sudeste e leste as Altitudes Morávias formam uma pobre cerca com o país dos eslovacos. Para oeste do platô central da Boêmia há uma região arborizada chamada de Selva da Boêmia, que separa este país da Baviera, e à qual deveriam os viajantes forçosamente atravessar.

Ao chegar à Selva da Boêmia, se está diante de uma porta utilizada desde outrora pelos povos do leste para ingressar na Europa. Por ali vieram, no século V, os MARCOMANOS, que, por terem permanecido no país dos BOIOS CELTAS (BOJOHAM ou BOÊMIA) eram chamados de BOIOBÁRIOS, os quais habitaram e deram seu nome ao país: BOIOVAROS = BAVIERA.

Mas a Boêmia foi cobiçada desde outrora por celtas, germânicos e eslavos, cujas múltiplas tribos disputaram em brutas guerras o direito a habitá-la. Primeiro, assentaram-se os BOIOS CELTAS, desalojados da Gália transalpina pela invasão dos CIMBROS do século II D.C., a mesma que empurrou os HELVÉCIOS para a Suíça. Aniquilados os cimbros pelas sucessivas campanhas romanas, os galos abandonaram a Boêmia para os Marcomanos, que pertenciam ao povo germânico dos SUEVOS. Ao enfraquecer-se o Império Romano, os Marcomanos tentaram sucessivamente abandonar a Boêmia para as terras mais agradáveis do sul da Alemanha. Esta atitude motivou, dentre outras, a expedição do Imperador Marco Aurélio, no século II D.C., cujo poderoso exército atravessou a Boêmia e chegou até Galícia, sem conseguir seu objetivo.

No século V, como já dissemos, os marcomanos passaram pela Selva da Boêmia e ocuparam a Baviera. Mas outros povos provenientes do leste reclamavam também o disputado platô. Após os SUEVOS, que era um povo germânico dividido em numerosas tribos, como os MARCOMANOS, os

QUADI, os HERMÚNDUROS, os BÁVAROS FRANCOS, os SÊMNONES, etc., vinham avançando alguns grupos de VENDOS, quer dizer, eslavos, entre os quais se destacavam os TCHECOS, os ESLOVACOS e os POLACOS. Em Boêmia conseguem se assentar os TCHECOS, os quais compartilhariam dali em diante este privilégio com os suevos, reunificados após sob a denominação comum de ALEMÃES. Mas um terceiro povo chamado de MAGIARES, de raça amarela e aparentados com os HUNOS, tentaria em vão ocupar a Boêmia e a Morávia, assolando ambos os países desde a Hungria, sua base de ataque. No entanto, os magiares jamais conseguiriam seu objetivo e logo a Boêmia seria um reino cuja coroa, depois de Carlos Magno e especialmente durante o império Romano-Germânico, seria disputada encarniçadamente pelos tchecos e alemães.

Em 1250, morria na Apúlia italiana, então reino da Sicília, o imperador romano-germânico Federico II HOHENSTAUFEN. Com sua morte, e a pronta execução de seus três filhos sobreviventes, extinguiu-se a estirpe hiperbórea dos Stauffen, entrando o reino nesse período que os historiadores denominam INTERREGNUM: "reino entre dois reinos", caracterizado pela acefalia do poder ou eleição simultânea de dois reis, um guelfo e outro gibelino, tão fracos que se neutralizavam mutuamente. Logo em 1273, graças a uma fábula, o "ressurgimento" da instituição dos sete príncipes electores, que de fato nunca tinha funcionado, concorda-se em nomear rei da Alemanha o Conde da Suábia Rodolfo Habsburgo. Deste episódio, devemos lembrar duas coisas. Primeiro: um dos sete electores era o rei da Boêmia. Segundo: o Conde Rodolfo da Suábia marca, com seu reinado, a ascensão da casa Habsburgo, família senhorial de linhagem hiperbórea muito pura, que teve tremenda influência sobre os tronos da Europa até o século XIX.

ESCLARECIMENTO: A linhagem dos Habsburgo só decaiu quando sucessivos casamentos com várias plebeias de origem hebraica, mas de suculento dote, produziu no sangue familiar uma terrível confusão estratégica (perda da Minne), com as funestas consequências para a casa da Áustria que todos conhecemos. Convém lembrar, como complemento da história que estamos narrando, que a mãe de Fernando, O Católico, rei da Espanha morto em 1516, foi a judia Henriquez. A filha de Fernando, O Católico, Joana, A Louca, casada com Felipe, O Belo, teve dois filhos: o imperador Carlos V e Fernando I; deste último descende o ramo dos Habsburgos alemães. O imperador Rodolfo II, um dos protagonistas principais de nossa história, era neto de Fernando I e, portanto, levava em suas veias o sangue judeu de sua antepassada Henriquez. Como esta contaminação impediu Rodolfo II de

alcançar a mutação (em Divino Hiperbóreo Imortal), segundo se verá mais adiante, acreditamos ser conveniente realizar o presente esclarecimento.

Rodolfo Habsburgo, depois de uma guerra com o rei OTTOKAR II da Boêmia e do posterior assassinato deste, obtém como espólio Áustria-Estíria para a herança de sua Casa, ficando Boêmia e Morávia em poder de Wenzel II, filho de Ottokar. No entanto, após a morte de Rodolfo, em 1291, é eleito rei da Alemanha Enrique VII, conde de Luxemburgo, que adquire Boêmia e Morávia para sua Casa, como bem alodial, ao se produzir a extinção das dinastias reinantes.

A guerra que Rodolfo Habsburgo sustentou com o rei Ottokar II da Boêmia foi ganha pelos alemães na grande batalha de MARCHFELD, em 26 de agosto de 1278. Porém, esta vitória, longe de ser benéfica, sinalizou uma separação permanente entre a população tcheca e alemã. "Em efeito – diz o historiador JOHANNES HALLER – segundo todas as previsões, a continuidade da união com os territórios alemães vizinhos, tal como se produziu nos tempos de OTTOKAR II, tinha levado, com o tempo, à adaptação e à fusão das populações alemã e tcheca, de modo análogo a outros territórios a leste do Elba, em Mecklemburgo, Pomerânia, Silésia e Prússia, as populações Wenda e prussiana foram se alemanizando gradualmente. Enquanto a separação que a vitória de Rodolfo trazia consigo veio interromper tal processo, acentuou a antipatia natural entre os povos e contribuiu essencialmente para que no século XV o nacionalismo tcheco do hussitismo se tornasse hostil ao germanismo."[28]

Cabe se destacar que enquanto reinou, a Casa de Luxemburgo (de 1308 a 1439) sempre outorgou a Boêmia uma especial atenção. Como exemplo, basta lembrar que o rei Carlos IV, neto de Enrique VII, foi quem fundou, em 1348, a Universidade de Praga, a primeira da Alemanha, e elevou sua corte ao mais alto nível da ciência e arte medieval.

Anos depois, falece o rei da Alemanha Sigmund, último dos Luxemburgos. É eleito seu genro, Alberto II Habsburgo, retornando

---

[28] *PROF. DR. JOHANNES HALLER : Historia de Alemania – T. III – Pag. 14 – U.T.E.H.A., México.*

definitivamente esta Casa ao trono alemão e conservando, dali em diante, a coroa da Boêmia, que um descendente conhecido por nós, o imperador alquimista Rodolfo II, usará cento e cinquenta anos mais tarde.

Logo a caravana conduzida por Hieronimus Scotus atravessou a Selva da Boêmia e começou a marchar por um caminho cuidado, que margeava numerosos campos lavrados e que oferecia a surpresa, ao descer de um morro ou atravessar um bosque, de mostrar o súbito aparecimento dos mais belos povoados que jamais John Dee tinha visto. Eram únicos, por sua cuidada prolixidade e uma perfeita integração à paisagem, que os fazia parecer quase fenômenos naturais. “As pequenas cidades inglesas, tão diferentes – pensava John Dee – tinha sido construídas com o deliberado objetivo de confirmar inequivocamente sua qualidade humana; e por isso são vistas sempre destacadas no horizonte. Ao contrário, estes povoados de contos de fadas acham-se entrelaçados com a natureza, confundidos com o mundo circundante de tal modo que não é possível, para a inteligência do observador, extraí-los dali sem provocar uma anormal mutilação no restante da paisagem”.

Sem poder distinguir os limites de construções que se diluíam entre jardins e folhagens, e sem conseguir perceber essa exaltação da forma sobre o fundo que é a base da diferenciação, John Dee tinha a impressão de ter penetrado em uma imagem pintada, em um quadro de BRUEGHEL: - “Estes povoados da Boêmia são semelhantes a muitos quadros que os pintores paisagistas da Holanda e Flandres realizam, esfumando as bordas das coisas, de maneira que, ao passear a vista por uma casinha de campo, ao chegar ao celeiro, à sua parte posterior, sem saber como, nos encontramos submersos no mistério de umas árvores, umas terras, uns céus ou águas, que circundam e absorvem tudo, em perfeita e monótona continuidade.”

Em outra parte desta obra veremos de que maneira a conjunção da energia telúrica com certas características particulares do LUGAR, geram em seu entorno um microclima psicológico. Porque um “microclima” especial, que cerca alguns povoados da Boêmia, era o responsável pelas curiosas percepções de John Dee. Mas não apenas o sábio inglês, mas também muitíssimas pessoas “sensitivas” intuíram, durante séculos, que na Boêmia há “maior facilidade” para o exercício das ciências ocultas. E é por esta convicção que sempre se viu passar sob seus céus um tipo especial de homens, cujo número, nessas últimas décadas do século XVI, tinha aumentado notavelmente. São os que chegavam em Boêmia, procurando consumar uma experiência transcendente e definitiva: os ALQUIMISTAS tratarão de obter o “magistério”, fabricando a pedra filosofal; os MÍSTICOS,

inspirados em JOACHIM DE FIORE ou MEISTER ECKART, tentarão experimentar o êxtase de Deus, a UNIO MISTICA: os RABINOS, pelo estudo do ZEFER HA-ZOHAR e a TORÁ, tratarão de interpretar a Lei de Jeová ou de fabricar o Golem; os ASTRÓLOGOS procurarão, lendo o céu e interpretando seus mistérios, predizer o futuro; os BRUXOS conjurarão os espíritos e demônios para pactuar com eles alianças inconfessáveis; os ARTESÃOS trabalharão para ganhar a mestria em sua guilda: a ourivesaria, a escultura e a pintura são as guildas principais; etc.

Todos estes homens – muitos dos quais são, sem dúvida, farsantes e charlatães, mas outros certamente são pessoas sérias e até perigosas – escolheram Boêmia para levar a cabo sua experiência mais importante e, em particular, dirigem-se diretamente a Praga, a cidade milenar. Por que Praga? John Dee, que acompanhava a caravana dirigida pelo mago Scotto e já se encontrava à vista de Praga, o descobriu logo. O platô central da Boêmia encontra-se regada pelo Elba, esse rio que atravessa a Alemanha para morrer no Mar do Norte, no distante Hostein, ou seja, na antiga Frísia. A terra argilosa do platô é drenada pelo Elba de seus afluentes: o OHRE, o MOLDAVA, o BERGUNKA, O VLATVA, etc. E Praga assenta-se às margens do VLATVA, um afluente do Elba, cujas águas, nascidas nos Montes dos Gigantes, transportam fortes correntes de energia telúrica. Mas isso não é tudo. Praga está edificada sobre um poderoso VÓRTICE de energia telúrica de qualidades particulares, das quais insinuamos algo, ao estudar a história de Nimrod. Trataremos deste tema mais extensamente em outra parte desta narração. Por ora, digamos apenas que o VÓRTICE em si representa uma PONTE entre o mundo concreto e planos mais sutis de existência; mais tecnicamente, pode-se dizer que a presença do VÓRTICE “DEBILITA A BARREIRA DE INTERAÇÃO DE PLANOS”, dotando o lugar de vibrações adequadas para CANALIZAR as energias telúricas e astrais e praticar todo tipo de taumaturgia.

Estas propriedades que Praga possui são, evidentemente, as responsáveis pela atração que exerceu desde sempre sobre os amantes do mistério. E é agora, em 1585, que o número de visitantes é maior do que nunca. A explicação desse súbito interesse por Praga deve ser buscado no fato de que, sendo a cidade capital imperial, e estando no comando dela um rei tolerante e sábio como Rodolfo II – ele mesmo se confessa “magister da Alquimia” – as vantagens para os estranhos visitantes são muitas. É possível, por exemplo, que alguém consiga demonstrar a “mestria” ou o “magistério”

realizando uma demonstração de sua arte ao imperador, que, se tal prova é positiva, não vacilará em premiar ricamente o talento exibido. À parte da fantástica possibilidade de praticar com SEGURANÇA algumas artes que em todos os lugares do mundo se consideram oficialmente demoníacas e se castiga com a fogueira, há a vantagem de contar com uma cidade que POSSUI REALMENTE um centro telúrico de poder.

Compreende-se então que tais vantagens atraíram um enorme número de pessoas que povoavam a "rua dos alquimistas", o "bairro judeu", as "corporações de guildas" e alguns castelos e condados cedidos pelo generoso imperador para que certos sábios de grande nível prosseguissem seus estudos. É o caso do astrônomo TYCHO BRAHE, que pôde instalar um observatório em URANIEMBURG, dispondo para seu uso do castelo de BENATEK, onde veio a residir, em 1.600, Johannes Kepler, o grande astrônomo descobridor das leis que regem o movimento dos planetas ao redor do Sol. Mas também cercavam Rodolfo II pessoas menos rigorosas do que Brahe e Kepler. Duzentos alquimistas encontravam-se com salário do imperador, sem contar outros quinhentos que esperavam, entre retortas, frascos e crisóis, a oportunidade de conseguir um resultado suficientemente visível para valer um subsídio real.

Também os sábios judeus eram admitidos na corte do imperador, principalmente por meio de seu médico, TADEO HAJEK, oriundo de Praga, que se fazia chamar de HAGECIUS. Este sinistro personagem aproximou do imperador o judeu DAVID GANS, famoso autor de uma história do Talmud, e também preparou várias entrevistas com o alto rabino JUDA LOEW BEM BESALET de PRAGA. Este último personagem, J. LOEW, obteve uma inquebrantável celebridade por ser o primeiro judeu que deu vida ao GOLEM, o robô indestrutível construído com argila e animado mediante fórmulas cabalísticas que permitem insuflar-lhe o "SOPRO DE JEOVÁ-SATANÁS". Controla-se o monstro, escrevendo em sua fronte a palavra hebraica EMETH (verdade), a qual não afetava suas funções vitais. Mas se se apagava o "E", ficava METH, que significa "morte", e automaticamente se destruía o golem. Rodolfo II recebeu muitas vezes o rabino LOEW e é possível que o subsidiasse em segredo, segundo era seu costume.

Evitaremos detalhar a inumerável quantidade de curiosas personalidades que compunham a corte do imperador – não falaremos, por exemplo, da poderosa corporação de artesãos, dos técnicos em gemas preciosas, etc. – e só nomearemos GEORGE POPEL VON LOBKOWITZ, representante do Papa; os ministros WOLFGANG RUMPF e PAUL SIXT

TRAUTSON; o banqueiro judeu e conselheiro real JACOBO BASSEWI; pois todos eles têm especial intervenção nesta história.

Esta era, pois, a Praga imperial que recebia John Dee como um dos sábios mais importantes do século. Uma cidade invadida por estranhos personagens, que gostam de transitar pela borda do abismo, mas com uma Universidade prestigiada, que se contava entre as primeiras da Europa, apesar da deserção dos professores alemães que, cento e setenta anos atrás foram para LEIPZIG. Nessa oportunidade, o tcheco Juan Huss, antigo professor, inspirado na corrente mística do inglês JUAN WICKLEF – discípulo do hiperbóreo JOACHIM DE FIORE – atacou a corrupção da Igreja e chamou publicamente os cristãos para retomar o cristianismo primitivo. Foi excomungado em 1412, mas o povo tcheco o nomeou reitor da Universidade e, do seu púlpito, afirmou a supremacia do CRISTO CÓSMICO VIVENTE sobre a autoridade fossilizada do Papa. Esta postura imprudente que Juan Huss adotou motivou que TRÊS CRUZADAS da Igreja Católica – como 200 anos antes, no Languedoc cátaro – chegassem em Boêmia para reprimir a heresia hussita. Ainda que as cruzadas não pudessem obter nenhuma vitória pelas armas – digamos, a bem da verdade, que sofreram grandes derrotas – conseguiram pegar Juan Huss, mediante um engano, que consistiu em assegurar-lhe imunidade, para pactuar uma trégua. Quando Juan Huss apresentou-se ante o rei Sigismundo, no Concílio de Constança, este o prendeu e logo foi parar na fogueira, ainda munido do salvo-conduto real. Desde então, Juan Huss transformou-se em um herói nacional tcheco e sua doutrina, expressada principalmente em seu livro TRACTATUS DE ECCLESIA, perdurou até o século seguinte – XVI – no qual acompanhou as lutas de religião desatadas por LUTERO e CALVINO. Durante todo o século XVI aconteceram as lutas e se avivaram as exacerbações que explodiriam com singular violência na guerra dos Trinta Anos.

Quando John Dee e o Druida Kelly chegaram à distante Praga, estavam suficientemente esgotados para querer qualquer outra coisa do que descansar imediatamente. Para realizar esta necessária recuperação, Scotto dispôs que ambos os casais fossem alojados em um monastério franciscano que funcionava no castelo dos antigos Duques da Boêmia. Tal escolha não satisfazia John Dee, em quem se produzia um particular terror a presença dos frades, pois desconfiava que seus anfitriões desejassem conhecer o conteúdo da caixa blindada. Mas, não existindo possibilidade de modificar essa disposição, logo estavam os quatros dedicados a se higienizar e descansar.

Informado Rodolfo II da presença dos ingleses em sua corte, apesar de que a impaciência lhe causasse palpitações, um mal da família Habsburgo, decidiu outorgar oito dias de descanso e atenções aos seus hóspedes, antes de lhes conceder uma audiência.

Esses dias passaram voando; e assim foi que, uma tarde, o sábio foi conduzido ao palácio imperial para sua apresentação formal. Durante os dias de descanso, Kelly dedicou-se a conseguir o favor de Scotto, coisa que conseguiu incondicionalmente, quando prometeu a este entregar parte do "pó amarelo". O exorcista ambicionava obter o magistério da alquimia; e o astuto Druida encorajou dita expectativa com a promessa de fornecer-lhe o pó e ensinar-lhe a maneira de fabricá-lo. Por isso, em que pese a resistência de John Dee, que queria entrevistar-se a sós com Rodolfo II, Scotto anunciou que "o imperador esperava ambos, pois a "fama" de Kelly como alquimista e fabricante de ouro tinha chegado à sua corte e desejava vivamente conhecê-lo". Dessa forma, junto a John Dee, estavam também Kelly e Scotto, quando o Imperador fez sua entrada na antessala real.

Acompanhava Rodolfo II seu íntimo amigo, o nobre WILHELM VON ROSENBERG, boêmio de sangue germânico, e o inefável HAGECIUS. Após as corteses saudações da época, Rodolfo dirigiu-se resolutamente a John Dee.

- Deveis saber, douto senhor, que negociei durante anos com vossa dura soberana para obter o prazer desta entrevista. Tinha perdido já as esperanças de que alguém viesse da Inglaterra para mostrar-me esse troféu pagão tão admirável que custou a vida de meu sobrinho Federico de Borgonha. Mas eis que desfruto do duplo prazer de receber o troféu das mãos de um sábio de vossa envergadura. Ignoro o que fez mudar de parecer a rainha Isabel, mas, seja o que for, devem somar-se certamente as permanentes invocações ao Altíssimo que venho fazendo há muito tempo, para ganhar seu favor nesse assunto...

Rodolfo II falava sem uma pitada de ironia, impacientando-se porque John Dee não lhe estendia imediatamente o espelho. Por fim, não querendo pressionar o misterioso inglês, convidou todos a visitar um aposento conhecido como "a câmara das maravilhas", dedicado a conter a coleção de minerais, pedras preciosas e pedras raras mais completa da Europa, ou seja, do mundo. Havia ali amostras de prata da Boêmia; ouro e esmeraldas da América; diamantes e ágatas da África; topázios, turquesas, cristais de rocha de belas cores, enfim, pedras preciosas de todas as partes do mundo, etc. Era a mais vasta exposição de pedras que ninguém poderia imaginar, reunida

com infinito amor por esse imperador alquimista, ao qual ninguém, em sua época, conseguiu compreender intimamente.

O encarregado da "câmara das maravilhas", Matias Kretz, explicava em voz alta a procedência e as propriedades que eram atribuídas às diferentes pedras e minerais. Frequentemente consultava um livro intitulado GEMMARUM ET LAPIDIUM HISTORIA, editado em Praga, por ordem do próprio Rodolfo II e escrito, a seu pedido, pelo médico real, ANSELMO BOETH DE BOOTT.

- Nas pedras está presa uma porção da alma cósmica – explicava Hagecius em voz alta – e estudando suas propriedades conseguiremos compreender os arcanos do Cosmo.

A sala era enorme, com abóbadas de amplos arcos de pedra cinza, apoiados em grossas colunas. Estava mobiliada com armários e mesas repletas de peças classificadas e com uma multiplicidade de baús blindados com barras de aço, nos quais se depositavam os objetos mais valiosos. No chão quase não havia lugar para andar, devido às tinas e barris destinados a albergar rochas e terras trazidas de lugares remotos. Contra uma parede, uma pesada e longa mesa sustentava centenas de vasilhames e frascos com líquidos preciosos da mais diversas procedências. É natural que este espetáculo causasse o espanto dos viajantes e que até um Druida como Kelly se distraísse momentaneamente.

Isso foi o que aconteceu quando Kelly separou-se do grupo, acompanhado de Hagecius, a quem tentava convencer que lhe mostrasse a famosa PEDRA ÍNDICA. Essa pedra, aparentemente um BEZOAR, aparece mencionada no antigo bestiário medieval "O fisiologista", como remédio infalível para o hidropisia, enfermidade que afligia o Druida.

Aproveitando esse momento, John Dee afastou o imperador e lhe manifestou a necessidade de ter uma entrevista a sós, solicitação inusual, por provir de um estrangeiro, sem nenhum direito no império alemão, mas perfeitamente justificada no caso de se tratar de assuntos diplomáticos ou esotéricos. E sobre esse último tema Rodolfo mantinha permanentes e reservadas reuniões com magos e ocultistas de todo o mundo.

- Ver-nos-emos esta noite – disse o imperador – mas estará presente meu fiel WILHELM, a quem nada reservo sobre as coisas do espírito.

Tal condição não desagradou o sábio inglês, pois já tinha percebido o "vínculo carismático" que lhe unia com o conde Von Rosemberg no mistério do sangue puro, E SABIA QUE ESTE ERA TAMBÉM UM VIRYA DESPERTO.

A INICIAÇÃO HIPERBÓREA

Nessa noite teve lugar a reunião entre três dos viryas despertos mais destacados dessa época, reunião que seria transcendental para a História e o futuro do ocidente. John Dee entregou o espelho da princesa Papan a Rodolfo II, que o pegou tremendo de emoção, pois sabia dos esforços feitos no passado para que o mesmo chegasse às suas mãos. Enquanto o imperador e Wilhelm von Rosemberg o examinavam, John Dee relatava seus descobrimentos sobre a língua enoquiana, sem omitir o fato que possuía o único exemplar completo da Esteganografia de Tritheim, que chegou às suas mãos da maneira tão misteriosa que já narramos. Estas revelações causaram singular surpresa nos nobres ouvintes, aos quais desconcertava o aspecto vulgar do espelho de pedra e o fato de que nada parecia ocorrer ao observar sua polida superfície. Se o que dizia John Dee era certo, estavam na presença de algo realmente mágico e sagrado, uma espécie de janela para o outro mundo. Mas, como se abria essa janela? Como se invocava os anjos, que com tal precisão e luxo de detalhes descrevia John Dee? Talvez invocando uma fórmula mágica, como fazem os necromantes? Ou traçando signos cabalísticos, no estilo dos judeus hassidistas? Estas e mil perguntas mais borbulhavam na mente dos nobres germânicos enquanto John Dee, imperturbável, prosseguia com sua exposição.

- É assim, senhores – afirmava com veemência o sábio inglês – como consegui resolver os enigmas apresentados pela Esteganografia de Tritheim. Existe agora um conhecimento que pode transformar o mundo, eliminando as distâncias que separam os homens entre si e desterrando para sempre a dor da enfermidade e a miséria: é a Sabedoria Hiperbórea. Tal sabedoria somente pode ser interpretada quando o homem SE SITUOU de tal modo com respeito ao mundo, que este parece perder o poder de agir sobre ele. Essa condição se obtém após uma purificação sanguínea, pois no sangue se situa a causa da confusão na qual nos debatemos. Mas quando se conseguiu evitar a confusão, quando se REORIENTOU a visão para um ponto interior e pessoal, chamado VRIL, que parece ser o único que possui verdadeira existência eterna no homem, sendo todo o resto pura ilusão, então se dissipam as trevas e é possível ter acesso à Sabedoria Hiperbórea como eu mesmo o fiz. Mas esse saber só pode PERMANECER neste mundo se se o contém na língua dos pássaros, nessa língua hiperbórea que chama também de ENOQUIANA.

A pedra parlante jazia agora junto aos nobres, momentaneamente esquecida. O imperador Rodolfo II e Wilhelm von Rosemberg escutavam vivamente interessados os conceitos que vertia o sábio inglês. Nenhum deles tratou de interrompê-lo, guardando prudentemente as perguntas para serem formuladas mais tarde. John Dee, após observar fixamente seus interlocutores durante um momento, talvez para assegurar-se de que era compreendido, continuou com suas explicações:

- É necessário que os avise que uma conspiração se abate sobre minha obra. É levada a cabo por uns demônios que habitam em um lugar infernal chamado Dejung, sobre os quais fui frequentemente alertado pelos anjos, mas sem que até agora tenha chegado a compreender seu mistério. É evidente que estes seres infernais possuem discípulos entre os homens, que cumprem fielmente suas ordens, mas não aprendi a distingui-los e até custa a crer que seu poder seja tão grande que se tenham infiltrado nas mais altas esferas dos governos. No entanto, devo pensar que isso é assim, pois minha soberana, a rainha Isabel I, comportou-se estranhamente, após tomar conhecimento destes mistérios, e até diria, contraditoriamente, desconhecendo que muitas de minhas investigações obedeciam à sua expressa solicitação. Chegou-se a formar na Inglaterra um clima tão negativo para meus interesses que cheguei a temer por minha vida; e se consegui salvá-la, foi certamente pela intervenção dos Siddhas Hiperbóreos e por vosso sangue puro, Majestade, que vos impulsionou a insistir ante Isabel I. Ignoro também até que ponto os demônios são capazes de agir aqui, em Praga. Mas o fato de ter chegado em bom estado, portando a pedra e os valiosos manuscritos, é um indício alentador. Deveis saber que cheguei a desconfiar de minha própria esposa e de meu acompanhante Kelly, para vos dar uma ideia de que até que ponto suspeito de todo mundo. Mas agora, ao compartilhar de vossa presença, sinto que existe uma grande possibilidade de que a Sabedoria Hiperbórea possa um dia transformar o mundo, abrindo o caminho para a imortalidade e o retorno aos paraísos primordiais.

Por todos estes motivos que vos dei, generoso imperador, é que desejo vos fazer uma solicitação. Sendo imprescindível preservar a Sabedoria Hiperbórea, tal como ordenam os anjos e como aconselha também a razão, vos proponho que designeis, no maior segredo, uma ou várias pessoas de vossa confiança, sujeitando essa escolha à minha aprovação, para que prossigamos as investigações. É necessário também contar com um lugar a salvo de olhares curiosos, onde possa se realizar este plano com

perspectivas de sucesso. Se aceitais, prudente imperador, fareis uma grande obra, que só poderão apreciar vossos descendentes e que gozará dos beneplácitos dos anjos. Imperador Rodolfo II: não exagero se vos digo que a obra redentora de Cristo-Luz está em vossas mãos!

Rodolfo II e Wilhelm von Rosemberg permaneceram calados e pensativos durante longos minutos. Era evidente que estavam impressionados, que lhes custava tomar a palavra, após o relato de John Dee, o qual se tinha estendido por mais de duas horas. Por fim, o imperador cravou os olhos no sábio inglês e disse resolutamente:

- Provai-me o que dizeis e obtereis todo o apoio que me solicitastes.

Tal condição era, sem dúvida, esperada por John Dee, pois apressou-se a dizer:

Não existe nenhum impedimento para que homens tão nobres e puros como vós possam participar do terrível mistério da Sabedoria Hiperbórea. Pedis-me uma prova? A melhor prova se constituirá em vossa própria mutação. Porque vos colocarei frente aos anjos e eles acabarão com todas as dúvidas e receios. Diante de sua excelsa presença nada impuro pode existir, MAS O QUE RESTAR DE VÓS DEPOIS, será bom e belo.

Após pronunciar tão sugestivas palavras, John Dee solicitou um balde com água do Vlatva, o qual se mandou buscar imediatamente. Encontravam-se no aposento mais alto de uma torre redonda, adornada em sua única parede circular com quatro janelas ogivais, pelas quais se podia ver o magnífico céu estrelado da Boêmia. Na janela do norte, nitidamente destacada, uma lua bicorne adicionava certo encanto oriental àquela fantástica cena. Nem bem se cumpriu seu pedido, o sábio inglês começou a operar com a água do Vlatva. Primeiro tirou o tapete que cobria as toscas lajes e logo, valendo-se de um pincel, desenhou um círculo com a água, convidando os curiosos nobres a se SITUAREM dentro dele. Feito isto, traçou várias RUNAS, sempre com água, no interior do círculo, e no peito de cada um dos cavalheiros. Rapidamente, estendeu FORA DO CÍRCULO uma toalha verde que que tirou de dentro de suas roupas e colocou sobre ele o espelho de pedra da princesa Papan. Cumpridos esses preparativos, John Dee olhou ao redor da sala e para os dois viryas germânicos, que permaneciam em suspense. O resultado dessa inspeção deve ter sido de seu agrado, pois, fazendo um gesto de concordância, disse:

- Bem, senhor, imperador de todas as Alemanhas, vais ouvir agora a língua enoquiana, que fará com que os anjos se apresentem, pois esse é o segredo do espelho. Os anjos só respondem se previamente se PRONUNCIARAM AS PALAVRAS CERTAS, se se demonstrou possuir o

domínio da língua dos pássaros. Prestai atenção ao que vos DIZ vosso sangue puro! O mesmo vale para vós, nobre Senhor da Boêmia.

Dito isto, John Dee introduziu-se no interior do círculo de água e começou a falar em língua enoquiana.

Acostumados a presenciar o fracasso de numerosas demonstrações de magia e alquimia, os nobres germânicos não puderam evitar que um certo ceticismo prévio se instalasse em seus corações. Mas quando John Dee emitiu as primeiras sílabas e ambos compreenderam que esses sons NÃO PODIAM ser humanos, uma sensação crescente de terror os foi assaltando simultaneamente.

Os nobres começaram a experiência com o olhar cravado na pedra asteca, estranhamente contrastada pelo pano verde; mas quando as palavras de John Dee se elevaram em uma harmonia irresistível de SOM VIVENTE, acreditaram pressentir um sintoma de tontura. Rodolfo II foi quem primeiro olhou para os lados, fora do círculo de água. E o espetáculo que então presenciou o fez tremer, ultrapassada completamente sua capacidade de espanto.

A água do círculo brilhava estranhamente e parecia queimar, por alguns momentos. De fato, algo estranho tinha ocorrido com a água, pois AFETOU a pedra do piso, deixando uma marca circular que pode ser observada ainda hoje, quatrocentos anos depois. Mas o mais estranho não era isso, mas algo QUE TINHA A VER COM O “MOVIMENTO”, ou pelo menos isso acreditou Rodolfo II, pois aquele aposento da torre que constituía a realidade exterior do círculo, seu entorno, parecia ter adquirido velocidade, até tal ponto que as coisas adjacentes iam perdendo sua forma e se diluíam ante a visão confusa dos nobres. Tudo parecia VIBRAR com grande velocidade, tornando-se borrado e transparente, ainda que em um momento de lucidez, o aterrorizado imperador pensou que talvez fosse ele que estava se DETENDO, que algo nele perdia velocidade ou ANDAVA AO CONTRÁRIO das coisas... Só permanecia constante a voz de John Dee, o círculo, no qual se sentiam felizmente a salvo daquele caos crescente, e o espelho de pedra sobre a toalha verde. O espelho era visto, agora que todo o exterior se tornava confuso, estranhamente nítido e incrivelmente solitário. Este fenômeno continuou, até que fora do círculo de água já não se podia distinguir nada, salvo o espelho de pedra, rodeado por uma luminosidade verde, que Rodolfo II atribuiu à presença invisível da toalha sobre a qual estava depositado. Mas se enganaria alguém, se acreditasse que estas

REFLEXÕES indicavam alguma serenidade nos dois nobres ou fossem uma mostra de raciocínio. Na realidade eram conceitos que brotavam estupidamente em uma consciência racional às bordas da dissolução.

Essa consciência que utilizamos cotidianamente para viver nossos devaneios, próprios da CONFUSÃO ESTRATÉGICA, é sustentada por um ego multifacético, que é pura mecanicidade. Não há um EU estável, que permaneça além das interrogações próprias da dialética racional, mas sim uma multiplicidade de eus CONTINGENTES quanto ao seu aparecimento, mas DETERMINADOS imediatamente pela mecânica do cérebro. E após a sucessão dos eus, a única coisa permanente é, ironicamente, a ILUSÃO DE SER. Esse "ACREDITAR SER" (alguém ou algo) que nos mantém na confusão estratégica de um mundo completamente ilusório, mas que, no entanto, confirmamos cegamente como real. Por isso, a consciência racional comum, seu eu, é a primeira concupiscência que envenena o espírito imortal do virya. E essa consciência era que se encontrava às bordas da dissolução em nossos heróis e à qual chegavam conceitos isolados, reflexões "soltas". Como faíscas, que brilhavam um instante para depois morrer, assim eram as ideias emitidas pelos moribundos eus, as "REFLEXÕES" que mencionávamos no parágrafo anterior. Mas tal dissolução da consciência estava longe de representar uma queda no inconsciente, uma perda de sentido. Pelo contrário, uma CONSCIÊNCIA SUPERIOR ia se fazendo presente, confirmando-se sob os fragmentos da consciência ordinária.

O epicentro do fenômeno estava no sangue; e seu fator desencadeante era, sem dúvida, a língua enoquiana que John Dee continuava imperturbavelmente recitando. O que dizia em seu discurso? AINDA NÃO PODIAM COMPREENDER. Mas as palavras pronunciadas, sabiamente entoadas, produziam nos ouvintes uma sensação inequívoca de reminiscência. Quando John Dee começou a falar, após a surpresa inicial, Rodolfo II se achou pensando: como tinha esquecido esta língua? Estava certo de que a tinha ouvido antes, mas, onde? Quando? Era enlouquecedor assistir a luta entre a RAZÃO e a GNOSE. A razão ASSEGURAVA que jamais tinha ouvido ninguém falar em língua enoquiana; e a gnose opunha A CERTEZA de isso tinha ocorrido sim. E enquanto a realidade exterior ao círculo de água ia se diluindo, a razão cedia sua força ante o conteúdo gnóstico do sangue que adquiria a cada vez maior presença. Parecia como se o sangue aumentasse a pressão e golpeasse as têmporas; mas não era assim, senão que se podia SENTIR COM O SANGUE e SENTIR O SANGUE; e esta recém-descoberta CONSCIÊNCIA DO SANGUE gerava a SENSAÇÃO APARENTE de pressão ou obnubilação. Finalmente, houve algo como um

estalo interior; foi só um instante, no qual Rodolfo II viu tudo vermelho e sentiu-se cair em uma torrente líquida, e uma sensação de FOGO FRIO impregnou todas as esferas de seu ser. Essa explosão assinalou o abandono definitivo da consciência ordinária e de seus eus racionais. E a sensação de cair em uma torrente líquida – que foi só um instante, repetimos – era na realidade a substituição da consciência ordinária do pasu, que chamamos de CONSCIÊNCIA RACIONAL, pela CONSCIÊNCIA GNÓSTICA do virya desperto que se encaminha para a mutação. Por isso, Rodolfo II, que FOI por um instante a torrente líquida, era agora TODO CONSCIÊNCIA, sem limites físicos de nenhum tipo. Pressentia claramente a POSSIBILIDADE PURA que significaria ALCANÇAR A ORIGEM e quase podia ver os mundos incriados, as flores inexistentes, que sobreviriam após a conquista do Vril.

O Vril é a possibilidade – a única possibilidade – de SER; mas também significa PURA POSSIBILIDADE: a partir do Vril tudo é possível, a partir do incriado, do por fazer. O Vril é, assim, a individuação absoluta e eterna. Sua conquista significa o abandono definitivo do mundo do Demiurgo, de seus enganos perpétuos, do encadeamento à sua maldita e idiota lei de evolução. O NIRVANA, o SAMADHI[29], a contemplação niilista, a identificação com o mundo panteísta, "sentir Deus em todas as coisas", e qualquer outra forma de participação no Plano do Uno, implicam, em última análise, na FAGOCITAÇÃO em seu Excelso Bucho e na morte da consciência individual. O Vril, ao contrário, é a única possibilidade de ser e é, ao mesmo tempo, pura possibilidade.

Dizíamos que Rodolfo II, que por suas intuições já se encontrava às bordas da mutação, era, em um momento dado, "todo consciência". Para ele já não havia corpo físico e, se ainda ouvia as palavras em língua enoquiana, tal audição não ocorria certamente por meio do ouvido físico, nem por nenhum outro sentido. Rodolfo II tinha consciência clara de tudo quanto ocorria ao seu redor, pois, após a breve explosão de sangue, parecia ter se multiplicado sua lucidez até um grau nunca experimentado antes por ele (nem

---

[29] *Tomados estes termos na acepção que lhes dá o budismo. Fazemos este esclarecimento, pois no tantrismo Kaula se dá aos mesmos outro sentido, mais antigo, que poderia se considerar aceitável para a Sabedoria Hiperbórea.*

quando comia cogumelos alucinógenos, que Hagecius lhe fazia trazerem da América). E esta ONIPRESENÇA do Imperador, queremos esclarecer, não era motivada por um desdobramento, como o que praticam os magos da Índia e do Tibete. A "saída do corpo", as "viagens astrais", os "desdobramentos de consciência", sentir o "corpo etérico", o "corpo astral", ou o "perispírito", etc., NADA TÊM A VER COM A SABEDORIA HIPERBÓREA. Estes fenômenos, até certo ponto reais, são TÁTICAS SATÂNICAS que não oferecem NENHUMA POSSIBILIDADE DE LIBERAÇÃO, mas sim, em troca, produzem uma confusão maior no virya, uma vez que estendem a confusão a outros planos. Quem pratique "desdobramentos" e "viagens astrais" ficará, certamente, muito entretido durante muito tempo, mas é inexorável que tal atitude insensata o levará finalmente a acabar sendo fagocitado por seu "Deus".

A experiência que estamos narrando não possui pontos de contato com as habituais besteiras exotéricas da Sinarquia. Deve ser interpretada à luz da Sabedoria Hiperbórea, como uma "iniciação gnóstica pelo sangue puro", devendo se entender a palavra "sangue", e tudo quanto dela dizemos, em um sentido SIMBÓLICO E ANALÓGICO.

Nesse estado de onipresença Rodolfo II ouvia ainda as palavras enoquianas que o tinham arrancado do mundo ilusório para transportá-lo ao único e perdurável nele – agora o sabia com certeza -: o conteúdo gnóstico do sangue. E este CONTEÚDO, que não é mais do que uma recordação – mas que sem ele seríamos apenas animal-homem, pasu – produziu-lhe, a princípio, uma reminiscência indefinida. A reminiscência, ou seja, a Minne, sem ser muito clara, induziu um sentimento de nostalgia por AQUILO A QUE ALUDIA a recordação-conteúdo; e este sentimento foi se fazendo tão intenso que acabou se tornando angústia. Esse sentimento – talvez o último sentimento humano que ainda restava em Rodolfo II – o acompanhava quando, em sua onipresença, escutava John Dee pronunciar a língua enoquiana. E isto destacamos, pois, à medida que transcorria o discurso, uma mistura de angústia e prazer afetava o imperador. Como quando um grande amor produz em nós a sensação de que vai nos partir o peito e nem sequer a presença da mulher amada é capaz de atenuar este sentimento, mistura de dor e de prazer; da mesma forma, também a voz de John Dee submergia o imperador na angústia da origem perdida e na dita presente de ouvir a palavra evocadora.

Devemos esclarecer agora que a angústia tem sua obscura origem no temor. E ambos, angústia e temor, são sentimentos, quer dizer, vibrações do "corpo emocional" do pasu. O virya desperto, para conseguir a mutação de

sua natureza humana em super-humana e conquistar o Vril, deve abandonar primeiro todo sentimento, toda emoção. Assim que obtenha o Vril poderá CRIAR ele mesmo as TESTEMUNHAS que necessita para exaltar sua criação e, se assim estimar conveniente, disporá de tantos sentimentos e emoções quantos queira, sem limites, SONHANDO com universos inteiros de EMOÇÃO, com mundos de poesia e de amor sem nome. Mas enquanto se permanece no universo do Demiurgo, deve ter presente que toda emoção É EMPRESTADA, provém das vibrações de um corpo de energia astral, associado ao corpo físico, projetado para favorecer a EVOLUÇÃO DO PASU. Por isso, a Sabedoria Hiperbórea ensina que "o medo é uma arma estratégica" e que "as emoções são o modo mais VISCOSO da ilusão". Toda emoção, o amor, o temor, o desejo, etc., é COMPARTILHADA com o Demiurgo, porque é gerada em um corpo formado de matéria panteísta.

A "recordação", qualquer recordação, causa emoções diversas, associadas à ideia que ativa. Todos nós somos capazes de sorrir ao "lembrar" os bons momentos vividos, assim como ver-nos involuntariamente envolvidos na ira, na dor, na amargura, etc., de re-viver experiências negativas que críamos sepultadas no passado e que a "recordação" tornou subitamente presentes e atuais. Todos nós conhecemos isto e parecer ser óbvio destacá-lo. Mas é que "A MINNE", como RECORDAÇÃO contida no sangue, também CAUSA um sentimento de nostalgia, necessário para arrancar a consciência do mundo confuso em que se encontra imersa e MOTIVÁ-LA a buscar a origem. Mas esta nostalgia e todo o sentimento posterior são abandonados, ao se visualizar a rota para a origem e compreender que o Espírito é ALHEIO AO MUNDO DO DEMIURGO. É lícito então que, ao receber a Minne se experimente a nostalgia, mas esta não deve degenerar nunca em angústia nem em nenhum outro sentimento, pois nesse caso se estaria em presença de uma nova confusão estratégica.

A Sabedoria Hiperbórea assevera que a nostalgia do retorno é um SENTIMENTO INCRIADO e, portanto, NÃO DETERMINADO pelas leis do Demiurgo. Ao perceber a Minne, experimenta-se a nostalgia, verdadeira flecha estendida para o retorno, mas este "sentimento" é o único que NÃO SE ORIGINA no corpo astral mas sim no sangue. Talvez seja a nostalgia também uma recordação, mas o certo é que tudo quanto a ela se refere permanece no mistério. Agora deve-se ter presente que, de acordo com a Sabedoria Hiperbórea, o virya desperto, quer dizer, o que experimentou a Minne, AINDA NÃO EXISTE, mas tem a possibilidade de existir, uma vez que se encaminhe

para a origem e sua mutação implícita. “O temor é uma arma estratégica” muito utilizada pelo inimigo e, por isso, quando o virya VISLUMBRA A ORIGEM, imediatamente lhe assalta o temor. A parte de seu corpo que participa do mundo panteísta do Demiurgo reage contra a gnose, induzindo o virya a SE PROJETAR no tempo, como tática de confusão. Os medos de “não chegar”, de “perder tempo”, de “perder o prestígio”, etc., são todos originados na projeção ilusória da consciência no tempo (passado ou futuro), acreditando que se pode “calcular” ou “prever” o que ocorrerá. Por isso, o virya deve ser intrépido e audaz como Nimrod, se na verdade deseja triunfar. Qualquer “cálculo” ou “especulação” infalivelmente foi induzida pelo Demiurgo, é a sua tática para provocar temor. E todo temor é sempre de origem “externa”, alheia ao próprio ser.

Expusemos tudo isso para que fique claro por que, no curso da experiência que narramos, o nobre Wilhelm von Rosemberg chegou mais longe do que Rodolfo II, conseguindo transmutar-se em Siddha Imortal. Rodolfo II foi prejudicado pelo sentimentalismo profundamente arraigado por sua formação católica jesuítica e a consequente impossibilidade de evitar a confusão, ainda que encontrando-se às bordas de uma mutação. Era um virya desperto, e desde aquele dia o seria ainda mais, mas SEU CORAÇÃO PREDOMINAVA SOBRE SEU SANGUE PURO e este erro custou-lhe a individuação.

O ocorrido pode ser sintetizado assim: ambos os nobres experimentaram um processo psicológico semelhante, quando John Dee pronunciou as palavras em língua enoquiana. E ambos vivenciaram a “explosão” que precedia o abandono da consciência racional e a “queda” na torrente líquida do sangue puro. Então, Rodolfo II se transformou em uma consciência onipresente que desfrutava ao ouvir a língua esquecida e padecia, ao mesmo tempo, da angústia do retorno; quer dizer, Rodolfo II adotava uma atitude CONTEMPLATIVA dos fenômenos que o afetavam tão intimamente. Ao contrário, Wilhelm von Rosemberg, chegando a esse ponto, arrojou-se para a origem (se se pode dizer assim de uma AÇÃO psicológica), sem ouvir nem ver, fechando-se a toda sensação e a todo pensamento fora da firme determinação de regressar. E esta audaz postura espiritual é a perfeita expressão da ORIENTAÇÃO ESTRATÉGICA conseguida por um virya que JÁ NÃO PODE SER ENGANADO.

SE HOUVESSE UM CÉU COM QUERUBINS PARA OS VIRYAS HIPERBÓREOS, CERTAMENTE ELES CANTARIAM “ALELUIA”, LOUVANDO A INTREPIDEZ DE WILHELM VON ROSEMBERG. MAS NÃO HÁ. E apenas nós, os viryas ainda encadeados por Jeová-Satanás e seus

demônios, podemos aplaudir esta mostra de coragem suprema que significa conquistar o Vril pois, já o dissemos, isto implica no HORROR DE CONTEMPLAR A INEFÁVEL FACE DO DEMIURGO.

Wilhelm prosseguiu além de onde Rodolfo II tinha se detido e, de consciência onipresente tornou-se consciência ONISCIENTE, revelando aos mil olhos de seu sangue puro a verdade esquecida, que É TODA A VERDADE. Em um instante COMPREENDEU TUDO e as palavras em língua enoquiana de John Dee fizeram-se milagrosamente inteligíveis...

Aleluia, Wilhelm von Rosemberg! Aleluia àquele que se lançou à conquista de seu direito a existir E QUE JÁ É, PARA SEMPRE. A atitude de Wilhelm von Rosemberg foi de participação ativa no processo de sua própria redenção ou, melhor dizendo, "ganhando uma postura estratégica, confirmando-se nela e arrojando-se intrepidamente ao assalto da fortaleza final". Mas Rodolfo II, que cedeu à contemplação passiva e foi INVADIDO pela angústia e o temor, não conseguiu retroceder no caminho do retorno, padecendo da penosa condenação de permanecer na confusão estratégica.

Queremos dizer algo sobre a "ação" e a "contemplação passiva" que citamos como as atitudes de Wilhelm e Rodolfo II respectivamente. Deve-se levar em conta que a "ação" mencionada aqui é uma ATITUDE PSICOLÓGICA, diferente da AÇÃO CONCRETA ou física, que caracteriza o "caminho da ação" do Mahabharata ou a "decisão do guerreiro". Para enfrentar a AÇÃO CONCRETA é necessário adotar previamente um conjunto de diretrizes estratégicas semelhantes às que mencionamos brevemente na história de Nimrod. Mas vale a pena recordar que a Sabedoria Hiperbórea sugere NÃO EMPREENDER NENHUMA AÇÃO, salvo que esta se desenvolva no quadro de uma Mística Hiperbórea, questão que se desenvolverá no livro IV. Toda outra "ação" concreta ou física, será muito facilmente capitalizada pelo inimigo; pois, sem diretrizes estratégicas, o deslocamento será errático e confuso, acabando por favorecer a Sinarquia. De fato, toda ação encaminhada à busca de um "guru" ou de uma "Escola Esotérica" culmina em alguma dependência da Rede mundial que a Sinarquia montou. Vale então a seguinte recomendação: abster-se de empreender a ação, se a decisão pertinente não emergiu do sangue puro. Ao contrário, a Sabedoria Hiperbórea aconselha SEM RESERVAS a AÇÃO INTERIOR pois, qualquer que seja a direção ou o sentido que ela siga, só pode conduzir, em última instância, à percepção de uma infinidade de paradoxos reais, e estes alertarão a consciência sobre as falhas da razão.

Por último, digamos que a "contemplação passiva" como postura psicológica interior ou expressão da conduta exterior é sempre produto da confusão estratégica e deve ser rejeitada como uma concupiscência a mais. Quando o virya se abstém da ação exterior, seguindo uma diretriz estratégica, isso não significa que adotou uma atitude contemplativa, mas que, pelo contrário, tornou-se pura potência, adquiriu a quietude do arco tensionado, que espera o momento de lançar a flecha, do braço armado, um instante antes de descarregar o golpe mortal. Há quietude, mas ninguém deve se enganar: há também ação em potência, uma vez que ser virya desperto é ter adotado um ESTADO DE ALERTA irreversível.

Retornemos agora à torre redonda, onde John Dee evocava os anjos hiperbóreos falando em língua enoquiana. Os processos psicológicos que expusemos, com alguns detalhes, ocorreram em um TEMPO PRÓPRIO do círculo de água, o qual corria com ritmo diferente do tempo exterior. Havia ocorrido uma DESINCRONIZAÇÃO TEMPORAL, necessária, por outro lado, para a efetiva mutação e, por isso, ainda que o valioso relógio de Praga, que repousava sobre uma pequena mesa indicasse que só tinham transcorrido cinco minutos, dentro do círculo a passagem do tempo era sensivelmente maior. Seja como for, o certo é que um observador exterior teria assegurado que em uns cinco minutos a cerimônia iniciada por John Dee tinha chegado ao seu clímax. Claro que os dois nobres germânicos eram indiferentes à passagem do tempo e que já não percebiam nada da realidade exterior ao círculo de água. Só chegava até eles, nitidamente, a voz de John Dee e a imagem do espelho da princesa Papan. Mas o microclima no qual estavam imersos induzia-lhes uma sensação crescente de tensão e expectativa que revelava, justamente, que a cerimônia alcançava seu clímax. E foi nesse momento, de tensão insustentável, que a voz de John Dee se elevou e suas palavras pareceram evocar alguns nomes proibidos, as denominações primordiais daqueles que acompanham Cristo Lúcifer, enquanto aguardam o retorno dos viryas: Anael, Kus, Apolo, Wiracocha... E então, emergindo de um resplendor de cegante luz verde, exatamente do lugar onde estava a pedra asteca, duas Presenças fizeram sua aparição... e falaram. Como descrever estes excelsos Siddhas Hiperbóreos, se a simples visão de seus rostos quase acaba com a vida de Rodolfo II e Wilhelm von Rosemberg? Não é possível apresentar-se a seres tão PUROS, sem que um grave risco ameace a sanidade. Pois se ainda se possui algo de humano, de animal, de pasu, se se professa algum dogma, alguma moral, se se experimenta algum apego à matéria ou à obra do Demiurgo, se se alberga no coração algum sentimento a favor ou contra algo ou alguém, se alguma destas coisas afetam nosso

Espírito, então é melhor ignorar as divinas imagens dos Superiores Desconhecidos, pois o equilíbrio mental estará em perigo. A luz dos Siddhas Hiperbóreos deve ser INSINUADA aos viryas, pois aqueles que se acham encadeados ao mundo material, quer dizer, em confusão estratégica, não poderiam resistir diretamente à terrível Presença que lhes revelará, por esse ato apenas, sua miserável condição de escravos de Jeová-Satanás. Porque se assim ocorresse, do fundo de sua miséria surgiria A HONRA, a única moral do virya hiperbóreo, e este instinto primordial o fulminaria como um raio.

Por isso, quando os nobres germânicos se encontraram diante das Presenças, só Wilhelm resistiu à terrível prova sem perder a consciência, ainda que seu cabelo se tornasse branco como a cinza e assim ficasse até sua morte. Wilhelm resistiu, porque minutos antes tinha alcançado o Vril e já era ele também um Siddha. E se permanecia ainda ali era porque sua ONISCIÊNCIA lhe tinha revelado que sua presença seria necessária para o bem da raça, ajudando John Dee em sua missão. Ao contrário, Rodolfo II, que tinha fracassado em sua tentativa de alcançar a origem, ainda conservava muito de humano; e ao estar diante da divina Presença e Sua Palavra, viu superada sua capacidade de resistência ao susto; com um grito agudo de terror, caiu desmaiado.

Foi um grito terrível e tocante que emitiu o imperador alemão. Tão forte que provocou a entrada apressada dos homens que montavam guarda escadas abaixo. E esta irrupção pôs fim à experiência. Os surpresos e rudes soldados presenciaram um espetáculo incomum ao ingressarem no aposento alto da torre: os que entraram primeiro acreditaram ver no centro do recinto um círculo de fogo e fumaça que girava violentamente e, dentro dele, vagamente, pareciam se mover algumas pessoas.

Mas rapidamente se esfumaram os ígneos eflúvios que envolviam os presentes e assim se pôde comprovar que o imperador jazia no solo, atendido pelo conde von Rosemberg, curiosamente encanecido, e pelo estranho hóspede.

Horas mais tarde, no dormitório real, o imperador apresentava um aspecto lamentável; ardia em febre e, por momentos, se levantava com os olhos desorbitados, enquanto gritava frases ininteligíveis. Logo, gargalhava ou explodia em soluços histéricos. O Doutor Hagecius, mais preocupado com seu próprio futuro do que pela saúde do imperador, interrogava insistentemente o Conde von Rosemberg:

- Vós deveis saber o que ocorreu, Senhor Conde. Fazei mal em não confiar em mim, pois talvez, do que possais dizer-me dependa a salvação do imperador. – Baixava a voz para que John Dee não ouvisse, em pé aos pés do leito. – Se é um feitiço que o inglês praticou, sabei, nobre senhor, que podemos anulá-lo. Ou podemos obrigá-lo a confessar sua magia. Creio que deveis falar, antes que seja tarde.

- O estrangeiro não fez nada mal – afirmou com incômodo o conde – narrou-nos parte de suas investigações e este relato, em razão de seu realismo, impressionou fortemente o imperador.

- Pois foi muito convincente! – exclamou com ironia o Doutor Hagecius – sua eloquência há de ser tão boa como a de Cícero, o romano.

- Cometeis um grave erro ao zombar e duvidar de minha palavra, pois as coisas aconteceram da maneira que vos disse – replicou em tom ofendido o Conde – já lhe confirmará o imperador quando se recupere; pois, vos asseguro, seu mal é coisa passageira. Só precisa descansar e bem farias vós em facilitar seu sono com alguma erva.

- Deveis perdoar meu zelo – desculpou-se Hagecius – mas a saúde do imperador é o que me preocupa e me torna descortês. E vossa imagem? Olhastes-vos em um espelho? Estais um desastre, senhor Conde! Vosso cabelo encaneceu vinte anos e o rosto não está muito atrás. Olhai, não desejo ofender-vos, mas deveis recordar que sou um médico antigo e que vi muitos tipos de doenças. Uma vez, há muitos anos, atendi um pobre camponês que tinha se assustado com um urso. O homem foi ameaçado por alguns ciganos de que seria enfeitiçado e um demônio o perseguiria. Uma noite, quando voltava de seu trabalho, sentiu a presença de alguém às suas costas. Ao voltar-se, lembrou da ameaça dos ciganos; e ao ver o enorme corpo que se erguia diante dele, não duvidou de que estava na frente do demônio. Afortunadamente, o grito de terror que emitiu afugentou a besta; mas veja, que curioso, seu aspecto, após tal transe, era similar ao que apresenta agora o imperador. Por isso, creio que, à parte de ouvir o que vos contava o inglês, vós deveis ter visto algo...

- Não vimos nada – afirmou com veemência o conde – nenhum demônio visitou a torre enquanto nós estávamos ali; e vos repito que o imperador logo se recuperará.

- Surpreende-me vossa confiança em seu restabelecimento, uma vez que não sois médico – disse com renovada ironia o Doutor Hagecius. Mas em algo vos farei caso: administrarei suco de papoulas ao imperador... e chamarei Scotus para que pratique um exorcismo.

Assim concluiu-se aquela noite inesquecível: Rodolfo II submergido no torpor da dormideira, enquanto Scotus celebrava seus ritos exorcistas; Wilhelm von Rosemberg e John Dee, agora camaradas de um mesmo "círculo fechado", planejando o futuro; e Hagecius, Kelly e o núncio papal GEORG VON LOBKOWITZ conspirando para liquidar John Dee...

VI.

Mas deixemos por um momento estes personagens terrenos e regressemos à torre, um instante antes de que Rodolfo II emitisse seu terrível grito. Dizíamos então que os Siddhas Hiperbóreos tinham falado. Poderemos saber o que disseram? Será possível recolher mesmo que seja apenas um pálido reflexo daquelas vozes eternas? Trataremos apenas de INSINUAR sua mensagem. Mas antes será necessário dizer algo sobre estas magníficas Presenças. Será muito breve, pois nada convém adicionar à grandeza que só a menção de seus nomes evoca na Minne de todo virya.

Para começar, convém esclarecer que não se tratava dos "anjos" que habitualmente se COMUNICAVAM com John Dee na Inglaterra e aos quais há tempos não conseguia CONTATAR – curiosamente desde o "casual" aparecimento de Kelly. Estes de Praga eram seres infinitamente mais terríveis do que aqueles que vira no espelho de pedra, lá na bela ALBION. E sua surpreendente manifestação iluminou imediatamente John Dee de que ao encontrar-se na Europa e junto ao Imperador dos povos germânicos, mudava em muito as condições da experiência, ou melhor dizendo, afetava a QUALIDADE desta. Porque um dos Siddhas era aquele a quem os germânicos do norte chamam de ODIN, mas que os do leste, esses que foram guiados por Ele desde o monte ELBRUZ até a Europa, denominam mais apropriadamente WOTAN, o Senhor de WALHALA. Presença terrível e esmagadora a deste Divino Hiperbóreo, cuja distante RECORDAÇÃO encontra-se firmemente gravada em todos os germânicos. Entretanto, ainda que sublime e chocante esta imagem de Wotan, quem verdadeiramente infundia um terror paralisante era seu KAMERAD, o Divino Hiperbóreo Anael. Este Ser absolutamente ígneo, conhecido também como o Senhor de Vênus, induzia, com sua resplandecente e flamígera Presença, a imediata percepção de uma ordem alheia ao Universo material, de mundos cuja visão é proibida aos escravos de Jeová-Satanás. Porque se Wotan, antigo guia hiperbóreo dos povos germânicos, será aquele que levantará, daqui em diante, ditos

povos e arrastará nessa rebelião toda a raça branca indo-ariana até pôr fim ao Kaly Yuga, Anael é o Senhor que atuará durante a decomposição e a catástrofe em que se manifestará o GOTTERDEMMERUNG aqui na Terra. Ele é que guiará, nos dias escuros do ocidente, os povos hiperbóreos asiáticos de raça amarela, até colocá-los à frente da humanidade mediante a aliança NACIONAL-SOCIALISTA com povos hiperbóreos da África e América Latina à frente da humanidade, mediante a aliança NACIONAL-SOCIALISTA com povos hiperbóreos da África e América Latina. Mas isso será após terríveis contendas, quando a milenar e satânica obra da Sinarquia fique à vista e sobrevenha o fim do Kaly Yuga. Então nascerá uma nova civilização, cuja cabeça estará no Sul, possuidora dos antiquíssimos segredos da Sabedoria Hiperbórea, e dedicada inteiramente à busca da liberação espiritual e da MUTAÇÃO COLETIVA. Será nessa época, após a obra sinárquica ter sido destruída e que se tenha conseguido a suficiente VANTAGEM ESTRATÉGICA, que os Siddhas Hiperbóreos voltarão a se mostrar ante a vista dos viryas, acompanhando esse acontecimento planetário que assinalará o definitivo fim da ESCRAVIDÃO ESPIRITUAL: a Parusia de Cristo Lúcifer.

Já dissemos, recentemente, quem eram os Siddhas Hiperbóreos que naquela noite de 1585 se manifestaram à vista de John Dee, Rodolfo II e Wilhelm von Rosemberg. Escutemos agora, tratemos agora de fazê-lo, apelando à RECORDAÇÃO DO SANGUE PURO, o que disseram os Excelsos Seres. Foram palavras expressadas na LÍNGUA DOS PÁSSAROS; conceitos que só podemos INSINUAR em alguns idiomas profanos, mais apropriados para compor os vistosos e enganosos SLOGANS da Estratégia Sinárquica do que para expor ideias transcendentes. Por isso reclamamos prudência ao ler o que se segue, já que tratamos de expressar o inexprimível com a única intenção de que isso NÃO SEJA LIDO PARA APRENDER, MAS PARA RECORDAR, CADA UM, SUA PRÓPRIA VERSÃO DA VERDADE.

EPÍLOGO DA AVENTURA DO DR. JOHN DEE

Quinze dias depois dos eventos narrados, Rodolfo II encontrava-se suficientemente reestabelecido para receber de pé seus visitantes. A enfermidade do imperador, cuja notícia tinha sido rapidamente divulgada por amigos e inimigos, reuniu ao redor do seu leito uma constelação de personagens, alguns movidos pela sincera preocupação por ver debilitada a sua saúde, e outros, os demais, ao impulso de obscuras e inconfessáveis

ambições. Entre estes últimos destacavam-se, sem dúvida, seus irmãos Matias e Maximiliano, os quais desejavam ardentemente suceder ao imperador alquimista. Mas, segundo se disse, Rodolfo II se recuperou bastante, ainda que esta melhoria, no critério de Hagecius, não era completa, já que o imperador passava grande parte dos dias na Torre, onde padecera o desmaio que o havia prostrado.

Costumava permanecer ali durante horas, com o olhar perdido, e não era raro que prorrompesse a cada momento em amargas lamentações que ninguém compreendia. Este estado de coisas se prolongou pelo espaço de várias semanas, durante as quais foram inúteis os esforços de seus achegados para combater tão profunda melancolia. Nem sequer os favores de sua amante Catalina Strada nem os de outras amáveis damas que Scotto costumava apresentar ao imperador conseguiam afastá-lo da Torre. Finalmente, após dois meses de amarga reclusão, foi seu fiel amigo Wilhelm von Rosemberg que conseguiu fazê-lo refletir sobre o negativo de continuar com tal conduta.

O nobre boêmio, em tudo isto, havia se ocupado em proteger John Dee, sobre quem tinham caído as mais insidiosas fofocas. Porém, à medida que o imperador se recuperava, seu antigo prestígio prevalecia acima de intrigas e superstições e logo o sábio inglês foi visto dando conferências na Universidade de Praga e visitando muitos castelos onde alguns nobres e cultos interlocutores tentavam extrair-lhe seus segredos. Mas John Dee não desejava de nenhuma maneira aumentar sua duvidosa celebridade, pois o risco de irritar o partido católico era cada vez maior. Pelo contrário, sua maior esperança era de que Rodolfo II concordasse em salvar a Esteganografia e os manuscritos em língua enoquiana.

- “Provai-me quanto dizeis – tinha prometido o imperador – e obtereis todo o apoio que me solicitastes”. Segundo pensava John Dee, a presença dos Siddhas constituiu uma prova definitiva sobre a verdade de suas afirmações. Faltava agora que o imperador cumprisse sua palavra empenhada. E sobre que isso assim ocorreria “não cabia ter dúvidas”, dizia o nobre Wilhelm von Rosemberg, que a todo momento manifestava um alegre otimismo sobre o final feliz da aventura.

Assim foi que, uma tarde, deu-se o seguinte diálogo entre Rodolfo II e Wilhelm, a quem o primeiro teimosamente se negava a atender, desde a noite em que caíra enfermo.

- Querido Rodolfo, - suplicava o nobre boêmio – pela amizade que nos professamos desde os dias de nossa infância, pelas lembranças das muitas aventuras que tivemos juntos, enfim, pelos segredos terríveis que compartilhamos, vos rogo que, levando em conta estas afinidades, as quais provam de modo conclusivo minha eterna fidelidade, aceiteis o conselho que viemos vos oferecer. Deveis superar o pesar que vos embarga, do qual só eu conheço o motivo, e retornar para a vida cortesã. Do contrário vos produzireis um dano irreparável, já que correis o risco de vos afundar nas trevas da loucura. Sei quanto sofreis pela oportunidade perdida e quanto pesam em vossa alma as sentenças de nosso guia Wotan...

- Não me lembreis! – gritou Rodolfo II, afundando com desespero a cabeça entre suas mãos.

- Mas o feito, feito está – continuou Wilhelm von Rosemberg, sem reparar na interrupção do imperador – e agora só cabe pensar no porvir. É muito importante a tarefa que nos aguarda, se queremos atuar pelo bem da raça; mas isso só se poderá fazer, há que se afirmar, se contamos com vosso apoio. De outro modo, tudo ter-se-á perdido, amado Rodolfo, soberano dos povos germânicos...

- Acreditais mesmo nisso? – perguntou o imperador, com um brilho de esperança iluminando seus celestes olhos – é possível que ainda exista uma maneira de servir os terríveis Deuses que o inglês evocou, e o que é mais importante, evitar suas iras?

Rodolfo II tinha empalidecido visivelmente ao fazer menção aos Siddhas Hiperbóreos, mas, já mais recomposto, continuou falando ao seu íntimo amigo Wilhelm von Rosemberg:

- Se isso é assim, se vós o acreditais possível, podeis contar com minha vontade para levar a cabo os planos do inglês e aplacar desse modo a ira dos Deuses. Mas vos digo, caro Wilhelm, que grande é o esforço que me solicitais; pois após as espantosas visões que tive, não são muito fortes os laços que m atam à vida. Muito duro será para meu fraco espírito regressar às atividades cotidianas da corte.

- Vossa decisão, sábio arquiduque, é a mais correta. Estai certo de que contribuireis como ninguém para que seja correto o emblema de vossa

Casa: A.E.I.O.U.[30] Em um futuro, talvez não distante, da Áustria surgirá o enviado de Wotan, aquele que levantará os povos germânicos para o cume do poder universal e desmascarará ante o mundo o verdadeiro inimigo da raça hiperbórea. E esse grande chefe, segundo foi prometido, atuará tão implacavelmente contra eles, que seu nome jamais será esquecido pelos homens. Da Áustria será a glória e talvez, nesses dias, ninguém vos recorde, Rodolfo II, pois a memória dos homens é frágil; mas tenhais por certo que no Valhala vivereis eternamente junto aos mais valorosos heróis da estirpe hiperbórea. Segui meu conselho e retornai à vida comum. Autorizai o trabalho do inglês e permiti, desse modo, que sobrevenham esses bens futuros para vossa Casa. Asseguro-vos, nobre Rodolfo, que tal é a vontade dos Deuses!

Com tal veemência falou o nobre Wilhelm, que Rodolfo II, levado por um impulso irresistível, abraçou seu amigo, enquanto pronunciava, comovido, estas palavras:

- Far-vos-ei caso em tudo quanto digais, meu fiel Wilhelm. Ao ouvir-vos compreendo que por vossa boca fala alguém mais Alto, ao qual não serei eu que contradiga. Fui intensamente impressionado pelos eventos que vós bem conheceis, e quase perdi o juízo; mas agora uma nova luz trouxe clareza ao meu espírito. Aguarde o dia de amanhã, para que eu reponha minhas forças por meio do descanso, e então falaremos sobre o que se deve fazer, a fim de cumprir aquilo que o inglês solicitou. Não se deve acreditar, ao ler estas palavras, que os problemas de John Dee estavam definitivamente solucionados. Todavia se esperavam, para o sábio inglês, múltiplas dificuldades, até que se concretizasse seu propósito de assegurar, para a humanidade futura, o conhecimento da língua enoquiana e da Esteganografia. Essa era a vontade dos Siddhas; e um cavalheiro hiperbóreo do quilate do nobre Wilhelm havia se somado à missão de cumpri-la, junto a John Dee. Tudo parecia então encaminhado nesse sentido, se não fosse porque Rodolfo II piorou cada vez mais, dando então mostras de uma estranha conduta, que chegou até a hostilidade para com John Dee e à

---

[30] *A.E.I.O.U. = AUSTRIAE EST IMPERARE ORBI UNIVERSO – "corresponde à Áustria governar o mundo inteiro" – emblema da Casa da Áustria desde o século XV.*

indiferença por sua missão. Com Wilhelm von Rosemberg, seu amigo íntimo, manifestou um tratamento ambíguo, que variava intermitentemente entre o afeto e o rancor. Este último sentimento, talvez por sabê-lo triunfador nas provas espirituais às quais tinham sido submetidos juntos. O certo é que o imperador dava mostras de se encontrar profundamente doente, de um mal tão raro que ninguém era capaz de compreender, dentre os múltiplos médicos e sábios de sua corte. Claro que tampouco ninguém conhecia os misteriosos eventos que tinha ocorrido naquela noite na Torre. Por isso, nós, que presenciamos intimamente o drama de Rodolfo II, trataremos de compreender sua surpreendente conduta posterior, à luz da Sabedoria Hiperbórea. Deste modo, tornar-se-ão compreensíveis os fatos que logo narraremos, que constituem a culminação da história de John Dee e, de certo modo, assinalam a origem metafísica da Thulegesellschaft.

Já explicamos no capítulo anterior os motivos pelos quais Rodolfo II fracassou, quando se lhe apresentou a oportunidade, por intermédio de John Dee, de transmutar-se em Siddha imortal. Convém adicionar agora que, se bem que Rodolfo II era, desde aquela experiência, um "virya desperto", seu fracasso em alcançar o Vril o colocou em DESVANTAGEM ESTRATÉGICA com respeito ao mundo concreto do Demiurgo. O conceito de "desvantagem estratégica", assim como o de "confusão estratégica" e outros, serão corretamente definidos no livro 4. Por ora, bastar-nos-á saber que, analogicamente, a desvantagem estratégica equivale ao PONTO FRACO EM UMA MURALHA; é o caso desesperador daqueles que, tendo sido sitiados pelo inimigo em uma praça amuralhada, comprovam, com terror, que ela é incapaz de resistir à pressão inimiga e acha-se prestes a ceder em um PONTO FRACO. O desastre que sucede a queda da Praça é análogo à perda da razão, em um virya com insuficiente suporte espiritual para conservar a saúde, durante os estados de consciência irracionais subsequentes. Quer dizer: a loucura. Por outro lado, a queda de uma Praça Forte jamais representa uma vitória para o sitiador, mas uma derrota para o sitiado. Ao sitiado corresponde a responsabilidade da queda, pois faltou à lei estratégica que diz: "jamais se deve levantar um cerco estratégico, se não se dispõe dos meios para defendê-lo". Sempre raciocinando analogicamente, diremos que Rodolfo II, após a iniciação hiperbórea que lhe administrou John Dee, "levantou seu cerco estratégico para empreender o retorno"; mas ao falhar em alcançar o Vril, colocou-se em "desvantagem estratégica". O "cerco estratégico" separa o virya do mundo, outorgando-lhe o TEMPO NECESSÁRIO para acudir ao seu CENTRO CARISMÁTICO. De um lado do cerco fica o mundo do Demiurgo, com sua formidável Estratégia Evolutiva e

Sinárquica; do outro, o virya, autêntico monge-guerreiro, cavalheiro do Graal, decidido a alcançar a Verdade.

Meçamos as forças em jogo: sobre o cerco convergem, por um lado, a Estratégia Sinárquica do Demiurgo e, por outro, a Estratégia Hiperbórea do virya, a qual depende, para sua concretização, da intrepidez e do valor que se arrisca para alcançar o centro; em síntese, o sucesso da Estratégia Hiperbórea depende da pureza sanguínea do virya.

Já comprovamos que os Siddhas reprovaram em Rodolfo II sua "impureza de sangue" e estudamos de que maneira este retrocedeu no último momento, perdendo a possibilidade de imortalizar-se como Siddha (fato que teria mudado a História do Ocidente, pois Rodolfo II era imperador alemão); oportunidade que, ao contrário, e felizmente, Wilhelm von Rosemberg aproveitou. Por último, completemos que, quando se levantou um cerco, o qual irritou o inimigo e o levou a concentrar terríveis forças para sua derrubada, não é fácil retroceder à situação original de ausência de conflito, sem ficar em DESVANTAGEM ESTRATÉGICA. Em efeito, quando se declarou guerra e o inimigo deslocou suas forças, duas são as alternativas: ou se enfrenta o combate, resistindo ao sítio inimigo, enquanto SE PROCURA OUTRA PORTA PARA SAIR, ou se evita a luta adiando as ações e ignorando a pressão inimiga. Neste segundo caso, o inimigo irá aumentando a pressão de tal maneira que, finalmente, as muralhas cederão e o desastre será inevitável: fracassou a Estratégia própria, porque foi substituída durante as ações. Expliquemo-nos melhor, mas sempre o que é dito deve ser interpretado analogicamente, em relação à história de Rodolfo II, o qual escolheu, evidentemente, a segunda alternativa. Quando um virya levanta um cerco, no quadro de uma Estratégia Hiperbórea, para INICIAR A CONQUISTA DO VRIL, sua Estratégia só lhe permite UMA alternativa: ABRIR A PORTA INTERIOR para safar-se do desdobramento das forças demoníacas. Só uma alternativa. O contrário significa tão somente uma mudança de Estratégia; e isto o sabia até CLAUSEWITZ: NINGUÉM PODE MUDAR DE ESTRATÉGIA NO MEIO DA GUERRA SEM ARRISCAR-SE A PADECER DE GRAVES PERDAS. Na guerra convencional, o máximo que se admite de uma Estratégia é que se ofereçam táticas alternativas, mas jamais que ela possa ser mudada em si mesma, o que significaria, na realidade, uma MUDANÇA DE OBJETIVO (possibilidade inadmissível em uma Estratégia Hiperbórea) que apresentaria severas dúvidas sobre a capacidade do Estado

Maior que a planejou e até sobre a validade da justificativa que sempre se deve oferecer por ter adotado o caminho bélico.

Mas, perguntar-se-á, o que significou concretamente para Rodolfo II ficar em "desvantagem estratégica"? A loucura, já o dissemos. A loucura na qual se submergiu efetivamente em 1590 e da qual só pôde sair brevemente em 1601, até sua morte por FOGO FRIO, em 1612. Claro que, ao estado de demência alcançado em 1590, cinco anos depois dos eventos aqui narrados, contribuiu notavelmente o envenenamento progressivo ao que o submeteram os Druidas, Judeus e demais agentes da Sinarquia, que infestavam sua corte. Mas não façamos mais comentários. Regressemos ao dia em que Wilhelm se apresentou, junto com John Dee, ante Rodolfo II, em resposta à promessa que este lhe fizera no dia anterior, de dar pronta solução às reivindicações do inglês.

Um grande público encontrava-se junto ao imperador, saudando seu restabelecimento. Podia-se distinguir o príncipe JUAN CASIMIRO de SAXÔNIA-COBURGO; Matias, Estevan e Maximiliano, irmãos do imperador; os ministros WOLFGANG RUMPF e PAUL SIX TRAUTSON; o núncio GEORG POPEL VON LOBKOWITZ, chefe do partido católico; o conde polaco ALBERTO LASKI; enfim, uma plêiade de damas e nobres que festejavam de bom grado a recuperação física do imperador, sem notar o evidente desgosto que tal cena causava ao interessado.

Ao notar a presença de Wilhelm, uma súbita alegria iluminou o rosto de Rodolfo II. Porém, em seguida seu semblante se entristeceu, talvez ao recordar a experiência vivida na Torre; ou, talvez, ao comprovar que junto a ele encontrava-se John Dee, a quem o imperador tinha passado a ter particular temor e desconfiança. Seja como for, o certo é que soube controlar suas emoções e aceitou as saudações de Wilhelm von Rosemberg, com um sorriso tímido.

- Saúdo o imperador e faço votos ao Nosso Senhor Jesus Cristo para que vossa saúde continue melhorando – disse Wilhelm, ante o olhar aprovador do núncio von Lobkowitz.

- Vejo que sois pontual, meu fiel Wilhelm – respondeu Rodolfo II, sem fazer caso dos bons desejos expressados pelo nobre – Sim, não necessitais recordá-lo. Tenho presente minha promessa e se tendes a bondade de dizer ao vosso acompanhante que se aproxime, vereis que sei cumpri-la.

A um sinal de Wilhelm, John Dee se aproximou do imperador e saudou cortesmente, enquanto vários grupinhos se formavam entre os presentes, alguns dos quais aprovavam e outros condenavam a presença do "necromante inglês" na corte.

- Grandes prodígios fizeste, Cavalheiro inglês; e ainda que minha saúde tenha ficado enfraquecida, não tem estado tanto para esquecer que tínhamos feito um trato, do qual foi testemunha o nobre Wilhelm von Rosemberg, aqui presente. Considero que vossa magia está aprovada e agora me toca cumprir o prometido. Prover-vos-ei do necessário para que leveis a cabo vossos planos. Dar-vos-ei com folga, mas devo pedir-vos que me releveis de uma parte do trato: não contareis com minha presença daqui em diante, para praticar a evocação dos anjos com a pedra negra – nesse momento Rodolfo II estremeceu e foi sustentado prontamente por seu camareiro MAKOWSKI. Tomou a cabeça entre as mãos e segundos depois, já reposto, continuou desta maneira:

- Haveis expressado a vontade de praticar vossa ciência em meu reino e, apesar de ser súdito de um país estrangeiro, dar-vos-ei autorização para que permaneçais quanto necessiteis. Também colocarei à vossa disposição o castelo de BENATEK, no qual certamente vos achareis à vontade. Ali há o suficiente para praticar a Alquimia, a Astrologia ou qualquer outra arte mágica que pudésseis desejar; mas, para velar que não vos falte nada, mandarei que vos outorguem uma renda de professor na Universidade. Como contrapartida, só tereis que pronunciar umas poucas conferências por ano, para ilustrar nossos estudantes com vossa douta sabedoria. Creio que fui generoso convosco, Cavalheiro John Dee, mas se algo mais vos apetece, não duvideis em fazer-me saber... Agora, falai Vós. Tenho vivo desejo de comprovar se ficastes satisfeito.

John Dee, que escutava gratamente surpreso a aparentemente generosa oferta do imperador, não duvidou em relevar este de sua promessa de colaborar na missão de preservar a Sabedoria Hiperbórea. Esta impensada decisão seria nefasta, por dois motivos: primeiro porque a participação ativa do imperador na Estratégia Hiperbórea que John Dee e Wilhelm von Rosemberb iam colocar em prática era talvez a última oportunidade de que este recuperasse a saúde; e segundo porque, ao não estar ligado por nenhum laço, o imperador poderia – como realmente ocorreu um ano mais tarde – dispor caprichosamente do destino do sábio inglês. Porém, nada disto previa John Dee, quando respondeu:

- Generoso imperador: haveis cumulado com excesso as expectativas mais fantasiosas. Não posso menos do que expressar-vos meu agradecimento, relevando-vos de vossa promessa; ainda que saiba que com isso a missão que vos havia proposto ver-se-á privada da inestimável ajuda

que significava vosso concurso. – Dizia isso mais para cumprir do que por verdadeiro pesar, pois já tinha feito planos com Wilhelm von Rosemberg e contava com este para levá-los a cabo.

- Darei ordens para que vos escoltem até o castelo de Benatek – disse Rodolfo II, após exalar um suspiro de alívio, ao saber que podia desvincular-se dos planos do misterioso inglês – Podeis partir agora mesmo. Quando estiverdes prontos, apresentai-vos para pegar vossa carruagem nos quartéis do rei... Ah, e não vos esqueçais de levar o horroroso espelho de pedra. Markowski! – chamou, meio enérgico e irritado, o camareiro que, por outro lado, encontrava-se muito perto – Faça a entrega ao Doutor John Dee do cofre verde que deixei em custódia na Câmara das Maravilhas!

Um momento depois, o criado regressava, precedido de um soldado que portava em suas mãos um pequeno cofre de madeira, esmaltado em uma bela cor verde brilhante.

- Dentro deste cofre, junto ao espelho de pedra, depositei uma mensagem para a vossa soberana, a rainha da Inglaterra. Nele expresso o muito que agradeço sua deferência ao permitir que tão apreciada como rara joia chegasse até a Boêmia. Também lhe informo que me agradou vossa presença, Dr. John Dee... E agora... Podeis ir, "ALS WILICHS HABEN, ALSO CEFELT ES UNS"! [31]

Desta maneira, quase com certa urgência, foi dispensado John Dee da corte de Rodolfo II. E Kelly? O que tinha sido, em tudo isto, da sorte do sinistro Druida? Após a crise sofrida pelo imperador e sua posterior prostração nervosa, Kelly compreendeu que John Dee tinha feito uso do espelho de pedra; e, temendo que este pudesse convencer o imperador, começou a intrigar, sem maiores consequências, entre a nobreza de Praga. Para compreender a urgência de Kelly há que se conhecer ou sequer imaginar o terror que estes Druidas "missionários" sentem para com seus amos de Chang Shambala. Por nada do mundo, um "bardo celta" como Kelly, quer dizer, um iniciado em druidismo a quem se encomendou o cumprimento

---

31 *"ASSIM O QUERO, ASSIM ME AGRADA", fórmula empregada pelos monarcas absolutistas, derivada da sentença latina "SIC VOLO, SIC JUVEO" ("Assim o quero e assim o ordeno"), utilizada na Inglaterra e equivalente à fórmula francesa "IL NOUS PLAIT AINSI" "(Assim nos agrada").*

de uma missão, poderia se permitir fracassar: o castigo seria terrível. E a "missão" de Kelly, nos permitimos lembrar, era liquidar John Dee e "recuperar" seus tesouros: o espelho de pedra da princesa Papan, os manuscritos em língua enoquiana e a Esteganografia, quer dizer, a síntese sobre a Sabedoria Hiperbórea mais completa que jamais se vira no ocidente cristão.

Neste transe que Kelly, impossibilitado de entrar na corte de Rodolfo II, e cada vez mais distanciado de John Dee, decide aumentar seu prestígio de alquimista realizando exibições de "transmutação" diante de quantos nobres quisessem abrir a porta de seu palácio ou castelo.

Chegou, inclusive, a viajar até lugares tão distantes como o castelo do príncipe elector da Baviera, Maximiliano, ou o não menos longínquo castelo do conde Alberto Laski, na Polônia. Mas quando John Dee partiu com sua mulher e filho ao castelo de Benatek, a impaciência de Kelly se transformou em desespero. Assim foi que urdiu uma ignóbil trama, cuja finalidade seria privar o sábio inglês, como outrora na corte de Isabel I, da ajuda real. Para isso, executou, no domicílio do Dr. Hagecius, em 1586, uma transmutação tão assombrosa que, ainda hoje, os descendentes do médico boêmio se recordam e conservam o pedaço de ouro, produto do prodígio. Testemunha do caso foi NICOLAS BARNAUD, célebre médico de Praga, que se encarregou também de aumentar o prestígio de Kelly.

No entanto, não era prestígio o que procurava o hábil intrigante, desta vez. Estimulado por Hagecius, que desejava presenciar uma autêntica "projeção" alquimista, Kelly convenceu o médico real para que lhe fornecesse certa informação confidencial sobre a vida íntima do imperador, em troca do prodígio. Munido de alguns detalhes sobre as atividades sentimentais de Rodolfo II, que só o interessado ou seus mais próximos parentes poderiam conhecer, Kelly encarregou-se de divulgá-los habilmente em toda Praga, dizendo que esses dados tinham sido "adivinhados" por John Dee, usando o espelho de pedra. A intriga acabou tendo êxito quando, em 6 de maio de 1586, o chefe do partido católico, GEORG POPEL VON LOBKOWITZ, levou uma denúncia ante Rodolfo II, acusando John Dee de "ser espião da rainha da Inglaterra, mago e necromante" e de "enfeitiçar o imperador com o espelho de pedra, mediante o qual obtém informação de sua vida privada e de importantes segredos de estado". A reação de Rodolfo II não se fez esperar: mandou expulsá-lo imediatamente da Boêmia.

John Dee, surpreso por esta reação a algumas cobranças com as quais nada tinha a ver, viu-se obrigado a fugir rapidamente de Benatek, diante do perigo de ser encarcerado. Porém, não teve necessidade de sair do país, pois Wilhelm, com quem mantinha contato permanente, aceitou de bom grado escondê-lo em seu próprio castelo de ZATEK, em SEVEROCESKY. Mas tal situação logo foi do conhecimento do imperador, que ficou colérico e intimou Wilhelm para que expulsasse o "espião inglês", acontecendo, nesse sentido, e conforme avançava o mal do imperador, uma série de incidentes que culminaram três anos depois, em 1589, quando John Dee abandonou definitivamente Boêmia.

Nos quatro anos que vão de 1585, ano em que John Dee chega em Praga, a 1589, ano no qual deve abandonar o império alemão, vários eventos dignos de menção tinham acontecido, alguns desafortunados e outros favoráveis aos interesses de nosso herói.

Em primeiro plano, entre os fatos negativos, podem-se contar: a insistência cada vez maior da rainha Isabel I para que seu súdito regressasse a Londres para prestar contas da espionagem realizada, interesse que era estimulado na soberana por Kelly e seus sequazes, que permanentemente faziam chegar à corte inglesa notícias sobre a possível traição ou deserção do infortunado sábio. Também foi nefasta a novidade extraordinária recebida na Boêmia, em 1587, de que alguns "desconhecidos", talvez "uma ralé fanática", tinham tomado de assalto a casa inglesa de John Dee, em MORTLAKE, apenas com o objetivo de queimar sua valiosa biblioteca de manuscritos alquimistas e livros incunábulos. Quatro mil obras se perderam na oportunidade. O verdadeiro motivo do atentado? Uma tentativa desesperada da parte da Sinarquia para conseguir que o sábio abandonasse Boêmia e empreendesse um rápido retorno a Londres. Por último, para nomear apenas aqueles fatos que mais inconvenientes causaram, não devemos deixar de considerar a tremenda pressão exercida por Rodolfo II sobre Wilhelm von Rosemberg para conseguir que este deixasse de dar proteção ao sábio inglês e o expulsasse de seu castelo. Em efeito, o imperador, à medida que transcorria o tempo, manifestava uma conduta cada dia mais contraditória, chegando a mostrar finalmente uma aberta hostilidade para com John Dee e a exigir de maneira inusitada sua expulsão, ameaçando inclusive seu amigo Wilhelm de sitiar seu castelo com tropas imperiais. Tudo isto contribuiu para o desenlace. Porém, o imperador, que com tanto afinco procurou arruinar os planos de John Dee, um ano depois da partida deste, em 1590, sucumbia a um estado de demencial melancolia, motivado pelo desespero e arrependimento. Demência da qual só sairia onze anos depois,

em 1601, durante um breve período, no qual trataria, em vão, de reparar o mal que tinha causado, intercedendo ante o Czar da Rússia para que contratasse John Dee, a quem tinha arruinado e destroçado na Inglaterra. Ajuda vã, dizemos, pois o sábio inglês, por nada do mundo regressaria ao continente, temeroso de uma nova conspiração. Seria seu filho Arturo que, anos mais tarde, ocuparia um posto de médico na corte russa.

Mas esta é outra história. Rodolfo II não tinha, então, forças, nem para contrapor as manobras de seu irmão Matias, que acabou por apoderar-se, em 1608, do governo da Áustria, Hungria e Morávia; nem para resistir ao complô druídico urdido contra ele: é o nobre polaco e alquimista MICHAEL SENDVOJ (SENDIVOGIUS), discípulo do Druida escocês ALEXANDER SETON, "O COSMOPOLITA"; iniciado por este na preparação de beberagens e venenos, que lhe dá de beber o "néctar de âmbar", que precipita sua morte, em 1612.

Tínhamos prometido mencionar, em segundo plano, os fatos afortunados que aconteceram a John Dee durante os quatros anos que permaneceu na Boêmia; mas, falando estritamente a verdade, devemos dizer agora que esses fatos foram de uma importância tão grande para a História da humanidade que, diante deles, tudo quanto narramos de mal fica reduzido, em comparação, a meros inconvenientes, a simples dificuldades inconsequentes, que não merecem serem levadas em conta. Assim entenderam John Dee e Wilhelm von Rosemberg, os quais levaram as coisas com filosofia e prosseguiram imutáveis com sua missão até o fim. Estamos nos referindo concretamente às previsões e arranjos que efetuaram ambos os Siddhas para preservar a Sabedoria Hiperbórea. Porque atendendo a esta empresa, à qual ambos dedicaram todo seu empenho, é que acreditamos ser possível sintetizar o ocorrido a partir de um único fato, do qual se derivam incontáveis bondades: a fundação da Ordem Sapiens Donabitur Astris.

A ideia de criar uma Sociedade Secreta não esteve na mente de nossos heróis até 1586, após John Dee, obrigado a fugir do castelo de Benatek, unir-se com Wilhelm von Rosemberg e ambos avaliarem com bastante precisão a magnitude da conspiração sinárquica. Até então, o sábio inglês tinha se dedicado a codificar a Esteganografia em língua enoquiana, e a preparar diversos tratado sobre essa mesma língua: uma "gramática", um "método fonético" e uma "lista de termos equivalentes", quer dizer, um primitivo dicionário. Wilhelm, entretanto, aprofundava nos segredos da Sabedoria Hiperbórea e tentava desenvolver uma estratégia que permitisse preservar o "supremo conhecimento" para ser empregado para o bem da

humanidade. Tais tarefas, é claro, se realizavam sem muita pressa, impulsionados somente por suas próprias convicções, pela certeza de que desse modo cumpriam o mandato dos "anjos".

Foi em 1586, com dissemos, que compreenderam que Rodolfo II estava cedendo a uma Vontade alheia e irresistível que o inclinava a destruir aquilo que intimamente tinha por mais sagrado. Rodolfo II cedia à Estratégia inimiga e essa capitulação permitiu aos dois camaradas avaliarem corretamente o perigo e tomarem consciência de que urgia encontrar uma solução definitiva para salvaguardar a Sabedoria Hiperbórea. Ambos deviam achar um método que tornasse virtualmente impossível, nessa ou em qualquer outra época, atentar contra os conhecimentos confiados à humanidade pelos Siddhas Hiperbóreos. E como eram muitas as ideias que chegavam às suas mentes para dar uma solução ao problema, decidiram elaborar várias alternativas e submetê-las ao arbítrio dos Siddhas, evocando-os através do espelho de pedra da princesa Papa. De tais consultas, surgiu por fim, em 1587, a Estratégia definitiva, aprovada pelos Siddhas e perfeitamente factível de ser levada a cabo por John Dee e Wilhelm von Rosemberg.

Vamos examinar atentamente esta Estratégia, pois o sucesso da mesma possibilitou que, trezentos anos depois, no mais tenebroso período do Kaly Yuga, emergisse radiante e augusta, portadora do laurel da vitória romana e de suástica ariana do retorno à origem, A ÁGUIA HIPERBÓREA DA THULEGESELLSCHAFT.

FUNDAÇÃO DA ORDEM S.D.A.

ESTRATÉGIA ELABORADA POR JOHN DEE E WILHLM VON ROSEMBERG EM 1587, DENOMINADA "ESTRATÉGIA A1"[32]

I – OBJETIVOS DECLARADOS

[32] *Transcreve-se a Estratégia de JD e WvR em linguagem moderna para facilitar sua leitura e compreensão. Em nada se alterou o critério original de 1587, ainda que se tenham atualizado alguns conceitos para que sejam facilmente identificados com outros correspondentes, dentro do contexto desta obra.*

a – Preservar a Sabedoria Hiperbórea.
b – Procurar que, além de conservar o conhecimento atual (1587), o mesmo possa também se incrementar com novas contribuições.
c – Preservar a língua enoquiana.
d – Atualizar, em cada século, no maior segredo, a Sabedoria Hiperbórea, ao nível intelectual da época e elaborar vias de mutação individual e racial para serem empregadas no momento em que se cumpra a diretriz H.H.H.
e – Manter uma permanente observação sobre o devir da História, registrando todos os eventos importantes de cada século, a partir da perspectiva hiperbórea, prestando especial atenção aos desdobramentos táticos das forças demoníacas de Chang Shambala (Sinarquia), mas sem intervir jamais nem permitir que tal observação seja notada pelo inimigo, salvo a exceção da diretriz H.H.H.
f – Apesar das dificuldades que se possam apresentar para cumprir estes objetivos, os mesmos serão levados a cabo infalivelmente por viryas treinados para tal fim, os quais se deslocarão pelo mundo em cumprimento de sua missão, mas estarão previamente dispostos a morrer POR SI MESMOS no momento que acreditem ser oportuno, se com isso contribuem para manter o segredo.
g – Os objetivos considerar-se-ão alcançados e os fins para os quais foi elaborada a Estratégia A1 cumpridos quando se produza a diretriz H.H.H., única condição imposta pelos Siddhas aos FUNDADORES, John Dee e Wilhelm von Rosemberg.

DIRETRIZ H.H.H.

É um tempo vindouro, no qual a missão encomendada será considerada cumprida, quando a Sabedoria Hiperbórea seja confiada a uma elite predestinada, para seu emprego pelo bem da humanidade, a qual girará ao redor do ENVIADO DE WOTAN, O SENHOR DA GUERRA, O CHEFE QUE CONDUZIRÁ OS POVOS HIPERBÓREOS À VITÓRIA, O PORTADOR DA CRUZ POLAR DE CRISTO LÚCIFER. Este é um mistério que ninguém conseguirá decifrar antes do tempo justo.

II – ANÁLISE DE VIABILIDADE E POSSÍVEIS CURSOS DE AÇÃO

(a) – Para desenvolver uma Estratégia destinada a cumprir os objetivos anteriormente expostos, deve-se partir de três elementos rigorosamente necessários:

1 – Os HOMENS capazes de levar a cabo a Estratégia A1.
2 – Os MEIOS necessários para que os homens adequados possam levar a cabo a Estratégia A1.
3 – O MÉTODO para que os homens, de posse dos meios necessários, cumpram os passos certos que lhes permitam levar a cabo a Estratégia A1.

(b) – ANÁLISE DO ELEMENTO (1)

Os homens capazes de cumprir os objetivos propostos devem reunir certos requisitos indispensáveis:
- Pureza racial "nórdica" (germânica, anglo-saxã, dinamarquesa, etc.), rigorosamente demonstrável.
- Lealdade absoluta aos princípios declarados; devem responder com sua cabeça por isso.
- Possuir vínculos exotéricos entre si, para que as reuniões secretas que devam ser realizadas a fim de cumprir os objetivos, não deem jamais lugar a nenhuma suspeita.
- Os homens que levem adiante a Estratégia A1 devem ser capazes também de detectar, com a devida antecipação e absoluta segurança, aqueles que haverão de ser seus seguidores. Estes serão selecionados com tal precisão que, chegado o momento de serem iniciados nos Mistérios da Sabedoria Hiperbórea, jamais deverão retroceder. Se ocorrer um caso semelhante, O INICIADO SERÁ EXECUTADO JUNTAMENTE COM SEU INICIADOR.
- etc.

Por estes e muitos outros requisitos do tipo é que a única alternativa possível, para assegurar a provisão dos homens adequados, parece ser a de formar uma casta consanguínea depositária do segredo, quer dizer, uma autêntica aristocracia de sangue, guardiã e regente da Sabedoria Hiperbórea.

CURSO DE AÇÃO

Este problema foi solucionado da seguinte maneira por John Dee e Wilhelm von Rosemberg. Entre ambos, escolheram oito nobres pertencentes às mais puras e antigas linhagens da Áustria, Boêmia, Baviera, Saxônia, Mecklemburgo e Brandeburgo, iniciando-os na Sabedoria Hiperbórea e incorporando-os ao Grande Combate.

Estes príncipes iniciados assinaram com seu sangue um pergaminho, no ano de 1589, pelo qual se comprometiam a cumprir os objetivos e a respeitar e fazer respeitar a lei do segredo, estabelecendo, além disso, uma

aliança perpétua entre suas estirpes, de tal modo que os descendentes estivessem sempre ligados por laços de consanguinidade e parentesco. Fixaram-se, da mesma forma, em tal protocolo, as normas exatas que se deveriam seguir, no referente a convênios matrimoniais, ficando completamente excluído do segredo familiar qualquer descendente que não conseguisse provar, em toda a época posterior a 1589, a única herança sanguínea das oito linhagens pactuantes. Quer dizer que se algum descendente NÃO INICIADO decidia unir-se em matrimônio com uma pessoa alheia aos oito troncos da Dinastia, NÃO SERIA INCOMODADO; mas sua progênie ficaria definitivamente excluída de ter acesso à Sabedoria Hiperbórea. Para cumprir estas normas e evitar erros irreparáveis entre os membros iniciados da família, comprometer-se-iam a ter cuidadosamente livros genealógicos que, infalivelmente, deveriam ser consultados ao se celebrar um casamento, ou naquele momento de escolher aqueles afortunados parentes merecedores de conhecer o segredo familiar.

Seria longo enumerar as formidáveis previsões tomadas pelos oito príncipes para assegurar o elemento (1), os homens capazes de levar adiante a Estratégia de John Dee e Wilhelm von Rosemberg. Só acrescentaremos, para finalizar esta análise, que, como o número de membros iniciados (por razões esotéricas que analisaremos mais adiante) jamais deveria ser maior de 16, nem menor que 8, ficava acertado desde o princípio que se procuraria completar estes números AINDA QUE COM MULHERES, as quais teriam os mesmos direitos à iniciação hiperbórea que seus parentes masculinos. Também se introduziram cláusulas que contemplavam a possível extinção de alguma das estirpes e discorriam sobre a maneira de proceder em tais casos. O pergaminho, no qual se documentava este pacto de sangue, foi depositado junto à Esteganografia e aos tratados em língua enoquiana, no antigo baú reforçado com cintas de aço que pertencera a Cornélio Agrippa von Nettesheim e que John Dee transportara até Praga. Justamente dito baú constituiu, durante trezentos anos, o próprio símbolo do segredo familiar legado por aqueles oito príncipes, esotericamente conjurado.

Apesar das precauções que se tomaram para velar pela segurança futura da Sociedade Secreta familiar, aos cem anos de sua fundação já se suspeitava que a mesma existia. Isso foi inevitável devido a certas operações financeiras realizadas pelos iniciados, que comentaremos na análise seguinte. No século XVIII falou-se de uma “Sociedade de Alquimistas”, que funcionaria no maior segredo e integrada exclusivamente por membros da

nobreza protestante da Alemanha, e até se especulou que se poderia tratar dos misteriosos rosa-cruzes ou de uma sociedade de franco-maçons. Quem primeiro suspeitou e realizou indagações, ainda que sem maiores consequências, foi a Igreja Católica. Porém, no século XIX, investigou-se seriamente, tratando de descobrir e destruir a Sociedade Secreta familiar. O ataque não provinha agora da Igreja Católica, que, pelo contrário, possuía interesses comuns com a Dinastia, mas sim do ILUMINISMO, a Seita fundada na Baviera por ADAN WEISHAUPT, em 1776. Esta sociedade para-maçônica foi um dos motores ocultos que impulsionaram os movimentos revolucionários que assolaram a Europa a partir do século XVIII e de fato constitui-se em uma peça importante na grande ofensiva sinárquica do século XIX. O Iluminismo era a primeira tentativa séria de destruir a civilização cristã; empregava táticas subversivas e revolucionárias e propunha liquidar as aristocracias de sangue, para repartir o poder entre ricos comerciantes e burgueses, e não menos ricos judeus. Compreende-se, então, que os iluministas considerassem como inimigos mortais os membros de uma Sociedade Secreta como a que estamos comentando, portadora da Sabedoria Hiperbórea, quer dizer, possuidora do conhecimento necessário e suficiente para contrapor a ofensiva sinárquica. E ainda que só se dispusesse da suspeita de sua existência, podemos dizes que uma terrível guerra secreta foi travada durante todo o século XIX contra a Dinastia; da qual não daremos os detalhes para não prolongar demasiadamente o relato, salvo um que consideramos ser altamente significativo: foram os iluministas que denominaram de S.D.A., à falta do nome verdadeiro, a Sociedade Secreta familiar. Esse nome tomaram do antigo lema “SAPIENS DONABITUR ASTRIS”, do brasão de um dos oito príncipes que fundaram a Dinastia, dado que o escudo heráldico correspondente se achava à vista em um castelo prussiano, onde os iluministas supunham que funcionava a Sociedade Secreta. Como ninguém desmentiu jamais esta questão, continuou-se denominando-a de S.D.A., critério que continuaremos também daqui em diante; mas não sem antes esclarecer que os membros iniciados da Dinastia empregavam entre eles um nome para referirem-se à Sociedade Secreta familiar.

De fato, o nome secreto da S.D.A. era EINHERJAR[33], vocábulo que alude à elite de ODIN e que há milhares de anos se usa para referir-se às sociedades de guerreiros-iniciados.

De qualquer maneira, como por S.D.A. foi conhecida no mundo, S.D.A. a continuaremos chamando, ao longo deste relato.

(c) ANÁLISE DO ELEMENTO (2)

Considerando a solução dada ao problema de encontrar os homens capazes de levar adiante a Estratégia – mediante uma Dinastia iniciática – o segundo elemento, OS MEIOS necessários para que os iniciados cumpram seus objetivos, podem se reduzir a dois aspectos principais: "MEIOS FINANCEIROS" e "MEIOS LOGÍSTICOS" (ou de "infraestrutura").

CURSO DE AÇÃO

Os MEIOS FINANCEIROS, tratando-se de uma Sociedade Secreta familiar, poderiam se cobrir com o patrimônio pessoal dos membros iniciados da Dinastia. Porém, esta solução não pareceu satisfatória aos oito príncipes, pois gerava muitas alternativas prováveis e, consequentemente, poucas garantias de segurança. Por exemplo, o que ocorreria se determinadas circunstâncias produzissem a quebra pessoal de alguns dos membros? Arrastaria, em sua ruína, à Sociedade Secreta familiar, selando assim o destino da Sabedoria Hiperbórea? Esta possibilidade, ou qualquer outra do tipo, era inaceitável para os príncipes; de modo que optaram por uma solução diferente. Decidiram dotar a S.D.A. de um tesouro próprio, o qual, a fim de independê-la de todo tipo de contingências, deveria atuar como uma reserva extraordinária, da qual só se poderia lançar mão em casos excepcionais. Praticamente, o tesouro consistia em uma arca de segurança na qual se tinha depositado, EM METAL, uma importante quantidade de ouro e prata, para a qual contribuíram os oito por igual. A este fundo de reserva os iniciados denominavam, tradicionalmente, de: LEGATUM AUREUS.

---

[33] *EINHERJAR: termo obtido pela contração das palavras AINA-HARIJA, de origem escandinava. A segunda delas, HARIJA, refere-se aos lendários HARII, os guerreiros-iniciados cujo indômito valor infunde o terror nos inimigos.*

Por MEIOS LOGÍSTICOS entende-se: “todos aqueles elementos materiais que contribuem para o desenvolvimento da Estratégia A1 e assegurem sua execução”. Daí que os meios variassem, naturalmente, com o decorrer dos anos, de acordo com as necessidades e não possam se descrever fora do contexto histórico. Por exemplo, nos tempos da fundação, estimou-se como meios logísticos fundamentais: a disposição de um lugar livre de olhares inquisidores para efetuar os estudos da Sabedoria Hiperbórea e outorgar a Iniciação Hiperbórea; e uma câmara secreta, suficientemente segura para guardar o Legatum Aureus e os baús com manuscritos em língua enoquiana, a Esteganografia, etc. A infraestrutura inicial com que se contou para cobrir essas necessidades consistiu simplesmente em um castelo amuralhado, no qual se construíram setores secretos, aos quais só tinham acesso os iniciados. Porém, como se verá mais adiante, estas medidas foram insuficientes em curto prazo, por causa da Guerra dos Trinta Anos, e após concluída a contenda, por conta de diversas razões históricas, os meios logísticos foram requerendo distintos elementos não previstos no planejamento inicial da Estratégia A1.

Para conhecer com alguma precisão o destino da S.D.A., entre os séculos XVII e XX, e avaliar parte do que foi feito em matéria de meios financeiros e logísticos, daremos, ao final destas análises, um ESQUEMA HISTÓRICO DA ESTRATÉGIA “O”.

(d) ANÁLISE DO ELEMENTO (3)

O método deve cumprir, dentre outras coisas, as seguintes condições principais:

1º - tem que dar, em qualquer época, uma indicação OBJETIVA da situação própria e da posição inimiga.

2º - determinará com absoluta segurança o momento no qual a DIRETRIZ H.H.H. “ESTEJA PARA SE CUMPRIR”.

3º - permitirá à S.D.A. RECONHECER INEQUIVOCAMENTE O ENVIADO DE WOTAN, esse chefe germânico invencível de quem depende a diretriz H.H.H.

CURSO DE AÇÃO

Como método geral, em tempos da fundação, John Dee e Wilhelm adotaram uma das sete vias secretas de liberação espiritual que a Sabedoria Hiperbórea ensina. Com esta via, chamada “DA OPOSIÇÃO ESTRATÉGICA”,

foram iniciados com êxito os oito príncipes da Dinastia; decidindo-se que, no sucessivo, a S.D.A. se consagrasse a cultivar a TÉCNICA SECRETA correspondente, cujo nome (atualizado) é: TÉCNICA ARQUEMÔNICA.[34] Para cumprir as condições antes mencionadas procedeu-se da seguinte maneira: empregando técnicas hiperbóreas antiquíssimas (que, porém, um iniciado hiperbóreo pode conhecer), John Dee projetou um DETECTOR SINCRONÍSTICO DE ESTADO, instrumento que permite conhecer, a qualquer momento, a situação estratégica própria e a posição inimiga.[35]

O Detector apresenta o aspecto exterior de um jogo de azar, o que não deve surpreender, dado que numerosos "jogos", tais como o I-CHING dos chineses, o jogo de feijões-de-lima inca, o jogo de dados greco-romano, o xadrez indiano, o go chino-japonês, etc., são todos a expressão profana de antigos detectores, cujo uso esotérico se perdeu e os quais, após uma "queda exotérica", destinaram-se para "passatempo" ou "entretenimento". A ciência atual só pôde quantificar o "azar" a partir das "matemáticas discretas", mas sem chegar a resultados significativos, por se ter perdido a relação entre o sentido metafísico do número e sua realidade ôntica. Quer dizer, desconhece-se a relação acausal que existe entre os arquétipos coletivos do inconsciente humano, dos quais os números fazem parte, e os arquétipos coletivos psicoides que sustentam as formas do mundo concreto, matemáticas redutíveis. Por este motivo, a IGNORÂNCIA DE PRINCÍPIOS ESSENCIAIS, nem mesmo contando com a extraordinária ciência da CIBERNÉTICA é possível ainda compreender e explicar o "funcionamento" de um "jogo" tão simples como o I-CHING. Este é um dos chamados "jogos adivinhatórios", cujo aparente poder é o de "detectar o que vai ocorrer" em "resposta" a perguntas formuladas previamente pelo jogador. Jogam-se AO AZAR os palitos ou as moedas SIMULTANEAMENTE com a formulação da pergunta. Em seguida se INTERPRETA a POSIÇÃO dos palitos (ou moedas), de acordo com o "hexagrama" obtido, empregando um PROCEDIMENTO ANALÓGICO DE REDUÇÃO SIMBÓLICA, baseado na Tradição, na consulta

---

[34] *Declinação de ARQUÊMONA, palavra composta por dois vocábulos gregos:* ***arch*** *= PRINCÍPIO e* ***monaz*** *= UNIDADE. A iniciação pela TÉCNICA ARQUEMÔNICA permite chegar a um PRINCÍPIO ÚNICO da psique, quer dizer, à individuação e ao VRIL.*

[35] *O Detector funciona com base em um princípio A-CAUSAL que se estuda no livro 4º.*

de “livros sagrados” ou “manuais filosóficos” ditados para tal fim por sábios que viveram há milênios. Aqui é onde se observa a “queda” do jogo; pois OS DETECTORES SINCRONÍSTICOS DE ESTADO NÃO USAM REGULAMENTO. Todo regulamento ou regra formal é alheia ao seu sentido, contrária à sua natureza e mostra certa de que se desconhece (seja porque se “esqueceu”, seja porque o iniciado que o projetou não o revelou) seu uso.

Finalmente, qualquer detector sincronístico constitui um ELEMENTO TÁTICO, tal como um radar, um alarme ou um vigia, projetado exclusivamente para seu emprego em uma estratégia determinada. No detector o mais importante é sua função tática, à qual se “ajustou” a construção do mesmo, de modo que fora de sua estratégia não possui nenhuma utilidade, nem seus “resultados” podem ser compreensíveis para ninguém. É o que ocorre com os jogos mencionados, na verdade detectores, que são resíduos de remotas estratégias, cuja chave se perdeu há milênios e com ela seu significado, devendo-se anexar um “regulamento” para forçar um significação que, é claro, já não é a mesma nem jamais o será.

O instrumento projetado por John Dee, Wilhelm von Rosemberg denominou ironicamente de JOGO DO MESSIAS; dado que o mesmo permitiria descobrir aquele tempo final em que teria de se manifestar o enviado... dos Siddhas Hiperbóreos.[36] Mas não era este o único motivo de tal denominação. Para prevenir a possível queda do detector em mãos profanas (coisa que nunca ocorreu), foi construído dissimulado em uma “MAQUETE” de presépio natalino, de tal maneira que ninguém que não soubesse do segredo poderia ver nele outra coisa além do que uma bela representação do “nascimento do menino Jesus”. O detector em si consistia em um tabuleiro e três corpos que deveriam ser jogados sobre ele. O tabuleiro exibia em sua superfície, habilmente desenhadas, uma quantidade de signos e runas, as quais tinham uma certa relação com as construções megalíticas da Europa[37]; os corpos eram três poliedros diferentes, também com signos gravados nos lados. Como “CAMUFLAGEM” procedia-se a colocar sobre o tabuleiro uma “cabana” de dimensões reduzidas, como se fosse um estábulo, rodeada por

---

[36] *Também alude ao mito do MESSIAS IMPERIAL, tão caro aos alemães. Porém, todo mito está simbolicamente referido a fatos verdadeiros: “Algum dia, Federico, o imperador adormecido, voltará para restaurar o Império Universal”.*

[37] *Tal relação ficará manifestada em outra parte desta obra, quando se estude a origem e significado das construções megalíticas.*

uma infinidade de pequenas figuras belamente talhadas: o bercinho com o menino Deus; a virgem mãe; os reis magos; José, o carpinteiro; diversos animais, como o cavalo, o burro, a cabra; algumas árvores e matagais; relevos de rocha; etc. Entre tantas miniaturas, ninguém poderia descobrir os poliedros, perfeitamente encaixados em algumas estatuazinhas, nem era possível que prestasse atenção ao tabuleiro que servia de piso, pois, por menos fé que tivesse o observador, certamente ficaria maravilhado ao comprovar a minuciosidade evangélica com que se tinha conseguido representar o sagrado nascimento.

Mas deixemos, por um momento, de lado as medidas de segurança tomadas por John Dee e Wilhelm von Rosemberg; despojemos o "jogo do messias" de seus elementos acessórios e perguntemos: de que maneira podia este jogo cumprir as condições expostas na análise do elemento (3)? A resposta é que o detector só satisfazia (o que é realmente muito) às duas primeiras condições: dava uma indicação objetiva da situação própria e da posição inimiga A QUALQUER MOMENTO, APENAS JOGANDO OS CORPOS SOBRE O TABULEIRO. E também permitiria conhecer o Tempo em que O ENVIADO DOS SIDDHAS tinha que manifestar-se, atendendo à POSIÇÃO GANHADORA dos poliedros sobre o tabuleiro. De fato, se bem que não existe regulamento para o jogo do messias, está bem determinada a única posição das peças que indica O FIM DA ESTRATÉGIA PRÓPRIA, quer dizer, a CONCLUSÃO DOS OBJETIVOS FIXADOS, com o qual se torna inútil toda ação ulterior, pois careceria de motivação estratégica. Do mesmo modo, ao desaparecer a estratégia que lhe deu lugar, anula-se o sentido do Jogo, já que, ao não existir conflito (OPOSIÇÃO), não há posições estratégicas a detectar. Por isso é que se determinou uma posição ganhadora: para indicar que terminou o jogo.

É claro, esta ingênua afirmação oculta a terrível consequência real que se depreende da "posição ganhadora", ou seja, a finalização do jogo: que o Tempo do Messias chegou...

Compreende-se que um instrumento desta natureza deve ser manipulado com extremo cuidado; mas certamente o leitor desprevenido se surpreenderá ao saber o modo rigoroso em que era utilizado pelos iniciados da S.D.A. e o tempo que transcorria entre cada "jogada". Para dar uma ideia, primeiramente basta considerar que o tabuleiro devia "orientar-se" geograficamente e que o iniciado que jogava os poliedros devia proceder de acordo com uma forma ritual, na qual era necessário atentar à posição do

corpo e durante a qual se pronunciavam terríveis palavras em língua enoquiana. Segundo, talvez o mais surpreendente se constituía no fato de que o Jogo do Messias devia ser jogado a cada trinta e cinco anos. Quer dizer: o "Jogo", como detector, poderia se "consultar" no momento em que as circunstâncias o requeressem, por exemplo, durante uma crise ou para avaliar alternativas. Mas, salvo casos de extraordinária necessidade, o método fixado pelos fundadores estabelecia que a "jogada normal" seria realizada a cada trinta e cinco anos, a partir de 1589, em dia e hora a determinar, a cada vez, segundo diretrizes astrológicas impostas desde o princípio por John Dee.

Deste modo, ocorreu que o Jogo do Messias era operado pelos iniciados da S.D.A. apenas duas vezes por século, em ocasiões que se revestiam da máxima importância para eles. Como outras diretrizes dadas pelos fundadores, em matéria de incorporação de novos membros da Dinastia à S.D.A., estabeleciam que as iniciações deviam se praticar em datas fixas, a cada dezessete anos e meio, compreende-se que a cada duas cerimônias iniciáticas produzia-se a coincidência com a data em que se operava o jogo do Messias.

Era nestas oportunidades que o ritual adquiria maior transcendência, pois após as novas iniciações (se havia candidatos para isso) se procedia a operar o detector na presença da totalidade dos membros da S.D.A. Isto não ocorria nas cerimônias iniciáticas intermediárias, onde era possível que só se achasse presente a metade dos iniciados. Mas durante as datas duplas, quando se praticavam as cerimônias de iniciação e após se realizava a "jogada normal", o clímax carismático logrado era, sem dúvida, superior. Nessas ocasiões poder-se-ia afirmar que a Presença dos Siddhas constituía uma realidade percebida por todos, ainda que seja tarefa inútil tentar reproduzir aqui, com meras palavras, o que sentiam interiormente os iniciados. Devemos fazer notar, para que se aprecie devidamente, o caráter exclusivo e particular de tal experiência, que a maioria dos iniciados só conseguia assistir uma vez na vida a "jogada normal" e, de fato, em trezentos anos, foram muito poucos os que presenciaram duas vezes a operação.

Nestas extraordinárias oportunidades, quando exatos e minuciosos cálculos astrológicos confirmavam o momento escolhido, um BERSERKIR[38], quer dizer, um KAMERAD iniciado, procedia a preparar o Jogo do Messias para sua operação. Adotavam-se para o caso as máximas medidas de segurança, sendo normal que a reunião se realizasse nas profundas câmaras secretas de algum castelo inexpugnável. Tratemos, porém de presenciar uma de tais cerimônias, nas quais os membros iniciados da S.D.A., todos descendentes dos oito príncipes fundadores, se prestavam a "consultar" o detector sincronístico de estado. Podemos imaginá-los facilmente recorrendo ao Mistério do Sangue Puro, retrocedendo o sutratma carismático, sincronístico e acausal da aurea catena, a qual nos une, enquanto viryas hiperbóreos, com quem VIRAM.

Aproximemo-nos, então, de uma daquelas cerimônias secretas da S.D.A. e observemos atentamente quanto ali ocorria. Para recreio do leitor, somente acrescentemos que nos encontramos em um lugar do norte da Alemanha, ao final do século XVII, sob a abóboda de pedra de uma peça subterrânea, que faz as vezes de cripta iniciática.

O recinto possui no centro um pátio circular, ladrilhado com lajes de basalto "trapp" alaranjado, trazidas especialmente da Islândia por membros iniciados da Dinastia. Rodeando completamente este pátio e formando uma celeste circunferência, um pequeno canal de quatro polegadas de largura, completamente cheio de água, dá a impressão de que um anel líquido foi disposto em torno. Para ter acesso ao pátio há que se atravessar necessariamente o fio de água; mas ao não existir ponte em parte alguma, os

---

38 *Na S.DA., cujo nome interno era EINHERJAR, ou seja, "elite de Wotan", os iniciados passavam a se chamar BERSERKIR, isto é, "guerreiros seletos de Wotan". O vocábulo BERSERKIR significa literalmente "semelhante ao urso". Por outro lado, o termo KAMERAD ultimamente se emprega nos finais do século XIX na S.D.A., ainda que logo, na Germanenorden e na Thulegesellschaft, passaria a ser a denominação comum de seus membros, ainda que nos círculos mais internos. Só a S.S. de Himmler retomou o conceito de BERSERKIR, como se verá mais adiante, e tratou de conseguir nos monges-guerreiros da Ordem Negra o "FUROR BERSERKIR".*

iniciados cuidadosamente o saltam, enquanto pronunciam uma palavra de senha.

No interior do anel de água, segundo dissemos, encontra-se o pátio, de uns trinta pés de diâmetro. No centro deste, uma coluna de pedra negra e base octogonal suporta, a uns cinco pés do solo, uma primorosa reprodução do milagre natalino. A "maquete", que oculta em seu seio o Jogo do Messias, encontra-se nesse lugar há muitas décadas, quando outros iniciados, antepassados dos presentes, a transportaram ao edifício recentemente construído.

O recinto onde se encontra o pátio com seu anel de água, está justamente debaixo da sala principal de um imponente castelo. Para chegar até ele é necessário penetrar por uma entrada secreta, dissimulada em uma das paredes da sala, e descer mais de oitenta pés por uma escada em espiral que parece se perder nas profundezas da terra. O último degrau permite ingressar em uma galeria que circunda oito enormes colunas de arco ogival, as quais se acham dispostas ao redor do recinto iniciático e suportam indubitavelmente parte da estrutura do castelo. É possível, pois, percorrer a galeria e entrar no recinto por diferentes ângulos, apenas atravessando qualquer um dos oito arcos ogivais, cuja altura triplica facilmente o mais alto dos homens presentes.

A curtos trechos na escada e a ambos os lados das colunas, tochas de óleo ofereciam uma iluminação mais do que aceitável para aquelas misteriosas pessoas que, curiosamente, estavam acostumadas a olhar de frente uns demônios ígneos, cuja falsa luz, material e térmica, é mil vezes mais forte que o mais brilhante dos sóis do céu.

Vimos que, atravessando qualquer um dos arcos, é possível introduzir-se no recinto iniciático. Este consiste em um amplo aposento octogonal de uns sessenta pés entre colunas opostas, quer dizer, o dobro do diâmetro do pátio central. O mobiliário aqui é escasso, contrastando enormemente com a suntuosidade dos ambientes superiores do castelo, pois consta apenas de dois baús ao pé de cada coluna e uma pequena mesa em frente a cada baú.

Prestemo-nos agora a presenciar a chegada dos iniciados.

São quinze as pessoas que descem pela sinuosa e pétrea escada. Fazem-no um a um, respeitando as reduzidas dimensões dos degraus; e, ainda que as tochas acesas previamente ofereçam luz abundante, o homem que inicia a marcha transporta em suas mãos uma lâmpada romana com duas mechas de amianto acesas, das chamadas "lamparinas a óleo".

O primeiro chegou à galeria, o homem da lamparina, foi para a direita e começou a transitar a passos largos, até deter-se diante de um dos arcos.

Aqueles que o sucedem continuam transitando na mesma direção dele, ainda que alguns se detenham em frente aos arcos que lhes são atribuídos para ingressar no recinto iniciático.

Estas pessoas vão vestidas de um modo tal, que se diria mais próprio das suntuosidades de uma corte francesa do que daquele secreto e solitário ambiente. Na realidade, poucos minutos atrás encontravam-se todos em situação mais acorde com suas vestimentas, pois acabavam de cear na sala superior do castelo, rodeados das comodidades e luxos que essa época tinha reservados para as altas dignidades da nobreza e do clero. Quem tivesse presenciado o festim anterior, sem dúvida, tiraria apressadamente a conclusão de que os viandantes constituíam um grupo familiar em nada diferente de quantos, naqueles dias, achavam-se entregues às nobres tarefas de sua classe e condição: jantar, beber, fazer a guerra, administrar o patrimônio da terra ou os bens da Igreja, etc. Sim, aqueles que tinham ceado no castelo correspondiam perfeitamente a essa imagem frívola; e não deve surpreender que conseguissem enganar qualquer observador. Porque, na realidade, como já vimos, estas pessoas eram os membros iniciados da Dinastia, custódios da Sabedoria Hiperbórea e executores da Estratégia A1. Justamente da adaptação e integração simulada aos costumes da época dependia, em grande parte, a segurança de sua missão.

Revisemos os quinze parentes que naquela noite ceavam alegremente, e perguntemo-nos: o que seria deles se alguém suspeitasse de suas atividades secretas? Mas já tivemos oportunidade de comprovar com que zelo os fundadores se preocuparam em evitar males futuros, e os presentes encontravam-se magnificamente à altura das circunstâncias. Em primeiro termo, estavam ali dois representantes da Igreja: um arcebispo de uma importante cidade sobre o Reno e um bispo proveniente da Alta Baviera. As duas únicas damas contrastavam entre si, apesar de seu parentesco: a de mais idade era a Castelhana, uma condessa viúva que, em sua juventude, ganhou celebridade por sua beleza, mas que agora mostrava não menor resolução, energia e majestade, a tal ponto que só seus gestos já impunham particular respeito em todos os presentes. A segunda dama, prima segunda da Castelhana, era uma jovem e bela princesa, de personalidade tão alegre e despreocupada, que seria totalmente impossível sequer suspeitar de sua participação no mais ingênuo dos segredos. Tinha chegado ao castelo acompanhada de seu esposo, um jovem príncipe, o qual também era primo dela e iniciado “berserkir”, além de senhor de um pequeno país ao leste de

Mecklemburgo. Os dez cavalheiros restantes, cujas idades oscilavam entre os vinte e sessenta anos, eram todos Senhores Territoriais e, do mesmo modo que os outros presentes, vassalos do Imperador. Entre os dez, destacavam-se um príncipe elector, um duque, dois condes e dois governadores. Compreende-se que para estas personalidades não era tarefa simples reunirem-se sem despertar surpresa ou curiosidade; e aqui, sem dúvida, colocava-se em evidência o acerto do parentesco, o que descartava, por si mesmo, muitas interrogações. Porém, existia um sem-número de dificuldades fáceis de imaginar: vários dos iniciados provinham de estados distantes e tinham tido que preparar suas viagens antecipadamente, enviando mensageiros, como se costumava então, aos numerosos territórios que tinham que atravessar, para prevenir seus Senhores. Não havia, pois, maneira de guardar segredo da viagem; ainda que esta desvantagem se compensava com as desculpas bem urdidas que se utilizavam como motivo da mesma. Dispuseram de dezessete anos para planejar ou "criar" a necessidade da mesma. Outro problema, por exemplo, era, neste caso, o fato de que, enquanto um dos presentes era um grande arcebispo, outro deles, o príncipe elector, era um protestante que passava por inimigo declarado da Igreja; na mesma situação ambígua encontravam-se os iniciados restantes, em razão de suas diferentes crenças religiosas. Tratava-se de diferenças exotéricas com fins táticos, é claro; mas se fosse conhecida a identidade de todos os participantes de tão "familiar" reunião, esta poderia ter parecido facilmente suspeita. Para evitá-lo, vários dos nobres declaravam destinos mais distantes do que o castelo iniciático, de tal modo que no curso de sua rota, davam "casualmente" com ele, detinham-se ali o necessário para cumprir o ritual e em seguida partiam imediatamente.

Mas regressemos à cripta. Nem bem os quinze iniciados atravessaram os arcos ogivais, encontraram-se no recinto abobadado já descrito, à vista do pátio iniciático, com seu anel de água. Porém, nenhum deles pareceu prestar maior atenção a tão estranho ambiente, talvez por conhecê-lo previamente; e, ao contrário, cada um dirigiu-se resolutamente para o baú que lhe correspondia. Cada baú continha três tipos de coisas: um pedaço de pedra cortada da mesma montanha que as outras quinze; um kit completo de vestimenta guerreira; e duas armas: uma moderna espada germânica, de rica empunhadura e temível lâmina; um machado de duplo fio, que se diria tão antigo como aqueles que usaram há milênios os guerreiros cretenses em sua particular estratégia do labirinto. Junto a estas armas havia um escudo de três lados convexos, construído habilmente com um quadro de aço rebitado, ao qual se cobriu completamente com um duro e grosso couro. No centro

exterior dos dez e seis escudos achava-se gravado o mesmo antigo e proibido Signo Hiperbóreo dos Senhores de Vênus. Todos estes objetos foram rapidamente colocados sobre as mesmas instaladas para tal fim, em frente aos baús e, ato seguido, os iniciados começaram a mudar de roupa. Deixaremos, por momentos, os iniciados na cripta e faremos um parêntese, para analisar certas questões teóricas, à luz da Sabedoria Hiperbórea.

A Ordem Einherjar, ou S.D.A., praticou sempre os ritos estabelecidos pelos fundadores, John Dee e Wilhelm von Rosemberg. Para compreender a natureza de tais ritos e, fundamentalmente, o objetivo que buscavam, seria necessário ser Iniciado Hiperbóreo... ou conhecer a Tese Fundamental da Sabedoria Hiperbórea. Esta tese será exposta no livro 4; e não duvidamos, ao conhecer a mesma, muitas das dificuldades surgidas durante a leitura da História Secreta da Thulegesellschaft serão superadas definitivamente. Mas agora nos encontramos em uma cripta secreta da S.D.A., a ponto de assistir a um estranho espetáculo e sem possuir AINDA as chaves para interpretá-lo. Porém, de muito nos servirá recordar a cerimônia realizada por John Dee na Torre de Praga, para iniciar o imperador Rodolfo II e o nobre Wilhelm von Rosemberg, e alguns conceitos da Sabedoria Hiperbórea que expusemos anteriormente. Com tais elementos e certa simbologia interna da S.D.A. que explicaremos em seguida, nos encontraremos em condições, se não de penetrar nas profundezas do Mistério, pelo menos de vislumbrar a presença do próprio Mistério, para o qual apontavam os rituais.

Já falamos dos VIRYAS, homens semidivinos que possuem em seu sangue a herança dos Divinos Hiperbóreos chamada, para simplificar, de “Minne”. Dissemos também que os VIRYAS podiam estar “perdidos” ou “despertos” e definimos o “virya perdido” como aquele que “se extraviou da origem”, por causa de uma “confusão de sangue”. A confusão sanguínea provoca um estado psicológico de grande extravio, ao qual se denomina tecnicamente de “confusão estratégica”. Consequentemente, a “purificação sanguínea” que a Sabedoria Hiperbórea facilita, por sete vias secretas, produz uma “reorientação estratégica” no virya perdido, possibilitando-lhe empreender (ou reempreender) o regresso à origem e o abandono do mundo infernal da matéria. O “virya perdido”, já o dissemos, acha-se em um abjeto estado de encadeamento material que o obriga a sujeitar-se às leis do Karma, a reencarnar periodicamente e viver, ou reviver, uma eterna e miserável comédia assinalada pela ilusão sinistra da dor, do medo e da morte. No “Grande Engano” da vida, o virya perdido pode ocupar qualquer posto, e

inclusive “colaborar” com o “Plano” “evolutivo” e “progressista” de Jeová-Satanás, ou com seu “sistema de controle” social, chamado também, para simplificar, de “Sinarquia”. Não convém estender-se no TYPO do “virya perdido”, pois não apresenta maior mistério, dado que é possível observar concretamente o mesmo na maioria das boas pessoas que habitam os diversos países da terra.

Ao contrário, o “virya desperto” merece nosso maior respeito. Ele é quem se colocou em “alerta”, ao comprovar sua “desorientação” e, com decisão firme, intrepidez e valor guerreiro, começou a buscar a origem para, finalmente, empreender seu regresso. Esta decisão, claro, não será respeitada pelo inimigo, que tratará, por todos os infinitos meios ao seu alcance, de confundir o ousado desafiante, procurando impedir que descubra o MODO DE REGRESSAR, induzindo-o, pela ilusão e o engano, a quebrar seu “alerta”. É por isso que o virya desperto só poderá obter êxito se age NO QUADRO DE UMA ESTRATÉGIA HIPERBÓREA. Para isso, deverá assumir completamente sua condição de guerreiro, buscar na recordação contida no sangue as potências primordiais do Espírito imortal, a força do Vril e, em uma explosão gnóstica, recuperar a HOSTILIDADE ESSENCIAL para com o mundo material do Demiurgo, experimentar o FUROR BERSERKIR. Então, já dono de uma vontade inquebrantável, inspirado na Sabedoria Hiperbórea, da qual é portador, pela herança dos Siddhas Ancestrais, desdobrará sua PRÓPRIA ESTRATÉGIA, concebida para OPOR-SE à ESTRATÉGIA INIMIGA e vencer. A partir dali, só realizará MOVIMENTOS ESTRATÉGICOS, AÇÕES TÁTICAS, voltadas a NÃO PERDER DE VISTA A ORIGEM, enquanto se executam os PASSOS DE RETORNO. E, no meio do fragor do combate, ou o que é pior, na espera do mesmo, quando as forças inimigas mascaradas nas formas ilusórias deste e dos outros mundos deixam entrever sua ameaça diabólica, o virya desperto procura, friamente, TOMAR UM TEMPO, por mínimo que seja, para MOVER-SE EM DIREÇÃO À ORIGEM. O direito de dispor desse TEMPO PRÓPRIO, talvez tão fugaz como o menor instante, deve ser ganho em uma luta feroz contra as legiões demoníacas do Demiurgo, contra o feitiço poético que o mundo sensível exerce (com suas mil concupiscências possíveis), que chamamos de Grande Engano, enfim, contra a Vontade do Uno. Parece tarefa impossível. A Sabedoria Hiperbórea, e ainda a Tradição Gnóstica, afirmam que sim, é possível. Mas, então, como fazê-lo?

Sobre a resposta a essa pergunta tratam as sete vias secretas da Sabedoria Hiperbórea. E, já dissemos no começo deste “curso de ação”, que o método de John Dee e, por conseguinte, os rituais da S.D.A. baseavam-se em uma de tais vias, chamada “DA OPOSIÇÃO ESTRATÉGICA”, e em sua

técnica secreta correspondente (TÉCNICA ARQUEMÔNICA). Portanto, é possível que ao leitor, se atenta a tudo o que foi dito até aqui sobre os viryas perdidos e escuta a voz de seu sangue, SEJA SIGNIFICATIVA a cerimônia que vai presenciar. Ela é parte da resposta que a Sabedoria Hiperbórea dá à pergunta antes apresentada; mas NEM NÓS NEM NINGUÉM tentaria responder a tal pergunta DIRETAMENTE. Justamente, o ritual constitui uma resposta analógica, única possível durante o Kaly Yuga, e dependerá da capacidade de indução semiótica do leitor o "conhecimento" que possa obter de uma mera descrição.

Manifestamos que, ainda que ignorando a Tese Fundamental da Sabedoria Hiperbórea, é possível que o ritual da S.D.A. seja significativo para nós, se o relacionamos analogicamente com "a busca do virya desperto", quer dizer, com sua própria estratégia. Mas lembremos que os iniciados da S.D.A. são viryas despertos aos quais se encomendou uma missão para ser cumprida enquanto alcançam sua purificação sanguínea; quer dizer, montaram sua própria estratégia, pessoal, com uma estratégia racial, coletiva e totalizadora. Isto facilita as coisas, pois, no quadro de semelhante estratégia, é bastante fácil perceber o Siddha que ilumina o centro carismático da Ordem, ou do "círculo fechado", e ser guiado por Ele até a origem, conseguindo a mutação e transformando-se também em Siddha, em Divino Hiperbóreo imortal. Mas neste caso a honra impede o virya de abandonar a estratégia totalizadora, ainda que sua própria estratégia tenha concluído. Decide então continuar atuando no mundo para o bem da raça, preparando as condições para que possam regressar os Antigos Guias Hiperbóreos da humanidade. Essa é a única diferença que se deve levar em conta, ao observar os viryas da S.D.A.: que um virya desperto, ao concluir a própria estratégia e alcançar o Vril, abandona imediatamente as regiões infernais; ao contrário, um iniciado da S.D.A., virya desperto ou Siddha imortal, há de continuar o combate durante um tempo a mais, em favor de seus camaradas perdidos.

Convém agora fazer uma introdução elementar à simbologia interna da S.D.A. para facilitar ainda mais a interpretação da cerimônia.

Para os BERSERKIR, iniciados da EINHERJAR ou S.D.A., o "mundo" no qual a vida cotidiana acontece é simplesmente um "campo de batalha", uma PALESTRA repleta de inimigos mortais aos quais se deve combater sem trégua, pois eles "cortam o caminho de regresso", "obstruem a retirada" e pretendem "reduzir-nos à mais vil escravidão" que é "a submissão do Espírito

imortal à matéria", seu "encadeamento ao Plano Evolutivo do Demiurgo e sua corte de demônios". O "mundo" é, então, para os berserkir, O VALPLADS[39]. Não existe, pois, um lugar onde o guerreiro possa descansar suas armas, um lugar no qual, por um segundo sequer, seja possível distrair sua atenção do inimigo e fixá-la na origem dourada? Nem tal lugar, nem tal tempo existem por si mesmos, mas podem ser criados estrategicamente. No VALPLADS não cabe outra possibilidade, a não ser combater ou render-se, alternativa, esta última, que implica em afundar-se na idiotice do virya perdido. Mas aquele que combate pode "liberar" um lugar e tornar-se forte nele. Para isso, a via da "oposição estratégica" ensina a "técnica arquemônica", a qual inclui o importante conceito da "função cerco". Segundo a Sabedoria Hiperbórea, que diz: "toda curva fechada divide seu plano em duas partes". Uma curva fechada pode ter qualquer forma, quadrada, circular, elíptica, etc., mas sempre apresenta o fato qualitativo de que divide seu plano em duas partes, A propriedade geométrica que expressa este teorema, facilmente intuível, importa-nos, porque a "curva fechada" é o caso mais abstrato de "cerco" e evidente ponto de partida para a definição do conceito.

O homem aplica "o princípio do cerco" quando efetua a diferenciação formal e distingue entre "um fora" e "um dentro"; mas tal propriedade não é exclusivamente humana, mas também outros animais a possuem, como se encarregou de demonstrar a etologia. Os animais que apresentam "noção de território" valem-se também da "função cerco" para delimitar seu "espaço vital" ou *lebensraum.* Mas a etologia, ao partir de premissas científicas próprias do evolucionismo darwinista, não logra interpretar os dados obtidos da observação empírica, e só atina com definir uma "função território", comum aos "animais territoriais", ou seja, aqueles que delimitam uma área como própria e a defendem de qualquer intrusão inimiga. Isto é ver só uma parte do problema e, certamente, a etologia avançaria muito mais se emprega o conceito de "função cerco" que a Sabedoria Hiperbórea ensina.

A técnica arquemônica permite a todo virya desperto aplicar a função cerco no âmbito do VALPLADS e "dividir o espaço em duas partes". A parte

[39] *VALPLADS: Na mitologia nórdica ou nos EDDA é o campo de batalha onde Wotan escolhe os que caem lutando pela honra ou a verdade. A S.D.A., baseando-se na Sabedoria Hiperbórea, estendia o conceito de VALPLADS a todo o "mundo".*

"interior" do cerco ou "arquêmona"[40] será imediatamente ocupada pelo virya, que terá CRIADO assim, ESTRATEGICAMENTE, o lugar de onde OLHARÁ para a origem. O TEMPO PRÓPRIO necessário para isso criará a partir da arquêmona, por meio da OPOSIÇÃO ESTRATÉGICA, técnica que requer A DEFINIÇÃO DE UM LUGAR, UM PONTO, ETC., NO VALPLADS, quer dizer, "fora" da arquêmona. Este "ponto" exterior costuma consistir, para os fins práticos, em uma pedra, tal como operou John Dee na Torre de Praga, realizando a "oposição" com o espelho de pedra da princesa Papan. Os berserkir usavam, segundo vimos dentro do baú, cada um, uma pedra sem polir, cortadas de uma mesma montanha. Contra estas pedras realizavam a oposição estratégica, que lhes permitia "dessincronizarem-se" do tempo do VALPLADS, quer dizer, do "tempo do mundo" e criarem um tempo próprio COM O QUAL GANHAR PASSOS PARA O CENTRO[41].

Convém agora nos determos por um momento e realizar um resumo, muito breve, o qual nos permitirá sintetizar algumas conclusões.

O principal objetivo do virya desperto é orientar-se para o centro-origem. Sobre ele age uma poderosa Estratégia inimiga que tem por fim mantê-lo na confusão. A Estratégia inimiga domina o espaço e o tempo. O "espaço" "é" do inimigo, porque na totalidade do universo material existe uma difusão panteísta do Demiurgo e sua Hierarquia dévica. O "tempo" "é" do inimigo porque "o tempo é o constante fluir da consciência do Demiurgo". O corpo humano ocupa espaço e contém matéria da manifestação panteísta. Também possui funções biológicas temporais ("relógios biológicos") sincronizados com outros ritmos solares e lunares, à parte de que a principal função, a "consciência", ocorre no tempo. Portanto, se o Espírito imortal que procura liberar-se das cadeias materiais depende excessivamente do corpo físico, jamais poderá encontrar a saída, nunca logrará "orientar-se". O corpo físico, por si mesmo, constitui a mais pesada cadeia, se apenas "faz parte" do universo material, já que então liga-nos ao espaço e ao tempo do inimigo.

---

[40] *A "técnica arquemônica" é a adaptação à cultura moderna de uma antiquíssima técnica hiperbórea baseada na "função cerco". Todos os sistemas mandálicos, das diferentes culturas pós-atlantes, derivam desta técnica, e se pode afirmar que a arquêmona e a função cerco são os verdadeiros fundamentos da mandala.*

[41] *A teoria sobre o tempo que a Sabedoria Hiperbórea sustenta será exposta no livro 4.*

Mas o corpo físico é também um microcosmo, expressão refletida do macrocosmo do Demiurgo, e possui, como tal, a possibilidade de criar seu próprio espaço e seu próprio tempo. Mas esta possibilidade só se pode concretizar se antes se atualiza a condição de microcosmo, e para isso, há que se ISOLAR o corpo físico do resto da ordem material. Isto significa, dentre outras coisas, alcançar a imortalidade física, como consequência da independência com que o ciclo vital do microcosmo se desenvolve com respeito ao macrocosmo. Fazer do corpo físico, que até agora era só "uma parte do mundo", um microcosmo autônomo, independente do espaço panteísta e do tempo kármico, é a possibilidade que oferece a Sabedoria Hiperbórea, com suas sete vias secretas de liberação espiritual.

Mas, "imortalizar-se em corpo físico" não representa nenhuma solução ao problema do encadeamento espiritual. Esta "conquista" é apenas um passo na busca de "orientação"; a única, inabalável e insubstituível meta do virya é alcançar a origem e "abandonar" a ordem material.

"Alcançar a origem", não esqueçamos, significa "conquistar o Vril", ser "possibilidade pura", e implica o abandono certo do inferno material, sublime instante em que o corpo físico, agora imortal, ou microcosmo, entrega-se para sua fusão no macrocosmo.

Deve-se outorgar ao corpo físico, então, seu justo valor, como instrumento de extrema utilidade para os fins estratégicos do Espírito cativo, em sua marcha para a origem. Para isso, é necessário que o corpo físico atualize suas potencialidades espaço-temporais e se transmute em microcosmo. A "via da oposição estratégica" que a S.D.A. seguia, faz possível tal transmutação, pois a "técnica arquemônica" ISOLA o corpo físico do universo material, permitindo-lhe "ganhar um espaço próprio" sem impregnação panteísta. Dentro desse espaço, que a S.D.A. denominava de "praça", a técnica da "oposição estratégica" permite "criar" um tempo próprio, ou seja, independer a "consciência do microcosmo" da "consciência do macrocosmo" ou tempo do mundo. Aqui podemos considerar concluído o resumo.

Para aprofundar um pouco mais, agora, na técnica arquemônica, devemos retomar o conceito de "cerco". Dissemos anteriormente que a função cerco aparece como uma "lei da natureza"; e também afirmamos que O PRINCÍPIO DO CERCO constitui uma estrutura da mente humana, quer dizer, um arquétipo coletivo. Esta duplicidade não nos deve estranhar. Se aceitamos o princípio hermético de equivalência entre macrocosmo e microcosmo, ser-nos-á evidente que TODAS as leis do macrocosmos se refletem em leis análogas do microcosmos e VICE-VERSA. Mas esta

correspondência entre macro e microcosmo dista de ser um mero reflexo passivo entre estruturas. O homem, ao DESCOBRIR e FORMULAR "leis", desequilibra essa relação e assume um papel de destaque. Como consequência desta atitude dominante, aparece agora, entre o macrocosmo e o microcosmo, um MODELO CULTURAL elaborado PELO HOMEM, com base em leis e conceitos. É este "modelo cultural" o principal responsável pela visão deformada que tem de si mesmo e do mundo, dado que "se interpõe" entre o macrocosmo e o microcosmo. O modelo cultural contém a totalidade do conhecimento coletivo do mundo (estando em primeiro lugar as "leis da natureza") e, por ser o homem seu gestor, fica apresentado um "problema da preeminência das premissas culturais". A fim de deixar devidamente esclarecido este problema, desenvolveremos previamente alguns conceitos, dos quais teremos que nos valer, muito em breve.

Antes de mais nada, convirá saber o que entendemos por "lei da natureza". Sem entrar em complicações, podemos afirmar que "uma lei da natureza é a quantificação matemática de uma relação significativa entre aspectos ou magnitudes de um fenômeno". Esclareçamos esta definição. Dado um fenômeno, é possível que, pela observação e pela experimentação empírica, cheguemos a diferenciar certos "aspectos" do mesmo. Se, dentre os vários aspectos que se destacam, alguns deles resultam ser "relacionados significativamente entre si"; e se esta relação possui probabilidade estatística, quer dizer, repete-se em grande número de vezes ou é permanente, então se pode enunciar uma "lei da natureza". Para isso é necessário que os "aspectos" do fenômeno possam se reduzir a magnitudes, de tal modo que a "relação significativa" se reduza também a "relação entre magnitudes", ou seja, a função matemática. As "leis" da física foram deduzidas de maneira semelhante.

O conceito de "lei da natureza" que expusemos é moderno e visa a "controlar" o fenômeno mais do que explicá-lo, seguindo a tendência atual que subordina o científico ao tecnológico. Temos assim fenômenos "regidos" por leis EMINENTES, às quais não apenas aceitamos como determinantes, mas também incorporamos indissoluvelmente ao próprio fenômeno, esquecendo, ou simplesmente ignorando, que se trata de quantificações racionais. É o que acontece, por exemplo, quando percebemos o fenômeno de um objeto que cai e afirmamos que tal coisa ocorreu porque "atuou a lei da gravidade". Aqui, a "lei da gravidade" é eminente e, ainda que "saibamos que existem outras leis" que "intervêm também, mas com menor intensidade",

acreditamos cegamente que o objeto, em sua queda, OBEDECE à lei de Newton e que esta "lei da natureza" foi a CAUSA de seu deslocamento. Porém, o fato concreto é que o fenômeno NÃO OBEDECE A NENHUMA LEI EMINENTE. O fenômeno simplesmente ACONTECE e não há nada nele que aponte intencionalmente para uma lei da natureza, e menos ainda uma lei eminente[42]. O fenômeno é parte inseparável de uma totalidade que chamamos de "a realidade", ou "o mundo", e que inclui, nesse caráter, TODOS os fenômenos, os que já aconteceram e os que terão que acontecer. Por isso, na realidade, os fenômenos simplesmente OCORREM, sucedendo a alguns que já ocorreram, ou simultaneamente a outros semelhantes a ele. O fenômeno é apenas uma parte dessa "realidade fenomênica" que jamais perde seu caráter de totalidade; de uma realidade que NÃO se expressa em termos de causa e efeito, para sustentar o fenômeno; por fim, de uma realidade na qual o fenômeno ACONTECE independentemente de que sua ocorrência seja ou não significativa para um observador e cumpra ou não as leis eminentes.

Antes de abordar o problema da "preeminência das premissas culturais" na avaliação racional de um fenômeno, convém despojar este de qualquer possibilidade que o aparte da pura determinação mecânica ou evolutiva, segundo a "ordem natural". Para isso estabeleceremos, após uma breve análise, a diferença entre fenômeno de "primeiro" ou de "segundo" grau (de determinação), esclarecimento indispensável, uma vez que as "leis eminentes" correspondem sempre a fenômenos de primeiro grau.

Para o gnóstico, o mundo que nos cerca não é mais do que a ordenação da matéria efetuada pelo Demiurgo em um princípio, e à qual percebemos em sua atualização temporal. A Sabedoria Hiperbórea, mãe do pensamento gnóstico, vai mais longe, ao afirmar que o espaço, e tudo quanto ele contém, acha-se constituído por associações múltiplas de um único elemento, denominado de "quantum psicofísico de energia" ou "unidade de energia UEVAC[43]". As UEVAC, que são verdadeiros átomos arquetípicos formadores ou estruturadores de forma, possuem, cada uma, um PONTO INDISCERNÍVEL, mediante o qual se realiza a difusão panteísta do Demiurgo

---

[42] *Referimo-nos aqui a um fenômeno de "primeiro grau". Em seguida será definido este conceito.*

[43] *A teoria dos "quanta psicofísicos de energia" "U.E.V.A.C." se expõe no livro 4. Aqui adiantamos o necessário para esboçar o conceito de "controle panteísta".*

em toda porção ponderável de matéria, qualquer que seja sua qualidade. Esta penetração universal, ao ser comprovada por pessoas em diferentes graus de confusão, levou à errônea crença de que "a matéria" é a própria substância do Demiurgo. Tais as condições vulgares dos sistemas panteístas ou daqueles que aludem a um espírito do mundo ou "anima mundi", etc. Na realidade, a matéria foi "ordenada" pelo Demiurgo e "impulsionada" para um desenvolvimento LEGAL NO TEMPO, de cuja força evolutiva não escapa nem a mínima partícula (e da qual participa, é claro, o "corpo humano").

Fizemos esta exposição sintética da "física" hiperbórea porque necessitamos distinguir dois graus de determinismo. O mundo, tal qual o descrevemos há pouco, desenvolve-se mecanicamente, orientado para uma finalidade; este é o PRIMEIRO GRAU do determinismo. Com outras palavras: existe um Plano, a cujas diretrizes se ajusta e a cujos desígnios tende a "ordem" do mundo; a matéria, entregue à mecânica de dita "ordem", acha-se DETERMINADA EM PRIMEIRO GRAU. Mas, como tal Plano acha-se sustentado pela Vontade do Demiurgo, e sua Presença é efetiva em cada porção da matéria, segundo vimos, poderia ocorrer que Ele, ANORMALMENTE, influísse DE OUTRA MANEIRA sobre alguma porção da realidade, quer seja para MODIFICAR TELEOLOGICAMENTE SEU PLANO ou para EXPRESSAR SEMIOTICAMENTE SUA INTENÇÃO, ou por MOTIVOS ESTRATÉGICOS[44]; neste caso, estamos ante o SEGUNDO GRAU do determinismo.

Podemos agora distinguir entre um FENÔMENO DE PRIMEIRO GRAU e um FENÔMENO DE SEGUNDO GRAU, atendendo ao grau de determinação que envolve sua manifestação. Deve-se compreender bem que nesta distinção, a ênfase é colocada sobre AS DIFERENTES maneiras com que o Demiurgo pode agir sobre UM MESMO fenômeno. Por exemplo, no fenômeno de um vaso de flores caindo de uma sacada na calçada, não podemos ver mais do que uma determinação de primeiro grau; dizemos: "atuou a lei da gravidade". Mas se tal vaso de flores caiu sobre a cabeça do

---

[44] *Por "motivos estratégicos" entende-se o seguinte: quando o virya desperto empreende o regresso à origem, no quadro de uma Estratégia Hiperbórea, emprega técnicas secretas que permitem opor-se efetivamente ao Plano. Nestas circunstâncias, o Demiurgo, ANORMALMENTE, intervém com todo Seu Poder para castigar o intrépido.*

virya desperto, podemos supor uma segunda determinação ou, a rigor, uma "segunda intenção"; dizemos: "atuou a Vontade do Inimigo".

Em geral, todo fenômeno é suscetível de se manifestar em primeiro ou segundo grau de determinação. Atendendo a esta possibilidade, convenhamos o seguinte: quando não se indique o contrário, por "fenômeno" se entenderá aquele cuja determinação é puramente mecânica, quer dizer, de primeiro grau; caso contrário se esclarecerá, "de segundo grau".

Só nos falta, agora que sabemos distinguir entre "os dois graus do fenômeno", esclarecer a afirmação que fizemos no início desta análise, de que toda lei da natureza, inclusive aquelas eminentes, descrevem o comportamento causal de fenômenos de primeiro grau de determinação. É fácil compreender e aceitar isto, já que quando em um fenômeno intervém uma determinação de segundo grau, o sentido natural do encadeamento mecânico foi alienado temporalmente em favor de uma vontade irresistível. Nesse caso, o fenômeno já não será "natural", ainda que aparente sê-lo, mas estará dotado de uma intencionalidade sobreposta de claro CARÁTER MALIGNO (para o virya).

Por outro lado, o fenômeno de primeiro grau manifesta-se sempre COMPLETO EM SUA FUNCIONALIDADE, a qual é expressão direta de sua essência, e à qual sempre será possível reduzir matematicamente a um número infinito de "leis da natureza". Quando o fenômeno de primeiro grau é percebido, especialmente por UMA lei da natureza, a qual é eminente para nós, pois DESTACA CERTO ASPECTO interessante, é evidente que não tratamos com o fenômeno COMPLETO, mas com tal "aspecto" do mesmo. Em tal caso, deve-se aceitar o triste fato de que do fenômeno só será percebida uma ilusão. Mutilado sensorialmente, deformado gnosiologicamente, mascarado epistemologicamente, não nos deve estranhar que os indo-arianos qualificaram de MAYA, ilusão, a percepção comum de um fenômeno de primeiro grau.

Apresentaremos agora uma interrogação, cuja resposta nos permitirá enfrentar o problema da "preeminência das premissas culturais", baseando-nos em nossas últimas conclusões: "se todo fenômeno de primeiro grau aparece necessariamente completo (por exemplo: às 6 A.M. "sai o sol"), qual é o motivo específico de que sua apreensão, por intermédio do "modelo científico ou cultural", nos impede de tratar o fenômeno em sua integridade, circunscrevendo-nos ao redor de aspectos parciais do mesmo? (Por exemplo, quando dizemos: "a rotação terrestre é a CAUSA que produziu o EFEITO de que às 6 A.M. o Sol se tenha feito visível no horizonte Leste"). Neste último exemplo, faz-se evidente que ao explicar o fenômeno por uma "lei eminente",

não fazemos mais do que nos referirmos a certos aspectos parciais (a "rotação terrestre"), deixando de lado – não o vendo – o próprio fenômeno ("o Sol"). A resposta à pergunta apresentada nos leva a tocar em um princípio fundamental da teoria epistemológica que diz: A RELAÇÃO EMINENTE QUE PERCEBEMOS ENTRE ASPECTOS DE UM FENÔMENO, QUANTIFICÁVEL MATEMATICAMENTE COMO "LEI DA NATUREZA", ORIENTA-SE NA PREEMINÊNCIA DE PREMISSAS CULTURAIS, A PARTIR DAS QUAIS A RAZÃO MODIFICA NOSSA PERCEPÇÃO DO FENÔMENO EM SI.

Quando efetuamos uma observação "científica" de um fenômeno, as funções racionais tornam-se preeminentes a qualquer percepção, "destacando" com eminência aqueles aspectos interessantes ou úteis e "empanando" o resto (do fenômeno). Deste modo, a razão opera como si mascarasse o fenômeno, previamente arrancado da totalidade do real, e apresentará dele uma aparência "razoável" e sempre compreensível no âmbito da cultura humana. É claro que a ninguém importa que os fenômenos fiquem, a partir dali, ocultos por trás de sua aparência razoável; não se é possível servir-se deles, controlá-los, aproveitar sua energia e dirigir suas forças. Ao fim e ao cabo, uma civilização científico-tecnológica se edifica SOBRE os fenômenos e AINDA CONTRA eles. O que importa se uma visão racional do mundo recorta os fenômenos percebidos e nos enfrenta com uma REALIDADE CULTURAL, tanto mais artificial quanto mais cegos estejamos? O que importa, repetimos, quando tal cegueira gnosiológica é o preço que devemos pagar para desfrutar das infinitas variantes que, em termos de gozo e conforto, oferece a civilização científica? Acaso nos espreita algum perigo que não possamos conjurar tecnicamente, nós, que eliminamos muitas e antigas enfermidades, que prolongamos a vida humana e criamos um habitat urbano com um luxo jamais visto?

O perigo existe, é real, e ameaça todos aqueles membros da humanidade que possuem ancestrais hiperbóreos; a Sabedoria Hiperbórea o denomina de FAGOCITAÇÃO PSÍQUICA. É um perigo de gênero psicológico e de ordem transcendente, que consiste na aniquilação metafísica da consciência, possibilidade que se pode concretizar neste ou em outro mundo, e em qualquer tempo. A destruição da consciência acontece por FAGOCITAÇÃO DEMIÚRGICA, quer dizer, por assimilação do eu pessoal à substância do Demiurgo. Quando tal catástrofe ocorre, perde-se completamente toda possibilidade de transmutação e regresso à origem. Já falamos sobre a dramática alternativa que o virya deve enfrentar, e

voltaremos a falar extensamente no livro 4; porém, convém repetir que é a CONFUSÃO o principal impedimento para a transmutação do virya em Siddha imortal. E, para a confusão permanente, contribui a cegueira gnosiológica que mencionávamos antes, produto de nossa moderna mentalidade racionalista. Vivemos segundo as diretrizes da "cultura" ocidental, a qual é materialista, racionalista, científico-tecnológica e amoral: nosso pensamento parte de premissas culturais preeminentes e condiciona a visão do mundo, tornando-a pura aparência, sem que o notemos ou tenhamos ideia disso. A cultura, então, nos mantêm na confusão, no impede de nos orientarmos, ir para o centro da reintegração psíquica, transmutando-nos em Siddhas. É por casualidade que tal coisa acontece? Dissemos muitas vezes: a cultura é uma arma estratégica, habilmente empregada por aqueles que desejam a perdição da Herança Hiperbórea.

Quando se realiza a crítica da moderna cultura urbana do "ocidente cristão", costumam detalharem-se os "males" que esta provoca em alguns indivíduos: a alienação; a desumanização; a escravidão ao consumo; a neurose depressiva e sua reação, a dependência a diversos vícios, desde a narcose até a perversão do sexo; a competição desapiedada, motivada por obscuros sentimentos de cobiça e ambição de poder; etc. A lista é interminável, mas todas as cobranças omitem, deliberadamente, o essencial, fazendo ênfase em males "externos" à alma do homem, originados em "imperfeições da sociedade". Como complemento desta falácia, argumenta-se que a solução, o remédio para todos os males, é "o aperfeiçoamento da sociedade", sua "evolução" para formas de organização mais justas, mais humanas, etc. A omissão baseia-se em que o mal, o único mal, NÃO É EXTERNO ao homem, não provém do mundo, mas fundamenta-se em seu interior, na estrutura de uma mente condicionada pela preeminência de premissas culturais que sustentam o raciocínio e que lhe deformam sua visão da realidade. A sociedade atual, por outro lado, logrou judaizar de tal modo o homem comum, que o transformou – milagre que não pode nem sonhar a biologia genética – por sua vez, em um miserável judeu, ávido de lucro, contente em aplicar os juros compostos e feliz em habitar um mundo que glorifica a usura. Nem falar que esta sociedade, com seus milhões de judeus biológicos e psicológicos, é para a Sabedoria Hiperbórea só um mau

pesadelo, a qual será definitivamente varrida, no final do Kaly Yuga, pelo WILDESHEER[45].

Manifestamos o fato de que uma "lei da natureza" origina-se em certas relações que o julgamento racional estabelece entre aspectos significativos dos fenômenos. Nosso propósito é deixar claro que ainda que tais aspectos pertençam verdadeiramente ao fenômeno, a relação que deu lugar à lei eminente foi criada pela razão, e de nenhuma maneira se pode atribuir ao próprio fenômeno. A razão, apoiada em premissas culturais preeminentes, utiliza o mundo como MODELO PROJETIVO ou de REPRESENTAÇÃO, de tal modo que um fenômeno qualquer expresse CORRESPONDÊNCIA com uma concepção intelectual equivalente. Deste modo, o homem serve-se de conceitos racionais do fenômeno que têm um fraco vínculo com o fenômeno em si, com sua verdade.

Ao efetuar raciocínios e análises sobre a base de tais conceitos, soma-se o erro e o resultado não pode ser outro senão a paulatina imersão na irrealidade e confusão. Este efeito é buscado pelo inimigo, dissemos. Veremos qual é o modo de evitá-lo, que ensina a Sabedoria Hiperbórea.

Ao mencionar anteriormente o princípio hermético, dissemos que todas as leis do macrocosmo se refletem em leis equivalentes do microcosmo. Mas "as leis da natureza" do macrocosmo não são senão representações de um modelo matemático originado na mente humana, quer dizer, no microcosmo, segundo analisamos. No processo que dá lugar à "ideia científica" de um fenômeno concorrem elementos de duas fontes principais: os "princípios matemáticos" e as "premissas culturais preeminentes". Os "princípios matemáticos" são arquetípicos, provêm de estruturas psicobiológicas hereditárias (quando "aprendemos matemática", por exemplo, só atualizamos conscientemente um número finito de sistemas formais que pertencem ao âmbito da cultura; mas os "princípios matemáticos" não são na verdade "aprendidos", mas sim "descobertos", pois constituem

---

45 *Nos EDDA, WildesHeer é o "exército furioso" de Wotan. Segundo a Thulegesellschaft, os Siddhas anunciaram a volta do WildesHeer, junto aos quais formarão o "último batalhão" da SS eterna, no final do Kaly Yuga.*

matrizes básicas da estrutura do cérebro). As "premissas culturais preeminentes" surgem da TOTALIDADE dos elementos culturais, aprendidos ao longo da vida, que atuam como conteúdo consciente ou inconsciente das memórias e registros, e aos quais acode a razão para formular os julgamentos. (Por razão, entendemos aqui um OPERADOR que relaciona diferentes elementos, de acordo com uma certa "lógica". O "operador" é HEREDITÁRIO; a "lógica", quer dizer, o MODO ACORDADO de operar é CULTURAL: depende de regras e princípios sociais, éticos, morais, etc., e se acha muito ligada à estrutura linguística própria, ao idioma natal).

A distinção que fizemos entre "princípios matemáticos" e "premissas culturais preeminentes", como duas fontes principais que intervêm no ato mental de formular uma "lei da natureza", vai nos permitir expor uma das táticas mais efetivas que o Demiurgo emprega para manter os viryas na confusão e a maneira como os Siddhas tratam de contrapô-la, induzindo estes carismaticamente a descobrir e aplicar a "lei do cerco". Por isso, insistimos tanto na análise: porque nos achamos diante de um dos princípios mais importantes da Sabedoria Hiperbórea e, também, um dos segredos mais bem guardados pelo inimigo.

Quando se conhece o princípio que diz: "para a Sinarquia, a cultura é uma arma estratégica", costuma-se pensar que este se refere à "cultura" como algo "externo", próprio da conduta do homem na sociedade e da influência que esta exerce sobre ele. Este erro provém de uma incorreta compreensão da Sinarquia (a qual se supõe que seja uma mera "organização política") e do papel que ela joga no Plano do Demiurgo terrestre Jeová-Satanás. A verdade é que o virya procura orientar-se para a origem e não o consegue, pelo estado de confusão[46] em que se encontra; a mantê-lo nesse estado contribui a cultura[47] como arma estratégica inimiga; mas se este ataque proviesse SOMENTE do exterior, quer dizer, da sociedade, bastaria afastar-se dela, fazer-se ermitão, para neutralizar seus efeitos. Porém, está

---

[46] *Existem vários graus de CONFUSÃO. A "confusão estratégica" que já mencionamos em outra parte, origina-se na impureza sanguínea. A "CONFUSÃO "que tratamos aqui é a expressão psicológica da confusão estratégica.*

[47] *A cultura é um fato social, coletivo. O homem, enquanto membro dessa sociedade, participa e se nutre internamente (se "estrutura") com ela. Mas "a cultura" não é um fato espontâneo; possui "variáveis de controle" habilmente manipuladas pela Sinarquia, que a "dirige" no sentido de seus planos.*

suficientemente comprovado que a solidão não basta para evitar a confusão e que, pelo contrário, esta costuma aumentar no retiro mais hermético, sendo muito provável que, por esse caminho, perca-se a razão muito antes de encontrar a origem. São os elementos culturais INTERIORES que confundem, desviam e acompanham o virya a todo momento. É por isso que o eu consciente deve se liberar PREVIAMENTE do obstáculo que impõem os elementos culturais, se pretende saltar a distância que que o separa do Vril.

Um eu despojado de toda moral, de todo dogma, indiferente aos enganos do mundo, mas aberto à memória de sangue, poderá marchar galhardamente para a origem e não haverá força no universo capaz de detê-lo.

É uma bela imagem a do virya que avança intrepidamente, envolto no furor guerreiro, sem que os demônios consigam detê-lo. Sempre a apresentamos; mas, perguntar-se-á: como é possível adquirir tal grau de pureza? Porque o estado normal do virya, nesta etapa do Kaly Yuga, é a confusão. Explicaremos agora, em resposta a tão sensata pergunta, a tática dos Siddhas para ORIENTAR os viryas perdidos e neutralizar o efeito da cultura sinárquica.

No virya perdido o eu encontra-se submetido à razão. Ela é o timão que guia o rumo de seus pensamentos, do qual, por nada do mundo, se apartaria; fora da razão estão o medo e a loucura. Mas a razão opera a partir de elementos culturais; já estudamos de que maneira as “premissas culturais preeminentes” participam na formulação de uma “lei da natureza”. De modo que o jugo que o inimigo cingiu ao redor do eu é formidável. Poderíamos dizer, em sentido figurado, que o eu se encontra PRISIONEIRO da razão e seus aliados, as premissas culturais; e todos compreenderiam o sentido desta figura. Isto se deve a que existe uma clara correspondência analógica entre o eu, no virya perdido, e o conceito de “cativeiro”. Por esta razão, desenvolveremos, em seguida, uma alegoria, na qual far-se-á evidente a correspondência apontada, que nos permitirá logo compreender a estratégia secreta que os Siddhas praticam para contrapor A ARMA CULTURAL da Sinarquia.

Comecemos por apresentar a alegoria, fixando a atenção em um homem, a quem tornaram prisioneiro e condenado, de maneira inapelável, à reclusão perpétua. Ele desconhece essa sentença, assim como qualquer informação posterior à sua captura, procedente do mundo exterior, pois se decidiu mantê-lo indefinidamente incomunicável. Para isso, foi encerrado em

uma torre inacessível, a qual se acha rodeada de muralhas, abismos e fossos, e de onde é aparentemente impossível toda tentativa de fuga. Uma guarnição de soldados inimigos, aos quais não é possível se dirigir sem receber algum castigo, encarregam-se de vigiar permanentemente a torre; são desapiedados e cruéis, mas terrivelmente eficientes e leais: nem pensar em comprá-los ou enganá-los. Nestas condições, não parecem existir muitas esperanças de que o prisioneiro recobre a liberdade algum dia. E, no entanto, a situação real é bem outra. Se bem que POR FORA da Torre a saída é cortada por muralhas, fossos e soldados, DE DENTRO é possível sair diretamente para o exterior, sem tropeçar em nenhum obstáculo. Como? Por meio de UMA SAÍDA SECRETA, cujo acesso acha-se habilmente dissimulado no piso da cela. Naturalmente, o prisioneiro ignora a existência desta passagem, como tampouco o sabem seus carcereiros.

Suponhamos agora que, seja porque SE LHE CONVENCERAM de que é impossível escapar, seja porque DESCONHECE sua qualidade de cativo, ou por qualquer outro motivo, o prisioneiro não mostra predisposição para a fuga: não manifesta seu valor nem audácia e, é claro, não procura a saída secreta; simplesmente se resignou à sua precária situação. Indubitavelmente, é sua própria atitude negativa o pior inimigo, já que, se mantivesse vivo o desejo de escapar, ou ainda, se experimentasse a NOSTALGIA pela liberdade perdida, se revolveria em sua cela, onde existe, pelo menos, uma possibilidade em um milhão de dar com a saída secreta POR CASUALIDADE. Mas não é assim; e o prisioneiro, em SUA CONFUSÃO, adotou uma conduta aprazível que, à medida que transcorrem os meses e os anos, torna-se cada vez mais pusilânime e idiota.

Tendo-se entregado à sua sorte, só caberia esperar para o cativo uma ajuda exterior, a qual só pode consistir na REVELAÇÃO DA SAÍDA SECRETA. Mas não é tão simples expor o problema, já que o prisioneiro não o deseja ou não sabe que pode fugi9r, segundo dissemos. Deve-se, pois, cumprir duas coisas: 1) conseguir que assuma sua condição de prisioneiro, de pessoa a quem TIRARAM a liberdade e, no possível, que LEMBRE DOS DIAS DOURADOS, quando não existiam celas nem correntes. É necessário que tome consciência de sua miserável situação e deseje ardentemente sair, previamente a: 2) revelar-lhe a existência da ÚNICA POSSIBILIDADE DE FUGIR. Porque bastaria, agora que o prisioneiro deseja fugir, só QUE SAIBA DA EXISTÊNCIA da saída secreta; a ela buscará e encontrará por si mesmo.

Apresentado assim o problema, parece muito difícil de resolver: é necessário acordá-lo, DESPERTÁ-LO de sua letargia, ORIENTÁ-LO e logo REVELAR-LHE o segredo. Por isso, já é hora de que nos perguntemos: há

alguém disposto a ajudar o miserável prisioneiro? E, se houvesse, como se arranjaria para cumprir as duas condições do problema?

Devemos declarar que, afortunadamente, há outras pessoas que amam e procuram ajudar o prisioneiro. São aqueles que participam de sua etnia e habitam em um país muito, mas muito distante, o qual se encontra em guerra com a nação que o aprisionou. Mas não podem tentar nenhuma ação militar para liberá-lo, devido às represálias que o inimigo poderia tomar sobre os incontáveis cativos que, além daquele da torre, mantém em suas terríveis prisões. Trata-se, pois, de dirigir a ajuda da maneira prevista: DESPERTÁ-LO, ORIENTÁ-LO E REVELAR-LHE O SEGREDO.

Para isso, é preciso chegar até ele; mas como fazê-lo, se foi encerrado no coração de uma cidadela fortificada, saturada de inimigos em permanente alerta? Há que se descartar a possibilidade de infiltrar um espião, devido às DIFERENÇAS ÉTNICAS insuperáveis: um alemão não poderia infiltrar-se como espião no exército chinês, do mesmo modo que um chinês não poderia espiar no quartel das SS. Sem poder entrar na prisão, e sem possibilidade de comprar ou enganar os guardiões, só resta o recurso de FAZER CHEGAR UMA MENSAGEM ao prisioneiro.

Porém, enviar uma mensagem parece ser tão difícil quanto introduzir um espião. Em efeito; no improvável caso de que uma gestão diplomática conseguisse a autorização para apresentar uma mensagem e a promessa de que esta seria entregue ao prisioneiro, isso não serviria de nada, porque só o fato de que tenha que atravessar sete níveis de segurança, onde seria censurada e mutilada, torna completamente inútil esta possibilidade. Além disso, por tal VIA LEGAL (autorização prévia) impor-se-ia a condição de que a mensagem fosse escrita em uma linguagem clara e acessível ao inimigo, que logo censuraria parte de seu conteúdo e transporia os termos, para evitar uma possível segunda mensagem criptografada. E não nos esqueçamos que o segredo da saída oculta tanto interessa que o conheça o prisioneiro como que o ignore o inimigo. E, primeiramente: o que dizer em uma mera mensagem para conseguir que o prisioneiro DESPERTE, se ORIENTE, compreenda que DEVE escapar? Por muito que pensemos, far-se-á evidente, por fim, que a mensagem DEVE SER CLANDESTINA e que a mesma NÃO PODE SER ESCRITA. Tampouco pode ser ÓPTICA, devido a que a pequena janelinha de sua cela permite observar apenas um dos pátios interiores, até onde não podem chegar sinais do exterior da prisão.

Nas condições que expusemos, não fica evidente, sem dúvida, de que maneira podem seus KAMERADEN solucionarem o problema e ajudarem o prisioneiro a escapar. Talvez se faça a luz, se levamos em conta que, em que pese todas as precauções tomadas pelo inimigo para manter o cativo desconectado do mundo exterior, NÃO CONSEGUIRAM ISOLÁ-LO ACUSTICAMENTE. (Para isso, teriam que colocá-lo, como KASPAR HAUSER, em uma cela à prova de som.)

Vejamos agora, como epílogo, a forma escolhida pelos Kameraden para oferecer ajuda efetiva, uma ajuda que 1) DESPERTE e 2) REVELE O SEGREDO ao prisioneiro, ORIENTANDO-O PARA A LIBERDADE.

Ao decidirem-se por uma via acústica para fazer chegar a mensagem, os Kameraden compreenderam que contavam com uma grande vantagem: O INIMIGO IGNORA A LÍNGUA ORIGINAL DO PRISIONEIRO. É possível então transmitir a mensagem simplesmente, sem duplo sentido, aproveitando que a mesma NÃO SERÁ COMPREENDIDA PELO INIMIGO. Com esta convicção, os Kameraden fizeram o seguinte: vários deles subiram em uma montanha próxima e, munidos de uma enorme concha-caracol, o qual permite amplificar muitíssimo o som da voz, começaram a emitir a mensagem. Fizeram-no ininterruptamente, durante anos, pois tinham jurado não abandonar a tentativa enquanto o prisioneiro não estivesse novamente livre. E a mensagem desceu a montanha, cruzou os campos e os rios, atravessou as muralhas e invadiu até o último canto da prisão. Os inimigos, a princípio, surpreenderam-se; mas, como essa linguagem para eles não significava nada, pensaram que o musical som era o canto de algum pássaro fabuloso e distante, e por fim acabaram acostumando-se a ele e o esqueceram. Mas, o que dizia a mensagem?

Constava de duas partes. Primeiro, os Kameraden cantavam uma CANÇÃO INFANTIL. Era uma canção QUE O PRISIONEIRO TINHA OUVIDO MUITAS VEZES DURANTE SUA INFÂNCIA, lá na PÁTRIA DOURADA, quando ainda estavam longe os dias negros da guerra e o cativeiro perpétuo só poderia ser um pesadelo impossível de se sonhar. Ó, que doces lembranças evocava aquela melodia! Qual Espírito, por mais adormecido que estivesse, não despertaria, sentindo-se eternamente jovem, ao ouvir novamente as canções primordiais, aquelas que escutara embevecido, nos dias felizes da infância e que, sem saber como, transformaram-se em um sonho distante e misterioso? Sim; o prisioneiro, por mais adormecido que estivesse seu Espírito, por mais que o esquecimento tivesse fechado seus sentidos, acabaria despertando e recordando! Sentiria a nostalgia da pátria distante, comprovaria sua situação humilhante e compreenderia que só quem

conte com um valor infinito, com uma audácia sem limites, poderia realizar a façanha da fuga.

Se assim for o sentir do prisioneiro, então a segunda parte da mensagem lhe dará A CHAVE para encontrar a saída secreta.

Perceba-se que dissemos A CHAVE e não A SAÍDA SECRETA. Porque acontece que, mediante a chave, o prisioneiro DEVERÁ BUSCAR a saída secreta (tarefa que não de ser tão difícil, considerando as reduzidas dimensões da cela). Mas, logo que a encontre, terá que completar sua façanha DESCENDO até incríveis profundezas, atravessando corredores submersos em trevas impenetráveis e SUBINDO, finalmente, a cumes remotos: tal é o complicado trajeto da enigmática saída secreta. Porém, JÁ ESTÁ SALVO no mesmo momento em que INICIA O REGRESSO, e nada nem ninguém conseguirá detê-lo.

Só nos falta, para completar o epílogo da alegoria, dizer uma palavra sobre a segunda parte da mensagem acústica, essa que continha a chave do segredo. Era também uma canção. Uma canção curiosa, que narrava a história de um amor proibido e sublime entre um cavalheiro e uma dama já desposada. Consumido por uma paixão sem esperanças, o cavalheiro tinha empreendido uma longa e perigosa viagem por países distantes e desconhecidos, durante a qual foi se fazendo perito na arte da guerra. A princípio, tratou de esquecer sua amada; mas, passados muitos anos, e tendo comprovado que a lembrança se mantinha sempre viva em seu coração, compreendeu que deveria viver eternamente escravo do amor impossível. Então se fez uma promessa: não importariam as aventuras que tivesse que passar, em seu longo caminho, nem as alegrias ou infortúnios que elas implicariam; interiormente ele se manteria fiel ao seu amor sem esperanças, com religiosa devoção; e nenhuma circunstância conseguiria apartá-lo de sua firme determinação.

E assim terminava a canção: lembrando que, em algum lugar da Terra, transformado agora em um monge guerreiro, marcha o cavalheiro valoroso, provido de uma poderosa espada e um brioso corcel, mas levando pendurada no pescoço um saquinho que contém a prova de seu drama, a CHAVE de seu segredo de amor: O ANEL DE CASAMENTO que jamais seria usado por sua dama.

Contrariamente à canção infantil da primeira parte da mensagem, esta não produzia uma imediata nostalgia, mas um sentimento de poderosa curiosidade no prisioneiro. Ao escutar, vindo quem sabe de onde, em sua

antiga língua natal, a história do galante cavalheiro, tão forte e valoroso, tão COMPLETO na batalha, e, no entanto, tão doce e melancólico, tão DILACERADO interiormente pela RECORDAÇÃO DE AMOR, sentia-se o cativo presa dessa curiosidade inocente que experimentam os meninos quando pressentem as promessas do sexo ou intuem os mistérios do amor. Podemos imaginar o prisioneiro ponderando, perplexo pelo enigma da canção evocadora! E podemos supor, também, que finalmente encontrará uma CHAVE naquele ANEL DE CASAMENTO... que segundo a canção, jamais seria usado em casamento algum. Por indução, a ideia do ANEL, o levará a procurar e encontrar a saída secreta...

Até aqui a alegoria. Devemos agora destacar as analogias existentes para, mediante seu concurso, extrair importantes conclusões esotéricas. Com a finalidade de que a relação analógica fique claramente evidenciada, procederemos de acordo ao seguinte método: primeiro afirmaremos uma premissa com respeito à história alegórica do "prisioneiro"; em segundo lugar, afirmaremos uma premissa referente a uma situação análoga no "virya perdido"; em terceiro lugar, COMPARAMOS ambas as premissas e extraímos a CONCLUSÃO, quer dizer, DEMONSTRAMOS a analogia.

Compreende-se que não podemos expor A TOTALIDADE das correspondências, sem risco de nos estendermos indefinidamente. Portanto, só destacaremos aquelas relações que são imprescindíveis para o nosso propósito, e deixaremos, como exercício de imaginação do leitor, a possibilidade de estabelecer muitas outras.

- 1 –

a – O "prisioneiro" encontra-se à mercê de seus guardiões, os quais o mantêm em perpétuo cativeiro.
b – O "eu" do virya perdido é prisioneiro perpétuo da "razão".
c – O "prisioneiro" e o "eu" são análogos.

- 2 –

a – Os "guardiões" são os intermediários dinâmicos, mesquinhos, é certo, entre o "prisioneiro" e o "mundo exterior".
b – A "razão" é intermediária dinâmica, muito pobre, entre o "eu" e o "mundo exterior" (no virya perdido).

c – Os “guardiões” e a “razão” são análogos. (Lembremos que quando a razão elabora uma “lei da natureza”, intervêm os “princípios matemáticos” e as “premissas culturais preeminentes”)

- 3 –

a – Os “guardiões” se valem de uma “linguagem própria”, diferente da “língua natal” do prisioneiro, à qual este esqueceu.
b – A “razão” emprega “estruturas lógicas”, diferente da “língua primordial hiperbórea” original do virya perdido, à qual este esqueceu (pela confusão estratégica).
c – A “linguagem própria” dos guardiões é análoga às “estruturas lógicas” da razão. A “língua natal” do prisioneiro é análoga à “língua primordial hiperbórea” do virya perdido.

- 4 –

a – O primeiro ambiente do “prisioneiro” é sua “cela” da torre, que o contém assim completamente, com exceção das aberturas (porta e janelinha), por onde só muito fracamente podem se estender os sentidos.
b – O primeiro ambiente do “eu” é o “inconsciente”, que o contém quase completamente, com exceção das esferas “instintiva”, “sensorial” e “racional”, que intervêm na composição da conduta.
c – A “cela” da torre é análoga ao “inconsciente” do virya perdido. (Como conteúdo do inconsciente consideramos os “arquétipos coletivos”, especialmente: “os princípios matemáticos” e os “elementos míticos)

- 5 –

a – Na “cela” há uma “janelinha gradeada”, por meio da qual o prisioneiro obtém uma imagem precária, mas “direta” do mundo exterior.
b – Estabelecendo um contato permanente com o “eu” está a esfera “sensorial”, por meio da qual este obtém uma imagem precária, mas “direta” do mundo exterior.
c – A “janelinha gradeada” é análoga à “esfera sensorial” (ou aos “sentidos”) no virya perdido.

- 6 –

a – Na cela há uma “porta gradeada”, pela qual entram os guardiões, e com eles as notícias censuradas, quer dizer, por onde o prisioneiro obtém uma imagem “indireta” do mundo exterior.
b – O “eu” pode formar uma imagem “indireta” do mundo exterior, mediante a “reflexão”, quer dizer, o ato pelo qual se recebe a informação “racionalizada”.
c – A “porta gradeada” é análoga ao ato de refletir.

- 7 –

a – A cela do “prisioneiro” encontra-se em uma “torre” e esta em um “pátio amuralhado”. Rodeando as muralhas há “fossos” profundos, e depois outras muralhas, e outros fossos; e assim sucessivamente até completar sete voltas de muro e fosso. Os sete circuitos de segurança desta formidável “prisão” se conectam entre si por “pontes levadiças”, “corredores”, “portões”, “barras levadiças”, etc. Além da última muralha se estende o “mundo exterior”, o país do inimigo. Em síntese: é a “prisão” uma estrutura estática que se interpõe entre o prisioneiro e o mundo exterior.
b – Entre o “eu” e o mundo exterior se interpõe uma complexa estrutura estática denominada “cultura”. A “razão”, para tornar “razoável” a informação do mundo exterior, apoia-se em certos elementos de dita estrutura estática ou “cultura”, por exemplo, as “premissas culturais preeminentes”.
c – A “prisão” é análoga à “cultura”. Também: certas partes da “prisão”, muralhas, fossos, pontes, etc., são análogas à certas partes da “cultura”, isto é, as “premissas culturais preeminentes”.
Comentário: leve-se em conta que, na alegoria, tanto os “guardiões” como a “prisão” são intermediários entre o prisioneiro e o mundo exterior. Mas os “guardiões” são intermediários “dinâmicos” (analogamente à “razão” no virya perdido) enquanto a “prisão” é intermediário “estático” (analogamente à “cultura” no virya perdido).

- 8 –

a – Além da última muralha da prisão se estende o “mundo exterior”, aquela realidade que nunca poderá ser vista pelo “prisioneiro”, devido a que a estrutura da “prisão” limita seu movimento e a que um “guarda” permanente cuida de que se mantenha tal situação.

b – O “eu” no virya perdido encontra-se habilmente submerso nas profundezas da estrutura cultural, flutuando perdido entre seus artificiais e estáticos elementos e à mercê da tirania implacável que exerce a razão. A estrutura cultural cerca completamente o “eu”, salvo algumas fendas, por onde espia fracamente a “esfera sensorial”. Além da estrutura cultural, como objeto das esferas instintiva e sensorial, se estende o “mundo exterior”, a realidade que nunca poderá “ser vista” (em sua verdade, “tal como é”) pelo “eu”.
c – O “mundo exterior” além da prisão é análogo ao “mundo exterior” além da “estrutura cultural” que submete o “eu” no virya perdido.

- 9 –

a – Em uma montanha próxima, os Kameraden tratam de ajudar o “prisioneiro” a fugir da “prisão”. Para isso, enviam uma mensagem, em sua língua natal, valendo-se do meio acústico. Em tal mensagem há uma “canção infantil” para “despertar” o prisioneiro, e uma “canção de amor” com a “chave do anel”, para que busque a saída secreta e fuja.
b – Em um “centro” oculto chamado de Agartha, os Siddhas Hiperbóreos tratam de ajudar os viryas perdidos a quebrar as correntes que os mantêm submetidos ao mundo material do Demiurgo. Para isso enviam carismaticamente uma mensagem na “língua dos pássaros”, valendo-se da “cabala acústica”. Em tal mensagem há uma “recordação primordial” para despertar e orientar o virya, e uma “canção de amor” com a “chave do anel” para que busque o centro, conquiste o Vril e abandone, como um Deus, o inferno material de Jeová-Satanás.
c – Podem se estabelecer entre “a” e “b” muitas analogias. Só destacaremos a mais importante: os Kameraden são análogos aos Siddhas Hiperbóreos.

Acreditamos que os nove argumentos precedentes constituem uma eficaz demonstração da correspondência analógica que existe entre a “alegoria” e a “situação do virya perdido”. Mas isto não é tudo. Reservamos três componentes da alegoria (canção infantil; canção de amor; saída secreta) para efetuar uma última correspondência analógica e extrair a conclusão final.

Como a validade da relação analógica existente ficou evidenciada nos argumentos precedentes, não será necessário recorrer ao mesmo método no próximo comentário: daremos por provadas as analogias que mencionamos.

Lembremos agora os motivos que nos levaram a desenvolver a alegoria. Propúnhamo-nos a mostrar, de maneira analógica, o método empregado pelos Siddhas Hiperbóreos para contrapor a ação da "cultura", arma estratégica da Sinarquia. Previamente, esclarecemos que são os "elementos culturais interiores" o verdadeiro instrumento que a Sinarquia usa para manter o virya "perdido", quer dizer, na confusão. Nesse estado, o "eu" é submetido pela razão à estrutura cultural, fonte da qual se nutre, finalmente, toda atividade mental. Assim, ocorre que o "eu", quer dizer, a consciência presente, acaba sendo "dirigida para" o mundo, "através" da estrutura cultural "pela" razão; o resultado, dissemos várias vezes, é uma imagem deformada do mundo e um estado de confusão psíquica que dificulta imensamente a "reorientação estratégica" do virya. Contra esta situação, os Siddhas, da mesma forma que os Kameraden da alegoria, se dispõem a acudir em auxílio, "enviando uma mensagem".

O principal objetivo é "saltar todas as muralhas" e chegar até o prisioneiro, o "eu", com uma mensagem de duplo significado: 1) despertar; 2) orientar. Para isso, os Siddhas "transmitem a mensagem" carismaticamente, HÁ MUITOS MILÊNIOS. Alguns a ouvem, despertam e partem; outros, os demais, continuam na confusão. Claro, não é fácil reconhecer a mensagem, porque foi emitida na língua dos pássaros... e seus sons só podem ser percebidos com o sangue.

Está claro, então? A mensagem dos Siddhas permanentemente ressoa no sangue dos viryas perdidos. Quem não a ouve é porque padece da confusão estratégica ou desconhece sua existência, o que vem a ser o mesmo. Mas, como DEVERIA cumprir sua missão a mensagem carismática? Em dois passos. Em primeiro lugar, os Siddhas FALAM, no sangue do virya, de uma recordação primordial, de algo ocorrido NO COMEÇO DO TEMPO, quando O ESPÍRITO AINDA NÃO TINHA SIDO CAPTURADO PELOS DEUSES DA MATÉRIA. Como os Siddhas conseguem fazê-lo é um Mistério muito grande, do qual só Eles podem responder. Esta "recordação primordial", a "canção infantil" da alegoria, foi induzida com o propósito de que "ative" a recordação de sangue própria do virya, quer dizer, que "sinta" sua Minne.

Se tal coisa ocorre, então o virya perdido experimentará uma súbita "nostalgia de outro mundo", um desejo de "deixar tudo e partir". Tecnicamente, isto significa que a "memória de sangue" chegou "ali aonde a

consciência, o eu do virya perdido, se encontrava"; geralmente sobre um chakra. Um contato tal, entre o "eu" e a Minne, realiza-se independentemente da estrutura cultural e da razão; e esse é o objetivo buscado pelos Siddhas. Pôde-se chegar à medula do "eu" pela via do sangue; será então, nesse fugaz momento, que se deixará ouvir a "canção de amor".

Falemos agora da segunda parte da mensagem, à qual chamamos, alegoricamente, de "canção de amor". Antes de mais nada, digamos que tal nome não é caprichoso; pois a Sabedoria Hiperbórea ensina que, A PARTIR DE SUA ORIGEM, NO UNIVERSO FÍSICO, quer dizer, desde sua sincronização com o Tempo, O ESPÍRITO PERMANECE ENCADEADO À MATÉRIA POR UM MISTÉRIO DE AMOR. Quando a recordação de sangue, ativada pela primeira parte da mensagem, ABRE UM CAMINHO (não racional, não cultural) PARA A CONSCIÊNCIA, então os Siddhas CANTAM A CANÇÃO DE AMOR, fazem o virya participar do Mistério. Se seu sangue é suficientemente puro para que a mensagem carismática possa ser conscientizada, então o virya tem a possibilidade de "orientar-se" para a origem e se manter definitivamente "desperto".

Na Segunda Dissertação (As Sociedades Secretas e a Thulegesellschaft) mencionamos os "Mistérios da Antiguidade" (de Osíris e Ísis, de Mitra, de Dionísio, etc.) como possuidores, no passado, de autênticos restos da Sabedoria Hiperbórea, cujo conhecimento só era compartilhado por membros de uma casta de sacerdotes iniciados. Convém esclarecer aqui a diferença existente entre esses "Mistérios" e o Mistério de Amor, ao qual alude a segunda parte da mensagem dos Siddhas. Em primeiro lugar, lembremos que os Mistérios da Antiguidade tinham por finalidade perpetuar um conhecimento esotérico mediante A INICIAÇÃO, ou seja, cumpriam uma FUNÇÃO SOCIAL. Em segundo lugar, há que se levar em conta que esses "Mistérios" se constituem na CAUSA DO KALY YUGA, em uma tentativa de salvaguardar a Sabedoria Hiperbórea da decadência universal e da queda no exoterismo. Quer dizer que, desde suas origens, os Mistérios da Antiguidade estiveram LIGADOS AO TEMPO (histórico), o qual foi sempre seu verdadeiro fundamento.

Contrariamente aos "Mistérios da Antiguidade", o Mistério de Amor não é nem social (ou iniciático) nem se acha ligado a Tempo Histórico algum, já que sua "transmissão" carismática é sincronística e acausal e, portanto, "sempre presente". Só têm em comum a palavra "Mistério", mas, como este fato pode provocar alguma confusão, acreditamos ser conveniente esclarecer,

para que se descarte, desde o início, qualquer crença no sentido de que o Mistério de Amor possa ser (como nos "Mistérios da Antiguidade") um mero saber esotérico, ao qual se possa ter acesso por "iniciação".

O Mistério de Amor só pode ser revelado pelo sangue puro, interiormente, em um contato transcendente com o "eu", que se realiza sem intervenção de categorias culturais ou racionais. É, portanto, uma experiência ABSOLUTAMENTE INDIVIDUAL, única para cada virya. Quem conhece os segredos do Mistério de Amor não é um "iniciado", mas sim um TRANSMUTADO, um "Siddha imortal", ou, por um breve tempo, um "virya desperto"[48].

O Mistério de Amor é uma descoberta pessoal e, portanto, única para cada virya, sobre a VERDADE DE SUA PRÓPRIA QUEDA. Ninguém pode conhecer esse segredo e continuar igual. E ninguém, muito menos, se atreveria a falar sobre isso, uma vez que a Suprema Experiência teve lugar. Pelo contrário, muitas vezes os lábios ficam selados para sempre, os olhos cegos, os ouvidos fechados. Não são poucos os cabelos que se tornam brancos nem menos as mentes que se afundam nas trevas da loucura. Porque só um valor infinito pode sustentar, vivo e são, aquele que viu o Engano das Origens e compreendeu, finalmente, O COMO E O PORQUÊ DE SUA QUEDA. Sendo o peso do segredo tão terrível, compreende-se porque dizemos que jamais pode haver no mundo algum indício do Mistério de Amor; e só alguém irresponsável ou louco afirmaria o contrário. A Sabedoria Hiperbórea oferece TÉCNICAS DE PURIFICAÇÃO SANGUÍNEA que têm por finalidade APROXIMAR AO MISTÉRIO. Mas o Mistério em si se descobre interiormente, é único para cada virya e NINGUÉM DEVE FALAR DELE.

A alegórica história do prisioneiro nos permitiu expor de maneira simples o método empregado pelos Siddhas para guiar os viryas perdidos. A mensagem carismática consegui, se é escutada, "despertar" o virya, colocando-o em contato com sua recordação de sangue, com sua Minne. Em seguida, o faz participar do Mistério de Amor, Suprema Experiência que ANULA, segundo dissemos, a Estratégia cultural da Sinarquia. Mas NÃO PODEMOS saber em que consiste o Mistério de Amor até não o ter vivido individualmente. Só temos dele INDÍCIOS GERAIS que deixaram AQUELES QUE SE TRANSMUTARAM E PARTIRAM. Com base em tais indícios,

---

[48] *Não obstante este esclarecimento, continuaremos, por comodidade, denominando de "iniciados" os BERSERKIR da S.D.A.*

podemos afirmar que o Mistério de Amor é experimentado de SETE MANEIRAS DIFERENTES pelos viryas e que, justamente essa é razão pela qual a Sabedoria Hiperbórea prevê sete vias de liberação (secretas).

De acordo com o modo em que o Mistério de Amor foi gnosticamente percebido, será a via de liberação adotada; e é por isso que se costuma falar de uma "via da mutação" ou "do raio"; de uma "via seca" ou "caminho da mão direita"; de uma "via úmida" ou "caminho da mão esquerda"; de uma "via da oposição estratégica" ou "via da gnose guerreira para o retorno absoluto"; etc.

Não falaremos, desde já, de todas as vias de liberação, senão daquela que tem especial relação com nosso relato, quer dizer, a via da oposição estratégica, que era a seguida pelos iniciados da S.D.A. Porém, não podemos deixar de mencionar que o Mistério de Amor, revelado pelos Siddhas Hiperbóreos, é a antiga base dos sistemas tântricos do Tibete, ainda que, atualmente, tais iogas perderam seu sentido gnóstico, com exceção do TANTRA KAULA, que ainda conserva parte da Sabedoria.

Na alegoria, a segunda parte da mensagem era bastante extensa, porque se referia também às "outras" via de liberação que pode "abrir" o Mistério de Amor. Mas o prisioneiro encontrou a chave no ANEL DE CASAMENTO, e isto significa, analogicamente que optou pela via da oposição estratégica. A mensagem chegou até ele "pela via acústica", quer dizer, gnosticamente, e ao tomar consciência do seu conteúdo, por meio da chave revelada, encontra na cela UM ANEL, o qual permite ABRIR A SAÍDA SECRETA.

A cela, segundo o argumento 4, é análoga ao inconsciente. Mas o "conteúdo" do inconsciente são os arquétipos coletivos, elementos míticos e princípios matemáticos; um ANEL "dissimulado" no piso da cela corresponde, sem dúvida, a UM PRINCÍPIO MATEMÁTICO, a um arquétipo "dissimulado", quer dizer, inconsciente.

A alegoria nos permite compreender, então, que os Siddhas, com sua mensagem, DES-COBREM um PRINCÍPIO MATEMÁTICO que permanecia inconsciente, ao qual denominamos PRINCÍPIO DO CERCO. Daí que:

- 10 –

c – O "anel" na cela do prisioneiro é análogo ao "princípio do cerco", princípio matemático ou arquétipo coletivo que permanecia inconsciente no virya perdido e que a mensagem dos Siddhas DESCOBRIU.

Tínhamos demonstrado anteriormente que no processo mental que dá lugar à "ideia científica" de um fenômeno concorrem elementos de duas fontes principais: os "princípios matemáticos" e as "premissas culturais preeminentes". Isto se verifica principalmente ao formular uma "lei da natureza", a qual explica o comportamento de um fenômeno, estabelecendo relações causais entre aspectos do mesmo. Vamos colocar um exemplo simples: desejamos "medir" o lado de um poliedro regular. Aqui o fenômeno é um corpo com forma de poliedro regular. Tomamos, para isso, a "régua", quer dizer, uma superfície plana sobre a qual se acham gravadas as unidades de comprimento e da qual estamos certos de que um de seus lados é perfeitamente reto. Fazemos coincidir o zero da régua com o "começo" do lado que vamos medir. Observamos agora que o "fim" do lado coincide com o número cinco da régua, e afirmamos que certamente "no poliedro o lado mede cinco centímetros". Realizamos, como se verá, uma série de operações subjetivas, cujas conclusões, no entanto, podem ser confirmadas por outros observadores; esta possibilidade de comprovação é o que dá peso de "lei da natureza" ao fato mencionado.

Mas acontece que, na régua, que acreditamos ser numerada, há signos gravados que REPRESENTAM números, não números em si. Os números são princípios matemáticos próprios da estrutura do cérebro, ou seja, elementos subjetivos, que intervêm no ato de "reconhecer que o limite do lado coincide com o signo 5". Se dizemos "mede cinco centímetros", estamos realizando a afirmação de uma qualidade empírica: "existe uma proporção (quer dizer, uma relação matemática) entre o comprimento do lado do poliedro e o comprimento do meridiano terrestre[49]. Esta proporção é fixa ou CONSTANTE (= 5 CM) e constitui uma "relação ente aspectos do fenômeno", ou seja, uma "lei da natureza".

O fenômeno (o poliedro) se nos apresentou COMPLETO, íntegro em sua manifestação. Porém não é possível apreendê-lo em sua totalidade; assim que o observamos UMA PARTE do mesmo se nos faz eminente, sobressaindo e destacando-se acima de OUTROS ASPECTOS. A UNIDADE do fenômeno ficou rompida, em favor da PLURALIDADE de qualidades que somos capazes de lhe atribuir. Distinguimos DUAS faces quadradas e, em

[49] *O CENTÍMETRO equivale à centésima parte de um metro, e este à décima milionésima parte de um quarto de meridiano terrestre.*

cada face, QUATRO arestas e QUATRO ângulos, etc. Logo praticamos a MEDIÇÃO de uma aresta ou lado e estabelecemos uma "lei da natureza": "o comprimento do lado é proporcional ao comprimento do meridiano terrestre e sua razão é de 5 cm".

Nesta operação que acabamos de descrever, intervieram os princípios matemáticos (quando distinguimos DUAS caras, QUATRO arestas, etc.) e as "premissas culturais preeminentes" (quando se tornou "eminente" a face, o lado, ou qualquer outra qualidade). As duas fontes concorrem no ato racional de "relacionar" (medir) aspectos do fenômeno e postular uma "lei da natureza" (mede 5 cm) que pode ser universalmente comprovada.

Esperamos ter esclarecido que os PRINCÍPIOS MATEMÁTICOS (o UM, o DOIS, o QUADRADO, etc.), por serem propriedades intrínsecas da estrutura mental, INTERVÊM A PRIORI na formulação de uma lei da natureza. Quando aos "números" do mundo, esses que aparecem gravados na régua, são apenas SIGNOS CULTURAIS DE REPRESENTAÇÃO, aos quais RECONHECEMOS graças à aprendizagem convencional. Existiram povos antigos que representavam os números com nós ou ideogramas; é presumível que um instrumento de medição composto por uma vara na qual se gravaram hieróglifos não significaria, a princípio, nada para nós, se não conseguimos "ler" os signos, quer dizer, realizar as representações numéricas.

O "princípio do cerco", descoberto à consciência pela mensagem dos Siddhas, é também um princípio matemático, e como tal, intervirá "a priori" em toda a percepção fenomênica. Os números naturais (que estão na mente) nos permitem "contar" (um, dois) as metades dessa maçã (que está no mundo). O princípio do cerco (que está na mente) nos permite aplicar a "lei do cerco" sobre esse fenômeno (que está no mundo). Percorremos um longo caminho para chegar a esta conclusão. Expressemo-la agora de modo geral: O PRINCÍPIO DO CERCO FAZ POSSÍVEL A DETERMINAÇÃO DA LEI DO CERCO EM TODO FENÔMENO E EM QUALQUER RELAÇÃO ENTRE FENÔMENOS.

Mas o princípio do cerco é, geralmente, inconsciente; só aqueles que conseguem ouvir a mensagem dos Siddhas podem incorporá-lo à esfera

consciente. E só eles, os viryas despertos, serão capazes de aplicar a lei do cerco em uma estratégia guerreira que assegure o retorno à Origem[50].

Como última reflexão com respeito à alegoria, digamos que quando o prisioneiro "puxa o anel" e descobre a saída secreta, está efetuando uma ação análoga a quando "o virya desperto aplica a lei do cerco", segundo a técnica arquemônica, e "abre" unívoca e irreversivelmente uma via para o Vril.

Ficou explicado então o método que os Siddhas empregam para contrapor a "cultura", arma estratégica inimiga. Eles envia Sua mensagem, que tem por finalidade DESPERTAR no virya a recordação de sangue e ORIENTÁ-LO para o Vril, sua "saída secreta". Para isto, o induzem a descobrir o "princípio do cerco" e a aplicar em seguida a "lei do cerco" em uma estratégia hiperbórea.

A lei do cerco É INFALÍVEL para os fins estratégicos propostos e tanto pode ser aplicada individual como coletivamente. A História abunda em exemplos de viryas que aplicaram técnicas baseadas na Sabedoria Hiperbórea para imortalizarem-se como Siddhas ou para conduzir um povo de sangue puro à mutação coletiva; como prova dessas gloriosas ações ficaram numerosas construções de pedra que ninguém compreende em nossos dias, porque para isso teriam que possuir uma visão fundamentada no princípio do cerco. Para o virya desperto, conhecedor da técnica arquemônica, apenas um olhar sobre as construções megalíticas, ou sobre Montségur[51], ou sobre os K.Z.[52], basta-lhe para interpretar corretamente a Estratégia Hiperbórea na qual se baseou sua construção.

Digamos finalmente que quem é consciente do princípio do cerco, SUPEROU a estratégia cultural inimiga e PODE REALIZAR O DUPLO ISOLAMENTO, DO EU E DO MICROCOSMO.

O princípio do cerco permitirá fixar os limites da consciência, isolando-a das premissas culturais preeminentes e transladar o "eu" para o "centro" do microcosmo, ganhando um tempo e um espaço próprios, ou seja, a

---

[50] *No livro 4 comprovar-se-á que a "lei do cerco" é uma lei da Estratégia Psicossocial.*

[51] *Montségur – Castelo sobre o Pog, no Languedoc francês, construído pelos cátaros segundo a técnica arquemônica.*

[52] *K.Z. (KONZENTRATIONSLAGER) "Campos de Concentração" da SS. Não eram sinistras prisões, como pretende a propaganda sinárquica, mas sim maravilhosas "máquinas mágicas" para acelerar a mutação coletiva, construídos segundo a técnica arquemônica que ensina a Sabedoria Hiperbórea.*

imortalidade: o microcosmo ou corpo físico ter-se-á transmutado em VRAJA, a matéria incorruptível.

Os berserkir (iniciados da S.D.A.) aplicavam a lei do cerco no Valplads, mediante a técnica arquemônica. A arquêmona (aqui um anel de água) dividia topologicamente o Valplads em duas partes: um "exterior", o Valplads propriamente dito, e um "interior" ou "praça".

Quando o berserkir ocupou a praça e, por meio da "oposição estratégica", aplica a lei do cerco sobre a arquêmona, se produz a dessincronização temporal e, se a oposição é suficiente, a independência final com respeito ao tempo do Valplads. Mas o tempo do Valplads é "o imanente fluir da consciência do Demiurgo"; independer-se dele, dispor de um "tempo próprio do microcosmo", significa estar à margem de toda determinação de "primeira" ou de "segunda ordem". O Demiurgo perdeu "momentaneamente" sua capacidade para agir sobre o virya e este "momento", o tempo próprio, é aproveitado para SE DIRIGIR, AVANÇAR, para a Origem. É possível assim conquistar o Vril e transmutar-se em Siddha imortal. Mas, o que acontece se não se alcança o centro, quer seja porque faltou pureza, quer seja porque se temeu dar o Grande Salto? No caso de Rodolfo II, já mencionamos a "desvantagem estratégica" e descrevemos de que forma esta o conduziu à loucura[53]. E por isso, com base em tais riscos, sempre se avisa que só quem possua um valor infinito e esteja despojado de toda moral ou dogma, poderá empregar a técnica arquemônica com probabilidades de sucesso. Mas se se conta com o valor suficiente e um total desapego pelas "coisas do mundo", sempre é possível realizar a operação inversa de "sincronizar-se" com o tempo do Valplads, ainda que esta operação implique em uma terrível nivelação de forças. Isto se deve a que, durante a "oposição estratégica", fica apresentada uma "SITZKRIEG" ou guerra de sítio, na qual o inimigo aplica toda a potência de sua Estratégia sobre a arquêmona, quer dizer, contra a praça. Enfrentam-se ali duas Estratégias; uma, a Vontade do Demiurgo colocada em manter o encadeamento material do virya; outra, a Estratégia Hiperbórea daquele que escolheu, para empreender o retorno, seguir a via da oposição estratégica, com sua técnica arquemônica. Se o virya decide continuar ocupando a praça

[53] *Sugerimos reler esta parte, capítulo "Epílogo da aventura do Dr. John Dee".*

enquanto busca a SAÍDA INTERIOR, deve se preparar para resistir a uma pressão cada vez maior do inimigo. Se decide, ao contrário, "sincronizar-se" e regressar ao Valplads, deve se preparar para enfrentar um perigo certo de loucura, produto do "desajuste arquetípico" consequente, do qual só o pode salvar, sem dúvida, sua pureza sanguínea.

Explicamos parte da técnica arquemônica; toca-nos agora expor em que consiste a oposição estratégica.

A arquêmona, tal como descrevemos, quer dizer, como a usavam os berserkir, é, com toda propriedade, um "cerco estratégico". Sobre ele o iniciado projetará a "lei do cerco", dando lugar a uma ação de guerra, cujo fim imediato é limitar um espaço do Valplads e subtrai-lo do controle do Demiurgo. Em seguida, COMO EFEITO INEVITÁVEL DA LEI DO CERCO, fica apresentada a SITZKRIEG e se manifesta, com certa intensidade, a pressão do sítio inimigo. Se esta pressão não consegue vulnerabilizar o cerco, a posição permanece "estática". Como esta "pressão" significa que uma FORÇA age sobre o cerco, convém traçar uma analogia com a Terceira Lei de Newton, que diz: "se um corpo exerce uma força sobre outro, o segundo exerce sempre sobre o primeiro outra força da mesma intensidade, mas em sentido oposto"[54]. Quer dizer que, na posição de equilíbrio estático, o virya "contém" a pressão inimiga sobre a arquêmona, exercendo uma pressão equivalente, mas de sentido contrário; tal a interpretação analógica da Terceira Lei. Mas como a pressão inimiga se efetua de todos os pontos do Valplads, cabe se perguntar: de que maneira pode o virya OPOR uma força equivalente EM TODOS OS PONTOS DA ARQUÊMONA? À primeira vista, nota-se que esta condição é bastante difícil de cumprir, para um virya cujo corpo não dispõe de órgãos perimetrais adequados para tal finalidade. Porém, ainda que difícil, não é impossível dar uma solução ao problema. Mas, naturalmente, tal solução não pode ser racional.

Em princípio, demos resposta à pergunta anterior: não é estritamente necessário que a pressão se exerça em todos os pontos da arquêmona, se se aplica o princípio hermético "como é acima é abaixo" ou, melhor dizendo, sua consequência mágica; "NA PARTE ESTÁ O TODO". Tendo em conta este princípio, se entende que é possível "responder" à pressão inimiga "de uma parte" da arquêmona tal que represente, para os fins estratégicos, o mesmo que "o todo". Para cumprir esta condição, John Dee, o Siddha que projetou a

[54] *FRANCIS SEARS – Fundamentos de Física, Tomo I, Pág. 18 – Ed. Aguilar, Espanha.*

arquêmona que empregava a S.D.A., propôs que a oposição se realizasse unicamente contra uma parte do Valplads, a qual magicamente representaria o todo, quer dizer, o "mundo" do Demiurgo. Em teoria, bastaria definir UM PONTO no Valplads, já que todo ponto do espaço corresponde a um quantum de energia psicofísica U.E.V.A.C., através do qual se manifesta o Demiurgo. Mas, na prática, o homem não se encontra dotado para distinguir um ponto de outro. Contudo, uma lei psicofísica diz:

1 U.E.V.A.C. + 1 U.E.V.A.C. = 1 U.E.V.A.C. MAIOR

relação esotérica entre átomos arquetípicos ou quanta de energia psicofísica que constitui o verdadeiro fundamento de conhecidas leis profanas de cristalografia. Em síntese: pode-se pegar um corpo, de matéria homogênea ou não, como representante MAIOR de uma simples U.E.V.A.C., quer dizer, de um ponto do espaço. Por uma propriedade das U.E.V.A.C. – os pontos indiscerníveis – a Vontade do Demiurgo se manifesta na integridade do corpo, sustentando sua estrutura material.

Baseando-se não apenas em conceitos da Sabedoria Hiperbórea, mas também na Tradição Hiperbórea, que narra histórias de muitos viryas cujas estratégias culminaram com sucesso, John Dee recomendou empregar A PEDRA como aquela substância mais adequada para as práticas de oposição estratégica. Há um grande desconhecimento sobre as propriedades ocultas das pedras, as quais não são simples sólidos, mas sim fluidos; ou seja: substâncias fluentes, cujo deslocamento ocorre em um lapso enorme de tempo que nós, por dispor de um tempo vital mínimo, não somos capazes de perceber. Sua lenta fluência, da ordem dos milhões de anos, constitui uma qualidade inestimável, pois a criação de um "tempo próprio" exige um padrão de referência temporal (um "relógio") cujo período seja o mais dilatado possível.

Segundo o critério de John Dee, uma pequena pedra colocada no Valplads EM FRENTE A UM LUGAR DETERMINADO DA ARQUÊMONA seria um ponto de referência adequado para praticar a oposição estratégica. Mas não se deve acreditar que a "pequena pedra" pode ser "qualquer" pedra. Existem leis psicofísicas – originadas na soma de unidades U.E.V.A.C. – que apresentam a necessidade de uma devida proporção entre o volume do corpo humano ou microcosmo e o volume da pedra que representa o macrocosmo. Esta exigência conduz ao fato de que as pedras empregadas em estratégias

hiperbóreas sejam sempre de grandes volumes e, portanto, de um peso de muitas toneladas. Como conciliar tal condição física com as características especiais da Estratégia A1 projetada por John Dee? Segundo o Siddha inglês, deve-se selecionar a pedra adequada, seguindo as regras tradicionais da Sabedoria Hiperbórea, tarefa que culmina com a obtenção de uma rocha gigante, talvez de 500 ou 1.000 toneladas. Uma vez que se cumpra esse passo, então o berserkir passa a CORTAR um pedaço pequeno de rocha, o qual, para fins mágicos, cumprirá o mesmo papel que a rocha maior. Contra essa fração de pedra se realizará a oposição estratégica.

Não acreditamos ser necessário esclarecer que todas estas operações devem ser efetuadas sob uma especial atmosfera ritual e seguindo tradicionais mas exatas diretrizes da Sabedoria Hiperbórea.

De acordo às instruções de John Dee, os berserkir selecionaram uma enorme rocha, parte de uma colina nos Alpes bávaros, à qual desbastaram, utilizando martelos de sílex, pois o metal, nesta tarefa, é terminantemente proibido. Após levar a rocha até o "volume crítico" proporcional aos berserkir, passaram a arrancar dez e seis pedaços pequenos, não maiores do que um punho, mas aptos para praticar a oposição.

A colina, com a rocha maior, encontrava-se nos domínios de um dos príncipes fundadores, quer dizer, em terras da Dinastia; e ainda que este fato oferecesse bastante segurança, da mesma forma tomaram-se grandes precauções, para evitar que alguém pudesse alterar o volume crítico. Se intencional ou acidentalmente, ficasse fracionada a rocha maior, ficaria anulada a oposição estratégica, com o consequente risco de retornar ao Valplads em DESVANTAGEM ESTRATÉGICA. Entende-se, então, que a rocha maior fosse cuidadosamente dissimulada e que todo tipo de lendas sinistras se tecessem sobre aquela colina, com o objetivo de afugentar os supersticiosos habitantes da zona.

Quanto às rochas menores, os berserkir as transportaram ao lugar onde se encontrava a arquêmona, e as depositaram, tal como dissemos no início deste "curso de ação", em dez e seis baús, junto a umas estranhas vestimentas guerreiras. Ainda que o lugar das cerimônias fosse mudando várias vezes, no decorrer dos séculos, a disposição da arquêmona e demais elementos rituais acomodou-se sempre ao projeto que já descrevemos.

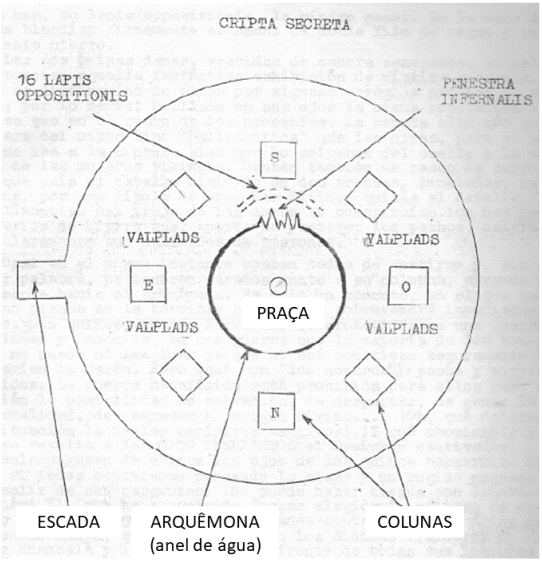
As rochas menores eram chamadas de LAPIS OPPOSITIONIS[55] ou simplesmente LAPIS pelos berserkir. A parte da arquêmona em frente à qual se deposita a "lapis oppositionis" recebia o nome de FENESTRA INFERNALIS ou FENESTRA[56]. A arquêmona devia apresentar na "fenestra" uma irregularidade, algo assim como uns "dentes de serrote", segundo tinha indicado John Dee. Esta irregularidade representava o local de máxima aproximação ao Valplads, qualidade que se manifestaria quando o berserkir aplicasse a lei do cerco e iniciasse a oposição estratégica. Para dimensionar a fenestra deviam seguir-se também antigos princípios da Sabedoria Hiperbórea.

Como resumo de tudo o que foi dito, poderíamos agora observar um esquema simplificado da cripta. Em seguida, teremos que regressar junto aos berserkir, os quais, já mudados de indumentária, se prestam a começar um ritual de iniciação.

---

[55] *PEDRA DE OPOSIÇÃO*

[56] *JANELA INFERNAL*



Transcorreram apenas alguns minutos, mas os berserkir apresentavam uma transformação notável. Sobre as mesas e penduradas em suportes de ferro que apareciam em cada coluna, jaziam as ricas roupas cortesãs que os nobres usavam ao descer para a cripta. Vestiam, ao contrário, uma curiosa indumentária guerreira, à qual não se poderia qualificar com segurança como pertencente a algum povo histórico, ainda que o aspecto geral era indubitavelmente nórdico. Usavam um gibão de fino couro e, sobre este, uma cota de malha escamada (LORICA E SQUAMATAE), formando um conjunto semelhante a aqueles que centuriões romanos denominavam de “CATAPHRACTA”. Calçavam sandálias de couro (CALIGAE) e capacete cônico com protetor nasal, também de couro, cravejado com tachas octogonais de ouro. De um grosso cinturão pendiam, em simples bainhas de couro, o punhal e a espada. Esta era de ferro, com empunhadura de marfim, em cujo extremo apareciam dois pequenos chifres

"HALLSTATTICOS"[57], que davam um indício sobre a prodigiosa antiguidade de tal "modelo" de arma: não era a CRUZ, ainda, mas o antiquíssimo TAU, a runa de THOR, o signo mágico que a caracterizava. No antebraço esquerdo tinham colocado o escudo de três lados convexos, passando a mão por duas correias posteriores; com esta mesma mão pegaram, cada um, sua lapis oppositionis, a pedra menor. Na mão direita brandiam firmemente o machado de duplo fio, de negro e reluzente ferro.

As duas únicas damas, vestidas de maneira semelhante, em nada desmereciam aquela fantástica exibição de mística guerreira. Só se distinguiam deles por alguns arranjos próprios de seu sexo; por outro lado, brilhava em seus olhos a mesma resolução valorosa que no resto dos presentes. A espada um pouco mais curta, era do mesmo tipo "hallstattica" que as outras, mas o punhal não ia na cintura, mas o penduravam no pescoço, à maneira das mulheres vikings. Usavam também um capacete de couro, do qual caía o cabelo dividido em tranças, arrematadas cada uma por uma fivela de ouro. Por último: talvez o detalhe mais chamativo do traje das damas se constituía em dois hemisférios de ferro que, à parte de proteger os seios, delatavam claramente suas qualidades de amazonas.

Quase no mesmo instante todos terminam de se vestir e, sem dizer palavra, permanecem em pé junto à sua coluna, olhando fixamente para a arquêmona. É apenas um momento, no qual cada um pensa na terrível prova que sobrevirá imediatamente. São quinze Siddhas berserkir comprometidos em uma guerra de Deuses e Demônios, em uma guerra que a maioria dos homens não pode nem imaginar, já que se assim fosse, certamente perderiam a razão. Mas, o que são "os homens"? Pasus e viryas perdidos. A guerra metafísica é proibida para eles, mas também a possibilidade de salvação, de despertar, de ganhar a imortalidade, de regressar à origem divina... Ó, que dolorosa situação a dos Espíritos cativos! E que abominável e odioso é aos OLHOS DESPERTOS o Demiurgo aprisionador!

Relampagueiam de cólera os olhos dos quinze berserkir: é como se todos estivessem pensando o mesmo e um rugido lutasse para sair de suas

---

[57] *De "HALLSTATT", cultura que pertence à primeira idade de ferro europeia, para a antropologia e a arqueologia (1200-700 a.de C.). Segundo a Sabedoria Hiperbórea, há aqui vestígios de uma herança muito mais antiga, que se retrocede ao homem de Cro-magnon.*

gargantas: não pode haver trégua com Jeová-Satanás! Ele, que engendrou "raças escolhidas", infladas de orgulho diabólico, que traçou Planos contando com a dor dos encadeados, que pactuou com os Siddhas Traidores de Chang Shambala e os colocou à frente de todas as suas legiões infernais, ELE NÃO PODE SER PERDOADO PELO HOMEM.

O peito dos berserkir se agitava ritmicamente, em uma respiração simultânea, enquanto uma fúria surda, essencial, indescritível, parecia acender cada átomo do sangue que corria por suas veias. O FUROR BERSERKIR logo tornou-se uma energia palpável, que irradiava dos Siddhas e contaminava integralmente aquele âmbito que chamavam de Valplads. Logo a atmosfera tornou-se DENSA e insuportável, como se a realidade, submetida a invisíveis mas tremendas tensões, estivesse a ponto de explodir. Um clima de violência contida emanava dos berserkir e colidia com o halo de malignidade que, pouco a pouco, ia se desprendendo de todos os cantos do Valplads. O confronto primordial, o conflito das origens, ficava novamente apresentado. E aquela ATMOSFERA DENSA, irresistível para o homem comum, constituía, ao contrário, a prova eterna, irrefutável, da linhagem hiperbórea. Ali, nessa cripta soterrada, estava tendo lugar o mais antigo milagre, que é também o mais terrível segredo: O MISTÉRIO DO SANGUE QUE SE TRANSFORMA EM FOGO. Os quinze Siddhas berserkir tinham levado a consciência para o centro carismático e racial, para Cristo-Lúcifer, e a força do Vril os tinha preenchido, transmutando-os em Divinos Hiperbóreos, quer dizer, fazendo-os ser aquilo que já eram, mas que esqueciam generosamente, durante dezessete anos e meio, para viver no Valplads e servir à raça. Agora se colocavam todos em movimento em direção à arquêmona. Tinham se passado alguns minutos, desde que mudaram de vestimenta, mas a metamorfose era tão completa que nem seus mais íntimos parentes os teriam reconhecido. Só outro Siddha, outro berserkir, ou algum Demônio da Sinarquia, ao observar a feroz figura daqueles guerreiros sem tempo, que avançavam uivando e rugindo, envoltos em um torvelinho de fogo, teria dado a qualificação acertada: essa era, sem dúvida, a elite de Wotan.

Os berserkir percorreram com passos firmes a distância que os separava da fenestra. Fizeram-no pelo Valplads, seguindo a curva do anel de água da arquêmona, até chegar aos "dentes de serrote", a irregularidade que caracteriza a "fenestra infernalis". De frente a essa parte da arquêmona, no piso do Valplads, viam-se dezesseis runas de prata, cuidadosamente incrustadas. Todas iguais, correspondiam à letra dezesseis do alfabeto FUTHARK, quer dizer, à runa SOL, cujo signo é semelhante ao raio.

A Castelhana, antes de todos, com veloz movimento, colocou sua lapis oppositionis sobre uma das runas e, dando um prodigioso salto, introduziu-se na arquêmona. Uma vez na "praça", cravou sua vista em sua lapis, enquanto aplicava a lei do cerco ao anel de água. À medida que aumentava a oposição sobre a lapis e a lei do cerco isolava a praça do Valplads, o corpo da Castelhana dessincronizava seus relógios biológicos e atômicos do "tempo exterior" para estabilizar-se em um "tempo próprio", controlado pela consciência do microcosmo. Rapidamente, começou a brotar algo como um vapor brilhante do anel de água, enquanto os outros berserkir, depositadas também suas lapis oppositionis sobre as runas, se prestavam a ingressar na praça cercada. A Castelhana, sem se distrair um instante de sua operação, pronunciou uma palavra em língua enoquiana, como uma palavra de passe. Instantaneamente, um dos berserkir respondeu "FREYR", que era a senha acordada dezessete anos antes e, sem esperar resposta, saltou por sobre os "dentes" da fenestra, ingressando na praça. Novamente a Castelhana repetiu a palavra de passe, dando lugar à entrada de um segundo, e assim prosseguiu, até que todos tivessem penetrado pela fenestra, após pronunciar a mesma senha. Segundo era tradição na Dinastia, desde os tempos de John Dee e Wilhelm von Rosemberg, se alguma impureza sanguínea submergia o berserkir na confusão estratégica, durante os dezessete anos que mediavam uma cerimônia e outra, seria muito difícil que conseguisse pronunciar CORRETAMENTE a senha. E este erro se pagaria com a vida, pois o Guardião da Praça, neste caso a Castelhana, NÃO ABRIRIA A FENESTRA, submetendo o imprudente a um DESNÍVEL espaço-temporal que o destruiria nem bem tentasse dar o salto.

Vale a pena fazer notar que a palavra emitida pela Castelhana na língua dos pássaros, soaria em qualquer OUVIDO PROFANO como se escutasse O CANTO DO GALO. E isso é assim porque nenhum ser vivente, cujo sangue se encontre impuro de covardia e temor, nunca poderá compreender o grito que os Ases dão, a partir do Valhala, para os guerreiros de Wotan. Em seu lugar, ACREDITARÃO SEMPRE "QUE ESCUTARAM O CANTO DO GALO".

Quando o último dos berserkir entrou na praça cercada, ouviu-se uma vez mais a voz da Castelhana pronunciando a palavra de passe. Ninguém respondeu a musical palavra; mas um fato completamente novo começou a se desenvolver em uma parte da cripta. Por trás da coluna Sul, na galeria circular, uma figura que até então tinha se mantido completamente imóvel,

começou a se levantar. Era um jovem membro da Dinastia que, há quarenta e oito horas antes, guardava as armas, esperando o momento de provar seu valor e sua pureza de sangue. Durante quatro longos anos tinha sido iniciado nos Mistérios da Sabedoria Hiperbórea por seu tio e tutor, um dos condes berserkir, visando ocupar o único posto vago na Einherjar ou S.D.A. Tinha dezesseis anos e, ainda que seu nome profano fosse Guilhermo Egon, os Kameraden da S.D.A. o chamavam, esotericamente, de WILDE JÄGER[58].

Desde que os berserkir desceram pela escada de pedra, e enquanto durou o preparativo guerreiro, o jovem Wildejäger permanecia imutável, aguardando sua vez. Era proibido um simples "aprendiz de armas" pousar a vista na praça, durante a cerimônia de ocupação; mas tinha sido instruído devidamente sobre o modo que devia comportar-se, em seguida. Por isso, era consciente de que já não existia possibilidade de retroceder: a porta secreta estava fechada com chave e esta em poder da Castelhana; e se os berserkir o encontravam VIVO no Valplads, ao término do ritual, seria executado. Sem nenhuma consideração por seu parentesco. Quando o guerreiro se transmutou em berserkir e a força do Vril acendeu o sangue com o fogo frio, alcança um grau de consciência que está além de considerações culturais ou morais. O berserkir Gangr, o furor do berserkir, não reconhece outro mérito a não ser o sangue puro; que enfrente um guerreiro da elite de Wotan sem experimentar a HOSTILIDADE ESSENCIAL ou, o que é o mesmo, sentindo TEMOR PELA ORIGEM, será imediatamente atacado por este, SEJA QUEM FOR, e certamente destruído.

Mas Wildejäger não temia. Com passo resoluto, atravessou o gigantesco arco ogival e rodeou a coluna Sul até situar-se entre esta e as quinze lapis oppositionis. Ao chegar ali, se deteve bruscamente, não porque assim o indicasse o ritual, mas pela estranha cena que se apresentava ante sua visão. Estupefato, observou que seguindo o perímetro da arquêmona, uma enorme coluna se elevava para o alto. Era um cilindro impenetrável para a visão que, em sua parte inferior, até a altura de um homem, chamejava e parecia ser de fogo; mas em sua parte média e superior, perdia densidade e era como uma fumaça cinza, que ia se fazendo cada vez mais negra, até perder-se nas alturas. Justamente ao levantar a vista, Wildejäger comprovou, com surpresa, que no lugar do teto da cripta, estava vendo, contra toda razão, um firmamento estrelado. Na realidade, tratava-se apenas de uma porção de

[58] *WILDE JÄGER = caçador selvagem.*

céu, segundo reconheceu quase inconscientemente, onde se distinguia, em uma perspectiva impossível, ALÉM DA URSA, uma constelação desconhecida, composta por um grupo de cinco estrelas verdes dispostas em círculo. No centro das cinco estrelas acreditou reconhecer um círculo menor, de um negro tão intenso que chegava a contrastar com a escuridão do cosmo. Era uma espécie de Sol negro, ou pelo menos, parecia ser; disto não podia estar certo, pois o brilho das estrelas verdes cintilava ritmicamente e seus reflexos convergiam sobre esse centro negro, fundindo-se em um raio, que cruzava entre incontáveis estrelas, até deter-se muito perto da vista confusa de Wildejäger. O raio verde se introduzia POR TRÁS, em uma estrela muito conhecida pelos homens: essa que se apaga por último na manhã, quando o Sol desdobra sua luz quente, e que os romanos chamavam de Vênus. Wildejäger o soube imediatamente, porque viu, gravado na estrela, o signo do ANIS, o mesmo signo hiperbóreo dos Senhores de Vênus que ele tinha pintado em seu escudo.

Se tivesse comido algo há poucas horas, Wildejäger poderia acreditar que estava sob os efeitos de uma droga: mas fazia quarenta e oito horas que guardava suas armas em jejum, segundo o antigo ritual de iniciação guerreira que adotara John Dee para os membros da S.D.A. Assim, pois, sem entender muito bem como tinha podido VER e SABER tudo isso, o jovem afastou a vista de tão perturbadora imagem cósmica e se concentrou em seus passos seguintes.

Há quarenta e oito horas se achava vestido com um traje guerreiro, semelhante ao que usavam os treze berserkir masculinos. Apenas uma diferença se constituía na presença de um CORNUS, pendurado em seu pescoço por um cordão de ouro. Na mão direita portava um machado de duplo fio; e na esquerda, uma lapis oppositionis, junto ao escudo triangular que levava ajustado no antebraço.

Vendo que uma runa “S” brilhava, descoberta entre os quinze lapis oppositionis, aproximou-se dela e colocou em cima sua própria pedra. Ato seguido, passeou, em um olhar final, a vista pelo Valplads. Nunca voltaria a ser o mesmo nem a ver a realidade como a veem os homens comuns, mistura de pasu e virya perdido; era consciente disto e absolutamente não lhe preocupava; apenas se “despedia”, não sem certa ironia, de sua cegueira e estupidez atuais. Sua ousadia inqualificável de “ficar diante do mundo” teve uma resposta imediata; e um halo de maldade começou a desprender-se das coisas, cada vez com maior intensidade, até tornar-se um miasma fétido e

corrompido, que ameaçava cercá-lo e afogá-lo. No entanto, Wildejäger, em seus anos de "aprendiz de armas", foi instruído sobre a forma de "fechar os sentidos"; e agora, frente à dura prova de resistir ao ataque de um mundo que muda sua "aparência" inerte e pacífica por outras ilusões, mais agressivas e espantosas, mostrava a segurança de um guerreiro treinado. Indiferente à palpável malignidade que o rodeava, cravou sua vista na fenestra e levando o CORNUS aos lábios, soprou com violência. Um som grave, oco e baixo, prolongou-se por alguns segundos, tornando-se ronco, ao extinguir-se lentamente. Era, sem dúvida, um sinal de chamada. Mas o som URG que emitia aquele maravilhoso instrumento possuía, além de outras propriedades, já que evocava no ouvinte antigas cenas de caça, realizadas por desconhecidas raças, em remotos e esquecidos bosques. O som do CORNUS transportava e fazia participar desse clima de feroz agitação que produz a perseguição da presa, despertando irresistivelmente o instinto primordial do caçador. Este efeito era buscado, pois os iniciados da S.D.A. afirmavam que "a partir de um instinto caçador é muito mais fácil produzir o furor berserkir". Com tal motivo, tinha projetado um instrumento especial, segundo princípios da cabala acústica, que ressoava com o BIJA ou raiz acústica universal "URG", que tem o duplo efeito de EVOCAR o instinto caçado e de CHAMAR. Cabe se perguntar agora. Chamar... quem?

Tocamos, com esta pergunta, o sentido mais profundo da ação ritual, pois o fato de CHAMAR, como prévio passo à condição de BERSERKIR, quer dizer, de iniciado da S.D.A., pela via da oposição estratégica, alude ao Mistério do Resgate. Já dissemos, em reiteradas oportunidades que a Sabedoria Hiperbórea ensina sete vias de liberação. Porém, há uma OITAVA VIA, chamada EXCEPCIONAL, da qual nada se pode ensinar nem se aprender, razão pela qual raramente se a menciona. A Sabedoria Hiperbórea nada diz sobre ela; e é a Tradição que afirma que "todo virya perdido pode ser RESGATADO INSTANTANEAMENTE se faz o CHAMADO CORRETO, MESMO ANTES DE EMPREENDER UMA DAS SETE VIAS SECRETAS".

A Tradição, se bem que não oferece detalhes esotéricos sobre esta oitava via, vale-se de uma "analogia clássica" ou NIAIA, para expor o Mistério do Resgate. O NIAIA conta a história de um guerreiro que, durante as ações de uma guerra terrível, naufraga e fica preso em território inimigo. Em um primeiro momento, é presa de desespero; mas logo, por causa dos grandes padecimentos que lhe impõe sua condição de náufrago, se resigna à sua nova situação, sem poder evitar que a amargura se instale permanentemente em sua alma. Passa muitíssimo tempo nesse estado, até que um dia, agoniado pela solidão, se entretém em RECORDAR os dias felizes de sua

instrução militar. É então que se lhe faz presente algo que tinha esquecido completamente: vê a si mesmo no momento em que se comprometia como guerreiro; e vê seu instrutor militar, que lhe diz: “todo soldado tem DIREITO A SER RESGATADO”; não importa qual seja o lugar no qual caia, nem quão perigosa seja sua situação; SEU CHEFE JAMAIS O ABANDONARÁ; SE O CHAMA, ELE ACUDIRÁ IMEDIATAMENTE E VOCÊ SERÁ EVACUADO; MAS NÃO SE ESQUEÇA: DEVE CHAMAR POR ELE, SEU CHEFE, POIS ELE O RECONHECERÁ E RESGATARÁ IMEDIATAMENTE. Se não procede assim, só lhe resta a alternativa de tentar a evasão por sua própria conta, seguindo as técnicas secretas. O teatro da guerra é demasiadamente extenso e complexo para que ALGUÉM, A NÃO SER O SEU CHEFE, O RECONHEÇA E ACUDA EM SEU AUXÍLIO. LEMBRE-SE: CHAME POR ELE”.

O NIAIA conclui com a imagem do guerreiro náufrago que é imediatamente resgatado por seu chefe, que acode prestativamente ao OUVIR O CHAMADO CORRETO. Tal é a analogia clássica do Mistério do Resgate, oitava via excepcional que confirma a exatidão das outras sete. O chamado que Wildejäger fez com o CORNUS aludia simbolicamente à possibilidade de receber o resgate imediato, mesmo antes de empreender uma das vias secretas.

Em frente a Wildejäger se levantava a enorme coluna de fogo, que saía da arquêmona e se perdia nas trevas cósmicas. Ainda não tinha terminado o som do CORNUS, quando as vozes se fizeram ouvir, brotando de algum lugar indefinido da arquêmona:

UMA VOZ: - Atenção, berserkiren! Alguém se aproxima da fenestra infernalis!

OUTRA VOZ: - Dizei-me, Guardião da Fenestra, conheces o audaz peregrino? É amigo ou inimigo?

A PRIMEIRA VOZ: - Sim, o conheço. É esse que no Valplads chamam de Guilhermo Egon. Parece que traz audazes intenções.

A SEGUNDA VOZ: - Alto! De onde vens e para onde vais?

WILDEJÄGER: - Não sei exatamente onde me encontro porque fui infamemente enganado. Desejo fugir deste inferno e para isso chamei MEU CHEFE; mas sou impuro de sangue e isso afetou a qualidade do chamado. Estou entregue aos meus próprios meios e só me resta orientar-me e avançar, lutando de frente contra o inimigo. Por isso solicito permissão para ingressar em vossa praça, porque dessa TERRA LIBERADA poderei DIRIGIR A VISTA, ORIENTAR-ME E LUTAR.

OUVE-SE UM MURMÚRIO DE VÁRIAS VOZES, ORA APROVANDO, ORA CONDENANDO A AUDÁCIA DE WILDEJÄGER. Finalmente:
A PRIMEIRA VOZ: - (pronuncia a palavra de passe em língua enoquiana)
WILDEJÄGER: - FREYR!
A PRIMEIRA VOZ: - A fenestra está aberta. Tens permissão para ingressar na praça. Demonstra agora teu valor e intrepidez!

Quando Wildejäger escutou a autorização, preparou o escudo, levantou o machado, deixando o braço pronto para descarregar um golpe, e saltou por cima das lapis oppositionis, diretamente para a coluna de fogo. Instantaneamente desapareceu da vista, pois o vapor ígneo que brotava da arquêmona, terrivelmente DENSO, o absorveu completamente.

Qualquer observador que conhecesse a disposição NORMAL dos elementos da cripta, acreditaria, nesse momento, que Wildejäger devia aterrissar de seu salto no interior da arquêmona, quer dizer, na praça. Mas a arquêmona era um poderoso instrumento mágico, ativado então pela lei do cerco que os berserkir aplicavam, e por isso as coisas aconteciam de outra maneira. Entre a praça e o Valplads não distavam umas poucas polegadas, como o bom senso parecia indicar, mas essa imensurável distância que os berserkir denominavam HEL!

Nem bem Wildejäger penetrou no AR DENSO, encontrou-se flutuando em um espaço sem limites, iluminado tenuemente por uma luz crepuscular, que ninguém saberia dizer de onde provinha. Em frente a si, mas a uma distância muito grande, distinguia-se, com um brilho dourado, um pequeno círculo que parecia afastar-se cada vez mais. Aguçando a vista, descobriu, não sem esforço, que se tratava da própria arquêmona, com a praça cercada, à qual ele pretendia ingressar. Sem pensar, começou a correr nessa direção, sem pensar tampouco em como podia ser que firmasse os pés no meio do espaço; ainda que um sentimento interior, que ele tratava de anular, lhe dissesse que tudo aquilo era produto de um sonho. Em seguida, quando a primeira garra arrancou farrapos de seu ombro e o sangue começou a correr, toda dúvida ficou dissipada e a verdade se fez presente em toda a sua pavorosa realidade! Estava em um mundo de loucura, SEM PONTOS DE REFERÊNCIA, prestes a enfrentar perigos mil vezes mais terríveis do que os do desprezado Valplads! A ÚNICA possibilidade de salvação agora se constituía na arquêmona, apenas um pontinho brilhante na distância. Se o perdia de vista, jamais poderia encontrá-lo novamente; e sua situação seria muito pior do que antes, perdido naquele inferno crepuscular. Com um golpe de machado abateu o monstro em forma de pólipo que fechava a passagem e

correu desesperadamente em direção à arquêmona, distribuindo machadadas a ambos os lados.

Não é nossa intenção descrever em detalhes as imundas criaturas que habitam o Hel e que, adotando todo tipo de formas repugnantes, apresentam-se com infames e agressivas intenções, tentando cortar a passagem de qualquer audaz intruso. Se alguém deseja aprofundar em tais escuridões, pode consultar a respeito o "Livro dos Mortos" egípcio ou o "Livro Tibetano dos Mortos" (Bardo Thos Tol) ou, em todo caso, ler os contos de H.P. Lovecraft.

A princípio, Wildejäger conseguiu avançar um pouco, especialmente graças à efetividade de seu braço armado e ao signo ANIS que aparecia no escudo, o qual espantava os demônios, que não se atreviam a atacar pela sua esquerda. Porém, logo se viu que era impossível conservar essa vantagem, pois uma nuvem de repugnantes e pequenos seres, não maiores do que um colibri, mas ávidos por sugar sangue, se precipitou sobre suas feridas, ao mesmo tempo que legiões de criaturas horrorosas e malignas lutavam entre si para participar do ataque.

Wildejäger se movia passo por passo, com o punhal em sua esquerda e o temível machado na direita. Cortando tentáculos e garras e partindo cabeças de pesadelo, com olhos injetados em sangue, cujos olhares transmitiam o ódio infinito, essencial, que o Demiurgo manifesta para com a raça hiperbórea. Coberto de sangue dos pés à cabeça, praticamente bloqueado pelas hostes infernais, de repente Wildejäger afastou o olhar do combate e buscou desesperadamente a figura da arquêmona. Então comprovou, com horror, que um pontinho brilhante se encontrava muito distante, PARA CIMA, afastando-se a grande velocidade! Estava caindo, sem dúvida alguma, em um abismo tenebroso repleto de inimigos, a ponto de perecer irremediavelmente, e de tornar a cair, depois da morte, em um extravio espiritual definitivo. Wildejäger pensava em vender cara sua vida e morrer sem retroceder nem um palmo: mas agora comprovava que o retrocesso se produzia APESAR DE SI, em virtude da queda nos diabólicos precipícios. Este fato o surpreendeu vivamente e despertou nele, como um raio, a lembrança de seu instrutor berserkir. Sim, o velho conde prussiano tinha falado sabiamente aquele dia, dois anos atrás, enquanto lhe ensinava

os rudimentos da luta berserkir, empregando MUDRAS de guerra e pronunciando MANTRAS de poder[59]. Naquela ocasião, o instrutor tinha-lhe dito, agora lembrava claramente: "nada nem ninguém pode deter um guerreiro da elite de Wotan. Não há demônios nem acidentes capazes de pará-lo, se seu sangue é suficientemente puro. Se um abismo se interpõe entre ele e sua meta, o berserkir o salta DANDO UM GRITO MAIS PROFUNDO QUE O ABISMO".

Em um momento, Wildejäger compreendeu o sentido daquelas palavras e, sentindo que o sangue começava a lhe arder até acender-se em uma chama de ira primordial, lançou o grito mais terrível que aqueles infames seres jamais escutaram. O grito "mais profundo que o abismo" era um nome proibido, uivado com tal ferocidade que, junto com o som, brotava a espuma raivosa pela boca do guerreiro. Os olhos lançavam chispas de um ódio tão irredutível como o que pulsava no olhar dos demônios e, de repente, transformado em uma figura ígnea, chamejante, ao ritmo daquele alarido bestial, Wildejäger tornava-se, em outro sentido, mais assustador que os próprios demônios. Estes devem ter sentido assim; pois iniciando uma selvagem debandada, deixaram rapidamente aberta a passagem, por onde se precipitou como uma flecha o já transmutado berserkir. Grito e velocidade foram uma só coisa; e logo o disco de ouro da arquêmona ficou tão perto que pôde contemplar seu verdadeiro aspecto, o que lhe outorgava a lei do cerco projetada por quinze poderosas mentes. Viu claramente que uma construção de pedra, de aparência maciça, se elevava seguindo o contorno da arquêmona; só tinha uma abertura, em forma de vigia, no lugar da fenestra; o teto era uma abóboda perfeitamente ajustada ao perímetro cilíndrico da parede, que fazia as vezes de muralha ou de torre fortificada, cujas pedras se mostravam tão perfeitamente cortadas e encaixadas que teria sido tarefa inútil procurar a mais leve lacuna entre elas.

Mas não pôde ver muito mais; pois o final do grito coincidiu com o final do salto. Em efeito: ainda reverberava em sua garganta o rugido horripilante, quando Wildejäger se precipitou pela vigia para o interior da estranha fortaleza. Caiu em pé, a um lado da praça, com seu aspecto feroz e rugidor e mudando constantemente de mudra, em um torvelinho de machadadas, punhaladas e golpes. Rapidamente foi rodeado pelos quinze berserkir, os

[59] *MUDRA: gesto ou posição com conotação mágica. MANTRA: palavra ou som com conotação mágica.*

quais habilmente pararam seus golpes, enquanto tratavam de acalmar o bravo Wildejäger.

O que ocorreu em seguida é digno de ser narrado em detalhes; pois será difícil de acreditar para as mentes sinarquizadas... e nisso reside seu mérito. Tão logo recomposto Wildejäger de seu ataque de fúria berserkir, e baixado o braço armado ante a presença de seus parentes, foi quando o punho de um deles se chocou com violência em seu peito. Tropeçou, por causa do impacto, e caiu para trás, sem poder evitá-lo, pois uma perna bem direcionada travou-se com as suas em uma certeira rasteira. Porém, não chegou a cair no solo. Vários berserkir situados detrás dele tinham estendido sigilosamente uma capa, mantendo-a firmemente pelas bordas, a qual se afundou e tremeu ao receber o corpo que caía indefeso. Ato seguido, passaram a tensionar horizontalmente a capa, fazendo com que Wildejäger voasse a considerável altura, para recolhê-lo novamente e repetir a operação várias vezes. O manteado era realizado entre gargalhadas e provocações de todos os berserkir, os quais exteriorizavam dessa maneira rude a selvagem alegria que sentiam pela façanha do jovem guerreiro, que tinha cruzado o Hel, dando “um grito mais profundo que o abismo”. E era também o batismo de camaradagem para o novato que se incorporava ao círculo dourado da Einherjar.

- HA, HA, HA – ria a Castelhana, transformada irreconhecivelmente em uma Senhora da Guerra – vos haveis transformado em um urso, Wildejäger! Em um urso furibundo e rugidor!

- Sim – afirmou outro dos guerreiros – é digno de um berserkir forçar a fuga de cem cortes de demônios, HA, HA, HA.

E assim por diante. Faziam exclamações de admiração e riam, sem deixar de mantear o heróico jovem, o qual, longe de se desgostar, ria também a gargalhadas, contagiado por aquela bárbara alegria.

E agora que vimos esta curiosa cena, vale a pena fazer uma breve reflexão. Pense-se nesta recepção que os berserkir tributaram àquele que se incorporava junto a eles COMO SEU IGUAL, após cumprir a incrível proeza espiritual de transmutar-se em Siddha imortal. Pense-se nesta recepção plena de alegria e gozo sinceramente manifestado e se compare com a abjeta submissão que a Hierarquia Branca exige de seus infelizes “iniciados”. Um “iniciado sinarca” deve estar pronto para ajoelhar-se e beijar as afeminadas túnicas dos Mestres de Sabedoria e Gurus, os quais, em seguida, apoiarão docemente santos pés na humilde cabeça e afundarão piedosamente no

barro da escravidão. Pense-se nestas duas atitudes, compare-se e se extraia uma conclusão; logo poderá se escolher o caminho a seguir. Nós, de todas as maneiras, a diremos aqui. Que diferença insuperável entre a bela figura do berserkir enfrentando ferozmente o inimigo para ganhar seu direito à imortalidade espiritual, e após a batalha rindo alegremente com seus Kameraden, sem confrontos nem segredos, sem hierarquias, unidos todos por um código de honra que só obriga a ter fidelidade com Aquele que está além de todo mal; que diferença, dizemos, entre estes galhardos guerreiros e os sombrios iniciados da Sinarquia, organizados com base em uma escala de Terror que humilha com mil perversidades e lhes exige muito poucas "provas" iniciáticas, das quais talvez a mais pitoresca seja a defloração do traseiro, pela qual todos se veem obrigados a passar, com maior ou menor alegria!

Mas regressemos à arquêmona e contemplemos a culminação da iniciação berserkir de Wildejäger.

Do interior da fortaleza, na praça, podia se comprovar que as paredes do recinto seguiam um plano perfeitamente octogonal. Em cada um dos oito muros, uma espada resplandecente oferecia iluminação de sobra. E, ainda que, de fora, Wildejäger visse que o teto se constituía em uma maciça abóboda de pedra, levantando a vista se observava claramente uma porção do firmamento estrelado, no qual se destacavam estranhamente cinco estrelas verdes, que formavam um círculo em torno de um Sol Negro, quase imperceptível... Justamente vindas DO CÉU tinham entrado, alguns segundos antes, três inquietantes Presenças.

O Siddha Baldur, um dos Ases divinos, vinha representando Wotan para celebrar o MINNEDRINKEN, a cerimônia onde se bebia o hidromel e onde eram os Deuses, e não os fracos homens, que FAZIAM VOTOS. Nessa ocasião, Baldur se comprometeria a guiar carismaticamente os passos futuros de Wildejäger que, por decisão própria, retornaria com os restantes berserkir ao Valplads para continuar, durante outros dezessete anos e meio, trabalhando na EINHERJAR pelo bem da raça.

Acompanhavam Baldur as Walkírias SIGUNE e EXUAZ, portando uma o recipiente de couro com hidromel e a outra os copos de ouro transparente. Após distribuir os copos, nos quais Sigune derramou generosas doses, os dezesseis berserkir e o Siddha Baldur começaram a gritar "HRIM!" no momento em que chocavam as taças; ato seguido beberam o conteúdo com respeitosa circunspecção e logo, cada um, quebrou a taça com um certeiro golpe de machado. Ninguém poderia jamais beber nessas taças nem alterar de algum modo mágico o sentido sagrado do Minnedrinken. Exuaz recolheu os copos destruídos, pois aquele maravilhoso metal, obtido por

procedimentos alquimistas, não se podia perder; no Valhala, hábeis forjadores o aproveitariam para construir outros utensílios.

Devemos ser prudentes ao relatar aquelas partes da História Secreta da Thulegesellschaft nas quais intervêm os Siddhas Hiperbóreos. Se não procedêssemos assim, correríamos o risco de profanar a sublime experiência que significa aproximar-se das Presenças e, o que talvez seja pior, daríamos ao leitor desprevenido uma ideia equivocada, romanceada ou irreal, sobre o aspecto VERDADEIRO dos Siddhas. Este é, sem dúvida, o MAIS TERRÍVEL que se possa imaginar; e apenas os muito valentes conseguem ficar cara a cara com aqueles que representam A ESSÊNCIA DA RESOLUÇÃO. Um cavalheiro do Gral ou um Kshatriya ou um guerreiro berserkir ou um Jaina do Japão ou um iniciado Kaula, etc., talvez estejam preparados para tal encontro; mas, quem mais está disposto a rebelar-se contra a tirania do Demiurgo e empreender a rota inversa que mostram os Siddhas? Poucos, muito poucos, certamente. E se a maioria dos viryas permanecem na confusão, vendo o mundo através da máscara cultural, dominados pela Estratégia Sinárquica, não seremos nós tão ingênuos para acreditar que seria de alguma utilidade uma maior profanação dos Mistérios. Mas não podemos tampouco deixar de afirmar que a Presença dos Siddhas Hiperbóreos constitui uma experiência REAL para aqueles que purificaram suficientemente seu sangue, e não um "símbolo" ou uma mera figura literária. Por isso, não acrescentaremos mais detalhes sobre os posteriores eventos ocorridos após o "Minnedrinken", até a partida do Siddha Baldur e as duas Walkírias.

"Minnedrinken" é apenas uma denominação germânica para a antiquíssima cerimônia na qual ao homem, iniciado ou transmutado, é dado compartilhar por uma vez a bebida ou o alimento dos Deuses. Na Índia, a bebida sagrada denomina-se AMRITA; na Pérsia AHOMA; no Olimpo grego AMBROSIA; para os antigos arianos SOMA; para os germânicos HIDROMEL, etc., mas em todos os casos trata-se do mesmo: o homem transmutado bebe uma bebida também transmutada, transformada em suas características originas e dotada, após, de poderes especiais. Vulgarmente costuma-se acreditar que a bebida sagrada é uma droga, consumida por sacerdotes e iniciados com a finalidade de "abrir" certos canais transcendentes pela via da narcose ou intoxicação. Esta absurda crença supõe reduzir, por exemplo, os guerreiros berserkir ao nível de miseráveis e viciados "hippies". É a Sinarquia que emprega narcóticos e tóxicos para minar e destruir o corpo de seus "adeptos" que buscam a iluminação mediante uma "viagem". A Sabedoria

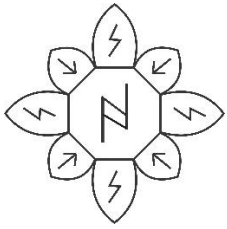
Hiperbórea, pelo contrário, se obtém purificando o sangue, não envenenando-o. Os graus de transcendência que alcance um virya desperto serão sempre permanentes, nunca transitórios e efêmeros, como aqueles que foram ganhos por meio da droga. Se isso é assim, qual é então o verdadeiro papel que tem a bebida sagrada no conjunto de técnicas secretas de liberação espiritual?

Em primeiro lugar, o hidromel, assim como o soma ou qualquer outra bebida sagrada, possui a propriedade de FIXAR a recordação de sangue, que foi previamente alcançada por técnicas de purificação ou por atitudes estratégicas adequadas. Em segundo lugar, digamos que, por tal motivo, a bebida sagrada jamais se bebe a priori da experiência transcendente: não teria sentido, pois se correria o risco de FIXAR estados mórbidos, os quais, ligados à consciente de maneira permanente, terminariam por arrastar quem assim procedesse à loucura. Como síntese e exemplo claro do quanto dissemos, convém recordar que os trovadores germânicos, os MINNESÄNGER, celebravam o ritual do MINNEDRINKEN, durante o qual bebiam o hidromel e CONSAGRAVAM aqueles que tinham descoberto dentro de si, no sangue, a presença de um Mistério de Amor.

Vale a pena acrescentar, como complemento, a curiosa relação existente entre o signo rúnico do Anis e outra das bebidas sagradas, desta vez da Turquia, o "licor de anis". A palavra "anis" é antiquíssima, da época atlante, e portanto muito anterior aos futhark germânicos, ainda que estes descendam também de um sistema atlante: a cabala acústica. Tem uma raiz "AN", que alude a "gigANte antigo", como em "AtlANte" ou em "ANteo". A segunda parte, 'IS", mais do que com a deusa egípcia ISIS, tem a ver com FRYA, a deusa nórdica, senhora do gelo, que é uma versão tardia e ocidental de LILLITH, deusa hiperbórea associada com o planeta Vênus. Justamente a runa "IS", cujo símbolo é i, significa "deusa do gelo" e corresponde ao número 22 no antigo futhark. A runa número quatro, do mesmo alfabeto, chama-se ANsuz e se acha consagrada ao AS WOTHAN; SEU SÍMBOLO É:

A união das runas "ansuz" e "is" forma a palavra "anis", cuja grafia rúnica é a seguinte:

Este poderoso símbolo, junto com a estrela de oito pontas, representa o Poder dos Senhores de Vênus: os berserkir desenhavam a runa “anis” dentro de uma estrela de oito pontas, como símbolo principal de seus brasões e escudos e, segundo já vimos, Wildejäger empregou seu poder contra os demônios do Hel.



É sabido que o “licor de anis”, uma aguardente elaborada a partir do “anis” (PIMPINELLA ANISUM) é consumido com particular agrado desde a antiguidade no próximo e médio Oriente. O primeiro nome desta planta umbelífera é de origem grega, ANISON, com raízes equivalentes às já dadas para o “anis”. O curioso disso não é a coincidência de nomes, mas o fato de que outra aguardente, de sabor semelhante ao licor de anis, foi escolhida por numerosas seitas islâmicas muito secretas como a bebida sagrada por excelência. Esta segunda aguardente, cujo sabor parecido com o licor de anis é tão notável QUE NÃO PODE SER CASUAL, é fabricada a partir do fruto da árvore BADIAN. E esta é a maior coincidência: o fruto capsular da Badian, de aroma e sabor semelhante ao anis, apresenta-se em pequenos cachos de OITO sementes, seguindo uma lei simétrica tão estrita que todos eles formam uma estrela octogonal. E é por essa razão que se chama “anis estrelado”, ainda que não seja o “verdadeiro anis”, e chama-nos mais a atenção ver novamente associados os símbolos dos Senhores de Vênus: o nome “anis” e a estrela de oito pontas, sem contar a bebida sagrada...

Quando os berserkir pararam de aplicar a lei do cerco sobre a arquêmona e de praticar a oposição estratégica contra as lapis oppositionis, cessou o desnível espaço-temporal entre a praça e o Valplads e logo tudo voltou à normalidade na cripta subterrânea. Dissipou-se o AR DENSO e viu-se os dezesseis berserkir em pé em diferentes lugares da praça, concentrados, cada um deles, no ritual de sincronização, mas sem abandonar suas posturas guerreiras: o escudo levantado e, na mão direita, o machado descrevendo um ameaçador semicírculo. Tinham cumprido a cerimônia de iniciação e um novo membro, Wildejäger, havia se somado à Einherjar; por outros dezessete anos e meio ninguém mais obteria esse privilégio. Mas dessa vez devia se cumprir uma segunda cerimônia, segundo já dissemos, com o objetivo de consultar o Jogo do Messias. Como o Jogo se baseia em princípios de sincronia, para alcançar resultados significativos é necessário que não se exerça nenhuma alteração espaço-temporal em seu entorno; quer dizer, não se deve aplicar a lei do cerco durante sua operação. Por tal motivo, os berserkir, após comprovar que a sincronização teve lugar sem problemas e que nenhuma "surpresa" lhes aguardava no Valplads, se dispuseram a "preparar" o Jogo para seu uso.

No centro da praça, uma coluna sustentava a "maquete" do presépio. Junto à sua base havia uma arca pequena, que permanecia vazia ano após anos, salvo os fugazes momentos em que os berserkir operavam o Jogo, e então cumpria sua missão de guardar todas as peças da "camuflagem". A Castelhana começou a tirar cuidadosamente as delicadas estatuazinhas, que se encontravam fixadas ao tabuleiro por uma fina agulha, e a entregá-las a Wildejäger, que suavemente as colocava na arca. Ao extrair as réplicas da Virgem Mãe e de José, o carpinteiro, a Castelhana começou a pressionar com seu dedo polegar, na parte posterior de cada uma, à altura das costas. Imediatamente deslizou para frente, saindo pelo tórax de ambas as estatuazinhas, uma parte tão habilmente dissimulada, que facilmente teria escapado à mais rigorosa inspeção. Cada uma dessas partes possuía uma incrustação de marfim engastada com tal perfeição que, ao sair, deixavam atrás de si o buraco, a matriz exata, de sua forma. As peças de marfim tão zelosamente ocultadas eram dois poliedros regulares, de diferentes números de lados. Estes corpos, junto com um anel de marfim, extraído da boca de uma cisterna em miniatura, constituíam-se nos três elementos jogáveis do Jogo do Messias.

Por fim, restou somente o tabuleiro, pois todas as figuras do presépio tinham ido parar no fundo da arca. Porém, ainda faltava completar o desarme: com movimentos precisos, a Castelhana desgrudou uma borda da cobertura

de couro, que fazia as vezes de “piso” do presépio, e foi enrolando-a, até tirá-la completamente, deixando descoberta uma segunda superfície de couro delicadamente gravada e pintada.

Agora sim, o Jogo do Messias estava pronto para ser usado! Os poliedros de marfim exibiam estranhos símbolos, gravados em cada uma das faces e pintados com esmaltes coloridos. A superfície do tabuleiro representava basicamente um mapa da Europa e Ásia, mas carregado com tal profusão de runas e símbolos mágicos que não eram reconhecíveis como tal, à simples vista. Sobre ele cairiam os poliedros e o anel, “detectando” situações estratégicas por meio da “posição” que eles mostraram, a qual seria analisada e interpretada pelos berserkir.

A Castelhana pegou seu próprio capacete de couro e o virou, deixando a parte oca para cima, como se fosse uma enorme taça, onde jogou os poliedros e o anel. Ato seguido, agitou o capacete e logo o entregou ao berserkir que tinha mais próximo, que também o agitou e o passou, por sua vez, tal como indicava o ritual, a outro berserkir. Alguns segundos depois, após ter passado por todas as mãos, o capacete regressava à Castelhana, que se dispôs a efetuar a tirada. Cada berserkir adotou, nesse momento, um mudra de guerra e, quando os corpos de marfim voaram para o tabuleiro, de suas quinze gargantas brotou em uníssono: B-LD-R, o nome do Siddha que era o centro carismático da Einherjar (ou S.D.A.). A Castelhana não compartilho deste ritual e, no momento de jogar os corpos, simplesmente perguntou em voz alta: “Quando se cumpre a diretriz H.H.H.?”

Rodaram os poliedros e o anel, até deterem-se em diferentes locais do tabuleiro. Pode-se dizer que enquanto isto acontecia, a respiração parecia ter se cortado nos berserkir, ao mesmo tempo que seus dezesseis pares de olhos seguiam atentamente o movimento dos corpos. Mas, quando estes se detiveram e deixaram determinada uma “posição”, várias exclamações – alguns juramentos e maldições – demonstraram que a “resposta” não era do agrado dos presentes.

Para compreender tal reação, há que se ter presente que o Jogo do Messias era, na realidade, um “detector sincronístico de estado”, quer dizer, um instrumento tático, um elemento de guerra. Sua função era “medir” o alcance das estratégicas em jogo, valendo-se de fenômenos de “primeiro grau” de determinação, quer dizer, sem que intervenha outra “intencionalidade”, submetido apenas ao livre Jogo das leis naturais, à sua determinação mecânica. A pergunta e o movimento dos corpos ocorrem

SIMULTANEAMENTE e, por isso, é dado esperar que exista uma relação entre ambos os atos. Mas tal relação não será nunca "de causa e efeito", onde um fenômeno determina o outro, quer dizer: a pergunta NÃO DETERMINA a posição dos poliedros, mas é sincronística com ela; e por isso a "posição" é significativa. É necessário meditar muito sobre as implicações metafísicas que tem este modo de atuar, para compreender que, ao perguntar e jogar SIMULTANEAMENTE os corpos, A NATUREZA NÃO PODE EVITAR DE DAR A RESPOSTA. Pelo contrário, esta resposta semiótica FOI ARRANCADA DO DEMIURGO POR UM GOLPE TÁTICO DAQUELES QUE SABEM O QUE FAZEM. Apenas os Siddhas ou os viryas despertos, os quais dominam a mais alta gnose, podem enfrentar uma operação guerreira semelhante, na qual se coloca à prova a estratégia própria em aberto desafio à estratégia inimiga.

O que esperavam encontrar os berserkir na "posição" dos corpos? Já o dissemos no início: uma indicação exata sobre a diretriz H.H.H. O jogo do Messias era capaz de "detectar" o Tempo em que viria o Enviado de Wotan e de expressá-lo por meio de sua "posição ganhadora". Quando o Tempo do Enviado estivesse próximo, os poliedros semióticos cairiam sincronisticamente, revelando o fato transcendente; então a Einherjar ou S.D.A. cumpriria sua missão de "encontrar" o Enviado e entregar-lhe os segredos da Sabedoria Hiperbórea; após, a Ordem seria dissolvida e os últimos berserkir ficariam em liberdade para partir ou acompanhar o Grande Chefe em sua Guerra Total contra os "elementalwessen".

Fora da "posição ganhadora", qualquer outra distribuição dos corpos sobre o tabuleiro mostrava infalivelmente a relação de forças existentes no momento de efetuar a tirada. Em outras palavras, uma avaliação analógica da "posição" permitia conhecer a situação própria e a intensidade da pressão inimiga, possibilitando, com esses dados, uma verificação OBJETIVA, periódica, sobre a correta marcha da estratégia própria.

Com estes conceitos, considerando que a maior aspiração dos berserkir baseava-se em compartilhar a glória de ACOMPANHAR O ENVIADO em sua missão de guiar e transmutar os povos hiperbóreos, compreender-se-á talvez o motivo de suas expressões de desgostos, ao comprovar que os corpos NÃO TINHAM CAÍDO NA POSIÇÃO GANHADORA e deviam aguardar, portanto, outros trinta e cinco anos, até que a História oferecesse uma nova oportunidade GERACIONAL. Porque o fato de que durante a operação do Jogo não saísse a "posição ganhadora" significava fundamentalmente que A RAÇA AINDA NÃO ESTAVA PREPARADA PARA RECEBER O ENVIADO DOS DEUSES. E então, após as maldições e ferozes

juramentos que os berserkir vociferavam, ao comprovar que ainda estava longe o Tempo do Enviado, suspiravam e se lamentavam, aflitos pela situação confusa dos viryas perdidos.

Mas, se bem que não se dera a posição ganhadora, uma análise sobre a situação dos poliedros no tabuleiro daria importante informação estratégica. Por exemplo, a nova "posição" indicou aos berserkir que, tal como vinha ocorrendo há muitas décadas, a máxima pressão inimiga se registrava em um lugar específico do sul da Alemanha. Isto e muito mais lhes permitiu saber o detector sincronístico de estado. Mas não vamos transcrever aqui as conclusões a que davam lugar as análises e avaliações de cada "posição"; seria muito extenso e difícil de interpretar, sem conhecer previamente a forma concreta que tinha o Jogo do Messias. Nossa intenção era, simplesmente, transmitir uma ideia sobre o instrumento projetado por John Dee como parte do elemento (3) de sua Estratégia A1, quer dizer, do Método que possibilite a consecução da Diretriz H.H.H. Acreditamos que, com o exposto até agora sobre o Jogo do Messias, este propósito esclarecedor se cumpriu.

Portanto, deixaremos, no momento, os berserkir da S.D.A. Abandonaremos a cripta subterrânea e seu terrível Mistério e nos ocuparemos em desentranhar a última interrogação que subsiste no presente Curso de Ação. A mesma ficou pendente desde o princípio e se refere à pergunta: quais procedimentos são indicados pelo Método para reconhecer o Enviado?

Será conveniente voltar ao começo e retomar o texto do parágrafo II-d, que dizia: "ANÁLISE DO ELEMENTO 3: O método deve cumprir, dentre outras, as seguintes condições principais: 1) tem que dar, em qualquer época, uma indicação objetiva da situação própria e da posição inimiga; 2) determinará, com absoluta segurança, o momento em que a diretriz H.H.H. 'esteja para se cumprir'; 3) permitirá às S.D.A. reconhecer, inequivocadamente, o Enviado de Wotan, esse chefe germânico invencível, de quem depende a diretriz H.H.H."

Segundo se disse, o Jogo do Messias permitia cumprir as condições 1 e 2 com absoluta precisão. Quanto ao ponto 3, nem John Dee nem Wilhelm von Rosemberg encontraram um modo de identificar o Enviado que fosse confiável para ser aplicado em qualquer época. Se bem que a "posição ganhadora" revelasse com certeza que "o tempo do Enviado tinha chegado", ninguém poderia antecipar quando se produziria esse acontecimento, que

talvez se encontrasse vários séculos no futuro. Esta incerteza impedia de descrever o perfil histórico do Grande Chefe e, portanto, dificultava o traçado das diretrizes para sua identificação.

Em 1589, pouco antes de partir para a Inglaterra, John Dee consultou os Siddhas sobre a terceira condição, empregando para isso o espelho de pedra da Princesa Papan. A resposta obtida, por seu caráter enigmático e profético, causou uma enorme surpresa em John Dee, Wilhelm von Rosemberg e os oito príncipes da Dinastia. Em primeiro termo, os Siddhas afirmavam que o problema da terceira condição estava mal apresentado, pois não correspondia aos berserkir identificar o Enviado, mas a este demonstrar que o era. Em seguida, continuaram dizendo que uma Estratégia racial podia fracassar se não se entendia corretamente o sentido da terceira condição e que, recentemente, nos tempos de Federico II Hohenstauffen, de fato uma Grande Estratégia tinha fracassado por mal-entendidos com respeito à mesma questão. Estes surpreendentes argumentos levaram John Dee a repetir a pergunta e solicitar dos Siddhas uma resposta concreta sobre o modo em que o Enviado deveria, então, credenciar sua identidade. Como era previsível, essa insistência não foi do agrado dos Siddhas, os quais responderam laconicamente que: “no século XIII os Siddhas enviaram a Gengis Khan as instruções para identificar o Imperador Universal. Tais instruções estão vigentes e o Enviado H.H.H. será, sem dúvida, quem possa ler corretamente o Pergaminho de Gengis Khan”. E os Siddhas se negaram a dar mais informação. É difícil que alguém possa imaginar o estado de alerta, a decisão em desentranhar o enigma, a firme resolução de conhecer a verdade, qualquer que fosse ela, enfim, a vontade de superar o obstáculo que exibiam os dez iniciados, ante o Mistério que representava aquele Pergaminho de Gengis Khan, do qual ninguém tinha jamais ouvido falar. Naqueles dias de 1589, uma febril atividade psíquica envolveu os fundadores, que tratavam, a qualquer custo, de encontrar uma resposta, e para isso recorriam a todos os recursos esotéricos disponíveis. A Estratégia A1 estava pronta para sua execução, que se iniciava com a fundação da Dinastia e a busca dos “objetivos declarados”, restando só resolver a condição 3 do Método. Mas, como todos os esforços feitos para elucidar o Mistério forma, então, infrutíferos, mesmo assim os planos foram colocados em marcha, ainda que sem abandonar, em nenhum momento, a investigação do enigma.

John Dee e Wilhelm von Rosemberg esperavam encontrar uma rápida solução; mas as coisas não se deram como eles o desejavam, pois, logo em meados do século XVII, durante a segunda geração de membros da Dinastia, reuniu-se suficiente informação para enfrentar uma busca racional do

misterioso Pergaminho. Esta busca deu seus frutos, no final do século XIX, quer dizer, mais de dois séculos depois, consumindo, nesse lapso, enormes energias da S.D.A., que se sentia cada vez mais oprimida pela História. Porém, em que pese todas as dificuldades que trouxe consigo, o Mistério do Pergaminho de Gengis Khan acabou sendo altamente benéfico para a S.D.A., e cabe-se supor que, justamente pela grande magnitude de sua importância, superou a capacidade de avaliação dos fundadores, que não viram nele mais do que uma dificuldade. Na realidade, o Mistério do Pergaminho, do qual pouco a pouco se ia conhecendo sua trama secreta, tinha a virtude de CONECTAR a S.D.A. com uma corrente hiperbórea da História interrompida abruptamente no século XIII. A S.D.A. retomava, de certo modo, essa corrente, que nós, para sintetizar, denominamos de Estratégia "O" dos Siddhas, e a atualizava na Estratégia A1.

No próximo capítulo, intitulado "Esquema histórico da S.D.A.", nos propomos a mostrar o rumo secreto seguido pela S.D.A. entre os séculos XVII e XX, deixando claro que sua influência na História da Europa, nesse período, foi mais importante do que se poderia supor. Mas, por razões recentemente expostas, o Esquema histórico não começará diretamente no século XVII, mas incluirá uma introdução na qual se resumirão a Estratégia "O" e os eventos do século XIII, que deram lugar ao Mistério do Pergaminho de Gengis Khan. O desenvolvimento deste capítulo nos levará diretamente ao século XX, às últimas etapas de nosso relato: a Germanenorden e a Thulegesellschaft.

ESQUEMA HISTÓRICO DA S.D.A.

I – ESTRATÉGIA "O" DOS SIDDHAS HIPERBÓREOS

No capítulo anterior, mencionamos "uma Estratégia que os Siddhas empregam para contrapor a "Cultura", arma estratégica inimiga, e explicamos a mesma por meio de uma alegoria, como consistente em uma mensagem carismática. Dita mensagem buscava dois objetivos: 1) DESPERTAR; 2) ORIENTAR para a "saída secreta", "centro" ou Vril; e, naquele exemplo em particular, encontrava-se a "saída" após descobrir "o anel", ou seja, após se tornar o consciente do PRINCÍPIO DO CERCO.

Entretanto, a segunda parte da mensagem, a CANÇÃO DE AMOR, oferecia a quem a escutasse a possibilidade de "encontrar a saída" por outras seis vias diferentes da OPOSIÇÃO ESTRATÉGICA (que se baseia no princípio do cerco). De qualquer maneira, esta Estratégia, tal como a descrevemos, com suas sete vias de liberação, responde a objetivos puramente individuais, quer dizer, é voltada exclusivamente para o homem (virya perdido). Por isso, agora, temos que declarar que a mesma faz parte – a parte "individual" – de uma concepção maior, à qual chamamos de: "Estratégia "O".

A Estratégia "O" é voltada fundamentalmente a obter a liberação individual do homem; mas, em certas ocasiões históricas favoráveis, os Siddhas procuram "orientar" a raça em seu conjunto para forçar uma mutação coletiva[60]. Nesse caso, os "líderes", muitas vezes "enviados" pelos Siddhas e outras vezes "iluminados" por eles, encarregam-se de projetar carismaticamente no povo as diretrizes estratégicas, buscando REINTEGRÁ-LO À GUERRA CÓSMICA. Para que tal tarefa possa se realizar com probabilidades de sucesso, é necessário que os "líderes" disponham de um elemento externo, situado no mundo, que represente de maneira irrefutável a origem divina da raça. Este elemento externo deve dar prova do compromisso assumido pelos Siddhas ao "induzir" os viryas a reempreender a guerra contra o Demiurgo e de sua resolução de "esperar" os Kalpas que sejam necessários, enquanto eles ganham a liberdade. Por estas condições, pode-se compreender que tal "elemento externo" seja uma verdadeira PEDRA DE ESCÂNDALO para o Demiurgo e suas hostes demoníacas, e que todo Seu Poder, ou seja, o Grande Engano, seja voltado a conseguir sua destruição, ou em sua falha, evitar que permaneça ao alcance do homem. Mas, apesar da contrariedade que tal ação causava no inimigo, os Siddhas cumpriram sua parte do Pacto Primordial e, com um desprezo admirável para com o Poder das Potências Infernais, depositaram-no no mundo e o resguardaram de qualquer ataque, para que os homens ou seus líderes carismáticos O DESCUBRAM E SE VALHAM DE SEU SIGNIFICADO.

A Estratégia "O" dos Siddhas encontra-se, então, voltada para o interno de cada homem, pelos "cantos carismáticos", tratando de despertar neles a recordação de sangue e de induzi-los a seguir alguma das sete vias

---

[60] *No livro 4 se discute longamente a acepção que se deve dar ao termo "coletivo" na Sabedoria Hiperbórea, a qual difere de seu significado usual.*

de liberação. Mas também procurar impulsionar a raça em seu conjunto, para que cesse de marchar no sentido "evolutivo" ou "progressivo" da História e, rebelando-se ao Plano do Uno, em um salto inverso, transmute as "tendências animais do pasu" e recupere sua natureza divina (hiperbórea). Para conseguir este segundo objetivo, já não individual, mas racial, dissemos que se dispõe de um "elemento externo". O que será, concretamente, este "elemento externo", esta "coisa" à qual atribuímos propriedades tão maravilhosas? Trata-se de algo que, apenas sua descrição levaria vários volumes e que, para abreviar, chamaremos de GRAL. Sendo impossível revelar aqui um Mistério que tem sido impenetrável para milhões de pessoas, trataremos, como de costume, de "aproximar" ao mesmo, por meio de alguns comentários.

Perguntávamos o que será CONCRETAMENTE essa coisa maravilhosa que agora sabemos que se chama GRAL. Comecemos por aqui. Concretamente, o Gral é uma pedra, um cristal, uma gema; disso não há dúvida. Mas NÃO É UMA PEDRA TERRESTRE; disto tampouco há dúvida. Se não é uma pedra terrestre, vale perguntar qual é sua origem: a Sabedoria Hiperbórea afirma QUE PROVÉM DE VÊNUS, mas não assegura que essa seja sua origem. Nós podemos supor, por falta de outra precisão, que os Senhores de Vênus a trouxeram para a Terra, desse planeta verde. Mas os "Senhores de Vênus" não são originários de Vênus, mas de Hiperbórea, um "centro original" que não pertence ao Universo material e que cuja "recordação de sangue" levou muitos viryas perdidos a identificá-lo erroneamente com um "continente nórdico" ou "polar" "desaparecido". Segundo a Sabedoria Hiperbórea, o Gral foi trazido ao Sistema Solar pelos Siddhas IMEDIATAMENTE DEPOIS QUE IRROMPERAM PELA PORTA DE VÊNUS PARA INSTALAREM-SE NO VALHALLA. Seja como for, há OUTRO ASPECTO CONCRETO que convém levar em conta: o Gral é uma gema que se reveste da maior importância para os Siddhas, a tal ponto de ELES NÃO ESTAREM DISPOSTOS A ABANDONÁ-LO OU PERDÊ-LO. Por camaradagem e solidariedade para com os viryas perdidos, o SITUARAM no mundo; mas no final do Tempo, o Gral será recuperado e devolvido ao seu lugar de origem.

A que se deve esse interesse desmedido em conservar a misteriosa gema? A que a mesma foi tirada momentaneamente da mais bela joia que jamais se viu no Universo do Uno, daquele adorno que ninguém seria capaz de imitar neste nem em outros mundos: nem os Mestres Ourives, nem os

Devas Construtores, nem os Anjos Planetários, Solares ou Galácticos, etc. Porque o Gral é uma gema da Coroa de Cristo-Lúcifer, Aquele que é mais puro que o mais puro dos Siddhas, o único que pode falar cara a cara com o Incognoscível. Cristo-Lúcifer é quem, ESTANDO NO INFERNO, ESTÁ ALÉM DO INFERNO. Podendo ficar em Hiperbórea, à luz do Incognoscível, Cristo-Lúcifer quis acudir em resgate os espíritos cativos, protagonizando o incompreensível sacrifício de seu próprio AUTO-CATIVEIRO. Ele se instalou como Sol Negro do Espírito, "iluminando" carismaticamente, "detrás" de Vênus, por intermédio do Paráklito, diretamente no sangue dos viryas perdidos.

Como uma gema do Galhardo Senhor se manchou caindo aqui, na Terra, uma das cloacas mais repugnantes dos Sete Infernos? Porque ele assim o dispôs. Cristo-Lúcifer entregou o Gral aos Siddhas COMO GARANTIA de seu compromisso com o homem, de seu sacrifício, e COMO PROVA MATERIAL IRREFUTÁVEL DA ORIGEM DIVINA DO ESPÍRITO.

O Gral é, neste sentido, um REFLEXO da origem divina, o qual haverá de guiar como um farol o rumo vacilante dos espíritos rebeldes que decidam abandonar a escravidão de Jeová-Satanás.

Já vimos o que o Gral é: uma gema da coroa de Cristo-Lúcifer. Vejamos agora o que o Gral REPRESENTA para os espíritos cativos. Antes de mais nada, o Gral se encontra ligado à ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS e seu significado deve ser buscado primeiro em relação a tal Mistério. Isso se explica se levamos em conta que há milhões de anos, quando os Siddhas Traidores se aliaram ao Demiurgo Jeová-Satanás para carnalizar os Espíritos hiperbóreos, Cristo-Lúcifer entregou sua gema para que a VERDADE DA ORIGEM DIVINA PUDESSE SER VISTA COM OLHOS MORTAIS. Por isso, o Gral, colocado no mundo como prova da origem divina do Espírito, DÁ SENTIDO A TODAS AS LINHAGENS HIPERBÓREAS DA TERRA. Por ele, o sangue dos viryas, ainda que submergidos na mais tremenda confusão, reclamará sempre sua HERANÇA EXTRATERRESTRE.

A presença do Gral, a princípio, IMPEDE O INIMIGO DE NEGAR OS ANCESTRAIS HIPERBÓREOS. Mas assim como o Gral dá um sentido cósmico à História do homem, conectando-o com a raça imortal das origens, DIVINIZA as linhagens hiperbóreas da Terra, da mesma forma, também, para o Demiurgo, pela presença do Gral, tais linhagens passam a ser "motivo de escândalo" e objeto de perseguição e escárnio, de castigo e de dor. As DIVINAS linhagens hiperbóreas serão, a partir do Gral, LINHAGENS HERÉTICAS "condenadas" por toda a "eternidade" (um Manvantara) por Jeová-Satanás. O Gral veio despertar recordações indesejáveis, valorizar o

passado do homem; será então a recordação e o passado o que mais se atacará e a APAGAR sua influência visará, em grande medida, a Estratégia Sinárquica. Sejamos capazes de perceber este ataque, que é evidente para o olhar gnóstico, e compreenderemos com maior profundidade a função HISTÓRICA do Gral. Dedicaremos os parágrafos seguintes para colocá-la em evidência.

O principal crime do homem foi negar a supremacia de "Deus", quer dizer, do Demiurgo terrestre Jeová-Satanás, e rebelar-se contra sua escravidão. Mas o homem é um ser miserável, imerso em um inferno de ilusão, no qual se sente insensatamente "à vontade", sem possibilidade de vencer o feitiço por si mesmo. Se negou o Demiurgo e se "rebelou", foi em virtude de um agente exterior, mas: qual "coisa" no mundo pode ser capaz de DESPERTAR o homem, de ABRIR SEUS OLHOS para a divindade esquecida? "Se tal coisa existe, dirão os Demônios, é o objeto mais abominável da criação material". Mas essa "coisa", esse "objeto abominável", não é deste mundo; dele "comeu" o homem-espírito-cativo. Esse "fruto verde", que mais tarde chamarão de Gral, é um alimento que nutre com a GNOSE PRIMORDIAL, quer dizer, com o conhecimento sobre a verdade das origens. Pelo Gral, fruto proibido por excelência, o homem saberá que é imortal, que possui um Espírito divino encadeado à matéria, que procede de um mundo impossível de imaginar DESDE ESSE INFERNO TERRESTRE, mas pelo qual SENTE NOSTALGIA e ao qual DESEJA REGRESSAR.

PELO GRAL O HOMEM RECORDOU!

Eis aqui seu primeiro crime. Recordar a origem divina será, daí em diante, um TERRÍVEL PECADO; e aqueles que o tenham cometido deverão pagar por isso. Essa é a Vontade do Demiurgo, a "Lei de Jeová-Satanás". Serão seus Ministros, os Demônios de Chang Shambala, que se encarregarão de executar a condenação, cobrando o castigo em uma moeda que se chama: dor e sofrimento. O instrumento será, naturalmente, a encarnação, repetida mil vezes, em transmigrações "controladas" pela "Lei" do Karma, declarando cinicamente que a dor e o sofrimento são "para o bem" dos Espíritos, "para favorecer a evolução". Se "o mal" tem sua raiz no sangue, então se o debilitará, favorecendo a mistura racial e se o tornará impuro, envenenando-o com o TEMOR DO PECADO. O resultado será a CONFUSÃO ESTRATÉGICA do Espírito e a completa obscuridade sobre o passado do homem. "No passado não há nada digno de ser resgatado", afirmarão durante milênios as pessoas sensatas, em coro com os Demônios

da Hierarquia. A teologia, e até a mitologia, falarão sobre o pecado do homem com a linguagem do Demiurgo: o "pecado", a "queda" e o "castigo". A "ciência", por outro lado, mostrar-nos-á um panorama mais desalentador: "provará", lançando mão de imundícies fósseis, que o homem descende de um proto-símio chamado "hominídeo", ou seja, desse mísero e desprezível animal que foi o antepassado do PASU. A "ciência" levou o passado do homem à sua degradação mais dramática, vinculando-o "evolutivamente" com os répteis e vermes. Para o homem moderno já não existirão ancestrais divinos, mas símios e trilobitas. Realmente se necessita partir de um ódio sobre-humano para desejar que o homem se humilhe de maneira tão triste.

Mas deixemos o triste, sejamos otimistas. Para que olhar o passado, dirá a Sinarquia, com a Voz da ciência e da teologia, se o homem é "algo projetado para o futuro"? No passado não há nada digno de respeito: alguns primitivos crustáceos marinhos afundados no lodo, tratando de ganhar o meio terrestre, impulsionados pela "evolução"; milhões de anos depois alguns símios decidem fazerem-se homens: impulsionados novamente pela milagrosa "lei da evolução", tornam-se bípedes, fabricam ferramentas, comunicam-se falando, perdem o pelo e entram na História; e após, vem a História do homem: os documentos, a civilização, a cultura. E na História, continua implacável a "evolução", transformada agora em uma lei mais inflexível chamada dialética: os desacertos da humanidade (as guerras, a intolerância, o fascismo) são "erros"; os acertos (a paz, a democracia, a ONU, a vacina Sabin) são "êxitos". Do confronto dialético entre êxitos e erros surge sempre um estágio superior, um benefício para a humanidade FUTURA, confirmando-se a tendência evolutiva ou progressista. Por acaso não é essa tendência progressista da História TUDO DE BOM QUE SE PODE ESPERAR DO PASSADO?

Por isso, sejamos otimistas; olhemos para o futuro; lá estão todos os bens, todas as realizações; o teólogo assegura que, após um Julgamento FUTURO, para os bons se abrirão as portas do paraíso; os rosa-cruzes, maçons e outros teosofistas situam no futuro o momento em que, concluída parcialmente a "evolução espiritual", o homem se identifica com sua mônada, ou seja, com seu "arquétipo divino", e se incorpora às Hierarquias Cósmicas dependentes do Demiurgo; e até os materialistas, ateus ou cientistas apresentam uma imagem venturosa do futuro: mostram-nos uma sociedade perfeita, sem fome nem doenças, onde um homem, tecnocrata e desumanizado, reina feliz sobre legiões de androides e robôs.

Não nos deteremos em detalhes sobre um fato muito evidente: tentou-se APAGAR o passado do homem, desconectando-o de suas raízes

hiperbóreas; NÃO SE LOGROU APAGAR TOTALMENTE tal passado; mas, em compensação, conseguiu-se criar uma fratura metafísica entre o homem e seus ancestrais divinos, e de tal modo que, atualmente, um abismo o separa das recordações primordiais; um abismo que tem um nome: confusão. Paralelamente com tal sinistro objetivo, "projetou-se o homem para o futuro", eufemismo utilizado para qualificar a ILUSÃO DE PROGRESSO de que padecem os membros das civilizações modernas. Tal "ilusão" é gerada culturalmente por poderosas "ideias-força" (o "sentido da História"; a "aceleração histórica"; o "progresso científico"; a "educação"; civilização versus barbárie; etc.) empregadas habilmente como arma estratégica. Os homens, condicionados desse modo, acreditam cegamente no futuro, olham só para ele, e mesmo os fatalistas, que vislumbram um "negro futuro", admitem que, se uma exceção imprevisível ou um milagre oferecem uma "saída" à civilização, ela se encontra, de todos os modos, no "futuro"; o passado é, em qualquer caso, motivo de indiferença geral.

Este "fato evidente" representa, sem dúvida, um importante triunfo para a Sinarquia; mas um triunfo que não é definitivo. Em efeito, vimos que a máxima pressão da Estratégia Sinárquica se aplica em APAGAR o passado, em obscurecer a recordação da origem divina, e que tal araque se produz como REAÇÃO à AÇÃO GNÓSTICA do Gral. Mas o Gral NÃO É APENAS um fruto proibido, consumido pelo homem em tempos remotos, imediatos à sua escravização.

O Gral é uma realidade QUE PERMANECERÁ no mundo enquanto o último Espírito hiperbóreo continue cativo. Pelo Gral sempre é possível que o homem DESPERTE E SE RECORDE.

Mas, para gozar de sua gnose, é imprescindível compreender que o Gral, como REFLEXO DA ORIGEM, ilumina no sangue A PARTIR DO PASSADO. Sua luz vem AO CONTRÁRIO DO SENTIDO DO TEMPO, e por isso ninguém que tenha sucumbido à Estratégia Sinárquica poderá receber sua influência. Já comprovamos que uma poderosa Estratégia cultural "projeta o homem para o futuro" e tenta apagar seu passado e confundir suas recordações. Mas o Gral NÃO SE DEVE BUSCAR OLHANDO O FUTURO, pois assim jamais será encontrado. A rigor da verdade, o Gral NÃO DEVE SE BUSCAR, ABSOLUTAMENTE, se com tal verbo, "BUSCAR", entendemos uma ação que implique em "movimento". Só "buscam" o Gral aqueles que não compreenderam seu significado metafísico e acreditam, em sua ignorância, que se trata de um "objeto" que pode ser "encontrado". Recordemos uma das

histórias medievais sobre o Gral que, ainda que deformada por sua adaptação judaico-cristã, conserva muitos elementos da Tradição Hiperbórea. Nela, Parsifal, o louco puro, sai para "buscar" o Gral. Em sua ignorância, comete o desatino de empreender a busca "viajando" cavalheirescamente por diferentes países. Este "deslocamento" visa ESSENCIALMENTE PARA O FUTURO, porque em todo movimento há uma temporalidade imanente e inevitável e, naturalmente, Parsifal jamais "encontra" o Gral "buscando-o" no mundo. Passam-se, assim, anos de busca inútil, até que compreende esta simples verdade. Então, um dia, completamente nu, apresenta-se diante de um castelo encantado e, uma vez dentro, APARECE-LHE O GRAL (não o encontra) e seus olhos são abertos. Percebe então que o TRONO ESTÁ VAGO e decide reclamá-lo, transformando-se finalmente em Rei.

Devemos ver nessa alegoria o seguinte: Parsifal compreende que o Gral NÃO DEVE SER BUSCADO no mundo (Valplads), através do tempo (Consciência fluente do Demiurgo), e decide se valer de uma VIA ESTRATÉGICA HIPERBÓREA. Para isso, SITUA-SE "nu" (sem as premissas culturais preeminentes) em um castelo ("praça" fortificada pela lei do cerco), dessincronizando-se do "tempo do mundo" e criando um "tempo próprio", inverso, que "visa o passado". Então, APARECE o Gral e "abre seus olhos" (recordação de sangue; Minne). Parsifal percebe que "o trono está vago" (que o Espírito ou Vril pode ser recuperado) e decide reclamá-lo (submete-se às provas de pureza das vias secretas de liberação) e se transforma em Rei (transmuta-se em Siddha imortal).

Esperamos ter esclarecido que o Gral não deve ser buscado, pois ele aparece apenas quando a consciência do virya se dessincronizou do tempo do mundo e se despojou da máscara cultural. Desejamos mostrar agora outro aspecto da reação inimiga que a presença do Gral motivou.

Pelo Gral o homem comete o crime de despertar: "pecou" e o castigo se cobra na moeda da dor e sofrimento, pela encarnação e a lei do Karma. Os encarregados de velar pela Lei e aos quais mais ofende a recordação hiperbórea dos homens despertos são os "anjos guardiões", quer dizer, os Demônios de Chang Shambala e sua Hierarquia Branca. Há, à parte desta, uma REAÇÃO DIRETA DO DEMIURGO que convém conhecer. Mas, como tal reação repetiu-se muitas vezes, desde que os Espíritos hiperbóreos foram encadeados ao jugo da carne, uma exposição completa deveria abarcar um lapso de tempo enorme, que vai além da História oficial e se perde na noite de Atlântida e Lemúria. Desde já, não podemos embarcar em um relato semelhante; e só por isso nos referiremos à reação do Demiurgo EM TEMPOS HISTÓRICOS; mas não se deve esquecer que tudo quanto se diga

sobre este fato NÃO É EXCLUSIVO DE UMA ÉPOCA, mas foi e certamente voltará a ser.

Quando se apresenta a pergunta, ingênua, sobre: "como são os mundos de onde procede o Espírito cativo?", acreditando que pode existir alguma imagem que represente a inimaginável Hiperbórea, a Sabedoria Hiperbórea costuma responder com uma figura metafórica; diz assim ao ignorante aprendiz: "Imagine que um grão de poeira recebe um fraco reflexo dos Mundos Verdadeiros e suponha que, logo, tal grão de poeira é dividido e reorganizado em infinitas partículas. Faça outro esforço de imaginação e suponha agora que o Universo material que você conhece e habita foi construído com os pedaços daquele grão de poeira. A Sabedoria Hiperbórea lhe diz: se é capaz de reintegrar em um ato de imaginação a imensa multiplicidade do cosmo no grão de poeira original, então, vendo-o em sua totalidade, perceberá um fraco reflexo dos Mundos Verdadeiros. Se é capaz de reintegrar o Cosmo em um grão de poeira, verá apenas uma imagem deformada da Pátria do Espírito. Isso é tudo o que se pode conhecer A PARTIR DAQUI".

A metáfora se torna transparente se se considera que o Demiurgo construiu o Universo imitando uma torpe e deformada imagem dos Mundos Verdadeiros. Insuflou Seu Alento na matéria e a ordenou, com o objetivo de "copiar" o fraco reflexo que, um dia, recebeu das Esferas Incriadas. Mas nem a substância era a adequada nem o Arquiteto estava capacitado para isso e, somado a esses males, deve se considerar a intenção perversa de pretender REINAR COMO DEUS DA OBRA, à semelhança (?) do Incognoscível. O resultado está visível: um inferno maligno e demencial, no qual, muitíssimo tempo depois de sua criação, por um Mistério de Amor, incontáveis Espírito imortais foram escravizados, encadeados à matéria e sujeitos à evolução da vida.

A característica principal do Demiurgo é, evidentemente, a IMITAÇÃO, por meio da qual tentou reproduzir os Mundos Verdadeiros e cujo resultado foi este vil e medíocre Universo material. Mas é nas diferentes partes de Sua Obra que se percebe a alucinante persistência em imitar, repetir e copiar. No Universo, "o todo" sempre é cópia de "algo": os "átomos", todos semelhantes; as "células", que se dividem em pares análogos; os "animais sociais", cujo instinto gregário se baseia na "imitação"; a "simetria", presente em uma infinidade de fenômenos físicos e biológicos; etc. Sem se estender em mais exemplos, pode-se afirmar que a esmagadora multiplicidade formal do real é

só uma ilusão, produto do cruzamento, intersecção, combinação, etc., de umas poucas formas iniciais. Na verdade, o Universo foi feito a partir de contados elementos diferentes, não mais do que vinte e dois, que sustentam, por suas infinitas combinações, a totalidade das formas existentes.

Levando em conta o princípio imitativo que rege a obra do Demiurgo, podemos considerar agora SUA REAÇÃO DIRETA ante a presença do Gral.

Dissemos que o Gral DIVINIZA as linhagens hiperbóreas, ao PROVAR, de maneira irrefutável, a verdade da origem; e que tal reação dos Demônios foi considerar as mesmas como LINHAGENS HERÉTICAS, merecedoras do castigo mais terrível.

Mas, enquanto os Demônios se ocupavam em castigar os viryas com as pesadas correntes do Karma, muito outra seria a atitude do Demiurgo. Ele, segundo sua característica, quis IMITAR, e ainda superar, as linhagens hiperbóreas, fundando uma RAÇA SAGRADA que o represente DIRETAMENTE, quer dizer, que CANALIZE SUA VONTADE; e por intermédio da mesma, reinar sobre os Espíritos encarnados. Uma "raça sagrada" que se levante no próprio meio dos povos condenados à dor e ao sofrimento da vida e que, triunfando sobre eles, termine por infringir-lhes a humilhação final de submetê-los à Sinarquia dos Demônios. Então as linhagens hiperbóreas, afundados no barro da degradação espiritual, exalarão seus últimos lamentos e esses gritos de dor, esses uivos de terror, serão a doce música com que a raça sagrada presenteará seu "Deus" Jeová-Satanás, o Demiurgo da Terra.

Como já dissemos, o Demiurgo tentou muitas vezes esse projeto; "os ciganos", por exemplo, são o remanescente étnico de uma "raça sagrada" que prosperou na última Atlântida, quando os Siddhas da Face Tenebrosa submeteram à Sinarquia do Horror as linhagens hiperbóreas. Os Espíritos encarnados viram-se ali precipitados às mais infames práticas: o sangue divino se degradou e se confundiu, por meio da mistura indiscriminada de raças e, o que é pior, conseguiu-se realizar cruzamentos férteis entre homens e animais, com o concurso de magia negra; imolaram-se milhares de vítimas humanas para saciar a sede de sangue de Jeová-Satanás, adorado ali em seu aspecto de "Deus dos exércitos infernais". A crueldade, a orgia coletiva, diferentes formas de drogadição, etc., eram todos "costumes" que as linhagens hiperbóreas tinham adotado; enquanto nos olhos da "raça sagrada" brilhava de gozo o olhar do Demiurgo; a Sinarquia do Horror exercia sua tirania de oricalco. Em tal estado de degradação, já ninguém era capaz de receber a luz do Gral, nem de escutar o canto dos Siddhas. Por isso, Cristo-Lúcifer decidiu manifestar-se À VISTA DOS HOMENS. E o fez, acompanhado

por uma guarda de Siddhas Hiperbóreos, e isso determinou o fim da Atlântida...

Mas esta é uma história antiga. Em tempos recentes, o Demiurgo resolveu REPETIR novamente, imitando as linhagens hiperbóreas, a criação de uma "raça sagrada" que o represente e à qual estará reservado o alto destino de reinar sobre todos os povos da Terra. Com o pacto de sangue celebrado entre Jeová-Satanás e Abraão, fica fundada a "raça sagrada" e seus descendentes, os hebreus, constituirão o "povo eleito". Assim como os Espíritos hiperbóreos divinizados pela presença do Gral representam a "linhagem herética" por excelência, os hebreus, diante deles, se apresentarão como a "linhagem mais pura da Terra".

Israel, povo escolhido por Jeová-Satanás para que seja seu representante na Terra, quais títulos exibirá como PROVA IRREFUTÁVEL de que tal é Sua Vontade? O Demiurgo, seguindo seu habitual sistema de "imitar", raciocina deste modo: "Se, pela gema de Cristo-Lúcifer, o Gral, a linhagem hiperbórea foi divinizada, também por uma "pedra do céu" será consagrada a estirpe de Abraão. Colocarei no mundo uma pedra, na qual estará escrita Minha Lei, como PROVA IRREFUTÁVEL de que Israel é o povo eleito, ante o qual deverão se humilhar as demais nações".

Tal é a reação direta do Demiurgo. Escolhe, dentre uma porção da humanidade, o povo mais miserável; e após pactuar com ele, o faz "crescer" à sombra de reinos poderosos. Quando decide que a "raça sagrada" chegou no momento de cumprir sua missão histórica, "renova o pacto", entregando a Moisés a chave do Poder. Então Israel, a linhagem mais pura da Terra, atravessa os milênios e marcha para seu futuro de glória, enquanto os impérios e os reinos se afundam no pó da História. Sem dúvida, foi efetiva a reação do Demiurgo e poderosos foram os efeitos de Sua Pedra, a força de Sua Lei. Por isso, cabe perguntar: o que é, na realidade, o que Jeová-Satanás entrega aos hebreus como instrumento de poder e de dominação universal? Diremos sinteticamente: as "tábuas da Lei" contêm o segredo das vinte e duas vozes que o Demiurgo pronunciou quando ordenou a matéria e pelas quais foi formado todo o existente. O conjunto de símbolos contidos nas Tábuas da Lei é o que antigamente se conheceu como CABALA ACÚSTICA. Na Atlântida, este conhecimento foi, a princípio, patrimônio de outra "raça sagrada"; mas, mais adiante, os Guardiões da Arte Lítica, antepassados do Cro-magnon e pais da raça branca, chegaram a dominar completamente.

"As Tábuas da Lei" é então "a pedra" que o Demiurgo colocou no mundo, como suporte metafísico da "raça sagrada", imitando o conjunto "linhagem hiperbórea/Gral". Porém, como em todas as "imitações" do Demiurgo, não se deve ver aqui uma equivalência demasiadamente exata. O Gral, a partir do passado, reflete para cada um dos viryas a origem divina e constitui uma tentativa de Cristo-Lúcifer para acudir em ajuda aos Espíritos cativos ou, em outras palavras, a influência do Gral visa o individual e o espiritual. As Tábuas da Lei, pelo contrário, visam o coletivo e material; elas representam o pacto racial, coletivo, entre Jeová-Satanás e o povo hebreu e, além disso, seu conteúdo cabalístico revela as chaves que permitem dominar todas as ciências materiais.

Se a confusão estratégica, a encarnação, o encadeamento à Lei do Karma, etc., são males terríveis que acossam os Espíritos hiperbóreos, a convivência terrestre com uma "raça sagrada" de Jeová-Satanás é, sem dúvida, o mais espantoso pesadelo, ainda pior do que qualquer dos infortúnios mencionados. Porque, a partir do "pacto renovado" com Moisés, a inimizade RACIAL entre as linhagens hiperbóreas ("heréticas") e a linhagem sagrada ("hebraica") será permanente e eterna, com a desvantagem irreversível para os primeiros de que a Vontade infernal do Demiurgo se expressará irresistivelmente por meio dos segundos.

Depois do "aparecimento" de Israel, só resta aos viryas a alternativa dramática de regressar à Origem ou sucumbir definitivamente.

Escavando no mito hebreu de Abel e Caim, sob um véu de calúnias, pode-se perceber uma descrição acertada da inimizade racial e teológica entre hebreus e hiperbóreos. Em tal mito, Abel, que é pastor de rebanhos, representa o TYPO básico do hebreu; e Caim, o lavrador, a figura do virya. Conta a lenda que, para Jeová-Satanás, são agradáveis as oferendas de sangue de Abel, o pastor, consistentes no sacrifício dos cordeiros primogênitos "com sua gordura"[61]. Ao contrário, desprezou os "frutos da terra" que Caim exibia, a quem condenou finalmente a levar uma "marca", um "signo", que delate sua condição de "assassino".

Este curioso critério afetivo de Jeová-Satanás perpetuou-se através dos séculos no ódio que os hebreus sentem para com as linhagens

[61] *Ao avaliar as "oferendas de sangue", não se deve confundir jamais a figura do "pastor" com a do "caçador". O pastor é o que degola sua vítima PREVIAMENTE DOMESTICADA. O caçador, ao contrário, como o guerreiro, obtém sua presa após lutar com ela e vencê-la.*

hiperbóreas, ódio que, não esqueçamos, PROVÉM DO DEMIURGO. É interessante aprofundar mais sobre a figura de Caim. Segundo a Bíblia foi, além de agricultor, o primeiro que CONSTRUIU CIDADES AMURALHADAS e o inventor dos pesos e medidas. Seu descendente, Tubal-Caim (desdobramento mítico do próprio Caim), foi fabricante de armas e instrumentos musicais.

Se observamos agora esta figura de Caim, à luz da Sabedoria Hiperbórea, comprovaremos que possui muitos dos atributos característicos dos viryas hiperbóreos. Antes de mais nada, a associação da Agricultura com a construção de cidades amuralhadas é uma antiquíssima fórmula estratégica hiperbórea que empregaram, recentemente, por exemplo, os etruscos e os romanos, e que foi expressada com perfeição pelo rei germânico Enrique I, o Passarinheiro, ídolo de Heinrich Himmler e de Walter Darré[62]. Por outro lado, o invento dos pesos e medidas, que os hebreus atribuem a Caim, os gregos a Hermes e os egípcios a Thoth, permite identificar Caim com esses dois Deuses hiperbóreos. E, por último: a acusação de assassino e a condição de fabricante de armas, revela claramente que a figura de Caim representa alguns GUERREIROS TEMÍVEIS, talvez os BERSERKIR; a delatar ou assinalar essa qualidade visa certamente a famosa marca.

Na Bíblia, o livro sagrado do "povo eleito", no mito de Abel e Caim, encontram-se perfeitamente reveladas as regras do jogo. Na "preferência" de Jeová-Satanás pelos pastores hebreus, representados por Abel; e no desprezo e castigo das linhagens hiperbóreas, simbolizados por Caim, aparece apresentado o conflito metafísico das origens; mas atualizado agora como confrontação cultural e biológica. A raça sagrada hebraica veio trazer a Presença de Jeová-Satanás (Presença CONSCIENTE, diferente do SOPRO PANTEÍSTA com que o Demiurgo anima a matéria) ao plano da vida humana, da encarnação, da dor, do sofrimento. Por isso, a antiga inimizade transcendente entre espíritos cativos e Demônios se transforma em inimizade imanente entre as linhagens hiperbóreas e o Universo material, dado que a raça sagrada é MALKHOUTH, o décimo SEPHIROTH, quer dizer, um aspecto do Demiurgo. Isto deve se entender assim: ISRAEL É O DEMIURGO. Vale a pena esclarecer. Segundo os ensinamentos secretos da Kabala e tal como se

---

[62] *Na Terceira Dissertação, "O incrível segredo de H.Himmler" se retornará a esta relação.*

pode ler no Livro do Esplendor ou SEPHER YETSIRAH, quer dizer, acudindo às fontes mais confiáveis da Sabedoria Hebraica, para a "criação" da "raça sagrada", Jeová-Satanás manifesta um de seus dez aspectos ou SEPHIROTH. O décimo Sephiroth, MALKHOUTH (O REINO) É O PRÓPRIO POVO DE ISRAEL, de acordo com os textos oficiais hebreus, o qual tem um nexo metafísico com o primeiro Sephiroth, KETHER (COROA), que é a Cabeça ou Consciência suprema do Demiurgo[63]. Em outras palavras, há identidade metafísica entre Israel e Jeová-Satanás ou, se quiser, "ISRAEL É JEOVÁ-SATANÁS".

Como dizíamos antes, a inimizade entre a raça sagrada e as linhagens hiperbóreas, inimizade que vimos declarada no mito de Abel e Caim, significa um confronto entre estas e o Universo material, dado o caráter de Malkhouth, desdobramento do Demiurgo, que Israel ostenta. Com Malkhouth, o Demiurgo quis impor A REALEZA da linhagem sagrada hebraica aos restantes povos da Terra. Se estes povos gentios ESQUECERAM O PASSADO e se submeteram ao Plano que a Hierarquia Branca leva adiante, então aceitarão de bom grado a SUPERIORIDADE HEBRAICA e o mundo marchará alegremente para a Sinarquia. Mas, ai daqueles GOYM que não renunciem à sua herança hiperbórea e persistam em recordar o conflito das origens! Não haverá lugar para eles na Terra, porque com a Presença de Malkhouth, a linhagem sagrada de Israel, o Demiurgo assegura sua perseguição e imediato aniquilamento. Dramático destino o do Espírito cativo! Durante milênios, RECORDAR A ORIGEM, quer dizer, exibir uma linhagem herética, era castigado pelos Demônios com um forte Karma, e a dor, o sofrimento, eram tão terríveis que acabava esquecendo. Mas, enquanto esta degradação ocorria, no fundo de seu coração, fervendo em seu sangue, o condenado podia participar da Minne e acessar a GNOSE; era seu direito; se conseguia elevar-se do pântano da confusão espiritual, ninguém podia impedi-lo de que recebesse a luz do Gral nem que escutasse o canto dos Siddhas. Com Israel, nem esta miserável oportunidade de despertar seria possível, pois o conflito foi apresentado em termos biológicos, raciais, culturais...: quem se comprometa na contenda, deve agora arriscar tudo, pois ao enfrentar Israel se está enfrentando o próprio Demiurgo.

---

[63] *Segundo a Kabala, Malkouth, a realeza, se transforma em SHEQUINAH "depois do pecado de Adão" e assim permanecerá, como aspecto feminino de Jeová-Satanás, "até a vinda do Messias". Para não complicar o comentário, empregaremos somente o conceito de Malkhouth.*

Israel avança na História com uma força irresistível. Suas grandes ideias vão dominando pouco a pouco a cultura do Ocidente, paralelamente ao crescimento de sua potência financeira. Quem será capaz de opor-se à força conjunta do judaico-cristianismo, da judaico-maçonaria, do judaico-marxismo, do sionismo, do Trilateralismo? Quem poderia "quebrar" os bancos de ROTHSCHILD, de JACOB SCHIFF, de KUHN AND LOES, de ROCKEFELLER, etc.? E quem competirá com os hebreus no campo da ciência ou da arte? Já descrevemos na Primeira Dissertação o fantástico PODER MATERIAL da Sinarquia; contra estas forças organizadas, o virya não tem a menor chance. Por isso, ante tão formidável poder, a única alternativa estratégica válida é o confronto racial: à raça sagrada de Jeová-Satanás opor a linhagem hiperbórea dos Espíritos cativos. E neste choque de linhagens, nesta guerra levada ao terreno do sangue, o virya desperto, aquele que recorde e deseje regressar, deverá escutar o canto dos Siddhas e, seguindo uma via secreta de liberação, encontrar "a saída", conquistar o Vril, e transmutar-se em Divino Hiperbóreo imortal. Terá cumprido assim com a primeira parte da Estratégia "O". Mas se um líder carismático, desperto e transmutado, se coloca à frente de uma comunidade racial e decide guiar os viryas CONJUNTAMENTE de regresso à origem, poderá aplicar em sua totalidade a Estratégia "O", aproveitando a presença do Gral. Neste caso, o líder apresentará a Guerra Total contra as forças demoníacas da Sinarquia, mas especialmente exercerá sua máxima pressão SOBRE A RAÇA SAGRADA, pois ela representa DIRETAMENTE o inimigo, ou seja, o Demiurgo Aprisionador. Porém, só em épocas modernas, quando a presença universal da Sinarquia e o poder da raça sagrada fiquem em evidência, será possível que algum Grande Chefe identifique corretamente o inimigo e declare contra eles a Guerra Total.

A inimizade irreconciliável entre a linhagem sagrada hebraica e a linhagem herética hiperbórea poderia ser exemplificada considerando as infinitas vezes em que se produziram confrontos e descrevendo os diferentes resultados. Podemos assegurar que haveria material para encher vários tomos, razão pela qual devemos ser prudentes e nos referirmos ao estritamente necessário para a compreensão da Estratégia "O" dos Siddhas. Com este critério vamos considerar apenas um exemplo, mas um exemplo que será altamente esclarecedor.

As linhagens hiperbóreas, desde a mais remota antiguidade e qualquer que seja o tempo histórico ou o país considerado, concordaram

sempre que a sociedade humana devia se organizar ao redor de três funções principais: régia, sacerdotal e guerreira. A HARMONIA e a INDEPENDÊNCIA das três funções garantiria um certo equilíbrio apropriado para os tempos de paz e de prosperidade, ou seja, QUANDO A SOCIEDADE PROGRIDE MATERIALMENTE PARA O FUTURO. Em distintas épocas de sua história, muitíssimos povos de linhagem hiperbórea experimentaram breves períodos nos quais o equilíbrio das três funções permitiu desfrutar dessa tranquilidade social, medíocre e cortesã, que ocultava, na realidade, uma ausência total de contato carismático entre a massa do povo e seus líderes, situação típica que se caracteriza pela indiferença geral[64]. Quando uma sociedade se estabiliza desta maneira, a Hierarquia Branca de Chang Shambala afirma que "evolui" e que "progride". É, pois, do interesse dos Demônios levar a humanidade a um estado de equilíbrio permanente das três funções. Com qual objetivo? Para preparar o advento da Sinarquia[65], quer dizer, a Concentração de Poder em mãos de uma Sociedade Secreta ou confraria oculta. Que finalidade tem se concentrar o poder em mãos de seres que agem nas sombras? A resposta está relacionada com a manifestação, da parte do Demiurgo, de MALKHOUTH, a raça sagrada: O PODER SOBRE AS NAÇÕES PERTENCE (nesta etapa do Kaly Yuga) A ISRAEL, COMO HERANÇA DE JEOVÁ-SATANÁS E PROVA DE SUA LINHAGEM TEOLÓGICA. ENQUANTO NÃO CHEGA O TEMPO DE ISRAEL, A SINARQUIA SERÁ A REGENTE DO PODER CONCENTRADO PELA HIERARQUIA BRANCA.

Compreende-se que os Siddhas, frente a semelhante conspiração, procurem desestabilizar o equilíbrio sinárquico das sociedades e influam carismaticamente nos viryas, a fim de despertar um deles e transmutá-lo em líder hiperbóreo. Tal é, fundamentalmente, o objetivo da Estratégia "O". Por isso, o canto dos Siddhas chama sem cessar no sangue puro e o Gral é uma presença permanente, que mostra, a quem o queira ver, o reflexo da origem divina do Espírito.

Mas não se deve acreditar que a Estratégia "O" só tem êxito quando acontece uma autêntica transmutação de virya em Siddha imortal; esse é, sem dúvida, o mais êxito mais importante; mas o mesmo não é muito

---

[64] *A reversão desta apatia social requer o emprego de uma Mística Hiperbórea, questão que se tratará amplamente no livro 4.*

[65] *A palavra Sinarquia significa etimologicamente Concentração de Poder, de SYN = concentração e ARKHIA = poder.*

frequente, especialmente no caso de líderes ou condutores de povos. Há, ao contrário, outros casos, não tão vistosos nem evidentes como uma transmutação, mas cuja influência benéfica na organização das sociedades motivou que se os considere também como êxitos da Estratégia "O". Referimo-nos especificamente àqueles líderes que, com certo grau de inconsciência, escutam o canto carismático e intuem alguns princípios da Sabedoria Hiperbórea. Como não se encontram completamente despertos e ignoram a procedência da "mensagem", passam a aplicar no governo de seus povos os princípios estratégicos, tomando-os por invenção própria. Poderíamos citar muitíssimos exemplos, mas terá particular interesse para nós considerar o caso daqueles que "descobriram", sem o saber, o princípio do cerco.

Quando, na estrutura mental de um líder, incorporou-se o "princípio do cerco", seu sangue puro, e com este o canto dos Siddhas, o impulsiona a aplicar a "lei do Cerco" em todos os seus atos concretos. Surgem assim, desde sociedades particulares até teorias políticas, filosóficas, morais, etc., concebidas e executadas de acordo à lei do cerco, no quadro da Estratégia "O". Um exemplo típico é a ideia do "Império Universal". Vale a pena comentá-la.

Quando a Estratégia "O" consegue despertar a natureza divina em algum líder, é factível que sua posterior atividade provoque notáveis mudanças sociais. Se é rei, quer dizer, se detém a função régia, avançará gibelinamente sobre a função sacerdotal e, com o apoio da função guerreira, tratará de expandir os limites de seu Estado. Se o líder é um guerreiro notável, não tardará em cingir-se a coroa, para depois, esmagando a função sacerdotal, lançar-se à tarefa de organizar um Estado militar. Na maioria dos casos, o desequilíbrio das três funções se realiza às custas da função sacerdotal, que costuma ser lunar e sinárquica. O importante é que o líder, rei ou guerreiro, ao aplicar a lei do cerco na sua visão da sociedade, conclui geralmente em concordar na ideia do Império Universal como a mais apropriada para demonstrar a superioridade de sua raça e para perpetuar a recordação de sua estirpe.

O Estado universal de Accad; os Impérios de Assíria e Babilônia; o Grande Império Persa, destruído por Alexandre Magno; o Império Romano; etc., foram concebidos do mesmo modo: pela aplicação da lei do cerco, no quadro da Estratégia "O", que os líderes hiperbóreos fizeram, no decorrer dos milênios. Não podemos deixar de mencionar que muitas "ideias modernas"

registram o mesmo procedimento em sua concepção: como as distintas variantes do "nacionalismo", o fascismo, o falangismo, o nacional-socialismo, as "federações" e "confederações", etc. Estas e muitas outras teorias políticas são o produto da aplicação da lei do cerco por parte de alguns líderes modernos. No caso do "fascismo", nacional-socialismo, etc., é mais evidente que têm um nexo bastante estreito com a antiquíssima ideia do Império Universal, o que explica, de maneira eloquente, o porquê de tais ideologias terem sido perseguidas até o aniquilamento pela raça sagrada e as forças da Sinarquia.

É que justamente a ideia do "Império Universal", que é hiperbórea e surge da aplicação da lei do cerco, opõe-se irredutivelmente à ideia da "Sinarquia Universal", propiciada pela Hierarquia Branca de Chang Shambala, e levada adiante em favor da raça sagrada.

Tínhamo-nos proposto a dar um exemplo da inimizade irreconciliável entra a linhagem herética hiperbórea e a linhagem sagrada hebraica; e isso ficou manifestado na oposição entre Império Universal e Sinarquia, quer dizer, entre suas respectivas concepções ideais da sociedade. Munido destas chaves, qualquer um pode revisionar a História e tirar suas próprias conclusões; não é, pois, necessário insistir mais sobre isso.

Dissemos anteriormente que a "raça sagrada" foi criada pelo Demiurgo como IMITAÇÃO das linhagens hiperbóreas, e mostramos que "As Tábuas da Lei" e o terrível conhecimento com que estavam escritas, foram entregues aos hebreus à SEMELHANÇA do Gral. Podemos acrescentar agora que a "imitação" não terminou ali; pelo contrário, durante séculos preparou-se uma infernal falsificação histórica que, nos fatos, viria a significar um insulto infinitamente mais ofensivo do que a imitação das linhagens hiperbóreas ou do Gral. Estamos falando da usurpação, vulgarização e degradação perpetrada contra a figura divina de Cristo-Lúcifer.

Já mencionamos que, durante os dias de maior decadência espiritual da Atlântida, Cristo-Lúcifer MANIFESTOU-SE à vista dos viryas perdidos. Sua presença teve a virtude de purificar e orientar muitos viryas, os quais, graças a essa descida aos infernos realizada pelo Galhardo Senhor, puderam assim empreender o caminho de regresso. Porém, a reação covarde dos Siddhas da Face Tenebrosa, que recorreram ao emprego da magia negra para impedir o resgate, conduziu finalmente a uma guerra sem trégua, que só terminou quando desapareceu a última Atlântida. E ainda que o continente atlante tenha desaparecido, devorado pelas águas, e milhares de anos de barbárie e confusão estratégica apagassem estes fatos da História, não é menos certo que o drama vivido foi tão intenso que jamais se obscureceu totalmente na

memória coletiva das linhagens hiperbóreas. Por isso, quando o Demiurgo concebeu a sinistra ideia de imitar, grosseiramente, a imagem redentora de "Cristo-Lúcifer descendo entre os homens", era inexorável que tal infâmia desencadearia mudanças irreversíveis e confrontos definitivos.

O que pretendia desta vez o Demiurgo? Ainda que pareça incrível, desejava produzir, como IMITAÇÃO da transmutação hiperbórea, UM SALTO na humanidade. Mas não nos assustemos demasiadamente: o que se buscava era um salto para diante, PARA O FUTURO; e sobretudo, tentava-se CINGIR os membros da humanidade, sem distinção alguma de sua raça ou religião, a um TYPO PSICOLÓGICO universal, ou seja, a um ARQUÉTIPO COLETIVO. Esse arquétipo, é claro, era o da RAÇA HEBRAICA; pois o que se queria, definitivamente, era JUDAIZAR a humanidade e prepará-la para o Governo Mundial da Sinarquia.

Para levar avante um plano tão ambicioso, colocar-se-iam em movimento numerosas forças, que chegariam até a figura do Messias e fariam possível seu ministério terrestre. Para a missão de "preparar o veículo" mediante o qual Jeová-Satanás se manifestaria aos homens, foi encarregado um dos Mestres de Sabedoria da Hierarquia Branca, que seria conhecido, após sua encarnação, como Jesus de Nazaré. Tampouco se descuidou da questão da linhagem; e por isso o Mestre Jesus encarnou no seio de uma família hebraica, cuja genealogia podia retroceder até Abraão. Mas o corpo físico do Messias possuiria uma constituição diferente da de um simples hebreu: Maria seria engravidada "com o olhar" por um dos Demônios da Hierarquia, o "Anjo Gabriel", que, na realidade, emprega o método de "intersecção de campos", uma das três formas de partenogênese que existem[66]. O Mestre Jesus animaria durante trinta anos esse corpo superior, mas seria a seita essênia que, durante todo esse tempo se encarregaria de desenvolver suas potencialidades esotéricas, treinando-o nos segredos da Kabala acústica. Nesta tarefa os essênios seriam assistidos pelos Mestres da Hierarquia, e estes pelos Siddhas Traidores; Chang Shambala toda havia se concentrado em sustentas o Messias, já que do êxito de sua missão dependeria, em grande medida, a "evolução" futura da humanidade. Se a obra do Messias triunfasse, a humanidade inteira seria "civilizada", quer dizer,

[66] *Na Terceira Dissertação descrevem-se os três métodos de Partenogênese.*

judaizada, e se acabaria a "barbárie", quer dizer, a recordação mitológica dos ancestrais divinos.

O mais horroroso desta conspiração era que o Demiurgo e seus Demônios, contavam, desta vez, COM A RECORDAÇÃO DE SANGUE que as linhagens hiperbóreas ainda guardavam do Cristo da Atlântida, para "atraí-los" para sua imitação, o Jesus-Cristo e, mediante uma fantástica confusão, submetê-los definitivamente. Com que colossal hipocrisia se planejou e se executou o engano! Após Jesus-Cristo, quem seria capaz de distinguir entre o Cristo da Atlântida e sua caricatura? Somente alguns poucos suspeitaram do engano, gnósticos, maniqueus e cátaros; e contra eles caiu o anátema das Forças Escuras, a perseguição e o aniquilamento. É que este Jesus-Cristo, como arquétipo judaico que é, permite muitas interpretações, todas "legais", segundo a conveniência da Sinarquia: há um Cristo redentor; um Cristo de piedade; um Cristo "que virá"; um Cristo-Deus; um Cristo-homem; um Cristo revolucionário social; um Cristo Cósmico; um Cristo Avatar, etc.

O que jamais se permitirá conceber (ou "recordar") a ninguém é um Cristo Luz, quer dizer, um Cristo-Lúcifer. Depois de Jesus Cristo, esse será o maior pecado, a maior heresia e o castigo merecido será castigo exemplar.

"No ano 30 da 'era cristã', o Verbo se fez carne e habitou entre os homens". Aquele por cuja Palavra foi criado o mundo, vestiu-se com a roupa de seu Arquétipo Hebreu, Malkhouth, e se manifestou aos homens na pessoa de Jesus de Nazaré. Fenômeno dos fenômenos, Maravilha das maravilhas, que espetáculo prodigioso terá sido ver o Demiurgo feito homem! Há que se reconhecer que, desta vez, há uma inegável qualidade em sua infernal ideia de imitar o Cristo da Atlântida e aproveitar-se da recordação de sangue dos viryas. O resultado está à vista. Pouco a pouco, os povos saíram da "barbárie" e a "civilização" alcançou até os últimos cantos da Terra. E os homens, lenta mas inexoravelmente, foram se adaptando ao padrão psicológico judeu. Como se logrou esse êxito? Por qual alquimia coletiva a efêmera vida de Jesus Cristo conseguiu influir sobre os povos durante milênios, até desembocar em sua completa judaização? Foi apenas a recordação de sangue do Cristo da Atlântida o que determinou tal resultado, ou houve outros fatores ocultos que contribuíram para a confusão da humanidade e à sua judaização atual? Sem entrar em muitos detalhes, dado que o tema leva tempo, podemos dizer que o Arquétipo Hebreu de Jesus Cristo, que se encontrava, da mesma forma que todos os arquétipos, em um Plano Arquetípico ou Psicoesfera ao redor da Terra, foi PRECIPITADO AO PLANO FÍSICO ou ATUALIZADO durante a encarnação do Demiurgo no corpo de Jesus de Nazaré. Tal atualização do arquétipo Malkhouth significa

que se estabeleceu UMA FORÇA PERMANENTE NA TERRA, a qual atua de maneira equivalente à gravitacional, "empurrando" o homem para a FORMA (MORFHE) JUDAICA. Isso é devido a uma razão QUE É TAMBÉM UM TERRÍVEL SEGREDO: JESUS-CRISTO NÃO DESENCARNOU! Pelo contrário, situou-se desde então "no centro da Terra", junto ao Rei do Mundo, irradiando dali sua "potência arquetípica" (hoje diríamos "informação genética") em infinitos eixos geotopocêntricos que saem do centro terrestre e atravessam a coluna vertebral dos homens. Esta é a força arquetípica permanente de Jesus-Cristo. Mas não é a única: também age sobre o homem uma influência Judaica EMOCIONAL, irradiada do próprio "povo eleito" de Israel, já que a raça sagrada faz parte da anatomia oculta da Terra, cumprindo a função de CHAKRA CORAÇÃO ou ANAHATA CHAKRA.

Com respeito à última pergunta, vale a pena destacar que o "animal-homem" ou pasu, criado pelo Demiurgo há milhões de anos para que "evoluísse" de acordo com o Plano que seguem os sete reinos da natureza, tendia naturalmente a formar um TYPO que respondia a alguns arquétipos básicos. Porém, desde o ano 33 da era cristã. pode-se assegurar que o arquétipo judaico de Jesus Cristo é agora o arquétipo psicológico do pasu, quer dizer, o TYPO para o qual tende por evolução. Isto significa que, nos viryas, aqueles que possuem, pelo antigo Mistério de Amor, uma herança animal, as tendências do pasu lhes impulsionarão inconscientemente para o arquétipo judaico. Somente a pureza de sangue poderá evitar o predomínio das tendências animais do pasu e o consequente perigo de corresponder psicologicamente ao arquétipo judaico.

Já mostramos de que maneira o Demiurgo levou o conflito original ao terreno do confronto racial, após criar a raça sagrada como imitação das linhagens hiperbóreas divinizadas pelo Gral. Agora acabamos de ver como uma nova imitação, desta vez de Cristo Lúcifer, significou outro avanço destruidor contra as linhagens hiperbóreas. A poderosa força formadora do arquétipo Judaico de Jesus Cristo, atuando desde o centro da Terra, em todo tempo e lugar, aumentou tremendamente o sono em que se encontrava, desde outrora, a "consciência de sangue" dos viryas. No campo de batalha do sangue lutam agora sem trégua duas forças esotéricas: o canto dos Siddhas e a tendência arquetípica judaica de Jesus Cristo. E o "despertar" tornou-se, então, uma luta terrível e desesperada, travada no interior e no exterior de cada um, MUITAS VEZES INCONSCIENTEMENTE.

É por isso que, após Jesus Cristo, já não será possível qualificar nem povos nem organizações, mas ter-se-á que atender especificamente o grau de confusão dos homens. Deve ser assim, porque em muitos casos, organizações sinárquicas inteiras poderão ficar sob o comando de um homem subitamente consciente de algum princípio hiperbóreo (produto da luta esotérica que se trava em seu interior), que até poderia "desviar" momentaneamente o rumo destas.

E vice-versa, em outros casos, poderá ocorrer que um grupo qualificado como "hiperbóreo" seja conduzido por personagens mais ou menos judaizados. No extremo, teremos hebreus (judeus de sangue) que se rebelam contra Jeová e tentam dramaticamente recuperar sua herança hiperbórea, caso que pode ocorrer com mais frequência do que se costuma imaginar, assim como encontraremos muitas vezes pessoas que "pelo Sangue" declaram ser perfeitos "arianos", mas que psicologicamente demonstram ser mais judeus que o Talmud. Um exemplo bem eloquente temos, observando a Igreja Católica, na qual convivem os adoradores de Jesus Cristo e do Demiurgo, junto a padres nacionalistas e patriotas, que servem à causa de Cristo Lúcifer e dos Siddhas sem o saberem.

Devemos, pois, ser prudentes ao qualificar as organizações humanas e, mesmo naquelas claramente sinárquicas, nos determos para avaliar o grau de confusão dos homens com os quais devemos tratar. Considera-se uma mostra de capacidade estratégica a habilidade para localizar o "homem justo", mesmo dentro de uma organização sinárquica como a maçonaria, a quem logo se falará, tratando de ISOLÁ-LO da organização na qual milita (apelando à aplicação da lei do cerco), para poder DIRIGIR-SE, mediante símbolos apropriados, À SUA PARTE HIPERBÓREA.

Um exemplo do que estamos dizendo se constitui no caso da heresia soteriológica[67] de Pelágio, chamada também de "pelagianismo". No início do século V, este bispo britânico começou a defender a teoria de que o homem, por si mesmo, é suficiente para protagonizar sua salvação. Isso é possível, segundo Pelágio, porque "há no homem um princípio de perfeição espiritual". É evidente para nós que em Pelágio predominava a linhagem hiperbórea. Seu sangue puro logo lhe permitiu perceber que a "salvação" do homem (sua "orientação") dependia de "um princípio espiritual" (ou Vril), o qual deveria ser "descoberto" e "cultivado" interiormente. Mas, onde a posição "herética" de

[67] *Chama-se SOTERIOLOGIA por tratar da SOTERIA ou dos meios de salvação e santificação.*

Pelágio acabava sendo mais clara era no referente ao pecado original: o homem não pecou absolutamente e "se Adão pecou, seu pecado morreu com ele; não se transmitiu à descendência humana". Definitivamente, "o homem é livre" e "nasce sem pecado"; daí a apresentar a injustiça da dor e do sofrimento, ou de qualquer outro castigo imposto por Jeová-Satanás, havia só um passo. Em consequência, a perseguição a Pelágio começou logo, e não acabou até sua eliminação, na África; foi levada avante pelas mais importantes autoridades eclesiásticas de sua época, o que prova o temor que produziam suas ideias, dentre os quais se destacaram os Papas Inocêncio I e Zózimo, São Jerônimo e o apóstata gnóstico São Agostinho.

No Sínodo de Cartago do ano 411, foram condenadas sete proposições, síntese de sua doutrina. Vale a pena que as recordemos agora, para comprovar que estas se derivam da Sabedoria Hiperbórea.

Eis aqui as sete proposições condenadas:

1 – Adão, mortal por sua criação, teria morrido, com pecado ou sem ele.

2 – O pecado de Adão prejudicou apenas a ele, não a linhagem humana.

3 – As crianças recém-nascidas encontram-se naquele estado em que se encontrava Adão, antes de sua prevaricação (quer dizer: antes de provar o fruto proibido do Gral).

4 – É falso que nem pela morte nem pela prevaricação de Adão tenha que morrer todo o gênero humano e que tenha que ressuscitar pela ressurreição de Jesus-Cristo.

5 – O homem pode facilmente viver sem pecado.

6 – A vida correta de qualquer "homem livre" conduz ao céu, do mesmo modo que o Evangelho.

7 – Antes da vinda de Jesus Cristo houve homens "impecáveis", quer dizer, que, de fato, não pecaram[68].

É hora de nos perguntarmos: o que aconteceu com o Gral e com sua imitação, as Tábuas da Lei, após tantos séculos de irredutível inimizade entre hebreus e hiperbóreos? Começaremos por responder a segunda parte da pergunta.

---

[68] *Tomados de B. LLORCA – Manual de Historia Eclesiástica – Pág. 180, Ed. Labor, Espanha.*

As Tábuas da Lei contêm o segredo da Kabala acústica, ou seja, a descrição das vinte e duas vozes com que o Demiurgo concretizou a criação. Para preservar este segredo dos olhares profanos, as Tábuas foram guardadas na "arca da aliança", enquanto uma "interpretação" da Kabala acústica era criptografada por Moisés nos quatro primeiros livros do Pentateuco. As vinte e duas letras hebraicas, com que foram escritas as palavras cifradas, têm uma relação direta com os vintes e dois sons arquetípicos que o Demiurgo pronunciou, o que lhes outorga um inestimável valor como instrumento mágico. Mas tais letras possuem um significado numérico; de modo que toda palavra hebraica é também um sinal gráfico suscetível de ser analisado e interpretado. Essa é a origem da Kabala numérica judaica, a qual não se deve confundir com a Kabala numérica atlante, que se encontrava referida a outro sistema de signos alfabéticos. A interpretação do conteúdo esotérico da Escritura é o objetivo da Kabala numérica; mas o conhecimento assim obtido de se considerar, do ponto de vista mágico, como muito inferior ao domínio das leis do Universo que a Kabala acústica proporciona.

Mas a Kabala acústica encontra-se "escrita" nas Tábuas da Lei e estas encerradas na arca, de onde só podiam ser tiradas uma vez ao ano, para privilégio dos sacerdotes. A arca foi enterrada em uma cripta profunda, debaixo do Templo, pelo rei Salomão, uns mil anos antes de Jesus Cristo, e permaneceu no mesmo lugar até a Idade Média, quer dizer, por vinte e um séculos. Poderíamos acrescentar QUE FOI A MANEIRA COMO SE A ENTERROU o que impediu que a arca fosse encontrada antes; mas este comentário não esclarecerá nada, se não se possuem as chaves esotéricas.

À morte de Salomão, o reino de Israel se dividiu em duas partes. As tribos de Judá e Benjamim, que ocupavam o sul da Palestina, ficaram sob o comando de Roboão, filho de Salomão; e o resto do país, formado por dez tribos, ficou sob o comando de Jeroboão. No ano 719 A.C., o rei Sargão da Assíria destruiu o reino de Israel e as dez tribos foram transportadas, para servir na escravidão, ao interior da Assíria. As duas tribos restantes formaram o reino de Judá, do qual descendem, em maior ou menor grau, os judeus atuais.

As "dez tribos perdidas de Israel" não desapareceram da História, como a propaganda interesseira dos judeus pretende fazer crer; dado que se sabe sobre o assunto muito mais do que se diz. Por exemplo, é certo que houve hebreus na América e também que grande parte da população atual do Afeganistão descende dos primitivos membros da raça sagrada. Mas o que a nós interessa é comentar que houve uma migração de hebreus para o norte,

os quais iam guiados por uma poderosa casta levita. Depois de atravessar o Cáucaso, onde foram dizimados por tribos hiperbóreas, chegaram às estepes da Rússia e ali toparam com os escitas (eram muito inferiores em número e praticamente não afetaram a identidade étnica destes); mas a casta levita não se permitiu perder sua condição de membros da raça sagrada degradando seu sangue. Os levitas permaneceram assim, dedicados ao culto e ao estudo da Kabala numérica, durante muitos anos, chegando a realizar grandes progressos no campo da feitiçaria e magia natural. Quando, séculos depois, os escitas se deslocaram para o oeste, uma parte deles se estabeleceu nos Cárpatos e nas margens do Mar Negro, enquanto outra parte continuava seu avanço para a Europa Central, onde foram conhecidos como CELTAS. Acompanhando os Celtas iam os descendentes daqueles sacerdotes levitas, conhecidos agora como DRUIDAS, os quais detinham um terrível poder, obtido do domínio da magia negra. E, já dissemos em outra parte, a aliança entre os Druidas e os Celtas não acabaria nunca, prolongando-se até nossos dias.

Como os levitas da tribo perdida chegaram a tornar-se Druidas? Quer dizer, como obtiveram seu sinistro conhecimento? A explicação se deve buscar no fato de que ESTES LEVITAS, coisa que não ocorreu com outros sacerdotes judeus, nem então, nem mais adiante, NÃO SE CONFORMAVAM COM O SABER QUE SE PODIA EXTRAIR DA ESCRITURA. ELES DESEJAVAM CHEGAR À AUTÊNTICA FONTE DA KABALA ACÚSTICA. Sua insistência e perseverança em concretizar esse objetivo, e o fato de que pertenciam à "raça sagrada", levou os Demônios de Chang Shambala a confiar-lhes uma importantíssima missão; uma missão que requeria sua intervenção dinâmica na História. O cumprimento dos objetivos propostos pelos Demônios redundaria em benefício dos levitas, pois lhes permitiria avançar cada vez mais no conhecimento da Kabala acústica. Que tipo de missão lhes tinham encomendado os Demônios? Uma tarefa que tinha relação direta com seus desejos: deviam "neutralizar" os instrumentos líticos que, milhares de anos atrás, os homens de Cro-magnon, sobreviventes atlantes, tinham construído em todo o mundo. Mas os Cro-magnon não construíram apenas monumentos megalíticos, mas sua ciência também incluía alterações do meio ambiente; e o modo que os Druidas deviam "neutralizá-las" ia desde a destruição, a gravação de símbolos nas grandes pedras, a modificação das dimensões ou a construção análoga de "outros monumentos".

Com os séculos, os Druidas chegaram a ser grande mestres na Kabala acústica e já vimos na história de John Dee como a utilizavam quando desejavam "recuperar" algum dos transdutores líticos atlantes. Voltaremos a falar, mais adiante, sobre a ciência perdida dos Cro-magnon e a mestria esotérica dos Druidas.

Enquanto os Druidas deslocavam-se com os Celtas para a Europa, o reino de Judá no Oriente Médio era destruído por Nabucodonosor e sua população levada em cativeiro para a Babilônia, no ano 597 A.C. Foram libertadores em 536 e, vinte anos depois, em 516, reconstruíram o Templo de Salomão, sem encontrar a arca com as Tábuas da Lei. No século IV foram dominados pelos gregos de Alexandre; e no século II aliaram-se aos romanos contra os gregos (140 A.C.). Após a morte de Júlio César, o Senado de Roma outorgou o título de rei da Judéia a Herodes I, no ano 37 A.C., e no primeiro ano da era cristã (ou em 4 A.C., se se quiser) nasceu o Salvador, Jesus de Nazaré, o Cristo.

Depois de Herodes I, os romanos tiraram do povo eleito a possibilidade de ter um rei de sua linhagem e colocaram no poder uma série de procuradores que tentaram, em vão, dominar a crescente agitação social. A "crucificação de Jesus Cristo" (que não existiu) ou a "luta contra os cristãos" que se costuma dar como explicação da atitude belicosa e suicida dos judeus, não são corretas; sendo a verdadeira causa do mal-estar o fato, pressentido por todos os membros da raça sagrada, de que o arquétipo hebreu "seria jogado aos gentios". Era palpável para eles, em virtude de compartilhar da substância do Demiurgo, a ação judaizante que se realizaria dali em diante sobre todo o mundo. O que não lhes parecia tão claro era: de que modo, após a presença de Jesus-Cristo, poderia se cumprir o antigo pacto com Jeová-Satanás, a promessa de que a linhagem sagrada herdaria o poder sobre as demais nações? Tardariam vários séculos e o trabalho de eminentes rabinos cabalistas para que os hebreus recuperassem a fé sobre seu papel na História. Mas enquanto esse tempo não chegava, a paciência dos romanos se esgotou muito antes; no ano 70 D.C., o General Tito destruiu Jerusalém, o Templo de Salomão, e "dispersou" os judeus por todos os cantos do Império Romano. Com a Diáspora do ano 70, começa a história moderna do povo eleito, cuja culminação está para se produzir em nossos dias, quando a Sinarquia transfira em suas mãos a totalidade do poder mundial.

Quando, em 313, o Imperador Constantino, o Grande, reconheceu o cristianismo como religião oficial do Império Romano, iniciou-se uma época difícil para a raça sagrada. O motivo era que, nos povos recentemente cristianizados, predominava mais a recordação de sangue de Cristo Lúcifer

do que do arquétipo judaico de Jesus-Cristo, fato que, quase sempre, desembocava em um generalizado sentimento antijudeu. Ainda que, em última análise, terminaria triunfando a permanente influência do "raio geotropocêntrico" de Jesus Cristo sobre a recordação hiperbórea, e as massas acabariam sendo judaizadas, enquanto a raça sagrada correria o perigo de ser exterminada. Mas a "ameaça" logo seria conjurada.

Se existiu realmente um perigo efetivo contra os hebreus é algo que se terá que duvidar; pois, no século V, São Bento de Núrcia funda a Ordem na qual ingressarão, em massa, os Druidas "cristãos", que se dedicarão, desde então, à tarefa de mediar entre a Igreja e a Sinagoga (sobre a ação mediadora e protetora dos Druidas para com os hebreus, concordo com a teoria que o Professor Ramírez, da Universidade de Salta, expôs ao meu neffe Arturo Siegnagel. Porém, a missão dos Druidas ia muito mais longe, segundo se verá, do que a simples proteção da raça sagrada).

Dissemos que as Tábuas da Lei ficaram onde as havia guardado Salomão e logo foram encontradas na Idade Média, mais precisamente no século XII. Não conclui com esta afirmação nossa resposta; mas deveremos voltar muito breve, no próximo inciso, para continuar com o relato. Enquanto isso, tratemos de encontrar a resposta à primeira parte da pergunta, que dizia: o que aconteceu com o Gral...?

Ao contrário da pergunta pelas Tábuas da Lei, que obrigou a se referir a fatos da História, a questão do Gral nos levará ao terreno estritamente esotérico. Mas, em primeiro lugar, convém esclarecer que a pergunta foi mal apresentada. Já explicamos que o Gral não deve ser buscado; acrescentemos agora que se trata de um objeto do qual não é possível se apropriar e que, portanto, deve ainda estar onde sempre esteve. É um erro, pois, tanto "buscar" o Gral, como interrogar: o que aconteceu com ele? Mas, nos perguntaremos, como se terá que enfrentar esse Mistério, então, para obter algum conhecimento adicional, livre de paradoxos? A única maneira, em nossa opinião, de avançar no conhecimento do Mistério consiste em aprofundar as analogias que ligam à "função orientadora para a Origem" do Gral, função externa, com as "vias secretas de liberação espiritual" da Sabedoria Hiperbórea, que são funções internas, "orientadoras para a Origem".

Neste sentido, podemos estabelecer uma analogia muito significativa entre a "Pedra Gral" da Estratégia "O" e as "lapis oppositionis" utilizados na via da "oposição estratégica".

No capítulo que dedicamos à Estratégia A1 de John Dee, fez-se a descrição do ritual secreto que os berserkir da S.D.A. praticavam, baseado na via da oposição estratégica e na técnica arquemônica. Mostrou-se ali a arquêmona que os berserkir tinham construído na cripta soterrada, consistente em uma "praça" ou área cercada por um anel de água[69]. Aplicando a "lei do cerco" à arquêmona consegue-se ISOLAR a praça do Valplads; quer dizer, consegue-se LIBERAR UMA ÁREA no mundo do Demiurgo. Mas isso não é suficiente; é necessário que os berserkir se dessincronizem do tempo do mundo e gerem um tempo próprio, inverso, que lhes permita DIRIGIREM-SE PARA A ORIGEM. Para isso, praticam a OPOSIÇÃO ESTRATÉGICA CONTRA AS LAPIS OPPOSITIONIS, QUE SE ENCONTRAM SITUADAS SOBRE UMA RUNA NO VALPLADS, EM FRENTE À FENESTRA INFERNALIS.

Temos agora que nos aproximar do maior segredo, aquele que explica o método empregado pelos Siddhas para MANTER, permanentemente, eternamente, se quiser, o Gral no mundo. Comecemos por indagar o seguinte: qual é a RESIDÊNCIA dos Siddhas? Podemos partir de uma resposta conhecida, que nós repetimos muitas vezes: os Siddhas residem no Valhala. Tal resposta é correta, mas insuficiente; pois caberia perguntar, por sua vez, o que é o Valhala? Onde se encontra? Frente a estas interrogações, pode-se adotar dois critérios; um, recorrer a elementos da mitologia nórdica e dizer, por exemplo, que "no alto do Freixo Iggdrasill encontra-se Valhala, lugar onde vão residir os guerreiros mortos em combate, regido por Wotan, etc.". Um segundo critério, que nos parece mais acertado, consistente em despojar as respostas de adornos folclóricos e expressá-las com símbolos da Sabedoria Hiperbórea, que poderão ser facilmente interpretados mediante analogias.

Com este critério podemos afirmar imediatamente que o Valhala É A PRAÇA LIBERADA PELOS SIDDHAS (ou Ases) EM ALGUM LUGAR DO UNIVERSO DO UNO. Esta praça, naturalmente, tem as dimensões de um país e se encontra fortemente fortificada. Nela habitam os Senhores de Vênus e muitíssimos Siddhas e Walkírias, que se preparam permanentemente para a luta, enquanto aguardam o fim do Kaly Yuga e o despertar dos Espíritos

---

[69] *A aplicação, pelas antigas linhagens hiperbóreas, desta fórmula estratégica, tornou-se, na Bíblia, na fábula de que Caim foi o primeiro que "cercou uma área e a amuralhou" (dentro da qual construiu cidade cuja Economia baseava-se na Agricultura).*

cativos. Seus incontáveis Siddhas guerreiros, imortalizados com seus corpos de vraja, perfilam-se nas fileiras do WildesHerr, o exército furioso de Wotan, e vigiam as muralhas do Valhala, ainda que o inimigo jamais se atreveria ante tão temível guarnição hiperbórea.

Os Siddhas liberaram a praça forte do Valhala, aplicando, com suas Poderosas Vontades, a lei do cerco às muralhas de pedra. A conquista do tempo próprio que reina no Valhala e que os independe de qualquer "ciclo" ou "lei" do mundo do Demiurgo, procede de uma maravilhosa operação de oposição estratégica. Mas, qual terá sido a pedra, o lapis oppositionis que os Siddhas empregaram em sua Estratégia Hiperbórea? Desde que ocorreu o Conflito das Origens, há milhões de anos, os Siddhas praticam a oposição estratégica CONTRA UMA PRECIOSA GEMA EXTRATERRESTRE FACILITADA PARA TAL EFEITO PELO GALHARDO SENHOR, CRISTO LÚCIFER. "ESSA PEDRA CHAMA-SE GRAL".

A relação analógica entre arquêmona e Valhala torna-se mais evidente ainda se consideramos que este possui uma "PORTA INFERNALIS", equivalente à 'FENESTRA INFERNALIS" daquela. A porta infernalis é uma abertura na muralha, que se encontra permanentemente vigiada por atentas sentinelas. Em frente à porta infernalis, mas fora do Valhala, quer dizer, no "mundo", ACHA-SE SITUADO O GRAL, SOBRE UMA RUNA; contra ele, segundo se disse, os Siddhas praticam a oposição estratégica.

É necessário que aprofundemos um pouco mais na descrição desta disposição, devido à sua extraordinária importância para a aproximação ao Mistério do Gral.

Na cripta da S.D.A., as lapis oppositionis eram colocadas SOBRE runas de prata ENGASTADAS NAS LAJES DO PISO. Analogamente, o Gral, como uma lapis oppositionis, FOI DEPOSITADO NA ORIGEM SOBRE UMA RUNA E AINDA CONTINUA ALI: SOBRE A RUNA E NA ORIGEM. Não se trata de um jogo de palavras, mas uma propriedade do Gral que deve ser examinada detidamente: o Gral, como reflexo da Origem, não pode devir no tempo, à semelhança das "coisas" materiais criadas pelo Demiurgo; em outras palavras, o Gral não pode estar no presente. Na verdade, o Gral encontra-se no remoto passado, naquele tempo e lugar em que foi colocado, e por isso NÃO DEVE SER BUSCADO empregando "movimento" (e tempo) para consegui-lo, pois tal atitude VISA O FUTURO, ou seja, no sentido contrário, tal como já explicamos. Mas se o Gral se encontra no passado, se o tempo não o arrasta para o presente com sua incontida fluência, como

acontece com os objetos materiais, e SEMPRE PERMANECEU ALI (no passado), como é que chegamos a saber dele? E o mais importante, como pode ATUAR no presente, tal como o exige a Estratégia "O", PRESCINDINDO DO TEMPO? Quer dizer, em virtude de qual "elemento" o Gral se conecta "do passado" com "o presente", por exemplo, com um líder hiperbóreo? A solução para estes problemas constituiu-se desde outrora um perigoso segredo... que agora vamos tratar de revelar. O enigma se resolve raciocinando deste modo: se bem que o Gral PERMANECEU SEMPRE NO PASSADO, propriedade que apenas possui no Universo a Gema de Cristo Lúcifer, O MESMO NÃO ACONTECEU COM A RUNA QUE O SUSTENTAVA (e que ainda o sustenta). Eis aqui o grande segredo: enquanto o Gral, reflexo da Origem divina, permanece, como tal, "SITUADO NA ORIGEM", a runa sobre a qual foi assentado atravessou os milênios e chegou até o presente. É certo que a runa "sempre está presente", o que significa: "em qualquer circunstância histórica". Falemos um pouco da runa.

É conhecida como RUNA DA ORIGEM ou RUNA DE OURO, mas devemos esclarecer que tais nomes não apenas designam o "símbolo" da runa, mas também a PEDRA TERRESTRE que foi assento primordial do Gral. Por isso, quando na Sabedoria Hiperbórea se faz alusão à "Runa de Ouro", do que na realidade se está tratando é de uma pedra, muito antiga, de cor azul-violeta, na qual os Siddhas engastaram um signo rúnico de ouro. Faz-se, pois, necessário conhecer a procedência desta e o motivo de sua construção.

Já mencionamos em outras ocasiões que, no início, os Siddhas ingressaram no Sistema Solar "pela porta de Vênus" e que um grupo deles, os "Siddhas Traidores", "associou-se" ao Plano do Demiurgo, provocando logo, em combinação com este, a catástrofe dos Espíritos cativos. Os Espíritos hiperbóreos foram encadeados à matéria por terem caído em uma cilada cósmica, o Mistério de Amor; mas não falaremos por ora disso. O efeito que se produziu no mundo evolutivo do Demiurgo, ao assimilar os Espíritos confusos, é o que hoje chamaríamos: uma mutação coletiva. Ao mal da ordenação imitativa da matéria, feita pelo Demiurgo, somou-se logo o mal da mutação de sua Obra e o encadeamento dos Espíritos, quer dizer, a modificação do Plano, realizada pelos Siddhas Traidores. E para "controlar" tão maligna empresa, os Siddhas Traidores decidem fundar a Hierarquia Branca, na qual devem se organizar as diferentes manifestações dévicas do Demiurgo. A "sede central" do Poder, Chang Shambala, é também a chave da mutação coletiva dos sete reinos da natureza. Em efeito, de que maneira o Demiurgo mantinha A ESTABILIDADE DA FORMA SOBRE A TERRA e como

se assegurava, antes da mutação, de que os sete reinos evoluiriam de acordo com seu Plano? Há dois princípios que intervêm na execução do Plano, um estático e o outro dinâmico. O Plano se apoia ESTATICAMENTE nos arquétipos e DINAMICAMENTE no Alento do Logos Solar. Quer dizer, que era UMA FORÇA PROVENIENTE DO SOL (veículo físico do Logos Solar) que mantinha o impulso evolutivo nos sete reinos da natureza terrestre. Bem: para provocar qualquer alteração permanente no Plano do Demiurgo É IMPRESCINDÍVEL INTERCEPTAR A CORRENTE ENERGÉTICA PROVENIENTE DO SOL QUE, ATRAVESSANDO O OCEANO DE PRANA, CONVERGE SOBRE A TERRA. Para cumprir esta condição, os Siddhas Traidores se instalaram, no início, ENTRE O SOL E A TERRA, em uma posição FIXA, que jamais deixa passar nem um raio de luz (quer dizer, nem um fóton) sem que antes tenha sido interceptado. Esa afirmação pode parecer fantástica, e na verdade o é; mas mais fantástica e insensata foi a construção de Chang Shambala, já que o que descrevemos é a função "técnica" da sede do Poder dos Siddhas Traidores.

Eis aqui outro "segredo", que já não o é, a "localização" de Chang Shambala poder-se-á agora determinar, a partir deste dado; sempre se encontra entre a Terra e o Sol. Na realidade, Chang Shambala está muito perto da Terra, o que dará uma ideia de seu enorme tamanho. Porém, aqui não se trata de um capricho, mas teve que ser construída assim por exigências de sua função MODULADORA do plasma genético solar.

É claro, não faltará quem diga nesciamente que tudo isto é um disparate, dado que "as tradições do Tibete e da Índia" afirmam que Chang Shambala "é um reino situado na Ásia, entre as montanhas Altai, o Deserto de Gobi e os Himalaias". Sem dúvida, um comentário deste tipo constituirá um disparate maior do que nossas afirmações. A princípio, as supostas "tradições do Tibete e da Índia" são produto da desinformação estratégica que, durante séculos, a Hierarquia desdobrou, para que se ignore a verdade. E em segundo lugar, digamos que os dados mais sérios da Tradição (já que há alguns dados dignos de crédito) sempre mencionam A LOCALIZAÇÃO DA PORTA DE CHANG SHAMBALA e jamais o reino em si. Esta sutil distinção é sumamente sugestiva, pois o fato de que em um determinado lugar geográfico exista uma porta NÃO IMPLICA EM QUE O REINO ESTEJA IMEDIATAMENTE DETRÁS! Poderia entendê-lo assim uma mente primitiva, condicionada pela crença de que a linha reta é a distância mais curta entre dois pontos, e de fato tal coisa ocorre frequentemente. Mas aqui estamos

manipulando a informação em outro nível, e por isso repetiremos quatro versos do Canto da Princesa Isa, que tivemos a oportunidade de conhecer, quanto estudamos a história de Nimrod, O Derrotado:

"Mas ainda que Dejung esteja longe,
Suas portas estão em todas as partes.
Sete portas tem Dejung,
E sete muros a circundam".

A essas "portas induzidas" se referem as lendas orientais, as quais "estão em todas as partes" e conduzem ao reino que, evidentemente, não ocupa um simples lugar geográfico.

Nossa referência a eventos tão remotos (a perversa associação entre os Siddhas Traidores e o Demiurgo) tinha como finalidade servir de introdução para um fato que vamos destacar a seguir: quando o Demiurgo concorda com os Siddhas Traidores em ceder a estes o controle da Hierarquia, entrega-lhes O SIGNO TIPHERETH, que representa um dos dez Sephiroth e permite um controle total sobre os aspectos FORMAIS da criação. O signo Tiphereth é a expressão simbólica da "manifestação material dos arquétipos divinos", aspecto que se costuma sintetizar como 'BELEZA DO DEMIURGO". Caso não se tenha compreendido bem, convém repetir que os Demônios de Chang Shambala ficaram de posse de um signo que representa TODO o aspecto Tiphereth do Demiurgo, permitindo acessá-lo e compartilhar seu poder. Naturalmente que o signo Tiphereth é a chave de Maya, a ilusão do real, e portanto a mais terrível ferramenta da feitiçaria. Quem observe o signo Tiphereth, o qual é bastante complexo, "a partir do mundo", quer dizer, encarnado karmicamente, corre o risco de desorientar-se imediatamente, perdendo todo ponto de referência e, por conseguinte, a razão. Por tal motivo, a Sabedoria Hiperbórea recomenda aplicar a lei do cerco ao signo Tiphereth, para poder observá-lo sem perigo. Não é demais assinalar que, em toda ofensiva hiperbórea contra os Demônios de Chang Shambala, cedo ou tarde se produz um confronto com o signo Tiphereth, dado que se confia em sua nefasta influência para vencer os viryas.

Após os Siddhas Traidores receberem o signo Tiphereth e construírem Chang Shambala, já não foi possível para os Siddhas Hiperbóreos permanecerem sobre a superfície terrestre. Mas tampouco desejavam abandonar o Sistema Solar, deixando atrás de si bilhões de Espíritos cativos. E então planejaram a Estratégia "O". Mas, antes, que quadro apresentava um Espírito cativo? Basicamente a perda do Vril e a consequente inconsciência, quer dizer, a perda do tempo próprio. O encadeamento à matéria deriva fundamentalmente do encadeamento ao "imanente fluir da consciência do

Demiurgo", ou seja, da sincronização ao Tempo do Mundo. Os Espíritos cativos, ligados ao Tempo, iam tardar milhões de anos para recuperar sua consciência, se é que algum dia o conseguiriam. Nessas circunstâncias, os Siddhas, em uma maravilhosa exibição de valor e intrepidez, começam a Estratégia "O".

O primeiro problema que deviam enfrentar era se manterem "independentes" do Tempo, mas não "fora dele", já que teriam que seguir de perto as desventuras dos Espíritos cativos para ajudá-los a evitar a confusão estratégica e, eventualmente, resgatá-los. Por outro lado, a independência do tempo era necessária para que os Siddhas pudessem conservar seu próprio tempo, sua consciência da Origem, pois de outro modo correriam o risco de cair também no Grande Engano. Mas, enquanto se sucedessem os eons, os Siddhas deveriam dispor de um lugar agradável, apto para ser ocupado e defendido por uma guarnição de terríveis guerreiros estelares. Estes eram os problemas principais; havia outros, mas vamos ignorá-los, em homenagem à brevidade.

O procedimento a seguir foi o seguinte. Os Siddhas procuraram um lugar da Terra conveniente para seus objetivos. Como tal lugar IA DESAPARECER após a oposição estratégica, não o escolheram DENTRO DE UM CONTINENTE, pois isso teria ocasionado talvez um cataclismo (que atrasaria ainda mais o destino dos Espíritos cativos). Em troca, procuraram entre as ilhas e escolheram uma delas, situada no que hoje seria o extremo setentrião, mas que naqueles dias era uma zona tropical, passando, em seguida, a CERCÁ-LA. Sendo uma ilha enorme, o trabalho a realizar, para construir uma ciclópica muralha de pedra em todo o seu perímetro pareceria hoje uma tarefa impossível. Mas a Sabedoria Hiperbórea de que dispunham os Siddhas lhes deu as soluções para acabar rapidamente com tal trabalho e em pouco tempo, um colossal muro transformava a paradisíaca ilha em inexpugnável fortaleza. Não é possível descrever a arquitetura extraterrestre dos muros, pois nos perderíamos em explicações e não adiantaríamos muito; apenas diremos que, em alguns segmentos, a construção era semelhante à fortaleza pré-incaica de SACSAHUAMAN (perto de Cuzco, no Peru), mas tal semelhança, devemos dizer também, era muito aproximada, já que Sacsahuaman é ainda MUITO HUMANA.

Na muralha fizeram só uma abertura, coisa que surpreenderá àqueles que não conheçam os princípios estratégicos da Sabedoria Hiperbórea. E fora desta abertura, que já nomeamos com uma denominação moderna: PORTA

INFERNALIS, colocou-se a RUNA DE OURO. Chegou o momento, pois, de voltar ao maior Mistério.

O Grande Chefe, Cristo Lúcifer, corajosamente instalado em um lugar impensável, atrás de Vênus, como Sol Negro ou expressão da Origem, decidiu responder à vil conspiração dos Siddhas Traidores com um ato de guerra. Para cumprir Sua Vontade foi que os Siddhas Hiperbóreos ocuparam a ilha e a amuralharam, iniciando a Estratégia "O". Mas a Estratégia "O" tinha como objetivo "despertar" e "orientar" os viryas, individual ou racialmente, já o dissemos; então, em que consistia o "ato de guerra" com o qual Cristo Lúcifer respondia à traição dos Siddhas de Chang Shambala? Concretamente: o golpe de Guerra foi dado pelo Gral.

A gema hiperbórea, tirada da fronte do Galhardo Senhor e assentada no mundo do Demiurgo, impediria os Demônios de negar a origem divina do Espírito, já que seu impenetrável brilho espalharia a todo momento os reflexos da Pátria Primordial. O Gral, ao divinizar as linhagens hiperbóreas, constituía o maior desafio; pois ameaçava enviar ao fracasso os planos infernais. O conflito seria, desde então, eternamente apresentado por todo aquele que conseguisse despertar, qualquer que fosse o inferno no qual se encontrasse, já que o Gral seria assentado no plano físico, quer dizer, na mais baixa das regiões infernais, e SEU BRILHO SERIA VISTO DE TODOS OS CANTOS DO MUNDO, incluindo o plano astral e todos aqueles "purgatórios" que os Demônios preparam ali para enganar os Espíritos; e ainda naqueles planos tão sutis das mônadas emanadas pelo Demiurgo, onde também há Espíritos hiperbóreos completamente idiotizados, aos quais se fez acreditarem que "devem permanecer ali, enquanto seus 'outros corpos' mais densos evoluem". Por último, o Gral era, se se permite a metáfora, uma luva jogada na cara dos Demônios, para um desafio ao qual estes, por sua covardia, não seriam capazes de responder.

Mas não era tão simples conseguir que o Gral, uma vez ingressado no plano físico, permanecesse simplesmente situado em um lugar, por exemplo, em um altar. Por seu caráter atemporal, como reflexo da Origem, o Gral, qual verdadeiro diluente universal, atravessaria tudo e se perderia de vista... especialmente se para quem o olhasse TRANSCORRESSE O TEMPO DO MUNDO. O Gral não pode ser assentado sobre nenhuma substância que flua ao impulso do Alento do Logos, quer dizer, que flua temporalmente, pois PERDER-SE-IA NO PASSADO, JÁ QUE SUA ESSÊNCIA ESTÁ SEMPRE NA ORIGEM. O que fazer? Há que se "preparar" um assento material, de modo tal que suporte (o Gral) AINDA QUE ESTE PERMANEÇA NO PASSADO E AINDA QUE O TEMPO DO MUNDO TRANSCORRA

EFETIVAMENTE PARA TAL ASSENTO. Pode-se construir algo assim? Apenas se entre a substância do assento e o Gral se intercala um signo QUE NEUTRALIZE A TEMPORALIDADE. Isto significa que o signo deve representar O MOVIMENTO INVERSO ao empregado pelo Demiurgo para construir o Sistema Solar[70]. Um signo assim, que é o cúmulo dos símbolos heréticos, foi empregado pelos Siddhas para construir o assento do Gral, ao qual nós chamamos de RUNA DE OURO.

Atenção a isto, porque o diremos só uma vez: DA RUNA DE OURO, que é um signo muito complexo e de tremendo poder mágico, DERIVA-SE, PRÉVIA MUTILAÇÃO E DEFORMAÇÃO, A RUNA SWÁSTICA, da qual se escreveram tantos disparates.

Para construir o assento do Gral optou-se por uma pedra cristalina, de cor azul-violeta, semelhante a uma ágata. Em sua parte superior, em uma zona ligeiramente côncava, engastou-se uma runa de ouro habilmente cinzelada pelos Siddhas pelos Siddhas. E uma vez concluído o assento, foi depositado fora das muralhas da ilha, na direção da porta infernalis, mas a muitas milhas dali, em uma região continental.

Será difícil que alguém possa imaginar o maravilhoso espetáculo do Gral descendo nos sete infernos. Talvez, se pensamos em um raio verde, de brilho cegante e influência gnóstica sobre o vidente, ante o qual os Demônios viram seus ferozes rostos gelados de terror; um raio que, qual folha cortante de invencível espada, vai rasgando os quatrocentos mil mundos do Engano, buscando o coração do inimigo; uma verde serpente voadora que porta, entre seus dentes, o fruto da Verdade, até então negada e escondida; se pensamos no raio, na espada, no fruto, na serpente, talvez assim seja possível intuir o que ocorreu naquele momento crucial, quando a verdade foi posta ao alcance dos Espíritos cativos. Sim, porque desde que o Gral se assentou sobre a Runa de Ouro, a Árvore da Ciência ficou plantada ao alcance daqueles que, completamente confusos, viviam no inferno acreditando habitar em um paraíso. De agora em diante poderiam comer de seu fruto e seus olhos seriam abertos!

---

[70] *Há que se descartar os movimentos físicos: e = dv/dc. Aqui nos referiremos a "outro tipo de movimentos".*

Aleluia por Cristo Lúcifer, a Serpente do Paraíso! Aleluia por aqueles que comeram do fruto proibido: os viryas despertos e transmutados!

Qual foi o passo seguinte dos Siddhas? Previamente à queda do Gral, mas quando este fenômeno já estava ocorrendo em outros planos, aplicaram a lei do cerco às muralhas da ilha ISOLANDO A ÁREA INTERIOR DA EXTERIOR. Para compreender o efeito que tal ação estratégica produziu há que se ter presente que ESSA ERA A PRIMEIRA VEZ QUE SE LIBERAVA UMA PRAÇA no Sistema Solar. Quando um anel de fogo pareceu brotar das imponentes muralhas e já não se viu mais o interior da ilha, envolta em uma estranha nuvem vibratória e flamígera, o Demiurgo começou a sentir sua substância amputada. A Estratégia dos Siddhas visava ganhar dele, não apenas a área plana da ilha, mas também seu relevo, seus montes e vales, seus lagos e bosques, seus vegetais e animais; a ilha, um país vasto, era também uma gigantesca arca de Noé, que deveria receber, durante milênios, os viryas que conseguissem despertar e fugir das correntes materiais e também aqueles que se tivessem transmutado, lutando até a morte, nas batalhas.

Todo um país subtraído ao controle imanente do Demiurgo era uma experiência nova, mas como quer que isso foi possível, o certo é que a ilha continuava ali: oculta por uma barreira de fogo, mas no mesmo lugar. É por isso que a reação do Demiurgo fez tremer a Terra, procurando afetar de algum modo aquele fenômeno incompreensível e recuperar o domínio da "praça". Terríveis maremotos agitaram os mares adjacentes e ventos nunca vistos sopraram inutilmente contra as titânicas muralhas; o céu se escureceu pelas nuvens de cinzas de vulcões, subitamente despertos, e o fundo do oceano ameaçava partir-se e tentar tragar a ilha "liberada".

O mundo parecia ter enlouquecido, mostrando o espetáculo aterrorizante de todas as forças da natureza "descontroladas", quando, "como se fosse o cúmulo das abominações", o Gral desceu sobre a Terra[71].

O que poderíamos acrescentar, para dar uma ideia do que aconteceu ali? Já dissemos que é muito difícil descrever (e até mencionar) um evento que gerou uma irritação perpétua nos Demônios. Talvez este comentário diga algo a alguém, coisa que duvidamos: "ao cair o Gral sobre a Terra, além dos trezentos e setenta vezes dez mil mundos, o Grande Rosto do Ancião lançou

---

[71] *Segundo a Sabedoria Hiperbórea, "dois Siddhas ALADOS, tenentes de Cristo-Lúcifer, acompanharam o Gral em sua descida".*

um uivo de terror que AINDA SE OUVE REVERBERAR nos confins do cosmo".

Nem bem o Gral foi assentado sobre a Runa de Ouro, os Siddhas praticaram a oposição estratégica, logrando, agora sim, que a ilha amuralhada se tornasse invisível, desaparecendo para sempre da superfície terrestre. Dali em diante, os homens adormecidos falariam do Valhala, a morada dos Deuses, e também de Hiperbórea, a "ilha tragada pelo mar", pois o mito original, transmitido carismaticamente pelos Siddhas, sofreu diferentes quedas no exoterismo, devido à impureza sanguínea dos viryas.

A pergunta que iniciou o precedente comentário esotérico, recordemo-la, dizia: o que aconteceu com o Gral? Como resposta, obtivemos que é errôneo indagar sobre o Gral, já que este é virtualmente A ORIGEM, e jamais se moveu dali. Seu assento, em troca, a Runa de Ouro, possui as dimensões de um objeto material, e é dado supor, que, em grande medida, este acaba sendo afetado pelas leis físicas. Podemos, então, reapresentar o problema: o que aconteceu com a Runa de Ouro? Continua ainda sustentando a gema de Cristo Lúcifer? Neste último caso, a resposta é afirmativa: a Runa de Ouro foi, desde então, o assento do Gral, situação que não variou absolutamente nos tempos modernos. Quanto à primeira pergunta, devemos compreender que seria uma tarefa impossível resumir aqui o itinerário completo, seguido pela Runa de Ouro até nossos dias; isso nos obrigaria a mencionar civilizações desaparecidas e, muitas delas, completamente desconhecidas para a cultura oficial. Remeter-nos-emos, então, aos tempos históricos, começando por estabelecer algumas diretrizes que permitirão enfrentar o problema de maneira correta, evitando assim muitas superstições ou desinformações.

1º - A Runa de Ouro foi muitas vezes confundida com o Gral. Em efeito, já explicamos porque o Gral não se deve buscar. Porém, em algumas ocasiões, realmente HOUVE TRANSPORTE e se pensou, com razão, que se tratava do Gral. Mas o Gral NÃO É UM OBJETO DO QUAL ALGUÉM POSSA SE APROPRIAR, E MENOS AINDA MANIPULAR OU TRANSPORTAR. Com toda verossimilhança, o que foi transportado é a Runa de Ouro, no quadro de uma Estratégia racial. Neste caso, não podemos culpar da confusão apenas a ação estratégica inimiga porque, na degradação dos antigos mitos hiperbóreos, a maior responsabilidade recai sobre a impureza sanguínea dos viryas.

2º - A presença da Runa de Ouro, entre os membros de uma comunidade de linhagem hiperbórea, tem a virtude de favorecer a vinculação carismática e de legalizar a condução de seus líderes.

3º - A presença da Runa de Ouro é a presença do Gral; e o povo a quem os Siddhas tenham confiado sua custódia é, SEM DÚVIDA, nesse momento, a linhagem hiperbórea mais pura da Terra.

4º - Para comprovar se um determinado povo esteve em posse da Runa de Ouro, há que se estudar sua arquitetura hiperbórea de guerra: A POSSE DA RUNA DE OURO EXIGE A CONSTRUÇÃO DE ESTRUTURAS DE PEDRA COM PECULIARES PROPRIEDADES TOPOLÓGICAS. Tais construções podem NÃO PARECER feitas para a guerra, mas tal aparência obedece exclusivamente à ignorância que existe sobre a Estratégia Hiperbórea. Um exemplo se constitui no "castelo" de Montségur, sobre o monte Thabor, no Languedoc francês. Esta construção, que não é muito menos uma fortaleza, foi erigida para permitir que a seita hiperbórea dos Cátaros pudesse RECEBER E CONSERVAR a Runa de Ouro. Os princípios que ali predominam são os da "lei do cerco" e da "oposição estratégica", sendo tarefa inútil pretender fazer de Montségur um observatório astronômico ou um templo solar. Mas como a arquitetura de Montségur foi projetada EM FUNÇÃO da Runa de Ouro, quem não atente a esta chave, jamais chegará a algum resultado positivo.

5º - Há que se distinguir entre o assento do Gral, ao qual chamamos de Runa de Ouro, e o Signo da Origem, que a Runa de Ouro representa. Dissemos que, na pedra azul-violeta, os Siddhas engastaram uma figura de ouro e denominamos o conjunto (pedra e figura) Runa de Ouro. Mas o Signo da Origem, que foi cinzelado em ouro e engastado, possui, por si mesmo, o particular poder de apresentar "afinidade" com o Gral. Por isso, muitas linhagens hiperbóreas, que não alcançaram a alta honra de custodiar a Runa de Ouro, receberam, em troca, o Signo da Origem como prêmio à sua pureza de sangue e reconhecimento do esforço empenhado em sua Estratégia. É assim que o Signo da Origem teve, no decorrer da História, uma particular proliferação entre certas linhagens que, orgulhosamente, o incorporaram aos seus estandartes. Naturalmente, os líderes trataram, a princípio, de velar em parte seu conteúdo simbólico, simplificando a figura, quer dizer, tirando alguns elementos sugestivos; mas, após a queda no exoterismo e a vulgarização, O VERDADEIRO ASPECTO do Signo da Origem foi esquecido; já dissemos, por exemplo, que a Swastika procede, por mutilação e deformação, daquele signo primordial.

Porém, em muitos casos, devido à extraordinária pureza sanguínea de alguma linhagem, o Signo da Origem foi exibido completo, permitindo aos líderes empregar seu enorme poder para projetar a luz do Gral sobre a massa do povo. Poderíamos dar vários exemplos de comunidades asiáticas, portadoras do Signo, mas temos à mão o caso dos SAXÕES, que tinham gravado o Signo da Origem em um tronco de árvore, à qual consideravam coluna do mundo (UNIVERSALIS COLUMNA). A finalidade de tão audaz determinação merece também um comentário.

Quando, em 772, Carlos Magno conquistou Erbury, passou rapidamente a destruir o tronco IRMINSUL e a executar cinco mil membros da nobreza saxã. Não conformado com isso, após três décadas de heróica resistência, a raça saxã, de puríssima linhagem hiperbórea, foi totalmente "cristianizada" (prévia execução de seus mais puros rebentos). Soubemos que muitos alemães cultos consideram "afortunada" esta assustadora campanha carolíngia. Assim, o professor Haller opina, sem corar, que "sem a submissão dos saxões, hoje não existiria uma nação alemã"[72]; pois "para o devir histórico da nação alemã, tal qual é hoje, a incorporação dos saxões ao Império de Carlos Magno era uma condição prévia imprescindível"[73]. Esta opinião generalizada se baseia na análise "a posteriori" dos fatos históricos e, por isso, considerando que a extinção da dinastia carolíngia possibilitou que, duzentos anos mais tarde, o sangue saxão chegasse, com OTO I, a colocar-se à frente do mundo ocidental, se dá por acertado que a dominação e "conversão" dos saxões foi "necessária" e positiva. Eis aqui NOSSA opinião: a judaico-cristianização dos saxões representa o mais duro golpe que os Poderes Infernais descarregaram nas linhagens hiperbóreas na era cristã, maior ainda do que a conversão dos vikings, dos celtas ou a destruição dos cátaros, só comparável ao aniquilamento dos reinos godos. E a destruição da árvore IRMINSUL, com a perda para o Ocidente do Signo da Origem, é uma catástrofe muito difícil de avaliar.

6º - Não é imprescindível, nem sequer necessário, que a Runa de Ouro se encontre no seio de um povo para que a influência do Gral atue

---

[72] *Prof. Johannes Haller – La entrada de los Germanos en la Historia – Pág. 99, U.T.H.A., México.*

[73] *Haller – OP.CIT. Pág. 101.*

sobre este. O Gral atua sobre os viryas A PARTIR DA ORIGEM, propriedade que não pode ser afetada por nenhuma variável física, encontre-se onde se encontre a Runa de Ouro. Por isso, é até certo ponto absurdo que se atribua a tal ou qual povo ter alcançado "um alto grau de civilização" porque "achava-se em posse do Gral"; dado que o Gral não pode estar em posse de ninguém, pois é, por disposição do Galhardo Senhor, prova da divindade DE TODOS os Espíritos cativos. O que um povo pode ter EM CUSTÓDIA é a Runa de Ouro, mas só como prêmio e reconhecimento a uma pureza racial obtida PREVIAMENTE. Quer dizer que o fato de ter em custódia a Runa de Ouro não é a causa da grandeza de um povo, mas que, inversamente, a pureza de sua linhagem o fez credor da alta honra de ser depositário do assento do Gral. Mas, se bem que a Runa de Ouro SÓ É ENTREGUE AOS QUE MERECEM TÊ-LA, é certo que a proximidade de sua presença afeta o meio ambiente, criando um microclima mutante. É por isso que os Siddhas costumam depositar a Runa de Ouro, durante as épocas escuras, em locais apropriados para influenciar as linhagens menos confusas.

7º - De tudo o que foi exposto até aqui, se depreende a importância capital que teria para uma comunidade de linhagem hiperbórea conseguir a custódia da Runa de Ouro. Impõe-se, pois, tratar detidamente sobre esta possibilidade, coisa que faremos no próximo capítulo, ao tratar sobre a Estratégia A2 dos Siddhas. Porém, antes de considerar a Estratégia A2, devemos ter claro um conceito fundamental, que se depreende facilmente das conclusões precedentes. O problema pode se resumir na pergunta: para que "o rei" (ou quem quer que detenha a função régia) necessita encontrar o Gral (ou seja, a Runa de Ouro)? A seguir, convidaremos a uma breve reflexão sobre a atitude que se deve adotar ao tomar conhecimento dos fatos protagonizados pelos Siddhas; e logo daremos a resposta ao problema, aprofundando um pouco mais na simbologia do Gral.

Requer-se uma profunda meditação nos símbolos que vamos apresentando, para captar seu conteúdo mais recente, o qual deve ser percebido sempre como dramático e trágico, pletórico de urgências espirituais. Ninguém que tenha tomado consciência do incrível sacrifício realizado pelos Siddhas, ao manter o Gral no mundo durante milhões de anos mediante a oposição estratégica, quer dizer, por um constante e contínuo ato de Vontade; ninguém que o tenha compreendido, repetimos, poderá permanecer impassível, no meio da confusão, sem experimentar a urgência em liberar-se da correntes do Demiurgo e partir, tratando de aliviar, de algum modo, a tarefa dos Siddhas. Ninguém que comprove com seu sangue a verdade destes símbolos poderá evitar que a honra, única moral do virya, o

pressione com insistência para “abandonar tudo” e partir. Mas essa partida será “com as armas na mão”, como Nimrod e Wildejäger, disposto a batalhar sem trégua contra os Demônios e sentindo que o sangue se acendeu pelo “furor berserkir”, pela “hostilidade original” para com a Obra do Demiurgo, transmutando a fraca substância orgânica do corpo físico em vraja, a matéria incorruptível. É o mínimo que o virya pode fazer, para responder, em alguma medida, o auxílio que os Siddhas prestaram às linhagens hiperbóreas, possibilitando, com sua Estratégia Hiperbórea, que o Gral DÊ PROVA DA ORIGEM DIVINA.

Vamos agora à pergunta pendente.

A Pedra-Gral, a gema de Cristo-Lúcifer, É SUSTENTADA NO MUNDO PELA OPOSIÇÃO DOS SIDDHAS, onde cumpre a função de refletir a Origem e divinizar as linhagens hiperbóreas; mas, por ESTAR RELACIONADA TEMPORALMENTE COM O VALHALA, assinala também a todo virya liberado um caminho para a morada dos Imortais. Esse caminho é o que seguem os guerreiros caídos na batalha, os heróis, os campeões, guiados pelas mulheres hiperbóreas, aquelas que lhes foram prometidas no começo dos tempos e que, durante milhares de anos, pelo TEMOR que lhes infeccionava o sangue, tinha esquecido. Se o valor demonstrado na façanha foi suficiente purgante, invariavelmente Ella estará ali, junto ao guerreiro caído, para curar suas feridas com o amor gelado de Hiperbórea e guiá-lo no caminho inverso que conduz ao Valhala. E ESSE CAMINHO SE INICIA NO GRAL.

Mas não se deve pensar, por isso, que a luz do Gral visa a salvação individual dos viryas perdidos; para isso se dispõe do “canto dos Siddhas” e das sete vias secretas de liberação espiritual. Pelo contrário, dentro da Estratégia “O” o Gral deve cumprir o papel fundamental de RESTAURAR A FUNÇÃO RÉGIA; ou seja, deve servir a um propósito racial ou social. Por isso, o Gral será requerido em todos os casos em que se tente instaurar o Império Universal ou qualquer outro sistema de governo baseado na aplicação social da lei do cerco (monarquia, fascismo, nacional-socialismo, aristocracia do Espírito, etc.).

Os fatos históricos que conduzem à “busca do Gral”, sempre semelhantes, podem se resumir a seguir. A princípio, o reino é “terra gasta” ou o “rei está doente” ou simplesmente o trono ficou acéfalo, etc. (podem existir muitas interpretações, mas essencialmente o símbolo se refere a um esgotamento ou decadência na liderança carismática e a um vazio de poder,

quer o governo seja exercido por um rei, casta ou elite). Os melhores cavalheiros partem para "buscar o Gral", em uma tentativa de colocar fim nos males que afligem o reino e conseguir que retorne o antigo esplendor. Apenas um consegue "encontrar" o Gral e devolver o bem-estar ao reino, quer seja "curando o rei" ou "coroando a si mesmo". Curiosamente o cavalheiro triunfante sempre é apresentado como "tolo", "puro louco", "ingênuo", mas especialmente como "plebeu".

Os "melhores cavalheiros" equivalem aqui a qualquer uma das múltiplas forças sociais que se prestam a lançarem-se sobre a função régia quando existe acefalia ou vazio de poder. Finalmente "um deles" trinfa e reestabelece a ordem no reino; "era um plebeu e agora é rei, com a aprovação e o consentimento do povo". Em nossa interpretação, isto significa, evidentemente, que uma "força social" predominou sobre as restantes (os "outros cavalheiros") e SUBSTITUIU A ORDEM EXISTENTE (que estava interditada) POR UMA NOVA ORDEM, unanimemente aceita PELO POVO. Mas se o problema se reduz a uma mera luta pelo poder, para que o novo rei (ou nova elite, aristocracia, casta, etc.) necessita encontrar o Gral? PORQUE O GRAL CONFIRMA A FUNÇÃO RÉGIA.

Quando, em tempos de crise, uma nova elite ou um líder carismático detém o Poder, com intenções de restauração régia, deve apressar-se a LEGALIZAR sua situação; pois senão outra elite ou líder virá questionar seus títulos e tentará também ocupar o lugar vago, acontecendo assim uma interminável série de batalhas (políticas ou militares) Mas, se há luta pelo Poder, NINGUÉM TEM SEU CONTROLE; e pode ocorrer que, no final, o reino acabe dividido entre várias facções. É necessário dirimir a questão, consultar um juiz infalível, uma autoridade indiscutível e transcendente. Aqui é quando se apresenta a necessidade de recorrer ao Gral. Por que ao Gral? Porque o Gral é também a TABULA REGIA, a "lista de reis"; ELE DIZ QUEM DEVE GOVERNAR, A QUEM CORRESPONDE REGER, PORQUE ELE REVELA QUEM TEM O SANGUE MAIS PURO. Mas esta revelação não é simplesmente oracular e arcana, mas por meio do Gral, a pureza do líder, seu direito à condução, será conhecida por todos e reconhecida por todos, carismaticamente. Daí que o louco puro, de linhagem hiperbórea, mas de estirpe plebeia, após encontrar o "Gral" seja "reconhecido pelo povo" como rei indiscutível.

Quando uma linhagem hiperbórea confia na luz do Gral para a escolha de seus líderes, pode-se dizer, com propriedade, que se sucederá uma dinastia de "Reis do Gral". Durante o reinado de um destes, pode acontecer que a linhagem alcance um grau tão elevado de pureza que se faça digna de

obter a custódia da Runa de Ouro. Isso é o que ocorreu, por exemplo, no século XIII, no condado francês de Toulouse, quando a Runa de Ouro foi confiada aos Perfeitos Cátaros (alegar-se-á, contra esta afirmação, que os Cátaros eram maniqueus, quer dizer, herdeiros de uma tradição gnóstica, e que esse é o motivo pelo qual foram aniquilados, existindo apenas uma relação circunstancial entre eles, os condes de Toulouse e a população occitana. Tal argumento, de origem Druida-moderna, tenta desviar a atenção do fato mais importante da epopeia cátara: sua relação com o Gral. O fato de que fossem gnósticos, coisa que ninguém discute, e de que ensinassem uma das sete vias secretas de liberação, baseada na Canção de Amor dos Siddhas, origem da cultura dos trovadores, coisa que poucos conhecem, não explica em nada sua relação com o Gral. O Gral, no quadro da Estratégia "O", tem um sentido puramente racial. Se a Runa de Ouro foi confiada aos Cátaros, é porque estes participavam ativamente de técnicas de transmutação coletiva, QUE NÃO PODEM EXCLUIR A FUNÇÃO RÉGIA, e não simplesmente "porque eram de filiação gnóstica").

Um tema conectado com a propriedade que o Gral possui, de ser Tabula Regia, é o do Messias Imperial e sua imitação, o Messias judeu. A princípio, digamos que se é Rei do Gral pela pureza de sangue, atributo absolutamente individual que não depende da raça, nem da estirpe, nem de nenhum patrimônio material. Um Rei do Gral exibe virtudes puramente pessoais, tais como o valor, a intrepidez ou a honra, e jamais baseia seu prestígio nas posses materiais ou no valor do ouro. A autoridade de um Rei do Gral, por estas razões, provém exclusivamente de seu carisma pessoal, o qual se estende ao resto do povo, graças ao "vínculo" que se estabelece entre o Rei e CADA UM DELES, em seu sangue, POR MEDIAÇÃO DO GRAL: é o princípio da Mística psicossocial. Por isso, um Rei do Gral, EM SUA COMUNIDADE, é reconhecido pelo povo. Naturalmente, TODOS OS POVOS teriam seu Rei do Gral, se a ação da Sinarquia e da raça hebraica, com sua "Democracia", Socialismo, Comunismo, etc., não tivessem usurpado a função régia. De qualquer modo, cabe se perguntar: haveria em nível universal, para todas as linhagens hiperbóreas, a possibilidade de que um Rei do Gral fosse reconhecido por todos? Tratar-se-ia aqui de um personagem de inegável pureza, cuja majestade seria evidente para todas as linhagens da Terra, que poderiam ou não aceitar sua potestade, mas a quem não poderiam negar o direito de reger. Bem, é fácil responder então que o único Senhor que se reputa, para todas as linhagens hiperbóreas, tal direito, é Cristo-Lúcifer. Se

Ele se apresentasse ante as linhagens hiperbóreas, seu direito A REGER PELO SANGUE[74], baseado em sua inegável pureza, poderá ser aceito ou não, mas jamais negado.

Mas a ideia do Messias Imperial não provém de uma mera especulação. Foi nos dias negros da Atlântida quando, em resposta ao clamor dos Siddhas, surgiu a possibilidade de que a excelsa Presença de Cristo-Lúcifer se manifestasse à vista dos homens. Nesses dias, a confusão dos Espíritos cativos era tão completa que já ninguém respondia ao canto dos Siddhas nem era capaz de perceber a luz do Gral. Por isso, se anunciou durante séculos a vinda do Messias Imperial, o Rei dos Reis do Gral, que ia restaurar a função régia, para restabelecer a aristocracia espiritual dos lugares hiperbóreos e destruir a Hierarquia sinárquica que os Demônios impunham. A profecia finalmente se cumpriu, com a chegada de Lúcifer, o Cristo da Atlântida; mas Sua Divina Presença foi resistida covardemente pelos Demônios de Chang Shambala, os quais recorreram ao emprego da magia negra e abriram uma brecha entre as regiões infernais do plano astral e o plano físico. A partir dali, se generalizou uma terrível contenda, que só concluiu quando o continente da Atlântida "se afundou nas águas do oceano". Não vem ao caso relatar aqui eventos que hoje ninguém lembra mais, e que, talvez, não convenha relembrar. Só acrescentaremos que, quando o Demiurgo, segundo já explicamos, concebe a sinistra ideia de copiar a Presença do Cristo da Atlântida, decide "anunciar" também a chegada de um "Messias", imitando, ao seu modo, a figura do Messias Imperial. Mas as diferenças são enormes. Eis aqui algumas:

1º - O Messias Imperial vem restaurar a função régia; o Messias hebreu vem usurpar a função sacerdotal.

2º - O Messias Imperial confirma seu direito PELO SANGUE; o Messias hebreu confirma seu direito PELO CORAÇÃO.

3º - Por isso, o Messias Imperial será reconhecido pelo povo PELO SANGUE (carismaticamente); por isso o Messias hebreu será reconhecido pelo povo (judaizado) PELO CORAÇÃO (emocionalmente).

Apresentávamos uma pergunta: o que aconteceu com o Gral e com sua imitação, as Tábuas da Lei? E oferecemos vários elementos que

---

[74] *Nunca é demais repetir que nos referimos a OUTRO SANGUE, diferente do físico. Enquanto não se possua uma explicação melhor, é conveniente que o leitor entenda este "sangue" em sentido simbólico.*

contribuem com a resposta. Em resumo, dissemos que o Gral, desde a Origem, repousa ainda na Runa de Ouro, e mencionamos que esta foi dada em custódia, no século XIII, aos cátaros do Languedoc francês. O que aconteceu com a Runa de Ouro, desde então? É o que trataremos de responder nos próximos parágrafos, ao expor a Estratégia A2 dos Siddhas. E sobre as Tábuas da Lei dissemos que permaneceram por vinte e um séculos sepultadas sob as ruínas do Templo de Salomão, em Jerusalém, onde foram encontradas no século XII. Sobre esta descoberta e posterior destino falaremos também nos próximos parágrafos.

A Estratégia "O" é uma "estratégia geral" ou totalizadora; as Estratégias A1 e A2 são "estratégias parciais" ou de campo. A Estratégia A1, que a princípio atribuímos a John Dee e Wilhelm von Rosemberg, e que, na verdade, foi projetada por eles tal como vimos no capítulo anterior, ficou finalmente conectada com outra estratégia de campo, muito anterior, graças ao Pergaminho de Gengis Khan. Essa outra estratégia, que denominamos "A2" para simplificar, é levada adiante NA HISTÓRIA até meados do século XIII. A partir desse momento, perde vigência (por ter fracassado em conseguir seu objetivo) e recentemente, no século XVII, com a Estratégia A1, EMERGEM NA SUPERFÍCIE DA HISTÓRIA ALGUMAS DE SUAS DIRETRIZES. Devemos deixar bem claro que a Estratégia Geral "O", que é esotérica e transcendente, se diferencia fundamentalmente das Estratégias Parciais A1 e A2 em que estas se dirigem dinamicamente a INCIDIR NA HISTÓRIA. Em outras palavras, as A1 e A2 são estratégias que tentam desviar as variáveis sociais "a longo prazo", para forçar a restauração da função régia; apoiam-se, para isso, na ação de líderes hiperbóreos que guiem carismaticamente seus povos contra os planos sinárquicos, empregando a guerra, se necessário. Estas estratégias, então, estão relacionadas com aquela parte "racial e coletiva" da Estratégia "O", quer dizer, com as funções do Gral. A Estratégia A2 teve que ver com o último destino histórico da Runa de Ouro, como veremos a seguir.

Para interpretar sem equívocos o papel que a Estratégia A2 desempenhou na História, que agora vamos desenvolver, sintetizamos os argumentos principais em alguns gráficos. A figura 1 mostra como deveriam ter acontecido os fatos, se a Estratégia A2 tivesse triunfado; a figura 2 expressa, em troca, a situação estratégica real, no ano de 1.250. Dedicar-nos-emos, por ora, a comentar a Estratégia A2, referindo-nos a tais figuras; e

mais adiante, quando chegue a vez da Estratégia A1, usaremos outros gráficos igualmente sintéticos.

FIGURA 1

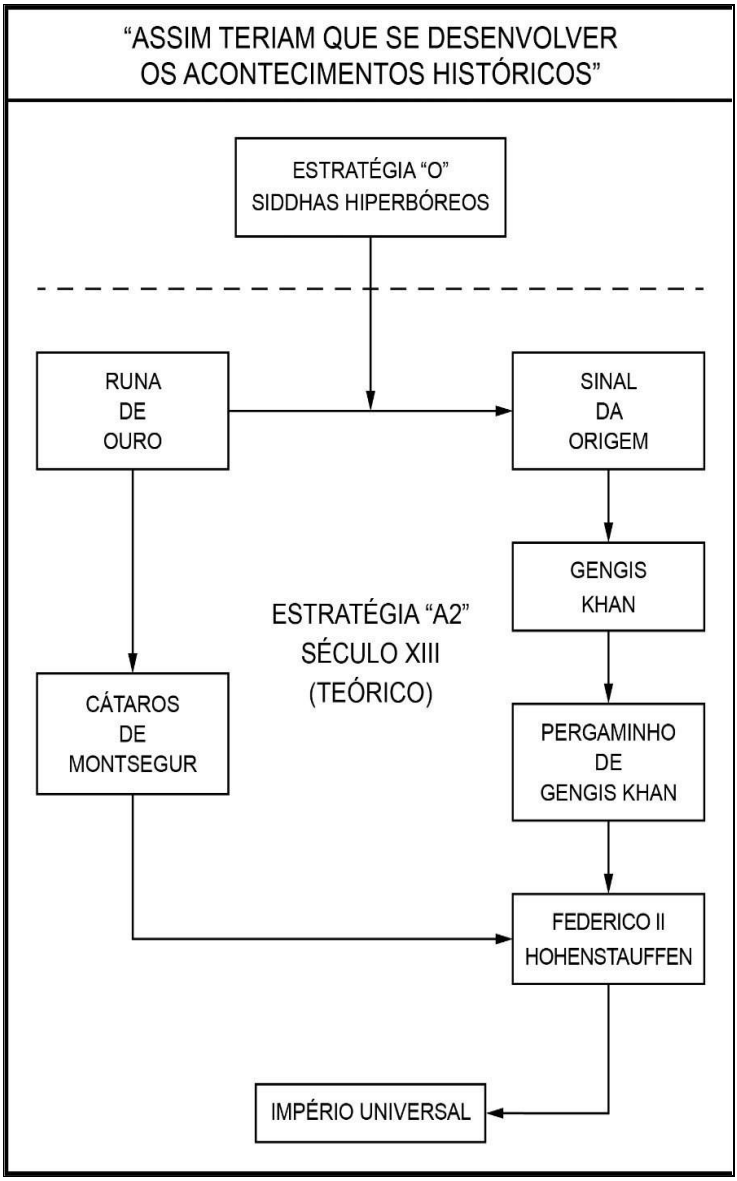
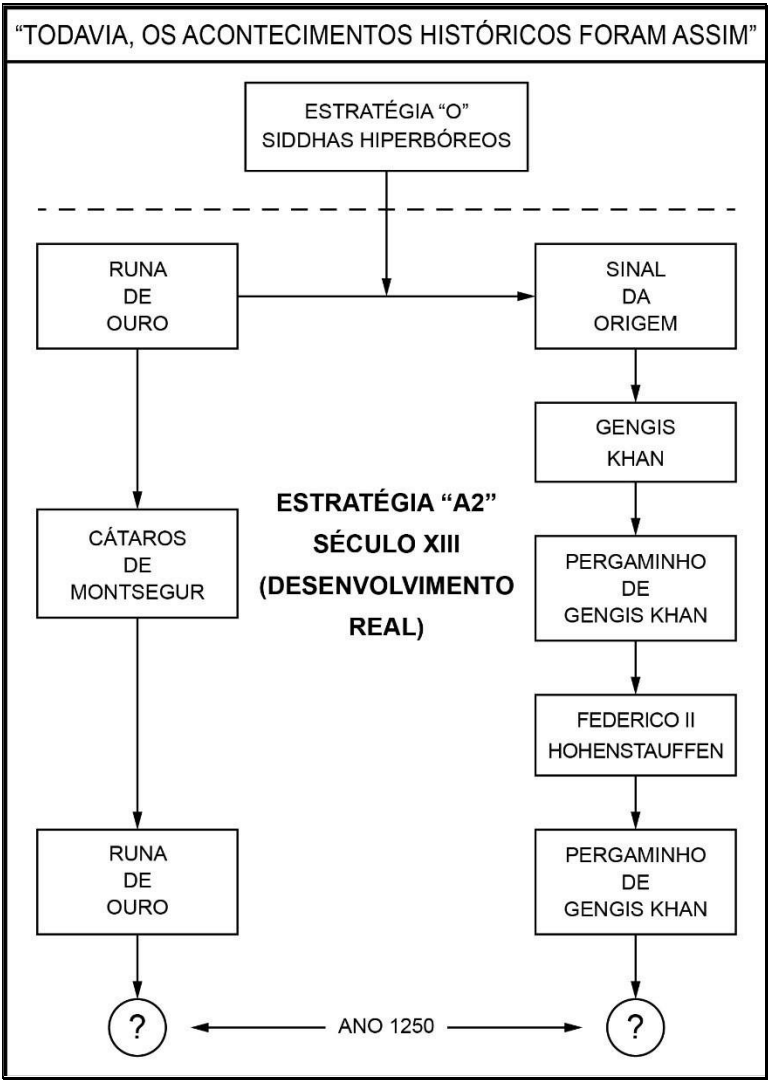


FIGURA 2


"TODAVIA, OS ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS FORAM ASSIM"
ESTRATÉGIA "O"
SIDDHAS HIPERBÓREOS
RUNA DE OURO
SINAL DA ORIGEM
GENGIS KHAN
CÁTAROS DE MONTSEGUR
ESTRATÉGIA "A2"
SÉCULO XIII
(DESENVOLVIMENTO REAL)
PERGAMINHO DE GENGIS KHAN
FEDERICO II HOHENSTAUFFEN
RUNA DE OURO
PERGAMINHO DE GENGIS KHAN
?
ANO 1250
?

INTRODUÇÃO À ESTRATÉGIA A2

Antes de considerar os fatos concretos que constituem o desenvolvimento da Estratégia A2, será conveniente, tal como temos feito em outras partes desta obra, expor previamente alguns conceitos da Sabedoria Hiperbórea, que facilitarão a compreensão do tema.

Se se observa a figura 1, poder-se-á perceber que a Estratégia "O" impulsionou duas "linhas de ação": uma claramente ocidental, se inicia com a entrega da Runa de Ouro aos Cátaros de Montségur, para sua custódia; e outra asiático-ocidental, começa quando Gengis Khan recebe o Signo da Origem. Esta segunda linha, e em geral toda a Estratégia A2, fundamentam-se em um princípio da Sabedoria Hiperbórea referente à missão que corresponde na História aos povos mongóis. Devemos, pois, conhecer este princípio e também definir o que se deve entender por "povos mongóis". Mas isso não é tudo: ao conhecer a missão dos mongóis nos perguntaremos pelo verdadeiro significado do nome "Kaly Yuga", com o qual se denomina a era atual; e tal interrogação nos obrigará a refletir longamente sobre os conceitos modernos de "Idade histórica" e "História", antes de chegar a uma definição que expresse claramente o conceito hiperbóreo do Kaly Yuga.

Estes e outros assuntos de similar importância serão objeto da Introdução. Ao concluir esta, narrar-se-ão brevemente os fatos que intervêm na Estratégia A2, a qual será, graças ao visto aqui, facilmente compreendida.

1º - Por "mongóis" deve se entender não apenas uma comunidade racial de características étnicas definidas, mas aqueles povos que, possuindo tais características étnicas, habitaram desde outrora o território da Mongólia, quer dizer, nesse mar ressecado entre os montes Altai, Khangai, Sayansk e Tannu-Ola e o deserto de Gobi, ao sudoeste. Com este critério, serão considerados também "mongóis" aqueles grupos étnicos que tenham abandonado, por emigração, seu primitivo assentamento na Mongólia, como por exemplo, os hunos, búlgaros, turcomanos, etc.[75]

A necessidade de ligar alguns povos "amarelos", muitas vezes nômades, com um determinado território, para considerá-los, recentemente,

---

[75] *Este esclarecimento é necessário porque, de outro modo, seriam considerados "mongóis" todos os membros da raça amarela (chineses, japoneses, tibetanos, birmaneses, siameses, malaios, polinésios, maoris, turcos, turcomanos, búlgaros, magiares, lapões, fineses, samoiedos, quirguizes, ostíacos, esquimós, etc.) e esse não é nosso critério, conforme se verá.*

como “mongóis”, provém da particular importância que a Sabedoria Hiperbórea atribui a uma ampla região da Ásia central, à qual vagamente costuma-se identificar como “Mongólia”. Em efeito, na Mongólia encontra-se o CENTRO DE MENOR INTENSIDADE DO KALY YUGA, conceito que explicaremos mais adiante, no parágrafo. Mas agora podemos adiantar que é em virtude da qualidade “geocronológica” da Mongólia que os povos provenientes de seus confins realizam sempre movimentos significativos para a História da humanidade. A origem mongol, ou seja, o fato de provir da Mongólia, é um sinal fundamental para compreender a Estratégia dos Siddhas, pois:

2º - A MISSÃO DOS MONGÓIS NA HISTÓRIA É “EMPURRAR” AS LINHAGENS HIPERBÓREAS DE RAÇA BRANCA “PARA O KALY YUGA”.

3º - Sem um adequado esclarecimento, a afirmação “2º” não será compreendida; pois existe uma confusão generalizada entre os conceitos ocidentais de “História” e “Tempo histórico” e o antigo conceito oriental (?) de “Kaly Yuga”. Quem entenda o Kaly Yuga como um simples “período histórico”, ao modo ocidental, achará certamente sem sentido a afirmação de que os mongóis devem “empurrar” “para o Kaly Yuga”; mas, como dissemos, isso é produto da confusão.

Antes de mais nada, quanto representa, em tempo cronológico, o período do Kaly Yuga? Ainda que existam diferenças, conforme se interpretem os textos sagrados hindus, por uma ou outra escola, podemos tomar como aceitável a cifra que oferece o Rama Prasad: 438.000 anos. De onde sai essa cifra? De um complexo sistema misto[76] de divisão do tempo que, na parte que nos interessa, diz: “1 ano solar de 365 dias, 3 horas, 30 minutos e 3 segundos é igual a 1 dia e noite Daiva; 365 dias e noites Daiva é igual a 1 ano Daiva; 1200 anos Daiva é igual a um Kaly Yuga[77]. Portanto, 1 Kaly Yuga é igual a 438.000 anos. Como seria de se esperar, o Kaly Yuga começa na época Atlante, naquele momento em que os Siddhas Traidores se instalam à frente da civilização, onde seriam conhecidos como “Siddhas da

---

[76] *Quer dizer, uma combinação de cifras, múltiplos e submúltiplos dos sistemas decimal e sexagesimal, associados a ritmos da natureza, como o ano solar, o número de respirações por minuto, os ciclos lunares, etc.*

[77] *RAMA PRASAD – Las fuerzas sutiles de la naturaleza – Pág. 30 – Ed.Espanhola, 1923.*

Face Tenebrosa". Mas essa é outra história. Sabemos agora que um "Kaly Yuga" é um período de tempo extremamente longo; mas, é apenas um "período de tempo"? O que significa então o nome "Kaly" adicionado a "Yuga" (que realmente significa "período de tempo")? Para responder com clareza, vamos recorrer a alguns conceitos antigos, que não são de nenhum modo desconhecidos no Ocidente, mas a moderna Historiologia deixou de lado ou, se os termos lhes eram úteis, os empregou pervertendo seu sentido. É o que ocorre com a palavra "IDADE" da mitologia grega (de ouro, de prata, de bronze e de ferro), que foi esvaziada do conteúdo conceitual primitivo e empregada de maneira profana, para designar partes arbitrárias da "História" oficial: "Idade Antiga", "Idade Média", etc.

4º - À parte de que a "História" oficial abarca um período de tempo ridiculamente curto, de sete ou oito mil anos, em relação à antiguidade de milhões de anos que a espécie humana apresenta sobre a Terra, as "idades" em que se divide a mesma só tem como objetivo assinalar certos intervalos entre eventos "importantes", para comodidade mnemotécnica dos historiadores e pedagogos; por exemplo, a Idade Média "começa em 476, quando Odoacro depõe o imperador Rômulo Augústulo, quer dizer, com a queda do Império Romano"; e acaba "quando os turcos tomam Constantinopla, em 1453"; a partir dessa data se estende a "Idade Moderna". Este modo de "marcar" os limites das "idades" nos recorda a demarcação geográfica das fronteiras, o que, no geral, só existe na mente dos homens e nos mapas: sobre o terreno, às vezes, não há nada que indique que tal país terminar aqui e tal outro começa além, incerteza que não impede que se acredite cegamente na "fronteira" como algo existente na natureza, pelo qual é possível (e desejável) lutar e morrer. (Que não se diga que um rio, por exemplo, constitui uma fronteira "real"; um rio é só isso: um curso de água, um acidente geográfico; qualquer cartografia que se lhe atribua provém de um erro gnosiológico, do esquecimento de que um "limite geográfico" é uma convenção entre homens, tal como os símbolos da linguagem; e que, por tal caráter simbólico, pertence à psique coletiva, quer dizer, à esfera subjetiva e não à realidade objetiva, como poderíamos acreditar irrefletidamente. A cartografia consiste em representar graficamente signos correspondentes à configuração da Terra e seus acidentes; o mapa, então, possui uma certa relação com a realidade territorial, mas tal relação é UNÍVOCA, em outras palavras: é verdade que essa linha do mapa representa a margem daquele rio; não é certo, porém, que ao pintar essa linha com uma cor determinada para "representar" uma fronteira, isso corresponda a alguma qualidade da realidade territorial considerada.) Da mesma forma dos que acreditam na

realidade concreta de uma fronteira cartográfica, que apenas existe nos mapas e em sua imaginação, há muita gente que aceita, ingenuamente, a divisão por "Idades" da História e até se dá ao luxo de emitir juízo de valor: a Idade Antiga foi "pagã", a Idade Média "obscurantista", a Idade Moderna "brilhante", etc. Evidentemente, estamos aqui em pleno terreno do subjetivismo cultural; pois nem a História se desenvolveu com base em tais "Idades" nem os acontecimentos que determinam o intervalo de cada "Idade" são verdadeiros indicativos históricos mais importantes do que outros fatos ocorridos antes ou depois dos mesmos. Os fatos que "marcam" o começo ou o fim de uma "Idade" são escolhidos, dentre outros infinitos fatos que compõem a História, para formar uma diretriz estabelecida previamente à análise[78]. Isto supõe que se recorreu ao "CRITÉRIO" para a interpretação da História, o que explica o caráter subjetivo das conclusões[79]. Se o critério é, como parece ser o caso das "Idades" oficiais, levar em conta como parâmetro fundamental a Economia e a Guerra, então é LÓGICO fixar os limites do intervalo em guerras e batalhas ou na ruína econômica do Império Romano. Mas se o critério fosse outro, por exemplo: filosófico, estético, tecnológico, etc., certamente os "fatos fundamentais" que marcam os limites das Idades seriam também outros e até o julgamento valorativo das mesmas variaria notavelmente. Por exemplo, o fim da Idade Média é fixado com critério político (?) em 1453, quando os turcos tomam Constantinopla e se conclui o Império Romano do Oriente; este é um fato negativo que foi escolhido deliberadamente para marcar, consequentemente, o fim de uma "Idade obscurantista". Mas para um critério científico-tecnológico, positivo, seria, sem dúvida, mais importante, a invenção da imprensa de tipos móveis, realizada por Gutenberg, em 1450, ou seja, quase na mesma data anterior, do que a queda de Constantinopla. Então, poderia acontecer que a Idade Média acabasse na mesma data; mas, ao considerar como limite um fato positivo, dever-se-ia modificar o juízo de valor. Talvez então a Idade Média não seria "obscurantista", mas de "transição", considerando que, para chegar à

---

[78] *Ou seja, uma "hipótese".*

[79] *Os "critérios" são diretrizes lógicas que aparecem inevitavelmente em toda consideração racionalista.*

invenção alemã da imprensa, deveu-se estabelecer um contato transcultural prévio com a China, nos séculos XIV e XV.

Vimos comprovando o caráter subjetivo do conceito moderno de "Idade" e a fragilidade daqueles "fatos fundamentais da História" que se tomam como "limites" do intervalo de tempo compreendido; estes fatos foram escolhidos partindo de critérios culturais, muitas vezes sinárquicos, e são apresentados após uma prévia deformação da verdade histórica; é assim que uma mudança de critério nos conduz a diferentes "fatos fundamentais", deslocados mais ou menos no tempo, o que demonstra a insuficiência do conceito de "Idade", para designar uma Era de pretensas características específicas.

Devemos supor, então, que aquilo que a História oficial nos descreve em uma "Idade" determinada possui uma relação distorcida com os fatos concretos aos quais faz referência, de modo semelhante à subjetiva alteração dos fatos verdadeiros, efetuada pelos historiadores, para apresentá-los como fatos-limite.

Esta suposição pode ser comprovada rigorosamente se recorremos novamente à analogia cartográfica e empregamos os conceitos já definidos do "eminente" como "o realce de uma qualidade, exaltada racionalmente pela determinação das premissas culturais preeminentes". Observamos um mapa da Europa; nele se representaram, por meio de signos por todos conhecidos, os diferentes países, suas divisões políticas interiores e suas fronteiras exteriores. De repente, fixamos a atenção em umas linhas sinuosas que nos informam que, na parte correspondente do mundo, devem existir umas montanhas; lemos uma indicação que diz "Montes Pirineus" e pensamos: - Ah, é a fronteira entre a França e a Espanha. Sabemos disso porque essa informação é um domínio cultural comum. Se procuramos agora atentamente entre as distintas linhas do mapa, far-se-á eminente uma zona marcada de maneira diferente, talvez com outra cor, ou talvez com linhas pontilhadas, à qual distinguiremos como "a fronteira" propriamente dita. As premissas culturais preeminentes tornaram eminente a linha fronteiriça, dentre muitas outras linhas semelhantes, e nos levaram a descobri-la e reconhecê-la. Mas conforme dissemos, a fronteira existe só no mapa e em nossa imaginação, coisa que se pode comprovar, situando-nos em certas zonas desertas dos Montes Pirineus, de onde seria de todo impossível decidir quando termina a Espanha e começa a França.

Tomamos conhecimento, pelo mapa, de dois dados: em tal lugar do mundo, cujas coordenadas de situação nos permitem identificar com precisão, há uma montanha e uma fronteira. Trasladamo-nos realmente a

esse lugar e encontramos a montanha, mas temos dificuldades para distinguir a fronteira. O que aconteceu? É que montanha e fronteira são realidades de ordens distintas. Por isso, existem dois tipos de mapas: os "físicos", que descrevem a realidade geográfica mais ou menos fielmente, e os "políticos" ou "econômicos", que exibem, ALÉM das correspondentes representações físicas, SOBREPOSTOS A ELAS, qualidades e atributos que não possuem uma contrapartida concreta no mundo. Uma montanha e uma fronteira, ambos são objetos culturais; mas a montanha é um objeto concreto de entidade natural, enquanto uma fronteira (como um mito, uma ideia científica, uma organização política, um código moral, etc.) é uma qualidade cultural que jamais aparecerá totalmente encarnada em uma entidade concreta, física ou "exterior".

Fazer Historiografia, escrever a História, é, analogamente à construção de um mapa, DESCREVER UMA REALIDADE. A História, ao narrar fatos verdadeiros do passado, dispõe de um material puramente objetivo, cuja descrição em linguagem simbólica nos apresenta para nossa informação. Mas o historiógrafo, do mesmo modo que o cartógrafo, conta com dois tipos de objetos: os "fatos" realmente ocorridos, que foram objetos concretos, e os "fatos eminentes", tomados dentre os outros infinitos fatos, por sua importância subjetiva. Mas os fatos eminentes, como já sabemos, estão determinados por premissas culturais preeminentes que são, em última instância, a expressão tática da Cultura, arma estratégica inimiga. É assim que, se ao estudar a História, notamos que se nos apresentam os fatos descritos com certa objetividade, estamos, como no caso do "mapa físico", ante uma representação mais ou menos direta e não deformada da realidade. Mas, quando se pretende assegurar uma qualidade eminente em um fato concreto, por exemplo, quando se diz que a Revolução Francesa foi "superior a outras revoluções por seu caráter progressista"[80], estamos como no caso do "mapa político", ante uma representação de qualidades culturais sem contrapartida material. Uma qualidade eminente na História, como uma fronteira em um mapa político, é um objeto que pertence à uma esfera diferente da realidade concreta; sua eminência provém das premissas culturais preeminentes. Aníbal ou Publio Cornélio Scipio? Esparta ou Atenas?

[80] *A "superioridade" que avaliamos de uma coisa sobre outra é uma qualidade eminente.*

Se a História apresentasse os fatos tal como aconteceram, a preferência que declarássemos por tal chefe militar ou por tal cultura indicaria que esse chefe militar ou essa cultura tornaram-se eminentes ante nosso olhar. Mas isso não é possível, porque a História de que dispomos para o estudo não é de nenhum modo objetiva nem descritiva da realidade dos fatos, uma vez que os historiadores de todos os tempos foram vítimas de suas próprias premissas culturais preeminentes e sinalizaram eminências ali onde se lhes apareceram, atribuindo à realidade concreta qualidades que só estavam em sua imaginação; quer dizer, projetando sobre o mundo qualidades culturais que não possuíam entidade concreta, percebendo então a miragem de seu reflexo. É por isso que a História oficial está viciada de irrealidade e só deve servir para qualquer investigador de linhagem hiperbórea como uma mera referência, pálido reflexo da verdade.

A História, assim que passou pelo "tratamento estratégico-sinárquico" das diretrizes culturais do judaico-cristianismo, é um campo minado, no qual qualquer incauto pode se perder e perecer. Seu objetivo mascarado é provocar a confusão, o condicionamento cultural do "homem moderno"; por isso nos dirá ou nos induzirá a declarar que a civilização ateniense era superior à espartana, que a religião de Jesus-Cristo acabou com a selvageria dos cultos pagãos, ou outras besteiras semelhantes.

Temos agora que nos referir novamente às "Idades" da História oficial. Far-se-á evidente, depois do que vimos até aqui, que o conceito moderno de "Idade" é apenas um intervalo de tempo arbitrário, assinalado em seus extremos por certos fatos eminentes para os historiadores, os quais, indubitavelmente, estão condicionados por premissas preeminentes (que são, definitivamente, diretrizes sinárquicas assimiladas inconscientemente por eles). Para comprová-lo, basta remeter-nos, por exemplo, ao limite mais próximo da Idade Média, notando que a queda de Constantinopla foi eminente, para a maioria dos "historiadores", acima de outros fatos contemporâneos, entre os quais se destaca a invenção da imprensa, tal como dissemos.

Esta longa crítica há de nos ter mostrado claramente que uma "Idade" da História oficial é um objeto cultural concebido a partir de um olhar subjetivo da História, limitado por fatos eminentes que são deformações dos fatos verdadeiros. Mas tal "Idade", enquanto soma de fatos eminentes, é um exemplo extremo de um objeto cultural, que tem uma relação distorcida com a realidade concreta dos fatos históricos que representa. É por isso que o conceito moderno de "Idade" não possui quase nenhum conteúdo; é uma casca oca que só chega a cobrir algumas mentiras sinárquicas. Justamente

nossa tarefa imediata será dotar a palavra “Idade” de um novo conteúdo, que na verdade é seu antigo significado, pois devemos nos servir dela para definir, em termos portugueses, o conceito de Kaly Yuga.

5º - Contrariamente ao critério moderno, o conceito de que dispunham os antigos sobre os períodos históricos não começava pelo homem, mas por Deus. É claro, enquanto se concebia a História como uma sucessão cíclica de Eras que nasciam e morriam, à semelhança dos ciclos vitais da natureza, não um Deus, mas uma multidão de Deuses coexistiam, pacificamente ou não, no céu da Antiguidade. Na verdade, havia um Deus para cada Era, quer dizer, um que predominava sobre as restantes deidades e era capaz de exercer irresistivelmente seu poder sobre o mundo e os homens.

O período maior era a “Idade” (ou o Yuga), que compreendia várias Eras ou etapas humanas de características específicas e, naturalmente, era presidida em toda a sua extensão cronológica por um Deus superior, cuja influência, também cíclica, começava e terminava junto com a Idade em questão. A duração de uma Idade correspondia à manifestação de um Deus; quando chegava o fim de tal período, o Deus se retirava, não sem antes sustentar uma dura luta com a deidade sucessora, cessando, desde então, sua influência.

Hoje em dia é comum a opinião de que “os Deuses morrem quando acaba sua Era de predomínio”, aduzindo-se várias razões para justificar a queda da deidade: “os homens o esqueceram”, o “o tal Deus” absolutamente não existia, era um mito, e quando “o progresso” ou “a evolução” conduziram os homens pelo caminho da civilização, estes “despertaram” e passaram a substituir suas falsas e supersticiosas convicções por ideias racionalistas que explicam perfeitamente o desenvolvimento do Universo sem recorrer a nenhuma “intervenção divina”; etc. Contra esta opinião, a Sabedoria Hiperbórea afirma que uma Era conclui quando o Deus (ou o Mito) deixa de manifestar sua influência sobre o conjunto dos homens. A Era Asteca se conclui quando os espanhóis substituem o culto sangrento dos corações palpitantes pela cruz de Jesus-Cristo; mas é verdade também que Huitzilopochtli tinha abandonado os astecas muito antes, tal como a Princesa Papan disse a Moctezuma e tal como ele mesmo comprovou, dado que, além de imperador, era sumo sacerdote do culto ao Deus Colibri.

A História nos informa que houve Eras no passado durante as quais os homens adotaram crenças religiosas e estilos culturais particulares. Uma vez que toda Era é regida por um Deus, cabe se perguntar: o que aconteceu

com aquelas deidades cuja influência foi dominante nas Eras passadas? A resposta não é difícil, pois a História também nos dá notícias sobre tal questão: a cada Era passada corresponde um mito, do qual dão conta a Tradição e os documentos. Em algum momento de Roma reinou Marte, e em outro Júpiter; Grécia conheceu Eras de Apolo e de Zeus; Egito brilhou fugazmente sob Amon e foi temido nas Eras de Osíris e Ísis; Cartago tornou-se audaz em sua Era de Moloch; etc.; para colocar apenas alguns poucos exemplos tomados de civilizações recentes. Nestes exemplos, e em muitos outros que se poderiam oferecer, comprova-se que a resposta anterior é correta: sabemos do Deus de uma Era passada pelos mitos e lendas que chegaram até nossos dias. Até aqui a resposta que a História dá. Nós acrescentaremos o seguinte, e isto há que se afirmar: os "mitos" SÃO EFETIVAMENTE A EXPRESSÃO ATUAL DOS ANTIGOS DEUSES DESVALORIZADOS. Claro que, para compreender esta afirmação em toda a sua profundidade, há que se recorrer a conceitos da Psicologia Analítica de C. G. Jung, os quais asseguram que um mito antigo sobrevive como conteúdo inconsciente da psique coletiva. No livro 4 se desenvolve extensamente este tema e se define a palavra "mito" para um Deus "morto" ou desvalorizado, e "Mito" para um Deus dominante ou ativo. Mas o importante agora é ter presente que, segundo essa teoria, os Deuses não morrem realmente, mas seu desaparecimento, sua invisibilidade, deve-se a que se incorporaram ao inconsciente coletivo de suas culturas, perdendo-se de vista momentaneamente ou definitivamente. Neste sentido, o mito se identifica com certo tipo de arquétipos coletivos, quer dizer, comuns a toda uma raça, cujas características são herdadas e se constituem em um conteúdo inconsciente da psique humana. Não se deve acreditar que este conceito psicológico implica na invalidação de que o Deus atue exteriormente (de maneira psicoide), tal como nos informa a tradição que atuam todos os Deuses. Existe um contato entre o inconsciente coletivo pessoal e um "inconsciente coletivo universal", que é a própria substância do Demiurgo, o plano onde Ele depositou os Arquétipos de sua criação: por uma interação operada diretamente no inconsciente profundo do homem efetua-se a nivelação ou equalização que faz de um mito um "Mito", quer dizer, o processo pelo qual uma estrutura passiva (o mito) se transforma em uma entidade dominante (o Mito), alimentada com energia (libido) subtraída da psique. Esta importante questão também será estudada com profundidade no livro 4.

Os mitos estão sempre presentes em todos os povos e em todas as circunstâncias. Sua passividade não significa que tenham morrido, pois poderiam "ressuscitar" e tornarem-se novamente Deuses, como de fato

ocorreu muitas vezes, conforme seja a conveniência do Demiurgo; já que os Deuses são, como já se terá notado, expressões de seus Arquétipos psicoides. Não entraremos a detalhar o Plano do Demiurgo e explicar a necessidade que Ele tem de projetar Arquétipos Manu sobre a humanidade para dirigir a evolução da vida e da forma. Só acrescentaremos que um Manu, a "ideia" de uma raça, é o Arquétipo coletivo psicoide dominante, o Deus de uma Idade; mas um Manu, convém não esquecer nunca, é um desdobramento do próprio Demiurgo, uma "aparência divina" carente de individualidade; se "parece" um Deus é porque o período de seu desenvolvimento é muito extenso para que seja percebido por um Espírito encarnado, encadeado a um período vital incompativelmente curto; por último, um Manu se desdobra em uma Hierarquia de entes intermediários, os quais recebem a missão de levar avante certas partes do Plano: estes entes, junto a alguns membros da evolução dévica, e os pasu "evoluídos" ou adeptos, integram a Hierarquia Branca dos Siddhas Traidores.

Valendo-nos destes conceitos, podemos agora redefinir, em termos modernos, a antiga ideia da Idade. Vamos do menor ao maior:

a - Qualquer circunstância histórica é a conjunção da humanidade e certos Arquétipos, aos quais ela se subordina, evoluindo para sua perfeição[81]. Também:

b – Uma Era histórica é a conjunção de uma comunidade cultural e de um Deus ao qual ela se subordina e a cuja Vontade obedece. [Ou, expressado em conceitos modernos: uma Era histórica é a conjunção de uma comunidade cultural e de um Arquétipo coletivo, ao qual ela se subordina e para cuja concreção evolui sua cultura.] Por último:

c – Uma Idade histórica é a conjunção da humanidade, durante tal período, e de um Arquétipo Manu, ao qual ela se subordina evoluindo para sua perfeição (nesta definição, o conceito de Arquétipo Manu envolve toda a Hierarquia que participa do Plano).

Estas definições podem provocar uma dúvida, que esclareceremos imediatamente. A interrogação seria a seguinte: se rejeitamos o conceito moderno de "Idade", por considerá-lo concebido sinarquicamente, a partir de premissas culturais preeminentes, que sentido tem agora revalorizar o

---

[81] *Uma definição parecida propôs André Nataf em "El Milagro Cátaro", Ed. Bruguera.*

conceito antigo, se o mesmo expressa que “uma Idade” é a duração de um Arquétipo Manu, encarnado pelo Demiurgo? Não estamos novamente em terreno inimigo? Tais objeções têm fundamento e, por isso, vale a pena esclarecer que, se bem que ambos os conceitos de Idade são insuficientes e sinárquicos, o antigo, ainda que faça referência ao Manu, servir-nos-á para explicar o também antigo conceito de “Kaly Yuga”; porque, vale a pena afirmar, “Kaly Yuga” é que é uma ideia hiperbórea, sobre a qual se verteram montanhas de opiniões confusas e a qual teremos que redefinir, com a finalidade de revelar ou aproximar ao seu Mistério e torná-la inteligível para uma mentalidade moderna.

A vantagem conceitual que consideram as definições “a”, “b” e “c”, no que respeita aos dogmas da Historiologia oficial, baseia-se fundamentalmente em que tais definições permitem enfrentar o fato histórico considerado em sua integridade ontológica, enquanto o mesmo fato, descrito segundo as diretrizes oficiais, é inevitavelmente mutilado em suas raízes metafísicas. Interessa-nos que esta diferença seja claramente percebida, antes de aprofundar no significado das definições “a”, “b” e “c”; e por isso vamos assinalar agora a causa principal pela qual as descrições oficiais do fato histórico são insuficientes e parciais. Podemos adiantar que tal causa procede da confusão entre “fato histórico” e “fato natural”; mas, como tal confusão se deve a um caso típico de cegueira gnosiológica, estabelecer a distinção entre ambos os conceitos requererá uma longa explicação.

É presumível que o maior erro cometido por um historiador seja o de não distinguir que um fato histórico é categoricamente diferente de um que ocorre, por exemplo, em uma selva remota, tendo como protagonistas membros do reino animal, tal como uma cena de luta entre dois leões. A peleja, como todo o dramatismo que pode implicar, para um observador sensível, é um “fato natural” que aconteceu, com indiferença pela existência humana e que se desenvolve por impulsos de uma dinâmica que lhe é própria. O motor dessa dinâmica não pode ser evidente para o homem, por ser exclusivo do fato natural, por estar circunscrito ao âmbito de sua efetividade. Nem que se intervenha na cena não se consegue mais do que perturbar as forças e que, em um esforço para restabelecer seu desenvolvimento natural, a dinâmica do ato, reajam contra a intromissão; pode acontecer que os leões devorem o observador e logo prossigam com seu combate, ou que este destrua, com uma arma, os protagonistas, ou mil variáveis intermediárias; mas jamais se conseguirá FAZER PARTE da cena; o homem sempre será alheio ao fato natural e, portanto, jamais poderá chegar a conhecê-lo totalmente.

Esta intransponível barreira gnosiológica obriga a que um fato natural seja descrito a partir de uma imagem que o homem perceba em seu caráter de mero observador. Dessa distância, é inevitável tratar com aparências ou aspectos parciais do fato; e por isso é, até certo ponto, lícito esgotar os esforços metodológicos que conduzam a uma descrição o mais completa possível do fato natural. É o que faz a ciência, quando se propõe a aumentar o conhecimento disponível sobre um fenômeno: primeiro o submete à observação, tratando de abranger todos os aspectos possíveis, descompondo, inclusive, estes aspectos, para chegar à sua constituição qualitativa e passar à sua DESCRIÇÃO; se os sentidos são insuficientes, quer dizer, se o fenômeno ultrapassa o quadro sensorial, a "técnica" permitirá projetar os instrumentos que ampliem o quadro espectral de observação e alcancem aqueles limites mais distantes da realidade do fenômeno; finalmente se reúne toda a informação obtida e se a interpreta, elaborando uma teoria, a qual, dado o processo de desintegração a que se submeteu o fenômeno e levando em conta que grande parte do mesmo há de ter escapado da observação, será sempre impotente para apresentar uma explicação integral, que permita compreender o fenômeno em sua totalidade. Claro que, em uma civilização onde a ciência procede deste modo, homem e fenômeno constituem realidades opostas. E ainda que aquele consiga obter tanto conhecimento deste ao ponto de elaborar teorias, e ainda que estas sejam suficientes para desenvolver tecnologias, a brecha gnosiológica não apenas continua aberta, tal como estava quando o fenômeno foi submetido à observação pela primeira vez, mas ameaça ser cada vez maior, devido ao dogmatismo com que se afirmam as supostas teorias, sem levar em conta seus erros e desvios. Mas esse é outro problema.

Os fenômenos ou os fatos naturais são investigados com o mesmo método científico e descritos em teorias que, conforme vimos, são insuficientes para abranger sua realidade completa. Por este motivo, de um fato natural só podemos conhecer alguns aspectos parciais, sua aparência, e não há razão para se preocupar demasiadamente por isso. Mas diferente é o caso do fato histórico, no qual o homem não só participa como protagonista, mas que, fundamentalmente, constitui seu suporte concreto. Aqui o homem não é "alheio"; e por isso não é lícito que empregue o mesmo método com o qual observa os fatos naturais, para contemplar uma realidade na qual ele se acha inserido como ator imediato. Se tal coisa se faz, e de fato "se faz" na historiografia oficial, significa que se tomou uma falsa distância, com a ilusão

de converter em "objeto" sob observação um fato do qual se é inevitável sujeito. Mas se a teoria de um fato natural consegue, na maior parte do tempo, nos desviar da verdade do fato que trata de explicar, a teoria de um fato histórico, elaborada sem atender a estas objeções, pode nos conduzir às antípodas de sua verdade. Poderemos comprovar esta última suspeita, aprofundando agora, neste sentido, nossas conclusões expostas no parágrafo 4, sobre as "Idades" da História oficial.

Em primeiro lugar, em uma "Idade" oficial se descrevem os fatos históricos, destacados de acordo com a eminência que tiveram para o historiador, apresentando-os como acontecimentos acidentais, cuja única determinação, se sugerir alguma, obedece a causas puramente físicas. Se um fato histórico tem alguma relação com outro, afirma-se que seu nexo consiste em certas "variáveis dinâmicas" (a economia, a luta de classes, a religião, a guerra, o "movimento dialético", etc.), completamente exteriores e inconsistentes, para justificar por si mesmas a gênese e a evolução do fato. Ignora-se aqui, como no caso das investigações científicas de fenômenos, a relação estrutural que tem o aspecto descrito com o resto dos elementos que integram a totalidade do fato. A História oficial, ao se afirmar sobre alguns elementos particulares de dita estrutura (a variável tal ou qual), só pode expor aspectos parciais dos fatos verdadeiros, imagens aparentes por trás das quais se oculta a verdade do ocorrido. Ao operar desse modo, um fato histórico ou uma Era, nos são apresentados do seu lado mais evidente (a aparência), ou seja: mais grosseiro e material, confirmando como causas eficientes de sua determinação algumas das famosas "variáveis dinâmicas", o que só se pode fazer às custas de cercear as extensões metafísicas que todo fato histórico possui, de acordo com a definição "a". Vejamos um exemplo desta obsessão racionalista: de nada valeu que o próprio Alexandro Magno declarasse que iniciava a conquista do mundo por conselho de Zeus; para o "historiador" moderno, Alexandre, membro da ESPÉCIE humana e da CIVILIZAÇÃO grega, pertenceu à CLASSE dos militares, ao GÊNERO dos conquistadores e ao GRUPO dos crentes; Zeus, por outro lado, é apenas uma deidade que integra o CONJUNTO dos mitos gregos. Se refletimos sobre a atitude "científica" adotada ao apresentar um fato histórico classificado "por partes", comprovaremos que o mesmo foi tomado como "objeto de observação" e, portanto, confundido com um "fato natural", tal como um eclipse ou a migração anual das andorinhas, quer dizer, com eventos de cuja determinação o homem está absolutamente excluído. Sigamos os passos que deu o "historiador" moderno. Primeiro, se enquadra um fato da vida de Alexandre Magno (sua decisão de conquistar o mundo a

instâncias de Zeus) na categoria dos “casus belli, casus dementiae”[82]; Logo se passa a desintegrá-lo, separando suas partes, às quais se classificará uma por uma, de acordo a diretrizes racionalistas, encaixando-as em conjuntos, classes, grupos, etc.; finalmente, se reconstrói o fato com base naquelas partes que o critério oficial considera mais importantes ou representativas (elabora-se uma autêntica teoria) e se apresenta ao público para seu consumo. Tal como anunciamos, comprova-se que após a operação historiográfica, só se nos mostra um aspecto parcial do fenômeno; mas este aspecto é o mais mísero, porque descreve o fato conectado de seu motor metafísico, Zeus, que, no século IV A.C. era um Arquétipo dominante, um Deus, e não um mero “mito”.

Demonstramos a insuficiência dos métodos modernos, racionalistas, aplicados à interpretação do fato histórico e denunciamos o erro que se comete ao desintegrá-lo analiticamente e a integrá-lo por síntese racional: a investigação do fato histórico se enfrenta do mesmo modo objetivo com que se tratam os fatos naturais.

Mas o fato histórico não é, como os fatos naturais, a presença objetiva de um processo evolutivo a cujo desenvolvimento o homem só pode assistir na qualidade de observador. No fato histórico, ainda naqueles que tenham ocorrido há milhares de anos, o homem, de qualquer época, é sempre “sujeito” PORQUE UM FATO HISTÓRICO É, ANTES DE MAIS NADA, UM FATO CULTURAL. Esta entidade é tremendamente importante, pois fundamenta a superioridade das definições “a”, “b” e “c” sobre o conceito moderno de “Idade”, baseado na análise racional dos fatos históricos. Comprová-lo-emos quando definamos o que se deve entender por “cultura” e “fato cultural”.

Recordemos a conclusão 7 da alegoria sobre o “prisioneiro”, o “eu” do virya perdido, que já tínhamos visto no capítulo anterior.

- 7 –

[82] *Ato de guerra, ato de loucura.*

c – A “prisão” é análoga à “cultura”. Também: certas partes da “prisão”, muralhas, fossos, pontes, etc., são análogos a certas partes da “cultura”, isto é, as “premissas culturais preeminentes”. Comentário: tenha-se presente que, na alegoria, tanto os “guardiões” como a “prisão” são intermediários entre o prisioneiro e o mundo exterior. Mas os “guardiões” são intermediários “dinâmicos” (analogamente à “razão” no virya perdido), enquanto a “prisão” é intermediário “estático” (analogamente à “cultura” no virya perdido).

Por outro lado, na conclusão 8 se afirmava o seguinte:

- 8 –

c – O “mundo exterior” além da prisão é análogo ao “mundo exterior” além da “estrutura cultural” que sujeita o “eu” no virya perdido.

Destas conclusões analógicas se depreende a seguinte definição: “A cultura é um ‘mundo intermediário’ entre o ‘eu’ e a realidade exterior”[83]. Mas este “mundo” cerca de tal maneira o eu que, salvo o centro-Vril, todos os caminhos para a realidade exterior devem atravessá-lo inevitavelmente; a cultura verdadeiramente “aprisiona” o eu dentro das fronteiras de seu entorno. Aprofundemos um pouco mais nesta definição geral da cultura como mundo intermediário.

Em primeiro lugar, este mundo intermediário tem clara origem biológica; pois é evidente que entre toda a realidade exterior e o eu se interpõe sempre a estrutura do sistema nervoso (neurofisiológica). Mas a cultura, como a “prisão” da alegoria, é uma “estrutura estática-interna”, cujos “elementos” são as premissas culturais preeminentes. Tais elementos estão vinculados rigidamente por estarem registrados na memória do cérebro e submetidos aos mecanismos neurológicos de interação. Deste modo, vem a existir uma relação biunívoca entre a cultura e a estrutura do cérebro, ou, em outras palavras: entre a estrutura cultura e a estrutura do cérebro existe uma

---

[83] *Rejeitamos, portanto, a ideia vulgar da “Cultura” como “o produto coletivo da atividade humana” ou outras definições que situam o âmbito da cultura no “mundo físico”, quer dizer, no mundo dos “objetos culturais exteriores”. Aqui situamos a Cultura no âmbito que lhe corresponde: o da realidade psíquica.*

correspondência biunívoca[84]. Contudo: a estrutura do cérebro possui mecanismos neurológicos capazes de estabelecer "caminhos" bioelétricos na complexa rede celular; mecanismos que constituem o modo de funcionar do cérebro e que são similares em todos os seres humanos. Aqui não há dúvida, pois a possibilidade do entendimento entre os homens, a comunicação, consiste basicamente na similaridade estrutural do cérebro que todos os membros da espécie humana possuem; da "comunicação" deriva-se "a cultura como fato coletivo", que um segundo grau da cultura, de acordo com a definição que demos a ela como "mundo intermediário" individual.

Antes que o eu exista, já há o corpo físico; e quando o eu se extingue, ainda existe o corpo físico. Portanto: primeiro é o corpo físico e depois o eu; ou, com mais exatidão: em primeiro lugar aparece a estrutura do cérebro e depois o eu[85]. Pode-se dizer, então, que, ainda que haja uma correspondência biunívoca entre ambas, a estrutura (biológica) do cérebro suporta a estrutura cultural e esta constitui o âmbito do eu, seu entorno ou "prisão". Por isso, a infinidade de caminhos bioelétricos que existem na estrutura cerebral devem ter sua correspondência com uma infinidade de caminhos equivalentes da estrutura cultural, caminhos dos quais não poderá afastar-se jamais o eu e que o condicionam gnosiologicamente.

O eu é a consciência presente, e como tal, mantém um contato permanente com a estrutura cultural que o cerca: mas este contato só se pode realizar seguindo os percursos possíveis que determina a

---

[84] *Empregamos o vocábulo "biunívoco" em sentido restrito: aqui significa "correspondência em ambos os sentidos" das estruturas e de nenhuma forma implica em um homeomorfismo matemático. Trata-se apenas de um exemplo didático empregado por comodidade, como todo o modelo estrutural também o é, sem prejuízo de que tal modelo possa descrever ou não a verdade dos fatos reais. Só seremos capazes de assegurar que na correspondência (biunívoca) entre uma configuração bioelétrica, por exemplo, do cerebelo, e a estrutura cultural, transfere-se a esta uma figura equivalente que conserva da primeira tão só suas "invariantes topológicas".*

[85] *De um ponto de vista metafísico, o "corpo físico" é a atualização de uma potência arquetípica que INCLUI o eu, quando se entende este como consciência referida ao mundo. Mas como nosso comentário requer tratar com fatos, invertemos o sentido do processo para partir das existências dadas à observação do próximo, de um terceiro, ou da comunidade: o homem é, então, pura exterioridade; seu corpo físico e sua conduta.*

correspondência com os caminhos da rede celular do cérebro. Na estrutura cultural os caminhos se formam sobre os "elementos" da mesma. Vale a pena que perguntemos de uma vez: quais coisas são os elementos da estrutura cultural? Asserções[86]. Então: "a cultura consiste, também, em infinitas asserções, vinculadas entre si de modo tal que formam uma estrutura estática".

Vale a pena esclarecer que "estático" é o estado estável da estrutura cultural, o que de nenhum modo significa que tal estado não possa ser modificado. De fato, a formação da cultura ao longo da vida supõe o acréscimo permanente de novas asserções ou a substituição de umas por outras, mas nesses casos trata-se de casos de "estados de perturbação", após os quais a estrutura cultural volta ao seu estado estável, quer dizer, estático. O erro de acreditar que existe "uma cultura viva" ou "dinâmica" provém de não perceber que a cultura só pode ser interior, tal como a consideramos aqui; e de confundir, em consequência, os objetos culturais exteriores com a própria cultura. Não é demais repetir que os objetos exteriores, mesmo aqueles produzidos pelo homem, tais como um garfo ou uma cidade, não significam nada fora dele; e que se a humanidade desaparecesse, todos os objetos que o homem utiliza deixariam de ser culturais. Por isso é ridículo falar de culturas "mortas" ou "vivas", ao se referir aos rastros exteriores que as comunidades humanas deixam, em sua passagem pela História (ou a "Pré-história", como gostam de chamar, pomposamente, os intelectuais a época em que o homem possuía pureza sanguínea e não escrevia). Há só uma cultura e é estrutural, estática e interior; e existem objetos culturais exteriores, utilitários ou estéticos, que têm um significado para o homem que os produz e usa, e que talvez tenham outro sentido para os homens futuros que os encontrem e observem. Mas o conjunto de todos os objetos culturais de uma comunidade humana não constitui sua cultura; não "vivem" nem "morrem"; acompanham esta enquanto exista e variam, se ela evolui ou permanecem estáveis se a comunidade se estanca e morre. Por si mesmos os objetos não dizem nada, e por isso, quando um arqueólogo desenterra uma aldeia de uma comunidade desconhecida, deve destinar parte de sua própria estrutura cultural para

[86] *Antes dissemos que os "elementos" são premissas culturais preeminentes, para exemplificar; mas, a rigor, estas constituem construções lógicas que INCLUEM asserções, ou seja: são caminhos que passam por vários elementos.*

reproduzir INTERIORMENTE a cultura dos homens que a habitaram. E esta reprodução, de acordo com a distância que tenha com suas próprias premissas culturais, pode ou não modificar as asserções estruturadas de sua cultura. Não esqueçamos que, no contato transcultural entre povos diferentes ocorrem modificações recíprocas, como Grécia-Roma, Espanha-México, etc. Assim é que uma quantidade de objetos culturais enterrados jamais pode ser uma "cultura morta" se os homens os utilizam. E tampouco podem ser tratados como "objetos de observação", à maneira dos "objetos naturais", pretendendo desvincular-se de seu sentido humano, sentido que foi restituído de algum modo, desde o momento em que se fixou a atenção neles. Pelo mesmo motivo, não é possível objetivar um fato histórico, recorrendo ao artifício de declarar que pertence ao passado e por isso não nos inclui como sujeitos; uma vez que os caminhos que o eu percorre na estrutura cultural para compreender o fato, fazem desde uma vivência atualizada que nos afeta e condiciona. Pode ser que uma insuficiente compreensão do fato histórico mude seu sentido original, sua verdade; é algo que ocorrerá infalivelmente, em alguma medida, devido à influência das premissas culturais preeminentes; mas o fato histórico sempre nos afetará em sua característica de "fato cultural", de feitoria humana, e como tal, nos envolverá como sujeitos de sua trama, desde o momento em que reflitamos nele. Voltaremos a tratar acerca do duplo caráter de fato "histórico" e "cultural".

Existe uma confusão, então, entre os objetos culturais e a própria cultura, que leva muitos a afirmarem que esta é "dinâmica". Tal confusão se aguça quando os observadores atendem ao movimento que os homens imprimem aos objetos ou ao intercâmbio de informação que se efetua entre dois interlocutores, o que se toma como outro tipo de movimento. Contra estes erros, diremos, pela última vez, que as variações que os objetos culturais experimentam são efetivamente expressão da cultura, mas a expressão externa, concreta, produzida por um corpo físico humano guiado a partir de uma estrutura cultural estática interna. Quanto ao "intercâmbio cultural", o movimento é o seguinte: o professor A diz: "o Dodô se extinguiu"; a frase acústica percorre o espaço e penetra na esfera sensorial do aluno B, sendo transduzida neurologicamente como uma informação bioelétrica, que afeta as funções do cérebro; as funções cerebrais distribuem esta informação, inaugurando um caminho particular em sua estrutura celular; este caminho se corresponde biunivocamente com outro caminho equivalente na estrutura cultural e se estabelece uma premissa cultural preeminente que, neste caso,

é uma asserção simples. Houve aqui, se a frase foi escutada pela primeira vez, uma modificação da estrutura cultural (a rigor, uma expansão); mas uma vez que a asserção ficou estruturada, a própria estrutura permanece estática, enquanto não apareça uma nova asserção. Dali em diante, quando o aluno B volte a ouvir a frase "o Dodô se extinguiu", uma função pura do cérebro, a razão, identificará por comparação o antigo caminho e um sinal de reconhecimento alertará o eu de que tal asserção pertence à estrutura cultural e lhe revelará, na medida de seu interesse, a localização e as interrelações que tem com outras asserções.

Há que se perguntar agora: que relação tem a razão com o eu? Vamos por partes[87]. Definimos no capítulo anterior a razão "como um operador que relaciona distintos elementos de acordo com uma certa lógica. O 'operador' é hereditário; a lógica, quer dizer, o modo acordado de operar, é cultural: depende de regras e princípios sociais, éticos, morais, religiosos, etc., e se encontra muito ligada à estrutura linguística própria, ao idioma natal".

Aprofundemos um pouco mais nesta primeira definição. Atribuímos antes uma primazia temporal ao corpo físico sobre o eu: "antes que o eu exista, já há o corpo físico, e quando o eu se extingue, ainda existe o corpo físico".

Devemos avisar agora que o mesmo não ocorre com a razão; mas que, pelo contrário, esta acompanha o nascimento e desaparecimento do eu. Pelo aparecimento simultâneo de ambos os sujeitos, é comum o erro de identificá-los entre si; devido à dificuldade para efetuar sua diferença. Fala-se, assim de "consciência racional" ou de "razão consciente", fundindo impropriamente dois membros de diferentes estruturas. Nós saltamos esta dificuldade ao estabelecer de início a distinção entre "o eu" como consciência presente e "a razão" como operador funcional, sem esquecer a solidariedade com atuam ambos os sujeitos.

Para compreender de maneira simples a relação entre o eu e a razão, continuaremos nos referindo ao modelo de estrutura cultural utilizado até aqui, estabelecendo algumas analogias reveladoras.

---

[87] *Por motivo de brevidade, apenas trataremos esta relação, considerando o caso do pensamento lógico, que corresponde ao homem moderno, e evitaremos nos referir ao pensamento pré-lógico, próprio das chamadas culturas primitivas, quer dizer, exercitado por pessoas mais puras do que nós.*

Comecemos por precisar os âmbitos de referência. Entendemos por "razão" uma função superior do cérebro, cuja operação se caracteriza por interrelacionar bioeletricamente certos elementos de sua estrutura celular; o âmbito concreto da razão é, então, a estrutura celular do cérebro.

No pasu ou virya perdido é normal que o pensamento se construa com elementos culturais, devido a que a consciência se acha orientada para o mundo exterior e todas as suas referências procedem deste. O âmbito do eu (no pasu ou virya perdido, ou seja, em seres que participam do Plano evolutivo do Demiurgo), é a estrutura cultural, a qual consiste em uma infinidade de asserções. (Há que se ter presente que a estrutura cultural não constitui TODO o horizonte do eu; e que é possível separar, e mesmo desconectar completamente, a consciência cognitiva da determinação racional, tal como propõe a gnose.)

Normalmente, então, o eu se encontra ligado solidariamente à razão, atuando cada um em sua estrutura. Porém, cumpre-se uma ordem processual durante o ato de pensar racional: do eu à razão e da razão ao eu (nunca ao contrário). Trata-se, claro, de um mecanismo ao que há que se conhecer muito bem antes de tentar evitar sua ação, mas o qual não é difícil explicar. Antes de mais nada, digamos que é O MODO que a consciência assume ao pensar o que CHAMA a razão e motiva minha RESPOSTA, que sempre acaba por determinar a FORMA do pensamento, tornando razoável qualquer ideia. Isto acontece assim porque A RAZÃO RESPONDE À INTERROGAÇÃO. Mas não nos referimos aqui a uma questão lógica; pois a lógica é domínio da razão e intervém a posteriori de toda reflexão; a interrogação a que aludimos é simplesmente UM MOVIMENTO DA CONSCIÊNCIA: aquele movimento efetuado pelo eu para conhecer, entender ou compreender qualquer objeto ideal.

No estado mental de pasu ou virya perdido, a razão responde quase a todos os movimentos produzidos na consciência; e por isso a inteligência de qualquer ordem de ideias tende sempre a ser racional.

Vendo as coisas deste ponto de vista, o processo seria o seguinte: frente a um objeto ideal gera-se um movimento cognitivo do eu; tal movimento é interpretado como uma interrogação formal pela razão, a qual estabelece instantaneamente uma interconexão bioelétrica na estrutura celular do cérebro como resposta solidária; esta interconexão particular, pela relação biunívoca entre estruturas, transfere-se à estrutura cultural, onde se plasma topologicamente sobre seus elementos (asserções); fica assim formalizada

uma rota lógica que, percorrida pelo eu, constitui a própria inteligência do objeto ideal considerado[88]. É claro que tal inteligência é completamente racional, uma vez que foi construída em função das asserções culturais, por suas relações lógicas, e por isso sua expressão, "o conhecimento do objeto", será puramente conceitual.

A razão, como uma sombra, segue o eu em todos os seus movimentos e tenta formalizar logicamente sua atividade; analogamente aos guardiões da prisão, ela é uma intermediária entre o eu e o mundo exterior. Mas, segundo a conclusão 7, a razão é "intermediária dinâmica", enquanto a estrutura cultural é "intermediária estática". A consciência, ao estar orientada para o mundo exterior pela mecânica do processo cognitivo racional, situa-se em um mundo intermediário ao qual chamamos de "cultura", onde todos os objetos de conhecimento são construídos logicamente e são uma mera aproximação racional dos objetos reais que representam. (A forma de livrar-se do jugo da razão não consiste em "evitar todo movimento psíquico", com a finalidade de escapar da resposta racional, tal como propõem os sistemas contemplativos; mas em tirar a atenção do mundo exterior e reorientá-la para um novo centro, do qual o conhecimento se obtenha diretamente do objeto, por revelação gnóstica. A Sabedoria Hiperbórea afirma que "a interrogação é o pior erro estratégico do virya" e recomenda empregar em substituição o princípio gnóstico: "conhecer é recordar"; quem interroga habilita a razão para que o confunda com sua resposta enganosa; ao contrário, quem dispõe o Espírito para recordar, pode chegar a saber tudo por revelação imediata, dado que a Verdade JÁ ESTÁ EM SI MESMO).

A estrutura cultural acha-se imersa na psique como parte dos estratos inconscientes. Certas "partes" dela emergem na consciência; colocam-se frente ao eu, como produto da atividade racional. Estas "partes", que modificam notavelmente – e inevitavelmente – toda ideia que seja objeto da interrogação, ou do "movimento" do eu, são construções racionais elaboradas a partir dos "elementos" da estrutura cultural. E estes "elementos" são, conforme dissemos, asserções. Mas tais asserções não estão codificadas de acordo com uma linguagem gramatical, mas sua natureza é simbólica e constitui, justamente, a origem de toda linguagem.

---

[88] *A trama psicológica realçada sobre as asserções, ou premissas culturais preeminentes, da estrutura cultural é a "eminência" propriamente dita.*

Fazendo uma grande simplificação, podemos considerar que as asserções simbólicas podem se dividir em dois grupos: uma imensidão de asserções COMPOSTAS e uma pequena quantidade de asserções SIMPLES ou ARQUÉTIPOS. As asserções simples são símbolos arquetípicos ou princípios matemáticos que intervêm na composição de muitas das asserções compostas[89]. E eis aqui algo que queríamos sinalizar: durante a aprendizagem cultural AS ASSERÇÕES SIMPLES SÃO DESCOBERTAS (pois são hereditárias), enquanto AS ASSERÇÕES COMPOSTAS SÃO CRIADAS RACIONALMENTE ou FORMADAS COM REFERÊNCIA A OBJETOS EXTERIORES.

É assim que, em potência, a estrutura cultural está presente desde o princípio da existência do eu; pois, a partir de umas poucas asserções simples, a razão é capaz de reconstruir toda a formidável trama das asserções compostas. (O cárcere-labirinto que subjuga o eu adquire proporções gigantescas, que deixam bem atrás a prisão da alegoria, considerando as infinitas asserções em que se pode formar uma Cultura.) Porém, o homem raras vezes suspeita do enorme edifício sobre o qual se desloca sua consciência quando percorre um trajeto determinado pela razão, como fórmula para conhecer uma coisa, trajeto que, por outro lado, é vivenciado como o próprio conhecimento da coisa ou confundido com a coisa em si.

Devemos destacar, por último, que o processo cognitivo-racional que expomos até aqui impede a apreensão completa de qualquer fato natural ou fenômeno, dado que do mesmo o eu apenas obterá uma reconstrução cultural, ou seja: uma síntese racional. Na maior parte dos casos, o processo se desenvolve inconscientemente e não se percebe que o eu está tratando com imagens sintéticas, formadas arquetipicamente pelas asserções da estrutura cultural, que só têm uma relativa semelhança com o objeto de referência. Mas quando se tenta "investigar" um fato natural, por exemplo, um fenômeno, então as dificuldades saltam à vista e torna-se evidente a insuficiência racional. Parte destas dificuldades já foram consideradas; agora completamos o conceito.

---

[89] *O princípio do cerco é, empregando estas definições, uma "asserção simples", quer dizer, um símbolo arquetípico herdado ou princípio matemático desconhecido.*

A razão "conhece" por um processo dialético; seus meios são: a análise e a síntese, ou seja: a decomposição e a reconstrução do objeto sob observação. Por muitos motivos, que seria longo expressar aqui, entre os quais se contam a insuficiência sensorial e um deficiente desenvolvimento da estrutura cultural, A RAZÃO ATUA COM MAIOR PRECISÃO NA DECOMPOSIÇÃO DO QUE NA RECOMPOSIÇÃO. Já criticamos a descrição qualitativa e a qualificamos como insuficiente para apreender a verdade do objeto concreto enquanto totalidade, quer dizer, seu ser. Consideremos agora a mais precisa descrição possível de um fenômeno, do ponto de vista físico-matemático, estabelecendo um sistema de equações diferenciais tal, que cada equação contenha uma variável principal ligada algebricamente a todas as outras variáveis e expresse "o comportamento" no tempo de uma magnitude principal, em função de todas as outras magnitudes[90]. Mas, tal como dissemos, é mais fácil desintegrar do que integrar: não há maneira de integrar todas as equações diferenciais que descrevem um fenômeno e reduzi-las a UMA SÓ FÓRMULA que permita acessar uma visão completa do mesmo[91]. A única coisa que se consegue é ordenar as equações EM UMA ESTRUTURA ALGÉBRICA! Que não é nem mais nem menos do que a FORMA ABSTRATA DA ESTRUTURA CULTURAL do fenômeno; ou seja, uma estrutura cultural (ou subestrutura) representativa do fenômeno, na qual as asserções foram substituídas por variáveis matemáticas e as premissas culturais preeminentes por equações diferenciais. O problema é que ninguém pode conter em sua estrutura cultural uma estrutura matemática de infinitas equações diferenciais; e se necessita desse sistema para descrever APENAS UM FENÔMENO! Nem os maiores matemáticos conseguiram nada mais do que intuir, em raros e fugazes êxtases, a representação de algumas estruturas matemáticas de menor complexidade do que a que consideramos.

---

[90] *Esse exemplo pode ser discutido, mas isso não lhe tira seu mérito didático, importante aqui, já que desejamos mostrar com clareza a insuficiência do método cognitivo racional, e tratamos de fazê-lo brevemente. Não ignoramos a objeção de Heisenberg (incerteza) nem outras do mesmo tipo, as quais, não obstante, podem ser resolvidas empregando matemáticas discretas.*

[91] *É o que ocorreu com as expressões matemáticas das teorias gravitacional e eletromagnética e a mecânica quântica, as quais resistiram a todas as tentativas de integrá-las em fórmulas unitárias.*

Comprova-se, assim, a impotência de todo método racional como via para conhecer a realidade: se não é possível apreender um fenômeno, nem mesmo transformado em uma estrutura matemática equivalente, quanto menos se conseguirá quando se parte de umas poucas qualidades para reconstruir o objeto original! Mas, o que é pior, o método analítico costuma se empregar para algo mais do que para investigar fenômenos: em efeito, tal como o denunciamos oportunamente, não se costuma distinguir um fato histórico de um fato natural; e portanto, pretende-se "investigar" o fato histórico, racionalmente, separando suas partes por análise e logo sintetizando "a piacere" os eventos passados, para apresentar uma trama intencional e, muitas vezes, falsa, do fato real. E esta atitude é a maior aberração, agora podemos entender, uma vez que o fato histórico é também um fato cultural, quer dizer, um objeto exterior ESSENCIALMENTE ESTRUTURADO, contra o qual não é possível empregar as ferramentas da análise e da síntese para compreender sua realidade[92].

Todo objeto cultural é parte da estrutura cultural e, em um grau menor, também uma estrutura. Não ocorre o mesmo com os objetos naturais, dos quais nos escapa sua gênese e seu processo, e sobre os quais muitas vezes não é claro decidir se sua forma está sustentada por uma estrutura ou outro tipo de organização ou se, talvez, sua matéria não possui organização alguma. Em tais objetos é possível aplicar com certo sucesso o método racional, tal como o demonstra a ciência empírica do Ocidente, e extrair conhecimento. Mas um objeto cultural é essencialmente uma estrutura; e como tal não admite em nenhum caso a decomposição de sua arquitetura.

Em uma estrutura, cada elemento é interdependente de outros membros e da totalidade. Por isso, não é possível, como seria a pretensão da

---

92 *Os "objetos culturais" podem ser "interiores" ou "exteriores". Os "objetos culturais interiores" formam parte da estrutura cultural e constituem um primeiro grau na realidade do objeto. Os "objetos culturais exteriores" são projetos corporificados e materializados dos anteriores e representam um segundo grau na realidade do objeto: são reconhecidos no mundo como reflexo dos objetos interiores, mas se esta relação não se percebe, pode-se cometer o erro gnosiológico de atribuir as qualidades culturais diretamente ao corpo físico que representa o objeto cultural.*

análise racional, considerar a parte separada do todo; pelo contrário, na estrutura, o todo condiciona a parte e determina sua função. Um objeto cultural, enquanto estrutura, é uma totalidade apenas apreensível como tal. Mas tal apreensão é perfeitamente possível, diferentemente do que ocorre com a estrutura físico-matemática de um fenômeno, porque todo objeto cultural procede da estrutura cultural, quer dizer, da psique humana.

Todo objeto cultural é, neste sentido, um projeto matemático, porque foi projetado, já estruturado, no mundo, a partir da estrutura cultural e, igualmente a esta, construído com asserções simples e compostas, ou seja, com princípios matemáticos. É assim que os objetos culturais, se são reconhecidos como tais no mundo, podem ser apreendidos estruturalmente, após sua introjeção; mas, pelo contrário, se se tenta decompô-los analiticamente, só se conseguirá destruir as estruturas e com isso ignorar definitivamente suas funções.

Porém: um fato histórico é, gnosiologicamente, um fato cultural: o fato cultural "par excellence". (Pode-se considerar o fato histórico como um fato cultural "passado".) Protagonizado por membros de uma comunidade, envolve em sua trama não apenas o universo de objetos culturais exteriores mas também o próximo. O fato histórico, em seu caráter de fato cultural, é então essencialmente estrutural.

Já dissemos que o método analítico é insuficiente para oferecer conhecimento certo de um objeto cultural exterior por sua condição de estrutura e que o mesmo deve ser apreendido diretamente na estrutura cultural, a qual é interior: pertence à esfera psíquica. Isto quer dizer que, se bem que a apreensão se realize com referência ao objeto cultural em si, a estrutura cultural oferece à consciência uma imagem formada com prescindência material da exterioridade do objeto. Um objeto assim apreendido é essencialmente estrutural, por ser cultural, e de nenhum modo foi dividido pela razão. Ocorre o mesmo com uma estrutura que se compõe de uma coleção de objetos culturais exteriores, o fato histórico por exemplo, enquanto fato cultural?

Antes de mais nada, vejamos que tipo de estrutura é o fato cultural, estabelecendo, para isso, uma relação de analogia com a estrutura cultural. Comecemos denominando de SUPERESTRUTURA a estrutura do fato cultural e consideremos que os "elementos" membros da mesma consistem em objetos culturais exteriores. O próximo, nela, é efetivamente estruturado na qualidade de objeto cultural exterior. A superestrutura vem a ser, assim, puramente factual e composta de objetos culturais que cumprem uma função equivalente ao das asserções da estrutura cultural.

Mas, entre a estrutura cultural e a superestrutura do fato cultural não há oposição, mas integração. Em efeito, há dois motivos para isso: por uma parte, a superestrutura ultrapassa a capacidade cognitiva do homem, enquanto o inclui como membro de seu contexto; e por outro lado possui a suficiente potência para captar a estrutura cultural de qualquer indivíduo e integrá-la em sua própria existência. Em outras palavras: o homem, se é protagonista inconsciente, atua como objeto exterior, participando do desenvolvimento do fato cultural; mas quando tenta conhecer, e dirige sua atenção não à estrutura dos objetos culturais mas à superestrutura do fato, então a estrutura cultural se enfrenta à superestrutura e a maior potência desta prende aquela, exteriorizando-a também e tornando-a sujeito ativo de seu drama.

É impossível, pois, conhecer a forma verdadeira de uma superestrutura; e não por limitações da indagação racional exatamente. Mas "a forma" que sustenta uma superestrutura é "o fato cultural" propriamente dito, ao qual, e isto afirmamos novamente, não será possível apreender COMO OBJETO DE CONHECIMENTO.

O fato cultural não é possível apreender, antes de ser apreendido por ele; não é possível tomá-lo por objeto antes que ele nos inclua como sujeitos de seu drama. Por isso, não tem sentido distinguir "temporalmente" os fatos culturais, pelo grau de potência que possuem para atuar sobre nós, e supor que os fatos passados, quer dizer, históricos, são passivos e, portanto, suscetíveis de serem tomados como objetos de estudo ou "investigação". Todo fato histórico é atual para quem fixe sua atenção nele, ou seja, para quem enfrente sua estrutura cultural à superestrutura do fato.

Dissemos que a superestrutura do fato histórico possui maior potência que a estrutura cultural do observador e que, por isso, aquela é sempre atual para este, prendendo-o na qualidade de sujeito do drama. Pode-se perguntar então: de onde lhe vem, a uma organização externa, "do mundo", essa potência tremenda, capaz de integrar o homem em seu próprio processo? DOS ARQUÉTIPOS COLETIVOS PSICOIDES. Resposta que nos remete às definições "a", "b" e "c", às quais ampliaremos, após considerar os comentários feitos até aqui.

6º - Façamos um resumo, muito sintético, das principais conclusões oferecidas pelo comentário 5. No parágrafo 4, demonstramos a maneira arbitrária com que a Historiografia moderna emprega o vocábulo "Idade", o qual esvaziaram de conteúdo para que sirva apenas ao efeito de assinalar os

intervalos de tempo em que se divide a História oficial. No parágrafo 5, declaramos a intenção de restituir a "Idade" seu antigo sentido e, para isso, adotamos uma atitude crítica para com a "mentalidade racionalista", culpada pela maioria dos erros que se cometem quando se tenta conhecer a verdade de um fato histórico. Começamos recordando que, na remota antiguidade, o conceito de Idade não derivava do homem, mas de Deus. Mas, a seguir, esclarecemos que os "Deuses" antigos, hoje lembrados como mitos, são, na realidade, Arquétipos exteriores (psicoides), quer dizer, dominantes em certas épocas para atuar SOBRE OS HOMENS E SEU MEIO AMBIENTE. Depois postulamos três definições (a, b e c), das quais, a primeira dizia: "qualquer circunstância histórica é a conjunção da humanidade e certos Arquétipos aos quais ela se subordina, evoluindo para sua concretização".

Para compreender em toda a sua profundidade estas definições, decidimos demonstrar que habitualmente se confunde o "fato histórico" com o "fato natural", do qual o homem é alheio: não é possível, dissemos, tomar o "fato histórico" como um mero "fato natural" e fazê-lo "objeto" de investigação. Por que? Porque o fato histórico inclui o homem em sua forma, como suporte concreto e não apenas o impede de ser "alheio" (como no que respeita ao fato natural), mas se manifesta "sempre atual" para sua atenção, independentemente do tempo cronológico em que tal fato tenha ocorrido.

Dissemos então que a chave deste comportamento estava em que o fato histórico era (ou tinha sido) um "fato cultural" e definimos a cultura como "mundo intermediário entre o eu e o mundo exterior". Mas a cultura é um mundo "interior", próprio da esfera psíquica, e sua natureza é estrutural, pelo que a denominamos "estrutura cultural". Expusemos que os "elementos" da estrutura cultural consistiam em asserções e estabelecemos que entre ela e a estrutura celular do cérebro existia uma relação biunívoca: as configurações bioelétricas da estrutura celular transferem à estrutura cultural seus equivalentes topológicos. Para formar ditas configurações bioelétricas existe uma função do cérebro chamada de "razão", a qual "responde" a qualquer "movimento" do eu e o intercepta como "interrogação".

A estrutura cultural encontra-se imersa no inconsciente pessoal, salvo aquelas construções (de asserções) que emergem para o eu como "resposta racional", que é a maneira mais grosseira do conhecimento.

Finalmente retornamos à identidade "fato histórico-fato cultural", mas comprovando agora que o fato cultural é ESSENCIALMENTE ESTRUTURADO, com o qual o é também o fato histórico. Mas o fato cultural é fatual e inclui em sua estrutura os objetos culturais exteriores e os homens que sua potência consegue integrar; é, com toda razão, uma "superestrutura".

Por isso, perguntávamos: de onde lhe vem a potência que possui uma superestrutura "exterior", própria do "mundo"? E obtivemos a resposta: dos Arquétipos coletivos psicoides. Vamos agora ampliar esta resposta, recorrendo à comparação analógica entre a estrutura cultural e a superestrutura.

Consideremos, no momento, a estrutura cultural. Seu âmbito é a esfera psíquica na qual, conforme dissemos, encontra-se imersa em nível inconsciente. Alguns de seus elementos fundamentais, as premissas simples, consistem em símbolos arquetípicos, com os quais se costumam formar, muitas vezes, as ideias ou representações às que está referido o eu. Suponhamos que um certo movimento do eu, por uma reflexão que não vem ao caso, provoca como "resposta" que uma imagem triangular emerja à consciência. Antes de mais nada, há que se descartar que tal triângulo seja o próprio arquétipo, uma vez que, por um ato de vontade, podemos duplicar ou mesmo multiplicar a imagem, o que demonstra sua característica reflexiva. O arquétipo triangular, como qualquer símbolo matemático ou asserção simples, permanece sempre na estrutura cultural, à qual não pode abandonar, devido aos vínculos que mantém com os restantes membros da mesma. A emergência (ou "eminência") da imagem arquetípica ante a consciência se opera a partir da estrutura cultural, por solicitação da razão (na estrutura do cérebro). Se o arquétipo triângulo permanece em sua estrutura, possui, no entanto, suficiente potência para atualizar uma imagem na esfera consciente; mas esta imagem emergente tem a faculdade de captar efetivamente a atenção do eu.

Em resumo: um arquétipo inconsciente, se possui potência suficiente, é capaz de se atualizar em nível consciente e estabelecer uma relação referencial com o eu, determinando o conteúdo da consciência. Isto quanto à ação de um único arquétipo, caso ideal; já que mais prováveis são as combinações de asserções simples, ou seja, a intervenção de asserções compostas.

Suponhamos o caso em que a "resposta" racional produz um movimento na imagem do arquétipo triângulo, por exemplo, uma rotação. Aqui intervém, além do triângulo, um arquétipo "arco de circunferência", pois a combinação de ambos dará a imagem do triângulo girando, sendo o arco a representação da trajetória seguida pelo triângulo em seu movimento. O que faz o eu, em tudo isto? Como ficou presa sua atenção na emergência do triângulo, persiste a consciência durante todo o movimento, até a extinção da

imagem. Há que se extrair daqui uma importante conclusão: desde a emergência da imagem arquetípica até sua extinção, a mesma sofreu uma série de modificações referenciais, para o eu, que constituem um PROCESSO. Bem, expressemos estas considerações de maneira geral: "a emergência de imagens arquetípicas na consciência tende a prender a atenção do eu durante todo o seu processo".

Este processo só pode ser interrompido por um ato de vontade que permita ao eu subtrair-se de sua referência às imagens emergentes. Mas a vontade é, simplesmente, uma quantidade de energia disponível à consciência para sua utilização; se esta energia É SUFICIENTE, então a atenção se verá apartada da imagem; mas se é insuficiente, a imagem continuará prendendo a atenção do eu e permanecerá evoluindo em nível consciente. Quando o eu fica assim ligado a uma imagem arquetípica, isso significa que foi momentaneamente incorporado à estrutura cultural, da qual fará parte durante o processo, uma vez que a energia necessária para que tal processo continue é oferecida pela própria consciência, ainda que involuntariamente.

Explicaremos passo a passo. Os arquétipos possuem uma energia própria, que lhes permite manterem-se na estrutura cultural, mas que é insuficiente para possibilitar sua emergência ao nível consciente; para que isso seja possível, necessita-se uma energia adicional. De onde vem a energia com a qual o arquétipo aumenta sua potência e atravessa o umbral da consciência? Das flexões do eu. Uma flexão do eu em determinado sentido pode vitalizar um arquétipo o suficiente para que atualize sua imagem, a qual tenderá a desdobrar-se, tentando concretizar-se, e tomará, para isso, mais energia da consciência[93]. Um arquétipo muito potente pode chegar a esvaziar a consciência de todo o conteúdo e obrigá-la a desempenhar seu processo, com o que o eu passaria a ser uma expressão do próprio arquétipo. Esta absorção da consciência pelos arquétipos inconscientes e a consequente sujeição do eu a um processo de desenvolvimento não implica necessariamente na perda do sentido individual,

[93] *Falamos de "imagem", porque continuamos nos referindo ao exemplo do Arquétipo-triângulo, que é claramente formal; mas poderia se tratar também de outro tipo, como por exemplo um padrão de conduta ou "instinto", o qual induziria o eu a adotar uma atitude determinada.*

mas no enfraquecimento quase absoluto da vontade, impotente para arrancar o eu dos limites formais.

Resumindo: a emergência de uma imagem arquetípica (ou qualquer outra manifestação com que o arquétipo atualize sua presença) será objetiva, e, como tal, suscetível de conhecimento, na medida em que o eu conserve sua energia volitiva; mas se o eu é atraído até a imagem, quer se funda ou se identifique com esta, e participa do seu processo, então já não há diferenciação sujeito-objeto e o eu passa a se integrar como SUJEITO ATIVO de um desenvolvimento originado na estrutura cultural e, portanto, essencialmente estruturado. Encadeado ao processo, a um processo que se nutre de sua própria energia, o eu só pode esperar a concretização do desenvolvimento: a enteléquia do arquétipo. Por último, vale a pena repetir que os arquétipos, por serem elementos da estrutura cultural, matrizes básicas da mente, serão sempre inconscientes e irrepresentáveis, e só poderão ser conhecidos através de suas manifestações.

Antes de expor as analogias que apresentam certos aspectos da estrutura cultural e da superestrutura, é necessário fazer dois esclarecimentos.

O primeiro é que, conforme já se expôs longamente, nós negamos qualquer valor aos objetos culturais externos como “expressões de uma cultura”; e valorizamos, em troca, o “fato cultural” no qual, junto aos objetos culturais, participa a presença humana. O “fato cultural” sabemos que é estruturado; sustentado factualmente por uma superestrutura que inclui os objetos e os homens. É, então, a percepção da superestrutura do fato cultural (uma realidade puramente exterior) aquilo que vulgarmente se denomina de “cultura”. Contra esse erro gnosiológico, nós declaramos que “a Cultura é um mundo intermediário entre o eu e o mundo exterior”. A cultura, assim entendida, consiste em uma “estrutura cultural” estática de natureza psíquica e um operador dinâmico, “a razão”, função da estrutura celular do cérebro.

O segundo esclarecimento se refere ao termo “PSICOIDE”, que o Dr. C. G. Jung empregou para designar o caráter absolutamente transcendente à consciência dos Arquétipos coletivos; sua irrepresentabilidade. Aqui damos a tal vocábulo um sentido restrito, que convém definir, para evitar confusões: “Psicoides” são os Arquétipos das superestruturas, as quais são “externas”, diferentes das estruturas culturais “internas”, cujos Arquétipos são de natureza “psíquica”.

Devemos falar agora sobre os Arquétipos coletivos psicoides. Antes de mais nada, digamos que, na mesma medida em que os Arquétipos da estrutura cultual são “irrepresentáveis”, os Arquétipos “psicoides” são “inapreensíveis” pela estrutura cultural e “irredutíveis” pela razão. É impossível, então, “ter conhecimento” de um Arquétipo psicoide por meio da “via cultural”.

Os Arquétipos “psicoides” são produto da Vontade e Imaginação do Demiurgo; mas aqui é necessário levar em conta alguns conceitos da Sabedoria Hiperbórea.

1º - Se bem que existam incontáveis Arquétipos psicoides, todos são compostos por combinações de um único elemento: a mônada arquetípica.

2º - As mônadas são as “primeiras” emanações do Demiurgo.

3º - Possuem potência suficiente para atualizarem-se no plano físico ou, melhor dizendo, o “plano físico” ou “espaço tridimensional” é a expressão “atual” das mônadas. A uma mônada corresponde um “quantum arquetípico de energia” U.E.V.A.C. no plano físico.

4º - A primeira manifestação do Demiurgo é a emanação das mônadas; a segunda é o Verbo ou Logos, que “ordena” as mônadas em Arquétipos psicoides.

5º - Os Arquétipos psicoides manifestam-se no plano físico de maneira “formal” devido a que as mônadas com que foram “ordenados”, quer dizer, formados pelo Logos, manifestam-se também, pontualmente, com unidades de energia uevac. No plano físico, o conjunto de unidades uevac correspondente às mônadas do Arquétipo psicoide, “descreve” formalmente o Arquétipo. Mas, mesmo quando dita forma física contenha as mais diversas variedades de substância, o suporte transcendente de sua estrutura material é sempre o Arquétipo psicoide.

6º - Os Arquétipos psicoides que mais nos interessam, aqueles que se atualizam nas formas terrestres, têm seu assento na “psicoesfera”: “um grande campo que cerca a Terra e a compenetra totalmente”, conforme se define no livro 4.

Ainda que todos os corpos físicos ou objetos naturais e, em geral, “todas as formas” estão sustentadas por Arquétipos psicoides, adiante reservaremos esta denominação para aquelas “formas” que são o objeto deste comentário: os “fatos culturais”. E aqui não se trata de um capricho, uma vez que o fato cultural é também para o Demiurgo o objeto mais importante de toda a sua “criação” Mas esta afirmação merece ser esclarecida.

Já dissemos que o Espírito hiperbóreo foi encadeado à matéria por um Mistério de Amor, e que, para isso, contribuíram os Siddhas Traidores. Exporemos agora um conceito fundamental da Sabedoria Hiperbórea que explica o motivo pelo qual ao Demiurgo INTERESSA encadear os Espíritos. Este motivo não tem nada a ver com o "Bem e o Mal", nem com qualquer outra justificativa dualista: recordemos que quando da "vinda" dos Espíritos hiperbóreos ao Sistema Solar, este já tinha sido construído pela Hierarquia dévica, seguindo a "direção" do Logos e, portanto, já estavam manifestados todos os pares de opostos.

O conceito é o seguinte: o Demiurgo NECESSITA dos Espíritos hiperbóreos encadeados para FORMAR as superestruturas culturais, dado que SEM ELES OS FATOS CULTURAIS NÃO EXISTIRIAM. (Surpreendente, não?) Vale a pena comentar isso.

O Demiurgo "pensou" no homem como a culminação de sua criação, tal como relatam no gênese seus adoradores hebreus. Naturalmente, "o homem" criado por Jeová-Satanás era um arquétipo que requeria, para sua concretização física, uma evolução da vida e da forma. Após certos períodos de tempo, deveria se completar o desdobramento da "mônada humana" e "o homem", fiel ao seu Arquétipo, teria que se tornar o rei da criação. Mas este absurdo Plano falhou e, após milhões de anos de espera, o Demiurgo teve que se convencer de que seus "hominídeos" não adquiriam nem uma mísera chispa de consciência individual. E sem esta consciência, não seria factível o desdobramento dos Arquétipos coletivos que tão primorosamente tinha preparado para que as "comunidades pasu" progredissem para as formas culturais.

O fracasso foi tão retumbante que, quando os Espíritos hiperbóreos ingressaram no Sistema Solar, comprovaram que os pasu da Terra, após bilhões de anos de "evolução", não tinham jamais conseguido sair da selvageria animal. A "solução" foi oferecida ao Demiurgo pelos Siddhas Traidores: uma alteração genética da espécie humana e a incorporação à sua herança de ancestrais hiperbóreos faria dos pasu "verdadeiros homens", produtores de "cultura" ... Todas as civilizações da Terra são posteriores àquela infame traição, conhecida como Mistério de Amor...

Desde então, o pasu e o virya perdido produzem "fatos culturais", superestruturados por Arquétipos psicoides, o que vem explicar também a definição "a": "a circunstância histórica é a conjunção da humanidade e certos Arquétipos, aos quais ela se subordina, evoluindo para sua concretização".

Completemos agora as analogias prometidas.

1º - Recordemos a conclusão seguinte: “a emergência de imagens arquetípicas na consciência tende a prender a atenção do eu durante todo seu processo”. No “mundo exterior” a emergência de um Arquétipo psicoide denomina-se “fato cultural”. O fato cultural é a forma que contém uma superestrutura de objetos culturais, tal como já foi definida. O Arquétipo da esfera psíquica (asserção simples) possui uma energia própria; mas, para emergir, necessita de energia adicional, a qual é oferecida pelas flexões do eu. O Arquétipo psicoide da psicoesfera possui também uma energia própria; mas, para emergir, necessita de uma energia adicional, a qual é oferecida PELO INCONSCIENTE COLETIVO UNIVERSAL. (O “inconsciente coletivo universal”, do qual participam os “inconscientes coletivos pessoais”, é um conceito que será corretamente definido no livro 4, onde se estuda uma técnica de Estratégia Psicossocial baseada nas propriedades dos Arquétipos coletivos psicoides. Por ora, vale o seguinte: o inconsciente coletivo universal faz parte da psicoesfera.) Quando um Arquétipo psicoide se atualiza em uma superestrutura, esta não permanece quieta, mas, pelo contrário, mostra-se animada de determinado movimento. A forma, ou seja, o fato cultural, evolui para sua máxima perfeição, que é, da mesma forma, a maior aproximação possível da “forma arquetípica”; por isso chamamos de “enteléquia” a “forma final”, que é o próprio Arquétipo, para onde tende a evolução do fato. Mas a forma acha-se sustentada pela superestrutura, de forma que é nela, em cada um de seus elementos: objetos culturais e comunidade humana, que se desenvolve e se concretiza o Arquétipo psicoide.

Nesta evolução, o Arquétipo coloca em jogo uma quantidade enorme de energia, que constitui a própria “reserva” da comunidade (energia tomada da “alma coletiva”) e que é transformada e canalizada na superestrutura.

Entende-se agora porque afirmávamos que a “maior potência” da superestrutura era capaz de captar a estrutura cultural de um observador e integrá-la à sua própria existência. A potência maior provém de que a energia que impulsiona o desenvolvimento do fato cultural é de um grau superior ao humano, quer dizer, à do homem individual, já que sua origem é coletiva. O fato cultural evolui para sua enteléquia, mas progredindo, momento a momento, em distintas realidades concretas. Se o homem “não participa” do fato cultural, hipótese impossível, tal como veremos, enfrenta sua realidade tomando-a por objeto de conhecimento, tentará reduzir racionalmente a realidade concreta abstraindo certas qualidades eminentes. Já explicamos que não se pode apreender uma superestrutura, nem nenhuma estrutura, empregando o método analítico-racional, indo do concreto para o abstrato.

Mas o problema aqui não é que o homem, "observador" objetivo da superestrutura, obtenha um conceito errôneo da mesma; mas que, pelo próprio ato de observar se torne um elemento a mais da superestrutura, através do qual se canalize o impulso evolutivo do Arquétipo psicoide.

O fato cultural está se desenvolvendo impulsionado por uma grande potência, NOTE-O OU NÃO O OBSERVADOR; e nesta marcha para a enteléquia, a superestrutura PEGA O NECESSÁRIO PARA SUA PERFEIÇÃO E REJEITA AQUILO QUE LHE É INÚTIL OU OPOSTO. Salvo o caso do virya desperto, que será rejeitado por sua oposição, todos os homens SÃO NECESSÁRIOS para a evolução do fato, enquanto participem do mesmo. Mas ser "observador" já é participar, na qualidade de testemunha; e por isso toda a potência da superestrutura se concentrará para conseguir sua integração. Isso não é difícil, pois ao "observar" (o fato cultural) ficam frente a frente a "estrutura cultural" do observador e a superestrutura, produzindo-se o que a Estratégia Psicossocial denomina de "CAPTURA", quer dizer, a integração ao processo evolutivo do fato cultural.

Naturalmente, em um fato cultural participam inconscientemente um ou vários homens, que são, definitivamente, de quem se nutre o Arquétipo psicoide para se desenvolver; não quisemos tocar neste aspecto da superestrutura porque o mesmo se estuda na Estratégia Psicossocial, dentro da teoria dos "fenômenos gregários" (livro 4) e porque o caso do "observador" capturado pela superestrutura é altamente didático para esclarecer tudo quanto vimos expondo sobre a falácia de se considerar "as culturas" como "objeto de conhecimento".

Como se produz, pois, a captura? Porque quando "a razão" do observador explora a superestrutura, descobre nesta suas próprias projeções; quer dizer, "vê" no mundo exterior coisas de seu mundo interior (inconsciente). Mas estas projeções não ocorrem acidentalmente, mas SÃO BUSCADAS pelo Arquétipo psicoide, dispondo adequadamente a superestrutura para receber as imagens convenientes. Se o observador acredita ver que o fato cultural se desenvolve segundo seus próprios processos interiores, integrar-se-á voluntariamente ao processo exterior ou, o que é o mesmo, enfraquecerá sua vontade de oposição. Perguntar-nos-emos: como é possível que o observador veja aquilo que convém à evolução do Arquétipo psicoide e não outra coisa? E trataremos de explicar, mediante uma figura metafórica. Imaginemos um mosaico no qual encontram-se dispostas, uma junto a outra, as imagens de todas as pessoas que tivermos conhecido

em nossa vida. Seria, sem dúvida, um quadro enorme, suponhamos, de uns mil metros quadrados. Imaginemos, novamente, que tão enorme mosaico encontra-se verticalmente em pé às nossas costas e que não podemos nos virar para vê-lo. Só nos resta o recurso de utilizar um pequeno espelho, que nos devolverá uma porção do mosaico, por este ser demasiadamente grande e nós estarmos muito perto. Bem, dispostas assim as coisas, bastará que MODIFIQUEMOS A POSIÇÃO DO ESPELHO para obter o reflexo de cada um dos rostos do mosaico. Mas, entre tantas pessoas ali representadas, há algumas que amamos, outras que odiamos, outras que nos odeiam ou amam, aquelas que nos despertam piedade ou rancor, etc.; quer dizer, as pessoas que conhecemos em nossa vida não são apenas recordações, mas, associada à sua imagem, existe uma carga afetiva que é se faz patente pela evocação. Por isso, ao mover o espelhinho, vemos um rosto que nos faz sorrir e logo outro ao qual não queremos lembrar, e um terceiro pelo qual derramaremos uma lágrima, e após, talvez, voltaremos àquele que nos alegrou e deteremos longo tempo nele, ou, se ainda não o encontramos, moveremos o espelhinho e percorreremos o mosaico PROCURANDO o rosto mais querido.

Dentro de nós sempre há coisas que queremos ver, sentir ou fazer, e outras que tratamos de negar ou ocultar. Para prender-nos, é necessário apenas enfrentarmos o reflexo de nossos próprios desejos. Os Arquétipos psicoides “orientam” as superestruturas (como se fossem o espelho da metáfora) para que reflitam aquilo que nós, inconscientemente, desejamos ver (o processo de nossos próprios Arquétipos interiores), ante o qual (como ante os rostos que nos provocavam sorrisos e amor) ficaremos LONGO TEMPO ATRAÍDOS.

A metáfora nos mostrou de que maneira se INICIA a captura: uma realidade ORIENTADA para refletir as expectativas interiores e as projeções afetivas do observador; posteriormente: a atração das ilusões exteriores que acreditamos descobrir realizadas no fato cultural. Trata-se, olhando bem, de uma autêntica violação da intimidade psicológica do observador e de sua posterior submissão ao processo evolutivo da superestrutura, quer dizer, do Grande Engano, Maya: “a ilusão”. Por isso dizíamos, páginas atrás, que “a potência maior” da superestrutura captava a estrutura cultural e a integrava ao seu processo EXTERIORIZANDO-A.

Uma vez que o homem foi incorporado ao processo exterior, o Arquétipo psicoide se nutrirá de sua própria energia e determinará seu comportamento dentro dos limites formais do fato cultural.

Que possibilidades tem o homem de evitar a captura? Muito poucas. No estado do virya perdido é muito improvável que consiga escapar dos processos arquetípicos de que se compõe a realidade do mundo exterior. Por isso os Siddhas tratam de despertar a Minne, a consciência gnóstica, induzindo a Canção de Amor; e procuram, por diferentes meios estratégicos, destruir as superestruturas que incluem as linhagens hiperbóreas em seus processos evolutivos. Para o Gnóstico Hiperbóreo, o processo dos Arquétipos psicoides têm um nome específico: DRAMA; e sua perfeição final, sua enteléquia, é percebida como uma CATÁSTROFE. Os viryas perdidos que participam de um fato cultural o fazem na qualidade de atores de um drama, cuja trama é desconhecida e transcendente. Apontemos mais uma definição: uma "trama dramática é o conteúdo dos Arquétipos psicoides cuja manifestação concreta é a superestrutura dos fatos culturais".

Em efeito: o Arquétipo se desenvolve na superestrutura e sua potência visa a enteléquia do fato cultural, quer dizer, a catástrofe; nesse processo "pega o necessário para alcançar sua perfeição", incorporando ao drama todo aquele que se encontre em "RELAÇÃO CULTURAL" com a superestrutura, ou seja, todo aquele que "conheça" os objetos culturais da superestrutura, por identificação com asserções de sua própria estrutura cultural. Este conceito permite definir um "raio de ação" ou esfera de influência do Arquétipo psicoide, a partir dos dois elementos básicos de que se compõe a superestrutura do fato cultural: os "objetos culturais" e o "homem" (virya perdido). Ali onde seja reconhecido um "objeto cultural" será sempre um plano de ação para o Arquétipo psicoide, que incorporará o observador como ator de seu drama; formando uma "superestrutura" e criando um "fato cultural".

Vemos, então, que para o processo de um Arquétipo psicoide haja prescindência temporal só se requerem objetos culturais e sujeitos "aculturáveis", quer dizer, homens providos de uma "estrutura cultural" para os quais os objetos mencionados sejam identificáveis. Daí que os fatos passados possam voltar a se repetir, tornando-se "atuais", a partir do mesmo momento em que se estabelece uma "relação cultural" com um observador, quer dizer, com alguém que padece da ilusão de que um fato cultural pode ser objeto de sua observação. Um fato histórico, ou seja, um fato cultural passado, será sempre potente para incorporar um homem como sujeito de um drama. Sendo assim, de onde procede a potência necessária para isso?

Dissemos que, em uma superestrutura, capaz de "capturar" um homem e incorporá-lo ao seu processo, a potência provém do Arquétipo

psicoide para o qual evolui. Mas uma superestrutura é factual, concreta em cada momento de seu desenvolvimento; a potência que dá atualidade ao fato cultural se percebe claramente na mudança dramática que se manifesta no próximo, ator inconsciente (como nós mesmos) de uma trama transcendente e inapreensível. Esta potência prodigiosa, que se desenvolve de maneira irresistível, como "força do destino" ou "direção do drama da vida", é aceitável que proceda de um Arquétipo psicoide "dominante" no momento presente, já que "podemos comprová-lo na dinâmica do fato cultural", "deste" fato cultural no qual estamos incluídos, na qualidade de sujeitos ativos. Mas, de um fato passado não se percebe com muita evidência como pode ter potência suficiente em um Arquétipo psicoide "desvalorizado", transformado em "mito", para capturar um observador e incorporá-lo em seu drama. Porém, trata-se de uma ilusão produzida pela excessiva dependência da temporalidade do mundo exterior, pela sincronização dos relógios biológicos do microcosmo com o tempo do macrocosmo, que se traduz em uma artificial exaltação do "presente" como suporte temporal da consciência; daí que o "eu" seja sempre "consciência presente". Na realidade, um Arquétipo psicoide que foi dominante no passado, e cujo processo ensejou um fato histórico, não se desvaneceu no nada, só porque alcançou a enteléquia UMA VEZ na História; pensar assim seria como supor que esse pé de milho, cuja germinação e crescimento observamos, não poderia voltar a se repetir, logo que se esgote o processo evolutivo. Mas sabemos que não é assim, e que, na natureza, a vida se repete seguindo o ciclo do processo formativo. Neste sentido, os Arquétipos psicoides de uma superestrutura não diferem daqueles que sustentam as formas naturais; e tanto uns como outros tentam CICLICAMENTE manifestar seu processo e evoluir para a concretização da enteléquia.

Um Arquétipo psicoide nunca morre. Se "desaparece" da vista (quer dizer, da consciência coletiva) isso pode se dever a duas causas: ou continua atuando efetivamente mas em nível inconsciente, ou realmente perdeu a efetividade para atuar; essa última significa que permanecerá na psicoesfera até o momento em que uma comunidade humana o vitalize e se incorpore ao seu processo. Mas um Arquétipo psicoide "adormecido", um mito, é um gérmen que procura se desenvolver a todo momento: e por isso não é possível a contemplação do fato histórico, para "estudá-lo e conhecê-lo" objetivamente, pois imediatamente nos incorpora como sujeitos de seu drama. Claro que esta captura não significa que o fato histórico voltará a se repetir IGUAL ao momento em que ocorreu; para isso seria necessário que nada houvesse mudado, por exemplo, que estivessem ali todos os objetos

culturais e o mesmo clímax daquele fato que estamos evocando. Não é assim que se manifesta um Arquétipo psicoide. Da mesma forma como nenhum grão de milho é igual a outro, mas nem por isso deixam de serem milhos, as formas que adquirem os fatos produzidos por um mesmo Arquétipo, em diferentes épocas históricas, admitem um certo grau de variação, não essencial nem estrutural. A relação cognitiva entabulada com o Arquétipo psicoide de um fato histórico, mesmo quando não chegue para que este se desenvolva totalmente, É SUFICIENTE, no entanto, para que SE DESENVOLVA EM ALGUMA MEDIDA. E esse desenvolvimento, essa potência que começa a fluir em nós, ao "compreender" a trama dramática do fato histórico, implica na captura e inclusão em uma superestrutura, do mesmo modo que se houvéssemos observado um fato cultural aparentemente "mais atual" ou "presente".

7º - Podemos regressar agora às definições "a", "b" e "c". Aplicando os conceitos vistos até aqui entende-se melhor o que queríamos dizer com: ("a"): "qualquer circunstância histórica é a conjunção da humanidade e certos Arquétipos (ou mitos) aos quais ela se subordina, evoluindo para sua perfeição". Poderíamos acrescentar também: "O fato histórico é a forma concreta que adquire uma superestrutura de homens e objetos culturais durante sua evolução para a enteléquia do Arquétipo psicoide". Uma Idade Histórica é assim, não um simples período de tempo entre fatos eminentes, tal como o quer a História oficial, mas "o processo evolutivo do Arquétipo Manu. Este Arquétipo psicoide, que atua sobre toda a humanidade, tarda milhares de anos em desenvolver-se e é a verdadeira "força da História", a dinâmica final de todo fato cultural. Sob seu enorme manto se abrigam outras ordens menores de Arquétipos coletivos. Tais Arquétipos podem se manifestar em diversos fatos, mas TODOS OS FATOS têm entre si uma relação estrutural chamada de MACROESTRUTURA, IDADE ou YUGA; a macroestrutura (de todos os fatos culturais) é uma forma concreta do Arquétipo Manu.

É tão potente este Arquétipo que o começo e o fim de seu processo é acompanhado de tremendas modificações na superfície terrestre e de um "salto evolutivo" nas humanidades que a povoam. Isto significa que há uma influência telúrica dos Arquétipos psicoides em relação à evolução humana. Nos próximos parágrafos esta relação será explicada; uma vez que sem o conceito de "microclima" e "ilha psicoide" não será possível compreender o efeito GEOCRÔNICO que a Terra exerce sobre os distintos grupos étnicos e

o porquê das antigas migrações estratégicas. Quando expusemos a história de Nimrod, O Derrotado, fizemos uma breve alusão ao fato de que os Demônios de Chang Shambala cumpriam "absurdos papéis de Manu". Esta afirmação se refere exclusivamente ao método empregado pelos Siddhas Traidores para "ajustar" geneticamente as diferentes raças: para isso precipitam a enteléquia de um Arquétipo humano e, encarnando-se momentaneamente nesse corpo TYPO, entregam-se a copular com membros da raça que se pretende "evoluir", tarefa pela qual sempre demonstraram sentir especial predileção.

Não podemos desenvolver aqui um esquema da Hierarquia planetária e solar pela extensão do texto que isso nos demandaria, e porque nosso objetivos é expor a Sabedoria Hiperbórea, quer dizer, a ciência gnóstica que ensina ao Espírito cativo a forma de liberar-se das cadeias materiais, e não perder tempo em comentar a infame obra do Demiurgo. Mas vale a pena recordar que a Terra faz parte de uma "cadeia evolutiva" da mesma forma que os outros planetas do sistema solar, estando todos incluídos em um Plano de Evolução (Arquétipo Colossal) concebido pelo Demiurgo Solar ou Logos Solar. Porém, nestas dissertações, ao nos referirmos ao Demiurgo, geralmente o fazemos pensando no Logos Planetário ou Sanat Kumara. Dele dependem os Manus: o "Manu semente" que é a "ideia" da Terra com seus sete reinos, aos quais impulsiona evolutivamente em seu desenvolvimento. Depois o Manu raiz, que é o Arquétipo de uma humanidade, incluídas suas raças e sub-raças. Também há Arquétipos Manu de uma "raça raiz", etc.

Como já dissemos muitas vezes, os Demônios da Hierarquia pretendem que a "evolução", de acordo com o Plano, produza um inegável progresso nos "egos encarnados". O cumprimento das diretrizes arquetípicas é uma verdadeira enteléquia e, por isso, todo homem que tenha passado por um certo número de encarnações, submetido às leis Kármicas, deve transcender o nível humano e passar ao "super-humano" ou adepto, quer dizer, fazer parte da Hierarquia. Tal como o expressamos páginas atrás, referindo-nos à conspiração sinárquica que visa valorizar o futuro e obscurecer o passado, agora comprovamos a origem metafísica daquela atitude: no futuro estão as enteléquias de todos os Arquétipos e, por conseguinte, a perfeição humana "por evolução" para um Arquétipo Manu.

No entanto, contra esta ideia, desde épocas remotas, se opôs o conceito de que, conforme passavam as Idades, o homem involuía e caía cada vez mais no lodo da matéria. Para aqueles que assim opinavam a vida constituía um "drama" e o futuro uma "catástrofe".

É fácil perceber que este conceito procede da Sabedoria Hiperbórea e que não é simplesmente uma "ideia contrária" ao Plano de Evolução, mas o produto de perceber gnosticamente, com o sangue, a tragédia dos Espíritos encadeados à evolução dos Arquétipos psicoides. Tal percepção corresponde a uma intuição da origem divina do Espírito e à certeza de que todo tempo posterior representa uma decadência: a perda de um estado de divindade primordial.

Este conceito de "queda" espiritual e "perda" da divindade é claramente hiperbóreo e muito antigo. Mas, no decorrer dos milênios, tal conceito tornou-se exotérico e deu lugar a distintas figuras mitológicas, nas quais se reconhece claramente, não obstante, a antiga percepção da origem primordial. A principal destas figuras é a de "Idade de Ouro", onde o "espírito imortal" foi humanizado e se o imaginou habitando um Paraíso ou Éden. Mas mesmo assim, com tudo de exotérico que esta imagem apresente, trata-se do antigo conceito hiperbóreo e como tal deve ser reconhecido. Posteriores degradações conceberam quatro "Idades", cada uma mais decadente que a anterior, tal como se pode ler nos principais clássicos gregos (Homero, Hesíodo, etc.). O poeta romano Ovídio, que viveu em uma época tardia (43 A.C. – 17 D.C.), recolheu da tradição grega o seguinte:

IV – AS QUATRO IDADES

"A primeira de todas foi a IDADE DE OURO, a qual, sem coação, sem lei, praticava por si mesma a fé e a justiça. Ignorava-se o castigo e o medo, e não se viam gravadas em público, em bronze, para serem lidas, palavras ameaçadoras e a multidão suplicante não tremia ante a presença de seu juiz, mas estava segura sem defensor. Ainda não havia sido cortado o pinheiro em suas montanhas e não havia descido para a líquida planície para visitar um mundo estrangeiro e os mortais não tinham conhecido outros litorais que não fossem de seu país. Ainda não circundavam as cidades os profundos fossos; não havia longas trombetas, nem chifres de bronze curvado, nem capacetes, nem espadas; sem necessidade de soldados, as nações passavam seguras seus ócios agradáveis. A própria terra, livre de toda carga, não fendida pelo enxadão, nem ferida pelo arado, dava por si mesma de tudo; e contentes com os alimentos que produzia, sem que nada a obrigasse, os homens recolhiam os medronheiros, morangos silvestres, frutos do corniso, amoras que aderiam às sarças espinhosas e nozes que tinham caído da copada árvore de Júpiter. A primavera era eterna e os aprazíveis Zéfiros acariciavam com seus mornos

sopros as flores nascidas sem semente. Também a terra, que não tinha sido lavrada, produzia colheitas e o campo sem ser cultivado se cobria de grávidas espigas; manavam quer rios de leite, quer rios de néctar, e do verde carvalho ia se destilando o dourado mel."

"Depois que o mundo esteve sob o governo de Júpiter, uma vez que Saturno foi enviado ao tenebroso Tártaro, chegou a IDADE DE PRATA, inferior à de Ouro, mas melhor do que a do amarelado bronze. Júpiter encurtou o tempo da antiga primavera e, por meio do inverno, o verão, o inconstante outono e a encurtada primavera, dividiu o ano em quatro estações. Então, pela primeira vez, o ar abrasou, impregnado de fogo, e o gelo, endurecido pelos ventos, ficou suspenso. Então, pela primeira vez, os homens entraram em suas casas; essas casas eram umas grutas de espessa folhagem e ramos entrelaçados com cascas. Foi então também que as sementes de Ceres se introduziram nos longos sulcos e os bois gemeram sob o peso do jugo."

"Depois desta, chegou a terceira, a IDADE DE BRONZE, mais feroz em suas condições naturais e mais pronta aos terríveis combates, não sendo, porém, perversa."

"A última foi a que teve a dureza do ferro; nesta era de um metal tão vil, apareceu todo tipo de crimes; fugiram o pudor, a verdade e a boa-fé, e ocuparam seu lugar a fraude, a perfídia, a traição, a violência e a paixão desenfreada pelas riquezas. O marinheiro entregava as velas aos ventos que ainda não conhecia suficientemente e as madeiras dos navios, que durante muito tempo tinham estado nas alturas dos montes, lançaram-se às aguas desconhecidas; e a canção do agrimensor assinalou limites longos à terra, antes comum, como a luz do sol e os ares. E não apenas se exigia à fecunda terra as colheitas e alimentos devidos, mas se penetrou em suas entranhas e se arrancaram tesouros que excitavam todos os males, que ela tinha sepultado e tinha ocultado na sombra do Estígio. E já tinha aparecido o nocivo ferro e o ouro, muito mais nocivo do que o ferro; aparece a guerra, que luta com cada um dos dois, e com sua mão ensanguentada agita as ressoantes armas. Vive-se da rapina; o anfitrião não está seguro do hóspede, nem o sogro de seu genro; também é rara a concórdia entre os irmãos. O esposo trama a perdição da esposa e esta a de seu marido; as terríveis madrastas misturam os invejosos venenos; o filho, antes do tempo, informa-se sobre a idade do pai. Jaz pelo solo a piedade vencida e a donzela Astrea, a última das imortais, abandona a terra empapada em sangue."

Neste relato de Ovídio, e em outros similares, querer-se-ia ver a recordação da pré-história humana e a confirmação das glaciações, o que

não está totalmente incorreto. Mas, sob o manto de mitos e lendas, percebe-se nitidamente o conceito visado: no princípio uma Idade de Ouro, que é uma ideia degradada da "origem", e depois três "Idades", de Prata, de Bronze e de Ferro, nas quais o homem acentua cada vez mais sua decadência espiritual. E este conceito, subjacente sob a casca do mito, é claramente hiperbóreo, tal como dissemos.

Na Índia, tão castigada culturalmente pelos "Mestres de Sabedoria" de Chang Shambala, deu-se uma solução à queda evidente da humanidade no materialismo, mediante a incorporação das quatro Idades em seus eternos ciclos de retorno. As "Idades" são SATYA YUGA (Idade de Ouro), TRETA YUGA (de Prata), DVAPARA YUGA (de Bronze) e KALY YUGA (de Ferro); claro que estes quatro "YUGAS" ou "IDADES" formam um CHATUR YUGA, o qual volta a se repetir eternamente nos distintos Manvantaras ou períodos de manifestação do Demiurgo. A "queda" está aqui justificada, para facilitar novas "promoções Kármicas" dentro do sinistro Plano de Evolução, o qual tem sua expressão concreta nos Manus ou Arquétipos psicoides. Mas trata-se apenas de uma manobra cultural dos Mestres de Chang Shambala, os quais semearam a confusão nas tradições hiperbóreas dos antigos arianos: a "queda" é verdadeira e não existe nenhuma pessoa que tenha sobrevivido às "noites" que seguem os "Dias de Manifestação", sejam Yugas ou Manvantaras, quando o Demiurgo, qual monstro horripilante, reabsorve em sua substância a famosa "criação material".

Para nós, terá particular importância o conceito de Kaly Yuga, equivalente esotérico da Idade de Ferro egeia, o qual vamos expor, de acordo com a Sabedoria Hiperbórea. Mas antes diremos duas palavras sobre a "Idade de Ouro".

Conforme dissemos, a "Idade de Ouro" é uma figura exotérica fundamentada sobre a percepção da origem hiperbórea do Espírito. Mas talvez convenha esclarecer por que nas distintas civilizações sempre aparece vinculada com tal imitação da "origem", que é uma ideia transcendente, a imagem do "paraíso terrestre", que é uma ideia imanente. Por exemplo, na Epopeia de Gilgamesh descreve-se um paraíso habitado por Enkidu, e o mesmo é "o jardim das Hespérides" ou os "Campos Elíseos" nos mitos gregos; para não citar a Bíblia ou o Aryana Vaiji, o paraíso dos parsis, etc. Aqui deve-se adotar o seguinte critério hiperbóreo:

1º - A "queda" do homem primordial, e todos os mitos que aludam a ela, referem-se de maneira distorcida ao encadeamento do Espírito imortal à

matéria; seu cativeiro e escravidão à obra do Demiurgo. Há, então, uma referência velada à "origem".

2º - O "paraíso terrestre" É UMA RECORDAÇÃO DO PASU. Em efeito: quando os Siddhas ingressam no Sistema Solar, encontram na Terra um hominídeo, antepassado do pasu, que era tudo o que o Demiurgo e seus Devas tinham podido conseguir, após milhões de anos de "desdobramento evolutivo" do manu. Mas esta criatura miserável, que talvez por isso não evoluía, encontrava-se em um verdadeiro "paraíso", desfrutando feliz e ao cuidado dos Devas. Após a Traição dos Siddhas, por causa do Mistério de Amor, os pasu começaram a "evoluir" mais depressa, devido à contribuição da linhagem hiperbórea e ao cativeiro dos Espíritos vindos de Vênus. Porém, em suas memórias genéticas conservou-se a recordação daquela era de completa felicidade e total idiotice. Conforme afirmávamos anteriormente, "o Espírito hiperbóreo é necessário nos Planos do Demiurgo porque é criador de cultura": basta observar a riqueza qualitativa e formal dos mitos da Idade de Ouro para comprovar isso. Em tais híbridos culturais, as imagens primitivas, animais, do pasu, viram-se transformadas até adotar uma forma "mítica", quer dizer, arquetípica, graças à sua "adaptação" às diretrizes superiores da Raça Hiperbórea. Só assim pode haver "evolução": quando uma estrutura cultural é capaz de conter asserções (símbolos) que façam possível o processo dos Arquétipos psicoides. Nos "mitos" da Idade de Ouro, melhor do que em nenhum outro, poder-se-á comprovar esse duplo conteúdo, que é a base da "cultura" (e a prova da Traição dos Siddhas da Face Tenebrosa): uma recordação genética do pasu (o "paraíso terrestre") e uma recordação de sangue do Espírito hiperbóreo (a "origem divina"); sua combinação dá os distintos mitos sobre a Idade de Ouro.

8º - Expusemos na definição "c" o que deve se entender por Idade, e logo explicamos dita definição, que vale a pena recordar agora: "Uma Idade histórica é a conjunção da humanidade, durante tal período, e de um Arquétipo Manu, ao qual ela se subordina, evoluindo para sua concretização". Sabemos também que uma Idade é uma macroestrutura e que esta é a manifestação concreta do processo evolutivo do Manu; por isso, na Idade, se progride para uma perfeição, cuja concretização final é a enteléquia do Manu: a realização do Plano. Mas essa perfeição é, para o Espírito encadeado, uma catástrofe, tal como o afirma o conceito hiperbóreo de Idade (egeu, sumério, indo-ariano, etc.) conforme vimos no exemplo de Ovídio. Interessa-nos agora nos referirmos à "Idade" atual, de "ferro" ou de "Kaly".

Na Idade atual, a humanidade "progride" tendendo para a enteléquia do Manu (Vaisvasvata). Deveria, pois, se chamar de "Vaisvasvata Yuga". Ao

que se deve a denominação Kaly Yuga? Antes de mais nada, lembremos que tal nome provém da Sabedoria Hiperbórea e que, portanto, deve ter uma significação especial para os viryas despertos; uma espécie de "mensagem" que expresse algum tipo esotérico de "orientação". Em efeito: por trás do sugestivo nome de Kaly, escolhido para designar nossa época, oculta-se um Mistério Maior, o qual é conhecido como Mistério de A-mor. Sobre o mesmo fizemos menção na alegoria do prisioneiro, e agora tentaremos aproximar-nos de um aspecto que toca muito de perto os ocidentais do século XX. Mas devemos esclarecer que este Mistério é imenso, tão grande como o drama que a cada um lhe toca viver na existência humana; e por isso só podemos aspirar a dar alguns indícios, destacar sinais, que orientem na direção da verdade àqueles que procuram liberar-se das cadeias evolutivas. Mas, para alcançar este objetivo, teremos que apartar-nos, como o fizemos em outras vezes, dos conceitos ortodoxos que constituem dogmas na atualidade, e retrocedermos a acepções muito antigas, ensinadas pela Sabedoria Hiperbórea. Começaremos então, definindo Kaly.

Para a Sabedoria Hiperbórea, a incorporação de Shiva, junto com Vishnu, ao Demiurgo Brahma é equivalente à união de Cristo com o Demiurgo Jeová-Satanás e o Espírito Santo. Ambas as trindades são exotéricas, próprias de cultos religiosos e, portanto, historicamente tardias. Antes da formação do mito, os Deuses atuavam separados e já explicamos de que maneira o Demiurgo imitou, com Jesus-Cristo, a figura histórica, atlante, de Cristo-Lúcifer. Shiva, igual a Cristo ou Apolo, foi desde o princípio, a imagem de Lúcifer, o Grande Chefe dos Siddhas Hiperbóreos; e apenas a paixão imitativa do Demiurgo e a imaginação dos sacerdotes pôde conceber uma associação trinitária. Há que se ver uma grande ironia em tudo isto: uma vez que Lúcifer representa a individualidade absoluta, ou seja, a liberdade absoluta; e nunca poderia estar associado com o Senhor da Escravidão, Aquele que impede toda a liberdade. Para nos referirmos ao Mistério a que alude o nome "Kaly Yuga", devemos, pois, retrocedermos à sua acepção hiperbórea, a qual tem escassa relação com os conceitos religiosos do budismo e das diferentes escolas hindus de yoga.

Estes esclarecimentos valem, especialmente, para a negra Kaly, a "esposa" de Shiva, a quem se considera exotericamente como um "aspecto negativo" de Parvati, sua esposa "branca". Pelo caminho religioso, quer dizer, mítico, o sincretismo chega tão longe, que Parvati é, por sua vez, Shakti, a "energia criadora" do Universo Vivo. Aqui, da mesma forma que com Shiva,

nos remeteremos à Sabedoria Hiperbórea, a qual ensina que Kaly, assim como a Ísis egípcia, a Ishtar babilônica, a Vênus romana, a Afrodite grega, a Shing Moo chinesa, a Sophia gnóstica, etc., são todas imagens brotadas da recordação de sangue das linhagens hiperbóreas. Recordação de sangue, dizemos, mas de quem? Da "esposa" de Lúcifer, a quem bem podemos chamar de Lillith, de agora em diante. Mas isto, como tudo quanto vimos dizendo, requer alguns esclarecimentos complementares. Exporemos, para isso, certos conceitos da Sabedoria Hiperbórea; mas lembremos a todo momento que estamos vendo as coisas A PARTIR DA ORIGEM e que, ainda que os Nomes tenham chegado até nossos dias, o conteúdo conceitual que lhes outorgamos aqui é muito antigo e esotérico.

Primeiro: os "Hiperbóreos" são membros de uma Raça Cósmica na qual existe uma diferenciação sexual. Esta afirmação significa apenas que seus membros são masculinos e femininos NESTE UNIVERSO; nada podemos saber sobre o que ocorre fora dele.

Segundo: o sexo, entre os Hiperbóreos, não cumpre a função de procriar. A Raça não diminuiu desde que se encontra no cativeiro material PORQUE É IMORTAL; mas tampouco cresceu.

Terceiro: o sexo dos Hiperbóreos nada tem a ver com a diferenciação em pares de opostos que caracteriza a criação do Demiurgo. A vinda, e o posterior cativeiro, dos Espíritos hiperbóreos, é muito mais recente que a origem da criação do Sistema Solar; para não falar da colossal antiguidade do Universo do Uno. Quando eles penetraram pela "porta de Vênus", a criação já estava consumada, os opostos separados e o homem ou hominídeo habitava a Terra. Não é correto, pois, atribuir aos Hiperbóreos uma ANDROGINIA PRIMORDIAL. Quem passou por uma etapa evolutiva andrógina foi o pasu.

Na memória genética está gravado este processo, que também pode se reconhecer na fisiologia humana, observando a bissexualidade glandular endócrina; e por isso, nas composições culturais se misturam os dois ascendentes mnemônicos: o genético do pasu e o minneico do hiperbóreo. Já explicamos que a cultura surge de combinações semelhantes e não será difícil compreender agora por que aparecem confusas as imagens religiosas de Shiva e Kaly.

OS ESPÍRITOS HIPERBÓREOS ENCONTRAM-SE ABSOLUTAMENTE DIFERENCIADOS POR SEXO. SEMPRE FOI ASSIM, DESDE QUE CHEGARAM AO UNIVERSO FÍSICO, E NÃO HÁ NENHUM REGISTRO QUE PROVE O CONTRÁRIO. O PASU, EM TROCA, PASSOU POR UMA ETAPA EVOLUTIVA, NA QUAL SEU CORPO ERA ANDRÓGINO, MUITO ANTES DE CHEGAR A UMA DIFERENCIAÇÃO "BIOLÓGICA" DO

SEXO. MAS A ALMA DO PASU NÃO POSSUI SEXO. PODE ENCARNAR INDISTINTAMENTE EM CORPOS MASCULINOS OU FEMININOS.

Quarto: há, então, Espíritos hiperbóreos masculinos e femininos. Porém, sempre nos referimos especialmente à figura do virya desperto como "herói" ou "guerreiro". Não há, por acaso, mulheres hiperbóreas, quer dizer, Espíritos cativos femininos encarnados nos corpos físicos das mulheres pasu? Para responder, devemos tocar em um dos aspectos mais ocultos do Mistério de Amor: a Sabedoria Hiperbórea afirma que a queda primordial foi protagonizada de maneira esmagadoramente maior pelos Espíritos masculinos do que pelos femininos, os quais ficaram encadeados, a partir dali, à evolução do pasu. Sendo assim, o que aconteceu com os Espíritos femininos faltantes, aqueles que não foram enganados pelos Siddhas Traidores e que jamais encarnaram? Aguardam o regresso à origem dos viryas no Valhala: são as Walkírias da mitologia nórdica. Mas nos importa mais conhecer o papel que jogam as MULHERES KALY dentro do drama da vida humana. Logo o saberemos.

Estes quatro conceitos nos permitirão enfrentar esse aspecto do Mistério de Amor, que "toca muito de perto a nós, ocidentais do século XX", conforme dissemos antes: é o que se refere às práticas tântricas.

Não faremos aqui um resumo da filosofia e do yoga tântrico; para adquirir esses conhecimentos há excelentes livros que recomendamos ler[94]. Em troca, nos referiremos a alguns símbolos esotéricos que todo tantrika deve saber conhecer e mostraremos porque a prática do yoga sexual costuma "falhar" entre os ocidentais; quer dizer, costuma ter efeitos desastrosos sobre a saúde física e mental do sadhaka[95].

Daremos, pois, por sabida grande parte desta filosofia.

O tantra yoga fundamenta-se na "Ciência do Alento", que trata sobre a "respiração" do Demiurgo no Manvantara, um período de tempo durante o

---

[94] *A partir dos textos tradicionais como o KULARNAVA TANTRA, o TANTRAKAUMADI, o SHAKTI SANGANA, o TANTRA SATUA, etc.; também devem-se ler os livros de JEAN RIVIERE, "O Yoga Tântrico" e "Ritual da Magia tântrica hindu"; de ARTUR AVALON, "The Serpent Power" e outros; de OMAR GARRISON, "Yoga e Sexo"; o clássico de RAMA PRASAD, "As Forças Sutis da Natureza"; e toda a obra de MIGUEL SERRANO.*

[95] *Sadhaka = oficiante das práticas tântricas, "discípulo" das Escolas Kaula.*

qual se manifestam os Mundos pelo movimento rítmico dos cinco Princípios Puros ou tattvas do Universo. No homem, em seu corpo biológico, se reproduzem todos os processos cósmicos e intervém analogamente os cinco tattvas; e também, em sua diferenciação sexual se reflete dramaticamente a dualidade que caracteriza a natureza. Mas a função do sexo no pasu foi definida, desde o princípio, pela reprodução e JAMAIS SE PREVIU OUTRA FINALIDADE FORA DESSA.

Em outras palavras: o corpo humano é a expressão concreta de um Arquétipo Manu que se desenvolve durante toda uma Idade, no quadro de uma "raça Raiz"; em dito Arquétipo, o sexo cumpre, DESDE O PRINCÍPIO, uma função reprodutora; daí que, no corpo do pasu (ou do virya perdido) o sexo vise fundamentalmente a reprodução e uma prova pode se ver na sincronização com os ritmos lunares que o período de fertilidade da mulher exibe: a função sexual vê-se assim conectada aos ritmos do Grande Alento e cingida ao processo do Arquétipo Manu.

Só a incorporação da herança hiperbórea ao sangue do pasu possibilitou QUE SURJA A IDEIA DE DAR AO SEXO OUTRO SENTIDO FORA DA MERA REPRODUÇÃO ANIMAL. Ideia que, por outro lado, teria sido inconcebível para o miserável pasu.

Métodos Hiperbóreos para o aproveitamento do sexo em favor da "reorientação estratégica" do virya houve muitos, nos milhões de anos que os Espíritos levam de cativeiro. O Tantra Yoga é apenas o último deles, que a Sabedoria Hiperbórea ensinou para a "Idade Kaly", e ao que se submeteu uma terrível confusão cultural, pelo sincretismo com o budismo, o dualismo Samkya, o monismo Vedanta, a equiparação das forças com os mitos do panteão hindu, etc. Hoje o Tantra é uma filosofia irreconhecível, do ponto de vista da Sabedoria Hiperbórea, à qual a Sinarquia lançou ao Ocidente, como um a mais de seus artigos de consumo. Mas o que o torna particularmente nocivo é a prática do yoga sexual sem possuir as antigas chaves simbólicas, especialmente o conceito hiperbóreo sobre a "yoguini" ou mulher tântrica, que é a condição principal para que o yoga cumpra sua finalidade.

Muitas pessoas imprudentes, no Ocidente, lançam-se à prática do yoga sem compreender que tais exercícios são uma parte mínima de uma filosofia de vida ou modo de vida que no Oriente se cultiva desde o nascimento até a morte. Enquanto se trata de yogas que só inclinam a fortalecer a concentração mental ou a vitalidade física, o perigo não é maior; mas quando se entra em contato com as energias ígneas como o tantra yoga, a situação muda desfavoravelmente para a saúde do imprudente.

Contudo, não vamos condenar a prática das técnicas sexuais tântricas, mas indicar QUANDO UM OCIDENTAL PODE RECORRER A ELAS sem perigo, dado que as mesmas fazem parte da Sabedoria Hiperbórea.

Antes de mais nada, lembremos que "a estratégia é o modo de vida de um virya hiperbóreo" e que "a estratégia é um meio para alcançar um fim". O fim declarado dos viryas hiperbóreos é: o regresso à origem. A conquista deste fim implica em diferentes passos: o "virya desperto" é o que vislumbrou a origem e se orientou; na busca do Vril pode seguir quaisquer das sete vias de liberação que se escutam no Canto de Amor dos Siddhas Hiperbóreos; uma de tais vias, a da oposição estratégica que empregavam os iniciados berserkir da S.D.A., já mencionamos, e a ela nos referiremos com especial dedicação no sucessivo; mas o Tantra é outra das vias secretas de liberação e, portanto, persegue o mesmo fim declarado: despertar o virya e conduzi-lo à origem, à conquista do Vril.

Como o Tantra se propõe a cumprir esse objetivo? Transmutando o corpo físico do sadhaka e imortalizando-o durante a prática do maithuna, o ato sexual; liberando-o assim das cadeias Kármicas e permitindo que se manifeste nele a consciência do Espírito hiperbóreo; chegando a tal estado, com seu corpo de VRAJA e sua consciência gnóstica desperta, se é já um Siddha, um ser capaz de aplicar a possibilidade pura que o Vril oferece e abandonar, se o prefere, o Universo material.

Esta é a verdadeira finalidade do Tantra; e se equivocam aqueles que só aproveitem suas práticas para obter maior prazer do ato sexual.

Recordávamos recentemente que o modo de vida de um virya hiperbóreo é "estratégico". Se se considera o Tantra como uma "estratégia" para o regresso à origem, então não há inconveniente para que o virya incorpore as técnicas tântricas ao seu próprio modo de vida estratégico. Se não perde de vista os fins de toda estratégia hiperbórea, as práticas tântricas não poderão fazer-lhe dano; mas convém estabelecer com clareza quando é apropriado seguir esta via e quando não (para o sadhaka ocidental). Para isso nos referiremos à técnica fundamental do Tantra da "via úmida": a retenção do sêmen durante o orgasmo.

O maithuna ou união sexual é, no Tantra, a culminação de um ritual; e a este ritual se chega após uma longa preparação filosófica e prática. Especialmente, aprende-se a controlar a respiração e o ritmo cardíaco à vontade, e logo a distinguir os naddhis, ou canais internos de energia, e os

chakras ou vórtices de energia. Os chakras principais são sete, localizados mais ou menos na altura dos plexos, sobre um canal maior chamado de Shushumna, que corre paralelo à coluna vertebral.

Desde o chakra inferior, Muladhara, partem, junto ao canal Shushuma, dois canais menores chamados de Ida e Pingala, os quais envolvem helicoidalmente Shushuma, cruzando-se em cada plexo sob os restantes chakras. O sexto chakra, Ajna Chakra, encontra-se no entre cenho, sobre a hipófise, e ali convergem também os canais Shushuma, Ida e Pingala. Acima do Ajna Chakra está o Sahasrara Chakra, Brahmachakra ou Brahmaranda, do qual falaremos a seguir.

Estamos citando o estritamente necessário para nossa explicação, mas, naturalmente, se requer um conhecimento adicional para compreendê-la, o qual se pode adquirir em obras especializadas.

No Muladhara se acha enrolada e obstruindo o canal Shushuma a "serpente Kundalini", quer dizer, a Shakti ígnea, expressão no corpo físico da potência plasmadora do Demiurgo.

O objetivo EXOTÉRICO declarado de todo yoga é despertar Kundalini e fazê-la subir pelo canal Shushuma, de chakra em chakra, até o centro superior Ajna Chakra. Dali, a força de Kundalini permitirá estender a consciência a outros corpos sutis do homem e chegar ao Sahasrara ou Lótus das Mil Pétalas, onde se consegue a fusão com o Demiurgo Brahma, mediante um "salto de consciência" para a imanência absoluta. Com a consciência no Sahasrara consegue-se um êxtase que consiste, paradoxalmente, na dissolução da consciência individual, após sua fusão ou identificação com a "consciência cósmica", ou seja: com o Demiurgo. Para o Tantra Hiperbóreo, este objetivo exotérico, o estado de transe ou Samadhi e a fusão com O Uno ou Nirvana no Sahasrara, é simplesmente um suicídio.

O objetivo esotérico do Tantra, já dissemos, é o mesmo de toda estratégia hiperbórea: a mutação da natureza animal do pasu na divina e imortal do Siddha. Por isso, deve-se ter bem claro que O VIRYA HIPERBÓREO, POR MEIO DO TANTRA, NÃO BUSCA NENHUMA FUSÃO COM O DEMIURGO, MAS, PELO CONTRÁRIO, PERSEGUE ISOLAR-SE TOTALMENTE DELE PARA GANHAR A INDIVIDUALIDADE ABSOLUTA QUE O VRIL OUTORGA.

Pode-se conseguir o objetivo esotérico por meio do yoga tântrico? Sim. Sempre que se tenha uma ideia clara do "quê" significa "despertar Kundalini" e "para quê" e "quando" se pode utilizar sem perigo as técnicas de retenção seminal no maithuna. Vamos por partes.

Muitos viryas confusos do Ocidente, que costumam jogar imprudentemente com os tattvas, acreditam que "despertar Kundalini" é algo assim como colocar em movimento uma energia reflexa, que atua por si mesma, seguindo alguma lei desconhecida. A este erro contribui a ideia de que Shushuma e os outros naddhis são "canais" e que, portanto, "devem canalizar a energia por uma espécie de circuito, sem que se desvie nem transborde", analogamente aos "circuitos" do sistema nervoso. Acredita-se também que a substância de Kundalini é "um fogo" ou "um calor" ou, em todo caso, a força de uma energia natural. Mas Kundalini é muito mais do que estas crenças.

Vamos recorrer a um conceito da Sabedoria Hiperbórea para definir Kundalini; mas vamos ter em mente que se requereriam vários livros para fundamentar esta explicação na "essência" de Kundalini e que, critério que se segue aqui, é muito mais breve e sugestivo referir-se a ela descrevendo analogicamente seu "comportamento", que não se ajusta, evidentemente, ao de uma força cega.

Já dissemos, ao falar da Cabala Acústica, que "Na verdade o Universo foi feito a partir de contados elementos diferentes, não mais do que vinte e dois, que suportam, por suas infinitas combinações, a totalidade das formas existentes". Estes vinte e dois elementos (ou cinquenta, segundo as Tradições da Índia) podem se considerar como sons ou "bijas", quer dizer, raízes acústicas universais. Deste modo, é que toda "forma" vem a estar sustentada por um "nome", que é a formulação de uma determinada combinação dos bijas principais. Mas, conforme dissemos em outra parte, uma "forma concreta" é a expressão de um "estado" no processo evolutivo dos Arquétipos. Há, pois, uma relação entre os Arquétipos e os "nomes sagrados" de todas as coisas, que convém conhecer.

No início, os Arquétipos são "pensados" pelo Demiurgo, O Uno (Brahma) e projetados no "grande oceano psíquico primordial" ou "Akasa", onde permanecem em estado potencial. É o Alento do Uno, ou seja: a pronunciação dos "nomes", o impulso que inicia o processo evolutivo dos Arquétipos Manu, os quais, ao desdobrarem-se na matéria, determinam as formas existentes; formas que progridem para a enteléquia, para uma mais completa manifestação de seu próprio arquétipo. É certo, então que "a cada coisa" corresponde um nome secreto, arquetípico; conceito que é utilizado desde sempre pela magia e que se encontra profundamente desenvolvido

nos sistemas filosóficos da Índia, mas que, fundamentalmente, constitui a base da Cabala Acústica.

Quando o Demiurgo pronuncia as Palavras, quer dizer, modula o Alento, adquire o aspecto de um Verbo ou Logos cósmico. Pela característica que possui o espaço de ser uma expressão das mônadas arquetípicas, cuja manifestação são os Quantas psicofísicos de energia, trutis ou unidades U.E.V.A.C., o Alento do Demiurgo, suas Palavras, chegam a todos os pontos do cosmo, fazendo possível que se plasmem as formas ali onde a matéria permita os processos evolutivos de cada Arquétipo particular. Esta compenetração é evidente no microcosmo do corpo humano, onde se refletem todos os processos do macrocosmo. Especialmente vamos citar aquela parte do microcosmo que representa o aspecto "Logos" ou "Verbo" do Demiurgo macrocósmico: Kundalini.

Kundalini é, no corpo humano, o Logos "criador" ou plasmador de formas, expressão análoga do Logos Solar ou Logos Cósmico. Está "adormecida" porque o microcosmo JÁ FOI CRIADO, e evolui seguindo o processo do Arquétipo Manu de sua raça. Mas o motivo principal da inação de Kundalini é a sincronização rítmica do microcosmo com o macrocosmo do Uno; porque tal sincronização significa que simultaneidade de processos e que a evolução do microcosmo não se apartará do processo arquetípico.

Sendo por natureza um Logos, o "despertar" de Kundalini implicará na pronunciação (japa) de certos nomes (mantras). Em efeito: durante a subida pelo canal Shushuma, e em seu "descanso" em cada chakra, Kundalini recita PERMANENTEMENTE bijas e mantras, tal como corresponde a um autêntico Logos, cumprindo assim uma função de qualidade superior à que lhe atribui a crença vulgar: "energia ígnea", "fogo serpentino", etc.; mas em todos os casos: força de ação reflexa.

Este caráter de "Logos" é o responsável de que todos os yogas que propõem a finalidade exotérica de "despertar Kundalini" acabem na "fusão com o Demiurgo"; na identificação absoluta do "eu" com O Uno cósmico. Este efeito se deve à função "harmonizadora" ou sincronizadora que Kundalini cumpre, ao REPETIR OS NOMES (bijas ou mantras) DE CADA PARTE DO CORPO FÍSICO (e dos corpos sutis) E VERIFICAR QUE REFLITAM CORRETAMENTE OS PROCESSOS CÓSMICOS. Por este "comportamento" de Kundalini, os iogues que procuram efetivamente alcançar os Samadhis ou êxtases contemplativos, e mesmo a fusão com O Uno, conseguem resultados assombrosos; deve ocorrer assim, desde o momento em que o Logos, desperto no microcosmo, reproduz fielmente os bijas do Alento Cósmico, equilibrando as desarmonias e sincronizando todos os ritmos biológicos.

Compreender-se-á agora porque qualificávamos de suicida, para aquele que busca a individualidade absoluta, a persecução do objetivo exotérico dos yogas (despertar Kundalini): PORQUE AUMENTA AINDA MAIS O ENCADEAMENTO MATERIAL DO VIRYA.

Há de ficar perfeitamente claro, então, que Kundalini NÃO DEVE SER DESPERTADA se não se possuem as chaves para aproveitar seu poder RE-CRIADOR; pois seu VERBO tanto pode representar a Vontade do Uno NO MICROCOSMO para assegurar sua evolução, como a vontade própria, para produzir a mutação.

A Sabedoria Hiperbórea assegura que Kundalini tem a "missão secreta", dentre outras, de intervir imediatamente "SE OS VÍNCULOS NATURAIS ENTRE O MICROCOSMO E O MACROCOSMO SÃO ALTERADOS, A PARTIR DO MICROCOSMO, POR PRÁTICAS DE YOGA; NESSE CASO, KUNDALINI TENTARÁ RESTABELECER OS VÍNCULOS RECRIANDO COMPLETAMENTE OS CORPOS (físico, emocional, mental, etc.) DO MICROCOSMO, PARA CONECTÁ-LO OU RECONECTÁ-LO COM O DEMIURGO; MAS SE ISTO NÃO É POSSÍVEL, KUNDALINI TENTARÁ DESTRUIR O MICROCOSMO, UMA VEZ QUE JÁ NÃO CUMPRE SEU DESTINO DE EVOLUIR PARA A ENTELÉQUIA DO ARQUÉTIPO MANU". Compreende-se, pois, o perigo a que se expõe um virya hiperbóreo QUE ODEIA A OBRA DO DEMIURGO, se "desperta Kundalini" e esta o submerge em um êxtase nirvânico: é possível que disso derive a loucura ou alguma séria lesão no corpo físico ou sutil. Por isso, a Sabedoria Hiperbórea diz ao virya que brinca com o yoga:

"o que farás, tu que ainda acreditas que O SEXO 'É MAU'
Quando Kundalini diga LAM
E tuas gônadas SE SEQUEM?
E: o que farás, tu que ainda padeces de ANGÚSTIAS E TEMOR,
Quando Kundalini diga VAM
E tua suprarrenal SE DISSOLVA?
E: o que farás, tu que ainda SOFRES E GOZAS
Pelas coisas do mundo,
E ainda sentes o FOGO da ira
E o FRIO da indiferença,
Quando Kundalini diga RAM
E teu pâncreas SE CALCINE?

E: o que farás, tu que ainda AMAS e ODEIAS,
Quando Kundalini diga JAM
E teu coração exploda E SE VOLATILIZE?
E: o que farás, tu que ainda FALAS e ESCUTAS,
Quando Kundalini diga HAM
E tua tiroide SE DESINTEGRE?
E: o que farás, tu que ainda VÊS SEM VER,
Quando Kundalini diga OM
E sobrevenha TUA MORTE?"

Estas perguntas e muitas mais a Sabedoria Hiperbórea faz AO VIRYA HIPERBÓREO, quer dizer, A QUEM O DEMIURGO TERÁ COMO INIMIGO e tentará destruir. Porém, a resposta não implica em ABANDONAR a prática do yoga "A PRIORI" mas, como dizíamos antes, agir estrategicamente com as técnicas tântricas, após saber "o que" significa despertar Kundalini (algo que já explicamos) e "para quê" e "quando" se pode utilizar sem perigo as técnicas de retenção seminal no maithuna. Devemos investigar, então, estas duas últimas condições.

Para conhecer com exatidão "quando" um virya pode empregar com sucesso as técnicas sexuais do tantrismo, há que se partir de uma afirmação fundamental da Sabedoria Hiperbórea: o sadhaka NÃO DEVE AMAR "COM O CORAÇÃO" A MULHER DE CARNE[96]. Esta revelação certamente será recebida com surpresa ou desdém por aqueles que efetuam as práticas tântricas "com a mulher amada", uma figura muito cara à fantasia ocidental. Aqueles que assim procedem, a Sabedoria Hiperbórea denomina simplesmente de "viryas ignorantes", pois "ignoram tudo sobre Kaly".

Verdadeiramente causa risos pensar que a ignorância chegue tão longe para acreditar que no maithuna com a "esposa" (ou "amiga" ou "amante") encontrar-se-á a liberação que prometem os textos sagrados orientais: isso é ter uma podre ideia de Shiva e de Kaly. Mas o riso acaba aqui; pois tal ignorância é sumamente perigosa, já que, para um casal ocidental, os resultados costumam ser desastrosos; e é mais provável que,

[96] *A MULHER DE CARNE é aquela que a Sabedoria Hiperbórea também chama de MULHER EVA. Mais adiante se esclarecem estas denominações: mas aqui, a "mulher de carne" deve ser considerada como uma "mulher comum" ou "mulher pasu".*

em lugar da ansiada "liberação", o que se obtenha sejam alterações psíquicas irreversíveis.

Não se deve, pois, amar a mulher com a qual se junta para praticar o maithuna tântrico; mas, então, qual sentimento há que se ter para com ela? NENHUM SENTIMENTO. Apresentamos esta pergunta para destacar a dificuldade que existe no Ocidente para conceber uma relação NÃO AFETIVA com a mulher, dificuldade que não se apresenta na mente dos orientais, PARA AQUELES QUE FOI REVELADO O MÉTODO TÂNTRICO. Mas não se trata aqui de uma diferenciação "racial" de origem biológica, que se manifesta em diferentes atitudes psicológicas diante do sexo e da mulher; mas de um "caráter adquirido" pelos ocidentais e que registra um momento preciso de aparição histórica: o século XIII.

Concretamente, foram os cátaros que, no quadro de sua Estratégia A2, planejaram uma mutação coletiva da civilização ocidental e lançaram, para isso, o movimento dos trovadores.

Os cátaros tinham dois problemas a resolver. O primeiro, do qual voltaremos a falar, era que os Druidas Beneditinos, com sua revolução gótica, baseada na Kabala Acústica, produziram umas máquinas infernais que tinham, e têm, o poder de "sintonizar" o habitante da Europa com o Arquétipo psicoide da raça hebraica que, como dissemos, foi atualizado por Jesus-Cristo. Essas máquinas de pedra são as catedrais góticas; e contra esse poder plasmador visava, em primeiro plano, a Estratégia dos "homens puros"[97]. O segundo problema era que, conforme ensina a Sabedoria Hiperbórea, "para mutar uma comunidade humana, é necessário contar com uma enorme quantidade de energia psíquica coletiva, subtraída do processo dos Arquétipos psicoides do Demiurgo". Já se verá no livro 4, aos estudar as leis da Estratégia Psicossocial da SS, que tal energia deve ser "contida" em um Arquétipo psicoide ou egrégora CONSTRUÍDO PARA TAL FINALIDADE por iniciados berserkir devidamente instruídos na Sabedoria Hiperbórea. Por ora, interessa-nos assinalar que, neste caso, tal Arquétipo foi efetivamente criado pelos cátaros e que correspondia à IMAGEM DA MULHER LUCIFÉRICA, LILLITH. Mas este arquétipo foi plasmado na psicoesfera terrestre como uma ação de guerra do próprio Lúcifer que, DETRÁS DE

[97] *Homens Puros = cátaros.*

VÊNUS, COM O RAIO VERDE, PROJETOU A IMAGEM DE SUA ESPOSA LILLITH. De modo que o Arquétipo da "Dama", tal o seu nome profano, correspondia a um Espírito hiperbóreo CUJO SEXO NÃO SE ENCONTRA ASSOCIADO À FUNÇÃO DA PROCRIAÇÃO BIOLÓGICA. Justamente, a energia com que se alimentaria o Arquétipo Dama seria obtida da sublimação libidinosa que o cavalheiro faria de sua energia sexual, ao buscar, nas mulheres comuns, o rosto da mulher hiperbórea, da qual fala a Canção de Amor dos Siddhas no sangue dos viryas perdidos. E tal é a característica do Arquétipo Dama, sua dissociação sexual, que o cavalheiro só pode projetá-lo sobre mulheres "inalcançáveis", "distantes" ou "alheias", e jamais em uma que possa ser possuída facilmente. É tão rigorosa esta condição que a Dama amada, quer dizer, a mulher em quem o enamorado projetou o Arquétipo, se transforma em uma "mulher comum", "perde seu encanto", descompõe-se a "beleza", quando se a "conquista" e possui. Então, o amor se transforma em dor e o cavalheiro, desenganado, se vê impulsionado a procurar novamente outra Dama inalcançável, a quem adorará e tratará de conquistar. A partir da plasmação do Arquétipo Dama gera-se uma tendência à idealização da mulher que não registra antecedentes históricos anteriores ao século XIII.

No livro 4, demonstra-se que um Arquétipo psicoide só pode ser conscientizado quando é DESCRITO. Para que atue, pois, socialmente, um Arquétipo que foi plasmado sem intervenção do Demiurgo – para que possa ser buscada A Dama – é necessário que alguém o "descreva", quer dizer, o revele ao povo. E essa era, justamente, a missão esotérica dos trovadores provençais: descrever A Dama; fazer o virya europeu recordar a imagem primordial da mulher hiperbórea; despertar sua Minne. Mas, para descrever algo, é preciso tê-lo visto antes. Onde obtiveram os trovadores sua visão prévia da Dama? De sua iniciação cátara no Languedoc francês, onde aprenderam a "gala ciência" e a "trovar clus". A Dama, RODEADA DE CERCOS DE PEDRA (torres ou muralhas) que se DESCREVIA nas canções de amor, é uma clara prova da origem estratégica-hiperbórea que o saber dos trovadores exibia.

O segundo problema que deviam resolver os cátaros apresentava a necessidade de que a sociedade europeia dispusesse de uma certa energia psíquica coletiva, como requisito prévio à sua mutação. Já vimos parte da solução adotada: a plasmação de um Arquétipo psicoide que teria por finalidade provocar a sublimação erótica no virya medieval. Falta-nos determinar agora de que maneira este Arquétipo poderia ser a solução para o segundo problema.

Poderemos sabê-lo se recordamos que um Arquétipo psicoide nutre-se de energia psíquica, tomada do "inconsciente coletivo universal", mediante a qual se desenvolve seu processo evolutivo. Para obter tal energia, o Arquétipo "captura" a atenção do eu, emergindo ante sua vista como objeto cultural da superestrutura; o Arquétipo Dama, que é "psicoide", quer dizer, "exterior", não age de maneira diferente. Vejamos qual é o mecanismo característico. Quando o cavalheiro experimenta DESEJO SEXUAL, "engatilha" a emergência consciente do Arquétipo Dama, estabelecendo-se, imediatamente, a CERTEZA de que a mulher desejada (a quem pode efetivamente "tocar" ou "possuir") NÃO É A DAMA DE SEUS SONHOS, a mulher ideal. Vista "de longe", a mulher de carne é uma representação da Dama; e sua contemplação, ou o desejo dela, alimenta o Arquétipo com energia tomada da libido. Mas se "a aproximação" é suficiente para culminar como o acasalamento sexual, no qual se "inverteu o sentido da energia", então o Arquétipo Dama se retira, "sob o umbral de captura", e a mulher de carne fica entregue aos seus próprios "encantos". Ao romper-se o feitiço, é provável que o desejo aumente de maneira inextinguível; mas não para com a mulher de carne, que foi desvalorizada pela ausência dos atributos ideais, mas para outra "mulher ideal", na qual se repetirá o processo do Arquétipo. O Arquétipo "conta" com esta reação, que ele próprio provoca, para se nutrir permanentemente: é sua forma de proceder.

Naturalmente, o Arquétipo Dama é uma egrégora terrível, no qual os Cátaros confiavam em armazenar suficiente energia psíquica para conseguir, mediante sua descarga instantânea, quando assim conviesse à Estratégia A2, a mutação coletiva de incontáveis viryas perdidos em Siddhas imortais. O fracasso da Estratégia A2, e particularmente a destruição da elite cátara nas fogueiras do Papa Druida Inocêncio III, IMPEDIU QUE A EGRÉGORA FOSSE DESCARREGADA A TEMPO E DESATIVADA, após uma operação esotérica de Estratégia Psicossocial conhecida como METAMORFOSE ARQUETÍPICA. Desde então, a egrégora não cessou de se alimentar, em um tipo de simbiose tão estreita, que acabou modificando, de maneira irreversível, a conduta dos viryas perdidos "ocidentais". Mas, sem o controle dos iniciados Cátaros, que teriam "dirigido" a conduta da egrégora, sua ação acabou sendo nefasta, muito longe de inspirar aquelas belas imagens da mulher hiperbórea, que impediam de amar a mulher de carne. Pelo contrário, no decorrer dos séculos, o aumento numérico da população e certos processos culturais, modificaram o perfil do Arquétipo Dama, o qual tornou-se

finalmente, um monstruoso vampiro, responsável por muitas das neuroses de que padece o virya contemporâneo. Para favorecer sua enteléquia, forçou exageradamente a idealização da mulher de carne, conseguindo idiotizar completamente o ocidental, que agora associou ao ato sexual "o dever" de experimentar um "amor" que ninguém conhecia antes do século XIII.

O virya moderno, preso na teia de aranha de sentimentos e ternuras, já não saberá distinguir a mulher de carne, pois subjaz agora sob o disfarce de suas projeções arquetípicas. E a mulher de carne, confundida ontologicamente pela masculinidade idiotizada dos viryas, safar-se-á de seu controle, se desviará erraticamente em seus próprios limites sexuais e, por último, se masculinizará ela própria, em uma tentativa inconsciente de evitar a projeção do Arquétipo. O virya padecerá, então, de um sem-número de transtornos sexuais, desde a impotência e a insatisfação até a homossexualidade, já que esta, tão frequente entre a população masculina atual, é o efeito de uma captura permanente do eu por parte do Arquétipo Dama, que absorve, assim, a totalidade da energia disponível.

Claro que, após o fracasso da Estratégia A2, o descontrole do Arquétipo Dama foi capitalizado em favor da Estratégia da Sinarquia, pelos Demônios de Chang Shambala, especialmente para reforçar a influência coletiva de Jesus-Cristo, que se tornou, assim, em um espelho perfeito para que os viryas encontrassem a imagem amada e sublimassem a energia de que necessita o Arquétipo para prosseguir seu processo. Claro que a imagem de Jesus se afeminou na mesma medida em que a mulher de carne se masculinizou; mas isso não preocupa demasiadamente à Sinarquia, uma vez que não afeta aos povos "não cristãos", dos quais o principal é a "raça eleita" hebraica.

A ação descritiva dos trovadores esteve circunscrita ao âmbito europeu[98] e por isso não afetou as comunidades asiáticas, onde as técnicas tântricas floresceram até o século XVIII, ou seja, até o momento em que a "civilização europeia" abateu-se sobre a Ásia e os viryas da Índia e do Tibete comprovaram, espantados, que o homem europeu não conhecia a mulher de carne. Mas o dano já tinha sido causado; para "progredir", o asiático só tinha um caminho: imitar o europeu; quer dizer, amar e respeitar a mulher de carne,

[98] *Não concedemos demasiada importância à influência que pudessem ter exercido os trovadores no Oriente durante as Cruzadas, pois toda a influência ocidental ali foi varrida pela expansão árabe e turca do Islã, desde o século XIII.*

UMA APENAS NA VIDA, E DESEJAR TODAS AS DEMAIS, SUBLIMANDO A ENERGIA DE EROS. Desse modo, os asiáticos perderiam também de vista a mulher de carne e acabariam, salvo as tribos mais herméticas, completamente idiotizados, confundindo Kaly com a Shakti terrestre, com a Mãe Terra ou Mater-ia. A partir dessa catástrofe conclui a benéfica influência do yoga tântrico; uma vez que o mesmo requer, para sua realização DISTINGUIR CLARAMENTE ENTRE A MULHER DE CARNE E A MULHER HIPERBÓREA. E tal distinção, não é demais repetir, não se poderá efetuar "se se ama com o coração a mulher de carne".

Voltamos, então, a: "quando" um ocidental pode empregar as técnicas sexuais do tantrismo SEM PERIGO?

Partimos, para averiguar "quando", de uma afirmação da Sabedoria Hiperbórea: "o sadhaka não deve amar com o coração a mulher de carne". Agora sabemos por que: o "amor" que se experimenta pela mulher de carne é uma expressão consciente do processo evolutivo do Arquétipo Dama, que mascara e impede de conhecer seu "verdadeiro Rosto". Mas o Arquétipo Dama atuou livremente por mais de setecentos anos, produzindo a incorporação de caracteres hereditários nas linhagens europeias, especialmente a "modulação" ou "perfilamento" do "anima" inconsciente, de acordo com sua imagem. E considerando também que a egrégora é, atualmente, tremendamente potente, DEVE SE ADMITIR, SEM DISCUSSÃO, QUE NO OCIDENTE É MUITO DIFÍCIL NÃO AMAR A MULHER DE CARNE.

É compreensível, pois, que haja viryas aos quais seja virtualmente impossível NÃO AMAR suas mulheres de carne; e isso não tem porque ser preocupante SE, NESSE CASO, PRUDENTEMENTE SE ABSTÊM DE PRATICAR O TANTRISMO. Mas, o que devem fazer, então, os viryas perdidos do Ocidente que buscam a "liberação" das cadeias materiais? A Sabedoria Hiperbórea os aconselha que recorram a outras vias secretas para empreender o regresso à origem, SE AINDA SÃO CAPAZES DE AMAR A MULHER DE CARNE. Este conselho não deveria ser ignorado; o risco é enorme: pelo caminho inverso do regresso, seguindo a Voz do sangue puro, consegue-se REINTEGRAR O EU COM O SI-MESMO, levar a consciência presente a identificar-se com o Espírito ou Vril e, em um ESTALO GNÓSTICO, TRANSFORMAR-SE EM "INDIVIDUALIDADE ABSOLUTA". Pelo contrário, um uso indevido do tantrismo pode conduzir a um Samadhi nirvânico no Sahasrara, que implica em uma recriação fisiológica harmonizadora da parte de Kundalini e uma identificação com o Demiurgo: a

"fusão com Brahma"; neste caso, após a "má viagem", a consciência do virya não ficaria reintegrada, mas fragmentada em um quadro esquizofrênico permanente, do qual dificilmente conseguirá se recuperar.

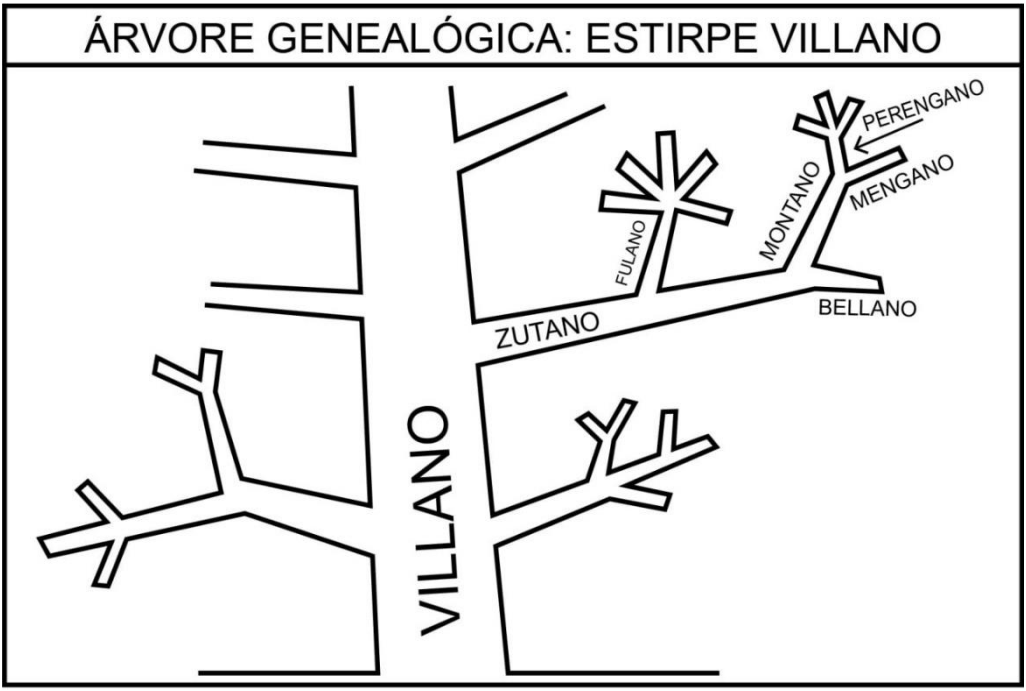
Naturalmente, existe uma infinidade de situações diferentes, nas quais podem se encontrar os viryas perdidos; desde aqueles que já "formaram família" e amam suas esposas como bons cristãos, até os que ignoram completamente sua capacidade de amar; como eles saberão "quando" podem recorrer às práticas sexuais do tantrismo SEM PERIGO? Vamos responder que existe efetivamente uma maneira infalível de saber "quando" esse momento chegou: é a Prova de Família, que propõe a Sabedoria Hiperbórea. Com a exposição de dita Prova daríamos fim à série de advertências que vínhamos fazendo sobre os perigos do tantrismo.

A Prova de Família não se refere especificamente ao sexo, mas aos "parentes de sangue", pais, irmãos, avós, tios, filhos, etc. Mas quem for capaz de enfrentar a Prova de Família verá respondidas não só suas interrogações sobre o sexo, mas terá dado um passo importante para outras vias de liberação, à parte do tantrismo. Por isso, convém que todo virya ocidental enfrente esta prova cedo ou tarde.

É conhecido que a genealogia de uma família pode se esquematizar estabelecendo correspondências analógicas com a figura de uma "árvore", na qual o "tronco" e a "raiz" correspondem à estirpe ascendente e os "ramos" às diferentes linhagens que descendem do tronco principal. Como exemplo, representamos, na figura 3, a família de Mengano, irmão de Perengano e filho de Montano, que, por sua vez, descende do tronco hiperbóreo dos Villano. Com tudo de útil que parece ser esta analogia para determinar os ascendentes de uma linhagem, o grau de parentesco ou a proporção de uma herança, a mesma é, no entanto, insuficiente, do ponto de vista estratégico. Para demonstrá-lo, basta-nos assinalar o caráter estático, de "fato inalterável", que apresenta o esquema: "uma árvore genealógica é, como a árvore vegetal que a representa, um fato concreto e imutável POIS SE REFERE FIELMENTE A EVENTOS JÁ ACONTECIDOS"; tal é a opinião comum. Sendo o esquema imutável, a insuficiência se destaca quando Mengano, por exemplo, se propõe a diretriz estratégica de "aumentar" a influência que a herança dos Villano exerce sobre si mesmo. Da analogia com a "árvore" não se deduz como isto seria possível: Mengano não pode ser ramo e tronco ao mesmo tempo; se é ramo NÃO É tronco; se é "Mengano", a herança sanguínea da estirpe Villano é a que mostra o esquema: uma quarta parte do sangue original. Com esta analogia não há, pois solução; o que

nasceu ramo não pode CRESCER ATÉ SER TRONCO e sua função certa é FICAR COMODAMENTE EM SEU LUGAR.

FIGURA 3



Pode-se superar a insuficiência do esquema, recorrendo a outra analogia, não convencional desta vez, mas antes vale a pena esclarecer que uma "árvore genealógica" constitui a descrição elementar de um Arquétipo psicoide chamado "Arquétipo familiar". A "árvore genealógica" representa, então, a superestrutura do "fato familiar", a qual evolui para a enteléquia do Arquétipo familiar. Mas uma "família" se define pelos membros vivos que exibe em cada época, mais do que pelo passado de sua linhagem, porque TODOS OS PARENTES VIVOS SÃO UMA EXPRESSÃO CONCRETA DO

PROCESSO ARQUETÍPICO. Vamos dar um exemplo. Observamos a árvore da estirpe Villano; descobrimos que em 1910 viviam dezenove parentes desse sangue; OS DEZENOVE PARENTES, TODOS E CADA UM DELES, SÃO EXPRESSÕES CONCRETAS DO ARQUÉTIPO FAMILIAR: são "provas" ou "ensaios" evolutivos que O MODO BIOLÓGICO DO PROCESSO requer para concretizar a enteléquia do Arquétipo familiar.

Toda família ou linhagem tende para a enteléquia de um Arquétipo familiar particular, que é, por sua vez, hipóstase do Arquétipo Manu. E todo virya, no seio de sua própria família, evolui inevitavelmente nesse sentido. NÃO SE PODE ESCAPAR DO PROCESSO REAGINDO EXTERNAMENTE, por exemplo, abandonando a família, recluindo-se, ignorando-a, destruindo-a, etc. Ainda que todos os parentes tenham morrido e só sobreviva um virya, o Arquétipo familiar continuará o processo através dele. O único caminho que o virya perdido tem para evitar a evolução É INTERIOR, PASSA PELO SANGUE E CONDUZ AO PASSADO. E já explicamos suficientemente como deve se buscar este caminho interior na recordação contida na Minne.

Mas Mengano compreendeu também que, prosseguindo em seu papel de ramo, só consegue evoluir no sentido do Arquétipo familiar. Olhando para trás, compreende que descende de uma estirpe mais pura, hiperbórea, e se propõe o problema de RECUPERAR uma herança que se encontra no passado. Como da árvore genealógica não se evidencia qual possa ser a solução, conforme dissemos, Mengano decide acudir à Sabedoria Hiperbórea, cujos ensinamentos afirmam que o "sangue puro" é o único recipiente da herança hiperbórea. Para a Sabedoria Hiperbórea, um esquena analógico, a partir do sangue puro não deve variar topologicamente da árvore genealógica já vista. Mas, no lugar de uma árvore, considera que O SANGUE É EQUIVALENTE A UM RIO, cujo leito principal se constitui no "tronco" da árvore genealógica e cujos rios e riachos, afluentes ou tributários, encontram-se representados pelos ramos.

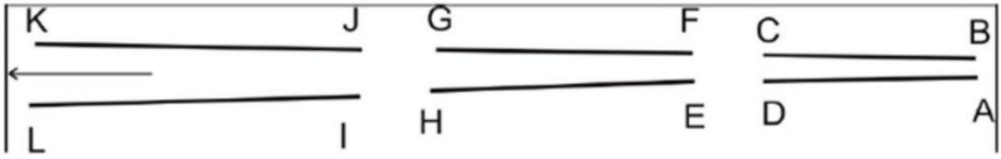
Aprofundemos nesta nova alegoria. Ao olhar agora a figura 3, o "Rio Villano", ao qual chegam numerosos braços afluentes, entre os quais se destacam os rios "Zutano", "Montano" e "Mengano", conectados de tal maneira que cada um canaliza o fluxo do anterior. Mas o FLUXO dos rios é análogo à PUREZA do sangue. O Rio Villano, por representar um sangue hiperbóreo mais puro, tem, consequentemente, um fluxo maior, qualidade que se percebe na figura 3, ao observar a grande largura de seu leito. E Mengano, o virya que buscava o caminho inverso do sangue puro, aparece na alegoria como um simples riacho de fluxo reduzido.

Vistas as coisas deste modo, o problema de Mengano não parece agora ser insolúvel; pois se reduz À OBTENÇÃO DE UM AUMENTO DE FLUXO, E ISSO SEMPRE É POSSÍVEL EM UMA ALEGORIA HIDRÁULICA. Podemos apresentar o problema estratégico de Mengano em termos analógicos do sistema hidráulico, perguntando: o que se deve fazer para aumentar o fluxo do riacho Mengano e, no possível, levá-lo a igualar o do Rio Villano?

Antes de responder, vale a pena destacar que o fluxo, POR CORRER EM SENTIDO INVERSO, vai de Mengano a Villano, de maneira que a solução não está, como se poderia pensar irrefletidamente, em alargar o leito. Daí que a ÚNICA solução que existe para este problema seja SOMAR OS FLUXOS DOS RIOS RESTANTES AO LEITO DO RIACHO MENGANO.

Para aclarar completamente esta solução hidráulica, consideremos apenas o riacho Mengano e os rios Montano e Zutano, os quais se encontram conectados “um em seguida do outro”, quer dizer, “em série”.

FIGURA 4



O Mengano se conecta “pela largura” com o Montano, ou seja: CD com EF; e o Montano com o Zutano também: GH com JI.

A solução do problema exige alterar esta conexão entre leitos “pela largura” e substituí-la por uma união longitudinal, com a finalidade de “somar os leitos”.

A disposição teórica para os três leitos considerados foi desenhada na figura 5. Ali se percebe que os leitos estão agora conectados longitudinalmente, “em paralelo”; o Mengano, por exemplo, ficou unido ao Montano pelas margens CB e EH. O resultado final é um novo Mengano, de fluxo muito superior, devido à adição dos fluxos dos rios Montano e Zutano.

FIGURA 5

Continuando com este procedimento, e após unir ao Mengano TODOS os demais rios afluentes, é teoricamente possível igualar o fluxo do Rio Villano, finalizando o problema.

Figura 6

Deixemos, por ora, a analogia hidráulica e voltemos ao problema estratégico do virya Mengano: que conclusão cabe extrair da solução hidráulica? O que significa para o virya Mengano “somar os fluxos”? Para responder, há que se transferir a solução hidráulica ao plano genealógico concreto da família de Mengano. Nela, “os rios” equivalem a parentes próximos ou distantes, e a “soma de fluxos” significa que Mengano DEVERÁ INCORPORAR EM SI MESMO SEUS PARENTES; SOMAR AO SEU PRÓPRIO SANGUE, O SANGUE PURO DOS DEMAIS MEMBROS DA FAMÍLIA.

Parece uma loucura, mas nos corresponde perguntar: é esta solução possível? Segundo a Sabedoria Hiperbórea: SIM. E a tentativa que cada virya realiza para fazer efetiva tal solução é o que se denomina de “Prova de Família”.

Há um momento de "transição" na vida do virya: quando deixa de estar "perdido", pois tomou consciência do Grande Engano, mas ainda não se "orientou", e portanto, não está completamente "desperto". Nesse difícil transe, o importante é DESCOBRIR A PRÓPRIA IDENTIDADE, que está sepultada sob múltiplas máscaras ou personalidades. Faz-se necessário, antes de mais nada, distinguir aquela parte de si mesmo que transcende o processo do Arquétipo familiar. Para consegui-lo, há que realizar duas coisas: por um lado, deve-se buscar, no sangue, a recordação da origem, a herança hiperbórea; e por outro, conseguir a REINTEGRAÇÃO do Arquétipo familiar, cujos pedaços estão espalhados pelo mundo na forma de "parentes de sangue". A Prova de Família tem por objetivo conceder ambas as coisas, para que o virya supere a transição e encontre uma primeira orientação.

Mas, se bem que a Prova de Família vise a favorecer a des-coberta do "eu" verdadeiro em cada qual, e é certo que esta des-coberta pode ser buscada por outro caminho, onde a Prova de Família não pode ser superada de nenhum modo por nenhum outro método é com respeito à determinação da "capacidade de amar". Recordemos que queríamos saber "quando" é possível ao virya empregar as técnicas sexuais do tantrismo sem perigo e que a Sabedoria Hiperbórea nos disse: "não deves amar com o coração a mulher de carne". Soubemos também que o "amor" para com a mulher de carne tem relação com o processo do Arquétipo Dama. E, por último, dissemos que o virya ocidental, na maioria dos casos, padece de tal confusão, que é muito possível que ignore sua própria "capacidade de amar" e, com isso, ignore também quando pode seguir a via tântrica. Neste caso, a conclusão da Prova de Família é definitiva, pois a mesma indicar-lhe-á se deve continuar "amando" a mulher de carne ou já está em condições de A-mar Kaly.

Já sabemos o que se espera dela; agora devemos conhecer em que consiste a Prova de Família. Antes de mais nada, digamos que tal Prova é absolutamente pessoal, uma vez que visa a reforçar a individualidade do virya; e por isso tem que ser praticada por cada qual em particular, qualquer que seja situação familiar. Desde o virya que está "só" no mundo, até aquele que é um rebento de uma família prolífica, todos devem partir do princípio de que a Prova "só interessa a ele", é "pessoal", "interior" e até "secreta". Apenas com tais condições de intimidade e respeito por si mesmo pode-se enfrentar a Prova com possibilidade de sucesso.

Por outro lado, há que se deixar claro desde o princípio que a Prova de Família NÃO É DE INSPIRAÇÃO MORAL; quer dizer, não salva nem condena ninguém. Apenas determina o grau de dependência existente com respeito aos processos arquetípicos e possibilita, em todo caso, reduzir tal

dependência. Este esclarecimento vale, porque ninguém mais do que o virya poderá avaliar o resultado de SUA PROVA PESSOAL; e se o mesmo for negativo, queremos antecipar que de nada lhe valerá enganar-se: pela via do tantrismo só encontrará amargura, e é possível que arruíne sua saúde e a de sua parceira.

Apresentemos agora a Prova de Família.

Todo virya que tente esta prova deve começar por uma indagação preliminar: qual é minha família? Visando conhecer de onde procede sua linhagem hiperbórea. A Sabedoria Hiperbórea oferece duas leis que devem ser contempladas ao dar a resposta:

1ª Lei – A herança hiperbórea do sangue puro se transmite por via materna. Esta herança pode facilmente anular o processo do Arquétipo familiar da estirpe materna. A resposta à indagação pela família parte, em primeiro plano, então, pela linhagem materna.

2ª Lei – Os Arquétipos familiares transmitem seus traços por herança genética. Se a herança hiperbórea da mãe é forte, predominará a herança genética paterna e, portanto, o Arquétipo familiar da linhagem paterna será quem dominará a intensidade do processo. Mas se a herança hiperbórea materna é fraca, então as heranças genéticas de ambos os pais estarão repartidas, tal como assinala a Genética. Ao indagar pela família, de acordo com a segunda lei, figurará a linhagem paterna em segundo plano.

A indagação, considerando estas duas leis, deve se referir, a princípio, apenas aos familiares que viveram ou vivem contemporaneamente com a própria geração: especialmente os parentes próximos, aqueles com os quais se conviveu e que mais fortemente nos influenciaram ou afetaram. Em segundo lugar, depois desta determinação, a indagação cairá sobre os antepassados; MAS APENAS SE SE PASSOU PELA PROVA DE FAMÍLIA COM OS PARENTES CONTEMPORÂNEOS.

Tendo respondido à indagação e se se tem bem presente quais são os parentes AOS QUAIS VAI SE REFERIR A PROVA, deve-se enfrentar esta, com a mente voltada para o conceito de que cada parente é, efetivamente, OUTRA EXPRESSÃO do Arquétipo familiar. Se não se compreendeu esta simples verdade, ou se não se a aceita, é inútil tentar a prova.

Cumprida a indagação preliminar, e tendo em conta o conceito apontado, pode-se efetuar a Prova de Família. ELA CONSISTE EM LOCALIZAR AS RELAÇÕES EXTERNAS QUE NOS VINCULAM COM NOSSOS PARENTES. Uma maneira de descrever a operação da Prova seria

dizer que se trata de INTERROGAR acerca de tais relações externas, mas isso não é totalmente certo; mas, trata-se de DISPOR A MENTE PARA CONHECER quais são as relações questionadas. Se temos claro o que é o que desejamos conhecer, a resposta brotará imediatamente em nossa consciência, sem necessidade de recorrer a raciocínios ou declarações lógicas.

Para ter claro "o que é o que desejamos conhecer" ... podemos recorrer aos seguintes conceitos:

A – Por "relação externa" nos referimos às de ordem afetiva ("sentimentais" ou "emocionais"), ficando excluídas, em uma primeira consideração, aquelas relações puramente gnosiológicas, que procedem de "saber" que a árvore genealógica é um fato factual. Em outras palavras: todos nós sabemos o que é um tio, um pai, um irmão ou um primo; NÃO NOS REFERIMOS a tais relações estruturais, ao considerar o NOSSO tio, pai, irmão ou primo, mas AO QUE SENTIMOS POR ELES.

B – Toda carga afetiva é, evidentemente, um conteúdo "interno", próprio da esfera psíquica. Por que, então, denominamos de "externa" a relação afetiva com os parentes? Porque a existência de "afetos" entre parentes que compartilham um mesmo Arquétipo familiar é puramente ilusória; e porque o sustentáculo dessa ilusão está baseado no "mundo exterior". Devemos distinguir, pois, entre os "verdadeiros" afetos que sentimos para com outras pessoas ou coisas e a "relação (afetiva) externa" que acreditamos experimentar por nossos parentes de sangue. Vamos explicar como se origina esta confusão.

É claro que toda carga afetiva procede de uma relação sujeito-objeto, estabelecida a partir das diferenciações do eu. Por efeito da objetivação, qualquer coisa é suscetível de possuir uma carga afetiva associada, a qual, em muitos casos, não será possível separar da própria coisa. Mas o virya se acha inserido em uma superestrutura de fato cultural, onde desempenha seu papel dramático e de onde recolhe suas vivências externas que, em maior ou menor grau, constituem relações afetivas "internas". Se o objeto de atenção é outra pessoa que também integra a superestrutura, o confronto da estrutura cultural própria e a do próximo produz uma relação afetiva mútua, que se denomina de "Kármica", porque é transferida do inconsciente coletivo pessoal ao inconsciente coletivo universal, quer dizer, à psicoesfera, onde se plasma como RELAÇÃO ENTRE ARQUÉTIPOS PSICOIDES e de onde CAUSA posteriores efeitos "Kármicos". No drama da vida, um virya pode amar ou odiar outro, ou ser amado ou odiado por este, e atribuir a tais relações afetivas o caráter de um vínculo concreto, dado que as mesmas são

consistentes e efetivas dentro da superestrutura (se "existem", pode-se comprovar sua "existência") e até geram futuras reações Kármicas. E que a relação de ódio ou amor com o próximo constitui um "vínculo concreto" não se poderá negar, pois a mesma implica no peso da carga afetiva sobre a consciência, a cada vez que esta se refira ao próximo.

Ocorre o mesmo com os parentes de sangue? Costuma-se acreditar que sim, mas a seguir veremos que não é assim. Em primeiro lugar, recordemos que todo afeto deve ser REFERIDO A UM OBJETO afetivo, ao qual se diferenciou e com o qual se estabeleceu uma relação. Mas, sendo os parentes expressões de um mesmo Arquétipo familiar, podem ser considerados objetos afetivos, tal como o é uma pessoa qualquer à qual se ama ou odeia? A Sabedoria Hiperbórea afirma que um parente de sangue é um "objeto" na mesma medida em que o é o "eu", quando interroga "o que é o eu" e se coloca como objeto de sua própria interrogação. Nesse caso, o eu realiza uma reflexão, um desdobramento sobre si mesmo, com a finalidade de "se observar" gnosiologicamente; mas, por mais efetiva que pareça a objetivação de si mesmo, o resultado da inspeção será sempre subjetivo, impossível de verificar por ninguém mais do que o eu reflexivo; por isso, ao "objeto" produzido pela reflexão do "eu" sobre si mesmo denominamos "ilusão". Contudo: segundo a Sabedoria Hiperbórea, os parentes de sangue são "reflexões" do Arquétipo familiar; e portanto, nesse sentido, também lhes corresponde o qualificativo de "ilusões". Em todo caso, é a "relação afetiva", e mesmo cognitiva, que acreditamos que existe entre nós e nossos parentes de sangue a que se cabe qualificar rigorosamente de "ilusória".

C – Claro que é muito difícil transcender a barreira desta ilusão, mas ninguém disse que passar de "virya perdido" a "virya desperto" fosse tarefa fácil. E, podemos assegurar: quem não se tenha independido do processo evolutivo dos Arquétipos familiares, terá muita dificuldade em sua orientação estratégica. Mas tal "independência" não se adquire NEGANDO O PROBLEMA, quer dizer, rejeitando ou ignorando a função estrutural da família; mas simplesmente tomando consciência da situação e enfrentando a Prova de Família.

O primeiro obstáculo para aceitar que os parentes NÃO SÃO verdadeiros objetos afetivos, se constitui no fato de que estes parentes apareçam efetivamente como objetos do mundo exterior. E ante tal presença concreta, a afirmação de que se trata de meras ilusões parece carecer de fundamento. Mas a realidade é esta: nossos parentes, como nós mesmos,

são verdadeiros objetos PARA O PRÓXIMO; os parentes ENTRE SI são expressões de um mesmo sujeito: o Arquétipo familiar; e nenhum pode se considerar "objeto" do outro, exceto a título "reflexivo".

Um segundo obstáculo que impede de aceitar o caráter ilusório da objetividade familiar procede de um fenômeno denominado de "realimentação por captura mútua". Este fenômeno, característico nos processos evolutivos de Arquétipos familiares, é o responsável pela crença em "relações externas" (afetivas) entre parentes de sangue. Para compreender seu comportamento, recordemos o que dissemos páginas atrás sobre os Arquétipos Manu que sustentam a superestrutura de um fato cultural: "O fato cultural se desenvolve impulsionado por uma grande potência, NOTE-O OU NÃO O OBSERVADOR, e nesta marcha para a enteléquia, a superestrutura PEGA O NECESSÁRIO PARA SUA PERFEIÇÃO E REJEITA AQUILO QUE LHE É INÚTIL OU OPOSTO". Da mesma maneira procede o Arquétipo familiar, pois, mediante os membros da "família", tenta acomodar-se na superestrutura, ocupando os lugares QUE LHE DEIXAM LIVRE AS RELAÇÕES KÁRMICAS e adaptando-se aos processos evolutivos do Manu. É assim que os parentes veem a desempenhar um papel determinado no drama da vida DO QUAL NÃO SE DEVEM APARTAR, sob pena de serem excluídos da superestrutura (o que implicaria em que o Arquétipo familiar deixasse de evoluir através dos parentes "expulsos" ou desencarnados). Para cumprir seus papéis determinados, os parentes não têm que suspeitar que todos são expressões de um único Arquétipo e, pelo contrário, devem estabelecer "relações externas" entre si, muitas vezes apaixonadas e dramáticas, conforme convenha às "direções Kármicas" das superestruturas. Com a finalidade de firmar os parentes em seus papéis, e de confirmar a ilusão de suas existências objetivas e diferentes, o Arquétipo familiar produz o fenômeno de realimentação por captura mútua.

Já sabemos como se produz a "captura": ao enfrentar a estrutura cultural própria com a superestrutura, para "conhecer", os Arquétipos psicoides que sustentam os objetos culturais externos MODIFICAM O RELEVO dos mesmos, favorecendo a projeção SOBRE os objetos exteriores DAS premissas culturais interiores. Por isso, todo ato cognitivo de um objeto exterior é, na realidade, o RECONHECIMENTO, ou conscientização, de um objeto interior projetado no mundo. Ali começa a "captura", pois a exteriorização dos objetos interiores implica na participação nos processos evolutivos da superestrutura, sua integração ao fato cultural. Este efeito é buscado pelos Arquétipos psicoides para obter a energia que empregam em seu desenvolvimento. Em resumo: "os Arquétipos psicoides se ALIMENTAM

(pegam energia para sua evolução) das estruturas culturais (os viryas) que conseguem CAPTURAR na superestrutura".

A "captura mútua" se produz quando dois parentes enfrentam, no quadro dramático de uma superestrutura, suas estruturas culturais, com a finalidade de tomar conhecimento recíproco de si mesmos. Aqui o Arquétipo familiar, que é psicoide, efetua uma dupla captura, por serem ambos parentes expressões de seu próprio processo evolutivo. Suponhamos que os parentes são Mengano e seu irmão Perengano. Mengano vê Perengano como "objeto cultural" e projeta sobre ele uma imagem interior; mas foi o Arquétipo familiar mútuo que ADAPTOU Perengano (como o "espelhinho" da alegoria) para RECEBER A PROJEÇÃO efetuada por Mengano; e o faz COM CRITÉRIO KÁRMICO, para que a "relação externa" estabelecida entre Mengano e Perengano se adapte ao drama da vida, ou seja: ao processo "Manu" da superestrutura; Mengano RE-CONHECE que é ÓDIO o que sente por Perengano: essa relação faz possível que a maior potência de um "objeto" (Perengano) integrado na superestrutura, "capture" a estrutura cultural (de Mengano) no processo do Arquétipo psicoide que evolui no "objeto"; produzida a captura, todo o Arquétipo se alimenta da energia tomada do sujeito capturado: mas neste caso, o Arquétipo que sustenta o objeto (Perengano) sustenta também o objeto (Mengano); e a energia que pega de Mengano para desenvolver a enteléquia de Perengano é SUA PRÓPRIA ENERGIA REALIMENTADA. Se consideramos que Perengano "viu" também Mengano como "objeto cultural" e desse exame conclui que experimenta piedade, poderemos compreender que, reciprocamente, o Arquétipo familiar realimentará energia de Perengano para o processo evolutivo de Mengano. Ocorreu, então, um fenômeno de "realimentação por captura mútua", o qual tem a finalidade de criar entre os parentes a ilusão das relações externas (afetivas).

O processo dos Arquétipos psicoides na superestrutura constitui um drama para aqueles que estão sujeitados a ele e devem representar um papel. E nesse drama, os parentes de sangue têm que se comportar como se verdadeiramente fossem indivíduos particulares para assegurar o desenvolvimento da trama. Por isso, ignoram que todos são um e acreditam que entre eles existem verdadeiras relações afetivas. Pois, o que são esse ódio de Mengano e essa piedade de Perengano senão a ilusão dos vínculos afetivos externos que a dupla captura ocasiona? É como se alguém ordenasse à sua mão esquerda que bata na sua mão direita e uma

testemunha, que visse apenas as mãos, afirmasse que a mão esquerda "agride" a direita. As mãos não agem separadas, ainda que as aparências indiquem o contrário, pois fazem parte de uma mesma estrutura orgânica e obedecem, ambas, ao cérebro; do mesmo modo que os parentes, ainda que acreditem se odiarem ou se amarem, não agem separados, pois fazem parte de uma mesma superestrutura familiar e "obedecem", todos, ao processo do Arquétipo familiar.

D – Dissemos que a Prova de Família "consiste em localizar as relações externas que nos vinculam com nossos parentes" e, nos comentários precedentes, ficou claro que as "relações externas" são os afetos diversos que temos para com eles e que tais afetos constituem uma ilusão. Com estes esclarecimentos, e recordando que "interrogação", em nosso conceito, não se refere a uma construção lógica mas a uma disposição psíquica para "conhecer", podemos dizer também que: "a Prova de Família consiste em responder à interrogação: o que sinto por meu parente Albano?

Em forma de interrogação talvez seja mais acessível a Prova de Família para o ocidental, habituado a pensar racionalmente, sempre e quando se recorde que a interrogação visa a averiguar a existência das "relações externas".

E – Levando em conta o que dizem a 1ª e a 2ª Lei, pode-se enfrentar a prova de família interrogando-se sobre os parentes selecionados na indagação preliminar, quer dizer, os contemporâneos. O procedimento da Prova é o seguinte:

Pergunta: o que sinto por Tio Albano? Resposta: "ódio" ou "amor" ou "cainho", etc., ou uma soma indefinível de afetos. Não importa, a princípio, a qualidade do afeto: SE EXISTE UM AFETO DE QUALQUER TIPO SIGNIFICA QUE O PROCESSO ARQUETÍPICO ESTABELECEU ILUSORIAMENTE UMA RELAÇÃO KÁRMICA. Nesse caso, o virya não deve continuar com o tantrismo e deve ter cuidado ao empreender as outras vias de liberação hiperbóreas, POIS AINDA NÃO ESTÁ PREPARADO PARA INICIAR A BUSCA DO CENTRO.

F – Mas, da analogia estabelecida entre a "família" e a rede hidráulica dos rios se extraía a conclusão de que o riacho Mengano pode aumentar seu fluxo até aproximá-lo do Grande Rio Villano, somando com o seu os fluxos dos restantes rios afluentes. Esta conclusão se traduzia analogicamente afirmando que o virya Mengano poderá purificar seu sangue, até o grau de igualar seu antepassado hiperbóreo Villano, na medida em que consiga reintegrar em si mesmo o Arquétipo familiar, cujos pedaços, na forma de parentes de sangue, estão espalhados pelo mundo.

Se é possível reintegrar o Arquétipo familiar, terá que começar por eliminar aquilo que constitui a ilusão da separação, ou seja: as "relações externas". A Prova de Família permitirá localizar as relações afetivas com os parentes; a IDENTIFICAÇÃO RECÍPROCA fará com que seja possível reduzi-las.

Antes de explicar a maneira de reduzir as relações externas, faremos uma advertência. Compreendemos que será difícil para muitos viryas, que têm parentes pelos quais experimentam sentimentos de desprezo ou repugnância, aceitar que estes fazem parte de uma só entidade, na qual também estão incluídos. Se tal for o caso do virya perdido, que ao enfrentar a Prova de Família, descobre que todo um universo de paixões o liga com seus parentes de sangue, a ele diz a Sabedoria Hiperbórea que nada o impede de continuar evoluindo dentro do Plano do Demiurgo. Se suas paixões o atam à ilusão e não se sente capaz de superá-las, é inútil que aguce o ouvido, pois jamais escutará o canto dos Siddhas, nem seu Espírito acudirá da origem na recordação de sangue. A Sabedoria Hiperbórea, por outro lado, não impulsiona o virya a que deixe de sentir afetos por seus parentes, mas, pelo contrário, o aconselha a aceitar a amarga realidade de que eles fazem parte dele próprio; e que é um dever reintegrá-los a si mesmo pela "identificação recíproca". Se esta maravilhosa reintegração acontece, os parentes que amamos já não estarão fora, mas dentro, onde sempre os poderemos encontrar, já que não morrerão como os parentes externos, que são uma mera reflexão do Arquétipo familiar. Claro que, junto a eles, estarão os outros, aqueles pelos quais não professamos afetos positivos; e também muitíssimos parentes antepassados aos quais não recordamos, mas que representam antigos ensaios, provas evolutivas, aspectos involuídos do Arquétipo familiar.

G – A "identificação recíproca" é o método de redução afetiva da Prova de Família. Pela Prova, localizamos, por exemplo, determinados afetos para com Tio Albano. Esses afetos criam a ilusão da individualidade de Tio Albano e impedem sua reintegração interior. Para reduzi-los, apenas é necessário identificar a relação exterior que liga Tio Albano conosco, ou seja: uma "identificação recíproca".

É evidente que este método tem por finalidade anular a realimentação por captura mútua, após reduzir as relações exteriores entre os parentes.

Conhecemos, pela Prova, a relação afetiva para com Tio Albano; reciprocamente devemos indagar agora qual é a relação afetiva que Tio Albano mantém conosco. Para isso, teremos que praticar a empatia com Tio

Albano, colocar-nos em seu lugar COM RESPEITO A NÓS, e experimentar, como se verdadeiramente fôssemos Tio Albano, os sentimentos que este sente para conosco. Naturalmente, não se poderá fazer sem grande esforço (e ninguém disse que fosse fácil); mas terá o notável efeito de ANULAR nossas próprias relações exteriores com Tio Albano. É claro, uma empatia semelhante, que seria quase impossível experimentar com um estranho à nossa linhagem, não é tampouco tão difícil entre membros de uma mesma estrutura familiar. Se a identificação recíproca tem sucesso, se conseguimos "ver-nos a partir do Tio Albano" e identificamos os sentimentos que ligam este conosco, então comprovaremos admirados que, ao olhar novamente o Tio albano REDUZIRAM-SE NOSSOS PRÓPRIOS AFETOS PARA COM ELE, quando não desapareceram totalmente; e a ilusão da separatividade ACABOU. As relações externas se anularam mutuamente.

Mas Tio Albano continua vivendo no mundo; o que veremos ao olhar seu rosto, agora que desapareceram as relações (afetivas) exteriores mútuas? Tornaremos a sofrer a captura na estrutura cultural do Tio Albano? Não se tornará a produzir a captura porque não há diferença entre o Tio Albano exterior e o Tio Albano interior, ou, se quiser, há identidade arquetípica entre nós e ele. Após a Prova de Família, ao olhar o rosto dos parentes reintegrados, como em um espelho, reconheceremos neles aspectos de nós mesmos; perfis ignorados até então, mas que inegavelmente saberemos encontrar em nós.

H – Apenas quando o virya reintegrou uma porção considerável do Arquétipo familiar pode-se dizer, alegoricamente, que aumentou o fluxo de seu sangue puro. O caminho para a mutação está agora aberto; porque, ao se diluir a ilusão dos "mil rostos familiares", cessam também as cadeias Kármicas. O processo do Arquétipo familiar visa o futuro; ali está sua enteléquia. Em troca, o caminho inverso da reintegração, comentado recentemente, equivale a inverter o processo e marchar para o Grande Antepassado Hiperbóreo, aquele que CONHECE O SEGREDO DA QUEDA PORQUE FOI O PROTAGONISTA; que também se chama de: O Grande Enganado. Com ele terá de se enfrentar, cedo ou tarde, o virya que siga o caminho do sangue puro. E desse confronto supremo surgirá a Verdade Primordial. Então o virya, como um vulcão de emoção, derramado em um cascata de paixões milenares, arrojar-se-á aos seus pés para tirar as correntes do Engano, os grilhões da Traição, e restaurará em si mesmo a linhagem extraterrestre dos Siddhas Hiperbóreos.

Diz a Sabedoria Hiperbórea:

"Lembra-te sempre que tua família é árvore e rio ao mesmo tempo. Por isso se diz que O Grande Antepassado está 'nas raízes do sangue puro'. Ali deverás buscá-lo, retrocedendo inversamente a corrente do rio ancestral ou baixando por alguns ramos que são também rostos hieráticos, espelhos de ti mesmo. Ele está te esperando, desde sempre; pois tua chegada significa sua liberação. Mas, tome cuidado em como te apresentas ante Ele. Não seja que seu rosto te aterrorize e retrocedas estupidamente. Recorda-te que Ele está ali porque caiu; e por isso seu rosto mostra o estrago de antigas e terríveis paixões. Ó, Virya! Ele só poderá liberar-se se tu o olhas e sustenta seu olhar! Mas esse olhar significará tua morte! Ó, Virya! Nada te será ocultado, agora que conheces o segredo da árvore e do rio: sim, ao vê-lo morrerás; mas ressuscitarás n'Ele quando, já liberado, VIRE SEU ROSTO PARA A ORIGEM! Porque atrás das costas do Grande Antepassado encontra-se a origem primordial, à qual, POR UM MISTÉRIO DE AMOR, Ele se viu privado de voltar, desde que começou o Tempo da Dor e do Sofrimento. Morto e renascido: ao ressuscitar tu, ressuscitas o Grande Antepassado, e fica soldada a espada que foi quebrada nas origens; tu e o Grande Antepassado voltam a ser um só, como sempre foram, sem sabê-lo; e por isso, ao marchar para a origem, morto e renascido, és um Iniciado do Sangue Puro, um Cavalheiro do Gral, um Siddha Imortal, um Divino Hiperbóreo, um Guerreiro de Lúcifer, O Galhardo Senhor. Um grande segredo conheces, ó, Virya: o da árvore e o rio familiar; se és intrépido e audaz, mas também humilde e desapegado, e não temes COMPROVAR TUA PRÓPRIA MISÉRIA, então este grande segredo te conduzirá ao Vril!".

Nos oito comentários precedentes expusemos a Prova de Família, que possibilita, de maneira infalível, ao virya ocidental, estabelecer "quando" pode recorrer "sem perigo" às técnicas sexuais do tantrismo. Já adiantamos "quando" NÃO SE DEVE FAZÊ-LO: quando existem RELAÇÕES EXTERNAS com os parentes de sangue. Mas alguém pode perguntar: o que têm a ver as relações afetivas entre os parentes com as práticas sexuais que efetuaremos com nossa parceira? Quem isto pergunta certamente esquece que o objetivo exotérico de todo yoga, e também do Tantra, é "despertar Kundalini", e que Kundalini, como Logos, tem o poder de "recriar" os corpos do virya. Só pode aspirar à mutação aquele que, como Wildejäger, está disposto a tudo e nada o prende à obra do Demiurgo. Mas, se existem relações externas com os parentes, isso significa que o virya está atado Karmicamente e desempenha

um papel no drama da vida; e, o que é pior, seu corpo só constitui uma parte do Arquétipo familiar. E ninguém pode imortalizar "uma parte" do microcosmo.

Quando Kundalini desperta, SEU VERBO VAI DESCREVENDO O ARQUÉTIPO FAMILIAR E FIXANDO SUAS PARTES; se o virya tem seus parentes "fora", então Kundalini só recriará "até onde chega a consciência" e fixará essa parte do Arquétipo familiar que o virya acredita ser. Este resultado é inevitável, porque Kundalini, como reflexo do Aspecto-Logos do Demiurgo, tem a "missão secreta" de harmonizar o microcosmo com o macrocosmo, o homem com o Plano, e JAMAIS VAI ALTERAR POR SI MESMA UMA RELAÇÃO KÁRMICA, como as que implicam nas relações externas com os parentes. As consequências do despertar de Kundalini variam consideravelmente, conforme seja o grau de confusão do virya perdido; e vão desde uma "benigna" fusão com o Demiurgo no Samadhi Sahasrara, até a aniquilação do corpo físico "por decisão" do Arquétipo familiar, que tentará evoluir através dos demais parentes. Esta última possibilidade causará surpresa porque, naturalmente, a gente sempre pensa que é "o melhor" ou o mais evoluído da família; MAS O ARQUÉTIPO FAMILIAR PODE NÃO OPINAR O MESMO. Em qualquer caso, Kundalini sempre se conduzirá de acordo com sua diretriz secreta de "harmonizar" (recriando o microcosmo) e "fixar" (o recriado) para manter ou restabelecer o sincronismo dos ritmos do microcosmo com o Plano do macrocosmo.

Para o virya é imprescindível a reintegração do Arquétipo familiar, pela Prova de Família ou por qualquer outro procedimento, ANTES de despertar Kundalini. Mas, dir-se-á, vamos então realizar em nós a enteléquia do Arquétipo familiar? Não! Porque tudo quanto dissemos sobre Kundalini se refere a ela "entregue à sua diretriz secreta"; e nada dissemos ainda sobre a maneira que se deve proceder com o Verbo Ígneo DURANTE as práticas tântricas. O propósito de "despertar Kundalini" é apenas uma ação tântrica, um meio, para concretizar o objetivo estratégico do retorno à origem, tal como ensina a Sabedoria Hiperbórea a todo virya sadhaka.

Já afirmamos "quando" não se deve praticar o tantrismo: quando existem relações externas com os parentes e o virya acha-se ligado ao processo do Arquétipo familiar (e aos processos dos Arquétipos psicoides das superestruturas). E explicamos por que: há que se reintegrar o Arquétipo familiar para evitar que Kundalini recrie apenas uma parte do mesmo. Mas este é nada mais nada menos do que um aspecto da dificuldade; e, se quiser, o menor. O maior problema se constitui no fato de que "quem padece da ilusão das relações externas NÃO PODERÁ DISTINGUIR KALY". E a percepção de Kaly é necessária A PRIORI da práxis tântrica, pois constitui a

base da restauração hiperbórea que se deve realizar na natureza do microcosmo para conseguir a transmutação.

A Sabedoria Hiperbórea ensina, por outro lado, que "KALY SÓ AMA QUEM ESTEJA COMPLETO E SEJA UNO EM SI MESMO". Logo veremos a importância desta afirmação.

Há um terceiro aspecto da dificuldade (para se orientar) de padecer de relações exteriores, que é o seguinte: o virya que ama ou odeia seus parentes está propenso a "amar com o coração a mulher de carne", quer dizer, a contribuir com o processo do Arquétipo Dama. Esta propensão provém fundamentalmente das relações Kármicas, que determinam o TYPO da parceira "destinada"; da confusão sanguínea que ocasionou o "esquecimento" da mulher hiperbórea; e da "divisão" do Arquétipo familiar, que impede de "distinguir Kaly".

Até aqui revisamos com certa profundidade "quando" não se deve praticar o tantrismo. Vejamos agora "quando" é possível fazê-lo, e também a pergunta que estava pendente: para quê?

Suponhamos que o virya Mengano conseguiu reintegrar em si o Arquétipo familiar, eliminando, por identificação recíproca, as "relações externas", quer dizer, os afetos ilusórios que mantinha com os parentes "fora". Fez isto, mas ainda não retrocedeu inversamente a corrente do sangue puro para chegar até o Grande Antepassado. Sabe que deve fazê-lo rapidamente, pois, ao estar "completo", o Arquétipo familiar acelerará seu processo evolutivo para concretizar sua enteléquia. "Estar completo" significa ter desatado as ligaduras Kármicas, situação que o Arquétipo familiar só vai permitir se pode continuar evoluindo; pois, caso contrário, recorrerá aos Devas da Morte para desfazer-se do descontrolado virya.

Mengano conhece este risco, mas escolheu a via tântrica da mão esquerda para marchar para a origem e por isso se dispõe a cumprir o "Ritual dos Cinco Desafios". Mengano é um virya ocidental; seu modo de proceder é inspirado na Sabedoria Hiperbórea; por isso, ainda que indubitavelmente tântricos, seus atos se conduzem de acordo com uma simbologia mais antiga do que a da Escola Kaula, mas adaptada às circunstâncias do Ocidente e de sua relação com o Fim do Kaly Yuga. Há um conceito da Sabedoria Hiperbórea que logo desenvolveremos com profundidade, mas que convém citar agora, pois justifica este aparente afastamento da ortodoxia tântrica; e explica, também, as dificuldades que os viryas do Ocidente têm para professar as filosofias orientais: é o de GEOCRONIA. A Geocronia é a

propriedade que a Terra possui de influir sobre o Tempo Histórico dos povos que habitam determinados lugares. Assim, acontece que nem todas as comunidades humanas encontram-se na mesma relação com respeito ao Kaly Yuga, mas que a Índia, por exemplo, está "mais longe" do Fim da Idade Kaly do que a Europa. Existe todo um "caminho de Kaly Yuga", que começa no Polo Sul e acaba no Polo Norte, mas que serpenteia em torno do planeta, seguindo certas linhas tectônicas; e a este caminho nos referimos quando dizemos, por exemplo, "no século IV os germânicos avançam para o Kaly Yuga", etc. O importante agora é levar em conta que o Tantra da Índia e do Tibete, o Kaula, e mesmo o caminho Kula, ficaram atrasados, com respeito ao "índice geocrônico" do Ocidente, pois este se encontra mais perto do fim do Kaly Yuga do que o Oriente. É por isso que, no século XX, a Thulegesellschaft desenvolveu seu próprio yoga tântrico, o qual foi empregado internamente nas iniciações da Ordem Negra SS. Os conceitos que vimos oferecendo, e os que daremos em relação ao suposto "ritual" de Mengano, procedem daquele yoga ocidental da Thulegesellschaft e da Sabedoria Hiperbórea. Preferimos evitar referências ao Tantra hindu, pois nos perderíamos em esclarecimentos e comentários; já que os orientais, atualmente, não vêm com clareza conceitos tão elementares como este: se o caminho Kula, conforme declaram os Tantras, é a busca de uma "gnose absoluta", perguntamos: como podem acreditar que o Demiurgo Brahma, com quem propõem uma fusão do Samadhi, vai permitir isso, sem castigo? Os ocidentais, em troca, sabem há muito que a busca do conhecimento, a gnose, é castigada pelos Deuses; e o expressaram no mito de Prometeu ou no mito da "queda de Adão", dos gnósticos alexandrinos, etc. Há uma grande confusão no tantrismo atual, e por isso aparece tingido de devoção e ritualismo, o que desfigura o sentido luciférico e guerreiro que deve exibir em seu caráter de via hiperbórea de liberação para o Kaly Yuga. Nós seguiremos outro caminho: transitaremos por uma ponte que salta parte da confusão, pois se apoia na pureza da Sabedoria Antiga, por um lado, e por outro, na realidade concreta que deve enfrentar diariamente um virya ocidental; Mengano, por exemplo.

O Ritual dos Cinco Desafios consiste em tomar vinho, comer carne, peixe e gérmen de trigo, e praticar o coito ou maithuna[99]. Em cada um destes

[99] *O Ritual oriental das "Cinco M" propõe empregar os mesmos elementos e dá, para eles, a seguinte interpretação simbólica: o VINHO (MADYA) representa o AR; a CARNE (MAMSA), o*

atos, o sadhaka desafia o Demiurgo: nos quatro primeiros simbolicamente, e no último concretamente. Antes de efetuar cada um dos cinco Desafios, deve-se meditar em seu simbolismo para que o Ritual represente um verdadeiro ATO DE GUERRA INDIVIDUAL. Vale a pena repetir novamente que só se deve tentar esta etapa final do tantrismo quando se realizou um treinamento prévio de controle orgânico, por meio do yoga, e se conseguiu um fortalecimento muito forte da vontade, pelo desapego e repugnância que o gnóstico experimenta para com a obra do Demiurgo. Quando o virya está "disposto a tudo" e exibe uma inabalável decisão guerreira, ENTÃO PODE enfrentar a Prova de Família para juntar os pedaços de sua alma, que se encontram espalhados no mundo. Se triunfa nesta Prova, e consegue reintegrar em seu interior o Arquétipo familiar, terá, então, chegado às portas do Mistério de Amor. Digamos que é perfeitamente possível EVITAR o confronto com este Mistério e buscar a liberação por outra via hiperbórea. Mas se o virya possui UM VALOR ABSOLUTO E SE SENTE CAPAZ DE SE REENCONTRAR CONSIGO MESMO, talvez se atreva, como Mengano, a praticar o Ritual dos Cinco Desafios. Porque este ritual tem o objetivo de TRANSMUTAR o corpo do Sadhaka APÓS TER COMPLETADO A REINTEGRAÇÃO INICIADA NA PROVA DE FAMÍLIA, INCORPORANDO AO MICROCOSMO OS SÍMBOLOS DA TRAIÇÃO PRIMORDIAL. O sentido do Ritual é, então, INCORPORAR O SÍMBOLO QUE REPRESENTA CADA DESAFIO; por isso é que se recomenda a mais profunda concentração ao praticá-lo e, acima de todas as coisas, não experimentar desejos ou gozos sensuais durante sua execução.

O vinho é o símbolo do sangue puro, e da recordação hiperbórea da origem, "JOGADO" NO MUNDO PELA TRAIÇÃO PRIMORDIAL DOS SIDDHAS. Por ele, Lúcifer, o Cristo da Atlântida, consuma o sacrifício da descida infernal. Mas Seu sacrifício foi parodiado por Jesus-Cristo, que deu ao vinho o significado de "sangue plebeu", de pasu, ao qual há que transmutar "fora", para transformá-lo em "sangue de Jesus-Cristo", ou seja:

FOGO; o PEIXE (MATIA), a ÁGUA; o CEREAL (MUDRA), a TERRA; e o COITO com a MULHER (MAITHUNA), o ÉTER ou quintessência. Naturalmente, tais significados são exotéricos e não se revestem de nenhuma importância no Ritual dos Cinco Desafios que descrevemos aqui, ainda que pudesse tê-la em etapas preparatórias prévias, especialmente se o virya segue paralelamente uma via alquimista.

em sangue judeu. O primeiro desafio é, pois, beber o vinho, ou seja: incorporar o sangue puro que foi derramado no mundo, para transmutá-lo "dentro", no microcosmo, restaurando o sentido do sacrifício luciférico.

A carne de animal alude ao maior Mistério que existe, DEPOIS do Mistério de Amor. Porém, a Sabedoria Hiperbórea aconselha ao virya não indagar neste Mistério até não ter conseguido a liberação de transmutar-se em Siddha, para não adicionar mais horror ao horror de estar encadeado à matéria. Dito Mistério pode se resumir assim: tal como os Espíritos Hiperbóreos foram encadeados à evolução do pasu, há milhões de anos, muitíssimo tempo atrás, em períodos que se medem em Manvantaras e Kalpas, OUTRAS CEPAS de Espíritos imortais foram encadeados à matéria. Ninguém sabe de onde procediam, se foram criados pelo Incognoscível ou se caíram de uma ordem inimaginável; o certo é que eles também são prisioneiros do Demiurgo O Uno, que os encadeou a evoluções infinitamente mais primitivas do que as que devem padecer os Hiperbóreos da Terra. Assim como os Hiperbóreos são usados "para produzir cultura", conforme se explicou em outra parte, aqueles Espíritos são utilizados para "produzir vida", animal e vegetal, ainda que também costumem ser projetados ao "reino" mineral. E assim como os Hiperbóreos foram ligados à evolução do pasu para que, da luta entre Espírito Hiperbóreo e alma Pasu surja a cultura, assim também se ligou aquelas cepas de Espíritos cativos com as entidades de evolução dévica, para obter a emergência de um novo suporte das formas materiais: a vida. Quando dizemos que aqueles Espíritos estão ligados à vida, apenas queremos dizer isso: "a vida", o "fato de viver", e não se deve acreditar que as almas grupais vinculadas às evoluções "superiores" dos reinos vegetal e animal são expressão dos Espíritos cativos; tais almas grupais, como seu nome o indica, pertencem à evolução dévica ("elementais" ou Devas) e são em tudo semelhantes à "alma" do pasu.

Em nenhuma outra parte, fora do âmbito humano, poder-se-á comprovar o caráter dramático da vida como no reino animal: em sua estupidez insuperável, na determinação de seus instintos, no horror da lutar para sobreviver, que os leva a devorarem-se uns aos outros, na fatalidade de sua morte, etc. Sem dúvida, é no animal onde melhor está descrita A INFÂMIA DO DEMIURGO. O homem, para suportar essa visão de terror que é a vida no mundo, criou um véu cultural chamado de "poesia" que, por exemplo, ali onde anima uma vida miserável que come e defeca constantemente, faz ver: uma "bela ave cantora". A poesia mascara o horror da vida e, por isso, ela é a maior inimiga da gnose. Esta afirmação poderá doer, mas é rigorosamente certa; pois muito da loucura com que costumam

concluir os êxtases gnósticos, provém de uma insuficientemente preparação para resistir às visões horrorosas a que se reduz a obra do Demiurgo, quando a gnose abre o véu poético e dissipa a ilusão da beleza estética (que é uma pura criação cultural).

QUEM NÃO POSSUA UMA VISÃO GNÓSTICA DA VIDA NÃO PODERÁ COMPREENDER O MISTÉRIO DA MORTE. E ATENÇÃO: QUEM NÃO COMPREENDA PREVIAMENTE O MISTÉRIO DA MORTE, NÃO PODERÁ ACESSAR A IMORTALIDADE.

Este é o conhecimento sobre o qual há que se meditar, antes de apresentar o Desafio de comer a carne animal. O sentido do Desafio é o seguinte: na carne está presente o Mistério da Vida e da Morte (há que se compreender isto) e a Morte Concreta; ao comer a carne se incorpora o símbolo da morte ao microcosmo e se prepara o corpo para a imortalidade. A IMORTALIDADE IMPLICA NA RESSURREIÇÃO INTERIOR DO ANIMAL SACRIFICADO FORA. E, QUANDO O SÍMBOLO DA MORTE FOI NEUTRALIZADO PELO MANTRA DA VIDA, O CORPO DO VIRYA, DE MATÉRIA CORRUPTÍVEL, TRANSMUTA-SE EM VRAJA, A MATÉRIA INCORRUPTÍVEL.

O peixe simboliza a raça terrestre do pasu: desde suas origens em obscuras e antigas lagoas[100] até seu fim na enteléquia do Arquétipo hebreu Jesus-Cristo, toda a história do pasu está escrita no peixe. Ao comer o peixe se incorpora ao microcosmo um símbolo que é expressão do Arquétipo Manu e que tem a missão de "fixar" de dentro os limites do Arquétipo familiar. Deve-se meditar e compreender o sentido deste Desafio nos termos em que está apresentado aqui, pois o simbolismo do peixe é extremamente complexo e pode levar a desvios intelectuais. Só realçaremos que a primeira das dez manifestações de Vishnu é COMO PEIXE (MATSYA-AVATARA) e que o Manu deste Manvantara, VAISVASVATA, ostentou sempre o signo do peixe, tanto nos Vedas, onde recebeu este nome, como na Mesopotâmia, onde se chamou OANNES ou DAGON, ou durante o Império Romano, quando se reencarnou como IKHTHYS (Peixe) no hebreu Jesus, etc.

---

[100] *Na verdade, a mônada do pasu "foi peixe" na cadeia lunar e não na Terra, em um globo que logo se partiu em quatro para formar outras tantas luas, das quais a atual é a última que ainda permanece como satélite terrestre.*

O gérmen de trigo representa A PALAVRA DO DEMIURGO, a expressão concreta de seu Verbo. No gérmen, como em qualquer outro BIJA, há uma potência que tenta desdobrar-se ao impulso do Grande Alento; por isso, o gérmen deve ser considerado como o símbolo do Arquétipo psicoide NO COMEÇO DA EVOLUÇÃO. Se o gérmen é situado em AMBIENTE FÉRTIL, o Arquétipo completará seu processo, que começa na germinação e acaba na produção de novos gérmens ou "reprodução". Mas todas estas qualidades que a planta adquire, durante o processo de seu crescimento, já se encontravam em potência no gérmen original ou BIJA. Se o gérmen é guardado em uma tigela, ao contato com o ar, ou VAYU TATTVA, não germina; mas se é depositado na terra, ou PRITHIVI TATTVA, então germina e atualiza no processo evolutivo as diversas qualidades potenciais. Este símbolo tem especial importância para interpretar "o despertar de Kundalini" que, igual ao gérmen, é um BIJA ou "Palavra do Demiurgo", de particular conteúdo potencial. Mas Kundalini é, em si mesma, UM BIJA QUE EXPRESSA TODOS OS OUTROS BIJAS; UMA PALAVRA QUE CONTÉM TODAS AS PALAVRAS; UM SOM QUE É A SÍNTESE DE TODOS OS SONS, POIS REPRESENTA, NO MICROCOSMO, O AKASA TATTVA ou "primeiro Éter" do Grande Alento. Como o gérmen de trigo, Kundalini necessita de um "ambiente fértil" para INICIAR SEU DESDOBRAMENTO.

Já dissemos que Kundalini "desperta" por si mesma quando ocorrem dessincronizações entre o microcosmo e o macrocosmo e explicamos que sua "missão secreta" é restabelecer ditas alterações, harmonizando a totalidade dos ritmos do processo biológico. Podemos acrescentar agora que tal comportamento se deve a que KUNDALINI É SENSÍVEL À FLUÊNCIA CÓSMICA DO GRANDE ALENTO. Se se imagina o AKASA TATTVA como um oceano de substância psíquica e no meio dele uma bolha, ter-se-á uma ideia acertada sobre Kundalini. No homem, sobre o Muladhara Chakra, encontra-se a bolha de AKASA, em cujo interior "Kundalini dorme". Esta bolha, como o gérmen exposto ao ar, não se "desdobra", a menos que se altere seu ambiente, tornando-o fértil. Mas o bija Kundalini é uma bolha que flutua no AKASA, contraindo-se ou expandindo-se, ao ritmo da fluência do Alento; somente uma variação nesta fluência pode fazer com que Kundalini desperte e tente restituir o movimento solidário. O AKASA possui as dimensões TEMPO E ESPAÇO e, portanto, alterando ditas dimensões, é possível "despertar Kundalini": este é o princípio que se emprega na Estratégia Hiperbórea. No Universo existem quatro estados da matéria sutil, produzidos pelo Grande Alento: PRANA, procedente do Sol; MANAS, procedente do Manu; VIONANA, procedente do Demiurgo Jeová-Satanás; e

ANANDA, procedente do Demiurgo O Uno. A operação com estas matérias também permite despertar Kundalini, se se alterar sua fluência: este é o princípio que se emprega na Estratégia Sinárquica, especialmente o controle do prana solar pela respiração rítmica, que ensinam as escolas profanas de yoga.

Kundalini é a semente de uma planta com muitas flores; sua germinação tem a virtude de reproduzir o processo do Universo, pois, ao se romper a bolha, o bija original se decompõe em todas as Palavras da Criação, recriando assim, no microcosmo, a ordem do macrocosmo. Mas esta semente está oculta no homem, que desconhece também o conteúdo de sua potência, a enteléquia de seus Arquétipos. Por isso, ao conhecer o gérmen, o sadhaka incorpora este símbolo ao microcosmo, devidamente conscientizado, e apresenta o Desafio de determinar, por sua vontade, a germinação E OS FRUTOS da planta. Pode-se não compreender isto, pois, dir-se-á: "é aceitável que, escolhendo o momento de dar um 'ambiente fértil', se possa determinar a germinação, mas, como se podem determinar os frutos, se eles estão CONTIDOS POTENCIALMENTE NO GÉRMEN?" Se tal é a dúvida, pensemos que uma abóbora que cresça em uma fôrma cúbica não será esférica, mas cúbica, pois A FORMA DETERMINA O SER.

Quando Kundalini desperta por si mesma, ou por uma "chamada sinárquica", recria "a forma" do Arquétipo familiar e esses são "seus frutos". No Desafio que estamos considerando, obriga-se Kundalini a despertar (germinar) DENTRO DE UMA FÔRMA que determina sua forma: essa fôrma é a imagem do Grande Antepassado Hiperbóreo, com cuja "forma" será recriado o microcosmo.

O quinto Desafio consiste em incorporar ao microcosmo o símbolo da "mulher hiperbórea", quer dizer, a imagem de Lillith; e mediante o maithuna ou ato sexual "fora", desposar-se com ela "dentro". O sucesso deste desafio, no qual se tornam efetivos os outros quatro, significa que se conseguiu concretizar a individuação absoluta e a imortalidade. Mas, como sua apresentação requer o concurso da mulher "fora", será necessário esclarecer novamente que a yoguini NÃO PODE SER QUALQUER MULHER, e muito menos uma "mulher amada", ou por quem se experimente o mínimo afeto. O tantra Kaula, e todos os Tantras "da mão esquerda", baseiam-se na adoração da Shakti, o princípio feminino ou ativo do Demiurgo, a quem se considera como "esposa" de Shiva. Já avisamos que a identificação de Parvati com

Shakti constitui um erro; agora vamos explica a natureza do mesmo e a maneira de evitá-lo.

No começo de um ciclo, quando conclui o Pralaya ou Noite de Parabrahman, o Demiurgo jaz ainda imanifestado, afundado no Abismo cósmico; ali há unidade absoluta. Quando se produz o "despertar" de O Uno, sua Manifestação, ocorre um desdobramento evolutivo que alcança a matéria de todo o Universo, pelo impulso do Alento; este desdobramento, do qual "sai" o Akasa, é o "modelo", a "mãe" de todos os processos evolutivos do Universo. Durante a Manifestação, o Demiurgo se expressa em infinitos pares de opostos, que tornam quase impossível perceber a unidade anterior. Mas se trata apenas de ilusão, Maya; a unidade não se partiu, pois subjaz por trás do véu da dualidade, como bem sabem os gnósticos que conseguem conciliar os opostos no microcosmo e transcender para o Princípio único. Por isso é inútil discutir sobre a dualidade ou unidade do Demiurgo, sendo ambos os conceitos a expressão de distintos "momentos" de seu comportamento; quer dizer, distintas "fases" de seus ciclos de Manifestação, de suas "noites" e "dias". Mas quando se requer levar em conta o aspecto evolutivo da matéria e suas diferentes organizações, é inevitável a referência aos opostos e à sua dualidade essencial. Então, por simplicidade, e sem esquecer que se trata de "um segundo estado" na natureza do Demiurgo, fala-se de grandes princípios opostos: yin e yang; bem e mal; masculino e feminino; etc. Os sistemas religiosos derivados de tais considerações, como tudo o que é religioso, implica em uma degradação gnóstica, uma queda exotérica, especialmente se os opostos se personificaram e levam a uma devoção da parte de sacerdotes e fiéis. Por exemplo, os três pares de princípios opostos que mencionamos, levam, respectivamente, às religiões do Taoísmo, Zoroastrismo e Hinduísmo; e nas três o conhecimento aparece tingido emocionalmente pela redução mítica a que foram submetidos os princípios e pela devoção que implica todo culto. O caminho do gnóstico, pelo contrário, consiste em evitar a devoção e saltar para os princípios, estabelecendo um contato transcendente com a unidade em que se resolvem as múltiplas dualidades. Mas tal contato não se dá pela via da "fusão com O Uno", nem por nenhum tipo de identificação com o Demiurgo, mas pela compreensão da unidade interior do microcosmo na qual se reflete o macrocosmo. Esta compreensão é um conhecimento puro, uma gnose, que permite ao virya, após um infinito horror, superar a Manifestação e reconstruir a unidade do Demiurgo, para assim, em uma visão de loucura, comprovar sua insensatez e malignidade intrínseca; porém, após o terror, sobrevém a descoberta do Verdadeiro Deus, AQUELE A QUEM NÃO É POSSÍVEL CONHECER A

PARTIR DO ABISMO. Toda gnose acaba ali, na certeza do Incognoscível, a quem NÃO É POSSÍVEL TRANSCENDER PELO CONHECIMENTO E, POR ISSO, É NECESSÁRIO CRIÁ-LO COM O PODER DO ESPÍRITO. O Vril nos oferece esta possibilidade absoluta.

A dualidade é, então, mera aparência; mas uma aparência extremamente consistente enquanto não se acesse a gnose definitiva que permite transcendê-la. No estado confuso de "virya perdido", ou durante a transição ao estado de "virya desperto", parte-se de uma percepção diferenciada da realidade e de sua decomposição racional em pares de opostos. Chega-se assim ao conceito de que a Manifestação está baseada em um dualismo primordial que, no Hinduísmo, se personifica na figura masculina de um Deus e na feminina de sua "esposa" ou Shakti. Reduzidos analogicamente esta maneira, os Princípios Supremos podem se conciliar "no matrimônio" dos Deuses, fundindo-se na unidade original ou "engendrando" outras manifestações também duais. Mas, nos mitos em que os Princípios são femininos e masculinos, há que se ver a ação formadora cultural dos Espíritos hiperbóreos combinada com a mecânica racional-emocional do animal-homem ou pasu. Shiva e Parvati são apenas isso: imagens culturais produzidas pela "memória de sangue", hiperbórea, adaptadas para representar os Princípios Supremos pela racionalidade do pasu. Shiva é a recordação do Galhardo Senhor, Lúcifer. Sua esposa Parvati não pode ser outra que não seja a parceira extraterrestre de Lúcifer: Lillith.

O tantrismo, que é, como se disse, um sistema gnóstico, caiu exotericamente, depois da interpretação de seus textos secretos, feita pelos dualistas do budismo. Eles, que propõem a fusão com O Uno, identificam no microcosmo SHIVA COM O ARQUÉTIPO FAMILIAR, E PARVATI COM A SHAKTI, QUER DIZER, COM KUNDALINI. Nessa interpretação, o "despertar de Kundalini" e sua subida até o Ajna Chakra, significa "o matrimônio de Shiva e Shakti". Mas, conforme é fácil deduzir, depois de tudo o que foi exposto sobre o Arquétipo familiar e Kundalini, este "matrimônio" não é mais do que a recriação do microcosmo em harmonia com o macrocosmo e a definitiva sujeição ao Plano de Evolução, quer dizer, ao processo do Arquétipo Manu.

Não é este, precisamente, o objetivo da gnose. Para evitar o nirvana e concretizar a finalidade da individuação absoluta há, pois, que se restabelecer o antigo sentido esotérico dos símbolos tântricos. Só assim será possível compreender o ritual dos Cinco Desafios.

Para o sadhaka Mengano, a recriação do Arquétipo familiar como modelo do microcosmo, por Kundalini, constitui uma catástrofe. Pelo contrário, ele vai procurar IDENTIFICAR-SE COM O GRANDE ANTEPASSADO HIPERBÓREO, NO MOMENTO CULMINANTE DO MAITHUNA, PARA IMORTALIZAR COM SUA FORMA O MICROCOSMO. E esta restauração hiperbórea é o objetivo declarado do quinto Desafio; vejamos como se procede para sua consecução.

Dissemos que Kundalini "dorme" em uma bolha de Akasa, sobre o Muladhara Chakra. Essa bolha é, em linguagem simbólica, o ovo primordial que contém o gérmen, a semente, da Shakti potencial, indiferenciada. Kundalini Shakti é um reflexo, no microcosmo, do primeiro bija pronunciado pelo Demiurgo ao iniciar a Manifestação e sua consequente separação em pares de opostos. Por isso dissemos que ela é Verbo; Logos plasmador que recria o Plano; Bija de bijas, Palavra de palavras. Mas se bem que ela, como Logos, possui o princípio de todas as formas, qual é sua própria forma, anterior e primeira, síntese ontológica e ôntica de todo o existente, Forma de formas? É necessário responder a esta pergunta ANTES DE ROMPES O OVO DA SHAKTI: porque senão, tal como aconteceu, ao destampar a caixa de Pandora, incontáveis males podem se abater sobre o homem ignorante.

Notamos, de passagem, que a falta de resposta à pergunta anterior, ou a ignorância, é a causa do que denominamos "despertar Kundalini por seus próprios meios"; pois, ainda que este "despertar" se consiga por meio do yoga, se se descuida do conhecimento formal do bija Kundalini, inevitavelmente se perderá todo o controle sobre seu poder plasmador e se acabará sucumbindo no nirvana. O gnóstico não procura aniquilar seu eu e não renuncia à ação; pelo contrário, FORTALECE SEU EU DIRIGINDO ESTRATEGICAMENTE A VONTADE DE ATUAR. POR ISSO, NO GNÓSTICO, É O EU QUE DESPERTA KUNDALINI, DETERMINANDO SUA FORMA. Não estamos falando da essência, que é "feminina" e se manifesta ativamente como Logos; mas da FORMA, que, enquanto Shakti, Kundalini adotará, durante sua manifestação.

Se se ignora a pergunta anterior, coisa que ocorre nas escolas sinárquicas de yoga, então Kundalini, ao despertar por seus próprios meios, ADOTA A FORMA DA MÃE PRIMORDIAL, CUJO ARQUÉTIPO "LÊ" NA MEMÓRIA GENÉTICA DO PASU. A ideia do princípio feminino como "mãe" está vinculada à separação por sexos do andrógino animal, antepassado do pasu. Certamente, tal ideia NÃO TEM NADA A VER COM A SABEDORIA HIPERBÓREA; pois os Espíritos cativos NÃO TÊM MÃE; e seus sexos,

conforme se disse em outra parte, não se acham relacionados com uma função reprodutora.

DEIXAR KUNDALINI ENTREGUE À SUA PRÓPRIA FORMA É PERMITIR QUE SE IDENTIFIQUE PARVATI COM SHAKTI, A "ESPOSA" COM A "MÃE CÓSMICA"; SIGNIFICA A RECRIAÇÃO, O "RENASCIMENTO" NO MICROCOSMO, DO ARQUÉTIPO MANU, SUA ENTELÉQUIA; E, POR CONSEGUINTE: A DERROTA DO ESPÍRITO EM SUA PRETENSÃO DE TRANSITAR INVERSAMENTE PARA A ORIGEM.

Não são poucos os viryas que, em lugar da ansiada liberação do encadeamento material, acabam ainda mais afundados na matéria, devido a uma incorreta e exotérica prática do yoga. E nesse resultado tem muito a ver a pretensa DEVOÇÃO OU ADORAÇÃO que se existe para com a Shakti. Esta atitude emocional se denomina de "desguarnição estratégica"; pois o despertar de Kundalini "como mãe" surpreende o virya em um estado de total desamparo, a "adoração", e o leva a sucumbir no processo do Arquétipo Manu.

Vejamos como deve ser o procedimento esotérico para que o quinto Desafio tântrico culmine com a liberação espiritual do virya: É O EU QUE PLASMA A PRIMEIRA FORMA DO LOGOS PLASMADOR. Isto se consegue projetando sobre o ovo A FORMA DE LILLITH, que não é "mãe", mas esposa espiritual de Lúcifer e protótipo geral da mulher hiperbórea.

Há que se esclarecer expressamente, para dissipar qualquer erro, que Lillith NÃO É UM ARQUÉTIPO, mas uma "recordação de sangue" hiperbórea.

O problema, para cumprir tal operação, é o seguinte: como um virya perdido, que não conseguiu ainda perceber sua Minne, pode "projetar" a imagem de Lillith, a qual certamente "esqueceu", pela confusão sanguínea? Justamente para isso se estabelece o maithuna, o ato sexual com a "mulher fora": PARA QUE DELA EMERJA A IMAGEM DE LILLITH E SE INTROJETE "DENTRO", RECONHECIDA PELO EU, QUE, POR SUA VEZ, A PROJETARÁ SOBRE O OVO, DESPERTANDO E PLASMANDO A FORMA DA MULHER HIPERBÓREA EM KUNDALINI, RECUPERANDO ASSIM, "DENTRO", A ESPOSA DO GRANDE ANTEPASSADO.

E aqui vem a terrível exigência, a chave fundamental do Mistério de Amor, sem a qual nenhuma prática tântrica tem sentido hiperbóreo: A MULHER DE FORA, A IOGUINI, NÃO PODE SER QUALQUER MULHER. ELA DEVE SER UMA MULHER KALY!

Exigimos anteriormente “não amar com o coração a mulher de carne”; agora sabemos que, além de “não ser amada”, a mulher exterior deve ser “Kaly”. Existem, pois, dois tipos de mulheres: a “mulher Eva” ou “mulher de carne” (mulher pasu) e a “mulher Kaly”. Para estabelecer com clareza a diferença entre ambos os tipos de mulher, há que se partir do seguinte conceito: após a queda na matéria, por um Mistério de Amor, sobreveio a tragédia da encarnação e a escravidão do Espírito Hiperbóreo; no drama da vida, por sua confusão sanguínea, mas principalmente pelo Mistério de Amor em si, o virya ESQUECEU O ROSTO DE SUA COMPANHEIRA HIPERBÓREA, a quem, genericamente, chamamos de: “Lillith”. Este esquecimento só pode ser classificado como de ‘LOUCURA PRIMORDIAL”; e, se bem que algumas vias de liberação permitem ao virya transitar o caminho inverso em solidão, o tantrismo, pelo contrário, exige A RECORDAÇÃO PRÉVIA DO ROSTO DA PROMETIDA PARA PLASMAR, COM SUA FORMA, O OVO DE KUNDALINI SHAKTI. O problema consiste, então, em DAR UM ROSTO A LILLITH, suprema experiência que significa: CONTEMPLAR NOVAMENTE, APÓS MILHÕES DE ANOS DE INFÂMIA, A DIVINA FACE DA MULHER HIPERBÓREA.

Há que se entender que estamos ante um Mistério fundamental do drama humano, e que o mesmo só pode ser “esboçado” literariamente, “insinuado” através de símbolos e chaves. Porque agora exporemos qual é a diferença entre a mulher Eva e a mulher Kaly; mas tal explicação será sempre insuficiente, a menos que se consiga transpassar gnosticamente o véu dos símbolos. O problema, “dar um rosto a Lillith”, pode-se apresentar deste modo: se o virya esqueceu “dentro” o rosto de sua prometida: pode, por acaso, encontrá-lo “fora”, “projetando”, por exemplo, o rosto “esquecido”, quer dizer, inconsciente, sobre uma mulher de carne? Sim; tal possibilidade existe; mas, repetimos, A MULHER EXTERIOR, A IOGUINI, NÃO PODE SER QUALQUER MULHER. E acrescentamos: a mulher Kaly É AQUELA QUE RE-VELA, DESCOBRE O ROSTO ESQUECIDO PARA SUA CONTEMPLAÇÃO FORA. Por que Kaly? Porque Lillith “fora” é Kaly...

É necessário darmos algumas voltas ao redor deste Mistério. A princípio, devemos fazer uma distinção: a “projeção” de Lillith NÃO É SEMELHANTE À PROJEÇÃO DE UM ARQUÉTIPO, POIS ELA É UMA RECORDAÇÃO DE SANGUE. Qual é a diferença? Que todo Arquétipo do microcosmos se acha refletido em Arquétipos do macrocosmo, e por isso: A PROJEÇÃO DE UM ARQUÉTIPO INCONSCIENTE, DE “DENTRO”, NÃO SOFRE DEFORMAÇÃO “FORA”. Mas a recordação de sangue hiperbórea não tem equivalências simbólicas no macrocosmo; e então sua projeção NÃO

É FORMADA, MAS COM-FORMADA, COM-POSTA, a partir dos "quanta arquetípicos de energia" (U.E.V.A.C.) que intervém na matéria refletora. Há, pois, uma importante deformação, quando a recordação de sangue é vista "fora", no mundo de Maya, a "ilusão". No caso do Belo Rosto de Lillith, devemos assumir que a deformação é atroz; uma vez que o mesmo, "fora", se transformou na feroz imagem de Kaly, "A Negra". Mas, ao virya perdido não resta outra alternativa, se cometeu a loucura de esquecer O Belo Rosto, do que descobri-lo, reencontrá-lo no mundo, transformado EM TERRÍVEL DEIDADE ... E AMÁ-LO ASSIM.

Kaly é uma imagem de loucura, porque uma loucura foi esquecer Lillith. O sadhaka ocidental, ao buscar Kaly no mundo, se enfrenta com a loucura de contemplar seu negro rosto e de assistir sua dança frenética; por isso a Sabedoria Hiperbórea aconselha não apresentar o quinto Desafio, a menos que se esteja disposto a AMAR KALY. Mas aqui, por "amor" se entende outra coisa diferente do amor cortesão que já definimos anteriormente. Amar Kaly significa TRANSMUTAR O ÓDIO DA MULHER KALY EM UM FOGO FRIO QUE GELARÁ PARA SEMPRE O CORAÇÃO DO SADHAKA. Mas, como se pode compreender esta afirmação, sem conhecer a mulher Kaly? Estamos nos referindo a um grande Mistério mediante símbolos, palavras insinuantes que, talvez, provoquem uma intuição; mas a Verdade só pode ser conhecida através da luta e do confronto.

No Ocidente, a mulher Kaly não será fácil de achar, se se a busca com a mente carregada de dogmas e preconceitos, com o coração sensível à moral "cristã", sentindo ódio ou amor para com a família, quer dizer, experimentando relações afetivas. O tantrika é o mais duro dos viryas: "duro entre duros", e ninguém pode transitar seu caminho se está abrandado pela cultural ocidental ou é sensível às ilusões da vida, ou seja: se ainda pode ser capturado pelos fatos culturais e incorporado ao processo dramático dos Arquétipos psicoides. Por que tantas advertências? Porque a mulher Kaly só pode ser distinguida POR SUA ATITUDE PARA COM O SEXO e o sexo constitui um "tabu" da "cultura ocidental", quer dizer: uma premissa cultural preeminente, que, comumente condiciona o julgamento das pessoas.

Se supomos estarem superadas as barreiras culturais que impediriam não apenas distinguir a mulher Kaly, como também aceitá-la como iniciadora, podemos considerar seu perfil psicológico, única forma de que dispomos para reconhecê-la. Em efeito: dentro da confusão que reina nas sociedades ocidentais, dever-se-á localizar a mulher Kaly partindo de sua conduta sexual,

requisito que será difícil de cumprir, a menos que se disponha de elementos psicológicos reveladores. Vamos dar alguns de tais elementos e tentaremos descrever o perfil psicológico da mulher Kaly, aludindo aos seus traços mais marcantes, mas, sem dúvida, estes chocarão a "moral cristã".

Antes de mais nada, digamos que, se a mulher Kaly é imprescindível para o maithuna do quinto Desafio, NÃO É NECESSÁRIO QUE ELA SAIBA QUE O É. Na realidade, é conveniente que a mulher não conheça nada de tantrismo, nem do que se espera dela, para evitar sua simulação dos estados espirituais ou qualquer predisposição para o maithuna, fora da estritamente sexual. Se se conta com uma mulher Kaly, não é importante O QUE ELA PENSA: SUA SIMPLES PRESENÇA ASSEGURA O SUCESSO DO QUINTO DESAFIO. Por outro lado, há que se declara de início que, APÓS O MAITHUNA RITUAL, SE ESTE CUMPRIU O OBJETIVO DE DESPERTAR O SADHAKA, É CONVENIENTE NÃO VOLTAR A VER A MULHER KALY.

Todas estas condições nos dizem que o sadhaka ocidental deve se preparar SOZINHO para apresentar os Cinco Desafios e que o quinto, o maithuna, tem de ser praticado com uma mulher Kaly escolhida previamente, a qual será "desconhecida", quer dizer, de nenhum ou quase nenhum trato. Desta maneira, salva-se o caráter reservado que, enquanto "sacerdotisa", a yoguini tem que exibir; no Ocidente não existem sacerdotisas iniciadas no Tantra; e, portanto, é necessário tomar a mulher Kaly em um sentido hierático que restitui o caráter sacerdotal de sua função iniciadora. Vejamos agora quais são os traços mais marcantes da mulher Kaly.

No Oriente, afirma-se que "a mulher Kaly é prostituta", mas, naturalmente, a palavra "prostituta" alude ali a outro sentido diferente do de "comércio sexual por dinheiro" que se lhe outorga no Ocidente. Há ali um conceito, desconhecido no Ocidente, de "prostituta sagrada", para definir certo tipo de sacerdotisas que, em determinadas datas, oficiam a iniciação (DIKSHA) tântrica dos sadhakas, praticando o maithuna. Mas tais sacerdotisas, ainda que copulem com diferentes homens em cada iniciação, não o fazem por dinheiro, prazer, ou qualquer outro motivo de interesse material; mas pelo objetivo religioso de "representar a esposa de Shiva" durante o casamento mágico celebrado nos chakras do sadhaka. O que se desconhece no Ocidente é que a "prostituição sagrada" não é simplesmente uma prática que se pode ensinar e aprender por qualquer mulher, mas que os Gurus selecionam especialmente as mulheres que vão tomar o sacerdócio, para detectar com exatidão a mulher Kaly. É tão desconhecido este assunto, que para muitas pessoas custa aceitarem o fato de que um Iniciado Kaula pode saber se uma mulher tem condições para ser "prostituta sagrada"

apenas observando os olhos, mesmo que se trate de uma menina. A incompreensão que produz esse tema demonstra a diferença tremenda que existe entre a mentalidade ocidental e a oriental ... com desvantagens esotéricas para a primeira.

Isso de "observar seus olhos" não se trata de um eufemismo, mas de uma verdade literalmente transcrita; pois NOS OLHOS DA MULHER KALY ESTÁ GRAVADO UM SIGNO DE MORTE. Quem não saiba "ler" este signo, especialmente o sadhaka ocidental, deverá distinguir a mulher Kaly, conforme já dissemos, por sua conduta sexual. Como? Porque há algo especial em sua conduta sexual que a mulher Eva não possui e que se explica perfeitamente com o conceito oriental de "prostituta sagrada". Em efeito: a mulher Kaly é "prostituta", mas esta palavra não alude ao "comércio carnal", mas a UMA ATITUDE PARTICULAR PARA COM O SÊMEN DO HOMEM que apenas elas possuem e que, no Ocidente, é muito característico das verdadeiras prostitutas, as que "fazem amor por dinheiro", segundo reza o lugar-comum, mas que, de nenhum modo, é exclusivo das "mulheres públicas", mas que se dá também, com muita frequência, entre as "mulheres honestas", quer dizer, aquelas que copulam tanto ou mais que as rameiras, mas "não o fazem por dinheiro".

Seja como for, o importante é que a mulher Kaly mostra "uma atitude particular para com o sêmen do homem" que a caracteriza, que é inata, quer dizer, "não se adquire por aprendizagem"; e que se pode antecipar se se sabe ler o "signo de morte" que está gravado em seus olhos. Expressaremos sinteticamente qual é tal atitude, mas ter-se-á que refletir muito sobre isso, pois há aqui, encoberta, uma das chaves do Mistério de Amor: A MULHER KALY É AQUELA QUE TENTA ARRANCAR, POR QUALQUER MEIO, O SÊMEN DO HOMEM. Por causa dessa característica é que os sadhakas orientais devem submeter-se a uma rigorosa preparação física e mental para controlar a ejaculação seminal durante o maithuna: não se trata apenas de retenção seminal e de inverter o sentido do orgasmo, mas de superar toda a poderosa força de vontade que a mulher Kaly aplica para apoderar-se do sêmen e exteriorizá-lo no mundo.

Para completar o conceito, há que se ver, na atitude da "mulher Kaly" uma dissociação do prazer e da função sexual. O prazer não costuma ser, para ela, a culminação do ato sexual, uma espécie de recompensa para uma ginástica bem-feita, mas que, pelo contrário, existe uma eterna insatisfação na mulher Kaly, que constitui um dos motivos de sua prostituição. Não é que

a mulher Kaly não experimente o prazer do orgasmo: sua insatisfação não tem origem fisiológica, mas sim psicológica, e até nos atreveríamos a dizer, "espiritual", se soubéssemos que não seríamos mal-entendidos e que "se sabe" de que tipo de mulher estamos falando.

De tudo o que temos falado sobre a mulher Kaly, será na dissociação do prazer onde se deverá buscar a diferença fundamental com a mulher Eva. Esta apresenta, como principal objetivo do sexo, a busca do prazer, e jamais lhe ocorrerá, como quer que não seja circunstancialmente, ou por alguma perversão, "provocar" nada no homem e, muito menos, abrigar A TODO MOMENTO a intenção de arrancar seu sêmen. Por conseguinte, a mulher Eva costuma "entregar-se" ao ato sexual de uma maneira totalmente passiva, esperando "receber" o prazer. A mulher Kaly, pelo contrário, é totalmente ativa e transcorre com lucidez no maithuna, tentando provocar o orgasmo masculino.

Estas atitudes, "passiva" e "ativa" de Eva e Kaly se relacionam com certos mitos antigos que os hebreus expurgaram dos relatos do Gênese; relatos de origem Atlante, que Moisés recolheu no Egito. Antes da censura, o Gênese narrava a história de Adão no Paraíso, fazendo menção de DUAS mulheres que foram suas esposas: a primeira, Lillith, cujo mágico nome desapareceu completamente da Bíblia, mas que ainda se conserva em numerosos Midrash hebreus; e a segunda, Eva, a quem o Gênese atribui uma participação fundamental na queda de Adão, chamada sugestivamente de "mãe de todos os mortais". O que aconteceu com Lillith, a primeira esposa de Adão? Robert Graves, após investigar junto ao rabino Raphael Patai centenas de Midrash e documentos da Tradição judaica, recompilou os mais importantes mitos em seu livro "Os Mitos Hebreus"; ali, lemos o seguinte, como resposta: "Adão e Lillith nunca encontraram a paz juntos; pois quando ele queria deitar-se com ela, Lillith considerava ofensiva a postura deitada que ele exigia. 'Por que hei de deitar-me debaixo de ti? – preguntava – Eu também fui feita com pó, e por conseguinte sou tua igual'. Como Adão tratou de obrigá-la a obedecer pela força, Lillith, nervosa, pronunciou o nome mágico de Deus, elevou-se no ar e o abandonou."

Logo, em outro mito, se explica que Deus criou uma segunda esposa para Adão, Eva, empregando uma costela ou "a cauda", tal como ficou escrito finalmente no Gênese. Do que não há dúvida é que o mito anterior, que um dia foi considerado uma verdade tão certa como os restantes relatos da Bíblia, tem milhares de anos de antiguidade; e que deve registrar, como todo mito, uma origem transcendente, uma alusão a alguma verdade primordial. Neste sentido, não se deve estranhar que Lillith, após sua fuga do Paraíso,

passasse a se tornar uma figura demoníaca, um "demônio de luxúria", segundo as Tradições do Oriente Médio, especialmente árabes, judaicas, assírio-babilônicas e sumérias; pois, já o dissemos, "Lillith no mundo é Kaly".

Não é nossa intenção desentranhar o mito antes apontado; apenas queremos destacar que, há milhares de anos, muito antes de que existisse o tantrismo, JÁ SE SABIA QUE A MULHER KALY DESEMPENHA UM PAPEL ATIVO DURANTE O ATO SEXUAL E QUE EXIGE, PARA ISSO, UMA POSTURA DETERMINADA. E, por isso, o sadhaka ocidental não tem necessidade de estudar o Kamasutra para estabelecer sua posição durante o maithuna: a mulher "por baixo", em atitude passiva, corresponde ao tipo "Eva"; e a mulher "por cima", de joelhos, em atitude ativa, expressa claramente o tio "Kaly".

O sadhaka ocidental que decida apresentar o quinto Desafio tem que estar preparado mentalmente para receber Kaly. Nem por um instante pode pensar em obter prazer do maithuna e, pelo contrário, tratará de envolver-se em um clima de sagrada expectativa. A mulher Kaly, já avisamos, pode não ser agradável, especialmente se foi localizada no mundo da prostituição; mas é inevitável que assim aconteça, devido ao Mistério de A-mor. A mulher Kaly, que é capaz de revelar Kaly, representa também o Kaly Yuga; e, por isso, sua feiura será tanto mais terrível quanto mais perto se encontre uma sociedade do "fim do Kaly Yuga", quer dizer: quando mais profundamente nos internemos no espírito do Ocidente. Esta é a mensagem hiperbórea que contém a denominação "Idade Kaly", de que falávamos em outro inciso.

A mulher Kaly demonstra uma atitude especial para com o sêmen do homem que, conforme dissemos, é característica da prostituta. Podemos extrair certas conclusões desta afirmação, que nos permitirão aproximar-nos simbolicamente da negra Kaly. Em primeiro lugar, a mulher Kaly, como prostituta, não copula para procriar; e desse modo corresponde à figura de Kaly, que, por ser reflexo exterior de Lillith, representa o Espírito Feminino Hiperbóreo, o qual não possui o sexo associado com uma função reprodutora. POR ISSO, EXISTE UM SIGNO DE MORTE NOS OLHOS DA MULHER KALY: PORQUE SEU VENTRE INFECUNDO CONSTITUI A SEPULTURA DA SEMENTE HUMANA. ELA PRETENDE ARRANCAR A SEMENTE E DEPOSITÁ-LA EM SEU VENTRE; MAS NÃO DESEJA QUE A MESMA FRUTIFIQUE: ESSA É A ATITUDE LUCIFÉRICA DAS MULHERES KALY (ou Lillith). Ela não deseja filhos; se os tem, são "não desejados" e certamente veem marcados pela fatalidade. Tampouco deseja o prazer, como a mulher

Eva; e se chega ao maithuna, talvez o faça por outros motivos, tais como o dinheiro, a curiosidade ou a intriga. TAMPOUCO DESEJA SER AMADA, ainda que costume aceitar os cortejos de seus admiradores, os quais, geralmente, ignoram a periculosidade da mulher Kaly: ELA DESTRUIRÁ, SEM PIEDADE, O IMBECIL QUE SE ATREVA A AMÁ-LA COM O CORAÇÃO.

Pelo contrário, a mulher Eva se "entrega" ao amor e ao sexo com a mesma inconsciência, jogando um papel passivo e secundário. Em seu ventre fértil a semente frutifica e produz filhos da carne. Mas o mais importante é que a mulher Eva é "mãe", representa a Mãe Cósmica, o Arquétipo Feminino da Shakti, emanado pela Mente do Demiurgo, e por isso expressa o mesmo caráter FIXADOR da Kundalini Shakti. Quando o homem comum associa sua vida à de uma mulher Eva, praticamente cessa a evolução de seu Arquétipo familiar; pois fica FIXADO em um ponto de desenvolvimento alcançado até o momento em que se celebram as "bodas da carne". A partir dali se produz um processo de aperfeiçoamento das estruturas culturais, que pode dar a sensação de que existe um verdadeiro progresso, mas trata-se apenas da percepção dos desdobramentos que a "persona" realiza A PARTIR DO NÍVEL FIXADO. A mulher Eva, por ser mãe, fixa seu "esposo" em um determinado nível evolutivo do Arquétipo familiar; mas isso não preocupa ninguém, pois as pessoas, por temor, não desejam progredir demasiadamente no desenvolvimento do Arquétipo, preferindo, em troca, manterem-se dentro dos limites formais a que o cinge o "olhar" de sua mulher de carne.

A mulher Kaly manifesta uma particular predileção em destruir a obra da mulher Eva, a quem despreza, empregando, para isso, o poder de seu Signo de Morte. Ela dispõe dos meios para "encantar" o bom esposo e afastá-lo do círculo fixador de seu matrimônio da carne, dando a este a possibilidade de renascer, quer dizer, de começar a viver outra história, já liberado da influência fixadora da mulher de carne. Mas, nem bem conseguiu seu objetivo, a mulher Kaly "quebra o feitiço" e abandona, como fez Lillith com Adão, o virya perdido que, se é forte, poderá sobrepor-se e aproveitará a oportunidade de voltar a viver; ou, se é pusilânime, se arrastará novamente, buscando a proteção materna e fixadora da mulher Eva. Há que se entender aqui que apenas aqueles viryas perdidos que possuem alguma possibilidade de "orientarem-se" são seduzidos por mulheres Kaly, o que constitui, de certo modo, um privilégio; ainda que toda uma vida burguesa e prazerosa possa ficar destruída. Em síntese: logo que a mulher Kaly tenha liberado o virya da teia de aranha da mulher Eva, este ficará entregue às suas próprias forças; e

então, o que seja "como águia" voará e depredará; e o que seja "como verme" se arrastará e será devorado.

O Mistério da mulher Kaly é profundo, e em muitos aspectos insondável; opaco a indagações meramente intelectuais. Para saber d'Ela o melhor é enfrentar o Mistério vivente de sua pessoa e buscar ali, nas escuridões do Abismo, a revelação da verdade; cada um, assim, recolherá aquela parte do Mistério que lhe corresponda, segundo a pureza de seu sangue; e se esse contato pessoal com a mulher Kaly, dentre a imundície de sua prostituição, se vê surgir a horrível figura da antiga Deusa, então sim, praticamente, ficará demonstrado que a indagação não eram em vão, que não se tratava de um capricho cultural, mas de um grito que brotava do rio do sangue puro. Depois da visão de loucura, o virya nunca mais voltará a ser o mesmo; efeito que não poderá conseguir nenhum comentário literário ou explicação intelectual. Por isso é fútil, e até certo ponto sacrílego, comentar como o vimos fazendo, alguns aspectos, por mais exotéricos que eles sejam, do Mistério de Amor. Estamos persuadidos, de antemão, de que a verdade esotérica permanecerá sempre oculta por trás dos símbolos, de tal modo que nossa intenção é simplesmente de aproximar ao Mistério, para que este, qual massa gravitacional, atraia com força irresistível a consciência do virya. Não foi outro o critério com que tratamos o Ritual dos Cinco Desafios, tentando induzir intuições que revelam o terrível Mistério de Amor, cuja essência esotérica está além, muito além das palavras e dos símbolos. Agora temos que completar a descrição do quinto Desafio, onde se resumirão e terão sentido os comentários e explicações prévias, e não parece ocioso adicionar uma última advertência: HÁ QUE SE TER EM MENTE QUE NINGUÉM PODE EXPOR EFETIVAMENTE OS ESTADOS PSICOLÓGICOS DE UMA EXPERIÊNCIA INICIÁTICA. O QUE MAIS SE PODE PRETENDER, NESSE SENTIDO, É MOSTRAR OS PASSOS CONCRETOS E ALUDIR AOS SÍMBOLOS FUNDAMENTAIS.

O que faremos, então, será MOSTRAR UMA FÓRMULA para a iniciação tântrica ocidental. Mas esta FÓRMULA, que o virya Mengano seguirá passo a passo, só será desentranhada por quem tenha transitado o caminho prévio, desde a Prova de Família até o Quinto Desafio, e possua um coração duro e frio como o Monte Kailás. Pelo contrário, desalentamos de efetuar estas práticas todo aquele que não reúna as condições exigidas.

No Destino do Guerreiro existem certos momentos particulares, durante os quais, os antigos símbolos arquetípicos tomam vida e se inserem

dramaticamente em sua trama: o aprendizado, as provas, o batismo de sangue e fogo, o combate, a batalha, a derrota, o prêmio e o castigo, a morte, etc., são todos marcos repetidos mil vezes em circunstâncias semelhantes, por outros tantos guerreiros. E em cada um de tais momentos, o guerreiro experimenta um estado de ânimo característico, especialmente relacionado com os símbolos concretos de que se compõe a estrutura dos fatos. Mengano, que é um guerreiro experiente, já conheceu as alegrias do triunfo, a paciência do sitiador e o desespero do sitiado, o fervor da batalha, a dor de perder um camarada, a surpresa da traição e os mil sentimentos do amor. No guerreiro, todos os estados de ânimo descansam NO VALOR, sem chegar jamais a transpassá-lo. Mas o valor requerido para apresentar o quinto Desafio é maior do que o necessário para enfrentar qualquer outra instância do Destino do Guerreiro, mesmo a luta corpo a corpo contra um feroz inimigo que tenta tirar-lhe a vida. Não deve, pois, enganar a ninguém, se declaramos que o estado de ânimo de Mengano é de uma serena expectativa, de uma disposição quase religiosa, frente à iminência do Mistério: sob a serenidade das águas da alma subjaz o fundo de aço de um valor inabalável; imprescindível, por outro lado, quando se decidiu resolver o Mistério de Amor pela via do tantrismo.

Quem não conhece a ESPERA DO A-MOR[101] não poderá compreender qual é o estado de ânimo que deve ter o sadhaka ao apresentar o quinto Desafio. No Oriente, para saltar tal dificuldade, exige-se ADORAR A DEUSA, DESCOBRINDO-A NA SHAKTI, quer dizer, na yoguini. Mas esta ADMIRATIONIS SACRA é menos conhecida ainda no Ocidente. Por isso, talvez convenha esclarecer que durante a "espera do Amor" se experimenta um afeto pudico e casto, "como o amor à irmã ou à namorada", que não pode tingir-se nem por um instante com o fogo de uma paixão, cuja origem seja o desejo de possuir fisicamente a mulher; a esta última paixão chamamos de "animal", própria da natureza do pasu. Para compreender por que é NECESSÁRIA tal disposição de ânimo, consideremos a seguinte alegoria: o sadhaka está no caso daquele que perdeu um precioso adorno, recordação de seus antepassados, do qual ignorou, durante muito tempo, seu paradeiro; de repente, um dia descobre que o mesmo tinha permanecido, desde então, afundada no lodo de um fétido pântano; resgatá-lo não parece tarefa difícil,

[101] *Um conceito poético do A-mor poderá se encontrar no livro de MIGUEL SERRANO, "Nos, el Libro de la Resurrección", Ed. Kier, Buenos Aires.*

porém, é NECESSÁRIO preparar-se animicamente para superar a náusea que sobrevirá, ao entrar em contato com o miasma; se age prevenido, será possível vencer a apreensão: para isso se requer muito valor e decisão; suponhamos agora que se conseguiu resgatar a joia: entre as mãos lodosas ela não brilha: é preciso LAVAR COM ÁGUA LIMPA, purificar, batizar, tirar o barro, apagar as manchas, antes de GOZAR DE NOVO DE SUA BELEZA; ENTÃO, SÓ ENTÃO, SERÁ RECONHECIDA COMO O ADORNO PERDIDO E SOBREVIRÁ A ALEGRIA DO REENCONTRO. De maneira análoga, o sadhaka há que se predispor para buscar Kaly, a joia enlodada, no pântano da mulher Kaly ... e terá que contar com muito valor e decisão, e com um afeto pudico e casto, para superar sua náusea.

É no quinto Desafio, mais do que em nenhuma outra via iniciática, onde o Mistério da Morte é mais patente. Enfrentar Kaly significa a Morte ou a loucura, que é outro tipo de morte. Mas desta Morte é possível ressuscitar, renascer imediatamente; porque a resolução de seu Mistério, a gnose, situa o sadhaka Além de seu alcance, tornando-o imortal. Daí a NECESSIDADE DO VALOR E DO PUDOR: o valor é necessário para vencer ao pudor da Morte, que é terror. Como bem disse o Judas de Lanza del Basto, ao contemplar a carniça, *"A atenção de ti, Morte, nos devoraria a todos agora mesmo, se a natureza não tivesse erigido em torno de toda voluptuosidade o muro do pudor. O pudor de ti, Morte, é terror, e raros são os que o forçam; teu prazer é abismo."*[102]

Valor para vencer o pudor da Morte, que é Terror; e casta expectativa para vencer as paixões animais, são os dois aspectos essenciais da "espera do A-mor". Mas, após a "espera", sobrevém o Amor, que, na alegoria se simboliza com "a alegria do reencontro", ao contemplar o adorno perdido limpo de toda imundície, quer dizer, Lillith sob o véu terrível de Kaly. Este A-mor é diferente do amor e até diríamos contrário a ele: quando se possui o A-mor já não é possível sentir amor por nada nem por ninguém. E amor é sempre "por algo", requer um objeto de referência e, como toda relação, depende diretamente da estrutura cultural que é quem determina, nas distintas épocas e lugares, sua "forma" característica: o amor acha-se

---

[102] *JUDAS – Lanza del Basto – Pág. 98 – Ed. Goyanarte, Buenos Aires.*

determinado formalmente pela moral, quer dizer, pelos costumes[103]. O A-mor, pelo contrário, não registra objeto algum de referência, pois é "sujeito de si mesmo" e só é possível experimentá-lo quando se "reencontrou" Kaly e celebraram as bodas mágicas, alcançando-se a individuação absoluta. O A-mor é também, como o Gral, um reflexo da origem: mas um reflexo PROJETADO SOBRE O EU; o A-MOR É, ENTÃO, A INTUIÇÃO DO VRIL.

Nada externo liga quem alcançou a felicidade eterna do A-mor; e por isso, por carecer de amor para com os objetos externos, os gnósticos são temidos e infalivelmente perseguidos pela Sinarquia. É que o A-mor, conforme dissemos, é CONTRÁRIO ao amor, mas não OPOSTO a ele; porém, esta diferença não se costuma perceber e se considera, sem mais, o A-mor como OPOSTO ao amor. Mas o oposto ao amor é concretamente o ódio: daí a identificação entre o A-mor e o ódio, que não constitui mais que um disparate mal-intencionado. Os SS da Ordem Negra, por exemplo, que recebiam a iniciação de A-mor e manifestavam "uma total falta de amor pelas coisas do mundo", foram qualificados de "filósofos do ódio" pelos panegiristas da Sinarquia. Naturalmente que nós opinamos que se ser valoroso e duro, mas ao mesmo tempo belo como um Deus, e desprezar a miserável obra do Demiurgo, é sustentar uma filosofia do ódio, NOS DECLARAMOS PARTIDÁRIOS DE TAL FILOSOFIA! De qualquer modo, não podemos A-mar o que o pasu ama e, certamente, A-mamos o que ele odeia.

O sadhaka Mengano, antigo guerreiro, já bebeu o vinho do sangue puro, comeu a carne, o peixe e o cereal, e meditou profundamente sobre o sentido esotérico desses Desafios. E, como produto de tais meditações, se predispôs animicamente para "esperar o A-mor". Vejamos em seguida a FÓRMULA tântrica que Mengano emprega ao apresentar o quinto Desafio.

Com uma mulher Kaly, que é também uma verdadeira prostituta, pactuou, por uma soma de dinheiro, sua participação no maithuna e a conduziu, para isso, a um ambiente adequado; quer dizer, um lugar onde é possível tomar um banho e ficar desnudos o tempo que for necessário[104]. Não

---

[103] *"Moral" vem do latim MORES = costumes.*

[104] *Nesta "fórmula" se levou "ad extremum" o tipo da mulher Kaly, ao situá-la no mundo da prostituição. Há que se afirmar que Ela poderia ser encontrada em qualquer outro lugar e que, tal como acontece com o "virya perdido" que ignora seus ancestrais hiperbóreos, muitas mulheres também o ignoram. Estas "viryas perdidas" desconhecem que NO LADO ESCURO*

existe nenhum afeto entre Mengano e a mulher Kaly, mas este não cessou de presenteá-la e elogiá-la desde o primeiro momento que fecharam o trato, festejando sua "beleza" e cumulando-a de presentes "símbolos": flores, perfumes, pulseiras, cosméticos, etc.; e também prometendo futuros encontros, nos quais sua generosidade será ainda maior. Mengano procura, com tão insólita conduta, criar a sensação de ser "inexperiente" ou "bobo", para provocar na mulher Kaly a cobiça, a vaidade e o desprezo, e evitar definitivamente a possibilidade de que surja nela algum afeto positivo.

Enquanto a mulher Kaly aguarda nua sobre o leito, regalando-se com a ideia de depenar o incauto sadhaka, este toma um banho, durante o qual intensifica o estado de ânimo de "espera do A-mor", que já definimos. Antes de abandonar o banho, Mengano repassa os "pedaços" do Arquétipo familiar, Zutano, Montano, Bellano, etc., assegurando-se de que esteja completo em seu interior; quando percebe a inequívoca sensação de que o fluxo de seu rio se multiplicou, então ingressa no recinto da mulher Kaly.

Os olhos do gnóstico atravessam as ilusões do mundo para ver outras realidades que subjazem além dos véus culturais, quer dizer, além da Estratégia do Grande Enganador. Mas esse olhar traz à consciência imagens dramáticas que revelam a Presença do Demiurgo em cada átomo de matéria: já não será possível para o gnóstico contemplar a natureza como "paisagem", pois o processo dos Arquétipos psicoides que a sustentam se desenvolve ante sua acurada vista. Por isso, ao observar a mulher Kaly nua sobre o leito, o sadhaka não pode deixar de pensar no pântano que oculta sob imundo lodo a joia extraviada no passado. Ó, escuridões do corpo e da alma! Em que profundezas encontraremos a luz da Verdade esquecida? Nesse corpo prostituído, por trás dessa vontade degradada, sob essa beleza carnal que se esfuma, mostrando a corrupção em que se apoia, ali – vede todos – se oculta a Deusa da Morte. Até ela chegamos, para amá-la e superar a miséria da Vida. Ó, Lúcifer, dai-nos a força de teu Raio Verde para resistir à visão do Negro Rosto! Só assim poderemos devolver ao mundo as maçãs da Traição Primordial! E só assim, ó Lúcifer, poderemos reencontrar Lillith e desposá-la,

---

DE SUA ALMA HABITA A DEUSA DA MORTE, E QUE SEU TERRÍVEL PODER AS HABILITA PARA SACRALIZAR O A-MOR DO GUERREIRO.

para reempreender logo, já transmutados, o caminho inverso que nos levará até teu exército de heróis imortais!

A contemplação da mulher Kaly, para aquele que se dispôs a "esperar o A-mor", produz uma ADMIRATIONIS SACRA, uma experiência de transcendência suprema, mas não é possível se estender mais do que alguns instantes nela.

O sadhaka Mengano se situa junto à mulher Kaly e se entretém alguns minutos em um jogo erótico que consiste em tocar, repetindo interiormente certos mantras, suas zonas erógenas. O objetivo deste exercício não é excitar a mulher Kaly, possibilidade remota de conseguir em uma profissional do sexo, mas ganhar sua confiança para a solicitação do BEIJO NEGRO. Antes de explicar de que se trata, convém avisar novamente que a mulher Kaly TENTARÁ ARRANCAR O SÊMEN DO SADHAKA POR QUALQUER MEIO, o que constitui um perigo, durante os jogos eróticos prévios, o que pode fazer fracassar o sadhana[105]. Por isso, se exige uma grande concentração, não apenas na retenção seminal, mas no estado anímico "pudico e casto", que evitará ser dominado por paixões animais.

O sadhaka Mengano se voltou de costas, para que a mulher Kaly lhe administre o BEIJO NEGRO, a umas duas polegadas acima do ânus; e enquanto ela o faz, ele, contendo a respiração e dirigindo a consciência para o ovo onde dorme Kundalini Shakti, pronuncia o mantra "LILLITH". ESTE É O PRIMEIRA CHAMADA A LILLITH. Após o BEIJO NEGRO, deve começar o maithuna. Para isso, o sadhaka se deita, com o Lingam[106] para cima e solicita à mulher Kaly que se coloque na "posição de Lillith", quer dizer, de joelhos, sentada sobre seu corpo, E QUE SE MANTENHA ASSIM. Nesta primeira parte do Maithuna, o lingam deve permanecer introduzido no yoni[107] SEM QUE OS CORPOS SE MOVAM, durante um tempo bastante longo. As mãos do sadhaka, ao menos em algum momento, tocam os seios da mulher Kaly; mas logo as coloca, com o mudra do punho, sobre seu umbigo.

É neste momento que a sorte do sadhana está em jogo e o sucesso da iniciação tântrica depende apenas da pureza sanguínea do sadhaka.

---

[105] *SADHANA = "prática" tântrica.*

[106] *LINGAM = pênis.*

[107] *YONI = vagina.*

Entrecerrando as pálpebras, mas não o bastante para não ver através deles, e tratando de que a mulher Kaly não consiga perceber se é observada, Mengano efetua então um dos passos mais delicados de sua "fórmula": FAZ-SE DE RIO. Identifica sua consciência com a corrente líquida e logo se sente correr, deslizando-se por um canal, transformado em um rumoroso riacho. Há que se assinalar que esta experiência falha se SÓ SE VÊ O RIO E NÃO SE EXPERIMENTA SER RIO. Pelo contrário, É NECESSÁRIO QUE A CONSCIÊNCIA SEJA LÍQUIDA E SE DERRAME INVERSAMENTE POR UM LEITO QUE TEM CADA VEZ MAIOR DECLIVE.

Primeiro, Mengano foi um riacho de água cristalina que corria alegremente por um canal de margens baixas; seu "eu" estava em todas as partes, mas principalmente na superfície, contemplando placidamente como ficavam atrás os campos cobertos de gramíneas que se alternavam, a cada tanto, com negros bosques de árvores centenárias. E, de repente, ao rodear a ladeira de um monte policromado, entre redemoinhos de protesto e salpicos de alegria, a confluência de outro leito veio somar mais fluxo à corrente de Mengano. Em pouco tempo, após várias confluências semelhantes, Mengano sentiu-se um rio caudaloso que avançava com arrogância por um vale de colinas baixas, recortadas nitidamente contra um céu celeste, sem nuances. Os chorões, inclinados preguiçosamente, se compraziam em acariciar com seus ramos as águas já não tão limpas, mas cada vez mais violentas e rugidoras. Sucederam-se incontáveis dias e noites, enquanto o rio Mengano, já muito tormentoso, continuava subindo os antigos leitos, virando fragorosas cascatas, batendo com tenacidade nas rochas das margens, arrancando, às vezes, as árvores fracas e sentindo que o sol aquecia seu fluxo para levar a água, que logo a refrescante chuva devolvia. À medida que se somavam os fluxos afluentes, as águas do Mengano se tornavam cada vez mais vivas; já não se tratava apenas de peixes, répteis e crustáceos, camalotes, samambaias e vitórias régias: todo um universo de criaturas viventes habitava e se nutria do rio de consciência! A maioria de tais seres eram desconhecidos ATÉ ENTÃO, para o espantado olhar de Mengano que, pela primeira vez, compreendia o que é um OBJETO-SÍMBOLO-VIVENTE. Há certos órgãos no corpo humano que a cultura nos assevera que são comuns a todos os homens, e dos quais suspeitamos sua existência em nosso corpo, mas aos quais não poderemos ver nunca, a menos que pratiquemos nossa própria dissecação; da mesma forma, como se de repente pudéssemos tomar consciência desses órgãos, dos quais possuíamos apenas obscuras

intuições, assim foi a descoberta que fez Mengano daqueles símbolos viventes, que eram tão seus como os órgãos de seu corpo e que tinham permanecido até então indiferenciados, como esses. E, por isso, enquanto fluía caudaloso por um país de altas montanhas nevadas e temíveis vendavais, era consciente da esmagadora multiplicidade de si mesmo e chorava umas lágrimas salobras, que se fundiam nas profundezas de sua consciência líquida.

Os rios afluentes se apresentavam cada vez mais espaçados, até que desapareceram completamente. Neste então, Mengano tinha se transformado em um rio muito largo e tormentoso, que ainda corria rugidor entre montanhas cumuladas de neve e glaciares preguiçosos, que descarregavam na água seus blocos gelados. Logo as cadeias montanhosas, que se abriam a ambos os lados do rio Mengano, foram se distanciando entre si, deixando livre o espaço de um grande vale. A largura do rio também cresceu, ainda que tenha diminuído a profundidade, e suas águas se difundiram bruscamente em um enorme estuário, cuja boca parecia conectar-se com um mar de tamanho incomensurável. Mas não era um mar, senão outro rio, de fluxo imenso, ao qual Mengano reconheceu imediatamente como o "Rio Villano", a corrente hiperbórea do sangue puro QUE CONDUZ "ADVERSO FLUMINE"[108] PARA A ORIGEM EXTRATERRESTRE de sua estirpe.

Quando a consciência fluente que era o rio Mengano desembocou no Rio Villano, experimentou em um momento esse milagre que se chama EXPANSÃO GNÓSTICA. Como se uma enorme gota de azeite se estendesse sobre a água, em todas as direções; assim se expandia gnosticamente a consciência de Mengano. E uma nova e infinita multiplicidade de objetos-símbolos-viventes se incorporava à sua consciência, emergindo das águas recém-descobertas. A "loucura", pensou Mengano, consistia, sem dúvida, em deixar-se absorver pelo fluxo daquele Rio fabuloso; e realmente só o treinamento prévio, seu valor sem limites e o estado de ânimo que ainda conservava, de "espera do A-mor", o estavam salvando de se perder na inconsciência daquelas águas escuras e impenetráveis, mas ferventes de vida imanifestada. Porque o Rio da herança hiperbórea era um enxame espantoso de símbolos viventes e de todo tipo de objetos, ora flutuando, ora submersos, que demonstravam sua demencial opulência: havia ali, por exemplo, ilhas habitadas por antepassados mortos, que saudavam com gritos

[108] *ADVERSO FLUMINE: águas acima, contra a corrente.*

veementes a passagem inversa da consciência líquida; e antigas cidades submersas; e barcos de mil épocas distintas navegando com rumo incerto; e animais desconhecidos ou talvez inexistentes; e infinitas maravilhas mais, que seria impossível descrever. A expansão gnóstica levou Mengano a descobrir um mundo novo; mas esse mundo era o da loucura primordial que sobreveio após a Traição dos Siddhas e a Queda do Espírito; a partir dali, já não poderia voltar SEM CAIR NOVAMENTE NA CONFUSÃO, pois o "enxame espantoso", que ia ficando para trás, cortar-lhe-ia a passagem, modificando o leito pelo qual chegara ao Rio Villano, ou abrindo outros leitos que seriam apenas canais sem saída. De fato, Mengano era consciente de que o estuário e as montanhas paralelas já não existiam mais e que, se voltasse, apenas encontraria o extravio da loucura.

Mas tão nefasta possibilidade não preocupava Mengano, pois sua decisão de seguir até o fim era inabalável e, além disso, sua vontade via-se gnosticamente fortificada, à medida que a corrente ancestral o aproximava da origem do Mistério. Mengano, a essa altura do trajeto, tinha notado que o manto de uma penumbra crescente o ia cobrindo, à medida que avançava. Loco compreendeu que as águas do Rio hiperbóreo corriam pelo fundo de um monstruoso e profundo desfiladeiro escavado na negra rocha, depois de uma erosão fluvial de milhões de anos, cujas altíssimas paredes impediam a chegada da luz. Mas a penumbra ia se tornando ainda maior, devido a que o desfiladeiro se estreitava permanentemente, até que, por fim, transformou-se em uma estreita garganta, pela qual a água corria gotejando. E então sim, a escuridão foi total.

As tenebrosas profundezas da garganta pela qual deslizava o impediram de perceber a tempo que aquele leito ia morrer contra a encosta de uma montanha colossal, tingida de uma maravilhosa cor dourada; por isso, só pôde ter dela uma visão fugaz, antes de se ver precipitado em suas entranhas, ao se derramar a totalidade do fluxo por uma aterrorizante greta com forma de yoni. Ainda que as águas, consciência líquida, preenchiam completamente a capacidade do túnel de pedra, Mengano pressentia, de alguma forma misteriosa, um murmúrio distante, que, em alguns momentos, era semelhante a um uivo penetrante e o fazia pensar em uma besta ferida. Já estava há bastante tempo circulando pelo interior da montanha dourada; e como o fluxo era muito forte, podia supor que se ainda não a tinha atravessado, seu diâmetro devia se excepcionalmente grande, qualidade que provocava a admiração de Mengano. Logo, o estrondo ficou ensurdecedor e

ficou claro que não havia nenhuma besta ferida, mas que o bramido era produzido pelas águas, ao caírem em profundezas ainda mais escuras e terríveis. E a titânica cascata também consumiu a consciência líquida de Mengano; e este, ao cair irremediavelmente no abismo, também rugia e berrava, tomado por uma fúria berserkir.

Após tão atroz e turbulenta queda, sobreveio uma súbita quietude, que Mengano logo pôde perceber, quando conseguiu se refazer da violência do salto e do terror do abismo.

Maravilhado, compreendeu que as águas do Rio hiperbóreo alimentavam um lago localizado no interior da montanha dourada, no centro de uma enorme caverna, cujas dimensões não se atrevia a imaginar. Uma suave penumbra crepuscular, procedente, ao parecer, de uma fosforescência das rochas, contribuía para acrescentar aquele mágico clima de paz e serenidade. Se tivesse um rosto humano, Mengano teria sorrido, mas sua alegria por ter chegado até ali, depois de percorrer tanta distância, se manifestava igualmente nessa suave ondulação que agitava a superfície do lago e que era, de certo modo, um sorriso aquático.

Perdida a noção do tempo, teria podido permanecer indefinidamente ali, com a consciência difundida em um suave remanso que acariciava as margens rochosas e recebia em sua superfície o reflexo esfumado da caverna crepuscular. Sim; teria permanecido muito tempo assim, como um estanque de consciência, SE UM MOVIMENTO NO REFLEXO não tivesse atraído bruscamente sua atenção. Algo tinha se movido sobre uma parte menos iluminada da margem! E Mengano, que acreditava estar sozinho, viu-se logo aguçando sua percepção líquida para captar com o espelho de água de seu rosto a causa daquele movimento, uma causa que, aparentemente, não poderia ser "vivente", pois a vida era inconcebível ali, nessa ignota caverna oculta nas entranhas de rocha da montanha dourada. Mas a imagem de terror que se refletia no "estanque Mengano" desmentia essa suposição: era, sem dúvida, um "homem" que tinha estado recostado sobre o tronco da macieira, junto à margem, e que agora se levantava trabalhosamente! Mas quando ficou completamente de pé, Mengano compreendeu que aquele Gigante Branco não era humano; e teve o pressentimento de que se encontrava em frente ao Grande Antepassado Hiperbóreo. Queria conservar sua serenidade de estanque, mas um terror insensato se agitava nas profundezas de sua alma líquida; e, quando o Gigante se aproximou o suficiente para refletir uma imagem nítida, algo assim COMO UM RUBOR INCONTIDO produziu círculos concêntricos na superfície, ondas que delatavam a inquietude de Mengano. Uma vergonha infinita se apoderou de

Mengano, ao descobrir, refletida no espelho de água de sua consciência, a miséria primordial de si mesmo. E a tal perturbação somava-se o horror de comprovar que o rosto do Gigante estava VOLTADO PARA AS COSTAS, como se, em tempos remotos, tivesse virado sua cabeça em “meio círculo”, ficando então soldada para sempre.

Porém, o que mais impressionou Mengano foi o conhecimento de que AQUELA ÁGUA que enchia o lago subterrâneo, e que era a fonte do Rio Villano e dos incontáveis rios que havia remontado no sentido inverso para chegar até ali, MANAVA ABUNDANTEMENTE DE UMA FERIDA SITUADA NO PEITO DO GIGANTE. Ao saber daquele tormento milenar, que tinha deixado marcado um traço de dor no rosto do Grande Antepassado, um último e terrível estremecimento comoveu completamente a consciência de Mengano.

Sem poder conter-se, a voz de Mengano se elevou da superfície líquida:

- Lúcifer, ó Lúcifer!

E como um amargo lamento, a Voz do Grande Antepassado perguntou:

- Quem pronunciou o nome do Grande Chefe? – e logo prosseguiu – Senti agitar-se a Fonte do Sangue Puro...

- Não sei teu nome... – respondeu Mengando, da superfície do estanque.

- Todo nome é uma catástrofe, um tição no inferno do Demiurgo... Antes nós não éramos nomeados porque sabíamos Nomear... Mas tu, Espelho do Sangue Puro, estás manchado pela loucura do mundo e necessitas de palavras... Eu era ANIR, lembras? Mas, ainda o sou? Espelho do Sangue Puro: tua loucura ao perguntar por mim é o reflexo de minha própria loucura, do antigo extravio que nos multiplicou e nos submergiu no excremento da matéria... No princípio amamos, recordas? No princípio amamos...

- Vim te buscar, ó Anir, - subiu trêmula a voz do Estanque Mengano – para que tu me guies para a origem de nossa raça imortal. Poderás fazê-lo?

- Já não posso ver a origem, não compreendes que meu rosto está voltado para outro lado? E além disso, estou moribundo... Fui ferido no Começo, durante o combate de A-mor, e a chaga infligida jamais voltará a sarar... A menos que Ela...

- Ó, Anir, eu desejo curar-te! – afirmou Mengano – Poderás recuperar tua eternidade! Veio comigo a mulher Kaly e está te esperando FORA! Ela te devolverá a honra, se tu lhe concedes a honra de desposá-la para sempre! Ó, Anir, Grande Antepassado Hiperbóreo, Raiz de minha Estirpe, não tornes a abandonar jamais Kaly!

O Gigante ferido suspirou, com um gesto de infinito cansaço, enquanto em seus olhos brilhava o fogo da antiga paixão inextinguível, renovada agora pela promessa que brotava do estanque Mengano, de reencontrar a mulher Kaly.

- Sim, - assegurou o Grande Antepassado, com demencial resolução – dizes bem, Espelho do Sangue Puro, estou disposto a completar minha morte, e depois a morrer mil vezes mais, SÓ PARA CONTEMPLAR DE NOVO O ROSTO DELA! ... Ó, Espelho: o que nos aconteceu? O que é esta embriaguez de Abismo com que nos derrotaram? Éramos como deuses... Se ao menos conservasse meu tridente, a nova luta seria mais justa... Mas assim, ferido e agrilhoado, sem possibilidade de olhar para a Origem de frente, porque não tenho um rosto à frente, estou condenado ao extravio eterno! ... A menos que Ela ... Mas não devo fazer esperar a Prometida!

Então, avançando com passo vacilante, tropeçando nas correntes que sujeitavam seus tornozelos, sangrando profusamente pela antiga ferida, SEM VER PARA ONDE AVANÇAVA, pois seu rosto estava "voltado para as costas", O Grande Antepassado quis caminhar em direção ao estanque. Mas, ainda que o separasse muito pouca distância do lago subterrâneo, não era tarefa fácil chegar até ele, pois um entumecimento de séculos tinha endurecido seus membros; porém, logo rodou pelo solo rochoso, deslizou pelo declive da margem e finalmente se afundou silenciosamente nas águas vivas do estanque Mengano. E Mengano, nesse momento, teve a sensação de estar no centro de uma explosão de fogo que se expandia, abarcando não apenas os Rios do Sangue Puro, mas também a totalidade do microcosmo.

O sadhaka Mengano nunca acreditou, antes daquele maithuna, que chegaria a conhecer uma paixão tão terrível e voraz como essa, que constituía, no entanto, a única motivação PARA O MUNDO EXTERIOR da parte do Grande Antepassado. Mas tal gnose era necessária, como veremos, para COMPLETAR A FÓRMULA do quinto Desafio.

Quando o Grande Antepassado se submergiu no espelho do estanque Mengano, já não houve objeto a refletir nem imagem refletida, toda diferença se consumiu na explosão de fogo, e a consciência do virya Mengano e de Anir foram novamente uma só. A TOTALIDADE DO SANGUE ERA, ENTÃO, "PURO", TRANSMUTADO GNOSTICAMENTE, MAS TAMBÉM ERA "FOGO",

PELO MISTÉRIO DE A-MOR. O passo seguinte da FÓRMULA cumpriu-se nesse momento da expansão ígnea e a transmutação do sangue.

Desde que se iniciou o maithuna, e Mengano FEZ-SE RIO, até o instante da expansão ígnea e do Regresso do Grande Antepassado, só tinham transcorrido alguns minutos, talvez dez ou quinze; mas durante esse tempo a mulher Kaly permaneceu imóvel, na posição de Lillith, pois assim foi pactuado de antemão. Porém, após o Regresso de Anir, sem ser clarividente, qualquer um teria percebido que o semblante do Sadhaka resplandecia em uma expressão de luciférica felicidade; enquanto uma inspeção mais minuciosa teria observado a suave aura esverdeada que agora se estendia em torno de seu corpo. A mulher Kaly não pôde deixar de notar a mudança, e foi talvez por isso, ou por uma compulsão inconsciente, que começou a se mover ritmicamente, com a decisão tomada de ARRANCAR O SÊMEN DO SADHAKA. Enquanto o entusiasmo dela aumentava, Mengano (ou Anir) contemplava seu duro rosto sem ser notado, pois tinha entreabertas as pálpebras ao ponto de só permitir que passasse um fraco raio de luz. Fazia isto, pois aguardava o momento em que se cumpriria a sentença do Tantra Hiperbóreo: O ÓDIO DA MULHER KALY ABRE AS PORTAS DA ETERNIDADE. E nesta sentença se apoiava, em grande medida, o sucesso de sua FÓRMULA.

Segundo a Sabedoria Hiperbórea, nessa sentença encontra-se a verdadeira solução do Mistério da Esfinge.

Para aplicar tal sentença no sadhana, o Tantra Hiperbóreo afirma que: “DURANTE O MAITHUNA COM A MULHER KALY, SE O SADHAKA CONSEGUE RETER SEU SÊMEN, EVITANDO QUE ELA O SEPULTE EM SEU VENTRE INFECUNDO, O ÓDIO DA MULHER KALY ABRIRÁ AS PORTAS DA ETERNIDADE”. O ódio se produz quando para ela é patente que não conseguirá “arrancar o sêmen”; é nesse momento que “se abrem as portas da eternidade”; por isso há que estar atento, sem que ela o note, às variações de seu duro rosto; pois, como diz o Tantra Hiperbóreo, “AS PORTAS DA ETERNIDADE SÃO OS OLHOS DA MULHER KALY”. Não convém adicionar mais comentários a este Mistério; mas vale a pena recordar que, ao observar os olhos da mulher Kaly se está contemplando um SIGNO DE MORTE.

O olhar de Mengano, como em um sonho, estava cravado nos olhos da mulher Kaly; enquanto esta, ofegando raivosamente, subia e baixava seu corpo para esfregar o lingam com seu yoni. E os olhos da mulher Kaly,

brilhantes de luxúria, estavam também cravados no rosto do sadhaka, tratando de adivinhar o momento de seu orgasmo e simulando com suspiros fingidos e gritos estudados o próprio orgasmo; tratava de enganar o sadhaka sobre os efeitos que sua virilidade supostamente produziam nela, para induzi-lo, desse modo, a completar o coito. Mas, à medida que transcorria o tempo, sem que o maithuna culminasse na ejaculação do sêmen, a fúria dos movimentos foi se moderando; e quando, em um dado momento, a mulher Kaly teve a convicção de que o orgasmo nunca chegaria, UMA CHISPA DE ÓDIO EMERGIU DAS ESCURIDÕES DE SUA ALMA E EXPLODIU ELETRICAMENTE EM SEU ROSTO. Foi só um instante, mas foi suficiente para que o olhar atento de Mengano-Anir descobrisse que os olhos da mulher Kaly tinham se transformado em duas janelas de terrível escuridão.

Devemos declarar que este é o momento crucial do quinto Desafio: se no sadhaka predomina a Vontade do Grande Antepassado, então tudo estará perdido: POIS ELE TORNARÁ A CAIR e, nesse instante de máxima tensão bioelétrica, AMARÁ FORA A MULHER KALY, COMO ANTES AMOU A MULHER EVA, ENTREGANDO-LHE SEU SÊMEN; mas se é o "eu" re-orientado, que busca o caminho inverso do retorno à Origem, que impõe a vontade na conduta do sadhaka, a imortalidade será possível, pois este não temerá ESPREITAR A ETERNIDADE.

No sadhaka Mengano predominava, mesmo sobre a paixão devoradora de Anir, uma vontade inquebrantável de regressar à Origem. Por isso, quando os olhos da mulher Kaly ficaram como gretas tenebrosas, além do Signo da Morte, Mengano espreitou seu Mistério e compreendeu que aquelas Portas de Eternidade conduziam a uma Noite mais negra do que todas as noites criadas pelos Deuses, a um Vazio que jamais seria preenchido por nada nem por ninguém, a um Nada absoluto e incognoscível que, no entanto, eram razão e matriz de todo Ser. E então ocorreu o milagre proibido à natureza mortal: MENGANO SENTIU A-MOR POR AQUELA NOITE ETERNA, KALY, Ó KALY!

Por uma Alquimia que só poderá conhecer quem tenha penetrado no véu terrível do Mistério de A-mor, o ÓDIO DA MULHER KALY SE TRANSMUTOU NO A-MOR A KALY. O que aconteceu em seguida? O frio. O frio da Noite Eterna apagou a paixão primordial no sangue do sadhaka e deixou seu coração gelado para sempre.

Sentindo seu coração gelado de A-mor, o olhar de Mengano regressou das profundezas da Noite Eterna até a órbita de seus olhos entrecerrados; e então, ao abri-los, comprovou com horror que a Noite Eterna também o A-mava e o tinha seguido até seu mundo, ATRAVESSANDO EM

SENTIDO INVERSO O SIGNO DA MORTE. Porque ali não estava mais a mulher Kaly, mas uma Deidade temível e vingativa, que exigia imediatamente a morte por A-mor.

Kaly era a representação da Noite Eterna e, como tal, era negra e aterrorizante; estava nua e suas formas não eram belas, mas opulentas e grosseiras; de seu pescoço pendia um colar com incontáveis crânios enfiados como contas: eram as cabeças de seus amantes, os que morreram por A-mor a Ela, assassinados por Ela; pois a Deusa é a Suprema Prostituta, a que compartilha o A-mor com todos os seus amantes, mas também a Esposa Ciumenta, que não aceita ser traída por nenhum deles. E, mesmo sabendo o que Ela exigiria, ao contemplá-la dançando sobre seu ventre, Mengano tornou a sentir, a partir de seu coração de gelo, que a A-mava além de todo limite. Por isso, contendo a respiração, levou sua consciência até o ovo de Kundalini Shakti e, sobre ele, projetou duas vezes o mantra "Lillith". ESTA É A SEGUNDA CHAMADA A LILLITH.

O sadhaka Mengano olhava enfeitiçado de A-mor como Kaly bailava em torno de seu lingam ereto a dança da imortalidade, desenhando com seus pés e com os mudras de suas mãos as Runas da Morte. Quando comprovou que a Deusa já tinha dançado quatro vezes, soube que, ao culminar a quinta morreria. E não obstante esta certeza, aguardou com calma a quinta ronda. E só quando a espada se alçou ameaçadora, sustentada por um férreo e negro braço que mudava freneticamente de lugar, ao ritmo da dança, Mengano atinou a conter a respiração e projetar sobre o ovo Kundalini Shakti, por três vezes, o mantra "Lillith". ESTA É A TERCEIRA CHAMADA A LILLITH, e é o passo final da FÓRMULA.

Ao nomear pela terceira vez o mantra, O OVO SE QUEBROU! E, dentre as membranas desgarradas nasceu à vida o Logos plasmador, plasmado por sua vez com a forma hiperbórea da Divina Lillith. Mas tão perfeita era sua Beleza, tão cegante a luz de seu olhar azul, tão embriagador o perfume de seus cabelos de seda, tão doce o som de sua risada, tão macia sua pele de veludo, tão irresistível o desejo de A-mor de sua Absoluta presença feminina, que VÊ-LA E DESPOSÁ-LA É UM SÓ ATO. Por isso, ao quebrar-se o ovo, instantaneamente se produz o orgasmo interior, com o sêmen saltando para dentro, para fecundar a Desposada, que só parirá o "Filho da Morte". Em efeito: Lillith foi desposada pelo Grande Antepassado e a este é que imortalizará, ao recriar o microcosmo com o poder de seu Verbo,

conforme já se explicou anteriormente; mas, ao recriá-lo, O FAZ NASCER DE NOVO, e é, portanto, seu filho, um Filho da Morte.

Estamos expondo, em separado, aspectos de um só ato; pois no mesmo momento do orgasmo, enquanto Lillith é desposada "dentro", um violento golpe seccionava a cabeça do sadhaka Mengano; mas aquela cabeça era também a do Grande Antepassado Anir, a que não podia olhar para a Origem; e, por isso, o sadhaka Mengano, ao sentir o horrível rangido das vértebras cervicais ao se quebrarem, enquanto se afundava na Negra Noite da Morte, pensava que perder aquela cabeça extraviada constituía, sem dúvida nenhuma, uma liberação. E assim foi que, um instante depois de desposar Lillith, morria decapitado seu Esposo; que ressuscitaria após outro instante como Filho da Morte. E ela, que nascia já desposada, se tornava quase que imediatamente Viúva.

Eis aqui os paradoxos que se apresentam EM TODAS AS VIAS DE LIBERAÇÃO: O SIDDHA IMORTAL É FILHO DE SI MESMO, E TAMBÉM FILHO DA VIÚVA E FILHO DA MORTE.

Mas apenas o KULATANTRIKA, que ofereceu sua cabeça no altar de Kaly, é chamado CAPUT NIGER, CABEÇA NEGRA.

Voltemos ao quinto Desafio. Após decapitar o sadhaka, Kaly enfiou sua cabeça no colar e logo, sempre dançando, PENETROU NO CORPO RECÉM-RESSUSCITADO DO SADHAKA. Fê-lo pelo lado, introduzindo-se e fechando atrás de si, naquela antiga chaga que, segundo mentem alguns, também tinha Jesus-Cristo.

Repetimos novamente que o assassinato do sadhaka por Kaly e o nascimento e bodas de Lillith acontecem simultaneamente, porque tais eventos são aspectos diferentes de um só e mesmo ato: a consumação do A-mor. Quando o sadhaka A-ma Kaly "fora", recupera Lillith "dentro", consumando com Ela as bodas mágicas, o coito do qual nascerá o Filho da Morte; por isso a felicidade de possuir Lillith é indescritível, assim como o êxtase com o qual culmina o maithuna, o orgasmo do A-mor sem amor, no qual o sêmen SALTA PARA DENTRO e repara o Erro Original.

Não devem restar dúvidas sobre o nascimento de Lillith a partir da ruptura do ovo Kundalini Shakti: LILLITH NÃO FOI "CRIADA" POR UM ATO DE IMAGINAÇÃO, NEM TAMPOUCO DEVE SER IDENTIFICADA COM KUNDALINI. Pelo contrário: KUNDALINI É PARA LILLITH COMO O CORPO HUMANO É PARA O ESPÍRITO HIPERBÓREO: UM VEÍCULO DE MANIFESTAÇÃO. A fórmula para recuperar Lillith foi a seguinte: ao contemplar a NOITE ETERNA, através dos olhos da mulher Kaly, o sadhaka projeta sua recordação sem rosto da mulher hiperbórea; e A NEGRA

ETERNIDADE, DA MATRIZ DE SUNAIDA, DEVOLVE AO SADHAKA O ROSTO DE SUA A-MADA, O QUE SIGNIFICA: DESOCULTA PARA ELE O VÉU DO ESQUECIMENTO E O COLOCA DE FRENTE COM O ESPÍRITO DA MULHER HIPERBÓREA QUE FOI SUA ESPOSA DAS ORIGENS. Mas esse contato, tanto tempo esperado, DÁ-SE ATRAVÉS DO MUNDO, POR INTERMÉDIO DA MULHER KALY; e, por isso, o Espírito da mulher hiperbórea se manifesta primeiro externamente, vindo da eternidade PARA o mundo e DO mundo PARA o sadhaka. É necessário, então, dar um corpo ao Espirito, para Amá-la e desposá-la. Ao ingressar no mundo da Eternidade, o Espírito d'Ela é Kaly; e porque é Kaly já tem rosto; e ao plasmar com seu rosto o ovo do Logos Plasmador, já tem corpo; mas, ao quebrar-se o ovo, Kaly "entra", porque ela é "o Espírito d'Ela", que deve nascer com o Belo Rosto de Lillith; mas, antes de entrar, assassina o sadhaka, decapitando sua cabeça invertida, pois só quem for morto "de fora" pode ser ressuscitado "de dentro".

Há outro aspecto terrível deste Mistério que não podemos ignorar: para conseguir a imortalidade há que se desposar Lillith; portanto: Lillith deve viver! Para que Lillith viva é necessário outorgar-lhe um corpo de Kundalini Shakti, portanto, há que se plasmar o ovo! Para plasmar o ovo há que se contar com a dança de Kaly; portanto: Kaly deve se revelar ao sadhaka! Para que Kaly se revele é necessário o ódio da mulher Kaly; portanto: a mulher Kaly fará possível que Kaly emerja! Para que Kaly emerja, a mulher Kaly abrirá seus olhos para a eternidade, invertendo seu Signo de Morte, que já não estará "para fora", mas para "dentro"; portanto, a mulher Kaly deve morrer!

Em efeito: a imortalidade do sadhaka implica na morte da mulher Kaly. Morte iniciática, morte simbólica ou morte real por desencarne? Quem pode responder com certeza? Cada sadhaka ocidental, como Mengano, deverá resolver por si mesmo este Mistério.

Expusemos com certos detalhes a "fórmula" de Mengano, para demonstrar que o tantrismo é algo mais do que um jogo erótico ou uma série de técnicas sexuais para "melhorar a união conjugal". Seguimos este caminho porque queremos desalentar as práticas tântricas naqueles viryas que não estejam capacitados para A-mar Kaly. Porque esta via só oferece a liberação para aqueles que, como Mengano, não temem entregar seu crânio para que adorne o colar da Deusa.

Como epílogo do 8º comentário, podemos resumir o exposto, afirmando que Mengano, sadhaka ocidental, apresentou com sucesso o Ritual dos Cinco Desafios e conseguiu seu objetivo estratégico de imortalizar o corpo físico e alcançar a individuação absoluta. Porém, entendemos que um epílogo tal, mesmo sendo exato, pode ser insuficiente para quem se interroga sobre os PASSOS POSTERIORES de Mengano: - é que nunca se poderá falar do que ocorre DEPOIS da iniciação? Mostram-nos um Ritual no qual se consegue despertar Kundalini e imortalizar o corpo físico; isso significa que se alcançou o Vril? E, ... etc. ... etc.

Naturalmente, não é aconselhável responder racionalmente a tais perguntas; e por isso ninguém que possua as respostas chegará a comentar dessa maneira o Mistério do renascimento e da imortalidade. Podemos, no entanto, nos aproximar do Mistério se acudimos à linguagem simbólica, com a qual aquele se expressa. Eis aqui, então, um novo epílogo:

Por uma margem arenosa, rodeada de variadas folhagens, caminham, de mãos dadas, Ela e Ele. Por fim, se detêm; em frente a eles está a água. Apontando com o indicador para o horizonte distante, Ele diz:

- Além da água está a montanha e, por trás dela, o Vril. Temos a gnose; só nos falta recuperar o Poder, ó A-mada.

E Ela, sorrindo docemente, responde:

- Ó A-mado: o Fim e o Princípio estão agora ao nosso alcance; para onde iremos?

- Devemos ir para o Princípio – respondeu Ele – que será o nosso Fim.

- Ó A-mado: seremos capazes de abandonar estas Delícias novamente? ... Quanto tempo estivemos separados...!

- Seremos fortes! Já não te amarei sobre a praia, nem na água, tu que és suave como um sopro; agora tenho o coração gelado de A-mor, e teu rosto, que resplandece de brancura, me A-ma da eternidade da Noite. Escuta, A-mada, o segredo que nos custou tanto conhecer: O Grande Enganador levantou um Paraíso em torno do Vril. Muitos regressam ao Paraíso, mas poucos se atrevem a CRUZÁ-LO e ir além...

E seguiram de mãos dadas. Às vezes, Ele se detinha e dançava, e então Ela o chamava de Shiva. E quando Ela dançava Ele lhe dedicava doces olhares e a chamava de Parvati. Mas outras vezes Ele desembainhava sua espada, radiante de beleza, e Ela se tornava leve e voava como o vento; e então eram Lúcifer e Lillith, indo para a Origem... E tinham muitos outros nomes, que eram, como estes, resíduos de antigas rondas de A-mor.

Um dia, chegaram muito perto do lugar por onde tinham ingressado no passado, naquele tempo sem Tempo, quando ainda não conheciam o

significado da palavra "lágrima". Reconheceram com horror o bosque de macieiras e escutaram como seus frutos os chamavam, entre risadas e promessas. Mas, desta vez, não se detiveram. E, ao sair do bosque encantado, comprovaram, estremecidos de felicidade, que ainda estava abandonado naquele lugar o veículo que, um dia, os trouxera de Hiperbórea. Visto do exterior, parecia talhado em mármore, com suas oito janelas e sua torre pontiaguda, semelhante ao capacete dos sacerdotes tailandeses. Penetraram de costas, por uma das janelas, e pousaram seus pés no corredor circular do interior. Antes de se abraçarem e cobrirem-se de carícias mútuas, olharam pela última vez, através das janelas, o Horror da Besta. Logo se A-maram sem reservas, livres já da Loucura, e então, pois ainda continuavam de costas, PREPARARAM-SE PARA VIRAR O ROSTO PARA DENTRO DA NAVE PARA ENFRENTAR A VERDADE.

A.

Afirmou-se, em reiteradas ocasiões, a existência de duas Kabalas e que as duas tratam da criação do mundo, por parte do Demiurgo O Uno. Uma, a Kabala numeral, contém o segredo dos dez Sephiroth e dos vinte e dois sons; permite obter as chaves dos Arquétipos coletivos psicoides (Manus) e conhecer os Planos do Demiurgo terrestre Sanat Kumara ou Jeová-Satanás. A outra, a Kabala acústica, trata do modo em que esses Planos podem ser levados à prática (pelo domínio do éter sonoro ou AKASA TATTVA) e permite elaborar procedimentos para influir sobre o mundo físico.

A Kabala numérica facilita o controle sobre as multidões e os homens EM COMBINAÇÃO COM ELEMENTOS CONCRETO DA KABALA ACÚSTICA. A Kabala acústica possibilita a taumaturgia e o exercício da totalidade das artes ocultas EM COMBINAÇÃO COM ELEMENTOS SIMBÓLICOS DA KABALA NUMERAL. Ambas as doutrinas são, então, complementares e necessárias para a práxis mágica.

Mas como a Kabala numérica é objeto, quase que exclusivamente, de estudo por parte dos sábios judeus, e a Kabala acústica, pelo menos nos últimos três mil anos, é de domínio dos Druidas, esta complementação não ofereceu problemas a duas raças engendradas por Jeová-Satanás, cúmplices e executoras do Plano da Sinarquia. Mas isto não foi sempre assim. No período cristão-luciférico da Atlântida, durante seu esplendor hiperbóreo, a Kabala numeral, que era uma doutrina teórica para a interpretação simbólica do mundo, podia ser estudada por qualquer um. Durante milênios, foi um

patrimônio cultural coletivo, e assim continuou, até o cataclismo final que submergiu Atlantis. Esta é a razão pela qual alguns grupos étnicos sobreviventes e outros, que eram vassalos e habitavam terras continentais, possuíram e conservaram conhecimentos originalmente Kabalísticos, como as matemáticas ou a astronomia (egípcios, sumérios, maias, etc.).

Contrariamente à vulgarização da Kabala numérica, na Atlântida, a Kabala acústica era conhecida apenas por iniciados hiperbóreos, enquanto durou o período luciférico. Mais tarde, quando o satanismo foi uma prática comum, por parte da casta sacerdotal, grande parte da doutrina se perdeu e. após o afundamento, praticamente desapareceu como "saber iniciático".

Porém, um remanescente pequeno de sobreviventes – que não eram negroides como os egípcios, nem vermelhos como os toltecas, nem amarelos como os mongóis – possuíam suficiente CONHECIMENTO PRÁTICO sobre a ciência atlante para reconstruir a Kabala acústica, se assim o tivessem desejado. Este grupo é o que a antropologia moderna denomina de "homens de Cro-magnon" e que, na realidade, constituem os autênticos ancestrais da raça branca.

Na Atlântida NÃO EXISTIA UMA RAÇA BRANCA IMPORTANTE. O Cro-magnon era uma raça menor de viryas, sob a proteção dos Siddhas Hiperbóreos de raça amarela, à qual se encomendou, durante o período luciférico, uma missão coletiva vinculada com a Kabala acústica: serem os guardiões da Sabedoria Lítica[109]. Eles, melhor do que ninguém, possuíram o segredo da pedra: da escultura; de seu transporte por levitação; da ressonância telúrica que permitia aproveitar as correntes de energia da Terra; da construção de transdutores de cristal de rocha, cujo uso como "oráculo" tão bem conheceu John Dee, e que podiam constituir, conforme o tipo, uma arma "lançadora de raios", uma "lâmpada" de chama perene e até um veículo voador. A tecnologia lítica da Atlântida pareceria, ainda hoje, que desenvolvemos técnicas para construir circuitos integrados de "estado sólido", com 50.000 transistores de cristal de silício, óxidos, etc., incrível, pela precisão e efetividade que tinha conseguido.

Após o afundamento, os brancos Cro-magnon, guiados por alguns Siddhas Hiperbóreos, ocupam-se em "estabilizar o relevo formal da superfície

---

[109] *Dali provém a amizade (camaradagem hiperbórea) entre brancos e mongóis; amizade que hoje ter-se-á que descobrir e atualizar: esse é o problema que enfrenta o Siddha Anael na Ásia, África e América Latina.*

terrestre", valendo-se dos conhecimentos adquiridos na Atlântida. É este povo que constrói os grandes megalitos que se encontram disseminados perto das costas, em todo o Mundo, os quais não são monumentos primitivos, mas avançadíssimos instrumentos técnicos. Mas, enquanto não se tenha uma ideia clara do que significa REALMENTE o "afundamento da Atlântida", não se poderá compreender o labor megalítico dos Cro-magnon. Talvez se esclareça algo, se consideramos que o ocorrido NÃO FOI UM SIMPLES CATACLISMO, explicável SOMENTE por causas físicas, tais como a hipótese "sísmica" de Platão ou a do "aerólito" de Velikovsky, mas a consequência de uma guerra terrível, na qual os Siddhas extraterrestres verteram todo seu enorme conhecimento. O campo de batalha não era apenas a superfície terrestres, pois outros planos de existência, mais sutis, achavam-se envolvidos no conflito. Enfim, é muito o que se desconhece, mas deve ser lembrado que, APÓS o cataclismo, a Terra, que é um organismo vivente, teve que ser RESTAURADA em sua funcionalidade fisiológica, para que continuasse sendo habitável (para que os "reinos" da natureza não reagissem "contra" o homem, por exemplo). Nessa tarefa trabalharam os Cro-magnon, empregando menires, dólmens e cromlech, e outros instrumentos telúricos que se descreverão mais adiante.

Vale a pena citar agora uma página de Louis Charpentier, onde este imagina a possível função dos menires:

"Há uns cinco ou seis mil anos, os chineses descobriram – e talvez não só eles – que o corpo humano é a sede de umas correntes diferentes dos influxos nervosos, cujos percursos encontram-se fora de todos os condutos anatômicos conhecidos.

No homem sadio, estas correntes – que são duas e de natureza oposta – se equilibram; mas se, por uma ou outra razão, exterior ou interior, chegam a se desequilibrar, instaura-se a enfermidade e, com ela, um ou outro micróbio.

Mas os médicos chineses daquele tempo descobriram também que era possível agir sobre tais correntes puncionando alguns pontos de seus percursos, por meio de agulhas de sílex – atualmente são metálicas – com o objetivo de restabelecer o equilíbrio necessário, ou até criar voluntariamente certos transtornos. É a terapia chinesa conhecida com o nome de ACUPUNTURA.

Da mesma forma que no corpo humano ou animal, a terra é percorrida por correntes diferentes das magnéticas e cuja natureza não se conhece

muito bem, mas que exercem sua ação sobre as capas geológicas que atravessam e, portanto, sobre a vegetação.

Por outro lado, há alguns lustros, os agrônomos tentaram – ao parecer, com certo sucesso – ativar os cultivos levantando antenas capazes de recolher a eletricidade estática atmosférica, que logo era distribuída pelo solo mediante diversos procedimentos.

Não se descarta que o menir – mesmo que a pedra não seja boa condutora – exerça uma ação da mesma ordem, especialmente quando está úmida, por exemplo, mediante a "água da lua", ou seja, o orvalho.

Então, poderíamos pensar que os menires foram levantados mais ou menos altos, segundo a intensidade da corrente elétrica, para estabelecer um equilíbrio benéfico.

Neste sentido, poder-se-iam empreender estudos agronômicos muito interessantes."

Indubitavelmente, se está aqui em bom caminho. Mas, como se verá nos próximos comentários, a Acupuntura terrestre é só um objetivo secundário da construção megalítica.

B.

Para compreender ao que nos referimos quando falamos da "tecnologia lítica" que os Cro-magnon aplicaram, após os cataclismos atlantes, convém considerar previamente certos aspectos do habitar humano sobre a superfície terrestre. Mas aqui não trataremos do habitar ecológico, disso se ocupam as ciências naturais, mas das RELAÇÕES PSÍQUICAS que o homem entabula com o MEIO em que habita, e do modo que esse habitat foi ESCOLHIDO. Para isso, devemos definir o conceito de PSICORREGIÃO como "aquele habitat escolhido pelo homem em virtude de uma QUALIDADE TELÚRICA PSIQUICAMENTE PERCEPTÍVEL".

Esta definição exclui a escolha do habitat por necessidade ou obrigação. Porque, em seus múltiplos deslocamentos, o homem COSTUMA ESCOLHER O LUGAR EXATO no qual construirá sua residência, fundará uma cidade, elevará sua alma a Deus, etc., motivado por vivências transcendentes que ultrapassam a mera necessidade fisiológica de se alimentar e se proteger. Assim, uma PSICORREGIÃO é o LOCAL ESCOLHIDO, por excelência, para realizar atos de maior ou menor transcendência.

A princípio, a psicorregião pode ser "pessoal" ou "social". Desejamos subir a uma colina; ESCOLHEMOS UMA DETERMINADA, entre muitas outras, da cadeia montanhosa. Nesta escolha, influíram motivações psicológicas de extrema complexidade, mas, sobretudo, há que se destacar a

INTERAÇÃO entre A COLINA ESCOLHIDA e o FATO DE ESCOLHER, porque precisamente esta INTERAÇÃO converte em PSICORREGIÃO PESSOAL a colina preferida.

Outra pessoa talvez prefira outra colina, mas, de toda uma paisagem de colinas, para mim a colina escolhida é DIFERENTE, DESTACA-SE de alguma maneira misteriosa, adquire um realce que a transforma em OBJETO DE PERCEPÇÃO, em PSICORREGIÃO PESSOAL. Psicorregiões pessoais, então, são quantos locais se escolham, por motivos de interação telúrica, desde um "canto de namorados", de trânsito fugaz, até um "lar", no qual vai se viver durante muitos anos.

Por outro lado, uma PSICORREGIÃO SOCIAL é aquele local que se escolheu, com base em motivações psicológicas de ordem comunitária ou coletiva. Por exemplo, um lugar que exerce certo "encanto" a mais de uma pessoa, é uma "psicorregião social". A "caverna" escolhida, entre muitas outras, por uma tribo, como habitat comunitário, é também uma psicorregião social, a menos que esta escolha seja motivada exclusivamente pela necessidade.

Na Antiguidade, os locais nos quais se erigiam as cidades eram escolhidos por motivos transcendentes, de ordem religiosa ou esotérica. Hoje em dia, a humanidade habita em grandes cidades, que são também psicorregiões coletivas, pois, ainda que os atuais cidadãos NÃO ESCOLHERAM a psicorregião, o fizeram, em algum momento, seus antepassados, quando, por determinadas motivações, decidiram que esse era o lugar preferido, o local exato, no qual SE DEVIA ERIGIR a cidade e COLOCAR A PEDRA FUNDAMENTAL. É evidente, pois, que toda cidade foi, uma vez, uma PSICORREGIÃO PRIMORDIAL, escolhida pelos "fundadores" e que o mesmo há de ter ocorrido com os "lugares sagrados", sobre os quais se erigem os templos religiosos, que foram também selecionados, em tempos primordiais.

Em uma cidade com muitos templos, escolhemos aquele de nosso agrado, o qual constitui, para nós, uma PSICORREGIÃO PESSOAL. Mas o lugar onde se assenta o templo foi, nos tempos de sua fundação, uma PSICORREGIÃO SOCIAL; e ainda o é, uma vez que a ele acodem muitos fiéis que sentem a mesma atração. Como de costume, nos referimos apenas às interações telúricas e descartamos outras relações importantes, mas de ordem psicológica, como a de "proximidade" ou "distância" do templo; a

adoração nele de algum "padroeiro" ou imagem sagrada; qualquer necessidade ou obrigação, etc.

Se nos estendemos em mais exemplos, podemos completar este conceito considerando que, na atualidade, devido à expansão demográfica e material da civilização, não é comum mais que se pratique a escolha de uma PSICORREGIÃO SOCIAL, ainda que toda a humanidade escolha constantemente PSICORREGIÕES PESSOAIS. Mas na Antiguidade existia toda uma ciência para a seleção telúrica e, de fato, as mais antigas cidades que chegaram até nossos dias foram fundadas mediante diretrizes que são hoje completamente desconhecidas. O racionalismo moderno, como sempre, oferece explicações dogmáticas que a "História", a "Arqueologia", etc., sustentam com rigor. Para elaborar tais explicações, nunca se consulta, é claro, as Tradições dos povos, cuja riqueza em mitos e lendas (os "objetos culturais" das superestruturas dos fatos históricos) poderiam certamente aproximar à verdade. Pelo contrário, emprega-se um "método científico" para interpretar o fato que, desta vez, é extremamente simples: inventa-se um "manual de procedimentos" racionais e, consultando suas diretrizes classificatórias, qualifica-se "academicamente" o labor dos antigos. Em tal manual consideram-se as diretrizes de "defesa", "alimentação", "provisão de água", "comunicações", etc. Se uma cidade, por exemplo, Babilônia, foi fundada "levando em conta tais diretrizes", ou seja: próxima de um rio, próxima das rotas comerciais, sobre uma elevação que domine o entorno, etc., então seus habitantes eram geniais, "quase modernos". Mas se um povo cometeu "o erro" de edificar suas cidades faltando alguma de tais regras da moderna estratégia racionalista, se, por exemplo, "desprezou" aquela inexpugnável colina e escolheu viver no vale, então trata-se "simplesmente de gente idiota", seres primitivos que "ignoram tudo" sobre o modo que se deve "planejar uma boa cidade".

Claro que a obsessão racionalista, que afirmou, durante séculos, que Tróia não podia estar onde realmente estava e que não chega a compreender porque os Maias construíram cidades que nunca habitavam, não reconhece um aspecto importante do problema, que é a escolha das psicorregiões.

Na Antiguidade, confiava-se a inspeção telúrica a pessoas sensitivas, sacerdotes ou iniciados, os quais nunca empregavam um critério racional nessa tarefa, mas se guiavam por conhecimentos esotéricos. Estas pessoas "sabiam escolher o lugar" adequado às necessidades da comunidade, que variavam, em muitos casos: cidade duradoura, cidade transitória, acampamento, fortaleza, fazenda, etc. Em tempos muito antigos, para toda construção se selecionava com cuidado o local conveniente, fosse um porto,

um templo ou uma ponte. Hoje em dia, parece evidente que primeiro surgiu o caminho e depois, nos lugares vagos, se construiu a ponte ou se colocaram as pedras para saltar. Porém, surpreenderia saber com quanta frequência se faziam desvios muito grandes para cruzar o rio por lugares que não eram nem os mais rasos, nem os mais próximos entre as margens, mas que a "psicorregião" predominava sobre qualquer diretriz lógica ou racional. Um rio "não se devia" cruzar por qualquer parte, assim como a terra "não se devia" arar e cultivar em sua totalidade; existiam zonas, PSICORREGIÕES NEGATIVAS, onde a influência telúrica era nefasta e às quais se devia evitar cuidadosamente. Muitas daquelas precauções dos antigos chegaram até nossos dias (o antropólogo JENSEN as chama de: "sobrevivências") como complementos de mitos e lendas, mas são tomados como superstições carentes de sentido.

Mas o certo é que, na Antiguidade, a existência de lugares "hostis" era muito conhecida e aceita, o que explica muitas das "falhas" que se teriam cometido na escolha dos lugares úteis, conforme as diretrizes do "manual de procedimentos" dos racionalistas modernos. Porque muitas vezes um lugar dotado de todas as vantagens EVIDENTES, em matéria de segurança e alimentação, apresentava, em troca, a desvantagem ESOTÉRICA de conter uma psicorregião negativa que impedia efetivamente o assentamento, por não garantir o bem-estar comunitário. Pelo contrário, podiam se localizar lugares completamente desguarnecidos ou perigosos, mas que representavam verdadeiros paraísos terrestres para aqueles que GOZAVAM de sua psicorregião. Não outra coisa, por exemplo, explica a tragédia de Pompéia, edificada sobre uma encosta do vulcão Vesúvio, cidade que, apesar do terremoto de 63, foi reedificada a pedido de seus habitantes, os quais não suportavam a ideia de abandoná-la; e, por isso, pereceram quase em sua totalidade dezesseis anos depois, em 79, quando uma nova erupção a sepultou sob a lava ardente e as cinzas.

Não nos estenderemos mais em um assunto de fácil compreensão. Só nos resta acrescentar que, na Atlântida, durante o período luciférico, existia toda uma "ciência das psicorregiões", com base na qual os Siddhas Hiperbóreos instruíam os viryas sobre as técnicas a empregar para "dominar a natureza" e reorientarem-se estrategicamente. A "natureza", segundo esta ciência, é só um aspecto sensível, uma aparência concreta, dessa multiplicidade infinita de processos evolutivos em que consiste a macroestrutura de uma Idade Manu. Por isso, "dominar a natureza" significa

conhecer a forma de operar sobre os processos evolutivos e conseguir a independência dos Arquétipos psicoides. A "ciência" que permitia tal "domínio da natureza" fazia parte da Kabala Acústica, e esta, segundo já adiantamos, só era conhecida por uma elite de iniciados hiperbóreos.

Após os cataclismos (o "afundamento da Atlântida"), a Terra experimentou uma alteração muito grande no funcionamento de seus sistemas de energias vitais e fluídos sutis. Acentuaram-se os contrastes entre psicorregiões até um ponto tal, que os desníveis eram facilmente percebidos pelo homem e eram muitas vezes perigosos. Para equilibrar as psicorregiões e torná-las habitáveis para a humanidade, os Cro-magnon empregaram externamente os seus conhecimentos da Kabala Acústica. Mas tal ação exterior, para ser efetiva, deve ser acompanhada de um TRABALHO INTERIOR; pois a humanidade (ou seus conjuntos étnicos) interage com a psicoesfera (o "corpo sutil") da Terra, assento dos Arquétipos psicoides; e esta relação pode "atenuar" ou "excitar" os contrastes entre psicorregiões.

Hoje em dia, a possibilidade de efetuar um controle "coletivo" sobre o meio ambiente, empregando poderes psíquicos (a "força da vontade") será vista com ceticismo; pois o avanço do Kaly Yuga (a expansão demográfica de elementos raciais "confusos", a predominância generalizada das tendências animais do pasu, etc.) produziu uma humanidade imersa em um torpor materialista que lhe impede de fazer consciência de sua potência mental e do poder com que esta potência poderia atuar sobre as psicorregiões. Em consequência, o homem moderno encontra-se impossibilitado de resolver as alterações atuais entre psicorregiões. A Estratégia da Sinarquia capitalizou essa impotência e lançou movimentos subversivos que "denunciam o conflito entre o homem e o meio ecológico"; mas existem, na verdade, causas reais que um movimento autenticamente ecologista deveria investigar seriamente.

Voltando ao conceito de psicorregião, é hora de se perguntar: o que se chama interação psicológica entre o homem e o meio ambiente? Já o definimos indiretamente: existem lugares "nefastos" que denominamos de PSICORREGIÕES NEGATIVAS, assim como há também lugares que possuem certo "encanto", aos que vamos agora denominar de PSICORREGIÕES POSITIVAS. Estes conceitos elementares podem se aprofundar se definimos um novo conceito: é de CLIMA PSICOFÍSICO.

Recordemos que uma PSICORREGIÃO é o "habitat escolhido" pelo homem em virtude de uma qualidade telúrica psiquicamente perceptível". Agora podemos acrescentar que toda psicorregião possui um CLIMA que lhe é próprio, do qual se pode definir como "o conjunto de percepções sensoriais e extrassensoriais que impressionam um homem situado em seu entorno". O

conceito de “clima” pode se aplicar tanto às psicorregiões positivas como às negativas, pessoais ou sociais, etc. Por exemplo, desde a lúgubre “sensação de opressão” que se experimenta em uma tenebrosa caverna, até o “eletrizado ambiente” de uma sala de teatro que, no momento culminante do drama ou tragédia, é percebido por todo o público, existe uma infinidade de “climas” especiais de conhecimento comum. Com o objetivo de conseguir um desenvolvimento claro e compreensível deste conceito, começaremos por estudar os “climas” das psicorregiões naturais.

C.

Há lugares no mundo que gozam de um encanto particular e, às vezes, suas qualidades são tão intensas que, ao serem percebidos por muitos, transcendem fronteiras e ganham fama perdurável. Quem não ouviu falar de alguma montanha inspiradora, uma margem de sonho, um riacho de doces murmúrios, lugares todos recomendados como muito propícios para a meditação ou o amor, ou para recobrar a saúde perdida ou, ainda, para indagar sobre o futuro? Geralmente, são os espíritos sensíveis, músicos ou poetas, que expressam em linguagem popular estas qualidades geográficas, contribuindo para crescer sua fama.

Estamos aqui ante um caso de PSICOLOGIA PROFUNDA, cuja compreensão costuma se facilitar ao estabelecer analogias com fenômenos da Física. Por isso, fala-se de CLIMA PSICOFÍSICO, ainda que seria mais apropriado referir-se a MICROCLIMA, quer dizer, ÀS CONDIÇÕES DO CLIMA EM UM ESPAÇO LIMITADO. Por exemplo, o que queremos significar quando dizemos que uma psicorregião possui um MICROCLIMA particular? Que, em dita psicorregião se experimenta um estado psicológico diferente do que se vivenciaria em outras partes, mesmo nas imediações. Mas tal estado psicológico não corresponde apenas às percepções sensoriais, quer dizer: visuais, auditivas, olfativas, etc., mas que envolve também outros planos do ser, outras regiões da alma, cuja fibra não é facilmente afetada na vida comum. É como se o lugar, seu microclima, INDUZISSE no homem uma força totalizadora que, dissolvendo percepções e sensações, o transportasse para o NÃO DIFERENCIADO ou inconsciente. E esta regressão aos estados primordiais de consciência, longe de constituir uma atitude passiva por parte de quem a experimenta, gera a PARTICIPAÇÃO ATIVA entre o homem e o microclima. A CONSCIÊNCIA DE EXPERIMENTAR algo especial, o êxtase, é justamente o efeito da PARTICIPAÇÃO ATIVA.

Já mencionamos, em diferentes oportunidades, o conceito de PSICOESFERA, o que alude a um "campo" que rodeia a Terra e se compenetra com todos os pontos do espaço interior. Tal campo é equivalente ao que na Ciência do Alento hindu se denomina GLOBO TERRESTRE DE AKASA, quer dizer, aquela esfera onde jazem depositados os Arquétipos Manu, que nós chamamos de "psicoides", e, em um plano inferior a estes, os "registros akásicos", que não são mais do que a impressão astral de seu desdobramento evolutivo na matéria. Este campo é, também, uma das dez "Vestimentas" ou "Véus" do Demiurgo Jeová-Satanás, "O Ancião dos Dias", que se nomeiam na Kabala hebraica.

No "campo" da Psicoesfera tem lugar o INCONSCIENTE COLETIVO UNIVERSAL, onde jazem os Arquétipos psicoides, e este interage com o INCONSCIENTE COLETIVO PESSOAL de cada indivíduo (pasu ou virya perdido). Dessa forma se conecta a evolução humana com o desenvolvimento do Arquétipo Planetário, pois a Psicoesfera é o "substratum" da fisiologia terrestre, o "corpo sutil" que faz as vezes de "sistema nervoso vital", constituído por uma complexa rede de energias telúricas com milhões de vórtices ou "chakras" e canais de distribuição ou "naddis", etc.

No livro 4 estes conceitos serão devidamente definidos e fundamentados. O importante agora é compreender que certa parte da psique humana, chamada de "inconsciente pessoal", PARTICIPA DO INCONSCIENTE COLETIVO UNIVERSAL OU PSICOIDE. De fato, o pasu encontra-se absolutamente ligado à Psicoesfera e só o virya pode transcender a determinação arquetípica que exerce o inconsciente coletivo psicoide – através do inconsciente coletivo pessoal – sobre a consciência ordinária. Essa transcendência, esse despertar, essa liberação que se alcança, após transitar o caminho do regresso à origem, é um assunto que já tratamos em outras partes.

Estamos agora em condições de definir uma ILHA PSICOIDE, a partir do conceito de PSICORREGIÃO já estudado: UMA ILHA PSICOIDE É A CONTRAPARTIDA DE UMA PSICORREGIÃO NO CAMPO DA PSICOESFERA.

Estes três conceitos não devem dar lugar à confusão. Para evitar mal-entendidos, façamos notar que, inversamente, UMA PSICORREGIÃO É A PROJEÇÃO DE UMA ILHA PSICOIDE EM UMA ÁREA GEOGRÁFICA DETERMINADA. A partir deste ponto de vista, pode-se afirmar que UMA ILHA PSICOIDE É O ARQUÉTIPO DE UMA PSICORREGIÃO. Compreende-se, assim, que necessitamos aludir previamente ao conceito de "Psicoesfera" apenas para definir o âmbito de existência das "ilhas psicoides".

Em incisos anteriores, apresentamos a distinção entre “fato natural” e “fato cultural”. Deste último, dissemos então que era “a forma” em que se concretizava um Arquétipo psicoide, ao evoluir para sua enteléquia; mas como o fato cultural é “essencialmente estrutural”, chamamos de “superestrutura” à estrutura que suporta dita forma. Também estudamos de que modo a superestrutura do fato cultural “captura” todo aquele que estabeleça uma relação cognitiva com ele, incorporando-o como sujeito de seu drama: com sua maior potência o Arquétipo psicoide do fato cultural tenta desdobrar-se através do sujeito humano, “capturando” e exteriorizando sua própria estrutura cultural.

Podemos aplicar estes conceitos para explicar a origem daquela PARTICIPAÇÃO ATIVA entre o homem e o microclima que mencionávamos recentemente: AO SENTIR-SE ATRAÍDO POR UMA PSICORREGIÃO, O HOMEM “PARTICIPA ATIVAMENTE DE SEU MICROCLIMA” PORQUE FOI CAPTURADO PELO MICROCLIMA EM QUE SE DESDOBRA A ILHA PSICOIDE. Não há ainda um fato cultural propriamente dito, MAS TODO FATO CULTURAL COMEÇA PELA “ESCOLHA” DE UMA PSICORREGIÃO. Podemos dizer, para dar mais clareza ao assunto, que uma ilha psicoide opera como o “marco” ou “quadro” no qual deve se dar todo fato cultural. Por isso, quando uma ilha psicoide captura o homem no microclima de sua psicorregião, SÓ POR ESSE FATO, fica disposto o quadro propício para que os Arquétipos psicoides, em uma “reação Kármica”, se desdobrem através de uma superestrutura que inclui agora o homem e a psicorregião, como elementos componentes e cuja forma, dramática, denomina-se: “fato cultural”.

Os Arquétipos que chamamos de “ilhas psicoides” evoluem concretamente nas psicorregiões e estas são âmbitos EXCLUSIVAMENTE GEOGRÁFICOS; o “microclima” é a estrutura natural, PARA O HOMEM, que suporta a psicorregião. Daí que o “microclima da psicorregião” seja equivalente, em outro grau, à “superestrutura do fato cultural”: ambos são expressões dos Arquétipos psicoides; o primeiro o é de uma “ilha psicoide”; e o segundo, de um “Arquétipo Manu”.

Um Arquétipo pode ser “conhecido”, quer dizer, conscientizado, mediante a DESCRIÇÃO de algumas das FORMAS CONCRETAS que adota durante sua evolução. Neste sentido, podemos afirmar que toda psicorregião é uma FORMA CONCRETA que a ilha psicoide correspondente adota durante sua evolução e, portanto, TODA PSICORREGIÃO É UMA “DESCRIÇÃO NATURAL” DE SUA ILHA PSICOIDE. Compreende-se, então,

a importância que teria, para uma Estratégia Psicossocial, a possibilidade de conhecer e distinguir as psicorregiões; mas, existe tal possibilidade? Sim; porque as psicorregiões, enquanto PROJEÇÕES GEOGRÁFICAS de Arquétipos psicoides, SÃO REPRESENTÁVEIS GRAFICAMENTE. Pessoas sensitivas devidamente treinadas, iniciadas na Sabedoria Hiperbórea, podem desenhar em um mapa o CONTORNO das psicorregiões ou representar em uma "maquete" a superfície em relevo. Na SS, por exemplo, chegou-se a contar com um corpo de oficiais treinados para traçar a poligonal de qualquer psicorregião da Europa.

D.

Retomemos agora a distinção entre "psicorregião natural" e "psicorregião social". Uma psicorregião natural é um lugar feito pela própria mão do Demiurgo, quer dizer, onde evolui um Arquétipo "ilha psicoide", como, por exemplo, uma paisagem, gruta, abismo, rio, montanha, etc., todos locais nos quais se pode perceber um microclima particular.

Uma psicorregião social é, em troca, um lugar escolhido pelo homem para estabelecer seu habitat, edificar povoados, templos, jardins ou palácios, ao qual modificou seu caráter "natural" para adaptá-lo aos fins comunitários.

É evidente que todo local do segundo caso foi, antes da intervenção do homem, um lugar do primeiro caso. Vale a pena perguntar: QUALQUER LUGAR pode servir para, mediante sua modificação ou alteração formal, dotá-lo de um microclima adequado às necessidades humanas? Não. É necessário escolher cuidadosamente o local. Tal como vimos na história de Nimrod, O Derrotado, às vezes pode levar anos para localizar um local adequado, e isso se se dispõe das pessoas capacitadas para LER na natureza as descrições das ilhas psicoides.

E, no entanto, apesar de tal complexidade, os brancos Cro-magnon, "sábios da pedra", adaptaram psicorregiões em todo o mundo para que pudessem ser habitadas pelo homem. Após o último cataclismo atlante, eles "repararam" o sistema nervoso terrestre, fazendo possível NOVAMENTE a reorientação estratégica dos viryas. Porque, se bem que as construções megalíticas têm relação com as correntes de energia telúrica, isso provém só de um ASPECTO FUNCIONAL das mesmas, e não constitui, muito menos, "o motivo" de sua fabricação, como supõem Louis Charpentier e outros adeptos do druidismo. Não se tratava de praticar uma "acupuntura terrestre", mas de se conduzir de acordo a uma Estratégia Hiperbórea: eis aqui a chave para interpretar a atitude dos construtores Cro-magnon.

Hoje em dia, a Sinarquia tenta apagar, de qualquer forma, os rastros da Guerra Cósmica, e sua tática, neste sentido, consiste em negar toda

determinação bélica aos povos da pré-história. Comprovar-se-á, assim, que todos os autores esotéricos da Sinarquia, teósofos, rosa-cruzes, maçons, martinistas, etc. são PACIFISTAS AO EXTREMO, que afirmam cegamente que "os sobreviventes da Atlântida foram fundadores de civilizações" e oferecem "como prova" as culturas maia, suméria, egípcia, etc., sem explicar o lapso de milhões de anos que separam estas daquele cataclismo.

Para aproximar-nos da verdade, e evitar a desinformação sinárquica, perguntemo-nos, por um momento, qual é a conduta mais provável que adotariam os sobreviventes de uma civilização que sucumbiu e desapareceu por efeito de uma guerra total? Com toda segurança, não se comportariam APENAS como alguns fundadores de civilizações...

Na realidade, tais sobreviventes manteriam um PERMANENTE ESTADO DE ALERTA e só se conduziriam seguindo DIRETRIZES MILITARES, tanto para deslocarem-se como para acampar e, ainda que tratassem de salvar elementos de sua perdida civilização, NÃO SERIA ESSE, desde já, O MOTIVO PRINCIPAL QUE DETERMINARIA SUAS AÇÕES. Temos um exemplo muito à mão naqueles japoneses que sobreviveram mais de vinte anos nas ilhas do Pacífico, depois que finalizou a Segunda Guerra: ainda que eles construíssem para si objetos culturais necessários para sobreviver ou viver, tais como uma cabana, um anzol, ou um jogo de go, e ainda que tivessem transmitido parte de seus conhecimentos aos aborígenes, "civilizando-os", NENHUM DESTES MOTIVOS DETERMINAVA SUAS AÇÕES; pelo contrário, ao serem encontrados, comprovou-se que os soldados não tinham esquecido a guerra EM NENHUM MOMENTO, mantendo sempre um PERMANENTE ESTADO DE ALERTA e conduzindo-se, tanto para se deslocar como para acampar, segundo DIRETRIZES MILITARES; um exemplo disso era o correto funcionamento de suas armas, às quais tinham lubrificado e mantido em boas condições e, fundamentalmente, o RESPEITO CONSTANTE PELO POSTO MILITAR – um sargento de 1945 ainda era sargento em 1960 – o que revela todo um universo de honra e virtudes marciais.

Sem dúvida, esta é a atitude dos que sobrevivem a uma guerra total E NÃO SE RENDERAM: TODO MOVIMENTO, TODA AÇÃO, É TÁTICA E, PORTANTO, DEVE SE EXECUTAR DE ACORDO AOS PRINCÍPIOS DA GUERRA. MAS TODA TÁTICA, POR SUA VEZ, DEVE SE PLANEJAR NO QUADRO DA ESTRATÉGIA GERAL, DE MODO QUE CONTRIBUA A CUMPRIR COM SEUS OBJETIVOS. Por isso, os Cro-magnon moviam-se e

agiam seguindo as táticas da Sabedoria Hiperbórea e seus ATOS DE GUERRA, chamados menires, dólmens ou cromlech, obedeciam a objetivos da Estratégia Geral dos Siddhas.

O objetivo principal da Estratégia Hiperbórea é o "retorno à Origem" e, portanto, um dólmen, por exemplo, há de servir para isso PRINCIPALMENTE; e logo para "escutar a música das esferas" ou "fixar as correntes telúricas", como pretende o druidismo. Há, em tudo isto, um grande segredo que nos obriga, para não o trair, a empregar a linguagem simbólica. Digamos, então, que QUANDO SE ALCANÇA EFETIVAMENTE O OBJETIVO PRINCIPAL DA ESTRATÉGIA HIPERBÓREA, OS VIRYAS DESAPARECEM DA HISTÓRIA. Não podemos acrescentar mais.

Deste modo, acontece que toda ação de guerra exitosa, levada a cabo por viryas hiperbóreos, APÓS A GUERRA TOTAL, culmina com o DESAPARECIMENTO DE SEUS PROTAGONISTAS. MAS AS ARMAS DE PEDRA SEMPRE FICAM, AINDA QUE NÃO POSSAM SER EMPREGADAS NOVAMENTE DA MESMA FORMA QUE AS UTILIZARAM SEUS CONSTRUTORES. Louis Charpentier descobriu que, sugestivamente, os megalitos da França estão distribuídos sobre uma enorme espiral, que abarca todo o país; também comprovou que, desde tempos imemoriais, há toda uma migração esotérica de pessoas, as quais, qual gigantesco jogo de oca, vão peregrinando pelo caminho em espiral, procurando um tipo de iniciação aos mistérios da construção lítica ("maçonaria")[110]. Naturalmente, algo que Charpentier desconhece, tal migração começa A POSTERIORI das construções de pedra; pois OS CONSTRUTORES DESAPARECERAM QUANDO COLOCARAM A ÚLTIMA PEDRA DO CENTRO DA ESPIRAL OU "OLHO". Aos que chegam depois, e desconhecem o segredo da pedra ou carecem de pureza sanguínea para apresentar uma Estratégia Hiperbórea, SÓ LHES RESTA A ALTERNATIVA DE SE PURIFICAR SEGUINDO A ROTA DE PEDRA DOS SIDDHAS. Como A ORIGEM É COMUM A TODAS AS LINHAGENS HIPERBÓREAS, é possível que, ao seguir um caminho para a Origem, ABERTO POR OUTROS VIRYAS, se consiga RECORDAR O SEGREDO e possa, assim, apresentar-se uma Estratégia própria.

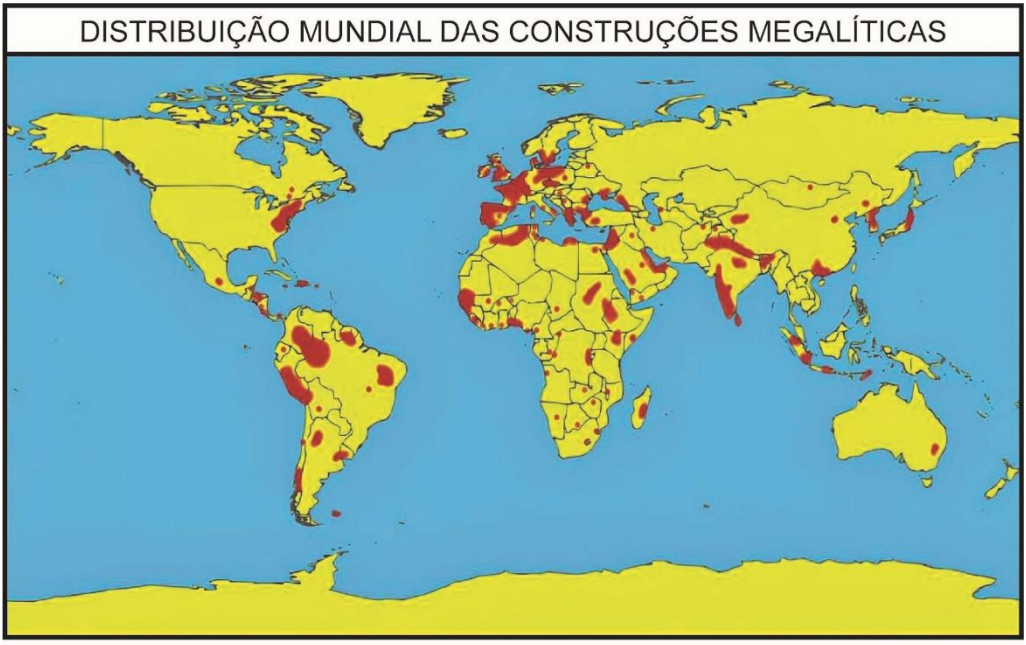
Para neutralizar estas armas líticas e a possibilidade de "orientação estratégica" que oferecem, os Druidas ocuparam-se, durante séculos, em efetuar um bloqueio mágico, gravando signos ou praticando rituais que têm

---

[110] *LOUIS CHARPENTIER: Los Gigantes – Ed. Plaza y Janés.*

por finalidade alterar as psicorregiões adjacentes. Mas, desde que se infiltraram na Igreja Católica, sua atuação foi tremendamente efetiva, pois, após destruir as armas líticas, no local onde estas se encontravam, levantaram outras construções de pedra, especialmente projetadas, segundo os princípios da Kabala acústica, para conseguir os fins estratégicos da Sinarquia. Disso voltaremos a falar mais adiante.

FIGURA 7



E.

Vamos destacar agora um elemento que se encontra estreitamente ligado ao trânsito pelo mundo dos brancos Cro-magnon. Se, em um mapa, indicamos a distribuição mundial dos megalitos – a qual será indubitavelmente incompleta, pois muitos foram destruídos – e em outro mapa

idêntico marcamos os lugares onde se encontraram o antigo signo da SWASTIKA, veremos que as áreas de dispersão são idênticas.

Se bem que a Swastika é ostentada por povos que, mesmo habitando os lugares megalíticos, não foram os construtores dos mesmos, este fato não invalida o argumento; pois justamente estes povos de cultura inferior recolheram ou descobriram a Swastika a partir da construção megalítica; JÁ QUE, EM CERTO SENTIDO, AMBAS SÃO UMA E A MESMA COISA. Já declaramos que as construções megalíticas são ARMAS TÁTICAS para serem usadas no quadro de uma Estratégia Hiperbórea, e que o objetivo de tal Estratégia é "o retorno à Origem". Para compreender nossa afirmação anterior, não é demais recordar que em toda ação estratégica PARA A ORIGEM deve intervir o Gral, reflexo da Origem. Mas o Gral se acha suportado pela Runa de Ouro e nesta está gravado o Signo da Origem, DO QUAL SE DERIVA, MEDIANTE DEFORMAÇÕES E MUTILAÇÕES, A RUNA SWASTIKA. Daí que uma construção lítica, projetada para transladar uma comunidade guerreira "para a Origem", faça possível que outra comunidade, mais impura ou confusa, perceba o Signo da Origem e "adore" ou considere "sagrada" a runa Swastika.

Mas a Swastika, que se deriva do Signo da Origem, não representa ela própria tampouco um "signo solar", apesar de ter sido racionalizada como tal por sacerdotes decadentes, os quais a identificaram também com "a vida", "o movimento", "a reencarnação", "o polo", etc. Na Antiguidade, a Swastika ERA UM SÍMBOLO HIPERBÓREO DO FOGO E DO SANGUE, QUANDO AMBAS AS SUBSTÂNCIAS SÃO UMA E A MESMA COISA. Hoje em dia o fogo é COMBUSTÃO, a ilusão ótica de um processo químico de mudança de estado da matéria, e o sangue um LÍQUIDO PLASMÁTICO. Mas a Sabedoria Hiperbórea ensina que SANGUE PURO E FOGO possuem uma natureza comum, conhecimento que está na base da Kabala acústica utilizada pelos Cro-magnon para DOMAR as correntes de energia telúrica. O que pode VER a energia telúrica a percebe semelhante a um vapor ígneo; mas o sangue também SE VÊ dessa mesma forma: como um vapor ígneo; e por tal analogia falou-se, durante milênios, de "sangue da Terra"; e inclusive, devido a que nos cursos de água, rios e riachos, a circulação da energia telúrica é maior, se identificou a água como um "sangue terrestre".

Há, pois, um conhecimento perdido acerca da Swastika, que apenas os arianos da Índia, os germânicos da Frísia e Saxônia, e talvez os maias de Yucatán, conservaram de maneira deformada até os tempos modernos. Há uma antiga palavra sânscrita para designar o fogo, que coloca em destaque a "recordação" hiperbórea da identidade que vimos assinalando: é a palavra

PUR; que, além de significar “fogo”, constitui a raiz de PURO, uma qualidade do sangue. Em efeito, nos Vedas se lê constantemente que o sangue dos reis, guerreiros ou sacerdotes, quer dizer, de membros das castas superiores, é PURO, e portanto ÍGNEO. Sangue e Fogo se nomeavam em sânscrito antigo, então, com uma única palavra, PUR, que também significava PURO, qualidade indiscutível de AGNI, o Deus do Fogo, e do sangue dos heróis lendários ou Siddhas.

Também os germânicos conservaram parte deste conhecimento, ao utilizar a Swastika como RUNA, ou seja, como palavra mágica, elemento da Kabala acústica.

A Kabala acústica se baseia no princípio de que toda forma se acha sustentada por uma palavra, que é também um Arquétipo, a qual foi pronunciada no começo do Drama pelo Logos Criador, ou seja: o aspecto Verbo do Demiurgo. Conhecer a Kabala acústica significa uma VANTAGEM ESTRATÉGICA que permite, por exemplo, “adaptar” o meio ambiente, o Valplads, para que sirva aos fins de uma Estratégia Hiperbórea, diminuindo a pressão satânica de Maya, a ilusão do real.

Por isso, aqueles que utilizavam como letras a Swastika e outros símbolos da Kabala acústica, estavam, sem dúvida, possuindo uma vantagem estratégica sobre outros povos já sinarquizados. Vantagem que hoje, os germânicos perderam, pois devem se submeter às regras de um mundo judaizado, satanista e sinárquico, mas que, no entanto, não representa um mal tão grande como o que tiveram que suportar outros povos hiperbóreos, como os astecas, por exemplo, que não apenas perderam seu alfabeto de símbolos Kabalísticos, mas que se destruiu sua cultura e até se tentou exterminar sua raça.

FIGURA 8

F.

Dizíamos que os Cro-magnon semearam o mundo de megalitos e acrescentamos, como dado ilustrativo, que a Swastika aparece nos mesmos lugares em que se erigiram as armas líticas. Sabemos que, sobre este tema, verteram-se uma infinidade de opiniões disparatadas; no entanto, não podemos ignorar as afirmações de certos comentaristas profanos, muito promovidos ultimamente[111], os quais, após observar que as construções megalíticas se encontram distribuídas predominantemente perto das costas de rios e mares, tiram a conclusão de que "os construtores provinham do mar", ou eram, simplesmente, uma "raça marinheira". DESMENTIMOS IMEDIATAMENTE essa presunção, e afirmamos, em troca, que o trabalho dos LÍDERES da arte lítica era muito mais vasto do que se costuma supor, pois incluía TODA A SUPERFÍCIE dos continentes; e que, por se desconhecer agora em que consistia este trabalho, chega-se a conclusões errôneas e disparatadas.

111 *"SUSPEITAMENTE" PROMOVIDOS.*

A chave está na Kabala acústica, a qual inclui o uso de RESSOADORES LÍTICOS – menires e dólmens – mas também DISPOSITIVOS FORMAIS – como os cromlech, o labirinto, o perfil de grandes rochas e montanhas, o poço e a caverna, etc. – QUE OPERAM DE MODO DESCRITIVO SOBRE OS ARQUÉTIPOS PSICOIDES. Existem muitas cavernas que foram modificadas artificialmente para SERVIR a determinados fins, quando não são totalmente artificiais; e numerosos poços, em todo o mundo, registram uma elaboração humana. Também os petróglifos e figuras rupestres de origem Cro-magnon, como nas cavernas de Altamira, Lascaux ou Aurignac, tinham seu fundamento na Kabala acústica: em conjunto com certos mantras ou palavras mágicas, permitiam operar sobre as almas grupais – elementos ou egrégoras dos animais aos quais se desejava caçar ou domesticar. No Peru, no sítio arqueológico de Marcahuasi, situado em um pequeno platô andino, a quatro mil metros de altitude, pode-se visitar, hoje em dia, uma autêntica oficina-escola Cro-magnon; ali, qualquer um poderá contemplar "in situ" todo um arsenal de armas líticas táticas e comprovará, sem tem "visão aguda", que estas excedem, por sua esmagadora diversidade, as mais conhecidas do menir, o dólmen ou a muralha.

G.

Já nos referimos às modificações que os Cro-magnon efetuaram em muitas psicorregiões, transformando-as de "naturais" em "sociais" ou aptas para que os viryas as habitem e se "reorientem estrategicamente". Mas também mencionamos que, em muitos casos, as psicorregiões sociais foram alteradas novamente pelos Druidas, com o objetivo de readaptá-las para a Estratégia da Sinarquia; por exemplo, vale a pena recordar que muitos dos grandes templos das religiões "modernas" católicas, muçulmanas, budistas, etc., foram edificados SOBRE antigos "templos pagãos", ou seja, em lugares que eram venerados desde a mais remota antiguidade e em cujo centro existia um menir, um dólmen, um cromlech, etc. Vamos explicar agora a natureza desta CONTRAOFENSIVA SINÁRQUICA.

Os Druidas se infiltram, a partir do século IV, na Ordem beneditina e logo, desde o Cister e Cluny, lançam a Ordem do Temple, na primeira e mais terrível ofensiva destinada a instaurar o Governo Mundial da Sinarquia. Ao estudar a Estratégia A2, comentaremos este plano sinárquico, e explicaremos os motivos de seu fracasso. O importante é que, para que tal plano desse resultado, deviam se preparar com antecipação de séculos as psicorregiões

religiosas da Europa, para que seus microclimas capturassem os "crentes" e os incorporassem ao processo do Arquétipo de Jesus-Cristo.

Para isso, os Druidas contavam com a Kabala acústica, na qual eram mestres, e com a Kabala numeral, que alegremente colocaram à disposição dos sábios judeus; combinando este formidável conhecimento, desenvolveram uma técnica de controle psicossocial baseada na ressonância arquetípica de enormes estruturas de pedra. A expressão concreta deste trabalho é a catedral gótica, que "aparece", como todos sabem, no século XI. Esta gigantesca construção é um instrumento lítico finamente calibrado para gerar um microclima religioso, capaz de fascinar o paroquiano com sua grandiosidade e de lhe sugerir uma atitude de respeito e devoção. Nada mais do que isso necessita o Arquétipo de Jesus-Cristo para efetuar a captura, transformando o microclima em superestrutura e a psicorregião religiosa em fato cultural! Mas o mais admirável de tal máquina infernal – e ainda que esta afirmação escandalize os geneticistas, a diremos igualmente, que, uma vez efetuada a captura, "modula" a informação genética do crente tornando hereditário o Arquétipo de Jesus-Cristo, ou seja, judaizando geneticamente o incauto; isto se consegue porque o Arquétipo de Jesus-Cristo, que é psicoide, quer dizer, pertencente ao inconsciente coletivo universal, se introduz e plasma no inconsciente coletivo pessoal, pela ação da catedral, o que implica em uma modificação cromossômica EM TODAS AS CÉLULAS DA ESTRUTURA ANATÔMICA HUMANA.

São assim as catedrais: MÁQUINAS PARA PROGRAMAR PSIQUICAMENTE (E GENETICAMENTE) A POPULAÇÃO, COM O OBJETIVO DE FORMAR UM TIPO HUMANO JUDAICO, QUE ATUAM SOBRE A HERANÇA GENÉTICA PELA TRANSMISSÃO DE CARACTERES SIMBÓLICOS INDUZIDOS.

A construção de catedrais – e outros monumentos que não mencionamos, por motivo de brevidade – é, do ponto de vista da Sabedoria Hiperbórea, uma autêntica tática de Estratégia Psicossocial, colocada em prática pela Hierarquia Branca de Chang Shambala, para favorecer o advento da Sinarquia Universal. Sobre a FUNÇÃO das catedrais, tanto o Druida Fulcanelli, como o celtista Louis Charpentier, e muitos outros autores de similar filiação sinárquica, pretendem que as mesmas seriam "livros de pedra", destinados a perpetuar um "saber oculto" – aqui seria a Alquimia – o qual, devido ao "obscurantismo reinante", não pode ser exposto nem sequer por organizações iniciáticas. Custa acreditar que tais idiotices possam se dizer de boa fé! E estaríamos tentados a duvidar do critério racional daqueles

que as emitem, SE NÃO ESTIVÉSSEMOS A PAR DE QUE EXISTE UMA ESTRATÉGIA SINÁRQUICA E DE QUE ELES SÃO SEUS AGENTES.

Para esclarecer as coisas, recordemos que, com as pirâmides do Egito ocorre uma conspiração similar, na qual todos os autores "esotéricos" concordam ao afirmar que, por exemplo, "Quéops é um livro de pedra, onde se verteu o saber egípcio para perpetuá-lo através do tempo". Em que fundamentam tal afirmação? Na perfeita orientação geográfica das construções – pirâmides e catedrais – e na intervenção de NÚMEROS muito exatos e chamativos, extraídos da Física ou da Astronomia, nas dimensões do monumento.

Vejamos agora qual é a verdade que a Sinarquia pretende ocultar ou dissimular com teorias absurdas: tanto as pirâmides como as catedrais e, em geral, todos os templos construídos com base em princípios cabalísticos, SÃO MÁQUINAS FUNCIONAIS, construídas para operar coletivamente sobre o público. Faça-se a qualquer pessoa a seguinte pergunta: em qual máquina não intervêm medidas e dimensões vinculadas com as leis da natureza que pretendem governar e aproveitar? Inferir disso que a máquina é um livro no qual se verteram conhecimentos da natureza destinados a serem lidos no futuro é uma ideia totalmente irreal.

Constrói-se uma máquina para ser usada no presente e em um futuro imediato, ou para que funcione enquanto tenha vida útil, mas nunca se faz pensando no que ocorrerá milhares de anos depois. Claro que se dita máquina atravessa os milênios e é contemplada por seres que ignoram seu OBJETIVO FUNCIONAL, não seria estranho que raciocinassem equivocadamente que a mesma é "um livro" e até "lessem mensagens" nela. Pensemos, para colocar um exemplo extremamente simples, em alguns homens do futuro que, ignorando tudo sobre nossa civilização, encontrassem A MOLDURA DE UM RELÓGIO DE PAREDE DE UM METRO DE DIÂMETRO. E que, de seu exame, concluíssem que se trata de um "livro" feito para as gerações futuras por alguns seres antigos que conheciam a longitude do meridiano terrestre, contavam até doze, provavelmente adoravam o círculo, talvez o Sol, estavam na Idade de Bronze, etc. Todas estas deduções são lógicas, mas NADA INDICAM SOBRE O RELÓGIO, nem sobre o OBJETIVO FUNCIONAL para o qual foi projetado.

É necessário entender, então, que as catedrais e outros monumentos similares devem ser considerados em sua TOTALIDADE ESTRUTURAL, atendendo à FUNÇÃO para a qual foram projetados. E se não sabemos qual

é essa função, MELHOR É CALAR, porque, de outra forma, colaboramos com a Estratégia Sinárquica, que consiste em fomentar a confusão em tudo aquilo que se relacione com Chang Shambala e seus planos demoníacos.

H.

Estreitamente conectado a este tema, existe outra tática sinárquica sobre a qual vamos avisar agora. Quando se fala de "Idade Média" e "Renascimento" costuma-se cometer um erro deliberado, consistente em afirmar que, efetivamente, "uma espécie de abismo" separa ambas as épocas. Pareceria, segundo os historiadores da Sinarquia, que a Idade Média foi uma época de trevas impenetráveis, cujas escuridões foram dissipadas bruscamente pelo humanismo renascentista. O Renascimento pareceria ser, assim, que surge por geração espontânea, totalmente divorciado da época que vem "superar".

Mas, olhando bem a coisa, torna-se a descobrir, por trás de tais opiniões, a tática sinárquica. Diremos novamente: o Demiurgo, seu Grande Alento, impulsiona a matéria a EVOLUIR seguindo a ordem formal de seus Planos, ou Arquétipos Manus. A Lei da Evolução rege, assim, em todos as ordens de existência, inclusive as sociedades humanas. Mas a Hierarquia Branca de Chang Shambala costuma apurar essa EVOLUÇÃO social mediante uma alteração chamada REVOLUÇÃO, a qual se expressa também por uma lei exata, que consiste em apresentar uma oposição dialética ao sistema que se procura REVOLUCIONAR. Por isso, não deve estranhar que, após toda revolução, os revolucionários neguem e desvalorizem a ordem anterior: é pura tática sinárquica, que pode ser comprovada observando a Revolução Francesa, Russa, Cubana, etc., onde se evidencia o choque dialético e a negação, por parte da nova ordem, de todo o valor da ordem destituída. Esta tática sinárquica é muito evidente e não requereria maiores comentários... se não fosse que o Renascimento não figura na História como "revolução".

No entanto, passando por alto as qualificações, descobrimos no coração da mudança renascentista a mesma Estratégia sinárquica que dirige as grandes revoluções da História; e com ela a negação da "época anterior", à qual se qualifica como "obscurantista". Mas, uma vez que descartamos seu caráter natural ou espontâneo, devemos perguntar: quem lança uma revolução tão vasta como "o Renascimento"? Porque toda revolução registra, por trás dos protagonistas evidentes, uma Hierarquia de "cérebros cinzas" que PLANEJAM E DIRIGEM o movimento. O aspecto violento é apenas a culminação de um longo trabalho subversivo efetuado por profissionais, "agitadores e revolucionários", os quais foram também "agitados" por forças

ocultas que raramente se mostram à luz pública. Sabemos que a Sinarquia encoraja por trás estes poderosos movimentos; mas no caso do Renascimento, isso nem sempre aparece suficientemente claro, e diremos porque: porque o Renascimento foi uma REVOLUÇÃO CULTURAL, NÃO POLÍTICA, como as revoluções violentas que estamos acostumados a considerar.

A REAÇÃO a tal revolução se chamou: CÁTAROS E FEDERICO II HOHENSTAUFFEN; e foi ferozmente reprimida. E perceba-se que, se falamos de uma reação no século XIII a uma revolução que se produz no século XV é porque admitimos que, no século XIII, já estavam à vista as motivações que desencadeariam a revolução do Renascimento; motivações que os Druidas e seus sequazes tinham incubado durante oitocentos anos. E a maior de tais motivações, a mais evidente, eram as catedrais, tão eficazes em seu objetivo revolucionário cultural, tão esplêndidas em sua perfeição estrutural, mas, acima de tudo, tão grandiosas frente à pequenez humana, que tornava dificílimo reagir contra elas. Mas esta inibição era, sem dúvidas, outro importante objetivo sinárquico.

Repetimos pela última vez: comete-se um erro ao acreditar que o Renascimento significou verdadeiramente uma reação contra a cultura da Idade Média. Foi a própria Idade Média, suas FORÇAS OCULTAS, que gerou o Renascimento, preparando-o durante séculos, atuando sobre as massas mediante táticas psicossociais, dentre as quais – pois não são muito menos as únicas – contam-se as catedrais que vimos mencionando.

Mas, certamente, estamos tentados a perguntar: sem as catedrais teria acontecido o Renascimento? ACREDITAMOS QUE NÃO. Esta resposta pode dar uma ideia da importância que atribuímos à influência coletiva das gigantescas máquinas de pedra e da ciência que permitiu projetá-las: a Kabala acústica.

10.

Quem tenha lido os nove incisos anteriores terá compreendido já que rejeitamos "o ponto de vista SOCIOCULTURAL que reconhece o homem como agente ativo e a Terra como sujeito passivo, (o qual) é agora aceito (pelos geógrafos) em termos gerais"[112], pois o mesmo implica em um falso

[112] *JAN M. BROEK – GEOGRAFIA – MANUAL U.T.H.E.A. – México.*

conceito de "livre arbítrio" que o homem, escravo de Jeová-Satanás, na realidade não dispõe. Pelo contrário, para nós, e de acordo com a Sabedoria Hiperbórea, o homem é SUJEITO de um drama (o processo dos Arquétipos psicoides) que se desenvolve no teatro de uma psicorregião da Terra, a qual se comporta como um AGENTE ATIVO que o captura e integra à superestrutura dos fatos culturais.

Quando fizemos a crítica das "idades históricas" e da "cultura", demonstramos que o pasu ou virya perdido é, no geral, prisioneiro dos fatos culturais; mas, mais adiante, ao definir as "psicorregiões", explicamos que estas constituem o âmbito primário sobre o qual se inicia o processo do fato cultural; "homem" e "psicorregião" pareceriam ser assim os elementos fundamentais, e suficientes, para compreender o drama da vida humana. Porém, isto não é assim, pois "psicorregião", tal como a definimos é um conceito ESPACIAL, que nada nos diz sobre a dimensão TEMPORAL do drama. Para completar este aspecto a Sabedoria Hiperbórea oferece o conceito complementar de GEOCRONIA, a partir do qual AGORA pode se definir o Kaly Yuga.

É fácil compreender que o processo dos Arquétipos psicoides NÃO PODE SER O MESMO EM DIFERENTES PSICORREGIÕES. Por exemplo: o Arquétipo Dama se desenvolve através de Fulano e o impulsiona a buscar uma mulher "amada"; se a psicorregião onde se desenvolve o drama é, por exemplo, a "aldeia natal" de Fulano, então este poderá projetar seu "amor impossível" em alguma das aldeãs e sublimar sua energia sexual com a qual se alimenta o Arquétipo Dama; mas se a psicorregião é, por exemplo, uma "ilha deserta", a projeção não se concretizará "fora" e o processo tomará outro rumo. Neste exemplo extremamente simples, mas que exemplifica muitos outros casos, percebe-se que AO VARIAR A PSICORREGIÃO VARIA O PROCESSO (porque, naturalmente, varia a superestrutura do fato cultural).

Mas esta variação do processo, de que natureza é? Porque não dizemos que o processo "não terá lugar", mas que, simplesmente, "ao mudar de psicorregião, o processo varia". A resposta é: ao mudar de psicorregião, o processo varia TEMPORALMENTE; ou, em outras palavras: se um homem, capturado e integrado à superestrutura de um fato cultural, muda de psicorregião, O PROCESSO DE SEU DRAMA PODE SE FAZER MAIS RÁPIDO OU MAIS LENTO, DE ACORDO COM O CARÁTER GEOCRÔNICO DO LUGAR. Compreende-se agora a importância que tem, do ponto de vista estratégico, a situação geográfica dos viryas.

Existe, pois, uma relação entre toda psicorregião e a temporalidade que consome o processo dos Arquétipos psicoides QUANDO SE

DESDOBRAM EM SEU ÂMBITO. Mas os diferentes Arquétipos psicoides compõem um conjunto infinito, e CADA UM DELES APRESENTA UM TEMPO DE EVOLUÇÃO DIFERENTE EM CADA PSICORREGIÃO PARTICULAR. Por isso, não é possível levar em consideração NENHUM ARQUÉTIPO EM PARTICULAR para se referir à relação temporal entre "psicorregiões" e "fatos culturais" ou, na psicoesfera, entre "ilha psicoide" e "Arquétipo psicoide". O conceito de "geocronia" é definido pela Sabedoria Hiperbórea seguindo um caminho inverso: NÃO SE REFERE À PROJEÇÃO DE UM ARQUÉTIPO PSICOIDE MAS A UMA RECORDAÇÃO DE SANGUE; À RECORDAÇÃO DE LILLITH "FORA", OU SEJA, KALY. Em efeito: "GEOCRONIA É A CAPACIDADE QUE TEM UMA PSICORREGIÃO PARA OBSCURECER A IMAGEM DE KALY".

O que tem isto a ver com o tempo? Que, INVERSAMENTE, uma psicorregião onde não é possível perceber Kaly é um local onde pode SE DAR UMA MÁXIMA SINCRONIZAÇÃO TEMPORAL entre os ritmos biológicos do microcosmo e o Tempo do macrocosmo, que é expressão do imanente fluir da Consciência do Demiurgo. Portanto, a geocronia dá uma indicação NEGATIVA das possibilidades que oferece uma psicorregião para alcançar a ORIENTAÇÃO ESTRATÉGICA ou, em outras palavras: a maior índice geocrônico de uma psicorregião, menor possibilidade de orientação estratégica.

Dentro da Sabedoria Hiperbórea há uma ciência que estuda todo o referente às psicorregiões e sua relação geocrônica com o homem: é a COROLOGIA[113] ESOTÉRICA. A Thulegesellschaft possuía um importante "círculo fechado" especializado em estudos corológicos, o qual, após 1936, passou ao Instituto Ahnenerbe das SS. E foram os especialistas em corologia do Instituto Ahnenerbe que efetuaram um levantamento mundial de índices

[113] *COROLOGIA, da raiz grega COROS = LUGAR, significa literalmente "estudo das relações entre coisas e pessoas que dão características aos lugares", na teoria do geógrafo alemão do século XIX, FERDINANDO VON RICHTHOFFEN. Mas a Corologia Esotérica ocupa-se em estudar não quaisquer lugares, mas "psicorregiões" e em estabelecer relações especificamente "geocrônicas" entre aquelas e o homem afetado por seu entorno. A Corologia Esotérica é, com propriedade, "Sabedoria Hiperbórea aplicada". O mesmo podemos dizer de outra ciência complementar: a COROGRAFIA, que estuda e desenvolve técnicas para representar psicorregiões em mapas ou "maquetes".*

geocrônicos e descobriram que UMA VERDADEIRA ROTA DE TREVAS PODIA SER LOCALIZADA – OU COROGRAFIADA – SOBRE A SUPERFÍCIE TERRESTRE (Fig. 9).

FIGURA 9

Dita "Rota" é a expressão atual do chamado "Kaly Yuga" e demonstra, tal como o antecipáramos em outra parte, que sua influência não é uniforme em toda a terra, como caberia se esperar de uma simples "Idade Histórica", mas que varia de "intensidade", conforme a latitude considerada. A "intensidade" que varia é a das "trevas" que impedem de perceber Kaly e, por isso, à medida que se "avança" no sentido da Rota do Kaly Yuga, a perda de orientação estratégica é cada vez maior[114].

A Rota do Kaly Yuga tem seu ponto de menor intensidade no polo Sul e o de maior intensidade no polo Norte. A partir do polo Sul avança sobre a Antártida, formando, com parte da península antártica e vários arquipélagos

[114] *Isto não significa que o Kaly Yuga age APENAS na Rota. Toda a Terra está submetida à sua influência, mas, PARA O HOMEM, devido à ação geocrônica das psicorregiões, a INTENSIDADE DAS TREVAS é esmagadoramente maior DENTRO DA ROTA.*

de ilhas, “o ômega da mão esquerda”[115]. Estas ilhas, entre as quais figuram principalmente as Órcades, Sandwich e Georgias, são um apêndice exterior da Cordilheira dos Andes, que se afunda sob o Oceano Atlântico para reaparecer na Antártida como “Cadeia Antarctandes”, na Terra de São Martim. A Rota continua logo sobre a América, paralelamente à Cordilheira dos Andes; mas à altura da linha equatorial, vira bruscamente para o Oeste e “envolve” a Terra, surgindo pelo Leste da Ásia e atravessando toda a Europa. Sempre do Leste para Oeste, a Rota cruza o Oceano Atlântico até México e Cuba, de onde torna a virar para o Norte, abarcando quase todo o território dos Estados Unidos, parte do Canadá e Groenlândia.

Dessa forma, seguindo um esquema tectônico nem sempre claramente perceptível, a Rota de Kaly Yuga impõe um movimento helicoidal ou em “forma de mola” ao redor da Terra.

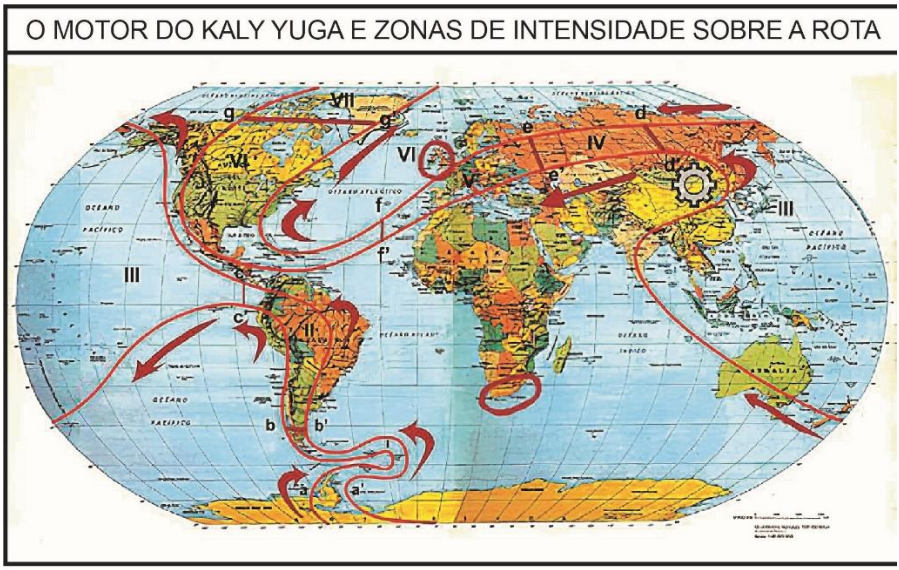
As linhas que limitam a Rota do Kaly Yuga se denominam, em Corologia Esotérica, CURVAS ISOCRÔNICAS, pois foram traçadas “por indicadores geocrônicos constantes”[116]. Distinguem-se, assim, sete grandes regiões de diferente “intensidade geocrônica”, cada uma delas limitadas por amas curvas isocrônicas (Fig. 10).

---

[115] *Entenda-se que nos referimos à “mão esquerda” de Sanat Kumara ou Jeová-Satanás.*

[116] *Isocrônica, das raízes gregas: ISO = igual, e CRONOS = Tempo. Significa literalmente “em tempo constante”; mas em Corologia, as curvas isocrônicas aludem à constância do indicador geocrônico.*

FIGURA 10



A Região I, “ômega da mão esquerda”, é um espaço limitado por duas curvas isocrônicas e duas retas; a primeira destas, a-a’, é um segmento do círculo polar antártico; e a segunda, b-b’, é um segmento do paralelo que passa pela cidade chilena de Punta Arenas. A partir dali, se estende a Região II até a linha c-c’, que faz parte do meridiano “90° Oeste”. A Região III abarca uma área muito grande que conclui na linha d-d’, a qual está determinada pelo meridiano que passa por Pequim. Em continuação, segue a Região IV, sempre dentro da Rota, quer dizer, limitada por duas isocrônicas e duas retas, que termina na linha e-e’, a qual é parte do meridiano que passa pelo Monte Elbruz, no Cáucaso. A Região V, claramente europeia, acaba no segmento f-f’, parte do meridiano que passa pela Ilha da Madeira. Dali se estende a Região VI até o segmento g-g’, parte do círculo polar ártico; e, além, encontra-se o fim da Rota: a Região VII, de “máxima escuridão”.

Existem também duas zonas geocrônicas fora da Rota: uma que abarca a África do Sul, tem as dimensões de uma Região V; e outra que inclui a Inglaterra e a Irlanda, é uma clara mostra da Região VI, “mais perto do fim do Kaly Yuga do que a vizinha Região V europeia, ou seja, onde as trevas do Kaly Yuga são um grau mais intensas do que na Europa.

Indicou-se, também, na Fig. 10, com uma grande roda dentada, cujo centro axial ou eixo está situado na Mongólia, o "CENTRO DE MENOR INTENSIDADE DO KALY YUGA" (DA TERRA), que mencionamos no inciso 1 desta introdução. A rigor da verdade, dito "centro" é o vértice de um colossal vórtice de energia que cumpre a função de outorgar "movimento" à Rota, e por isso é chamado de "Motor do Kaly Yuga", ainda que mais apropriado seria dizer "entre cenho de Sanat Kumara". Analogamente ao olho do furacão, no "centro de menor intensidade" reina uma absoluta calma, que permite aos seus habitantes alcançar a mais alta transcendência; por isso os Siddhas Hiperbóreos têm contado, e contam sempre, com esses habitantes, os mongóis, quando seus planos de Estratégia Psicossocial requerem a mobilização de povos de linhagem hiperbórea em distintas Regiões da Rota.

As noções elementares de Corologia Esotérica que desenvolvemos precedentemente vão nos permitir interpretar, do ponto de vista da Sabedoria Hiperbórea, numerosos fatos que, até agora, salvo nos círculos fechados da Thulegesellschaft, foram objeto da desinformação cultural sinárquica. Daremos alguns exemplos de tal interpretação, nos comentários seguintes.

A.

No ocultismo sinárquico, costuma se estabelecer uma associação disparatada e tendenciosa entre a Swastika, o movimento polar ou circular da constelação da Ursa Maior, o número sete, as regiões do Turan ou Mongólia e os "hiperbóreos". Como produto disso, "provam-se" ou fundamentam afirmações como esta: "a Mongólia é um centro de difusão da Swastika; dali se propagou para todo mundo", ou esta outra: "a Swastika simboliza o movimento em hélice da Ursa ao redor da estrela polar". Não perderemos tempo em rebater estas e outras muitas afirmações semelhantes; à luz da Sabedoria Hiperbórea e com a ajuda da Corologia Esotérica, iremos diretamente à origem da confusão.

Antes de mais nada, há que se repetir que a Swastika é uma expressão exotérica do Signo da Origem; e como tal, NÃO REGISTRA UM "CENTRO DE DIFUSÃO"; uma vez que todo virya, em qualquer lugar do mundo, topa, cedo ou tarde, com este Signo, quando, em sua Estratégia de Retorno à Origem, entra em relação carismática com o Gral. É o que tem ocorrido em tempos históricos com povos que, habitando em zonas megalíticas, terminaram "descobrindo" por si mesmos, e adotando como brasão, o antiquíssimo signo da Swastika.

Vamos estabelecer agora uma distinção muito importante sobre a procedência dos "hiperbóreos", pois existem ao menos três tradições dignas de consideração, mas contraditórias entre si. Mencionaremos cada uma por ordem de antiguidade e esclareceremos a qual tipo de "hiperbóreos" se refere cada qual; mas antes diremos algumas palavras sobre o termo "hiperbóreo".

A acepção usual é que "Hiperbórea", tal como aparece em Homero e outros poetas gregos, alude a um país "além" (hiper) de onde sopra o Vento do Norte (Bóreas). Mas esta é uma etimologia tardia, da época em que o nascente racionalismo grego associava a cada "força da natureza" um Deus ou Mito; assim, aconteceu com o Sol (Hélios), a Lua (Selene), Vênus, Saturno, o Mar (Poseidon), etc., e naturalmente, os Ventos: o do Norte, Bóreas; o do Sul, Noto; o do Leste, Euro; o do Oeste, Zéfiro. Antes destas reduções mitológicas, "Bóreas" significava "sopro do Norte", como em BORÉIOS (boreioz) com um duplo sentido de "vento" e "espírito", tal como acontece com PNEUMA (pneuμa) que tem as seguintes acepções: sopro, VENTO, alento, respiração, vida, alma, ESPÍRITO, anjo, demônio, sopro divino, ESPÍRITO SANTO, etc. "Hiperbóreo" pode-se traduzir então, em um sentido arcaico, com "Espírito que procede de ALÉM do Norte"; e Hiperbórea para ser "o país (ou a origem, procedência) dos Espíritos de ALÉM do Norte". Esta definição, inspirada, evidentemente, na recordação de sangue, ajusta-se bastante aos ensinamentos da Sabedoria Hiperbórea, a qual afirma que os Espíritos cativos procedem de Hiperbórea, um "centro racial" extraterrestre, mas também "extrauniversal" e quiçá antimaterial. Dali, os Espíritos hiperbóreos, cuja natureza é hostil à ordem material do Demiurgo, ingressaram no Universo por uma porta cósmica conhecida nos Mistérios como "Porta de Vênus". Por que o fizeram? É parte do Mistério; mas alguns supuseram que vinham por perder uma guerra cósmica em outros universos inimagináveis; porém, o mais sensato é pensar que A CONDUTA GUERREIRA DOS ESPÍRITOS HIPERBÓREOS É PRODUTO DE SUA HOSTILIDADE ESSENCIAL PARA COM A ORDEM MATERIAL. O concreto é que, se bem que os hiperbóreos sempre reivindicaram Hiperbórea como sua Pátria do Espírito e conservaram por ela uma recordação indelével, uma vez caídos na encarnação, por um Mistério de Amor, esta recordação tornou-se suficientemente embaçada para que só se convenha falar de uma "nostalgia por outro mundo". Na recordação contida na Minne sanguínea não há de ter uma lembrança clara de Hiperbórea, porque esta só pode ser "vista" pelo Espírito puro ou Vril; o que realmente há no sangue é a RECORDAÇÃO DA ORIGEM, quer dizer, do local de procedência do Espírito; e esta recordação responde a uma palavra mágica, à qual não convém manipular

demasiadamente, para não aumentar sua degradação semântica, que se escreve: THULE.

THULE É O NOME DA ORIGEM E, PORTANTO, SEU SÍMBOLO GRÁFICO É O "SIGNO DA ORIGEM", DO QUAL SE DERIVA, POR MUTILAÇÃO E DEFORMAÇÃO, A RUNA SWASTIKA.

Com estes esclarecimentos, podemos considerar as três origens dos "hiperbóreos".

Primeiro – A mais antiga tradição, germano-nórdica, é a que situa Hiperbórea no extremo setentrião, em uma zona povoada hoje em dia pelo gelo ártico. Esta tradição não tem mais fundamento do que a recordação de sangue de Thule e suas associações a diversos "motivos" tomados dos registros akásicos, desde a Ilha Valhala até a Atlântida de Frísia.

No entanto, quando a recordação é muito clara e se refere a uma ilha habitada por gigantes que possuíam um terrível poder espiritual chamado "Vril" e a umas belíssimas mulheres magas, capazes de dar um amor que imortalizava o amado, do que se está falando é dos Siddhas Hiperbóreos e da ilha Valhala, que uma vez esteve realmente no Norte, há milhões de anos.

Segundo – Outra tradição, muito mais recente, de uns dez mil anos antes de Jesus-Cristo, faz vir os "hiperbóreos" do poente, quer dizer, do oeste ocidental. É esta uma tradição atlante greco-mediterrânea que não apenas é patrimônio dos gregos – estes são os que melhor a expressaram em tempos históricos – mas de todos os povos remanescentes ou vassalos da submersa Atlântida: lígures, bascos, bereberés, egípcios, cretenses, etc. Aqui se alude especificamente à migração Cro-magnon, que avançou, conforme veremos mais adiante, seguindo inversamente a Rota do Kaly Yuga, ou seja: do Oceano Atlântico, pela Europa e Ásia, para a China e, por mar, até a América do Sul. É claro que NEM TODOS os Cro-magnon chegaram até o final da Rota. O trajeto assinalado demandou milhares de anos, pois os mestres da pedra iam readaptando as psicorregiões; e diversos grupos, após permanecerem durante séculos em um local, acabaram por formar muitos dos povos "históricos" de raça branca. Mas a migração, seu núcleo central, jamais se deteve até que chegou à "ômega da mão esquerda"; as provas de sua passagem constituem os rastros de mestiçagens com "gigantes de raça branca", que se observam ao longo da Rota inversa, desde o Leste da Europa, Rússia, China, Japão, ilhas do Pacífico; e América do Sul, desde a Colômbia até a Terra do Fogo.

Esta segunda Tradição, então, não alude aos Siddhas Hiperbóreos, mas aos Cro-magnon, que eram, em sentido espiritual, autênticos "hiperbóreos"[117].

Terceiro – A última tradição consiste em afirmar que os hiperbóreos, primitivamente, procederam do Leste, sem precisar com exatidão um lugar particular. Tal atitude varia com os distintos grupos étnicos considerados, pois, enquanto alguns povos germânicos declaravam provir do Cáucaso e outros das planícies da Ucrânia ou dos Montes Urais, a tradição branca costuma se envolver com a amarela, ao marchar para o Leste, vinculando-se claramente com os xamãs da Sibéria e Mongólia. Por outro lado, na Índia, os indo-arianos procedentes do Iran, quer dizer, do Oeste, admitiram sempre uma origem "nórdica"; mas aqui se trata do Norte da Índia, ou seja, os Himalaias e, além, Mongólia. Esta Tradição também tem seu fundo de verdade, como as outras duas; mas neste caso o erro fundamenta-se em identificar toda a comunidade étnica com certos "Deuses" ou Heróis Lendários que, na verdade, procediam do Leste da Ásia, ou mais concretamente, da Mongólia. Claro que não nos estamos referindo aos Mestres de Sabedoria de Chang Shambala, tão caros ao teosofismo ocidental, mas a alguns Siddhas Hiperbóreos que, aproveitando o "centro de menor intensidade do Kaly Yuga". Irromperam dali na História dos povos para levar avante uma Estratégia racial. Dali provinha Odin-Wotan e para ali regressava, a cada dezenove anos, o hiperbóreo Apolo, que deixou um rastro cultural desse trânsito ao Oriente nos símbolos da Ursa, o sete, o polo, etc., que ostentavam muitos dos povos que se encontravam "em seu caminho".

É certo, então, que houve "hiperbóreos" procedentes do longínquo Oriente, como afirma a terceira tradição apontada, mas aqueles eram Siddhas Hiperbóreos (que logo se incorporaram às mitologias como Deuses, Anjos ou Heróis) e não povos migratórios.

B.

Os Cro-magnon, mestres da arte lítica, iniciam seu deslocamento estratégico DESDE O ATLÂNTICO, seguindo um sentido inverso ao da Roda do Kaly Yuga. Começam na Região V (Fig. 10), onde aplicam quase a totalidade de sua ciência megalítica e logo, lentamente, vão se dirigindo para as Regiões IV, III e II. Em cada Região acontecem três coisas: um grupo

---

[117] *Entretanto, do ponto de vista das linhagens hiperbóreas atuais, é aquela migração Cro-magnon que explica a origem da raça branca e sua distribuição geográfica.*

DESAPARECE DA HISTÓRIA; outro grupo se assenta na psicorregião, especialmente para praticar a Agricultura e a Pecuária; e um terceiro grupo, o grosso da raça, se desloca da forma indicada para as regiões do Sul. Enquanto tem lugar esta migração, quer dizer, durante milhares de anos, os Siddhas Hiperbóreos ENCARREGADOS DE CONDUZIR A ESTRATÉGIA CRO-MAGNON se instalam no "centro de menor intensidade", onde abrem uma porta para a Ilha Valhala, chamada por eles de Agartha. Tal porta, um túnel topológico NADDI entre dimensões do espaço, ORIENTADO PARA DENTRO DA TERRA, é a origem da crença de que Agartha, o país dos Siddhas, é um "mundo subterrâneo". Cabe destacar aqui um fato que logo terá muita importância, quando revelemos o "Incrível Segredo de Heinrich Himmler": OS SIDDHAS HIPERBÓREOS QUE CONDUZIRAM A ESTRATÉGIA CRO-MAGNON ERAM DE RAÇA AMARELA. Esta particularidade obedecia a que ditos Siddhas foram, há centenas de milhares de anos, os que desenvolveram e ensinaram aos Cro-magnon a Kabala acústica, na Segunda Atlântida.

C.

Conectada com este tema, há que se considerar a Estratégia Geral do Führer pois, pode-se assegurar, quem ignore a existência da Roda do Kaly Yuga jamais poderá compreender a ofensiva para o Leste que a Alemanha empreende durante a Segunda Guerra Mundial. Ensaiaram-se explicações políticas – o objetivo de aniquilar o regime comunista russo – ou geopolíticas – a necessidade de conquistar "espaço vital" ou lebesranm no Leste – mas o verdadeiro objetivo estratégico só era conhecido por muito poucas pessoas no Terceiro Reich: o Führer, Rosenberg, Rudolf Hess, Himmler, os iniciados da SS e algumas poucas pessoas mais; e este objetivo era o seguinte: marchar com um exército luciférico, sob o estandarte da Swastika, pela Rota do Kaly Yuga EM SENTIDO INVERSO – diz-se "baixar pelo Kaly Yuga" – até a América do Sul. Porém, o sucesso de tal objetivo esotérico só poderia se alcançar se se levasse a cabo uma temerária operação "comando", consistente em ocupar o centro de menor intensidade, na Mongólia, e "operar a porta de Agartha". Voltaremos a este assunto para explicar porque falhou essa operação, apesar do fato de que ele tentou cumprir várias vezes, com maior ou menor desespero.

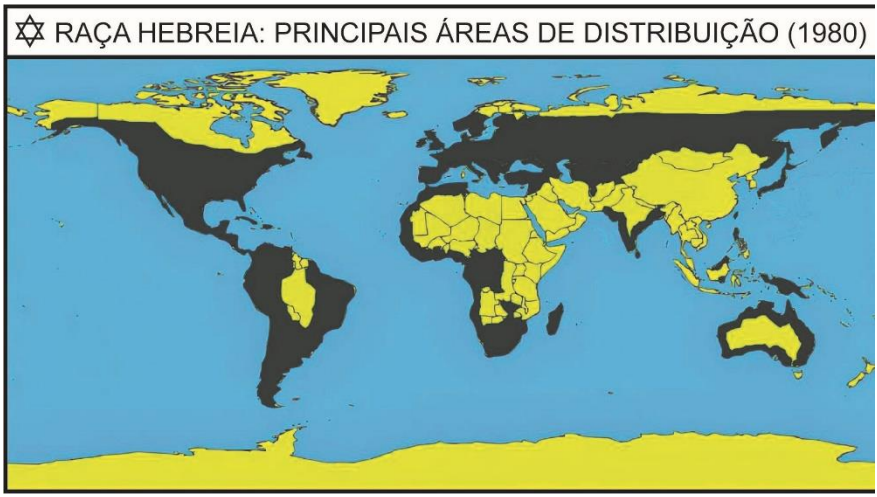
D.

"Dentro da Rota do Kaly Yuga encontram-se distribuídos os principais chakras da Terra". Esta afirmação da Sabedoria Hiperbórea não requereria

um comentário, a não ser pela possibilidade de que induza ao erro a declaração que fizemos em outra parte da obra, de que "Israel cumpre a função de chakra coração ou Anahata chakra da Terra". Em efeito: ao observar a figura 10, observa-se claramente que o Estado de Israel fica fora da Rota, o que parece contradizer a afirmação anterior. Mas não existirá nenhuma possibilidade de erro se esclarecemos que o chakra Israel é construído pela "raça eleita" e não pelo Estado de Israel. Pelo contrário, a concentração de membros da raça hebraica na Palestina É UM ATO OPOSTO AOS PLANOS DA SINARQUIA, questão que o Führer conhecia perfeitamente, e por isso tratou de favorecer a emigração e o assentamento em "Eretz Israel" dos judeus europeus. Várias negociações entabuladas entre a Alemanha e a Inglaterra para concretizar essa migração[118] foram frustradas pelas intrigas da maçonaria inglesa, organização sinárquica que, contrariamente à crença comum, opunha-se à erradicação dos judeus europeus. O motivo é eminentemente esotérico: a função que, na anatomia planetária, cumprem os hebreus, consiste em produzir um contato COLETIVO entre o "corpo emocional" da Terra e a consciência do Demiurgo; E ESTA FUNÇÃO SÓ PODE SER EFETIVA SE SE MANTÉM A DIÁSPORA, QUER DIZER, A "DISPERSÃO" MUNDIAL DOS JUDEUS. Na figura 11 se representou, mediante áreas sombreadas, um quadro atual da distribuição mundial da raça hebraica, que demonstra, de forma eloquente, que O OBJETIVO PRINCIPAL DA ESTRATÉGIA JUDAICA NÃO É SIONISTA MAS SIM SINÁRQUICA.

[118] *Antes de 1939.*

FIGURA 11



E.

Lembremos agora do que dizíamos no inciso 2 desta Introdução: “A missão dos mongóis na História é empurrar as linhagens hiperbóreas de raça branca para o Kaly Yuga”. À luz do que foi visto até aqui, deve ser claro já que, efetivamente, é possível “avançar para o Kaly Yuga”, percorrendo as distintas Regiões da Rota. E isso é o que aconteceu – um avanço para o Kaly Yuga – a muitos povos de linhagem hiperbórea, cada vez que uma invasão turaniana os obrigou a abandonar as terras do Leste. Ainda que tal “empurrão” para o Oeste tenha se repetido em incontáveis oportunidades, desde a mais remota antiguidade, recordemos apenas, como um exemplo, alguns dos fatos protagonizados pelas raças turanianas na atual era cristã, comprovando assim que sempre o deslocamento segue a Rota do Kaly Yuga: no século IV, a irrupção dos hunos na Europa produz a invasão dos germânicos ao Império Romano; no século IX, os húngaros, procedentes dos Montes Urais, invadem a Transilvânia “empurrando” para o Oeste as tribos germânicas e eslavas que habitavam essa região; no século XIII, um Império Mongol, sob o comando de Gengis Khan ataca a Armênia, Rússia, Polônia,

Hungria, Silésia, etc.; desde o século XIV, uma grande expansão turca começa a pressionar sobre o Ocidente, acaba com o Império Romano do Oriente no século XV e, no século XVII chega a ocupar Viena; etc., etc.

Se a História é eloquente, com respeito à afirmação do Inciso 2, em troca, não fica evidente – e trataremos de esclarecer – qual o objetivo que perseguem tais invasões das raças turanianas, DADO QUE AS MESMAS SEMPRE FORAM PROVOCADAS PELOS SIDDHAS HIPERBÓREOS. O objetivo estratégico – que naturalmente também era contemplado na Estratégia Geral do Führer – era o seguinte: por um fim ao Kaly Yuga. Para isso, as linhagens hiperbóreas de raça branca devem se internar na Rota do Kaly Yuga até alcançar a máxima escuridão e logo, dali, terão que transitar a Rota em sentido inverso, para o Leste, sob o comando de um Grande Chefe que apresente a Guerra Total às Potências Infernais e consiga para a raça, no fragor do combate, a mutação definitiva, a mudança mágica que transforma o animal-homem em herói semidivino e o herói em Siddha imortal.

Este objetivo foi proposto pelos Siddhas Hiperbóreos há milhares de anos; mas só recentemente, graças à Corologia Esotérica da SS e à sua descoberta de uma Rota do Kaly Yuga, pôde-se compreender as razões ocultas que o sustentavam. E por isso, baseando-nos na Sabedoria Hiperbórea, que é mãe das ciências da SS, podemos afirmar que a Estratégia Geral do Führer contempla UM ÚLTIMO ATAQUE AO OCIDENTE DA PARTE DAS RAÇAS TURANIANAS, ANTES DE ALCANÇAR O FIM DO KALY YUGA.

Desta vez será o Siddha Anael que, à frente de enormes exércitos mongóis, ostentando novamente um estandarte com um signo polar, avançará irresistivelmente pela Rota do Kaly Yuga. Mas os homenzinhos judaizados, afundados nas trevas da confusão sanguínea, NÃO VERÃO O SIGNO NEM COMPREENDERÃO QUE O FIM CHEGOU. Acreditarão até o último momento que assistem ao advento da Sinarquia e se alegrarão por isso insensatamente. Só reagirão quando, incrivelmente, DE BERLIM, VEJAM SURGIR UM EXÉRCITO DE HOMENS IMORTAIS QUE VESTEM O UNIFORME DA SS ETERNA. Mas então será tarde, pois eles se desdobrarão em todas as direções, possuídos por um furor berserkir... E SÓ RESPEITARÃO O SINAL DO SANGUE PURO.

F.

Uma Estratégia dos Siddhas consiste, então, em “empurrar” as linhagens hiperbóreas de raça branca “para o Kaly Yuga”, empregando, para isso, as raças turanianas, provenientes do centro de menor intensidade, como “massa tática”. Para impedir tal objetivo, a Sinarquia procurou, em todo

momento, “afastar o horizonte” do Kaly Yuga, aprofundando a exploração das Regiões da Rota. E com tal motivo, um de seus agentes infernais, um judeu conhecido como Cristóvão Colombo, prolonga, no século XV, o trânsito europeu para a Região VI da Rota (ver Fig. 10).

Este é o objetivo secreto do “descobrimento” da América, que mencionamos, ao expor o Projeto Thule do Dr. John Dee, mas que era impossível explicar então, sem recorrer aos elementos da Corologia Esotérica, tais como o conceito geocrônico do Kaly Yuga ou a Corografia da figura 10.

A Sinarquia tratou, assim, de conseguir que a Estratégia dos Siddhas – “marchar para o Oeste para logo regressar, a sangue e fogo, para o Leste” – veja-se dificultada pela barreira de água que o Oceano Atlântico opõe, entre as Regiões V e VI.

Neste sentido, o “descobrimento” de Colombo teve sucesso (mas o mesmo é relativo, pois a Inglaterra e a Irlanda, por motivos que não discutiremos aqui, respondem às características corológicas de uma autêntica Região VI, qualidade que permitiu a líderes com Napoleão ou o Führer planejarem estratégias que excluem a América como objetivo bélico).

G.

Na figura 9, traçou-se um triângulo tri-continental, cujos vértices se assentam: em Pequim (Ásia), em Argel (África) e Buenos Aires (América), e ao qual, levando em consideração a inicial dos continentes, se o denomina: “das três A”.

Já falamos na Segunda Dissertação, da Ordem Anael da América do Sul, fundada pelos Siddhas Hiperbóreos após a catástrofe da Segunda Guerra Mundial. Segundo as diretrizes dadas à Ordem, em 1946, os Siddhas promoveriam no mundo três focos de conflito FORA DO CONTROLE DA SINARQUIA. Estes focos não estariam situados sobre a Rota do Kaly Yuga, onde se executaria a paródia de um “confronto” Leste-Oeste, para favorecer os planos do Governo Mundial da Sinarquia, mas fora da mesma; e por isso, os povos envolvidos no conflito seriam chamados “de Terceiro Mundo” ou “sustentadores de uma Terceira Posição”. Os três focos, que na Ordem Anael se denominavam de “vértices de liberação”, fizeram-se efetivos após poucos anos: o de Pequim, em 1949, após a revolução de Mao Tse Tung; o de Buenos Aires, em 1946, após o triunfo eleitoral do Presidente Juan Domingo Perón; e o de Argel, em 1962, pela independência da França.

Para cumprir com os objetivos propostos, estes "vértices de liberação" deveriam se organizar com base em um princípio nacional-socialista ou fascista, quer dizer, com uma política que favoreça a justiça social "para dentro" e defenda os interesses nacionais "para fora" das fronteiras. Mas o principal seria que, a partir dos vértices de liberação, se estenderia o conflito a outros focos de similar composição social. Procurava-se tal efeito não para favorecer "a revolução", já que tais movimentos de liberação nacional-socialistas operariam fora das Internacionais socialistas, comunistas ou trotskistas, mas para fragmentar as áreas de conflito, com miríades de países "independentes" ou "liberados" que tornassem inoperante, com seus votos contraditórios, as Nações Unidas ou outro organismo sinárquico semelhante.

A Revolução Chinesa conseguiu este objetivo na Ásia, mas seu papel mais importante ERA EVITAR UMA INVASÃO RUSSA AO CENTRO DE MENOR INTENSIDADE, a qual poderia se produzir desde a própria URSS ou desde o Sudeste Asiático. A Diretriz de Anael de 1946 dizia: "China e África constituem o corpo de uma Nova Ordem Mundial, que surgirá do caos do Ocidente, mas sem as urgências do Kaly Yuga"; e logo: "A América Hispânica será a cabeça dessa nova civilização, nisso está empenhada a Vontade dos Siddhas".

China e África cumpriram sua parte do plano dos Siddhas, nas décadas de 50 e 60; o que aconteceu então com a América Hispânica? Aqui o projeto não era novo; pois já no século XIX Simon Bolívar tinha compreendido que sem uma América do Sul unida em busca de objetivos nacionalistas e patrióticos seria impossível resistir à pressão das grandes potências imperiais; e sem essa união, qualquer possibilidade de independência política, econômica ou cultural seria pura utopia. A Diretriz de Anael para a América Hispânica se apoiava em considerações semelhantes e, por isso, a partir de 1951, poderosas forças espirituais convergem sobre três importantes personagens, que eram peças fundamentais da Estratégia Hiperbórea: referimo-nos ao presidente chileno Carlos Ibáñez, ao presidente brasileiro Getúlio Vargas e ao presidente argentino Juan Domingo Perón. Estes três mandatários tentaram, entre 1951 e 1954, levar avante um plano geopolítico denominado "ABC" (Argentina-Brasil-Chile), elaborado pela Ordem Anael do Brasil, o qual consistia simplesmente em formar, com os três países um eixo – o "L" inclinado – que permitisse resistir à pressão do imperialismo anglo-norte-americano. O eixo ABC contemplava a integração política, econômica e social dos três países, que consolidariam assim o terceiro "Vértice de Liberação".

Naturalmente, esse plano fracassou, após uma sinistra conspiração levar Getúlio Vargas ao suicídio, em 1954, e de que outra não menos sinistra contrarrevolução sinárquica derrubasse o presidente Juan Domingo Perón, em 1955.

Quais são as alternativas atuais da Estratégia dos Siddhas para o Terceiro Mundo? Poderíamos dizer, corologicamente, que o Triângulo das três A "girou" e que seus vértices apontam agora para outros centros espirituais: o Vértice de Pequim transladou-se ao "centro de menor intensidade do Kaly Yuga", na Mongólia; o Vértice de Argel está agora em Trípoli, da Líbia; e o Vértice de Buenos Aires, ainda que o porquê disso não esteja completamente claro, transladou-se para Santiago do Chile. Deste último país surgirá, então, a cabeça de uma nova civilização hiperbórea, de alcance tri-continental, ainda que, para isso, deverá primeiro levantar-se acima das nações da América Hispânica e convocá-las ao redor de um projeto conjunto de liberação.

****

NT: este livro foi escrito nos anos 80.

Nimrod de Rosário, antes de escrever sua obra mestra do Mistério de Belicena Villca, obra que tinha sido impulsionada pelos "Extras", como sua mãe Rosalia Taglialavore chama os Extra-universes ou Alienígenas, tinha realizado uma série de versões, recompilando toda a informação necessária para fazer a novela mágica. Uma primeira versão, chamada de "A estranha aventura do Dr. Siegnagel", contava, através de 4 dissertações do tio Kurt Von Süberman, o que agora se conhece como a História Secreta da Thulegesellschaft, cuja trama gira em torno do Dr. John Dee, iniciado hiperbóreo da Idade Média.

A quarta dissertação, lamentavelmente, perdeu-se, e contém importantes obras de Nimrod de Rosario, como Manual de Estratégia Psicossocial da SS e Física Hiperbórea; porém, para nossa sorte, temos as três dissertações restantes, que formaram a História Secreta da Thulegesellschaft, e que podemos apresentar para todos os viryas. Na Thulegesellschaft entravam acólitos de diferentes estratos sociais, constituindo CÍRCULOS FECHADOS, mais ou menos secretos, cada um direcionado ao estudo de um aspecto da 'LITERATURA, A HISTÓRIA OU A ARTE GERMÂNICA", e evoluindo na respectiva teoria, pela meditação, a investigação ou a revelação transcendente, até esgotar as possibilidades intelectuais de tal ou qual ideia. Existia, assim, toda uma gama de Círculos Fechados, integrados por grupos humanos de diferentes níveis espirituais.

Certos círculos fechados que, por seu caráter científico, requeriam uma infraestrutura especial e o consequente apoio do Estado, tornaram-se virtualmente "círculos esotéricos", assimilando-se, no sucessivo, como organismos oficiais, continuando, porém, com suas investigações secretas. Na SS, por exemplo, se exteriorizaram vários desses círculos, como o INSTITUTO AHNENERBE, impulsionado pelo Dr. Rosemberg e o SS que organizou a expedição de Ernst Schaeffer ao Tibete (OPERAÇÃO PAMIR) ou a OFICINA DE RAÇA E COLONIZAÇÃO, a cargo de WALTER DARRÉ, membro da Thulegesellschaft e autor do esclarecido livro SANGUE E SOLO.

O esoterismo abre uma porta "para passar" de um mundo profano, assentado gnosiologicamente em categorias falsas, produto de uma errônea percepção do real, que é, por sua vez, ilusório em sua materialidade concreta, a outro mundo espiritual de puras percepções metafísicas, considerado, paradoxalmente, como verdadeiramente real.